

BARBARA & STEPHANIE
KEATING

Irmãs de Sangue

“Uma saga apaixonante...
O livro perfeito para ler à luz da lanterna
e debaixo dos cobertores.”

Daily Mail



TRILOGIA LANGANI
VOLUME I

ASA



Ficha Técnica

Título original: **BLOOD SISTERS**

Autor: Barbara & Stephanie Keating

Traduzido do Inglês por Isabel Alves

Capa: Maria Manuel Lacerda

Imagens da capa: Philip and Karen Smith / Getty Images e Shutterstock Images

ISBN: 9789892338293

Edições ASA II, S.A.

uma editora do Grupo LeYa

R. Cidade de Córdova, n.º 2

2160-038 Alfragide – Portugal

Tel.: (+351) 214 272 200

Fax: (+351) 214 272 201

© 2005, Barbara & Stephanie Keating

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

edicoes@asa.pt

www.asa.leya.com

www.leya.pt

Para os Kanisas



PRÓLOGO

Ele corria há mais de duas horas, a respiração agora ofegante, entrecortada e irregular. O seu corpo estava alagado em suor. Escorria-lhe em fios pelo tronco untado, através da crosta de sangue seco, infiltrando-se por baixo dos ornamentos de contas dos pulsos e dos braços, das pulseiras de cobre das pernas e da tanga de couro que constituía a totalidade do seu traje. À sua volta, o mato restolhava com o som de criaturas à caça de alimento. A noite africana reverberava com o gemido grave e rouco de um leão chamando pela fêmea e a gargalhada demente de uma hiena atrás de si na planície. À distância ouvia-se o ruído surdo de búfalos, movendo-se entre as terras de pasto e o curso sinuoso do rio. O guerreiro não ouvia nenhum destes sons. Tinha unicamente consciência da sua respiração, dos seus arquejos espasmódicos e ásperos e dos gritos que ainda ecoavam na sua cabeça.

Devia ter estado somente um homem no local da matança, a gritar, a implorar, a suplicar clemência. Mas guardara silêncio até ao fim. Só os seus olhos exprimiram o desprezo votado ao seu carrasco até que, incapaz de suportar mais o julgamento que deles emanava, o guerreiro, com um golpe da faca ensanguentada, extirpou para sempre a condenação que continham. Não estava à espera de que fosse tanto o sangue derramado nem que o odor pungente e doce perdurasse todo este tempo nas suas narinas. O seu corpo parecia empestado desse cheiro enquanto corria. Todos os predadores do mato deviam senti-lo. Como a hiena. Surgira em busca de sangue, movendo-se, corcovada e lenta, pelo mato com o hálito fedorento e a pelagem enriçada e pintalgada. Atraída pelo odor da morte e a promessa de carne e ossos para dilacerar.

Devia tê-la deixado matar a mulher. Não contara com a sua aparição e ela não possuía defesas. Nesse único segundo, quando viu os olhos dela abrir-se em reconhecimento, a hiena precipitara-se. Ele arremessara a lança, vira-a atingir o alvo, observara a criatura a desabar. Em seguida, a

mulher caiu também e, quando os gritos irromperam, ele soube o que ela vira. Também ele o via para onde quer que virasse a cabeça. O corpo do homem estava cravado no solo, os braços e as pernas abertos, os órgãos genitais cortados e enfiados na agonia silenciosa da sua boca, o ventre rasgado derramando as entranhas, as órbitas vazadas cegamente voltadas para a lua. O guerreiro ainda distinguia essa visão, ainda ouvia os gritos, muito tempo depois de escapar do lugar do sacrifício. Deixara a lança no pescoço da hiena e esquivara-se para o mato circundante, apagando as suas pegadas segundo o costume do seu povo, sabendo que os batedores não tardariam a dar-lhe caça, buscando em toda a crista indícios da direcção que tomara.

Nesses momentos iniciais, enchera-o uma euforia selvagem, sentindo-se invencível. Terminara a sua busca, cumprira o seu juramento. Ainda sentia o poder do *bhang*, que consumira antes do ritual, percorrer todo o seu corpo, fazendo passar cenas de cor e mistério diante dos seus olhos. Sentia-se para lá da dor ao sorver o ar que descia pela passagem ardente da sua garganta. Enchia-lhe o peito de oxigénio inflamado que de novo se escapava com um silvo através dos dentes cerrados em salpicos de saliva espumosa. O coração pulsava-lhe violentamente, abafando os sons que ia deixando para trás e se tornavam um zunido distante nos recessos mais fundos da sua consciência. Alcançou uma zona de denso matagal e espinheiros e correu ao longo da sua orla, desviando-se ao cabo de minutos para subir a um afloramento rochoso onde as suas pegadas passariam despercebidas a qualquer perseguidor. Retrocedeu então lentamente, voltando a pisar o seu próprio rasto até chegar a outra secção de matagal. De gatas, embrenhou-se no mato, indiferente aos espinhos que se lhe espetavam no corpo. A droga alterava-lhe a visão como se olhasse de uma grande altura para uma cena longínqua e se visse a si próprio a deslocar-se por baixo dos arbustos, ondulando como uma serpente, até emergir do outro lado da densa vegetação. Tinha a pele lacerada e o sangue jorrava e fundia-se com o sangue da sua vítima que já lhe cobria o corpo. Não tentou limpá-lo.

Tinha provado o seu valor, matado o inimigo. O grande deus Kirinyaga seria apaziguado. Os espíritos dos seus antepassados seriam aplacados; o espírito do seu pai seria aplacado. Endireitou-se, deu meia-volta e desapareceu na floresta, evitando os trilhos dos animais até alcançar uma

clareira distante da crista. Aí deteve-se, regozijando-se por ter apagado satisfatoriamente o seu próprio rasto. As mãos tremiam-lhe ao desprender uma pequena bolsa da tira de couro em redor da cintura, ao entornar um pouco do pó escuro na palma da mão e ao inalá-lo profundamente por ambas as narinas. Outra onda de adrenalina percorreu-lhe o organismo, abalando-o com a sua potência, e ele recomeçou então a correr, galopando através da noite para longe da floresta e ao longo da orla da savana, em direcção ao seu outro refúgio. Deteve-se duas vezes mais para dar a si mesmo uma nova descarga de energia com o conteúdo da bolsa de couro. Mas este acabou e ele ainda tinha uma grande distância a cobrir antes de alcançar o seu destino.

Os gritos recomeçaram na sua cabeça e turvavam-lhe a visão lampejos de memória, levando-o a tropeçar no terreno acidentado. O odor do sangue do homem morto invadia-lhe os pulmões dando-lhe a sensação de, a cada fôlego, estar a inalar a morte da sua vítima. Começou agora a distinguir formas na obscuridade à sua volta. Hienas. A correr no seu encalço. A persegui-lo. Julgou sentir-lhes também o cheiro mas podia ser o odor do animal que trespassara com a lança ou o do sangue sacrificial da vítima que o calor do seu próprio corpo tornara acre. Por um momento julgou ver um fogo tremeluzir a uma certa distância à sua frente. Na sua imaginação, moviam-se figuras na luz vermelha e as suas narinas encheram-se da fetidez da carne queimada. Afastou-se, não desejando ver quem poderia ter ateado o fogo nem o que poderia estar a arder ali. A imagem desvaneceu-se.

A escuridão começava a dissipar-se e no mundo intermédio entre a noite e a alvorada, em que tudo era turvo e enevoadado, já não estava seguro do que era real e do que não era. Receava ter inadvertidamente penetrado no mundo dos espíritos, não ser capaz de encontrar o caminho de volta. Não devia ter matado a hiena. Ela fora devorar o espírito do homem e ele tolhera o seu propósito. A hiena e o homem morto palmilhando o caminho dos espíritos à sua procura. Sentiam o cheiro do sangue que o cobria. Sentiu uma onda de medo e tentou imprimir mais velocidade à corrida. Um ramo açoitou-o na cara e ele sentiu o toucado cair mas resistiu ao impulso de parar para o apanhar. Era agora um verdadeiro guerreiro quer usasse ou não usasse o toucado de plumas e missangas.

Ouviu um novo grito, por sobre o primeiro, e compreendeu que provinha dos seus próprios lábios quando viu novamente o fogo. Desta vez estava mesmo à sua frente. Desta vez era real. Havia um homem junto dele, segurando na *panga* com que estava a esfolar um antílope-pongo. O guerreiro viu a lâmina cintilar à luz das chamas. Parou, ofegante. Não podia permitir que o vissem, que soubessem que passara por ali. O homem recuara, olhando para ele, temeroso. Um caçador. Estivera a cortar lenha para acender uma fogueira com que se proteger dos animais ferozes mas agora enfrentava um inimigo mais perigoso. Uma lança curta jazia no solo ao seu lado. Aterrorizado, baixou-se para pegar nela no momento em que o guerreiro saltou sobre ele, com um rugido, a sua faca rasgando o primeiro golpe.

À distância, o grupo de hienas uivava e ria, comunicando umas às outras a notícia. Havia sangue. Em breve haveria festim. Quando os primeiros raios do sol se derramaram sobre a paisagem, as feras atacaram e o ar encheu-se do som dos seus grunhidos e da sua disputa, entre o bater das mandíbulas e o esfacelar dos ossos, com os focinhos enterrados na carcaça fresca.

CAPÍTULO 1

Quénia, Julho de 1957

A campainha da escola soou mas a rapariga não arredou pé, a meio do caminho privado. Mais cedo ou mais tarde dariam pela sua falta. Novamente em sarilhos. Mas talvez o carro entrasse pelo portão antes de se aperceberem de que ela estava ali e então não haveria qualquer problema. Tinha passado a manhã à espreita dele pela janela da sala de aula até ter sido repreendida. Depois das aulas, escapulira-se pela alameda, posicionando-se fora de vista dos edifícios da escola. Estava uma tarde de sol, com nuvens altas que vogavam num céu azul límpido depois do aguaceiro do dia anterior. Talvez a chuva e as estradas lamacentas o tivessem obrigado a uma marcha mais lenta.

Sarah Mackay fixou os olhos na tira da estrada de *murram*, o solo vermelho ainda húmido. À sua volta, a vedação de seringueiras azuladas oscilava e estremecia em diálogo com o vento. Ela adorava aquelas altas sentinelas do planalto, de casca prateada, crescendo ali a mais de dois mil metros acima do nível do mar. À noite comunicavam com ela em sussurros e suspiros enquanto, deitada na cama estreita do dormitório, se imaginava em casa, na costa, em Mombaça, a quase oitocentos quilómetros de distância.

Os campos de jogos estavam desertos após o toque de chamada da campainha. Submergiu-a uma estranha sensação de abandono, como se o mundo se tivesse afastado sem ela num remoinho e nunca mais fosse capaz de o apanhar. Podia sobreviver durante séculos numa espiral do tempo à espera de um carro que não mais chegaria. Herdara a figura robusta e a aparência desalinhada do pai e, fizesse o que fizesse, a sua roupa parecia sempre amarrotada. Sarah começou a cantar, tentando lutar contra a inquietação. Era uma rapariga forte, de rosto redondo e olhos cor de avelã, pequena para os seus treze anos. Cantar ajudava a afastar a

preocupação ou a solidão até deixar de as sentir e ela sabia que tinha um talento natural para o canto. Por vezes, cantava canções que as outras pessoas conheciam mas compunha com frequência letras e melodias secretas para si própria. Era como voar, sem nunca saber se ia mergulhar a pique ou elevar-se na frase seguinte ou pousar numa dessas notas longas e gratificantes que se reconhecia como o final perfeito. Mas esta canção em particular, Sarah apercebeu-se, recusava-se a alcançar um termo. Fez uma pausa para imitar o trinado de um papa-figos dourado, empoleirado na acácia-australiana na orla do caminho. O pio com que o pássaro lhe respondeu agradou-lhe mas ele recusou-se a prolongar a conversa e desapareceu em busca de insectos. Gostava de conversar com os animais. Sorrindo consigo mesma, emitiu vários grunhidos numa conversa imaginária com um javali-africano.

O sol descia, criando uma suave frescura que transportava o odor dos fogos de lenha a serem acendidos para a noite. Sarah começava a sentir fome. A estrada que partia da escola estendia-se na distância através de quilómetros de searas de trigo e campos rasos até à escura faixa de árvores na borda da escarpa. Quando saía a cavalo, gostava de se baixar na sela e arrancar punhados de sementes e bagas. Mais tarde, unia-as com um arame e fazia uma pulseira ou um colar. Havia uma grande procura para aquelas peças de joalharia que criava e estava a trabalhar num presente de aniversário para a sua melhor amiga. Gostava de Camilla Broughton-Smith, apesar de ela ser organizada, sempre a melhor da turma e extremamente popular. O pai dela era importante e igualmente popular. Talvez fosse uma característica de família. Tinham entrado ao mesmo tempo para o internato e, nessa primeira noite, Sarah chorou inconsolavelmente horas a fio depois de o carro dos pais ter desaparecido no longo caminho privado. Nos dias que se seguiram, a sua solidão intensificara-se. As outras raparigas troçaram das saudades que sentia de casa, da bainha torta do seu uniforme e dos novos sapatos escolares que eram demasiado brilhantes. Camilla acorrera em seu auxílio, livrando-a desdenhosamente de futuras agressoras e oferecendo-se para ajudá-la com os trabalhos de casa e emprestando-lhe o seu impressionante guarda-roupa de fim-de-semana. A caneta de Camilla nunca derramava tinta, nunca lhe manchava os dedos nem a camisa do uniforme. Tinha os cadernos em perfeita ordem e o cacifo também. Lidava descontraidamente com os

problemas que reduziam outras pessoas às lágrimas. Os professores por vezes diziam que era uma rapariga anormalmente dura para a idade, que um dia o seu verniz estalaria com consequências desastrosas. Sarah desejava ter nascido com a mesma carapaça impregnável.

Olhou para o céu que escurecia. Estaria metida em sérios sarilhos se tivessem de mandar alguém à sua procura depois do jantar. Poderia ser quase tão grave como quando encontrara uma cobra-de-água-de-colar e a soltara na sala de aula. Fora Hannah van der Beer quem a desmascarara ao olhar para ela, que tapava a boca grande para abafar o riso quando viu a irmã Evangelis guinchar e dar um salto da cadeira. Hannah, com o cabelo farto, cor de linho, a voz sonora e toada monótona. Sarah invejava secretamente os modos dominadores da rapariga africânder. Fazia-a sentir-se inepta, uma fraca. A mãe dissera que eram bóeres, pessoas de origem holandesa da África do Sul. Havia chegado na viragem do século, viajando nas suas carroças cobertas para alcançar as terras altas do Quênia e construir as suas fazendas no mato.

Os pensamentos de Sarah dispersaram-se ao distinguir a distante nuvem de pó levantada por um carro que se aproximava. A excitação desabrochou numa imensa felicidade quando o veículo surgiu à vista, movendo-se como um cometa à frente da cauda de poeira que o acompanhava. Sim! Um *Mercedes* cinzento, agora a abrandar, virando para entrar ao fundo do caminho. A sua expressão avivara-se, os olhos estavam brilhantes, os braços estendidos ao correr ao encontro da mãe. Tinha contado as horas que levaria a realizar a viagem de Nairobi, onde Betty Mackay teria passado a noite anterior. A escola situava-se a meia distância entre a casa da sua família na costa e a capital do Uganda, onde o pai, Raphael, se encontrava num congresso de medicina. Sarah fora autorizada a ficar no Country Club com a mãe por duas noites e a ir para a escola de manhã como uma aluna externa. Exactamente como Hannah van der Beer.

— Mamã, mamã! — Gritou as boas-vindas. O carro parara. A porta abriu-se e uma figura apeou-se. Sarah estacou, confusa. Não era a mãe.

— Mamã? — O sol ofuscava a sua visão. Não conseguia distinguir a pessoa. A resposta chegou numa voz carregada das vogais abertas da África do Sul.

— Infelizmente não sou a pessoa que esperas, minha querida. Sou a mãe da Hannah van der Beer. Sabes se ela está por aí? Atrasei-me para a vir buscar.

Sarah reparou, embaraçada, que Hannah já estava a aproximar-se do veículo. Era um carro exactamente igual ao dos Mackay, mas com uma matrícula diferente e uma amolgadela no guarda-lamas dianteiro. Teria a rapariga bóer estado ali enquanto ela cantava aquelas melodias tontas e emitia ruídos infantis de animais? A cor de Sarah tornou-se escarlate. Como ia alguma vez redimir-se? Começou a balbuciar, tentando impedir que a angústia se transformasse em lágrimas.

— Peço desculpa. A minha mãe chega hoje. Vem da costa. De casa. Tem um carro parecido. Pensei que era a senhora. Ou antes, pensei que a senhora era ela...

A humilhação impedia-a de levantar os olhos para Mrs. van der Beer ou para a filha. Sarah largou a correr pelo caminho em direcção aos edifícios da escola. No pátio, encostou-se a uma parede, a imagem viva da infelicidade. Hannah contaria a toda a gente o que acontecera e toda a turma se riria dela. Não tinha dúvidas sobre isso. Mas a Regra Número Um da sobrevivência era nunca deixar os outros saber que eram capazes de nos magoar. Estava alguém ao seu lado, a falar:

— Ouviste o que eu disse? Tenho andado à tua procura em todo o lado — repetiu Camilla Broughton-Smith. — Onde é que te meteste?

— Estava à espera no caminho. — Sarah procurou abandonar a tristeza que a sufocava.

— Pois, a tua mãe ligou. Uma pedra rachou o pára-brisas do carro. Mandou-o consertar em Nakuru e só chega aqui amanhã à hora de almoço. Então, deixa-te disso... não é o fim do mundo, caramba!

Sarah conseguiu esboçar um sorriso débil. Seria impossível traduzir por palavras o seu sentimento de desânimo quando, no fundo, não o compreendia. Tinha feito figura de parva e, no dia seguinte, Hannah van der Beer divertir-se-ia à sua custa. Talvez fosse boa ideia contar a toda a gente o erro humilhante que cometera e tentar não lhe dar importância. Desesperada, olhou para Camilla e depois encolheu os ombros.

— Obrigada pela mensagem. É melhor ir fazer os deveres.

O *Mercedes* cinzento transpôs o portão do convento. Hannah van der Beer viu os campos de jogos e as seringueiras azuladas desfilar pela janela em imagens coloridas de luz e céu. Pensou em Sarah Mackay que era capaz de cantar e dançar diante das pessoas, que tinha jeito para desenhar, que sabia imitar qualquer animal que quisesse e fazer coisas belas com as mãos.

«E eu sou uma rapariga do campo africânder, grande e espalhafatosa, que calça trinta e nove», pensou Hannah. «Eu sei que todas elas me chamam *yaapie* pelas costas. Nunca ninguém me vê como uma italiana como a mamã.»

Carlotta van der Beer era oriunda de uma família italiana de Joanesburgo mas o marido era africânder e sempre lhe chamara Lottie. Hannah virou-se para olhar o perfil direito da mãe, o cabelo escuro preso num carrapito, os dedos bronzeados e ásperos agarrados ao volante. A mãe de Sarah Mackay era loura e bonita. Usava vestidos encantadores e possuía mãos macias que não executavam tarefas domésticas.

— Quem era aquela rapariga? — perguntou Lottie.

— Uma colega da minha turma.

— É de longe?

— Mombaça. Têm uma casa à beira-mar — respondeu Hannah. Podiam sair do jardim para uma praia de areia branca e palmeiras. Os van der Beer tinham passado férias em família na costa e, nessas ocasiões, Hannah nunca tinha sentido desejo de voltar para casa.

— É longe. — Lottie falou num tom reflexivo. — Deve ser difícil estar tão longe de casa. Não era simpático se a convidássemos para almoçar um destes fins-de-semana?

— O quê? Estás a dizer na fazenda? Almoçar connosco em casa? — Hannah era aluna externa. No fundo, uma estranha. Sarah era aluna interna e os pais eram ingleses, ou irlandeses talvez — da Europa, para todos os efeitos. Diferentes. Os agricultores africânderes não conviviam muito com os colonos ingleses nem com os membros da comunidade de fazendeiros britânicos. E o irmão podia arrelhar Sarah e tentar alguma brincadeira estúpida, se bem que as imitações dela das aves e dos animais certamente o impressionariam. Mas como Sarah também tinha um irmão, provavelmente não haveria problema. Mas se considerasse a fazenda demasiado rústica e prática havia de contar a todas as colegas da turma e

Hannah seria ainda mais estranha do que nunca. Suspirou. Era uma decisão difícil.

— Então? — Lottie estava surpreendida com o longo silêncio da filha.
— Que achas?

— Suponho que podemos convidá-la. Mas não sei se ela vai aceitar.

Hannah passou três semanas à procura da oportunidade ideal para formular o convite. Por qualquer razão, Sarah Mackay mal lhe falava e parecia mesmo evitá-la. A verdade era que, embora Hannah frequentasse a escola há dois anos, nenhuma das alunas internas era sua amiga íntima. Pareciam sempre fazer parte de um mundo que a filha de agricultores africânderes de terceira geração não podia partilhar. As suas colegas pertenciam a famílias cujas raízes se encontravam em lugares distantes como Londres ou Dublin ou nos chamados «Home Counties»¹. Todas vinham de casas de campo ou de residências citadinas a que um dia voltariam. Um dia, ao fim da tarde, Hannah foi finalmente encontrar Sarah sozinha na sala de Educação Visual, a terminar um desenho a carvão.

— Que bonito, Sarah. Quem me dera ter jeito para desenhar como tu.

— Não está a sair bem. — Sarah estava de rosto carregado, debruçada sobre o papel. Tinha a cara esborratada com carvão e as mãos moviam-se impacientes enquanto procurava melhorar o sombreado com as pontas dos dedos.

— Gostas de desenhar paisagens? No *veld*, digo eu, com árvores e animais como temos na nossa fazenda.

— Nem por isso. — Sarah nem sequer levantou os olhos. — Como podes ver, neste momento estou a tentar concentrar-me em retratos.

Hannah reconheceu a sobranceira, sentiu-se rejeitada. Teria de arranjar outra oportunidade para falar no convite. Por vezes interrogava-se por que razão a tinham posto no convento. As outras filhas de agricultores africânderes frequentavam a escola de Kikoma, para raparigas e rapazes, que não era em nada religiosa. Hannah recordava a discussão que ouvira por acaso quando se tinha sentado na conversadeira da sua janela favorita, escondida atrás das pesadas cortinas na sala de estar.

— Isto é diferente, Jan. — Lottie falara com firmeza na voz. — Foi feita a tua vontade com a educação do Piet. Ele foi para Kikoma e teve bom aproveitamento. É rijo, inteligente e muito independente. Mas, apesar das aparências, a Hannah não é assim. E eu não sou africânder como tu. Quero

que a nossa filha se dê com pessoas de tipos diferentes, que tenha vistas mais largas do que a tacanhez dos teus deprimentes Reformadores Holandeses.

— O Piet não é tacanho. Nem deprimente.

— Passa todo o tempo livre contigo e comigo. — Lottie ignorou a crítica com impaciência. — Tens de te lembrar que o Piet foi filho único durante cinco anos antes de a Hannah nascer. Recebia toda a nossa atenção e nós somos mais progressistas do que a maioria dos nossos vizinhos.

— Então também podemos garantir que a Hannah cresça num ambiente progressista. Sem gastar as poupanças da nossa vida inteira nessa escola.

— Não, Janni. O convento é a melhor opção para a Hannah. As freiras dão às raparigas uma educação refinada que ela nunca teria em Kikoma. Toda a gente chama a essa escola um *boma* de bezerros e infelizmente é verdade.

— É melhor não deixares a tua amiga Katja van Rensburg ouvir-te dizer isso das filhas dela. — Jan estava a rir. A mulher era linda quando se irritava. A sua pele morena tornava-se rosada e o seu sangue italiano assomava-lhe aos olhos enquanto gesticulava para sublinhar o seu ponto de vista. — É um colégio interno, Lottie. Não queres certamente que a Hannah viva lá quando a casa dela fica a quinze quilómetros, na mesma estrada.

— Não, claro que não quero. Mas também aceitam alunas externas. Há umas vinte da cidade que...

— São filhas de ingleses... comissários distritais e médicos e todos os agricultores e homens de negócios ingleses. Eu sei que tens amigas entre as mulheres, sim. Mas a nossa família é diferente. — Jan tirou uma fumaça do cachimbo. — Ela vai ter dificuldade em adaptar-se ao convento. Todas as pessoas precisam de se sentir integradas. Sobretudo na idade dela. A Hannah não vai passar o resto da vida com ingleses ou com a tua família em Joanesburgo. É africânder e eu quero que sinta orgulho nisso.

— Ela deve sentir-se bem com os dois lados da ascendência dela, Janni, e ter a liberdade de tirar partido disso mais tarde na vida, onde quer que esteja. — Lottie inclinou-se na cadeira e beijou-o na testa. — Quero que ela vá para o convento, quero muito. Quero que a vás inscrever já e que

me acompanhes a uma entrevista com a madre superiora. Não tenho mais nada a dizer.

— E onde é que vamos buscar o dinheiro? — perguntou Jan. — O convento é caríssimo. Teremos de gastar parte das nossas poupanças. E se houver uma seca ou o gado for atacado pela morrinha ou precisarmos de um novo tractor, como é?

— A nossa filha é mais importante que um tractor novo — retorquiu Lottie. — Não podemos privá-la da melhor educação porque temos medo de qualquer coisa na fazenda que até pode nunca acontecer.

Jan decidiu recuar e ganhar tempo. — Podes tratar tu do necessário. Não tenciono ser entrevistado por nenhuma madre superiora. E quanto a mim tenho dito.

Dois anos mais tarde, Hannah achava que o pai talvez tivesse tido razão. Não se sentia integrada no convento e continuava sem amigas íntimas. Mas distinguia-se no desporto e, na tarde dos torneios interescolares de hóquei, chegou a vez de Hannah brilhar quando marcou quatro dos cinco golos da sua equipa, o que a guindou à primeira posição na liga. Foi a estrela do dia. No final da partida estava afogueada de exaustão e triunfo. Quando Sarah Mackay se aproximou para a felicitar teve um súbito assomo de coragem e despejou o texto que ensaiara mentalmente um sem-número de vezes.

— Bom trabalho de equipa, Sarah. Ah, aqui está a minha mãe. Ela quer saber se gostarias de ir almoçar connosco um dia destes. — Ao proferir apressadamente as palavras, viu Camilla Broughton-Smith aparecer. — Tu também, Camilla.

Hannah mal conseguia acreditar no que estava a dizer mas havia mais hipóteses de aceitarem se convidasse as duas.

— Eu também, o quê? Já agora, parabéns, fizeste um jogo brilhante. Chegou para pôr aquelas bezerrinhas a arrumar as botas. — Camilla passou um braço pálido pelos ombros de Sarah.

— A minha mãe gostaria que fossem as duas almoçar connosco. No próximo fim-de-semana. Enfim, qualquer fim-de-semana. Se quiserem, claro.

A coragem de Hannah evaporou-se rapidamente e ela começou a sentir a dor do embaraço. Nunca se devia ter metido nisto. Sarah Mackay estava a olhar para ela de boca aberta.

— Que ideia genial! — Camilla deu uma cotovelada na amiga. — Claro que adorávamos ir. Não é, Sarah? Nunca visitei uma fazenda aqui. Tens vacas e ovelhas? E cavalos?

— Mamã, apresento-te a Sarah Mackay. — Hannah sentiu que não tinha alternativa senão continuar. — Já te encontraste uma vez com ela, lembras-te? E esta é a Camilla Broughton-Smith. Gostariam as duas de ir almoçar connosco. Como tu sugeriste.

— Ótimo. Vou já combinar com a irmã Evangelis. — Lottie sorriu à filha. — No próximo fim-de-semana dá-lhes jeito, meninas? Se o tempo estiver bom podemos fazer um *breiflies*. E o Piet está em casa. Tragam fatos-de-banho se quiserem. Há uma piscina natural mas aviso-as já que a água é fria.

A Fazenda de Langani pertencia aos van der Beer desde 1906, quando a família chegara ao Quênia. Tinham transportado as suas carroças com eles no barco desde a África do Sul. No aglomerado de casebres que um dia viria a tornar-se a cidade de Nairobi, adquiriram uma parelha de bois não ensinados e alguns bens de primeira necessidade antes de partirem para as florestas das terras altas, subindo a custo com a mobília pesada e os pertences, respirando com dificuldade no ar rarefeito e calcorreando quilómetros de lama viscosa onde se enterravam a cada passo. Ora abriam caminho a golpes de machete através da densa vegetação, ora tiritavam no frio cortante, no nevoeiro e na neblina, para chegar à nova terra prometida e ao terreno que lhes fora destinado. Durante anos, trabalharam a terra virgem, arrancando novas culturas ao solo hostil, sofrendo desilusão atrás de desilusão com a morte dos animais, a ferrugem nas espigas de trigo, secas asfixiantes e chuvas torrenciais e as pragas de gafanhotos que assaltavam as culturas a amadurecer, transformando as colheitas em sonhos desfeitos. Mas a perseverança era a pedra de toque dos Africânderes. Lentamente, e com típica intransigência, domaram e moldaram o meio envolvente.

A sua primeira visão do jardim de Lottie na Fazenda de Langani nunca se esbateu na memória de Sarah. A casa era alongada e baixa, construída com pedra da região, com paredes grossas e chaminés altas. Um telhado inclinado de chapa ondulada era sustentado por pilares de pedra, cobertos de ramagens emaranhadas de madressilva e buganvília. O alpendre fundo dava para um relvado aveludado e brilhante e canteiros curvos mas, para

lá das árvores carinhosamente tratadas, estendia-se a savana, semeada de espinheiros e partilhada por manadas de zebras, girafas, gazelas, elefantes e búfalos. Uma sebe aparada era tudo quanto separava o jardim da paisagem agreste, uma frágil muralha contra o mato usurpador e as incursões dos animais selvagens. Para lá das planícies erguiam-se os distantes picos nevados do monte Quénia, cintilando e furando a cúpula do céu.

Nessa primeira visita à fazenda, Jan van der Beer preparou um churrasco no exterior, à sombra das árvores, e Lottie conduziu-as depois ao rio. A água estava efectivamente gelada, correndo a toda a velocidade desde os picos montanhosos onde a neve derretia. Sarah soltou um guincho ao saltar destemidamente da margem, mergulhando no gelo chocante de uma piscina natural sob a catarata. Na segurança da margem, Hannah ria com gosto enquanto Sarah lutava por ar, chapinhado violentamente para aquecer os braços e as pernas enregelados.

— Foste avisada mas não quiseste ouvir — gritou Hannah.

— Pois mas não fiques aí especada a rir-te como um babuíno. Entra na água, já que achas que é divertido. Tu também, Camilla. Não podes ficar aí deitada na erva a pôr ares de estrela de cinema.

Hannah começou a descer o talude do rio quando ouviram outra voz.

— Então, meninas medrosas! Entrem na água senão vou aí dar uma ajuda e não vou ser meigo.

Piet van der Beer, alto e desengonçado, apareceu na margem, despindo a camisa de caqui e descalçando as botas e as peúgas. Soou um grito quando ele saltou no ar, prendeu os joelhos contra o peito e mergulhou na água com uma retumbante pancada. Segundos depois surgiu à superfície ao lado de Sarah, sacudindo a água da pele, alisando o cabelo louro com dedos bronzeados e sorrindo-lhe através de pestanas perladas de gotas de água. Uma onda de calor percorreu o corpo frio de Sarah. Pela primeira vez na vida, teve consciência dos seus pequenos seios por baixo do feio fato-de-banho da escola, dos seus braços e pernas ligeiramente rechonchudos. Ele semicerrou os olhos perante a luz do sol e depois piscou-lhe o olho. Soltou uma estrondosa gargalhada com a cabeça inclinada para trás para receber o calor do sol. Foi um momento de revelação que mudou a vida dela para sempre.

[1](#) Condados que circundam Londres, habitualmente conotados com os subúrbios afluentes e conservadores. (N. do E.)

CAPÍTULO 2

Quénia, Novembro de 1962

O coaxar grave e ritmado das rãs-touros cessou abruptamente ao som dos passos de Sarah que recomeçaram depois de ela se imobilizar para inalar o ar frio das terras altas. O sol africano iniciara a sua descida no horizonte e ela encostou-se ao pilar do alpendre para observar a sua majestosa retirada vermelha e dourada para o ventre da Terra. Ecoou o ruído repetitivo do gerador a trabalhar, um lento crescendo que precedia o acender das luzes no interior da casa. A escuridão caía sempre com uma rapidez extraordinária salpicando o céu com as primeiras estrelas. A fragrância do jasmim nocturno e da lenha queimada encobria o odor diurno do pó e das seringueiras. Para lá da protecção do jardim de Lottie, ouviu o relincho estridente de uma zebra. Vozes e risos propagaram-se na noite incipiente, mesclando-se com o cantar e o ralar dos grilos e das rainetas. Dos alojamentos dos criados chegou o ténue som metálico de um rádio a passar música africana. Sarah regressou ao quarto, apercebendo-se de que seria a última a aparecer para o jantar.

Chegara da cavalgada a transbordar de entusiasmo. Tinham partido ao início da tarde, em passo travado por uma plantação de jacarandás onde as flores lilases haviam caído, cobrindo o solo de um tapete movediço que voava e rodopiava por baixo dos cascos dos cavalos. Para lá das árvores, a erva quebradiça tremia na neblina branca do calor. Sentaram-se por algum tempo na orla da planície, habituando os olhos à claridade. Piet fez então sinal e cavalgaram na tarde escaldante, contornando os limites da reserva tribal.

Semeadas pela encosta, viam-se as *shambas* dos trabalhadores agrícolas. Os seus lotes de terreno estavam dispostos em socalcos e plantados de milho, as cabeças das maçarocas deselegantes nos caules desconjuntados, as folhas largas pendentes, pontiagudas e descoradas, separadas das

barbas. Todos os *bomas* possuíam um rebanho de cabras e um punhado de galinhas descarnadas, a cacarejar e a esgaravatar na terra seca e compactada da clareira em redor das cubatas. No solo estavam mulheres sentadas, envoltas em garridos tecidos *kanga*, batendo o milho para fazer *posho* que constituía a base da sua alimentação. Cães de caudas enroladas abriam um olho perante a intensa claridade da tarde e rosnavam debilmente. A ladainha das vozes das mulheres propagava-se no ar tórrido.

— Quase nunca se ouve os bebés chorar — disse Sarah. — A não ser que estejam doentes ou assim.

— Olha para eles. — Piet fez um gesto com o pingalim. — Os *totos* estão amarrados às costas das mães ou aninhados no colo delas com as bocas ao pé das maminhas e da fonte do leite. Não precisam de chorar. Sai directamente do barril sempre que querem. — Soltou uma sonora gargalhada, notando o embaraço de Sarah com o seu vocabulário. — Não é uma descrição decorosa para meninas ingénuas de convento? Sem ofensa, mas quando se vive numa fazenda, dar de comer aos mais pequenos, quer tenham duas ou quatro pernas, é uma parte natural do processo.

Esporeou o cavalo e largaram num galope furioso e descontrolado até à savana. Da erva erguiam-se termiteiras vermelhas, uma manada de gazelas-de-thompson agitou as caudas nervosas ao som dos cavalos e dispersou-se rapidamente pelo *veld*, sumindo-se na palpitação visível do calor. Uma avestruz-macho emergiu das canas e correu à frente deles, as plumas negras cintilando ao sol. Estava tão próxima que Sarah conseguiu divisar as pestanas da ave e os pêlos no pescoço pálido antes de ela se embrenhar num denso matagal. Cavalgava velozmente e a par com Piet, acompanhando-o sem esforço, exaltada com o som dos cascos e o cheiro da terra vermelha e das ervas bravias. Deixaram para trás Hannah e Camilla e galoparam através da planície, detendo-se por fim no meio de uma nuvem de poeira, na orla de um pequeno bosque. Piet debruçou-se e pegou nas rédeas do cavalo de Sarah. Empurrou o chapéu para trás e olhou para ela, ofegante e sorridente no sol da tarde. A sua admiração era evidente.

— Bela corrida, rapariga. Metes a minha irmã e Lady Camilla num chinelo. Essas andam a dormir em cima dos cavalos. Tu és uma amazona

excelente, não há dúvida.

— Saímos sempre a cavalo com a Hannah quando cá passamos o fim-de-semana. — Sarah não conseguiu disfarçar o prazer que sentira com a observação dele. — Mas é mais divertido contigo. Quando o *syce* vem connosco não devemos largar assim a galope. E o teu pai não nos deixa cavalgar sozinhas.

— O meu pai é responsável quando vocês estão longe das garras das freiras. Não pode deixá-las correr desaustinadas pelo *bundu* sozinhas. Seja como for, é óptimo sair a cavalo com um homem como o Kipchoge.

— Sim. Mas, seja como for, é melhor sem ele. — Sarah olhou para ele de relance, na esperança de captar o seu olhar e de o ver sorrir novamente.

— Andamos juntos a cavalo na fazenda desde *totos*. O pai dele foi o primeiro moço de estrebaria do meu pai. Montava e adestrava cavalos para Lorde Delamere, mas embebedava-se sempre depois das corridas. Quando finalmente foi despedido, voltou para casa e ficava sentado a ver as mulheres dele a trabalhar na *shamba*. Agora dirige os estábulos como o déspota que é, mas é sobretudo o Kipchoge, como filho mais velho, que trata dos cavalos.

— E ele está convencido que vai ter cavaliças para criar cavalos dele a seguir à Independência? — perguntou Sarah. — Ao que parece, os novos políticos andam a dizer às pessoas que podem ficar com tudo o que pertence aos brancos assim que os ingleses partirem.

— Não me parece que o Kipchoge tenha os políticos em grande conta. Na maioria são quicuios e ele é nandi, o que quer dizer que já existem desconfianças tribais enraizadas. Na minha opinião, vai haver mais problemas entre as tribos aqui do que entre as diferentes raças. Mas a transferência de poder e propriedade dos bens dos brancos para os negros vai ser lenta. Eu e o Kipchoge crescemos juntos e ele é mais como um irmão. A nossa geração há-de trabalhar em conjunto, negros e brancos, para construir um novo país.

— Que é que o teu pai acha dessa ideia? — A pergunta de Sarah era matreira.

— O meu pai tem ideias antiquadas, mas um coração de ouro — retorquiu Piet, sorrindo. — Toda a vida conviveu com africanos sem instrução, sem interesse pela agricultura como nós a entendemos. Mas acho que secretamente está optimista apesar das previsões negras que faz.

— Virou-se na sela e acenou com o braço. — Cá está o resto da trupe. Podemos sair a cavalo amanhã, se quiseres. Só os dois, de manhã cedo antes de a minha irmã e Lady Camilla se levantarem. Vamos até ao rio dar de beber aos cavalos.

Piet tomou a dianteira através de espinheiros carregados dos ninhos redondos e baloiçantes dos tecelões. Sarah cavalgava a par com ele num transe de felicidade, registando os pêlos dourados dos seus braços, que o sol encaracolara, escutando as cadências abertas do seu sotaque africânder e achando todas as frases adoráveis, a maneira como se confundiam com o relinchar surdo dos cavalos, o ranger do couro das selas e o ruído dos gafanhotos. Desmontaram sob uma cobertura de espinheiros e Piet tirou um embrulho do alforje e uma faca de uma bainha presa ao cinto.

— Podemos beber água do rio. Vem directamente do monte Quénia, não a há mais pura e límpida. E trouxe *biltong* que eu e o meu pai curámos e cortámos.

Refrescaram a cara com água gelada e beberam-na em grandes goles. Os cavalos beberam profusamente, resfolegando de contentamento, e viraram-se em seguida para pastar ao longo da margem. Piet deitou-se à sombra com os braços debaixo da cabeça. Sarah e Hannah sentaram-se de pernas cruzadas ao seu lado. Camilla recostou-se contra o tronco de uma árvore e esticou as pernas compridas, posicionando-as da forma mais favorável.

— Isto está salgadíssimo — observou, fazendo um esgar enquanto mastigava a carne escura e fibrosa.

— Que é que Lady Camilla percebe de *biltong*? Aposto que nas festas lá na casa do governador não se come disso.

— Pois não. E, se a minha mãe me visse comer esta coisa, mandava-me logo ao médico a ver se tinha lombrigas e a seguir a uma consulta de urgência no dentista. — Camilla olhou para ele através de uma cascata de cabelo louro. — Enquanto estiveste na faculdade a aprender teorias inúteis, nós tivemos a Hannah nas nossas aulas multiculturais. Ela levou-nos *biltong* para a escola. Complementa a nossa dieta, juntamente com a tarte de melaço da tua mãe. E não me chames Lady Camilla.

Piet reclinou-se na sombra, observando a irmã e as amigas. Eram extremamente díspares em aparência e diferentes nas origens.

— A amizade entre vocês as três parece-me sempre estranha — observou. — De certo modo, são como irmãs mas são diferentes como a água do vinho. Ouço-as a conversar e é como se falassem em código, quase como se cada uma soubesse o que as outras estão a pensar ou vão fazer antes de acontecer.

— Isso não é nada — disse Camilla. Um desfile de recordações fê-la soltar uma gargalhada sonora. Tinham partilhado castigos e prémios, terminado os trabalhos de casa umas das outras, sobrevivido a quedas de cavalo e pancadas com tacos de hóquei, a aulas de Religião e Moral, aos nervos antes dos exames e aos bailes da escola. Namorados horríveis também, imaturos e cheios de borbulhas ou muito bem vestidos e atrevidos, desejando obter algo de que se pudessem gabar num balneário. — Perdeste montes de diversões, Piet, lá nos confins da África do Sul. E até rejeitaste o convite da Sarah para ires ter connosco à costa no ano passado. Estavas demasiado ocupado a jogar rãguebi ou qualquer outra coisa igualmente excitante. Má opção.

— Gostava de conhecer a África do Sul — disse Sarah.

— É linda. Mas não gosto da maneira como tratam os africanos e as pessoas de cor. É um Estado policial e vai acabar por haver derramamento de sangue — disse Piet com tristeza. — Infelizmente a culpa é sobretudo dos africânderes. Nós temos sorte por estarmos aqui no Quênia, apesar das dúvidas do meu pai a respeito da *Uhuru*. E é a nossa casa, não é?

— Imagine-se tudo isto ser a tua casa. Que herança, meu Deus! — Havia um tom de reverência na voz de Sarah.

— Os nossos bisavós construíram esta fazenda numa terra de ninguém. — Piet indicou com um gesto um denso muro de mato e de árvores emaranhadas na outra margem do rio. — Viviam em cubatas de adobe e colmo até poderem usar carros de bois para transportar para aqui carvalhos e grandes troncos de cedro, para construírem casas. Depois sucederam-lhes os filhos e os netos que trabalharam como escravos para criar o que temos agora. A seguir é a minha vez e estou cheio de planos para este sítio.

— Que planos? — Sarah estava admirada. — Parece perfeito tal como está. Mas suponho que é porque o teu pai trabalha na propriedade sem descanso.

— Uma fazenda nunca fica igual de um dia para o outro. Mas além de trabalhar com o meu pai a tratar do gado e do trigo, quero transformar parte da propriedade numa reserva de caça. Ele acha boa ideia.

— Como um parque nacional, é isso? — Sarah olhou, espantada, para ele. — Como é que fazias? Não podes fechá-la com uma vedação, pois não?

— Não. Inicialmente custaria muito dinheiro. Mas acabávamos com o abate e a caça de animais nessa área, mesmo para consumir. Gostava de destinar parte da savana a norte e a floresta a oeste da fazenda exclusivamente aos animais. Há montes deles nessa zona... leopardos, búfalos, elefantes, caça de pradaria. Incluindo o antílope-pongo embora seja a mais tímida das criaturas da floresta e quase nunca se veja. Vou treinar alguns dos nossos trabalhadores como pisteiros e guardas-florestais. E planeio construir um posto de vigia, um lugar onde passar a noite e observar os animais. Como Treetops, mas muito pequeno. Não quero turbas de gente aqui, a dar cabo do sítio.

— Eu vou criar uma clínica — disse Hannah. — Não como o dispensário da minha mãe para os serviços e para os *totos*. A minha vai ser para animais feridos ou órfãos, como gamos pequenos ou javalis do mato que perderam as mães ou para uma zebra coxa. Lembras-te da girafa recém-nascida que foi abandonada, Piet? Vou fundar uma clínica só para tratar desses animais.

— Que planos tão nobres. Eu passo por cá a admirar a vossa dedicação quando for famosa. Claro que, para onde quer que vá, hei-de ter sempre aqui uma casa. Na costa, de preferência. — Camilla acenou graciosamente com a mão. — Em Kilifi ou Watamu... mesmo à beira-mar. As pessoas na Europa hão-de achar exótico e pedinchar convites. Vocês podem ir todos às minhas festas escandalosas. Piet, tu vais ser o sedutor guarda-florestal. As senhoras americanas vão todas apaixonar-se perdidamente por ti e tentar meter-se na tua tenda durante os safaris quando os maridos velhos e podres de ricos estiverem encharcados em *gin* e a dormir como pedras.

— E o que é que te vai tornar tão famosa? — Piet mascava um caule de erva, sorrindo do quadro que ela tinha pintado.

— Primeiro, a escola de teatro. Depois, de um dia para o outro, vou ser descoberta por um empresário brilhante que me há-de transformar numa estrela do palco e da tela com o meu nome escrito com luzinhas. Depois

venho ao Quênia filmar. Como a Grace Kelly em *Mogambo*. E tu levas-me a mim e às outras estrelas a ver os animais do teu posto de vigia.

— E tu, Sarah? — Piet inclinou-se e fez-lhe cócegas com a ponta de um caule áspero. — Não, deixa-me adivinhar. Ou as freiras te trancam nos claustros ou vais ser médica como o teu pai. É isso! Uma médica missionária numa terra remota, rodeada de nativos reconhecidos que foram ensinados a rezar as suas orações.

— Não sei a que propósito me achas com queda para missionária. — Sarah ficou abespinhada com a visão que ele tinha dela, tão distante da imagem de esplendor decadente e sucesso que aceitara no caso de Camilla. — Seja como for, o meu irmão está a estudar Medicina. Dois médicos na família chegam. Se passar nos exames, vou estudar Zoologia. Na Universidade de Dublin. Depois volto para cá para fazer investigação. Sobre os animais migratórios no Mara e no Serengeti, talvez, ou sobre o antílope-pongo na tua floresta que nunca ninguém vê. Ou os javalis-africanos. Adoro os javalis-africanos.

— Vocês as três vão ser os terrores da região. Como um bando de leões — disse Piet. — Irmãs de espírito, para não dizer de sangue.

— Mas podíamos ser irmãs de sangue. — Sarah debruçou-se. — Dá-me a tua faca, Piet, e cada uma de nós vai fazer um golpe na mão até sair sangue. Depois misturamos os nossos sangues e fazemos a promessa de ficarmos unidas, de nos defendermos umas às outras nos bons e nos maus momentos. Aconteça o que acontecer. Seremos irmãs de sangue, segundo a tradição dos quicuios ou dos masai.

— Eu não entro nisso. — Piet abanou a cabeça. — É uma ideia esquisita própria de meninas de convento. Só os guerreiros fazem essas coisas. E se o pai souber...

— Não estou a ver quem possa ir contar-lhe — disse Camilla docemente.

— Não sei, Sarah. É uma prática tribal que os *watu* fazem. Causa arrepios. — A expressão de Hannah era de perturbação. Olhou para Camilla, contando com o apoio dela.

— Meu Deus, Sarah, és sempre tão dramática. E esotérica. É a sina de seres irlandesa, sabes? — Camilla endireitou-se e estendeu a mão com a palma virada para cima. — Acho que é uma excelente ideia. Um dos teus melhores caprichos. Vamos a isso.

Sarah pôs-se de pé. — Vou fazer uma fogueira com alguns galhos. Vamos, Piet, lava a faca e depois esterilizamos a faca no fogo. Eu faço os golpes se a Camilla e a Hannah forem demasiado sensíveis. Não é por acaso que sou filha de um médico. — Olhou para ele por cima do ombro. — A tua faca é mesmo afiada. Se não ma deres, uso o meu velho canivete rombudo que nos vai arrancar grandes pedaços às mãos. Aí é que os teus pais vão ter razões de queixa.

Sarah desimpediu um espaço no solo. Preparava-se para ir procurar gravetos quando Camilla surgiu ao seu lado com um punhado de paus secos. Hannah estava imóvel, com uma expressão solene, e Camilla olhou para ela, em silêncio mas de rosto carregado.

— Pronto, está bem. Fazemos todas a promessa. — Hannah virou-se para se dirigir ao irmão. — E que não te passe pela cabeça desapareceres no mato, Piet. Porque vais ser a nossa testemunha solene. Dá-me o teu isqueiro.

Não tardou que os galhos comesçassem a crepitar e uma fina espiral de fumo elevou-se do centro do monte de lenha. Sarah pegou na faca de Piet e pô-la em cima das chamas. Em seguida, levantou-se e estendeu-a de modo que a lâmina cintilou na luz da tarde.

— Sou eu primeiro.

Viu Piet avançar em protesto mas ignorou-o deliberadamente, fazendo uma rápida incisão na protuberância na base do polegar.

— Agora eu. — Camilla não se encolheu nem desviou os olhos quando Sarah fez o golpe.

Hannah estendeu a mão, observando em silêncio as gotas escarlates avolumarem-se na sua mão.

— Chega aqui, Piet, para termos uma testemunha quando juntarmos as mãos e misturarmos o sangue — ordenou Sarah. — A propósito, o sangue da Camilla não é azul. Espero que não constitua um choque para ninguém.

— Temos de fazer a nossa promessa agora — disse Camilla. — Qualquer coisa que a partir de hoje nos ligue para sempre, por mais afastadas que venhamos a estar umas das outras.

— Prometo nunca esquecer, ser eternamente fiel à nossa amizade. Dar apoio às minhas irmãs sempre que precisarem de mim. — Os olhos de Sarah estavam muito brilhantes enquanto falava e a sua expressão era grave.

Piet olhou para Hannah e notou que ela tinha lágrimas nos olhos ao repetir as palavras. Mas Camilla estava a sorrir quando pressionou a palma da mão contra as mãos das amigas para fazer a sua própria promessa.

O regresso à fazenda foi silencioso. Nas cavalariaças, Sarah encostou-se a *Chuma*, o capão castanho. Fechou os olhos, vendo mentalmente o ritual que tinham acabado de executar, recordando a expressão de Piet, as rugas que se formaram em redor dos seus olhos e a linha curva da sua boca quando se riu. Quando ele lhe dera a mão para descer da sela, sentira um formigueiro na pele e fora percorrida por um arrepio quando ele a segurou por um breve momento para a equilibrar. Os pulsos dele eram muito fortes e usava uma pulseira feita com os pêlos entrançados da cauda de um elefante. Disse que era para lhe dar sorte e protecção. Ela sentiu o odor da sua pele e viu a tira de suor na sua testa, logo por baixo da aba do chapéu de couro. A sua consciência da presença dele era tão perturbadora que não fora capaz de lhe agradecer quando ele a ajudou a tirar a sela e as rédeas do cavalo.

— Vemo-nos ao jantar, miúda. Vou ter com o meu pai. — Deu-lhe um leve puxão nos cabelos e desapareceu para arrumar os arreios.

No quarto de hóspedes, encontrou Camilla a pintar a unhas.

— Onde é que te meteste? Já tomei banho e lavei o cabelo. O nosso ritual hoje à tarde foi o máximo — disse Camilla.

— Bolas, estás quase pronta para o jantar. — Sarah ignorou a referência à promessa que haviam feito, não desejando desvalorizar a ocasião. — Como é que consegues estar sempre a pintar as unhas ou a pôr creme nas pernas quando eu estou a escovar cavalos ou...

— Tenciono dedicar a minha vida à busca da celebridade. — Camilla falou num tom malicioso. — Que sortudo, o Piet, com o grande projecto da vida dele já a andar. Foi por isso que te atrasaste? Ficaste embevecida a conversar com o menino de ouro?

— Não digas disparates. — Sarah sentia a cara a arder e estava a tremer ligeiramente quando se afastou para procurar a escova do cabelo e o estojo de *toilette*. — Que hei-de vestir? Que é que tu vais pôr?

Camilla já tinha escolhido uma saia e uma camisola que a mãe lhe comprara em Itália e sapatos de salto alto. Vestiu a roupa, aplicou um pouco de cor nas maçãs do rosto e *bâton* nos lábios, tornando a boca mais cheia e brilhante.

— Vou conversar com a Hannah — declarou. — Empresto-te a minha blusa azul se quiseres. A cor fica-te bem. Não te aflijas... vais ficar linda. Mas vais ter de descobrir maneira de não ficares assim com as bochechas roxas. Denuncias-te imediatamente. Até logo.

Sarah dirigiu-se à casa de banho. A água da chuva era suave e levemente fumada. Tinha visto antes o *toto* da cozinha a empilhar toros de lenha no fogo por baixo do enorme depósito onde era aquecida a água da casa. Rosada do duche, lançou uma olhadela ao espelho. O gerador ainda não tinha arrancado e maquilhar-se com pouca luz deixava-a nervosa. Era uma coisa que não fazia com frequência e queria que Camilla ali estivesse para a ajudar. Experimentou um pouco de base, espalhando-a desajeitadamente até lhe parecer que disfarçava o nariz queimado do sol. Seria necessário acrescentar cor às faces? Sarah tinha dúvidas mas talvez lhe desse profundidade e forma ao rosto. Aplicou bem o rímel e ficou satisfeita ao verificar que os seus olhos cor de avelã pareciam maiores e quase dourados. Camilla tinha deixado um monte de roupa na cama dela e Sarah escolheu a blusa de seda azul. Devia vestir uma blusa que não lhe pertencia? Hannah ia logo reparar que não era sua. Se percebesse que a causa destes esforços excepcionais era o irmão nunca mais se ia calar e Camilla também podia ser implacável.

— Que vão para o diabo — disse Sarah em voz alta. — Também já tive de aturar as crises delas com os namorados. Agora é a minha vez.

Ao sair para o alpendre, sentiu-se razoavelmente satisfeita com o seu ar sofisticado. Quando o gerador começou a trabalhar e as luzes se acenderam correu lá dentro para uma última olhadela, pensando se Camilla daria conta se usasse um pouco do seu perfume. Uma fragrância sensual e sedutora ao contrário da frescura da sua água-de-colónia. Ao carregar no interruptor da luz, captou a sua imagem no espelho. A cara parecia coberta de uma pintura de guerra. Só lhe faltavam as penas... Correu para a casa de banho e pegou na sua toalha, murmurando palavras de gratidão por se ter visto a tempo. Depois de limpar o *rouge*, a sua pele tinha um aspecto brilhante e manchado. Com um resmungo, recomeçou do zero, desta vez espalhando uma pequena quantidade de base, um pouco de rímel e uma sugestão de *bâton*. Por fim saiu para o caminho entre a casa dos hóspedes e a casa principal.

Quando Sarah entrou na sala de estar, Jan van der Beer já estava instalado na sua cadeira favorita ao lado da lareira de pedra com uma caneca de cerveja na mão. Pendurada nas costas da cadeira estava uma pele de leopardo, e os seus três leões da Rodésia estavam deitados aos seus pés. Era um homem alto e forte com um rosto rosado, perspicaz e curtido pelo tempo. O seu corpo era robusto e musculado e os braços e as pernas saltavam-lhe da roupa, o peito largo repuxando os botões da camisa. Levantou afectuosamente os olhos para Sarah e acenou com a cabeça sem falar.

— Que queres beber, minha querida? — Lottie sorriu e tocou à campainha para chamar o criado. — Temos xerez do Cabo. Ou talvez prefiras um *panaché*?

— Vou experimentar o xerez, por favor.

Em fins-de-semana anteriores na fazenda, fora oferecida limonada caseira ou cerveja de gengibre às raparigas e ocasionalmente, durante o ano anterior, cerveja gelada. Mas esta noite Lottie trouxera xerez e vinho da adega e colhera o melhor de tudo na horta. Seria a última visita delas antes de terminarem a escola e começarem vida nova em lugares distantes. Sarah já tinha provado xerez e não tinha gostado especialmente mas não fazia ideia do que mais escolher. A mãe apreciava um xerez espanhol que era seco e claro, com um sabor a madeira. Mas esta variedade sul-africana possuía um brilho escuro no copo e era doce. Olhou em volta com um certo acanhamento. Hannah estava num banco ao lado da cadeira do pai, sentada em cima das pernas fortes, com o cabelo louro penteado numa única trança que lhe caía sobre um ombro. O seu rosto largo respirava saúde.

— Estás muito bonita, Sarah! Diferente. Quero ver o que os outros vão dizer.

— Pensei que te tinhas afogado no duche. Já me preparava para ir à tua procura. — Camilla, no sofá, levantou os olhos, deixando que o rosto captasse a luz e revelasse uma delicada orelha e o esplendor de uma pele perfeita. O seu cabelo caía num brilhante corte à pajem e tinha posto a camisola pelos ombros, atando as mangas num nó entre os seios. Segurava no copo com uma mão que parecia flutuar no ar.

— Senta-te e não lighes a essas duas. — Lottie falou com uma expressão afectuosa. Mas cúmplice também, Sarah apercebeu-se. — A

Hannah tem razão... estás muito bonita. Aliás, hoje estão as três muito bonitas, cada uma à sua maneira. Como flores novas e perfeitas do meu jardim. Flores feitas de luz, como diz o poema.

— Hoje estás com uma veia romântica — observou Jan. — Estas meninas vão entusiasmar-se com as tuas ideias italianas, Carlotta, e depois vão ter dificuldade em concentrar-se nos exames finais. Acho melhor por agora cingirem-se à realidade.

— Não há mal nenhum em passar uns momentos nas nuvens enquanto estamos à espera do Piet. Mas não há-de ser por muito tempo porque, se bem conheço o meu filho, a estas horas já está definitivamente cheio de fome. Não é normal demorar tanto tempo a arranjar-se para o jantar.

— Não é normal estar rodeado de três raparigas bonitas ao jantar. — Jan ergueu a caneca de cerveja na direcção da filha e das amigas. — Deve ter sido por isso que recusou o convite para o fim-de-semana de rãguebi em Nanyuki.

— Boa-noite, mãe. Boa-noite a todos.

Piet vestia um par de calças de caqui informais acabadas de engomar e uma camisa verde aberta no colarinho. Aos olhos de Sarah tinha, à luz bruxuleante da lareira, o ar de um deus lustroso. Bebeu um gole de cerveja. Ela viu a espuma agarrar-se-lhe ao lábio e sentiu um impulso imediato para se aproximar e lhe limpar com o dedo. Para a saborear, até. Um exasperante rubor de embaraço assomou-lhe às faces e sentiu o pescoço a arder. Piet estava a observá-la com um sorriso. Conseguia ler-lhe o pensamento, adivinhar as cogitações absurdas que a consumiam? Ele limpou a cerveja lentamente com as costas da mão. Sarah bebeu um gole de xerez e engasgou-se. Ele acercou-se dela, dando-lhe palmadas vigorosas nas costas.

— Desculpem. Engasguei-me.

Estava a ofegar e a gaguejar, com os olhos húmidos. O rímel que aplicara cuidadosamente nas pestanas devia estar a escorrer-lhe pela cara. Esforçou-se por controlar a respiração, procurando um lenço no bolso. Meu Deus, que trapalhada, que impressão estúpida e desastrada tinha causado. Começou a protestar.

— Eh, calma, não estou a morrer!

O incidente acabou em gargalhadas, com todos à volta dela a oferecer-lhe conselhos e consolação. A mão de Piet estava pousada no seu ombro e

a pressão amiga dos seus dedos queimava-lhe a pele. O gongo tocou para o jantar e Sarah pôs-se tremulamente de pé.

Lottie tinha acendido velas e, no centro da comprida mesa, estava uma taça com flores escarlates da tulipa-de-áfrica. Sentaram-se, baixando as cabeças, enquanto Jan dava graças, e depois a porta da cozinha abriu e Mwangi, o criado, vestindo um *kanzu* branco, entrou com uma enorme terrina de sopa.

— De onde é que esse malandro apareceu? — perguntou Jan depois de Mwangi voltar para a cozinha. — Pensei que tinhas dito que ia passar uns dias à *shamba* dele.

— Disse-me que ia visitar o irmão que estava às portas da morte e teria de ser brevemente enterrado — disse Lottie, os olhos escuros a brilhar de divertimento. — Queria um adiantamento sobre o salário e uma semana de licença. Ah, e o bilhete de ida e volta de camioneta. Quando lhe perguntei o nome do irmão, ele disse que era Kariuki. Tinha-se esquecido que tinha tirado licença para ir ao funeral do pobre Kariuki no ano passado. Portanto disse-lhe que lhe dava metade do que ele queria, cinco dias de licença sem vencimento, e que lhe descontava o adiantamento do salário no fim deste mês. Isto foi ontem e pelos vistos o irmão teve uma ressurreição milagrosa.

— Seria de pensar que por esta altura o velho tolo já tivesse desistido desses jogos — observou Jan. — Está cá há mais de vinte anos e ainda julga que somos um bando de *domkopfs*. O mais certo era querer ir comprar uma mulher nova. Que é que esta sopa tem que é tão saborosa?

— Ervilhas frescas da minha horta e uns raminhos de hortelã-pimenta. O meu contributo para o jantar. E o Janni apanhou a truta. — Lottie olhou com afeição para o marido. — Mas a maior contribuição é do Piet. Gostam de carne de caça, meninas?

— Eu adoro veado. E pintada — disse Camilla. — Quando vamos de licença a Inglaterra o meu pai vai sempre caçar na propriedade de um amigo na Escócia.

— Pois bem, hoje temos uma perna de impala jovem. Foi o Piet que o caçou. É um excelente caçador, o meu filho. — Jan olhou para o filho com indisfarçável prazer. — E a Lottie faz o melhor molho do mundo. Não há nada que chegue a um jantar com produtos caseiros, eh? — Virou-se para Camilla. — O teu pai caça aqui?

— Ultimamente não tem tido tempo. Há sempre dezenas de políticos, oficiais e repórteres para falar com ele. A minha mãe está sempre a queixar-se de que nunca têm um fim-de-semana só para eles. Ele está sempre em reuniões que entram pela noite dentro e a mudar de planos à última hora.

— Bem, seja como for, está sempre a aparecer nas notícias. — A expressão de Jan era sombria. Lottie lançou-lhe um olhar de advertência e tocou a campainha para mandar levantar o primeiro prato.

— Então, nas próximas semanas vão andar muito ocupadas, meninas. — Jan mudou de assunto. — A Lottie disse-me que só as vamos ver quando os exames terminarem e finalmente acabarem a escola.

— Não há mais fins-de-semana fora. — Camilla estava agora a separar delicadamente as espinhas da truta. — Diz-se que a vida de estudante é o melhor tempo da nossa vida. Mas talvez haja outras coisas igualmente boas ou ainda melhores.

— Claro que há! — Lottie ficou surpreendida com a tristeza da rapariga. Era demasiado nova para não se sentir senão optimista e transbordante de entusiasmo pela vida que tinha à sua frente. — Com a tua formação, não te faltam oportunidades, minha querida. Hás-de ir longe, Camilla. Quem me dera ter tido a tua liberdade quando acabei a escola.

— Ainda bem que não tiveste. — Jan tinha-se levantado para trincar a carne e estava agora a passar pratos de carne assada com molho espesso a Mwangi para que este os distribuísse. — Foi melhor eu ter aparecido e ter-te tomado sob a minha protecção. Já tens ideias loucas que cheguem.

— É que não sei se alguma vez vou voltar aqui. — Camilla não pareceu ter notado o gracejo de Jan e a sua resposta dirigia-se a Lottie. O copo de vinho que estava a beber demasiado depressa soltou-lhe a língua. — Quando sairmos da escola vamos estar muito longe. Pelo menos para mim, vai ser impossível. Não tenho mesmo a certeza se poderei voltar. Vocês estão cá há gerações. Hão-de estar sempre cá. E os pais da Sarah vão continuar depois da Independência. Mas o meu pai, no próximo ano, pode ser colocado na outra ponta do mundo.

— O meu pai avisou-nos sempre que a nossa terra não é o Quénia, que só estamos aqui a passar alguns anos numa situação privilegiada. — Sarah ficou chocada ao ver o estado de desolação de Camilla, à beira das lágrimas. — Mas pediram-lhe que continuasse e ele ficou encantado. E,

apesar de o meu irmão estar na faculdade de medicina na Irlanda, não me admirava nada que ele também voltasse. Por isso, é muito possível que a nossa terra seja esta. Eu por mim vou voltar para trabalhar no Quênia. Tu também podias voltar, Camilla, se quisesse. Não fazes ideia para onde vão mandar o teu pai a seguir?

— Por vezes as pessoas como o meu pai passam um ou dois anos no Ministério dos Negócios Estrangeiros em Londres depois de uma comissão destas — disse Camilla.

— Eu, se fosse para Londres, não me queixava. — Hannah falou num tom sonhador. — Teatros, concertos, museus, lojas. E depois até pode acontecer que vás viver para um lugar exótico de que nunca ouviste sequer falar.

— Um dia o meu pai vai provavelmente ser nomeado governador ou alto-comissário e vão mandá-lo para alguma colónia remota. Entretanto, a minha mãe vai adorar Londres se acabarmos por ir para lá. Vai sentir-se no seu elemento em Ascot e Henley e a organizar almoços de *bridge*. — O tom de Camilla era desdenhoso.

— Se fores para Londres, eu vou visitar-te — disse Hannah. — E depois vão ver-se aflitos para me segurar na fazenda.

— Sim, a minha filha há-de viajar. Mas há-de querer sempre voltar para aqui — disse Jan. — Disso não restam dúvidas.

— Sabem, foi aqui que fui mais feliz e passei os melhores dias de toda a minha vida. — A voz de Camilla não escondia a comoção. — Nunca mais vou encontrar nada como Langani e o tempo que passámos aqui, onde me sinto parte da família.

Instalou-se um silêncio constrangido. Lottie interrogara-se muitas vezes por que razão os pais de Camilla nunca tinham estado presentes em nenhum evento escolar durante todos os anos em que a filha frequentara a escola. E, embora as três raparigas tivessem passado férias na fazenda e na enorme casa dos Mackay na costa, nunca tinham sido convidadas a ficar na residência posta à disposição dos Broughton-Smith em Nairobi. Camilla era vaga sempre que a questionavam a respeito da família.

«Ser filha única é diferente», dizia. «Os meus pais não estão preparados para olhar por crianças. O meu pai está sempre muito ocupado com o governador e os assuntos oficiais. Mas escreve-me cartas maravilhosas e eu guardo-as todas. Quanto à minha mãe... é uma pessoa nervosa. Muito

tensa, diz o meu pai. Nunca seria capaz de conduzir até aqui sozinha como a tua mãe, Sarah. E tem muito que fazer em Nairobi com as festas e as obras de caridade.»

À medida que a amizade entre as três se fortalecia, tanto Hannah como Sarah tinham-se habituado a não fazer perguntas sobre a situação familiar de Camilla. Era claro que ela se sentia embaraçada por não poder retribuir a hospitalidade delas e a única ocasião em que tentara tinha redundado em fracasso. George Broughton-Smith andava em viagem pelas terras altas com o governador e combinou um almoço com a filha e as duas amigas na cidade vizinha de Nanyuki.

Tinha-se esforçado por conversar com as três raparigas mas fora um momento constrangedor. A refeição foi pontuada por explosões de falatório e gargalhadas forçadas, seguidas de silêncios embaraçados que pareciam prolongar-se e ampliar os sons que produziam ao comer. Depois do almoço, George deu vinte xelins a cada uma para gastarem e levou-as ao centro da cidade onde andaram à procura de alguma coisa para comprar nas *dukas* indianas enquanto ele lia um jornal num café local. A viagem de regresso à escola, num magnífico *Bentley*, foi a única parte do dia que recordavam com algum prazer.

— Bem, queiras ou não queiras, Lady Camilla, hei-de fazer-te uma visita. Na velha Inglaterra — disse Piet.

— Vais a Inglaterra? — Hannah olhou, atónita, para o irmão.

— Não a Inglaterra, exactamente. Mas o pai está a pensar que eu podia frequentar um ano na faculdade de agronomia de Aberdeen. — Sorria, saboreando a surpresa no rosto da irmã. — Mas como neste momento é caro para nós, provavelmente irei trabalhar para uma quinta na Escócia. Numa propriedade com uns familiares dos Mackenzie de Mau Narok e...

Hannah virou-se para a mãe e viu que o rosto de Lottie brilhava de satisfação. Também sabia, por isso, certamente fizera parte daquela decisão. Todos sabiam menos ela. Estava ressentida.

— Só foi decidido há dois dias, Han. E é na condição de o pai arranjar alguém para o ajudar enquanto eu estiver fora. — Piet achou por bem mudar de assunto. — Sais a cavalo connosco amanhã de manhã, mãe? Pensei em irmos antes do pequeno-almoço para ver se encontramos a família de chitas que avistei na semana passada.

Sarah sentiu uma ponta de desânimo. Ele tinha dito que iam cavalgar juntos — só os dois. Ficara excitada, na expectativa de uma oportunidade perfeita para passar algum tempo a sós com Piet, desfrutar da sua exclusiva atenção sem ter de partilhar um único precioso momento com mais ninguém.

— De manhã estou ocupada. Eu e o teu pai vamos a uma reunião na fazenda dos Murray — disse Lottie. — Somos capazes de não voltar a horas do almoço mas à tarde estou aqui para as levar à escola, meninas.

— Ninguém consegue entender as intenções do governo hoje em dia. — Jan franziu a testa, servindo-se de outra colherada das batatas novas de Lottie. — Ora falam de dar protecção às minorias, como nós, quando chegar a Independência, ora correm rumores de nos confiscarem as terras. Podemos ser expulsos... as nossas fazendas podem ser adquiridas ao abrigo de algum esquema obrigatório que pode resultar na divisão de Langani em pequenas parcelas para os cafres. — Emitiu uma exclamação de revolta. — Ninguém consegue uma agricultura rentável em lotes de quatro hectares. Com a terra que temos agora já nos vemos aflitos. E a julgar pelos nossos próprios trabalhadores, vão deixar o trigo apodrecer e substituí-lo por milho, que não se dá bem a esta altitude, e hão-de acabar na miséria e a passar fome. É um mau plano, acreditem, e ainda há-de ser pior. Vamos discutir o que podemos fazer por nós no caso de o governo nos deixar ficar mal.

— Isto não é conversa para se ter ao jantar, Jan. — Lottie tentou travar as previsões sombrias do marido. — E deves deixar de usar a palavra «cafre». Já não é considerada aceitável.

— Lottie, nós vamos ter problemas e temos de os reconhecer. — Desta vez Jan não tencionava deixar-se reduzir ao silêncio. — Ninguém aqui em Langani foi atacado durante o movimento dos Mau-Mau e a maioria dos nossos trabalhadores não participou nas cerimónias de juramento. Mas nos próximos dois ou três anos é inevitável que rebentem conflitos. Sobretudo se os ingleses insistirem no plano deles de nos apunhalar pelas costas e partir.

— Discordo — disse Lottie calmamente. — Não me parece que a Independência vá mudar assim tanto as coisas. Os nossos *watu* vivem perfeitamente felizes. Ninguém em Langani se queixa.

— Ainda não passou muito tempo desde que lutei, lado a lado com os nossos vizinhos ingleses, durante o estado de emergência — disse Jan. — Nessa altura precisaram de nós, africânderes, mas agora dá-lhes jeito esquecerem-se disso.

— Temos de deitar esse tempo para trás das costas — disse Lottie com uma expressão firme. — Não podemos viver no passado, Jani. E todos podemos vir a ter um futuro feliz no Quênia.

Jan abanou a cabeça, recordando-se em silêncio. Vira o irmão morrer numa emboscada na floresta nas montanhas de Aberdare, durante a sublevação dos Mau-Mau. A sua unidade passara meses escondida na humidade gelada das florestas, com falta de mantimentos, os rostos enfarruscados, os corpos malcheirosos enquanto perseguiram os grupos terroristas. Haviã rastejado, em noites negras e frias, através da vegetação, no encalço dos quicuios que prestaram juramento e ameaçavam de destruição, terror e assassinatos selvagens as fazendas das famílias brancas. Muitos dos seus vizinhos britânicos e africânderes tinham então partido para a Rodésia ou para a África do Sul ou regressado a Inglaterra.

— Os ingleses não querem saber do que nos aconteça — disse Jan obstinadamente. — Sempre fomos estrangeiros no meio deles. Os africânderes migraram, na sua maioria, mais para norte e oeste, foram para o planalto de Usain Gishu, onde formaram uma comunidade própria. Foram muito poucos os que vieram dedicar-se à agricultura nesta região onde as terras pertencem principalmente aos ingleses. Desde o princípio nunca se misturaram connosco e quando os quicuios tentarem expropriar-nos as terras não vão pensar duas vezes em nós.

— Acho que estás a exagerar — disse Lottie. — Na sua maioria, são pessoas justas. E nós somos bons agricultores. Toda a gente aqui concorda com isso. Não tenho dúvida.

— Os nossos cafres têm casas, comida, medicamentos e educação, sim — disse ele à mulher. — Mas lá no fundo acreditam que estamos a ocupar a terra deles, Lottie. Ainda que não vivesse aqui ninguém quando chegámos e a única vegetação fossem espinheiros. Agora vêem as potencialidades da terra. Depois de o pior trabalho estar feito, querem ficar com ela.

— Temos títulos de propriedade passados pelos ingleses que provam que esta fazenda é nossa desde 1906. Ninguém pode pôr isso em causa. —

Piet inclinou-se, batendo com as costas da colher com força na mesa. — Depois da Independência vou tornar-me cidadão do Quênia e aí serei exactamente igual ao Kipchoge, ao Mwangi e ao Kamau. Com os mesmos direitos.

— Nunca cometas a estupidez de te julgares um deles, Piet. Esses sonhos são perigosos.

— Estás enganado, pai. Tenho amigos leais entre os nossos africanos. O Kipchoge é como... enfim, pertencemos a uma nova geração. Respeitamo-nos mutuamente e vamos trabalhar em conjunto mas em pé de igualdade. No espírito do *Harambee*, como diz o Kenyatta. Vou envolver-me em tudo isto com uma nova perspectiva.

— Estamos rodeados de extremistas que, façamos o que fizermos, não morrem de amores por nós, homem. Olha esse doido, o Odinga. Os discursos dele estão carregados de ódio pelos agricultores brancos. Se chegar ao poder vai destruir qualquer tipo de governo democrático que os ingleses deixarem no país. — Jan sacudiu um dedo na direcção do filho. — Falam de nacionalismo africano mas não passa de um disfarce de comunismo. Olha à tua volta. Vê quantos dos nossos vizinhos estão a vender os seus bens. A pôr o que têm dentro de camiões e a deslocar-se para sul.

— Janni, alguns dos fazendeiros que estão a partir estão cheios de dívidas — disse Lottie. — As fazendas deles correm o risco de ir à falência e a *Uhuru* não passa de uma desculpa para fazerem as malas e partirem e salvarem assim a face.

— E em que é que nós somos diferentes deles? — quis saber Jan. — Não leste a carta do banco?

— Que carta? — Piet ficou surpreso. — Estamos a ter problemas com o banco?

— Janni! A nossa situação é completamente diferente. — Lottie estava visivelmente agitada ao captar a expressão de medo no rosto de Hannah. — Está tudo a correr bem e vamos continuar a administrar a nossa fazenda como até aqui. Além disso, os ingleses nunca consentiriam...

— Os ingleses preparam-se para lavar as mãos de todo o país — interrompeu Jan, com a cara vermelha de fúria. — Para mandar as responsabilidades deles às malvas e varrer os problemas futuros para debaixo do tapete. Exactamente como os belgas deixaram a gente deles no

Congo, permitindo a matança, a violação e a confiscação das terras. O Odinga pode entrar por aqui dentro uma manhã e confiscar Langani para a distribuir pelos amigos... e não haveria nada que nós pudéssemos fazer para o impedir! Temos de nos preparar para a luta se queremos sobreviver a isto.

— Uma coisa dessas não pode acontecer, pai. — Hannah estava à beira das lágrimas. — Vão continuar cá ingleses para assegurar a paz e depois há bons políticos africanos. Já te ouvi dizer isso.

— Não vai ser como o pai imagina, miúda. — Os ombros de Piet estavam curvados e tensos. — A Administração Colonial Britânica há-de apoiar os agricultores que quiserem ficar e conservar as terras. O teu pai vai a todas essas conferências governamentais em Londres, não vai, Camilla? E falam em subsídios de repatriamento para os agricultores brancos que quiserem partir.

— Nem todos os agricultores brancos, Piet — advertiu Jan. — Só os que têm nacionalidade britânica.

— E então? A nossa família tem passaportes britânicos desde que aqui chegou. — Piet reclinou-se, satisfeito por ter apresentado um argumento inquestionável.

— E como é que achas que os obtivemos, hein? Deram aos primeiros africânderes passaportes britânicos e terras porque eles foram colaboradores na Guerra dos Bóeres, menino. Contra o nosso próprio povo bóer. Sabias? Não, estou a ver que não sabias. Os homens que trouxeram para aqui as famílias há sessenta anos estavam, na sua maioria, em fuga. Porque tinham sido informadores. Os passaportes britânicos foram a recompensa por terem traído os seus compatriotas. Se tivessem ficado no sul, teriam sido enforcados nas árvores.

— Isso não é verdade! — Piet estava incrédulo.

— É verdade, embora nunca ninguém na comunidade africânder queira admiti-lo. E os ingleses nunca nos hão-de considerar seus iguais, independentemente dos acordos que tenham feito ou da razão por que os fizeram. Quando chegar a *Uhuru*, não nos vão ligar pevide. — Jan não fez a mínima tentativa para disfarçar o seu cepticismo.

— Não vai ser assim, tenho a certeza. — Camilla estava muito pálida. — O meu pai está a trabalhar na questão da propriedade das terras e da cidadania. Vai garantir que todas as pessoas recebem um tratamento justo.

— Nós somos bóeres, minha querida. Os ingleses não morrem de amores por nós e é-lhes indiferente que fiquemos ou partamos, independentemente do que estiver escrito nos nossos passaportes. E para onde nos repatriavam? Para a Holanda ou para o Reino Unido? Nunca podíamos ir para lá. Para a África do Sul? Nunca pagariam para nos fixarmos novamente num país onde vigora o *apartheid*. Vão virar-nos as costas e dizer «bons ventos os levem!».

— Nunca te ouvi falar assim, pai. — A voz de Hannah não escondia o medo.

— E não é momento para começar — Lottie estava furiosa. — Vou tocar a campainha e pedir ao Mwangi que traga o próximo prato.

— Tenho a certeza de que nada dessas coisas lhes há-de acontecer. — A aflição de Camilla acentuara-lhe a cor e ela soergueu-se na cadeira. — O meu pai trabalha directamente para o ministro de Estado que tem a pasta das colónias. Tenho a certeza que o gabinete dele está perfeitamente a par destes problemas. Nunca tratariam ninguém da forma que está a sugerir.

— Dá ideia que vais seguir a pisadas do teu pai na diplomacia, minha jovem — disse Jan com manifesto sarcasmo.

— Não fiques aborrecida. — Piet inclinou-se para Camilla com a mão estendida para a impelir de novo a sentar-se. — Eu cresci com todos os jovens quicuios, masai e nandi desta região. Sou... sou como um irmão para eles. Desde criança que vamos à pesca e à caça juntos e como na companhia deles. Acredita, é uma geração muito diferente da do meu pai. Nós, os jovens, temos uma relação diferente com...

— Não se pode confiar em nenhum destes *munts*. Não pensam como nós. Não têm as mesmas lealdades. Já te avisei, Piet. És um grande louco, filho, se acreditas no contrário. Só pode levar ao desastre.

— Esta conversa vai ficar já por aqui! — Lottie deu um murro na mesa, fazendo os copos e os pratos tilintar. — Piet, serve o vinho. Janni, agora vamos fazer um brinde aos nossos maravilhosos filhos e às amigas deles. E a um futuro risonho e feliz para todos nós.

Jan ficou em silêncio, lamentando ter sido tão brusco com Camilla. Ela era apenas uma criança de dezoito anos como a filha. Lottie tinha razão. Nunca devia ter começado aquela conversa. Brindaram à saúde uns dos outros mas Hannah tinha os olhos rasos de lágrimas e Sarah teve dificuldade em engolir devido ao nó que lhe apertava a garganta. Ao

pousarem os copos, Camilla sentiu a mão de Piet tocar na sua debaixo da mesa e apertar-lhe os dedos. Depois do jantar sentaram-se à lareira e jogaram charadas. As tentativas desastradas de Jan valeram-lhe salvas de gargalhadas. Sarah ganhou com a maior das facilidades e depois entreteve o grupo com uma série de imitações e ruídos de animais de que todos se riram convulsivamente. Por fim, Jan levantou-se e pôs o braço à volta dela.

— Chega, rapariga tonta. São horas de ir deitar. Amanhã tenho de me levantar cedo e ir visitar uns pastos, já que o Piet trocou o trabalho por mulheres bonitas. E a seguir vou à reunião na fazenda dos Murray. Boa-noite à gente nova.

— As luzes apagam-se dentro de meia hora mais ou menos, meninas. — Lottie abraçou-as, tocando no rosto de Camilla com ternura. — Não fiquem acordadas toda a noite a conversar.

No quarto de Hannah, o *kaross* que cobria os cobertores tinha sido dobrado e colocado em cima de uma arca aos pés da cama. Ela adorava o pêlo fofo e o toque suave das peles de animal que o pai tinha curado e amaciado para ela quando era pequena. Desde então, Lottie tinha-lhe oferecido uma série de novos edredões mas Hannah mantinha-se obstinadamente fiel ao seu *kaross*. Sentou-se e deu uma palmada na cama, convidando Sarah a sentar-se ao seu lado enquanto Camilla se instalava na conversadeira da janela que dava para o jardim. A lua estava cheia e o céu nocturno parecia oferecer uma beleza tranquila e remota que o desacordo, a ganância ou a violência não podiam macular.

— Não me conformo com o que o meu pai disse esta noite — observou Hannah. — Mas talvez se sinta simplesmente triste por este sítio deixar agora de ser o centro do mundo para nós.

— Esquece. Eu toquei numa corda sensível quando me pus com aqueles disparates de não poder voltar para cá. — Camilla parecia ter recuperado a compostura.

— Mas é verdade. Temos passado tempos muito felizes nos últimos cinco anos e é assustador pensar que Langani não fica a meia hora de caminho, à nossa espera aos fins-de-semana — disse Sarah. — Pelo menos para ti, Hannah, vai continuar a ser o centro do mundo. Tu e o Piet vão ocupar-se da fazenda um dia. Ele vai criar a reserva de caça e o *lodge* e...

— Eu sei que é a minha casa e adoro-a. Mas às vezes parece tão longe de tudo.

— Longe de quê, caramba? — perguntou Sarah.

— Das outras pessoas. De tudo o que é novo no mundo. Para ti está tudo bem. Só vens de visita por períodos curtos. Mas se tivesses de viver sempre aqui só com os teus pais...

— E o Piet. Não te podes queixar de ele também cá viver, pois não? Eu não me importava nada de ter um irmão mais velho como ele. — Camilla desviou os olhos do jardim banhado pelo luar.

— Antigamente pensava que ia divertir-me à grande quando os amigos dele aparecessem de visita — disse Hannah, revirando os olhos. — Mas só bebem cerveja e falam de agricultura, política e rãguebi e das raparigas que conheceram em Nairobi ou em Nanyuki. Nem dão por mim.

— Os amigos do meu irmão também nunca me viram como um ser humano. Mas um dia alguém há-de reparar em ti... há-de ver-te com olhos de ver... e será um momento mágico — disse Sarah.

— Sou grande de mais. Grande e forte como os bois do meu pai. Não sei porque não nasci pequena, bonita e morena como a minha mãe. Talvez me devessem ter mesmo mandado para o *boma* dos bezerros!

— Tu és alta, não és grande. Tens um cabelo lindo, forte e louro, e corres como o vento. Quando eu corro, fico com a cara vermelha e tenho vergonha que alguém me veja enquanto não acalmar. E depois jogas bem ténis e montas maravilhosamente. Estavas com um ar tão majestoso hoje no cavalo.

— Majestoso? Isso não é muito atraente.

— Não podemos todas parecer-nos com a Camilla — disse Sarah. — Não é justo que ela tenha uma figura perfeita, grandes olhos azuis e uma pele sem borbulhas. Até tem miolos.

Camilla não disse nada. Parecia estar a contemplar qualquer coisa do outro lado da janela e debruçou-se ligeiramente, dando uma leve pancadinha na vidraça. Depois virou-se, pousou os pés no chão e sorriu-lhes.

— Vens deitar-te? — perguntou Sarah.

— Por enquanto não. Vai indo tu. Eu não demoro.

Sarah saiu para a noite. O ar fresco da montanha deslocava-se à sua volta. Ouviu uma tosse seca à distância, imediatamente atrás da vedação

do jardim. Um leopardo! Se Piet estivesse com ela talvez fossem à procura dele, usando a poderosa lanterna que ele tinha para observar a caça à noite.

A lua derramava uma brilhante tira de luz dentro do quarto e não havia necessidade do candeeiro à prova de vento nem de uma vela. Lavou os dentes na água gelada e meteu-se na cama. Faltavam muitas horas para o dia de amanhã. Sentia o corpo ardente, alvoroçado e impaciente. Como ia suportar a espera pelo dia seguinte para o ver, como ia conseguir dormir? Mas a cavalcada da tarde, o xerez e o vinho combinaram-se para a fazer sucumbir ao sono quase imediatamente.

Não teve a certeza do que a despertou. O som de uma voz ciciada e de uma espécie de riso abafado penetraram a sua consciência. Alerta e intrigada, sentou-se e olhou para a cama de Camilla. Estava vazia. Sarah enfiou os pés nos chinelos e aproximou-se da janela. O alpendre estava banhado pelo luar, frio e branco. As sombras claramente recortadas escondiam os segredos da noite. Na orla da escuridão, Camilla estava encostada à balaustrada de madeira. Depois entrou dentro da luz com uma gargalhada ténue e suave, murmurando palavras que Sarah não conseguiu distinguir. O ar frio agitava as seringueiras e soprava as pregas da camisa de dormir de Sarah contra o seu corpo, causando-lhe arrepios. Então Piet surgiu das sombras e envolveu Camilla com os seus braços. Sarah pôde ver os olhos dela brilhar ao luar. Viu a mão de Piet mover-se e tocar o ponto em que a curva dos seios de Camilla se desenhava por baixo da camisola, viu-a lançar a cabeça para trás e soltar uma gargalhada de prazer.

Sarah ficou paralisada no escuro, tomada de uma dor tão feroz como se tivesse sido apunhalada. Fez um esforço para se afastar da janela mas, apesar de fechar os olhos e de tapar a cabeça com os cobertores, não conseguia extirpar a imagem dos dedos de Piet no rosto de Camilla ao inclinar-se para a beijar na boca.

CAPÍTULO 3

Quénia, Dezembro de 1962

Juntas na plataforma da estação, no nevoeiro matinal, riam e choravam, abraçando as freiras e as professoras que nem uma só vez haviam abraçado durante todo o tempo passado na escola, prometendo ficar em contacto, escrever cartas, visitar-se umas às outras brevemente. Hannah fora à estação despedir-se e estava ao lado de Camilla, a dizer piadas estúpidas, procurando disfarçar a tristeza. Sarah afastou-se, incapaz de encobrir as lágrimas. Parte da sua vida já chegara ao fim e ela sentia-se desajustada, a caminho de um espaço vazio sem princípios orientadores nem caras conhecidas. O chefe de estação indiano surgiu na plataforma. A sua respiração transformou-se em vapor no ar gelado ao interromper as despedidas e conduzir as raparigas que choramingavam e tagarelavam para as carruagens. Fechou as portas com uma pancada, gritou ordens ao maquinista, aos fogueiros e aos camareiros da carruagem-cama. As raparigas correram às janelas, acenando e proferindo as derradeiras despedidas à medida que o comboio se afastava da estação de montanha, deixando no ar um lamentoso assobio ao separá-las para sempre da sua infância.

Ao chegarem a Nairobi ao fim da tarde, grupos de pais aguardavam na plataforma com grandes sorrisos de expectativa. Soaram gritos de boas-vindas quando as crianças e as bagagens foram depositadas na plataforma. Os bagageiros empurraram os carros com os malões da escola até aos carros estacionados. Sarah perscrutou a multidão, tentando adivinhar quem era Marina Broughton-Smith.

— Saidi, *jambo*. A nossa bagagem está além — Camilla interpelou um jovem com uniforme de motorista. — Esta é a minha amiga *memsahib*

Sarah que vai ficar em nossa casa.

— Onde estão os teus pais? — Sarah compreendeu instintivamente que não devia ter perguntado mas as palavras tinham saído antes de ela poder considerar as suas implicações.

— Sabe-se lá. Devem ter tido que fazer. Daqui a nada estamos com eles.

Saidi conduziu-as pelas ruas largas da cidade até à zona residencial de Muthaiga onde avenidas ladeadas de árvores bordejavam hectares de relvados e canteiros de flores bem cuidados. Ao transpor a soleira da porta, a formalidade fria da casa dos Broughton-Smith perturbou instantaneamente Sarah e o silêncio reinante inquietou-a. Achou que era um lugar sem alma, uma impressionante construção em pedra sem qualquer semelhança com um lar no sentido em que o entendia. Seguindo o criado até à ala dos hóspedes no andar superior, não viu sinais dos pais de Camilla. O seu quarto tinha uma cama de dossel, um sofá de veludo com uma poltrona a condizer e uma casa de banho privativa. Era imponente e demasiado espaçoso e transmitia uma sensação de solidão. Pensou que devia ser aquele o aspecto de uma suíte cara de hotel, apesar de nunca ter visto nenhuma. Lá fora, uma grande extensão de relvado era enquadrada por arbustos e um roseiral. Quando abriu a janela, o ar estava frio e pairava uma fragrância doce de flores.

Durante os anos que passaram na escola, nunca os pais de Camilla tinham convidado nenhuma das suas amigas a ficar em casa deles e Sarah aceitara o convite com um misto de alegria e curiosidade. Mas a imagem de Piet e Camilla ao luar quase tinha destruído a amizade entre ambas. O passeio a cavalo do dia seguinte fora uma tortura pois fora com extraordinária dificuldade que se comportara com despreocupação e conversara casualmente com Piet como se nada se tivesse passado. Durante todo o dia, interminável e arruinado, lutou para esconder a dor e a hostilidade. De regresso à escola, tinha convivido com esse sentimento de traição, esperando que Camilla mencionasse o incidente e oferecesse alguma explicação. Mas Camilla não adiantara nenhuma. Parecia não ter reparado nos seus modos distantes e, embora houvesse momentos em que fervia de fúria, Sarah sentia relutância em confrontá-la directamente. Procurou convencer-se de que Piet nunca pensara nela senão como uma irmã mais nova. Mas isso só servia para exacerbar os seus ciúmes. Então começaram os exames e ela afastou tudo o resto do pensamento, passando

todos os momentos livres a estudar, até que um dia não conseguiu encontrar os apontamentos de Biologia.

— Peguei neles ontem — disse Camilla. — Sabia que não te importavas.

Foi a espoleta arrancada à granada e a fúria de Sarah explodiu. — Importo-me pois — gritou. — Parece que pensas que podes pegar em tudo o que queres sem pedir porque és uma amiga da onça. Não és minha amiga e muito menos minha irmã e, quando sairmos daqui, nunca mais te quero ver. Nunca mais!

A expressão de Camilla foi de perplexidade absoluta e abriu a boca para protestar mas Sarah estava lançada e toda a sua infelicidade reprimida saiu numa torrente. Camilla tentou desculpar-se, jurando não ter provocado o incidente, o que enfureceu Sarah ainda mais.

— Quero lá saber quem é que o provocou — disse ela, encolerizada. — Sabias muito bem o que eu sentia pelo Piet. Agora não te aproximes de mim. Só quero acabar os meus exames e voltar para casa.

Camilla sentou-se, branca e em estado de choque, sem dar sinais da sua habitual compostura. — Prometeste vir para Nairobi — disse ela. — Ficar em minha casa. Está tudo combinado.

Começou a chorar, abrupta e descontroladamente, e Sarah virou-se, atónita. Nunca tinha visto Camilla chorar. Ninguém tinha visto. O seu corpo sacudia-se e ela debruçou-se, com o rosto enterrado nas mãos, implorando por entre os soluços.

— Por favor, Sarah. Por favor. Tens de vir comigo. Não posso ir para casa sozinha. Não me podes virar as costas, Sarah, por favor. Preciso que venhas para Nairobi. Tu e a Hannah são tudo o que eu tenho e agora que a escola está a terminar temos de continuar juntas. Temos. Fizemos essa promessa.

Foi a promessa que abalou a determinação de Sarah e a levou a Nairobi. Na noite da sua chegada, conheceu Marina Broughton-Smith e viu imediatamente a origem da beleza de Camilla. Mãe e filha possuíam o mesmo rosto oval, emoldurado por um cabelo louro-claro, os mesmos olhos azuis e pele macia, o nariz direito e a boca perfeitamente desenhada. É Botticelli puro, pensou Sarah, mas a sua expressão é triste. As mãos de Marina pareciam estar em constante movimento, gesticulando em todas as direcções, tocando ao de leve em jarras de cristal e livros encadernados a

couro, pousando por um brevíssimo momento no cabelo claro e afagando as pérolas do colar. A sua presença parecia permear a sala e propagar uma onda de incerteza à sua volta. A sua voz era delicada e ligeiramente ofegante e sorria generosamente, mas qualquer coisa nos seus olhos falava de uma alma frágil.

— Espero que gostes dos breves dias que vais ficar em Nairobi, minha querida. É um prazer ter cá uma amiga da Camilla. Sally Mackay, não é? — Marina debruçou-se e fez lembrar a Sarah fotografias da rainha quando se debruçava para aceitar um ramo de flores. — Temos amigos escoceses com o apelido de Mackay, em Blairgowrie. Será que és aparentada com eles? Visitamo-los na época da caça. Pelo menos visitávamos, antes de o George nos prender aqui o ano todo.

— Sarah... o meu nome é Sarah. Não somos aparentados com essa família. Os meus pais são irlandeses. Não têm nada a ver com a Escócia, embora há muitos anos talvez...

— Ah, compreendo. Que interessante! Tão cheios de encanto e palavras bonitas, os irlandeses. — O sorriso de Marina iluminou-se e apoderou-se-lhe do olhar. Por qualquer razão inexplicável, parecia aliviada. — Também temos amigos irlandeses. São pessoas do condado de Kildare ligadas às corridas de cavalos. Talvez os teus pais conheçam a coudelaria dos O'Dwyer? É uma propriedade maravilhosa.

— A minha mãe é oriunda de Sligo e o meu pai do condado de Monaghan. — Sarah observou a subtil perda de interesse no rosto de Marina ao ver escapar a probabilidade de conhecimentos comuns. — Acho que nunca estiveram envolvidos na criação de cavalos. Mas talvez tenham tido...

— O pai da Sarah é médico — disse Camilla. — Trata de pessoas e não de cavalos, mãe. Não é um campo que te interesse muito.

O sorriso de Marina desvaneceu-se por completo e um brilho súbito assomou aos seus olhos. Sarah desviou o olhar, embaraçada pela observação mordaz, consciente de que Camilla tinha magoado a mãe. Marina virou-se, como um animal ferido, de ombros caídos.

— O condado de Monaghan. Essa fronteira conflituosa está cheia de vilórias horríveis. É tudo muito cinzento e desolador. Mas uma vez passei de carro por Sligo e achei a região muito agreste e pitoresca, com Yeats e tudo isso... muito encantador. — Tocou fugazmente no braço de Sarah,

claramente ansiosa por se retirar. — Bem, tenho de me despachar, minhas queridas. Tenho de estar no clube às sete. O Saidi pode levá-las ao cinema mais tarde, se quiserem.

Sarah sentia-se cada vez mais intrigada com a rotina da casa à medida que a semana ia avançando. Na maior parte dos dias, não havia sinais de Marina até cerca das seis horas, altura em que aparecia na sala de estar, requintadamente vestida para um beberete ou um jantar, de copo na mão. Bebericava e fumava vários cigarros, folheando uma revista ou um livro enquanto esperava pelo marido. Quando George chegava, beijava-a ao de leve, perguntando-lhe como passara o dia com uma estranha e antiquada formalidade que Sarah apenas conhecia das páginas de romances de costumes. Mas com Camilla ele era diferente e existia um verdadeiro laço de afecto entre ambos. À mesa do pequeno-almoço abraçava a filha com entusiasmo e interessava-se visivelmente pelas suas perguntas e opiniões e pelos seus planos para o dia. Era um homem grande e atraente, um pouco forte de mais, mas que vestia fatos de corte impecável que escondiam qualquer excesso de peso. O cabelo era forte e ondulado, quase branco, mas o rosto bronzeado não apresentava rugas, como se alguém as tivesse alisado com um ferro e deixado a sua pele como era quando ele era criança. Usava um grande anel de sinete com um brasão gravado. As mãos macias fascinavam Sarah e as suas unhas eram nítidas ovais envernizadas. Parecia-lhe que eram arranjadas. Camilla olhava para ele com uma expressão suave e vulnerável e gostava de passar o braço pelo dele e de lhe pegar na mão quando lhe falava.

No entanto, os Broughton-Smith raramente passavam o serão em casa e, assim que George punha o fato de noite, saía com a mulher para participar no evento social que constasse da sua agenda desse dia. Ao pequeno-almoço nunca havia sinais de Marina. Mas à noite, muito depois de se deitar, Sarah ouvia os passos leves dela a recolher ao quarto, seguidos muito mais tarde da passada pesada e até cansada de George a subir as escadas.

— Os teus pais são mesmo pessoas ocupadas — observou Sarah na segunda noite da sua estadia. — Quando falas com eles sobre o que vais fazer agora? Ou sobre o que quer que seja?

— Matricularam-me num curso de História da Arte em Florença. Sabes disso. Um desses sítios que as raparigas frequentam quando não têm mais

nada que fazer. E a seguir estou inscrita num curso horroroso em Londres, para aprender dactilografia e estenografia, boas maneiras e maquilhagem. É para meninas de boas famílias que querem ser secretárias durante minuto e meio antes de casarem. Um pavor. Depois disso posso candidatar-me a uma das escolas de arte dramática, quando tiver adquirido uma rede de segurança.

Sarah ficou surpreendida. — Porque não entras para a universidade e te inscreves num grupo de teatro? Há sempre quem apareça nas produções universitárias à procura de novos talentos.

— Não quero passar mais três ou quatro anos a fazer exames e a aprender coisas que não preciso de saber. — A expressão de Camilla era calma mas Sarah reparou que tinha as mãos muito apertadas e o corpo tenso. — Estão sempre a dizer que não devo esperar singrar no palco só porque entrei em peças na escola e aqui em Nairobi. Não é que alguma vez tenham ido ver-me, à excepção de uma vez, numa coisa de beneficência que a minha mãe ajudou a organizar.

— Pois é, suponho que com a agenda que têm... — Sarah deixou morrer a frase.

— Não percas tempo a inventar-lhes desculpas. Ignoram as minhas aspirações, contando que eu desanime ou me esqueça delas. Mas não esqueço. Vou ser uma actriz genial e é tudo o que quero.

— Talvez se fales novamente com eles, agora que a escola acabou, consigas fazer-lhes ver que não é má ideia candidatares-te já a uma escola de arte dramática.

— Eles só vêem o que querem ver e eu não vou perder mais tempo a discutir com eles. O meu pai está desiludido por eu não querer seguir a carreira diplomática e a minha mãe só se interessa pelas minhas eventuais perspectivas de casamento. Ofereceram-me um compromisso que considero aceitável. E depois posso fazer a minha vida.

— Mas são os teus pais. Às tantas não compreenderam o que uma carreira de actriz significa para ti, a que ponto é um desejo sério.

— Ora, deixa lá, Sarah. Não vão ligar nenhuma ao que eu quero. Vamos mas é sair deste mausoléu e divertir-nos.

Passaram a manhã no Muthaiga Club, a relaxar na piscina. Sarah estendeu-se ao sol, sentindo o calor envolver-lhe o corpo e contente por estar longe da casa silenciosa e opressiva. Camilla usava um grande

chapéu, sentada debaixo de um guarda-sol. Circulavam empregados com bebidas frescas, refeições e folhas de papel brancas e cor-de-rosa que ela assinava. Uma sucessão de amigos e conhecidos apareceu para trocar mexericos de Nairobi, combinar partidas de ténis e discutir convites que todos tinham recebido para as mesmas festas e bailes. Sarah sentiu-se excluída, intimidada pelas conversas sobre os acontecimentos da semana entre os protagonistas da cena social de Nairobi. Camilla bebeu grandes copos gelados de *Pimm's* ao almoço e, quando se preparavam para partir, Sarah ficou apreensiva ao ver que ela estava com dificuldade em ter-se de pé.

— Eh, estás tocada?

— Provavelmente. Mas depois de dormir a sesta fico bem. A tempo da hora da inspecção antes de eles saírem à noite.

O motorista estava sempre disponível para as levar para o centro de Nairobi, onde Camilla parecia passar grande parte do tempo. Arranjavam uma mesa numa esplanada no Thorn Tree Café onde pediam café gelado. Camilla conhecia toda a gente e parecia interessada em todos os aspectos da vida das pessoas, perguntando por filhos e netos, irmãos e amantes, *handicaps* de golfe e pontuações de *bridge*.

— Como é que te lembras dos amigos e parentes e dos vários pecadilhos de toda esta gente?

— Todas as pessoas têm uma história, sabes? Até um velho desinteressante com dentes amarelos e um casaco de caça puído tem qualquer coisa de espantoso para contar. Aprendi a observar o meu pai. É uma coisa que ele está sempre a fazer no trabalho dele e é muito bom. E quer dizer que tenho sempre alguém com quem falar.

As palavras eram uma admissão de solidão de tal modo absoluta que Sarah desviou os olhos para esconder um sentimento desagradável de piedade. Ocorreu-lhe a ideia de que aqueles transeuntes eram uma família substituta para Camilla mas afastou-a, considerando-a tonta e rebuscada.

— Mas nunca lhes contas nada sobre ti própria — disse, enquanto Camilla acendia outro cigarro.

— Todos conhecem os meus esplendorosos pais e pensam que eu tenho de ser forçosamente como eles. — Camilla observava os veículos de safari a serem carregados com baús metálicos, malas de couro caras e caixas de madeira com armas e munições. — Olha para os montes de bagagem que

levam... para que é que precisam daquilo tudo no meio do mato? — perguntou.

— Bolas, só queria ser rica e estar de partida para o meu acampamento de tendas. Caçadora branca, feições rudes, grande espingarda, leões a rugir de noite.

— Primitivo e suor a mais. Mas imagino-te perfeitamente nisso. Quando o Piet criar a reserva de caça dele podes acompanhá-lo. — Sarah desviou os olhos mas Camilla captou a expressão de sofrimento. — Oh, por amor de Deus, Sarah, já te pedi desculpa dezenas de vezes.

Sarah hesitou, com vontade de comentar mas relutante em deixar a infelicidade manifestar-se durante a sua estadia em Nairobi. Continuou sentada em silêncio, observando Camilla a lançar cativantes sorrisos a toda a gente e a olhar através das suas longas pestanas.

— Anthony. Estás de partida para um safari?

— Vou com um dos caçadores da Ker and Downey como suplente. Quatro clientes, com três a caçar. Um está com um ar um tanto abalado esta manhã. Acho que deu conta de uma garrafa de *whisky* ontem à noite no Long Bar. Vamos estar fora cerca de um mês. Queres vir comigo?

— Era o que faltava. Não tenho qualquer interesse em partilhar um acampamento de safari no meio dos pântanos com um bando de estranhos.

— Eu não sou um estranho. Tenho espaço na minha tenda.

— Não sejas ridículo, Anthony — Camilla estava a rir. — Apresento-te a minha amiga Sarah Mackay. Anthony Chapman.

Ele sentou-se na companhia delas e pediu cervejas *Tusker* para todos. Sarah ficou imediatamente seduzida pelos seus modos directos e a forma como olhava para ela com frontalidade. Tinha olhos castanhos, um pouco semicerrados, e o nariz aquilino dava-lhe um ar um tanto distante, mas o seu sorriso realçava uma boca sensual. Tinha cabelo arruivado que usava bastante comprido e formava caracóis atrás, sobre o colarinho da camisa, e o rosto e as mãos estavam bronzeados e salpicados de sardas. Estava sentado, absolutamente imóvel, enquanto escutava como um animal na selva, usando todos os seus instintos para absorver e compreender os sons e os significados do meio envolvente. Mas o seu riso era desinibido e ela cumulou-o de perguntas sobre a sua vida no mato, escutando com extasiada atenção as suas descrições dos dias passados em acampamentos.

— Já participei em safaris — disse Sarah —, mas sempre no carro da família e poucos dias de cada vez. Ficámos em *bandas* independentes em Tsavo e Amboseli e eu não queria voltar para casa. Mas acho a parte da caça triste. É cruel. Admira-me que sejas capaz de matar se gostas verdadeiramente dos animais.

— A caça é cuidadosamente controlada, sabes? Não se pode ir para o mato e andar aos tiros a tudo o que mexa. Não se mata à toa.

— É matar na mesma — Sarah não queria antagonizá-lo, mas o tópico era importante para os seus planos futuros. — Matam-se elefantes, leões, búfalos e leopardos. Aliás, pode-se abater o que se quiser para decorar as paredes das bibliotecas, não é?

— Não é bem assim. — Ele apagou um cigarro, enervado com a ignorância dela. — É preciso pedir uma licença para matar cada espécie individual, seja búfalo, cudo ou leopardo. A maioria dos clientes quer pelo menos dois dos cinco grandes, é certo, mas nem sempre consegue.

— Mas as probabilidades são contra os animais. São praticamente indefesos, confrontados com homens armados de espingardas poderosas, carros rápidos e o desejo de matar — observou Sarah.

— Nós não matamos de carros rápidos. Nem tão-pouco de carros lentos. Há regulamentos acerca da distância do veículo, do próprio animal e por aí fora. — Longe de ficar aborrecido, Anthony estava agora a apreciar a conversa. — É preciso andar a pé. Cada passo que se dá produz um som ou um sinal que um búfalo ou um leão, escondido no mato denso, é capaz de ouvir muito antes de o caçador se aproximar. E, além das nossas licenças de caça, só caçamos para comer. Para alimentar o acampamento.

— Apesar disso tudo, são animais que matas — disse ela obstinadamente.

— Como o teu carnicheiro — retorquiu ele, sorrindo-lhe.

— Dá-me ideia que me lembro de ver a Sarah ainda não há muito tempo a atacar uma perna de impala — disse Camilla, deliciada. — Sentia uma admiração profunda pela pessoa que matou o inocente animal e o pôs na mesa.

Inevitavelmente o rosto de Sarah cobriu-se de cor.

— Parece que a tua auréola está a esbater-se. — Anthony franziu a testa. — Temos uma população que está a crescer demasiado depressa, Sarah, e

a procura de terrenos de cultivo tem aumentado imenso. A conservação irreflectida de toda a caça não funciona.

— Eu sei disso tudo. Temos amigos agricultores e por vezes eles têm de abater um leopardo que matou cabeças de gado ou desembaraçar-se de um búfalo que andou a pisar as *shambas* dos trabalhadores. Compreendo muito bem a necessidade de equilíbrio. Mas não é o mesmo que matar por prazer.

— Suponho que a diferença é ténue. Mas o dinheiro das licenças de caça paga para ter guardas-florestais a patrulhar as reservas e os parques. Pelo menos, em teoria.

— O mais certo é ir parar às mãos de um político qualquer para comprar outro *Mercedes* ou uma nova mulher — disse Camilla vivamente.

— Não te podes dar ao luxo de ser tão cínica aqui — disse Anthony. — Parte do dinheiro chega ao destino pretendido e isso é melhor que nada. E os próprios caçadores profissionais são guardas-florestais bastante competentes. São os primeiros a participar actividades ilegais ao Departamento da Caça e muitas vezes travam a caça furtiva de rinocerontes e elefantes.

— Estás então a dizer que os meios... como atirar às magníficas presas de elefantes velhos, por exemplo... justificam os fins. — Sarah não estava convencida.

— Mais uma vez em teoria, sim. — Anthony puxou o chapéu de couro para trás e esvaziou o copo. Os seus olhos já não estavam sorridentes. — Anda por aí muita desonestidade política, é certo. Depois da Independência, há-de agravar-se ainda mais se a corrupção se tornar séria, o que é mais que provável. Sabe-se lá o que pode acontecer então.

— Que cenário negro — disse Sarah. — Espero que ainda fiquem pessoas como tu, para continuarem a defender a causa da sobrevivência da vida selvagem.

— Pareces muito interessada no tema.

— E está — interpôs Camilla. — É como tu, do género paladino. Tencionas estudar zoologia e, quando se formar, vai voltar para cá e trabalhar em conservação. Dar o contributo dela para salvar o país.

— Parabéns. Talvez um dia venhamos a trabalhar juntos. Tenho um amigo que planeia criar uma reserva de caça privada na fazenda dele. Vai construir um pequeno *lodge* de onde as pessoas possam observar os

animais longe dos grupos de turistas barulhentos. Quando tiver algum dinheiro disponível, quero investir pessoalmente no projecto.

— Onde vai ser? — Sarah debruçou-se, incrédula.

— Num sítio chamado Fazenda de Langani. Vai ser organizado por um amigo meu de longa data. Piet van der Beer. Por sinal, é perto da terra onde vocês estiveram enclausuradas. — Ouviu as exclamações delas, surpreendido com a coincidência. — Pois é, o plano dele é estupendo embora não seja fácil arranjar o dinheiro para isso. Mas o Piet é bom tipo e se alguém é capaz de concretizar um projecto assim é ele. — Anthony voltou a sua atenção para Camilla. — Então quais são as últimas novidades?

— Tudo igual. — Ela encolheu os ombros. — Os meus pais continuam a insistir que a carreira que escolhi é demasiado boémia, o que quer que isso signifique. Acho que nenhum deles alguma vez viu o que quer que seja de boémio. Portanto, concordei em obter qualificações respeitáveis antes de entrar para a escola de teatro. Não falemos do assunto. De uma coisa podes estar certo, dentro de pouco tempo vou ser bela, esplendorosa e célebre.

— Já tens muitas dessas qualidades. — Semicerrou os olhos ao tocar-lhe levemente no pulso e Sarah viu o braço nu de Camilla cobrir-se de uma reveladora pele de galinha. — Vou ter com os meus clientes. Prazer em conhecer-te, Sarah. Porta-te bem, Camilla. Tenho os meus espiões, vou estar de olho em ti à distância. Não queres ir comigo à festa de Natal no Muthaiga? Os meus clientes vão provavelmente querer vir passar dois dias à cidade nessa altura.

— Talvez. — O prazer evidente no sorriso dela desmentiu o tom indiferente da resposta. — Foi uma surpresa ver que sabias do grande projecto do Piet.

— Nós, os bons, temos de nos manter unidos. *Salaams* às duas.

Sarah viu-o afastar-se em largas passadas, os membros demasiado compridos, num movimento fluido e elegante. Quando ele saiu do alcance da voz delas, virou-se para Camilla.

— Tens um admirador.

— Ora, não passa dum galago. — Os olhos de Camilla seguiram-no enquanto ele entrava para o *Land Rover* e se afastava. — Mas devo dizer que fica estupendo em cima dum cavalo. Já o vi jogar pólo. Mas dá-se

melhor num todo-o-terreno cheio de pó, aos solavancos num ermo qualquer.

— Ele é muito mais do que isso. É inteligente. Apaixonado pelo que faz. Além disso, é atraente.

— Demasiado magro e ruivo. Há muitos iguais a ele.

— Deixa-te disso, Camilla. Acho que estavas toda alvoroçada há bocadinho.

— Não é um *cowboy* do Quênia que me há-de desencaminhar. Ele não se encaixa de todo nos meus planos. Vamos voltar para a piscina do Muthaiga. Está demasiado calor aqui.

— Querida — Marina estava na sala de estar quando elas chegaram a casa ao fim da tarde. — Vamos jantar fora mas o papá chegou mais cedo. Vai já descer. Vamos tomar uma bebida juntos.

— Prepara-te — murmurou Camilla entre dentes. — Vamos ter o quadro da família feliz como nunca imaginaste.

George Broughton-Smith preparou os *cocktails*. O som do gelo a cair nos copos foi amplificado pelo silêncio na sala e Sarah pensou na sala de estar em Langani com todos a conversar, a rir e a trocar opiniões alegremente. Interrogou-se sobre quanto tempo Camilla teria vivido naquele ambiente desolador e se os pais sempre teriam sido tão distantes.

— Então há novidades da alta-roda de Nairobi? — perguntou George, olhando afectuosamente para a filha.

— Não. Encontrámos o Anthony Chapman. Fartou-se de falar de conservação e dinheiro para os parques nacionais. O cavalo de batalha dele.

— Precisamos de jovens assim por cá. Sobretudo agora.

— Ele acha que a corrupção e a caça ilegal vão aumentar depois da Independência — disse Camilla.

— Infelizmente estou de acordo. Gostava de poder afirmar o contrário, mas já se vêem indícios numa escala relativamente grande.

— Nem tudo há-de ser mau.

— Claro que não. Mas é normal os políticos acabados de chegar ao poder perderem a cabeça com subornos e com o acesso a somas de dinheiro mais avultadas do que alguma vez imaginaram.

— Não misturemos a política com as bebidas, George. Há muitas coisas a acontecer que são muito mais divertidas para as pequenas. — Os dedos pálidos de Marina pousaram passageiramente no braço de Camilla. — Estava a pensar se gostariam de ir almoçar amanhã a Limuru. Acham boa ideia?

— Já combinámos com o Saidi para nos levar ao Parque Nacional de Nairobi de manhã e pensámos em levar um piquenique. Pode ser que nos cruzemos com um leão ou até um rinoceronte.

— Que pena — disse Marina, com uma expressão infantil de desapontamento. — Convidei a Chantal Dubois da Embaixada francesa para almoçar connosco. Ela vai levar a filha que tem a vossa idade. Tenho a certeza de que a Sarah também ia gostar dela.

— A Sarah interessa-se mais pela vida selvagem e por pessoas como o Anthony Chapman — declarou Camilla. — Ou os van der Beer. — Camilla virou-se para o pai. — Como é que o governo britânico vai indemnizar os agricultores cujas terras forem dadas aos africanos depois da *Uhuru*, papá?

O criado fardado chegou, com uma bandeja de elaborados canapés. Sarah sentiu uma fome avassaladora, uma necessidade de escapar à tensão que a rodeava. Amontoou várias das pequenas iguarias num prato, descobrindo que mais ninguém estava a comer. Ficou a olhar para elas, embaraçada.

— A que propósito é que te interessas pelas indemnizações à agricultura? — George Broughton-Smith olhou surpreendido para a filha. — A tua mãe não há-de ficar nada satisfeita se comesas a mostrar interesse pela política.

Camilla voltou a atenção para o prato de canapés.

— Uma vez conhecestes a minha amiga Hannah, papá. Eu, ela e a Sarah somos como irmãs ao fim de todos estes anos. A família dela é proprietária da fazenda onde eu e a Sarah passámos todos os nossos fins-de-semana livres. É o meu lugar preferido no mundo... o lugar onde sempre fui verdadeiramente feliz.

Sarah apercebeu-se da expressão angustiada de Marina e tentou freneticamente pensar numa maneira de assumir o controlo da conversa para a desviar noutra direcção. Mas Camilla tinha conseguido reter a atenção do pai e estava determinada em aproveitá-la ao máximo.

— Eles querem ficar depois da Independência e tornar-se cidadãos quenianos. Mas têm medo que os obriguem a vender as terras por uma ninharia ou a entregá-las para algum esquema de repovoamento.

— Não vejo necessidade de fazeres tuas as preocupações da comunidade de agricultores do Quênia, querida — disse Marina. — Já tiveram muitos anos de prosperidade. Tenho a certeza de que aqueles que são competentes puseram de lado quantias de dinheiro consideráveis. Quase todos têm contas bancárias numeradas no estrangeiro. Não precisamos de fazer nenhuma colecta para eles. — Fechou os olhos como que para estancar qualquer outra referência a agricultura e política.

— Isso é uma ideia largamente difundida, minha querida, mas está muito longe da verdade — disse George. — Alguns destes agricultores vão ficar numa situação muito difícil quando chegar a Independência.

— Vão dedicar-se à agricultura em Inglaterra. Ou em qualquer terra agreste e desagradável como a Austrália.

— Não estás a compreender o problema, mãe. Estamos a falar de africânderes de terceira geração. A vida deles é aqui no Quênia. Não têm outra pátria.

— Bóeres. Extraordinário. Ouvi dizer que usam roupa e chapéu pretos e ainda se deslocam em carroças de cavalos. Como essa gente estranha na Pensilvânia que vive em celeiros sem electricidade. Alguém quer mais uma bebida? Sally?

— É Sarah, não é Sally — disse Camilla, irritada. — E não estamos a falar de americanos estranhos. Estamos a falar dos van der Beer... a minha segunda família.

— Não quero beber mais nada, obrigada. — Agora que lhe tinham finalmente dirigido a palavra, Sarah apressou-se a participar na conversa. — São pessoas estupendas. Uma família maravilhosa, totalmente dedicada, e o filho espera um dia tomar conta da fazenda. Têm quilómetros de searas e muitas cabeças de gado. Eu e a Camilla passámos lá tempos fabulosos.

— Ai sim? Não estou a ver a Camilla a ordenhar vacas, embora ela nos garanta que é capaz de desempenhar qualquer papel. — Marina sorriu e levantou o copo com uma mão trémula.

— O Jan van der Beer ensinou-nos a pescar trutas em Langani e demos muitos passeios pelo mato, aprendendo a seguir o rasto dos animais e a

identificar aves. Andámos a cavalo pela savana entre as zebras e as gazelas — disse Sarah. — É um lugar extraordinário e seria uma tragédia ver tudo isso ser-lhes tirado e destruído.

— Nunca me interessei por fazendas. — A expressão de Marina endurecera. — Há moscas por todo o lado quando se tem gado. — Olhou directamente para o marido atrás de Sarah. — George, acho melhor mandares vir o carro, querido.

— Estes agricultores têm dois anos depois da Independência para decidir se querem tornar-se cidadãos quenianos. — George ignorou o pedido da mulher. — É arriscado, claro, e é verdade que o governo britânico vai comprar algumas propriedades para dividir em parcelas e atribuir às gentes locais em regime cooperativo.

— Sim, mas o Jan e a Lottie não querem vender — disse Camilla. — E além disso acham que nunca receberiam um valor justo.

— Há discordâncias a respeito do valor das indemnizações a oferecer — admitiu George. — E há muita gente que está revoltada com a extensão das áreas que estão a ser destinadas a aquisição obrigatória e redistribuição... mais de quatrocentos mil hectares, para ser mais exacto. Pessoalmente, não acredito que essas grandes fazendas possam ser divididas em pequenas propriedades e continuar viáveis. Mas será o nascimento de uma nova classe de proprietários rurais nativos. Isso só por si poderá travar a violência no futuro.

— Mas a família da Hannah é bóer, papá. Que é que lhe vai acontecer?

— É complicado. Alguns poderão voltar para a África do Sul ou talvez para a Rodésia. Outros poderão pedir cidadania queniana. Mas os pedidos deles poderão não ser apreciados favoravelmente. Os agricultores africanos não souberam conquistar a estima da comunidade britânica nem da africana ao longo dos anos. Nunca procuraram integrar-se seriamente. Exactamente como os asiáticos, ainda que a comparação não agrade nem a uns nem a outros.

— Mas podes debruçar-te sobre a situação dos van der Beer? Verificar se é provável que a propriedade deles seja incluída numa proposta de aquisição do governo? Talvez até pudesses encontrar-te com o Jan e falar com ele, papá. — O tom de Camilla era de súplica. — Ele tem sido estupendo comigo e com a Sarah. A Lottie é a nossa segunda mãe. Talvez

pudesses convidá-los para virem cá a casa da próxima vez que estiverem em Nairobi.

— Não é possível arranjar tempo para receber os teus amigos agricultores, Camilla. — Os olhos de Marina estavam cobertos de um brilho vítreo. — Os compromissos do teu pai já assim são medonhos. Estou certa de que existem vias oficiais, querida, e não me parece que precisemos de nos envolver.

— Mãe, os van der Beer transformaram os meus dias de estudante num tempo inesquecível. Trataram-nos como filhas. Sempre que ia para a fazenda sentia-me como em casa. Como parte da família. Uma família que tu nunca serias capaz de imaginar.

Marina pestanejou e levou uma mão à cara como se tivesse sido esbofeteada. — Esta é a tua família, Camilla, e nós temos as nossas próprias tradições.

— Estamos ambos gratos aos van der Beer pela hospitalidade e generosidade que tiveram contigo — declarou George. — Vou tentar ver o que se passa com as fazendas dessa região. Entretanto, temos de ir andando, Marina.

Quando eles saíram de casa, Sarah sentiu-se aliviada e descontraíu. Estava ansiosa que a visita terminasse para voltar para a normalidade da sua própria casa. As raparigas jantaram e depois passaram à sala de visitas para uma feroz partida de *Scrabble* que devolveu a alegria a Sarah.

— Um típico serão bem passado nos Broughton-Smith. — Havia resignação na voz de Camilla. — A minha mãe habita um mundo de fantasia que o pobre do meu pai parece incapaz de penetrar. Talvez seja melhor assim. Se ela tivesse de enfrentar a vida real era capaz de se desintegrar completamente.

— Dá ideia que tu e a tua mãe não conseguem comunicar uma com a outra — disse Sarah cautelosamente.

— Há uma coisa que prometi a mim mesma — Camilla levantou-se abruptamente e Sarah reparou que ela tinha cerrado os punhos com toda a força. — Juro que nunca hei-de ser como eles. Nunca. Hei-de fazer tudo e mais alguma coisa para ser diferente. Vá, vamos para a cama.

Estavam a arrumar o tabuleiro de *Scrabble* quando ouviram a porta de entrada abrir.

Soou um murmúrio de vozes no vestíbulo. — Está calada — sussurrou Camilla —, senão somos apanhadas noutra discussão.

— Vou tomar um conhaque — estava George a dizer. — Acompanhas-me?

— Talvez. Se parares de me dar sermões.

Entraram no escritório, deixando a porta aberta, o que impediu Camilla e Sarah de se aproximarem da escada sem serem vistas.

— Não te estou a dar sermões, Marina. Os amigos da nossa filha são muito importantes para ela e isso é uma coisa que ainda não entendeste. — O tom de George era apaziguador. — Acho que devias ser menos desdenhosa em relação aos van der Beer. Durante estes anos todos não puseste nenhuma objecção a que recebessem a Camilla todos os fins-de-semana e nas férias.

— Como é que eu podia viajar até tão longe por essas estradas cheias de lama? As minhas enxaquecas...

— O Saidi ter-te-ia conduzido.

— Ficar naquele clube deprimente e falar com esses campónios boçais e com as mulheres mal vestidas com permanentes exageradas?

— Podias ter tentado conversar com a tua filha.

— A Camilla nunca devia ter sido posta numa escola com gente como...

— Por amor de Deus, Marina! O mundo está cheio de pessoas autênticas e normais que tu nem sequer és capaz de reconhecer.

— Autênticas e normais como tu, presumo. — As palavras jorraram como gotas de ácido. — Estou farta de ver o mundo do teu ponto de vista, George, e decidi que estou mais segura dentro de paredes construídas por mim.

— Mas tu nunca pensas na Camilla. Nunca. Só temos uma filha, Marina, e...

— Era pouco provável que eu tivesse mais filhos, George. Disso trataste tu. E eu esforcei-me com a Camilla. No princípio, fiz um esforço enorme — Marina estava a chorar. — Não queria que ela saísse de ao pé de mim. Mas também me criticavas por isso.

— Porque tu a asfixiavas. Ela era uma obsessão, não era uma filha. Nunca a deixavas brincar com outras crianças. Era como se o resto do

mundo tivesse uma doença infecciosa terrível. Para a Camilla era como estar numa unidade de infecto-contagiosos.

Sarah tapou os ouvidos e olhou para Camilla com uma expressão suplicante. Mas não havia agora maneira de escapar. Se tentassem chegar às escadas tornar-se-ia claro que tinham estado à escuta. Camilla abanou a cabeça. A angústia turvava-lhe os olhos e ela encolheu os ombros desanimadamente em jeito de desculpa.

— Vivia no terror de que lhe acontecesse alguma coisa. — A voz de Marina era suplicante e elas ouviram o estalido do isqueiro dela e o som que ela produziu ao puxar uma fumaça.

— E depois abandonaste-a. Saías todos os dias e deixava-la com a ama. Por causa do teu novo amigo, sem dúvida.

— Nunca mais voltas a falar nele — Marina elevou a voz. — Nunca mais menciones o nome dele nem toques no assunto. Estás a ouvir? Estás, George?

— Santo Deus — disse George numa voz cansada. — Não adianta de nada repisar este tema. Dei-te uma alternativa. Acho que seria a melhor solução para ti. Deus sabe que qualquer coisa seria melhor do que isto.

— Uma separação? Para eu viver sozinha na pasmaceira de uma aldeola qualquer no Sussex e aderir à Associação de Mulheres local enquanto tu viajas pelo mundo e fazes o que muito bem te apetece? Não, acho que não, George. Tens de arranjar uma solução melhor.

— Não tenho dinheiro para uma casa em Belgravia ou Knightsbridge, Marina, com o tipo de criadagem que tens em mente. Mete bem isso na cabeça. Entretanto, as tuas indiscrições estão a tornar-se um pouco óbvias e frequentes de mais.

— São muitíssimo mais aceitáveis do que as tuas ligações sórdidas. Afinal de contas, é a mim que deves a tua carreira e não estás em posição de comentar...

— Já discutimos isto vezes sem conta, com os diabos — George estava a tentar controlar a fúria mas elevou a voz. — Já sabes que não podemos envolver-nos num escândalo e neste momento não estou disposto a renunciar a nada. Este momento é crucial para a minha carreira.

— E por causa disso eu estou presa aqui, neste continente miserável. Estou a morrer aos poucos aqui, George. — Ela estava praticamente a gritar-lhe. — Estou a morrer na prisão que construístes para mim.

Prometeste-me que só cumprias uma comissão e já aqui estamos há seis intermináveis anos, caramba! Longe do mundo civilizado. Não, não me toques. Não!

Camilla deixou-se cair no sofá e enterrou a cabeça nas mãos. Sarah continuou de pé, junto da porta, muda e horrorizada.

— Depois da Independência, vamos ser colocados noutro lugar. Não restam dúvidas sobre isso — disse George. — Mas entretanto não destruas o laço que a Camilla tem com os amigos. Aquela escola fez-lhe bem. E temos uma dívida para com os van der Beer.

— Ela devia ter ido para Cheltenham, como eu. Tu preferiste um conventozinho burguês no meio de África. Que é que ela vai fazer no próximo ano na Europa onde não conhece ninguém nos círculos que importam? E olha para os amigos dela, por amor de Deus!

— Que mal é que têm?

— Há uma semana que aturamos essa rapariga insípida cujo pai é um médico qualquer de província. Um zé-ninguém. Só posso agradecer a Deus por também não nos terem impingido a campónia. Ao menos a Camilla teve o bom senso de não me pedir para ela vir. E agora pede-te que deites a mão a um bóer que provavelmente nem sequer sabe falar inglês que se entenda e nunca leu um livro na vida. Não dá, George, não dá.

— Credo, Marina, é impossível que haja alguém no mundo mais intolerante do que tu.

— Não tenho ideias suficientemente liberais para o teu estilo de vida preferido, lá isso não. Nunca estás preparado para admitir como é nojento...

— CALA-TE. — George falou através dos dentes cerrados e deu um murro estrondoso numa mesa. — Cala-te ou vai-te embora de vez para deixarmos de nos torturar um ao outro. Estou a fazer o que posso e hoje estou pelos cabelos. Vou-me deitar.

— Não. Não, George. Por favor, não vires as costas. — A histeria transpareceu na voz de Marina. — És perito em virar as costas. Nunca tentas resolver...

— Não há nenhuma solução, Marina. Não compreendes? Maldita sejas, sua cabra intolerante, nunca hás-de compreender nem me hás-de dar um momento de descanso, só sabes viver para a vingança. — Parecia estar à

beira das lágrimas e, por um momento, instalou-se um silêncio desesperado. — É melhor dares uma olhadela à agenda de amanhã e decidir onde queres ir.

Marina rodou nos calcanhares e saiu da sala. George deixou-se cair numa poltrona e aí permaneceu por alguns momentos, indeciso. Em seguida, levantou-se e atravessou o vestíbulo, falando para o cimo das escadas.

— Marina? Marina, desculpa. Vou já subir. Só preciso de encontrar os óculos.

Quando se voltou para regressar ao escritório, captou um movimento pelo canto do olho e mudou de direcção, deparando-se com a filha e com Sarah, completamente imóveis.

— Meu Deus, são umas atrás das outras. — Passou a mão pelo cabelo, com uma expressão desolada e combalida. — Camilla, minha querida, sinto muito. Não sabia. Não sabia... valha-me Deus, que desastre!

CAPÍTULO 4

Quénia, Dezembro de 1962

Atravessaram de carro uma plantação de coqueiros e cajueiros entrando na estrada para o *ferry*. Era pouco mais do que um caminho de terra batida ao longo das falésias que desembocava perto da rampa de embarque. Sarah viu o *ferry* a atravessar vagarosamente o canal de navegação que separava a ilha de Mombaça do continente, e a mancha ofuscante dos extensos areais da costa sul. Olhou para o irmão que se mirava no espelho retrovisor, ajeitando o cabelo crespo. O *ferry* aportou com um estrépito, baloiçando na maré e começando a regurgitar lentamente automóveis, bicicletas e peões. Pobre Tim. Não teria qualquer hipótese com Camilla.

No terminal do aeroporto, sentaram-se em bancos sob as pás empoeiradas de uma ventoinha de tecto em madeira. Quando o avião finalmente aterrou, Sarah observou o irmão a absorver todos os pormenores da calma aparência de Camilla quando ela desceu para a pista — as suas impecáveis calças de caqui, o cinto de couro entrançado em redor da cintura fina, a sedosa camisa creme. Os seus pés tinham um ar delicado nas sandálias de couro e as unhas dos pés estavam pintadas de vermelho. Sarah estava consciente da sua própria blusa amarrotada e dos sapatos de lona esgarçados de andar a pé no recife. O seu cabelo estava frisado de ter secado ao vento e o nariz queimado do sol estava a esfolar.

Tim apressou-se a ajudar Camilla, pegando-lhe no saco, abrindo a porta do carro, perguntando-lhe se estava confortável, pousando a mão por um segundo no seu braço nu. Exactamente como Piet. Sarah afastou a ideia, evitando mágoas que pudessem destruir aquelas últimas férias juntas antes de partirem para lugares de estudo distantes. Entrou para o carro, ocupando o seu lugar habitual atrás de Camilla. O sol estava a pôr-se atrás dos coqueiros ao atravessarem a ilha e os aromas da comida preparada ao

fogo e da vegetação tropical temperavam o crepúsculo róseo. Os comerciantes estavam a iluminar as *dukas* com candeeiros a petróleo ou lâmpadas nuas suspensas e chegava música de rádios cujo som metálico se difundia numa sucessão de rufos de tambor na noite tépida. Camilla recostou-se no assento, saboreando o calor, o odor do sargaço e o som da rebentação das ondas.

Os grumetes cantavam enquanto faziam retinir as correntes do *ferry* para baixar as rampas. A casa dos Mackay situava-se no promontório com vista sobre o canal de navegação e a entrada do porto de Mombaça. Era construída em blocos de coral e rematada com um telhado de telha. A secção central de dois pisos tinha janelas altas protegidas por portadas escuras e oleadas e portas árabes trabalhadas com gonzos e tachas de bronze. De cada lado ficavam as alas dos quartos, com alpendres fundos virados para o jardim onde Betty Mackay batalhava com o impiedoso sol para manter uma amostra de relvado. A propriedade era cercada por um muro de coral, erigido pelos árabes séculos antes, e coberto agora por uma profusão de ramos de buganvília púrpura e laranja. A noite enchia-se do perfume das flores. Betty estava nos degraus a recebê-los e vislumbrava-se a forma atarracada de Raphael atrás dela. Este cumprimentou Camilla com uma expressão radiante.

— As bebidas são servidas às sete — anunciou Betty. — O Raphael está a ameaçar abrir uma garrafa de champanhe em vossa honra, meninas.

As flores dos oleandros e das plumérias exalavam uma fragrância estonteante e as cigarras cantavam as suas canções arranhadas do lado de fora da janela do quarto de hóspedes. A rebentação das ondas sobre o recife, por baixo da casa, anunciava a maré cheia. Camilla atirou as roupas de viagem para o cesto da roupa suja. Tomou um duche, trauteando sozinha e saboreando a suavidade do ar costeiro, a sensação de relaxamento, o afecto com que fora recebida.

A sala de estar proporcionava uma vista do oceano através de um rendilhado de tulipas-de-áfrica. As portas e as janelas estavam abertas e uma brisa agitava o ar nocturno. Uma velha ventoinha de tecto zunia e vibrava. Em lugar de mesas de apoio, havia arcas de madeira de Zanzibar com tachas cintilantes de latão. Os soalhos vermelhos e encerados reluziam pois eram polidos diariamente. Sarah adorava aquele ritual desde pequena. Sentava-se nas escadas e observava Moti, o criado, com duas

cascas de coco amarradas aos pés. Cantava sempre enquanto espalhava a cera vermelha no soalho, movendo os pés numa dança sacudida, deslizando, polindo com uma camurça e alterando o ritmo da sua canção enquanto percorria a superfície brilhante. A grande extensão de soalho era interrompida por tapetes persas que Raphael Mackay comprara, ao longo dos anos, aos *dhow*s² no velho porto. Era frequentemente chamado a tratar os marinheiros do golfo Pérsico e gostava de se sentar de pernas cruzadas nas cobertas, prestando conselhos e distribuindo medicamentos, bebendo café xaroposo e regateando o preço de algum tapete que lhe tivesse agradado. Dois grandes jarrões de barro decoravam um aparador árabe lavrado. Betty enchera-os com ramos nus de acácia com flores de pluméria espetadas nos espinhos. No gramofone tocava um concerto de Mozart para piano.

Camilla apareceu descalça, entrando na sala num passo leve e envergando um sarongue sem mangas. Tinha prendido o cabelo e colocado brincos de ouro indianos nas orelhas. Sarah juntou-se ao grupo alguns minutos mais tarde, com a blusa presa num nó por baixo dos seios.

— Gosto desse nó. — Tim soltou um assobio suave.

— Vá, venham daí — Raphael começou a distribuir *cocktails* de champanhe. — São horas de desejar muito sucesso a estas jovens senhoras que estão prestes a iniciar uma nova fase da vida delas. À Sarah e à Camilla! Que todas as vossas esperanças e sonhos se realizem.

— E à Hannah também — disse Betty. — Os van der Beer vêm jantar connosco amanhã. Estão na praia de Diani.

— Reservámos uma mesa para todos no Mombasa Club para a passagem de ano — acrescentou Betty. — O último ano como colónia. Que é que os teus pais estão a planear fazer no Ano Novo, Camilla?

— Por coincidência vão estar aqui na costa — disse Camilla. — Vão ficar em casa de uns amigos na praia de Nyali.

— Não me digas! — exclamou Betty. — Temos de os convidar para jantar com o Jan e a Lottie amanhã. Seria estupendo.

— O Jan podia falar então com o pai da Camilla sobre a situação em Langani. — Sarah estava deliciada.

— Sarah — advertiu Raphael franzindo o sobrolho —, falar de negócios não é provavelmente o que o pobre homem tem em mente. Afinal de contas, está de férias.

— Mas é uma oportunidade perfeita. Tenho a certeza de que o teu pai não se importava, pois não, Camilla? — Camilla não respondeu e Sarah tentou de novo. — Camilla?

O rosto de Camilla exhibia aquela expressão impenetrável que ela arvorava na companhia dos pais. — É divertido estarmos todos juntos. — As palavras foram ditas com ligeireza, mas ela tinha as mãos apertadas no colo e Sarah reparou como as articulações estavam brancas da pressão. — Depois do jantar procuro o número deles.

— Estive com o teu pai há umas semanas, Camilla — Raphael quebrou o silêncio que se instalara. — Foi numa conferência. Precisávamos de dinheiro para a nova ala de pediatria no hospital e ele foi muito prestável. Seria maravilhoso se nós, os pais, nos reuníssemos aqui. Talvez também possamos convencê-los a ficar para a passagem de ano.

Depois do jantar passaram ao alpendre para tomar café. A noite estava tranquila e abafada.

— Acho que os vamos deixar, meninos. — Betty cansara-se de enxotar os pequenos insectos que lhe pousavam constantemente nos braços, na cara e no cabelo. — O Raphael teve outro ataque de malária no mês passado e temos estado a levar as coisas com calma. Foi a primeira vez que teve vontade de tomar uma bebida e comer uma refeição como deve ser. Durmam bem.

— Estou sinceramente preocupada com aquela rapariga — disse ela ao marido, quando se deitou ao seu lado e lhe pousou a cabeça no ombro. — Passa-se ali qualquer coisa de muito estranho. A Sarah disse que o ambiente lá em casa era angustiante. Pelos vistos, o pai é agradável, mas a mãe é extremamente difícil. Não sei se é boa ideia convidarmo-los para jantar.

— Claro que é — retorquiu Raphael, apertando-a nos braços. — Causaria uma impressão estranha se soubéssemos que os Broughton-Smith estavam na costa e não tivéssemos a decência de os contactar.

— Não sei, Raphael. É muito estranho a Camilla não ter mencionado antes que eles cá estavam.

— Continuo a pensar que deves ligar-lhes logo pela manhã. É muito em cima da hora, mas pelo menos ninguém te pode acusar de não teres tentado. Vais gostar do George Broughton-Smith. Se a mulher é realmente

complicada não será a primeira *memsahib* infeliz que conhecemos. E o nosso hóspede ganês é extraordinário. Vai ser uma mistura fantástica.

— Há outra coisa. Achas que diga ao pessoal que vamos ter...

— Já cá tivemos muitos não europeus a jantar. Daqui a meses o país é independente e depois todos se hão-de sentar juntos à mesa todos os dias.

Betty passou a manhã seguinte a preparar o jantar. Para sua surpresa, os Broughton-Smith tinham aceite o convite e ela sentia uma vaga apreensão enquanto polia cristais e pratos, colhia flores no jardim e punha a mesa com a melhor louça. A casa estava tranquila e o ritual dos preparativos acalmava-a. Tim tinha levado as raparigas ao encontro dos van der Beer na sua casa de praia alugada e só voltariam ao fim da tarde. Quando olhou para a mesa para uma última inspecção, Betty constatou com orgulho que tinha feito um excelente trabalho.

Às sete e meia, a sala de estar brilhava à luz das velas. O gramofone tocava música de dança e os criados estavam vestidos com *kanzus* brancos engomados e faixas escarlates à cintura. Na opinião de Sarah, o pai e o irmão haviam-se transformado em criaturas divinamente elegantes com os seus *smokings* brancos e laços pretos, enquanto a mãe lembrava uma figura de uma das revistas de moda que chegavam todos os meses de Inglaterra nos barcos-correio.

— Estás muito bonita. — Raphael ainda não se habituara à ideia de que a filha já não era uma colegial. O tempo roubara-lhe a infância e ele não vira a menina rechonchuda desaparecer, não passara horas suficientes com ela, vendo-a transformar-se naquela jovem mulher de pele sedosa, formas femininas e olhos brilhantes. Passou-lhe um cálice de xerez, com uma expressão suavizada pelo amor. — Sinto muito orgulho em ti.

Camilla tinha tomado Sarah a seu cargo, apanhando a sua voluntariosa cabeleira em duas madeixas penteadas para trás e combinando a cor e a sombra nas suas faces e pálpebras. O vestido sem costas de Sarah era verde-claro e ondulava à sua volta ao andar.

— Toma, põe estes brincos... hoje não vou usar jóias. — Camilla tinha ajeitado, puxado e ajustado até ficar satisfeita. — Perfeito. Espera só que o Piet chegue, minha bela... ainda vamos ter de o amarrar a uma cadeira.

Sarah via no espelho uma veia a pulsar levemente na base da garganta. Sentira-se transformada até as faces e o pescoço se cobrirem de vermelho com a expectativa, manchando-lhe a pele e arruinando a ilusão de Cinderela.

— Onde está a Camilla? — perguntou Raphael à filha.

— Esteve a ajudar-me a arranjar e atrasou-se uns minutos.

— Ena pá! — Todos se viraram com a exclamação de Tim.

O vestido preto de Camilla não tinha alças e estava ajustado à cintura por meio de um cinto largo e um ramo de flores. A saia colava-se à forma das pernas e ela tinha prendido mais flores atrás de uma orelha decorada com uma pérola. Sarah observou o irmão, assombrado e perdido de admiração. Não teria o apoio de Tim esta noite. Mal seria capaz de tomar conta de si próprio. Piscou-lhe o olho, fechando lentamente uma pálpebra pintada e lançando-lhe um exagerado sorriso de cumplicidade quando ouviram o som do primeiro carro na gravilha.

— Bem, vamos a isto — Betty tocou no colar e depois apertou brevemente a mão do marido, que se encaminhou para a porta de entrada.

— Betty, minha querida... apresento-te o Dr. Winston Hayford, do Gana — Raphael impeliu o convidado para a sala de estar. — Passou o último ano como bolseiro em Londres a fazer investigação e agora está cá para a conferência.

— Dr. Hayford, dá-me imenso prazer que tenha podido vir — disse Betty.

— E eu estou muito satisfeito por ver que o Raphael está restabelecido da malária — respondeu ele.

Sarah ficou fascinada com a figura do homem alto e negro. As suas volumosas vestes talares apresentavam um motivo geométrico amarelo-vivo e verde, castanho e escarlate, e na cabeça enorme usava um chapéu bordado. Os óculos de aros de chifre no nariz largo pareciam vulgares e desajustados. Falava um inglês perfeito com sotaque que devia ser produto de uma dispendiosa educação no estrangeiro ou de horas a ouvir o World Service da BBC. Sarah nunca tinha visto um africano assim, tão imponente e elegante. Ao apertar-lhe a mão, viu Moti a emergir da cozinha com a primeira bandeja de acepipes. Ele estacou, boquiaberto, fixando o grande ganês antes de rodar nos calcanhares e sair com anormal velocidade pela porta por onde tinha entrado. Raphael serviu um *whisky*

com soda ao convidado e afastou-se do grupo quando o segundo carro chegou. Betty olhou em volta à procura da bandeja de canapés mas não havia sinais do criado. Suspirando, chamou por Moti antes de sair para cumprimentar os Broughton-Smith.

— O George provavelmente disse-lhe que nos encontrámos um dia destes — Raphael estava a conduzir Marina para a sala de estar. — Mas estávamos desejosos de a conhecer. As nossas filhas já nos transformaram numa espécie de família alargada. A vossa visita dá-nos muito prazer.

Camilla pousou o copo e atravessou a sala para abraçar o pai e beijar a mãe ao de leve na face. Betty suspirou de alívio. Raphael concluiu as apresentações e preparou as bebidas.

— Encantada — Marina falou com vivacidade e abriu-se num sorriso radioso ao cumprimentar o corpulento africano. Com uma mão segurava no copo e com a outra ajeitou a estola de *chiffon* que tinha pelos ombros e depois apertou a mão estendida do Dr. Hayford. — Que fato magnífico. Nunca vi nada assim. É alguma indumentária cerimonial típica da sua aldeia? Para ocasiões especiais, talvez?

George Broughton-Smith apressou-se a avançar na direcção dela. Betty susteve a respiração. Colocou uma mão no pulso do ganês e deu consigo a agarrar a pesada correia de ouro de um relógio.

— Por sinal nunca vivi numa aldeia. — A sua resposta à pergunta de Marina denotava divertimento. — Nasci na cidade de Acra e passei aí a minha primeira infância. É a minha indumentária da cidade. Mas tem toda a razão, esta veste em particular é para ocasiões especiais.

— Deve ser uma cidade quente, poeirenta e populosa. Mas acho que a história da sua vida deve ter muito mais que se lhe diga do que as brincadeiras de criança em Acra. — Marina estava a olhá-lo fixamente, a boca desenhando um sorriso, num declarado jogo de sedução com ele.

— Sem dúvida. Fui mandado para um colégio interno em Inglaterra e depois para Londres para a faculdade de medicina.

— Que perfeita maravilha! Tem de me falar também do seu chapéu. O bordado é extremamente intrincado. Aqui na costa leste nunca se encontra nada assim. Nem em Inglaterra. Venha sentar-se aqui ao meu lado no sofá, Dr. Hayford. — Marina pegou-lhe no braço. — Quero conhecer a sua vida de fio a pavio. A parte macabra da medicina não, já se sabe, mas a sua vida real. É casado? Se calhar tem várias mulheres que lhe dão

consumições e se pegam umas com as outras por causa do estatuto? E dezenas de filhos, imagino?

— Oh, meu Deus! — Camilla virou as costas, murmurando a Sarah. — Já deve ter bebido uns copos.

Na cozinha, Betty foi encontrar os criados muito sérios e inquietos, de olhos baixos.

— Há algum problema? Onde está a bandeja com...

— *Memsahib*, não podemos servir a comida. — Moti baloiçou-se entre um pé enorme e o outro, extremamente desconfortável.

— Que é que se passa com a comida? — Betty sentiu o coração bater aceleradamente.

— *Memsahib*, a comida está boa. — O cozinheiro coçou a cabeça que começava a embranquecer. — Mas não podemos servir esse homem negro. Não fica bem.

— Que *shauri* vem a ser esta? — Betty sentiu o pânico a despontar. — Este homem é de outro país africano, muito distante. É um chefe importante, um médico como o *bwana* Mackay.

— É negro, *memsahib*. Os nossos amigos e a nossa família vão rir-se de nós se o servirmos.

— Isso é absurdo! O Dr. Hayford é nosso convidado exactamente como todos os outros. — Betty olhou irritada para o velho cozinheiro que a servia fielmente há quinze anos, mas ele recusou-se a encará-la. — Muito bem, Johannes. A carne está no forno? Óptimo. Falamos sobre este assunto amanhã de manhã. Podem retirar-se para os vossos aposentos. Eu e a *memsahib* Sarah tratamos do jantar.

Betty rodou nos calcanhares e saiu da cozinha. Atrás de si ouviu-os murmurar, constrangidos, e depois a porta das traseiras a fechar-se. O jardim e os degraus da frente foram varridos pela luz de faróis.

— Valha-me Deus! — murmurou Betty. — Tive a premonição de que este jantar ia ser um pesadelo. Sarah, podes chegar aqui?

— Que se passa?

— Os criados recusam-se a servir o Dr. Hayford e eu mandei-os retirarem-se. Não fiques aí de boca aberta, querida. Temos de ser nós a organizar o jantar. Podes pedir ajuda ao Tim e à Camilla também? Começa pelos canapés... já deviam ter sido servidos há muito. Assim que o teu pai

tiver apresentado os van der Beer, vou desaparecer na cozinha. Graças a Deus que está tudo quase pronto.

Raphael já estava a conduzir a família africânder para a sala de estar. Jan van der Beer estava a tentar disfarçar o seu espanto ao ver o Dr. Hayford. Foi Lottie quem se adiantou, conversando com naturalidade ao descrever a pequena clínica médica que tinham criado para os trabalhadores. Hannah estava ao lado da mãe, um pouco inibida no vestido de noite, intrigada com o estranho convidado. Tinha o cabelo louro impecavelmente enrolado numa banana. Lottie dera-lhe um colar de pérolas pequenas para usar e ela tinha posto uma pulseira de ouro que recebera pelo Natal. Sentiu uma onda de alívio quando viu Sarah fazer-lhe sinal.

— Crise na cozinha. Pega nesta bandeja e passa-a em volta. Camilla, acende as velas enquanto eu ajudo a minha mãe a trazer a terrina da sopa. E o Tim que sente as pessoas quando estivermos prontas.

— Minha querida, deve ter passado o dia todo na cozinha. — O sorriso radioso de Marina percorreu a mesa e pousou no rosto angustiado de Betty.

— Infelizmente, o meu cozinheiro adoeceu de repente.

— E a Betty teve de acudir à crise. — A fronte de Marina estava crispada numa expressão de discreta surpresa. — Estou impressionada. Se fosse eu, não era capaz de cozinhar e servir um jantar para tantas pessoas sem os criados. George, estás a ver-me a trabalhar assim na cozinha o dia inteiro como uma moura?

— Não, minha querida. Nem por um esforço de imaginação supremo.

— É só uma questão de pôr a comida na mesa — Betty sorria desesperadamente. Nunca devia ter sentado Marina ao lado de Jan van der Beer. Aparentemente, até agora não tinham encontrado nada para dizer um ao outro. Pelo menos a conversa entre os outros convidados estava animada e soavam gargalhadas ocasionais.

— É então o intrépido agricultor? — Marina voltou subitamente a atenção para a sua esquerda enquanto a sopa era servida. — E tem a figura perfeita para o papel... feições austeras e bronzeadas. Quando era criança, adorava quintas. Como toda a gente. Mas depois de crescida comecei a achá-las uma imundície e era preciso andar sempre de impermeável e galochas. Mesmo assim, ficava-se sempre coberto de lama. E o cheiro! É

impossível evitar o cheiro. — Pousou a mão no braço musculoso de Jan e deu-lhe um apertão suave, inclinando-se mais para ele. — Mas vê-se que todo esse tempo ao ar livre o mantém em forma. Infinitamente mais atraente do que essa gente pálida, sempre atrás de secretárias, com quem estou habituada a jantar.

— É uma boa vida. Basta ter determinação. — Jan não sabia bem se os comentários dela eram genuínos ou se a sua intenção era de algum modo troçar dele. Nunca haveria de compreender estes ingleses e os seus códigos dissimulados.

— A sua mulher disse-me que a sua família cultiva aqui a terra há várias gerações, Mr. van der Beer — disse Winston Hayford. — Vão continuar, agora que o país se vai tornar independente?

— Langani é a nossa casa e a nossa terra — disse Jan pensativamente. — Não estava ocupada quando a minha família chegou e o que é agora deve-se a quase três décadas de trabalho árduo. Dirijo uma fazenda produtiva e trato bem os meus caf... os meus trabalhadores. Merecemos ficar e vamos ficar. Sim.

— Julgo que há aqui lugar para pessoas com fé, visão e boa vontade. Espero que sim — disse George. — O ministro está a procurar encontrar uma situação de equilíbrio, mas creio que estamos em posição de responder com justiça à maioria dos interesses. No entanto, não será possível agradar a todos.

— A sua posição deve ser cada vez mais difícil, George. — O médico ganês sorriu e Betty captou o brilho dos dentes de ouro. — O governo de Sua Majestade não pode decerto esperar resolver a questão emotiva da propriedade antes da Independência. E o Quénia tem o problema acrescido da população indiana e dos seus extensos empreendimentos comerciais. Dá ideia que são muito menos populares do que os brancos.

— Esta semana tirei férias das políticas da Independência — declarou George. — De vez em quando tornam-se extremamente enfadonhas. Neste momento estou mais interessado em acabar uns *thrillers* e passar alguns dias a pescar no alto mar.

— Este vinho é um tinto de Espanha... um *Rioja*. — O tom de Raphael era exageradamente jovial. — Muito agradável. Tim, importas-te de servir enquanto eu trincho a carne?

— Mas no próximo ano por esta altura, já não terá nada a ver com isto — Piet não podia deixar o assunto passar em branco.

Lottie levantou os olhos, surpreendida. Sarah notou a determinação na voz dele e engasgou-se por um momento com a comida. Achava-o muito corajoso, a sua expressão apaixonada à luz das velas, ao dirigir a palavra ao homem mais velho. Sentia o coração a bater com força e pousou a faca e o garfo para acalmar as mãos.

— Não faço ideia onde estarei no próximo ano, jovem — George ficou visivelmente irritado.

— Estará com certeza noutra embaixada qualquer. Mas nós continuaremos aqui, a tentar conservar a nossa terra e a construir um país segundo as regras que nos vai legar.

— Piet, não é o momento indicado para discutir a agricultura depois da Independência. — Lottie lançou um olhar severo ao filho e depois virou-se para o marido a pedir apoio. Mas Jan recostou-se na cadeira, olhando para Piet com uma expressão de orgulho.

— Não tem importância, Lottie — disse George. — É a geração mais nova, como o seu filho, que tem a responsabilidade de continuar aqui se conseguir esquecer os velhos preconceitos e se considerar acima de tudo queniana, independentemente da origem e da cor.

— Mas a prioridade é, certamente, o futuro dos quenianos nativos — disse o Dr. Hayford. — Os políticos deles fizeram promessas que não podem cumprir. Há lealdades tribais que não se podem resolver facilmente. No Gana já descobrimos estes obstáculos e estamos longe de os resolver.

— O Kenyatta está a fazer os possíveis por incorporar os diferentes agentes — disse George. — O seu espírito de *Harambee* não é só uma palavra de ordem... parece capaz de levar as pessoas a acreditar na integração. É um homem extraordinário e estou convicto de que vai ser um grande estadista.

— Mas é quicuio — disse Raphael. — Como é que as outras tribos, com contas pessoais para ajustar, vão encaixar neste processo de divisão de terras?

— É pouco provável que se comportem como cavalheiros ingleses. — O tom do Dr. Hayford revelava cepticismo. — Há-de haver muitos africanos que se mostrarão demasiado orgulhosos, demasiado tacanhos,

para aceitar conselhos sobre a gestão das pequenas fazendas. Vai sem dúvida aparecer uma nova leva de estrangeiros a dizer-lhes o que fazer em lugar dos especialistas que eles já conhecem.

— Os africanos já estão a ocupar postos-chave no governo e no sector comercial a todos os níveis — frisou Raphael. — E há o esquema de aquisição obrigatória de terras. Chegam a ser quatrocentos mil hectares de terras anteriormente pertencentes à comunidade agrícola europeia... que serão divididos em pequenas propriedades pelos agricultores africanos.

— Um esquema louco que vai destruir algumas das terras mais férteis do país — disse Jan. Sentiu a pressão do pé de Lottie debaixo da mesa, mas não conseguiu conter-se. — E nós, africânderes, estamos apanhados, como os asiáticos, numa terra de ninguém entre os britânicos que estão de partida e os nativos. A única diferença é que os indianos podem voltar para a Índia ou para a Inglaterra com os seus novos passaportes, se quiserem.

— Tenho a certeza de que essa ideia absurda vai ser abandonada. — A voz de Marina elevou-se acima dos murmúrios em redor da mesa. — Milhares de indianos na Grã-Bretanha? Está fora de questão. O país é demasiado pequeno e frio. Não haveria trabalho suficiente e eles acabariam por se fechar em casa a reproduzir-se como coelhos. Quando dermos por nós, estamos a ser engolidos...

— Não me parece que tenhas uma opinião informada sobre o assunto, Marina. — O marido estava seriamente embaraçado. — É uma questão complexa que não quero de maneira nenhuma explorar esta noite.

— Não percebo por que hás-de querer calar-me, George. Tenho tanto direito à minha opinião como as outras pessoas. Uma troca honesta de pontos de vista é muito estimulante. Não está de acordo, Dr. Hayford?

— Com certeza que estou, minha senhora. Considero-a extremamente elucidativa. E muito mais honesta do que as pessoas que tenho conhecido ultimamente. Uma verdadeira lufada de ar fresco. — Estava a sorrir a Marina com uma declarada expressão de divertimento.

Houve uma pausa até que uma onda de conversa banal preencheu o vazio. Betty pousou a sobremesa na mesa e deixou-se cair na cadeira. Felizmente o jantar estava quase no fim. Sentia-se exausta e sem energia, como se tivesse passado por um teste de resistência ou corrido uma maratona. Pelo menos, a comida tinha chegado à mesa a fumer e

verdadeiramente saborosa. Agora sentia-se grata pela distração enquanto os convidados a felicitavam pela *mousse* de baunilha, coberta de fios estaladiços de caramelo. Talvez pudesse finalmente relaxar e a conversa se tornasse mais acessível. Dentro de alguns momentos, seria servido o café na sala de estar e os homens iriam para o escritório de Raphael tomar conhaque e fumar charutos. Interrogou-se sobre os tópicos em torno dos quais giravam as conversas antes daquela turbulência política. E a situação alguma vez voltaria a ser o que era? Quando Raphael se levantou para servir vinho para acompanhar a sobremesa, Camilla falou subitamente. Havia uma expressão severa nos seus olhos brilhantes. Exactamente como os da mãe, pensou Betty.

— Mas tu disseste que ias analisar a questão da Fazenda de Langani, papá. Prometeste fazer os possíveis para ajudar o Jan e a Lottie a continuar aqui.

— Não posso pedir favores especiais, Camilla.

— Mas prometeste — insistiu ela, ignorando a ansiedade de George. — Que conseguiste então fazer, querido papá?

O Dr. Hayford tinha-se inclinado para a frente com um sorriso no canto dos grandes lábios, intrigado com a situação difícil em que se encontrava o diplomata britânico.

— Acho que vou discutir esse assunto com o Jan e a Lottie mais tarde, se não te importas, minha querida. — George virou-se para interpelar Jan. — Creio que vão estar por cá mais alguns dias?

— Sim, vamos. E, se tiver tempo, gostaria muito de conversar consigo.

Por agora, Jan não se importou nada de pôr de lado a questão. O clima tornara-se tenso. Interrogou-se sobre o papel do médico ganês em tudo aquilo. Era difícil compreender por que razão Raphael convidara um cafre para jantar — mesmo um cafre instruído. O homem era encantador mas eles eram todos iguais, fosse qual fosse a escola que tivessem frequentado ou a forma como se vestissem. Era incapaz de encarar a possibilidade de alguma vez ter um homem de cor à sua mesa.

Depois da refeição, levantaram-se e as mulheres encaminharam-se para o quarto de vestir de Betty, adjacente ao quarto principal. Ela ouvia os homens no escritório, as suas vozes animadas e sociáveis.

— Acho que conversámos o suficiente sobre a incógnita do nosso futuro para uma só noite. — Betty aproximou-se da janela aberta e inspirou

várias vezes para se acalmar, mas o ar parecia pesado e entorpecedor e ela não se sentiu melhor quando voltou para dentro do quarto. — Creio que a velha regra de não trazer a política, o sexo ou a religião para a mesa do jantar é muito saudável.

— O sexo e a religião poderiam ter sido melhores escolhas nestas circunstâncias. Mas foi um jantar delicioso que não esqueceremos tão cedo. — Lottie passou um braço em redor da sua anfitriã.

— Foi uma originalidade da vossa parte convidarem o homem da Nigéria. — Marina retocou o penteado já de si impecável.

— Gana, mãe. Era do Gana.

— Vai tudo dar ao mesmo, querida, sejam quais forem os ornamentos exteriores. Nunca me tinha sentado ao lado de um negro ao jantar, nem em Nairobi. Mas passei momentos muito agradáveis. Ele tem uma abertura de espírito e uma inteligência notáveis. É espantoso pensar que pertence ao conselho científico do Royal College e agora foi-lhe oferecida uma posição de consultor em Londres. — A expressão de Marina era animada. — Espero que não tenha achado as nossas ideias demasiado divergentes das dele. Parece bastante preocupado com o desenvolvimento deste pobre país quando partirmos.

— Quase todos nós apoiamos a ideia de parcerias, embora a Marina possa ter dificuldade em compreender isso — Lottie não foi capaz de disfarçar o seu antagonismo. — O *Harambee*, como lhe chama o *Mzee*.

— Tem toda a razão... ultrapassa-me por completo. E não consigo imaginar como é que se pode confiar nesse velho terrível — observou Marina. — Ainda não há muito tempo o Kenyatta não passava de mais um terrorista que tínhamos lançado na prisão. Agora, de repente, é uma celebridade, todo bem-posto com aquele ridículo penacho e o chapéu de missangas e a barba desgrenhada. Espero que não esteja a depositar muitas esperanças nele, minha querida.

— Mais vale depositarmos as nossas esperanças nele, já que o governo britânico, pelo que se vê, parece perfeitamente disposto a trair os agricultores. — Lottie arrastou o banco para trás diante do toucador e pôs-se em pé, não fazendo já qualquer esforço para esconder a fúria.

— Mãe, não falemos destes assuntos. Esta noite não. É o princípio das nossas férias. Daqui a dois dias estamos a celebrar um novo ano e estou certa de que nos vai trazer boa sorte a todos se a desejarmos com vigor

suficiente. — Hannah sentia-se à beira das lágrimas. Nunca antes estivera rodeada por aquele tipo de vibrações, hostis e perturbadoras, arrastando os pais e os amigos em direcções desconhecidas.

— Vamos fazer companhia aos homens. — Betty abriu a porta do alpendre e afastou-se para dar passagem a Marina Broughton-Smith. A mulher era insuportável. Encontravam-se pessoas destas nos livros e nos filmes, mas era inacreditável que existissem na realidade. Betty interrogou-se sobre o que lhe teria acontecido para se ter tornado assim. Era impossível imaginar que uma pessoa tivesse nascido com tantos preconceitos.

Na sala de estar, as mulheres permaneceram num silêncio desconfortável, sem que o mais breve fragmento de conversa entre elas quebrasse o gelo. A pesca parecia ser o tópico neutro entre os homens e o Dr. Hayford estava a descrever os barcos de pesca pintados do Gana. Raphael pensou que podia aligeirar o ambiente com um pouco de música e escolheu um disco.

— Ah, que maravilha... adoro o Nat King Cole. — Marina virou-se para o Dr. Hayford. — Só os cantores negros produzem esse som que dá a sensação de que nos estão a despejar melaço quente em cima. Quer dançar comigo, Winston?

Lottie lançou um olhar severo a Jan, que bufara involuntariamente. A mão de Betty voou até às pérolas e ela sentiu-se perdida, sem encontrar palavras apropriadas, até que o marido estendeu a mão.

— E tu, minha querida, queres dançar comigo? Esta é uma das tuas canções favoritas.

A luz brilhante de dois faróis entrou pelas janelas altas e Winston Hayford sorriu pesaroso. — Ah, chegou o meu carro. — Pegou no chapéu bordado, que estava pousado numa pequena mesa, e entregou-o a Marina. — Gostava de lhe oferecer uma pequena lembrança, minha senhora. Espero que lhe recorde esta noite e talvez um dia a ajude a compreender o meu país e o meu continente.

— É extremamente amável. — Ela levantou os olhos para ele, sorrindo levemente e colocando a mão sobre a dele. — Nessa matéria, ficarei à espera que me elucide. Se ainda aqui estiver no Ano Novo, talvez possa fazer-nos companhia nas celebrações? Jantar e baile?

— Ah... desta vez não, infelizmente. — O seu sorriso era irónico. — Julgo que esse dia ainda não chegou. Contudo, havemos de jantar e dançar um com o outro numa futura oportunidade. Noutras circunstâncias e talvez sob uma bandeira diferente. Fico ansiosamente a aguardar esse momento. Boa-noite a todos.

Betty acompanhou-o à porta. — Não conhecíamos a Marina Broughton-Smith. Parece uma pessoa algo imprevisível.

— Minha cara senhora, foi, com o seu marido, uma anfitriã fantástica. Apreciei imenso o jantar. — Fez uma pausa, pesando as palavras seguintes. — Por vezes, quando uma mulher bonita carrega uma grande infelicidade dentro de si, a sua mística intensifica-se. Só podemos esperar que acabe por encontrar uma certa harmonia. Entretanto, a única coisa que consegue é fazer mal a si própria. — Sorriu. — Não castigue demasiado os seus criados, Betty. Nem os seus convidados. A adaptação requer paciência.

— Um homem interessante. Um exemplo esplêndido do melhor que pode acontecer quando as nossas duas culturas se cruzam e aprendem uma com a outra. — George Broughton-Smith bebeu um gole de conhaque. — Não me importava nada de ver mais pessoas como ele nas bancadas políticas de Nairobi.

— Talvez em anos futuros. Afinal, os africanos de oeste são pessoas muito diferentes. Mais cultos e sofisticados. — Raphael ficara nervoso com a conversa sobre política na presença do ganês. No Quênia, qualquer tópico com conotações raciais era agora um campo minado quando havia africanos presentes. — É fácil acreditar que a situação é muito melhor na terra dele, mas na África Ocidental a corrupção é um autêntico cancro. Seja como for, ele abandonou o seu país e aceitou uma posição em Londres nos próximos dois anos.

— Acho que são horas de irmos embora, George — Marina levantara-se e já se encaminhava para o vestíbulo. — Camilla, porque não apareces amanhã à noite? Vamos celebrar a passagem de ano com amigos do Alto Comissariado. Eu sei que gostas do Robert Harper, o filho do chefe da polícia. Tenho a certeza de que vai lá estar.

— Vou ficar aqui, mãe. Com os meus amigos.

— Camilla, a tua mãe merece mais... — George estava a olhar para a filha com uma expressão de quase desespero.

— Deixa lá, havemos de a ver em breve. Não é verdade, Camilla, minha querida? — O rosto de Marina ficara branco e tenso. — A não ser que tenciones passar o tempo todo com os teus vários pais adoptivos.

— É melhor irmos andando para a casa de praia. — Lottie apercebeu-se subitamente de que a expressão crispada desta mulher era um sinal de ciúme. Ciúme e angústia também. Por um momento condoeu-se de Marina. Fez sinal à família, ansiosa por se distanciar dos Broughton-Smith e do clima de tensão que os rodeava. — Obrigada pelo magnífico jantar, Betty e Raphael. Até amanhã à noite.

— Camilla? — George pronunciou o nome num tom de urgência, detendo-se nos degraus da frente.

— Não te preocupes, George — disse Marina. — Não tarda nada a tua menina está a bater-te à porta, a insistir numa discussão sobre a causa dela do momento. Como se adiantasse alguma coisa. — Virou-se para Jan. — Certamente que compreende que o meu marido não pode dar-se ao luxo de falar em favor de pessoas com uma reputação como a sua.

— Que é que isso quer dizer, mãe? — Camilla deu um passo em frente.

— Basta, Marina. São horas de irmos embora. — O marido interpelou-a com fúria mal disfarçada. Voltou-se para abraçar rapidamente a filha. — Discutimos isto noutra altura, Camilla.

— Porque não acabas com essas falsas esperanças, George? — Marina ignorou a advertência dele. — Diz-lhes a verdade.

— Que verdade é essa? — Piet estava ao lado de Sarah, que estendeu a mão para a dele, mas ele desembaraçou-se dela.

— Marina, vamos embora. Já. — George pegou-lhe no braço numa tentativa de a obrigar a descer os degraus e se afastar do grupo.

— Não me agrada que te atirem as culpas por não satisfazeres o caprichozinho ingénuo da Camilla — retorquiu Marina, sacudindo a mão do marido e não arredando pé, obrigando toda a gente a permanecer nos degraus. — Estes políticos novos e poderosos não vão esquecer o que aconteceu nos maus velhos tempos. Eu vi a lista negra que tinhas no escritório, George. Deixaste a pasta aberta. Mr. van der Beer sabe muito bem do que estou a falar. Sabe que não poderá continuar na fazenda dele depois da Independência. Quer tu intercedas ou não.

— Pessoas como a Marina não sabem nada do que se passou no tempo dos Mau-Mau — disse Lottie, trémula de fúria. — Nem sequer estava no

país. Não compreende as adversidades por que passámos, o medo e o perigo em que vivemos.

— Cala-te, Lottie — disse Jan. — Não temos nada a dizer a esta mulher.

Marina ignorou a interrupção e dirigiu-se à filha. — Não há lugar para a classe dos criminosos brancos no novo Quénia, Camilla. Infelizmente, não escolheste muito bem os teus pais adoptivos, querida. Fizeste uma escolha francamente má.

Piet e Hannah estavam de olhos fixos no pai. Mas Jan virou-lhes as costas e afastou-se em largos passos, as mãos enfiadas nos bolsos, os ombros curvados e a cabeça baixa. A família seguiu-o sem uma palavra. Os Mackay esperaram num silêncio horrorizado enquanto George agarrava firmemente Marina pelo cotovelo e a conduzia para o carro, onde ela se sentou, fixando um ponto à sua frente. Bateram portas e os pneus plissaram na gravilha do caminho privado. Arrancaram então, os faróis dos automóveis iluminando as palmeiras. Camilla ficou sozinha no feixe de luz que se derramava do vestíbulo. Olhou para as expressões estáticas que a cercavam e, em seguida, dirigiu-se pelo alpendre para o quarto.

Incapaz de pensar em ir dormir, Sarah seguiu-a. Bateu à porta de Camilla mas não obteve resposta e, assim, subiu pela escada circular que levava ao terraço do telhado, uma ampla área ladrilhada com vista sobre o canal de navegação. As embarcações passavam tão próximo que se distinguiam todos os pormenores nas cobertas e muitas vezes estivera ali com os pais, a assistir à partida de amigos de Mombaça, as suas figuras encolhendo e transformando-se em esguias silhuetas a acenar a estibordo. Um leve ruído fê-la virar-se para ver Tim surgir no cimo das escadas e aproximar-se dela.

— Não consegues dormir? — perguntou ele.

— Não. Não paro de dar voltas à cabeça a tentar perceber o que ela quis dizer. Mas acho que a Lottie sabe. Falou imediatamente na questão dos Mau-Mau, se calhar é isso. Eu sei que o irmão do Jan foi morto durante o estado de emergência. Na floresta de Aberdare.

— Foi uma época particularmente selvagem — observou Tim. — As pessoas por vezes cometem actos desesperados quando estão a lutar pela vida ou pela família ou para proteger os seus bens. Os Mau-Mau não mataram assim tantos europeus como isso, mas aqueles que mataram morreram em circunstâncias extremamente bárbaras. E semearam o terror

junto de muitos africanos inocentes. Forçaram-nos a submeter-se às medonhas cerimónias de juramento, caso contrário seriam mutilados ou assassinados. Os quicuios massacraram centenas de pessoas da sua raça que se recusaram a alinhar com eles.

— Langani nunca foi atacada directamente, embora o Jan se tenha ausentado de casa durante algum tempo.

— A maioria dos agricultores alistou-se no Regimento Real de Carabineiros ou nas Forças Especiais e deu caça aos bandos nas florestas. Cobriam-se com gordura animal, pintavam as caras e usavam cabeleiras. Eram chamados pseudogangues. Viviam em perigo de morte e passavam fome durante meses a fio, à procura de células terroristas para as eliminar. Não tenho dúvida de que alguns desses indivíduos enlouqueceram um pouco. Sabe-se lá o que o Jan terá visto ou feito nesses anos. — Tim acendeu um cigarro.

— Dá-me um, por favor.

— Agora fumas? Desde quando?

— Toda a gente na escola fumava de vez em quando. Mas agora preciso mesmo de um. — Tirou uma fumaça do cigarro. — Não compreendo porque é que a Marina falou dos van der Beer naqueles termos. Que lhe importa a ela o que o Jan fez ou não fez há tanto tempo? Que interesse é que ela tem em magoá-los? E o Piet... viste a cara dele?

— Acho que ela está roída de ciúmes porque a Camilla é mais feliz com pessoas como nós. Deus sabe que ela é uma cabra miserável e azeda.

— Pobre Camilla. — A expressão de Sarah estava carregada de compaixão.

— A Camilla é rija — disse Tim. — Há-de sobreviver. A Hannah é que pode ficar terrivelmente afectada. É muito mais vulnerável. É ela quem mais precisa da tua amizade.

Sarah olhou surpreendida para o irmão. — Pensei que estavas perdido pela Camilla.

— E estou. Mas quando eu desse por mim já ela me tinha comido vivo. Com ela é só... enfim, uma atracção física. Não tem nada a ver com realização espiritual. Mas a Hannah... essa sim, é uma Mãe Terra... muito mais promissora.

— Queres que lhe diga que disseste isso? — Sarah tinha começado a rir. — Estou a ver que és um poço de sabedoria. E eu aqui a pensar que não

passavas do meu irmão idiota.

— Vai mas é deitar-te, rapariga. Esta noite não podemos resolver os problemas dos africanos. Se tudo correr bem, a nossa expedição amanhã há-de compensar este serão desastroso. Se é que a Hannah e o Piet continuam a planear ir connosco.

No quarto de hóspedes, Camilla ouviu os seus risos abafados e desejos sussurrados de boa-noite ao passarem pela sua janela. Quando o silêncio mais uma vez a envolveu, continuou deitada na cama a observar o movimento e a oscilação das sombras nocturnas. Ainda não tinha adormecido quando os primeiros laivos róseos da alvorada tocaram a calma do mar plano.

² Embarcação árabe de um só mastro, que usava a vela como única forma de propulsão e que transportava mercadorias entre o golfo Pérsico e a África Oriental. (*N. do E.*)

CAPÍTULO 5

Quénia, Dezembro de 1962

O sol ia alto quando partiram no velho carro de Tim, acelerando através das filas espinhosas das plantações de sisal até que o alcatrão deu lugar a um piso sulcado e arenoso.

— Sinto-me mal por não passar a véspera de Ano Novo com os nossos pais — disse Sarah. — Vai ser um dia cheio de nostalgia. Mas concordo com o Tim e o Piet... devemos pensar no futuro e não ficar presos ao passado.

— Por falar no passado, quero pedir desculpa pelo comportamento da minha mãe ontem à noite. — A expressão de Camilla era calma mas a voz soou nervosa.

— Deixa lá. Quase todos os pais têm coisas que não querem discutir — disse Piet. — O meu pai recusou-se a dizer uma palavra quando chegámos à casa de praia e a minha mãe disse-nos para nunca mais mencionarmos o incidente de ontem.

— Mas, se calhar, é alguma coisa que devíamos saber — disse Hannah.

— Não. Devemos respeitar a vontade dele. Cá para mim deve ter tido uma disputa qualquer com o governo britânico que está registada em qualquer lado. Mas não é o único fazendeiro nessa posição. Seja como for, a nossa amizade não depende das vidas dos nossos pais... é nossa.

— Acho que tens razão — disse Hannah com cepticismo. — Eles pertencem a outra geração e nós não podemos passar a vida a pensar no que fizeram ou não fizeram.

O violento solavanco que o carro deu ao entrar na estrada de terra batida impediu-a de continuar. Abriram as janelas e começaram a cantar a plenos pulmões. Qualquer outra menção à noite anterior passou, por acordo tácito, a ser tabu. Em Mida Creek, contornaram os terrenos planos da maré baixa, onde pululavam aves, rodeados pelos mangues que medravam na

água barrenta. Soprava uma ligeira brisa e o ar estava saturado de maresia ao saírem da estrada principal em direcção à cidade em ruínas de Gedi.

— Podemos dar primeiro um passeio a pé e fazer depois o nosso piquenique no Palácio do Sultão — propôs Tim. — E quando estivermos fartos de fantasmas e ruínas, vamos até à praia em Watamu. Acham bem?

— Desde que partamos antes de anoitecer — disse Sarah.

— Claro. Uma cidade assombrada, à noite, não é sítio para a nossa Sarah! — provocou Camilla no momento em que Tim virou para o trilho estreito. — Ouvi dizer que há fantasmas por todo o lado.

— É estranho nunca ter aparecido nas velhas cartas árabes — observou Tim. — Uma cidade próspera, mas os vizinhos mais próximos não tinham qualquer conhecimento de que existia. E até hoje ninguém sabe se morreram de malária ou às mãos de tribos hostis ou se abandonaram simplesmente o local. A propósito, tenham cuidado com as cobras e as *siafu*... não é boa ideia pisar uma coluna dessas formigas.

— Fantástico. Dito assim, é tão acolhedor que me pergunto o que é que estamos aqui a fazer. — Camilla foi a primeira a sair do carro. O ar estava carregado de humidade e transportava o odor a folhas em decomposição da selva em que se escondiam as ruínas. — Bolas, causa arrepios. Mesmo em pleno dia.

Uma onda de calor e silêncio envolveu-os, interrompida apenas pelo tiquetaque do metal quente enquanto o carro arrefecia e pelos gritos e palração dos macacos nos ramos em cima. A antiga cidade espreitava da densa floresta, sinistra e matizada de mistério e vegetação exuberante. Através do emaranhado de plantas, distinguiram o brilho dos beija-flores a pairar sobre os arbustos que se haviam agarrado às construções abandonadas. Parecia uma invasão entrar naquele outro mundo e eles caminharam lenta e silenciosamente até alcançarem a área em redor do palácio primitivo. Os ramos sem folhas dos embondeiros agigantavam-se sobre as casas esquecidas e as raízes de árvores mais pequenas pareciam estrangular os antigos muros, sugando os últimos vestígios de vida das pedras esboroadas.

As construções espreitavam através da vegetação como sentinelas mudas, as suas paredes de coral e rendilhados de pedra esculpida a vigiar, como uma mulher vestida com um *purdah* poderia observar o mundo através do seu véu, revelando apenas vislumbres tentadores da sua

presença oculta. Três pilares fúnebres erguiam-se como guardiães, junto das ruínas da Grande Mesquita e do Palácio do Sultão, cujas janelas estavam escancaradas, numa vulnerabilidade cega.

— Que sítio, meu Deus! — Piet emitiu um assobio prolongado, contemplando alamedas submersas em vegetação que desapareciam numa impenetrável cortina de folhagem. — Sinto-me um intruso. Como se não tivéssemos o direito de perturbar os sonhos deste lugar.

— Credo, Piet! — Camilla olhou para a cara dele, sorridente. — Não sabia que tinhas a alma de um romântico. És tu e a Sarah, com as declarações místicas dela.

— Podias descobrir muitas coisas a meu respeito, Camilla, se quisesses. Se te desses ao trabalho.

— Está demasiado calor para ir mais longe. Vamos abrir a cesta do piquenique, tomar uma bebida fresca e comer qualquer coisa. — Até aos seus ouvidos, a voz de Sarah revelou uma nota de tensão.

Sentaram-se na relva, à sombra do Palácio do Sultão. Havia frango frio e salada, pãozinhos frescos, bonitas torcidas de papel com sal e pimenta e cerveja gelada na geleira, com limonada para fazer *panaché*.

— Nunca me soube tão bem a cerveja. — Hannah encostou-se às velhas pedras, de olhos fechados, e bebeu um longo trago do copo. — Espero que o sultão não nos esteja a observar de muito perto. Não devia ficar muito satisfeito se visse nos aposentos dele mulheres de cabeça destapada, braços e pernas ao léu e a tomar bebidas alcoólicas. Não o sentem a mexer-se na campa?

— Acho que, se estivesse assim tão descontente, já tínhamos sido expulsos daqui. — Tim estava a atacar a cerveja e a coxa de frango com entusiasmo.

— Expulsos por quem? — perguntou Camilla.

— As pessoas que viviam aqui enterravam um vaso de barro à entrada de casa, com um sortilégio escrito lá dentro para atrair um espírito poderoso. Depois, um *djinn* instalava-se no vaso e protegia a casa dos inimigos. — Tim sorriu. — Se o *djinn* do sultão estivesse zangado contigo, já te tinha escorraçado daqui ou tinha-te feito engasgar com a comida, talvez.

— Ou mandado uma mamba para te matar com o veneno dela — disse Piet. — Como aquela!

Pôs-se em pé de um salto, apontando para um recanto escuro. Hannah gritou ao ver uma cobra verde sarapintada deslizar no solo à frente deles, o corpo iridescente nos retalhos de luz do sol.

Piet soltou uma gargalhada estrondosa. — Tonta! Não és capaz de reconhecer uma cobra-de-água inofensiva? Que linda batedora que me saíste.

Camilla olhou para ele com severidade. — Não arrelies assim a tua irmã. Também me pregaste um susto de morte.

— Desculpa. — Piet ainda tinha nos olhos um brilho travesso. Virou-se para Sarah, que estava a contemplar os monumentos e túmulos em ruínas, semicobertos por árvores e lianas em flor.

— Estás muito calada. Em que pensas?

— No poema de John Masefield — disse ela com um ar sonhador. — Não me lembro do nome, mas podia ter sido escrito a propósito deste lugar.

«Como ossos erguem-se as cidades esfaceladas,
Como caveiras e esqueletos com olhos e costelas
Espalhados pelas areias do deserto salgadas,
Com as mentiras do rei gravadas como estelas.
Vibravam outrora com uma força sem igual,
Com tropas, vozes e buliçosos mercados,
Onde agora ao luar se regozija o chacal
E a áspide muda traça a morte nos prados.»

Fez-se um profundo silêncio quando ela acabou de recitar. Hannah estremeceu levemente.

— Gostava de saber o que os levou a abandonar este lugar. Porque teriam deixado tudo isto para trás. — Foi Camilla quem quebrou o encantamento.

— Talvez a vida deles se tenha enchido de adversidades e perigos e eles tenham simplesmente desistido — aventou Tim.

— Deixando tudo por que trabalharam e lutaram para criar, para serem engolidos pela floresta e se desintegrarem em nada. — A voz de Piet estava carregada de tristeza. — Tem sido a história de África, não tem? Pessoas que não faziam ideia de como aproveitar a terra escorraçaram as

tribos anteriores. Até nós chegarmos, ninguém se interessava verdadeiramente pelo solo. — Levantou-se de um salto, enfiando as mãos nos bolsos. — Mas eu não vou deixar que um bando de políticos gananciosos nos roube a nossa fazenda ou nos escorrace. Não quero saber que sejam africanos ou ingleses, negros ou brancos ou verdes. Ninguém me vai tirar o meu direito de ficar aqui, no país onde nasci. — Calou-se, embaraçado com o espanto que a sua explosão provocara. — Acho que vou dar uma volta — murmurou, afastando-se em passos largos e tocando, ao passar, no lintel arruinado do vão da porta lavrado, num gesto de respeito e pesar.

— Piet! — Camilla levantou-se num movimento fluido. — Espera por mim. Se vais explorar, eu vou contigo.

Erguendo o olhar, Hannah viu a expressão no rosto de Sarah. — Não, Camilla. Ele precisa de alguns momentos a sós.

— Bem, eu vou dar um giro. — Sarah estava arrependida de ter recitado o estúpido poema que suscitara a explosão de Piet. Que é que lhe tinha dado? Quis impressioná-lo com os seus conhecimentos literários porque Camilla dissera que ele tinha a alma de um romântico? — Vou tirar fotografias. Só para refutar o mito de que a película sai em branco quando se tenta revelar imagens de Gedi.

Pegou na máquina e partiu por um dos trilhos da floresta, tendo o cuidado de não tomar a mesma direcção de Piet. A princípio sentiu-se inquieta mas, ao fim de algum tempo, começou a imitar o pio dos pássaros e a divertir-se com as suas reacções. Caminhou até ao limite das casas desertas, a floresta adensando-se cada vez mais à medida que avançava. Por fim, chegou a uma clareira onde se encontravam lado a lado as ruínas de duas construções com um grande poço de pedra em frente.

Parou, sentindo um formigueiro na nuca como se estivesse a ser observada. Pairava um odor estranho na clareira, adocicado e enjoativo, e ela ouviu um zunido. Receosa, pois agora estava bastante distante do local do piquenique, avançou cautelosamente. Do outro lado do poço, o solo tinha sido limpo e ela viu uma forma preta que palpitava e oscilava quando se aproximou. Abeirou-se um pouco mais e o cheiro penetrou-lhe na garganta, causando-lhe uma náusea violenta. Um tapete de moscas movediço, espesso e compacto, elevou-se no ar à sua volta, revelando aquilo de que haviam estado a alimentar-se. Sarah gritou.

Era um cabrito, pregado ao solo, o ventre aberto de lado a lado, com as entranhas a brilhar e o sangue a escorrer para a depressão no solo onde estava caído. Horrorizada, apercebeu-se de que ainda estava vivo. Desesperado, um estertor sacudia-lhe o corpo e ela viu que os seus olhos se iam tornando leitosos à medida que a vida o abandonava. Fixando-o, Sarah sentiu o mundo cerrar-se em trevas à sua volta. O lugar onde se encontrava era outro e a criatura trémula que sangrava no chão era um homem, prostrado, impotente e a gemer, os olhos desviados dela enquanto se debatia para estancar a torrente de sangue que lhe jorrava das feridas. Uma *panga* havia desferido repetidos golpes no seu corpo, rasgando-lhe o peito, os braços e as pernas e abrindo-lhe o ventre. Gritou de horror quando os despojos da sua cabeça dilacerada e ensanguentada se viraram para ela, suplicantes, e viu que no lugar dos olhos havia apenas órbitas vazias. Com vômitos, tentou fugir mas as suas pernas cediam quando ouviu pessoas a correr para ela e sentiu as mãos que a puxavam enquanto lutava para escapar. Depois tomou consciência da voz de Piet e de Tim a ampará-la ao cair de joelhos, vomitando violentamente.

— Já passou, rapariga. Já passou. Não é um espectáculo nada bonito. — Tim amparou-lhe a cabeça enquanto ela se debatia para dizer qualquer coisa sobre o cabrito.

— Que coisa horrível! — Piet estava ajoelhado ao lado dela. — Acabei com a vida do pobrezinho.

— Não sei se fizeste bem — disse Tim, olhando por cima do ombro. — Esta floresta é um local sagrado, sabes? É muitas vezes usada para sacrifícios rituais e coisas dessas. Provavelmente foi o que isto foi. Parte de um exorcismo ou de uma cerimónia semelhante. Um espírito maligno é transferido de uma pessoa para uma cabra e depois sacrifica-se o animal... é-lhe feito um golpe para ele derramar o poder do espírito para solo sagrado. O animal tem de estar vivo para o sangue correr.

— Que horror! Que barbárie! — Camilla, branca como a cal, estava de olhos colados nos restos macabros do animal. Recuou quando as moscas se elevaram novamente. — Não admira que tenhas gritado com quantas forças tinhas, Sarah. Se fosse eu, tinha desmaiado logo.

— Não devias ter-te metido assim sozinha pelo *bundu* dentro. — Tim estudou o rosto pálido da irmã e o medo ainda patente nos seus olhos. —

Há elefantes por aqui, sabes, e às vezes aparecem búfalos que não hesitam em proteger o território deles.

— Acho melhor irmos andando. — Piet estendeu uma mão para ajudá-la a levantar-se. — É muito provável que as pessoas que fizeram isto voltem. Não viste ninguém no caminho, pois não? Nem ouviste nada?

Sarah recordou a sensação inquietante que experimentou de estar a ser observada. Mas provavelmente não passava da sua própria imaginação sobreexcitada. Abanou a cabeça. — Não. Ninguém — respondeu.

— Vamos lá então. — Tim pegou num grande lenço e limpou-lhe a cara e as mãos. — Sentes-te melhor?

— Sinto — disse ela, mantendo os olhos afastados do animal morto. — Desculpem lá esta confusão toda. Não sei que me deu.

Estremeceu, tentando não reviver essa horrível transformação de animal sacrificial em homem durante aqueles segundos breves e aterradores. Repreendendo-se pela sua infantilidade, avançou lentamente para o carro, com a mão firme de Hannah no braço a guiá-la. Soltou um suspiro de alívio quando arrancaram.

— Sabem que se diz que os faróis dos automobilistas que visitam Gedi à noite falham de repente sem qualquer razão? As pessoas ficam sozinhas, retidas no escuro. — Tentou rir.

— Devem ser os *djinn* do sultão à caça — Tim aproveitou a tentativa dela de aligeirar o ambiente.

Hannah agitou-se no banco de trás. — Acabemos com o tópico de Gedi. Estou farta desses fantasmas do passado à espreita em todo o lado — declarou.

— E se fôssemos fazer *snorkelling* em Watamu? — sugeriu Tim. — Antes de montarmos as tendas.

— Que ideia genial — disse Camilla. — E depois vamos ao Turtle Club dançar até gastarmos as solas. Acelera, Tim. Estou pronta para mares tropicais, comida e a luz das estrelas.

Quando Sarah acordou, o carro tinha parado. À sua frente, uma extensão de água azul-turquesa e cobalto cintilava sob um céu sem nuvens. O vento sussurrava através das casuarinas e a maré estava cheia. Pouco depois, estavam na lagoa, mergulhando na frescura do oceano e libertando-se da poeira, da fadiga e de sonhos inquietantes. Cardumes de pequenos peixes nadavam a par com eles, as suas cores deslumbrantes como jóias na água

transparente. Mais afastados da costa, encontraram o primeiro jardim de coral. Decorreu uma hora e depois duas enquanto se compraziam na silenciosa beleza de um outro mundo, livres de qualquer noção de inveja e destruição ou de vozes a gritar de fúria. Por fim, fizeram sinal uns aos outros e nadaram de volta à água pouco funda na orla da praia.

— É mágico. Não há nada mais belo no mundo — disse Tim ao subir à tona, a cara contraída num sorriso enquanto sacudia a água do cabelo crespo. — É um lugar fantástico, repleto de um silêncio ditoso, imponderável e tranquilo.

Hannah deitou-se na água, passando os dedos pela areia onde o mar rebentava e traçando linhas nas suas ondulações. É tão parecido com a Sarah, pensou. Deixam-se os dois tocar e dominar constantemente pela massa confusa, pela beleza e pela fragilidade do movimento humano. Tinha adorado estar no mar verde-azulado com Tim Mackay, a nadar, a mergulhar ao seu lado para chegar aos leitos de coral e a mover-se sem esforço com a corrente. — Prefiro ser imponderável debaixo de água do que a flutuar no espaço — declarou.

— Onde está o teu sentido de aventura, mana? — Piet rolou para ficar de bruços, mais perto de Camilla.

— Firmemente enraizado nesta terra. Nesta areia. Na nossa fazenda. Mas pode ser que vá passar férias à lua quando for velha. Se entretanto os americanos ou os russos conseguirem mesmo lá chegar.

— Às tantas vais ter de reconsiderar isso tudo se o pai decidir deixar Langani — disse Piet e a exclamação de Hannah fez com que todos olhassem para ela.

— Mas eu vou ficar. E tu também. — Hannah proferiu estas palavras com uma ferocidade que surpreendeu o irmão. — Foi o que tu disseste. A nossa casa e o nosso país são aqui. Vamos ficar.

— Então, calem-se os dois com isso! — Sarah enterrou os dedos nervosos na areia. — Vamos estar todos aqui depois da Independência. De uma maneira ou doutra, havemos de voltar do que estivermos a fazer. Eu sei que vamos acabar todos aqui... até tu, Camilla. Este país nunca nos deixará partir.

— Lá está ela outra vez. — Camilla soergueu-se sobre um cotovelo. — Mas suponho que podemos estar gratos por esta previsão mais optimista

de Sarah. Mas tem razão. Não consigo imaginar que nunca mais aqui volte. Faça o que fizer, este país fará sempre parte de mim.

— Bem, eu estou mais interessado no futuro imediato. — Tim levantou-se e pegou na roupa. — Já aproveitámos o melhor do sol e temos de montar as tendas. Depois são horas de uma cerveja fresca e de um duche. E, a seguir, comer e dançar.

O Turtle Club estava a transbordar de famílias do interior que tinham descido à costa de férias. O local vibrava com ruído e gargalhadas, o borbulhar de bebidas a serem servidas e o tinido de copos. Tim contou o dinheiro que todos tinham nas carteiras e porta-moedas e pediu lagostas frescas e vinho branco gelado. Apareceram amigos que os convidaram a integrar um grupo maior, mas eles evitaram deliberadamente a confusão geral. Iam a meio do jantar quando Camilla sentiu duas mãos a tapar-lhe os olhos e ouviu a exclamação de Piet.

— Anthony! É porreiro encontrar-te, pá! Como é que não estás no *bundu*?

— Os meus clientes quiseram fazer uma pausa em Nairobi, como era de esperar. Por isso, dei um salto aqui. Já sabia que ia esbarrar com alguns *rafikis* — Anthony Chapman estava a falar com Piet mas tinha os olhos fixos em Camilla. — Posso juntar-me a este grupinho selecto? — Sentou-se e pediu mais vinho. — E cá está a futura zoóloga, rodeada por espécimes estranhos prontos para serem estudados. Ou preferes vir dançar comigo, Sarah?

Ela aceitou e sorriu mas, ao virar-se para a pista de dança, viu Piet passar o braço em redor da cintura de Camilla, debruçando-se para lhe sussurrar qualquer coisa ao ouvido. Sarah sentiu um aperto no estômago e tentou em vão concentrar-se no que Anthony dizia enquanto a conduzia para o meio da confusão e a mesa desaparecia de vista. Quando voltaram à companhia do grupo, Piet levantou-se e estendeu a mão a Camilla mas Anthony antecipou-se e puxou por ela. Por um momento, Piet hesitou. Depois arrastou Sarah para a pista de dança onde começou a executar uma série de rodopios furiosos, contorcendo-se e girando e soltando gargalhadas e urros que a fizeram começar a sentir-se tonta e com calor. Depois a música abrandou e ele puxou-a para si. Ela encostou-se a ele,

aflitivamente consciente de que lhe escorria um fio de suor pela cara a partir do cabelo e esforçando-se por se acalmar e inalar algumas golfadas do ar fresco do mar. Desejava flutuar com ele para longe, para a praia onde não havia outra música senão o mar incessante. Mas quando a melodia chegou ao fim, ele sorriu-lhe, tocou-lhe na face e conduziu-a de volta à mesa onde ela deu consigo dividida entre a euforia e o pesar. Com a aproximação da meia-noite, o champanhe começou a chegar a todas as mesas. Já decorriam brindes quando a música parou.

— Já passei aqui o ano muitas vezes com os meus *rafikis* e nunca me senti tentado a fazer ou a encorajar discursos. — O proprietário do Turtle Club tinha saltado para cima de uma mesa na ponta do terraço. — Mas esta noite é diferente para todos nós. Esta noite é a última passagem de ano sob o domínio dos bons velhos ingleses e, por esta altura no próximo ano estaremos a viver num Quénia independente, sob uma bandeira diferente. Portanto, hoje vamos erguer os nossos copos ao passado. Vamos beber à saúde daqueles que fizeram deste maravilhoso país o que ele é e daqueles que têm a coragem de ficar e ajudar a construir um futuro brilhante. Muitos estão nesta sala esta noite. — Ergueu o copo, elevando-se acima da multidão, e passou os olhos pelos rostos optimistas antes de fazer o brinde. — Ao grande país que nos guiou a todos até este momento da nossa história. Viva a rainha, Deus abençoe o Quénia e todos nós!

Uma voz solitária começou a cantar as primeiras palavras do hino nacional e, após os primeiros acordes hesitantes, as pessoas fizeram coro até que o crescendo da música se elevou acima do telhado de colmo de palma, estendendo-se até ao oceano. As pessoas atravessaram a sala para se abraçarem com optimismo ou pesar, para transmitir palavras de esperança, para afirmar a sua determinação de ficar ou para comunicar a sua decisão de começar vidas novas e desconhecidas. Foram lançadas serpentinas pelo ar ao começar a contagem decrescente para a meia-noite. Soaram apitos, o canto intensificou-se e na pista formaram-se rodas de dançarinos, acotovelando-se e rindo, no momento em que soaram as doze badaladas e a banda tocou «Auld Lang Syne».

Foi Piet quem lhes fez sinal para se afastarem da multidão agitada e irem até à praia. Caminharam pela língua das ondas, distanciando-se das luzes e da música até deixarem de ouvir ou ver o que quer que fosse para além do suave marulhar das ondas e de uma tira de luar que se alongava,

bruxuleante, até ao horizonte. Anthony despiu a camisa e as calças e mergulhou no mar. Piet seguiu-o, atirando a roupa para a areia e não tardou que estivessem todos a flutuar na água, cercados pela cintilação da luz fosforescente e reflectida das estrelas.

— Então quais são os vossos planos para amanhã? Vão ficar mais uns dias? — perguntou Anthony.

— Não, voltamos para Mombaça de manhã. No nosso caso, regressamos a Langani dentro de dois dias — respondeu Piet. — O Tim retoma os estudos de Medicina na Irlanda na próxima semana e leva a Sarah para Dublin.

— E tu, Camilla? — Anthony pôs-lhe as mãos em redor dos tornozelos e puxou-a para si na água. — Não tens de partir já, pois não?

— Vamos partir todos juntos. — A resposta de Piet foi brusca. — A Camilla está em casa dos Mackay.

— São uns sortudos, os Mackay! — disse Anthony alegremente.

— Oh, vamos ficar aqui para sempre. — Havia apreensão no tom de Hannah. — Vamos viver sempre juntos, a começar aqui e agora. Abrimos um bar simples e alguns *bungalows* para arrendar. Como a Sarah diz, seremos cativos deste país. Mas longe das disputas e dos medos do novo governo e de todas as mudanças que se avizinham.

— Não. — Sarah falou com determinação. — Ainda não chegou o momento. Mas devemos fazer planos para voltar para cá. Havemos de regressar, aconteça o que acontecer, no ano em que nós as três fizermos vinte e um anos. E ficamos no novo *lodge* do Piet, às tantas fazemos juntos um safari e passamos algum tempo aqui na costa.

— Subcrevo essa ideia — disse Anthony. — E se o Piet os vai receber no *lodge* dele, eu organizo a parte do safari. — Olhou para Camilla. — Disseste que fazias um safari comigo quando fosses rica e famosa. Lembras-te?

— Está a ficar frio aqui na água — disse Piet. — Vem comigo, Lady Camilla. Eu monto uma candeia na tua tenda. Para não pegares fogo ao acampamento.

Instalou-se um breve silêncio. Depois Camilla riu-se.

— Eu arranjo-me com o luar. Só preciso do meu sono de beleza, ainda que num espaço que mal chega para uma sardinha.

— Podes sonhar com as opulentas tendas, com os candelabros, os tapetes de seda e as casas de banho que vou providenciar para o grande safari que há-de marcar o vosso reencontro — disse Anthony.

— Concorde que são horas de nos irmos deitar — Tim fez uma tentativa para aliviar a tensão crescente. — Piet, devíamos ir tratar da água e das candeias para as tendas. Vocês podem seguir-nos dentro de alguns minutos, meninas. Onde estás alojado, Anthony?

— Mais à frente na estrada... em casa de uns amigos. Feliz Ano Novo a todos. A gente vê-se. Em breve, espero. — Anthony afastou-se pela praia fora, dirigindo-se para as luzes e ruído distantes do Turtle Club.

— Foi uma noite maravilhosa — disse Sarah. — É uma pena que tenha de acabar sem sabermos onde vamos estar todos dentro de alguns dias.

— Vamos fazer uma promessa — disse Hannah. — Uma promessa solene como antes. Que voltamos juntos para aqui quando fizermos vinte e um anos.

— Eu prometo — Camilla estendeu ambas as mãos. — Prometemos todos, não prometemos?

Ajoelharam-se em círculo na areia, rodeados pelo movimento ondulante do oceano escuro, salpicado de estrelas, e abraçaram-se uns aos outros, rindo a um futuro risonho e aos sucessos que relatariam uns aos outros no inebriante momento em que se reencontrassem.

CAPÍTULO 6

Londres, Novembro de 1964

Camilla acordou com um coro estridente de pássaros. Não era o gorjeio agudo dos piscos nem o arrulhar grave dos pombos que anunciava a manhã no Quénia. Aqui as aves que se viam eram sobretudo corvos, negros e barulhentos, gritando ao céu plúmbeo dos seus poleiros nos cabos telefónicos e nas árvores desfolhadas. Em Itália havia sol e as paisagens e a arquitectura eram gloriosas e extravagantes. O pai tinha sido colocado na embaixada em Roma, durante um ano, e ela passava muito tempo com ele, a explorar as ruas e monumentos antigos das cidades italianas, andando a pé nas colinas da Toscana e vogando pelos canais de Veneza. Por insistência dele, frequentara o curso de História da Arte em Florença e tinha gostado. Mas agora estavam de volta a Londres e ela contava os dias até à conclusão do obrigatório curso de secretariado e ansiava pela liberdade de viver uma vida diferente.

Pelo menos, viviam perto do parque. Todos lhe diziam que tinha muita sorte em viver a dois passos dos seus espaços relvados e árvores fustigadas pela chuva, e Camilla visitava-o diariamente. A mãe elogiava frequentemente a localização ideal do apartamento mas pouco tempo lá passava. A agenda de Marina era, em grande parte, preenchida com almoços, partidas de *bridge* ou a organização de festas de beneficência. Camilla descobriu que não se importava de passar o tempo sozinha e não era capaz de se imaginar a fazer grandes amizades que se comparassem com os laços que a uniam a Sarah e a Hannah. Não tinha grande jeito para escrever cartas mas enviava regularmente postais com mensagens breves e presentes de cada novo lugar que visitava. Achava que as amigas não compreenderiam a sensação de isolamento que experimentava em Londres, a sua incapacidade para se integrar em qualquer dos grupos de

peessoas que reuniam a aprovação da mãe, e detestava a obsessão de Marina com a hierarquia social londrina.

O pai retomara o serviço na Divisão Africana do Ministério dos Negócios Estrangeiros e continuava a viajar regularmente até Nairobi. Quando não estava no estrangeiro, parecia sempre ocupado com reuniões até altas horas da noite em Whitehall. Continuava a ter um papel-chave nas complexas negociações entre os governos britânico e queniano na preparação da nova Constituição que transformaria o Quênia numa república. Camilla tinha-o ouvido ao telefone a discutir o problema controverso da comunidade asiática e o direito de os seus membros viverem na Grã-Bretanha. No Parlamento, Enoch Powell opunha-se veementemente à livre imigração e a imprensa transbordava de retórica emotiva sobre o tema. Muitos agricultores brancos no Quênia ainda escarneciam do esquema de redistribuição de terras, alegando que vastas extensões do mais fértil território do país seriam destruídas pela ignorância e por uma gestão deficiente. Corriam acusações indignadas de que o governo britânico, na sua pressa de restituir a ex-colónia, tinha abandonado precisamente as pessoas que haviam sido responsáveis pela prosperidade do país. Quando Camilla aflorou a questão dos van der Beer, a reacção do pai fora brusca.

— Preferiram juntar-se ao êxodo para a Rodésia, minha querida, para o filho poder recomeçar do zero. Agora cabe ao teu jovem amigo fazer alguma coisa de jeito.

— Nunca teriam partido se não tivesse sido a explosão da mãe — disse Camilla. — E tu nunca explicaste o que aquilo tudo quis dizer.

— Já sabes que não posso discutir informação sensível.

— Se é assim tão sensível como é que ela lhe teve acesso?

— O Jan van der Beer fez uma opção egoísta por causa do filho. Em resultado disso, o Piet há-de singrar, se tiver juízo e trabalhar arduamente — disse George. — Foi provavelmente melhor as coisas terem tomado este rumo.

— Como é que podes dizer uma coisa dessas? Eles odeiam a Rodésia. E não pode ser um bom sítio para recomeçar a vida, com o Ian Smith e toda a confusão e azedume a respeito da Independência e do voto aos africanos. Escusas de fazer esse ar de surpresa, papá. Leio tudo o que posso sobre o assunto porque a Hannah está lá, metida nessa barafunda toda.

— O mais importante a ter em conta, minha querida, é que os jovens como o Piet têm grandes hipóteses de sucesso. O Jomo Kenyatta deu fortes garantias de que há lugar para todos trabalharem em conjunto.

— Só queria ter lá estado nas cerimónias da *Uhuru* — disse Camilla. — Ter assistido a tudo pessoalmente.

— Foi um acontecimento carregado de emoção. O *Mzee*, com o seu melhor traje tribal, e o duque de Edimburgo e o Governador com as espadas e as plumas. — George sorriu à recordação. — O Kenyatta e o príncipe Filipe foram conduzidos à cerimónia através de uma série de ruas secundárias para evitar os atrasos provocados pela multidão. Mas o plano saiu-lhes gorado porque o carro ficou atolado na lama e chegaram meia hora atrasados. Vi antigos dirigentes Mau-Mau numa festa, usando um uniforme qualquer de estilo militar, com os cabelos compridos e enfiados a cair-lhes pelas costas. E ali estavam, dispersos pelos relvados da Casa do Governo, com os políticos e os funcionários da embaixada vestidos a rigor. Os chamados generais Mau-Mau apertavam a mão a todo o tipo de estrangeiros importantes e às mulheres como se andassem naquilo há uma data de tempo. Mas não receberam um aperto de mão real. O próprio Kenyatta cortou-lhes o caminho com muito tacto, evitando gafes diplomáticas. Sabe muito, o homem. No geral, foi uma ocasião feliz e muito comovente. Foi realmente espantosa a boa vontade que permitiu levar tudo a bom termo.

— Quem me dera que tivéssemos ficado no Quénia — disse Camilla. — Foi o único sítio em que me senti em casa. É onde estão os meus verdadeiros amigos. Adorava estar a planear as férias de Natal na costa ou a ir para Langani. A fazenda está diferente?

— Ainda não. Acho que a longo prazo a maioria das pessoas que tiveram a coragem ou a fé para ficar não se hão-de arrepender da sua decisão. E o jovem Piet tem uma oportunidade tão boa como qualquer outro.

— Isso continua a não desculpar o que a mãe fez.

— Havia várias pessoas com acesso ao processo que a tua mãe encontrou na minha secretária. Qualquer uma podia ter levantado a lebre a respeito do caso. Não é uma questão simples. Mesmo na altura os contornos eram pouco claros.

— Que questão? — quis saber Camilla mas George abanou a cabeça.

— Diz-me, como é que a Hannah se está a dar? Que está a fazer? — Era evidente que não tencionava prosseguir a conversa sobre Jan.

— Há algum tempo que não tenho notícias dela. A culpa é minha. Sou um desastre para escrever cartas.

— Devias fazer um esforço — disse George. — Ela deve estar particularmente ansiosa para manter o contacto contigo e com a Sarah depois de todas as mudanças na vida dela.

— Que é que eu lhe posso dizer? — retorquiu Camilla, irritada e defensiva. — Foi a minha mãe que causou a convulsão que obrigou a Hannah a acabar numa aldeia remota da Rodésia que ela odeia. Foi a querida Marina que destruiu o futuro deles em Langani. Que é que eu posso dizer que possa agora fazer alguma diferença?

— A culpa não foi tua, minha querida — disse ele. — Não debes usar essa ideia desajustada de culpa para não manteres o contacto com ela. Essas duas raparigas foram como tuas irmãs durante muitos anos. Ninguém se pode dar ao luxo de desperdiçar amizades dessas. E tenho a certeza que os van der Beer não sentem senão afecto por ti.

— Não sabes isso — disse Camilla. — Não podes fazer ideia nenhuma do que esta mudança lhes fez. E é evidente que também não compreendes o que eu sinto sobre isso.

— A tua mãe cometeu um erro infeliz nessa noite. — A expressão de George era sombria. — Estava infeliz e sentia ciúmes e...

— Um erro infeliz? — A frustração de Camilla explodiu. — Não percebo porque tens sempre de a proteger. Porque não consegues ver a mãe como ela realmente é? Porque não te divorcias, papá? — Viu o pai retrair-se, recuando para se distanciar dela, mas não foi capaz de se controlar. — Vocês não são felizes juntos e ela está permanentemente irritada e amargurada. Ficava melhor sozinha e tu podias seguir com a tua...

— Camilla, esse assunto diz respeito a mim e à tua mãe, e a mais ninguém. — George deu meia-volta abruptamente, com uma expressão glacial. Pegou nas chaves do carro e abriu a porta da frente, deixando entrar o tristonho ar matinal londrino. Depois hesitou e virou-se para abraçar a filha, fazendo uma tentativa para sorrir. — Hoje conto chegar muito tarde e amanhã vou ter um dia complicado. Mas no fim-de-semana fazemos qualquer coisa juntos.

Não tocaram no tópicO espinhoso dos van der Beer desde esse dia. Camilla não queria discutir com o pai e evitava qualquer assunto que pudesse estragar as horas preciosas que passavam juntos. Naquele momento, pensou nele ao contemplar a chuva que salpicava e respingava nas vidraças da janela. O ar húmido havia-se insinuado no quarto durante a noite e ela tiritou ao baixar a janela de guilhotina, bloqueando o ruído e os fumos do tráfego matinal. Doía-lhe a cabeça dos *cocktails* e da quantidade de cigarros que fumara na festa do dia anterior e não fazia ideia das horas a que tinha chegado a casa. Interrogou-se se George teria ido para o escritório. Era sábado, mas era frequente ele trabalhar ao fim-de-semana. Se ainda estivesse em casa, podiam tomar o pequeno-almoço juntos, o que seria uma agradável forma de começar o dia. Mas não havia sinais dele na sala de visitas. Desiludida, encaminhou-se para a cozinha e pôs a chaleira ao lume. Meteu uma fatia de pão na torradeira com força desnecessária e procurou manteiga, compota e leite no frigorífico. A chaleira emitiu um assobio estridente que lhe feriu a cabeça dorida. Pegou nela para deitar água a ferver sobre as folhas de chá e entornou alguma na mão, dizendo um palavrão em voz alta com a dor. Marina ainda estava a dormir no andar de cima e provavelmente não se levantaria antes do meio-dia. A última coisa que Camilla queria era uma desagradável conversa com a mãe sobre as possibilidades sociais do fim-de-semana.

Agora só tinha de aguentar as últimas semanas do curso. Conhecia a fundo o tédio da estenografia e da dactilografia e o seu francês era fluente. Tinha havido aulas de introdução à literatura inglesa, história da arte, o arranjo de mesas e a confecção de suflês. Assistira a todas, quase em transe. As colegas estavam sobretudo preocupadas em obter convites para as festas mais cobiçadas de Londres e em passar fins-de-semana em mansões ventosas no campo onde se abriam oportunidades de bons casamentos. Camilla tinha pouco em comum com elas mas entregou-se a tudo o que Londres lhe podia oferecer, desiludindo e depois enfurecendo a mãe com a sua escolha de companhias.

— Andas com pessoas muito pouco recomendáveis, Camilla. — Marina olhou a filha de alto a baixo com repugnância. — E essa roupa é assustadora. Vulgar e reles e mal feita. Pareces uma empregada de balcão.

— Se calhar, é o que pretendo ser. Hoje em dia já não é preciso ser-se rico nem bem-nascido para se ser aceitável. Um vendedor ambulante

cockney ou uma empregada de balcão têm tantas hipóteses de ser a coqueluche da cidade como um duque ou uma duquesa. E, embora possam não vestir nem falar como tu, os meus amigos são artistas e escritores e gente com coisas diferentes para dizer. O mundo está a mudar, mãe. Somos uma nova geração com valores distintos dos teus e não precisamos de nos esconder atrás de um muro de intolerância. Não imaginas como estou grata por isso.

— Não sejas ridícula, Camilla. Pertences a um determinado nível social porque tiveste a sorte de ter nascido nele. Devias estar extremamente grata por isso.

— Felizmente, não há-de tardar muito para que as tuas regras a respeito de classe, dinheiro e bens materiais passem à história. — Camilla aplicou um traço de *kohl* em torno dos olhos e colou uma boina de malha na cabeça. — Entretanto, vou ao cinema.

— Só te estás a prejudicar com essa atitude infantil — Marina suspirou. — A tua reputação é a única coisa que tens, Camilla, e uma vez perdida nunca mais a recuperas. Muito se hão-de regozijar os teus vendedores ambulantes quando virem pessoas como nós destruir-se. Espero bem que esta parvoíce toda te passe, se tivermos paciência para tal.

Quando não estava nas aulas, Camilla passava o tempo a ver peças e filmes, onde podia sentar-se durante horas a estudar as expressões e os gestos dos actores cujas pisadas ansiava seguir. Devorava arte e música de todos os géneros, absorvendo a diversidade da oferta cultural de Londres, visitando museus e frequentando salas de concerto e cinemas. À noite dançava em discotecas barulhentas onde bebia vodka e fumava, numa interminável névoa de marijuana e estranhas e desconexas conversas em caves lúgubres. Invadia-a a alucinada energia e a sensação de mudança da cidade, enchendo-a de rebeldia e atraindo-a para um torvelinho de actividade ininterrupta. Mas, mesmo no meio de uma multidão em que era frequentemente o centro das atenções, permanecia uma observadora, à margem de um mundo frenético que no fundo não a comovia.

Esquadrinhava as novas boutiques de Carnaby Street e King's Road, voltando para casa com botas de couro pela coxa, saias curtas e calças à boca-de-sino ou com roupas indianas bordadas com missangas e penas. Estalavam discussões quando punha de lado as camisolas de caxemira, as pérolas e as écharpes de seda que Marina esperava que a filha usasse um

dia para o seu retrato de noivado na revista *Country Life*. Na escola de Lucie Clayton, aprendeu a aplicar maquilhagem de forma profissional e a andar como um manequim na passarela — um movimento bamboleante projectando as ancas para a frente e com um beicinho nos lábios que surgia com naturalidade. A escola dizia que possuía um rosto e uma figura altamente fotogénicos. Diziam que podia acabar na capa de uma revista sofisticada.

Inicialmente Camilla opôs-se à ideia, receosa que a distraísse do seu objectivo de uma vida no teatro. Mas, por fim, concordou em posar para um fotógrafo de moda que conhecera numa discoteca. Ricky Lane tinha-a observado do outro lado da sala e mais tarde abordara-a, estendendo-lhe uma bebida decorada com um guarda-chuva de papel e um vulcão fumegante. Ela conhecia as fotografias dele e agradou-lhe o seu sorriso contagioso e sotaque *cockney*. Ele prometeu mostrar os resultados da sessão a uma das principais agências de manequins e ela ficou optimista.

— Sabes como é, querida — disse ele, sorrindo-lhe. — Não se chega ao estrelato da noite para o dia. Com uma cara e um corpo assim, podes ganhar umas massas para te safares nos períodos maus. Umas coroas no mealheiro podem fazer toda a diferença na estrada para a fama. Às tantas até te vou pedir uns tostões emprestados.

O seu lado prático reconhecia que uma carreira de actriz poderia implicar períodos sem trabalho. De descanso, como as pessoas lhes chamavam. Era preferível ocupá-los como modelo do que a trabalhar num café sórdido como empregada de mesa. Já a tinham chamado para uma segunda audição na escola de arte dramática e estava certa de ter causado boa impressão. Uma carta de aceitação haveria de chegar em breve. Entretanto, o trabalho de manequim seria um complemento útil e não tinha importância se não tivesse sucesso nele. No entanto, sentia-se nervosa quando chegou ao estúdio de Ricky Lane. A sala era fria e feia e pairava um cheiro entranhado a tabaco. Sentiu o corpo a tremer ao virar-se para as luzes brilhantes e para a objectiva. Mas quando ele chamou por ela, atrás do tripé, começou a compreender o que ele pretendia. Estava a tocar música bastante alto no gira-discos e ela deixou-se gradualmente submergir no seu ritmo, articulando as palavras da canção enquanto rodava, posava, sorria e fazia beicinho, mexendo a cabeça de modo a formar um halo com o cabelo em redor da cara. Percebeu que ele estava

satisfeito quando se aproximou com a máquina, inclinando-a para um lado e para o outro, disparando cada vez mais rapidamente e elevando a voz de excitação.

— Com os diabos, tens um talento natural. Eu vi logo! Vi logo, caramba! Vamos fazer coisas fantásticas juntos, querida... ouve bem o que te digo. Vá, vira-te para mim. Outra vez para lá. Baixa essa alça e olha por cima do ombro como se quisesse seduzir-me. Isso... é assim mesmo, princesa Camilla. É assim mesmo!

Mas passaram várias semanas depois da sessão sem ela ter notícias dele. Com a aproximação do Natal, experimentava uma terrível sensação de solidão e desânimo que não conseguia ultrapassar. Enviou cartões e presentes a Hannah e a Sarah, pensando quando voltaria a vê-las. Se é que voltaria. Ao fim-de-semana preferia passar o tempo sozinha, deitada na cama com as cortinas corridas, impedindo a entrada da luz deprimente que a levava a ansiar pelas vastas planícies banhadas pelo sol e pelos mares tépidos da infância. Começou a comprazer-se na sua própria melancolia, afundando-se cada vez mais na tristeza e na letargia. Marina batia à porta do quarto com propostas de uma ida às compras ou um almoço. O pai sugeriu um fim-de-semana na Escócia ou em Paris. Mas nada cativava Camilla, que estava à beira do desespero quando chegou um telefonema de Sarah. Betty e Raphael Mackay estavam na Irlanda de licença e tinham alugado uma casa nas montanhas de Wicklow. Camilla gostaria de passar o Natal com eles? O seu torpor deu lugar a uma energia efervescente e ela precipitou-se para a agência de viagens e a comprar mais presentes.

— Mas nós vamos ao baile em Dorchester. Reservámos mesa. E a viagem à Escócia para o Ano Novo. Não faças isto, Camilla, por favor. É de um egoísmo total e deixa-nos numa situação embaraçosa no último momento. — Marina experimentou a persuasão, depois a fúria e por fim as lágrimas. George retirou-se para o escritório. Mas Camilla não vacilou. Tinha comprado o bilhete para Dublin e agora só contava os dias que faltavam.

Quando o avião começou a descer, ela olhou por sobre a malha de campos verde-esmeralda que rodeavam a grande Dublin, saboreando a expectativa exaltada que sentia no peito. Até a agitação das ondas taciturnas e cinzentas e as lentas espirais de fumo que se evolava das chaminés lhe agradaram no momento em que o avião pousou na pista com

um solavanco. Sentia-se reviver, surpreendida com a excitação e o prazer infantis que a percorriam. Sarah estava na zona das chegadas, vestida com um casaco de lã informe e um comprido cachecol, o cabelo emaranhado graças ao vento e à chuva. Tim estava com ela, magro e fatigado mas a sorrir com evidente deleite, os óculos de aros de metal escorregando-lhe pelo nariz ao cingir Camilla num forte abraço que deixou o seu corpo franzino sem ar.

— Estás magra de mais. *Guinness* e puré de batata a todas as horas do dia. São as ordens do médico para ti, minha menina.

— Tu também estás com um ar aterrador. Não queria nada ficar doente e dar contigo à minha cabeceira como a encarnação da morte.

— É de porem os novatos a trabalhar como escravos. Acho que este é o meu primeiro fim-de-semana de folga há cem anos. Credo, que trazes nesta mala? Devia ter tirado um curso de halterofilismo.

Camilla enfiou o braço na manga larga de Sarah e apertou-se contra ela. — Salvaste-me a vida. Mais um dia lá e tinha-me matado. E privava o mundo do meu génio que desponta.

— Não se passa aqui nada de excitante no Natal. Felizmente já acabámos com as visitas aos familiares espalhados por todo o país. Somos só nós e a última conquista do Tim — Sarah baixou a voz enquanto Tim metia a bagagem na mala. — Uma enfermeira loura, muito lavadinha e rosada. Mas deve ser muito quente e fofa numa noite de Inverno porque não vejo que mais ele...

— Posso estar meio cego de cansaço mas não sou surdo, Sarah. Não precisamos de uma apresentação prévia da Deirdre.

— Já percebi que causou uma grande impressão à Sarah. — Camilla lançou um olhar interrogativo a Tim que ficou corado de irritação. — Pensei que preferias o tipo moreno e perigoso, querido Timmy. Espero que não estejas a tornar-te um rapaz católico decente à procura de alguém com quem partilhar uma casa geminada e produzir um rancho de filhos.

— Neste momento estou à procura de uma maneira de estrangular a minha irmã e de me desembaraçar do cadáver.

Camilla acordou na manhã seguinte de excelente disposição, desaparecida a ansiedade e o ressentimento. Estava livre e de férias. Era como voltar para casa, ao fim de muito tempo, para a família e para os amigos que mais estimava. Lá fora, o céu estava inacreditavelmente azul e

os campos reluziam com a geada. À distância o mar delineava o horizonte com uma fina faixa prateada. Passou o dia com Betty e Sarah na cozinha, a preparar o peru e o recheio, a confeccionar molho de manteiga e conhaque, e empadas de frutos secos. À noite sentaram-se à lareira, a embrulhar presentes e a partilhar histórias. Depois do jantar, vestiram casacos quentes e cachecóis de malha e dirigiram-se à aldeia, onde os sinos da igreja repicavam a anunciar a missa do galo. Na pequena igreja, a voz distinta e pura de Sarah entoou os familiares hinos e canções de Natal que tinham cantado juntas na escola e Camilla tentou dominar o nó que lhe constrangia a garganta e a ameaça das lágrimas, fazendo coro com os cânticos de alegria e louvor.

No dia de Natal, estavam sentados à lareira quando Tim apareceu com a namorada. Deirdre era uma rapariga bonita e anafada, com um nariz arrebitado e grandes olhos azul-claros. Estava manifestamente pouco à vontade e, durante a primeira hora, limitou-se a ouvir a conversa à sua volta. Mas depois de dois cálices de xerez, a que não estava acostumada, perdeu o receio de dar a sua opinião, começando por um comentário sobre a magreza de Camilla e os perigos do tabaco. Disse que a pele e o cabelo de Sarah estavam um pouco secos e beneficiariam com uma colher diária de óleo de fígado de bacalhau. Era o tratamento que ela própria usava. E seria óptimo se Tim deixasse de beber e fumar tanto mas todos os jovens médicos internos eram iguais. Depois, virou a sua atenção para a geração mais velha. Raphael foi submetido a uma dissertação sobre as virtudes da enfermagem e a tirania dos médicos nas enfermarias. Tinha começado a parecer sitiado quando Camilla estendeu a mão sobre a mesa e cobriu a mão de Tim.

— Lembras-te dos nossos Natais no Quénia, Timmy? — Falou com uma voz aguda e maliciosa e uma expressão sensual. Betty levantou os olhos, alarmada. A rapariga parecia uma cópia da mãe. — É tão emocionante estarmos novamente juntos, ainda que sem uma lua africana nem palmeiras. Mas havemos de as ter quando voltarmos. Ontem disseste que ias voltar, não disseste?

— Disse que tinha de terminar o internato no hospital... tentar chegar vivo ao fim, aliás. — Tim mexeu-se na cadeira, claramente desconfortável. — Para lá disso não sou capaz de pensar.

— Claro que não, coitado de ti — Camilla fez beicinho e emitiu um som tranquilizador e terno que podia ter sido um beijo. — Entretanto, vais mostrar-me a tua bela cidade e todos esses *pubs* com cerveja preta e ostras.

— O Tim anda estourado. Os próximos dias são os únicos que ele tem para repousar — Deirdre olhou em volta, pouco segura de si. — Não sei se voltar para África lhe faria muito bem. Tenho lido sobre os problemas que lá existem, com a falta de higiene e o calor e a ignorância. E vai haver menos dinheiro para os hospitais agora que estes países começam a ser independentes.

— Mas ele não quer saber de nada disso, pois não, Timmy? — Camilla evitou o olhar hostil com que ele reagiu e concentrou-se completamente em Deirdre. — Quando se vive em África, aprende-se a ignorar coisas inevitáveis como os mendigos, os leprosos que nos assediam nos mercados, os guerreiros nus que nos perseguem com lanças ou as pessoas que cospem suco de bétel para cima dos nossos melhores sapatos. Uma pessoa deixa de reparar neles para poder gozar a vida. E o Tim é perfeitamente capaz de gozar a vida no Quénia. Não é, Sarah?

— Tu lá sabes. — Sarah não conseguiu levantar os olhos com medo de captar o olhar do irmão. Sentia-se desleal mas, ao mesmo tempo, estava perdida de riso.

— Estão a fazer pouco de mim — disse Tim, desesperado. — Fazem isto há anos. Há sempre problemas quando estão as duas juntas.

Deirdre tentou sorrir. — Cá para mim precisam de aprender piadas melhores.

— Se achas isso, é porque não ouviste a maior parte das piadas horrorosas do Timmy — disse Camilla com extrema doçura. — Não te contou a do missionário católico que engravida a gorila e...

— Deirdre, come um pouco mais de pudim, minha querida, e não lighes a estas raparigas. — Até Raphael se sentia embaraçado. — O Tim tem razão. São impiedosas.

— Mas nunca pensaste em viver no estrangeiro, Deirdre? — Sarah estava agora contagiada. — É verdade que todos nós queremos voltar para o Quénia. Mais do que qualquer outra coisa.

— Não sei se quero confrontar-me com um sítio desses. Há muito que precisa de ser feito na Irlanda e isso chega-me perfeitamente. — Deirdre

olhou para Tim. — Estás mesmo a pensar em voltar?

— Não tenho tempo para pensar sobre isso — respondeu Tim.

— Quando andávamos na escola, lembro-me de dizeres que o Quénia era um lugar temporário para pessoas como nós. — Camilla dirigiu a observação seguinte a Raphael. — Mas nunca nos libertamos, pois não? No fundo, aqui somos exilados. À espera de voltar para casa.

— Pensei que a tua aspiração era pisar as tábuas em Inglaterra — observou Tim. — Dentro em pouco hás-de estar a estudar em alguma vilazinha suja de província. Hás-de aprender o ofício em Bognor Regis com uma companhia de repertório itinerante, a tomar o pulso à realidade e à profissão, a viver em pensões que cheiram a couve e a desinfetante. Ou já desististe do teatro?

— Claro que não — ripostou Camilla. — Já fui admitida numa escola de arte dramática no próximo Outono. E não precisas de ser tão depreciativo, Timmy. Não tenho medo de sujar as mãos. Sou bem capaz de enveredar pelo teatro de repertório. Por uma ou duas temporadas, pela experiência. Eu mando-te bilhetes para a minha estreia e marco-te um quarto na minha pensão. Podemos partilhar a experiência das estâncias balneares inglesas. — Ficou satisfeita ao ver Tim finalmente a rir.

— Deirdre, fala-nos da tua família em Galway — disse Betty, tentando levar a rapariga a abrir-se um pouco. — Adorava ir ao Festival das Ostras outra vez.

Mas Deirdre mostrou-se estranhamente reticente em relação à sua terra e família e as afáveis perguntas de Raphael depararam-se com respostas vagas que nada lhes disseram. Tim deixou a companhia do grupo pouco depois a pretexto de a levar a dar um passeio pelos campos. Reapareceram por breves momentos mais tarde para se despedirem e afastaram-se de carro na noite escura, deixando os outros a tomar chá à lareira.

— Foste um bocadinho cruel — Raphael não conseguiu esconder inteiramente o seu divertimento.

— Não sejas hipócrita, querido. Já sabes que tenho dúvidas a respeito dela. — Betty pôs o braço à volta dele. — Acho que não faz o género dele.

— É demasiado fechada para o Tim. — Camilla bocejou. — Porque não o levas contigo a Londres na Páscoa, Sarah? Podíamos convencer o Piet a

vir da Escócia e estávamos todos juntos outra vez. O Timmy havia de adorar.

— Tiveste notícias do Piet? — A voz de Sarah era tensa.

— Não. — A boca de Camilla tremeu e ela desviou os olhos. — Só recebi um postal. Foi a Hannah que escreveu a dizer que ele estava na Escócia, agora que há um feitor em Langani. É estranho pensar na fazenda sem o Jan e a Lottie. De algum modo, ainda me sinto responsável.

— Não tiveste culpa nenhuma do que aconteceu, minha querida — exclamou Betty.

— A Hannah escreveu-te recentemente? — perguntou Sarah.

Camilla acenou lentamente com a cabeça. — Escreveu. Mas eu ignorei-a e fiz mal. Sentia-me muito deprimida antes do Natal. Uma estupidez. É um traço de família. — Encolheu os ombros num gesto de pesar. — Tenho de ter mais cuidado para o suprimir. Assim que chegar a casa, vou rectificar o erro.

No aeroporto, Betty Mackay abraçou-a, tentando transmitir à jovem o calor e a afeição que pudessem reconfortá-la. Tinha sugerido, na última noite em Wicklow, que Camilla terminasse o curso de secretariado na Irlanda.

— Podias partilhar um apartamento com a Sarah. Há muitas oportunidades em Dublin para jovens com talento. Podias integrar o Abbey ou o Gate Theatre, quem sabe, em vez de estudar teatro em Londres. O Raphael tem um primo que é um dos principais actores e produtores irlandeses. Podias começar por falar com ele.

Camilla abanou a cabeça. — São todos extremamente generosos comigo. Mas estou quase a acabar o curso naquela escola enfadonha. Depois vou para a escola de arte dramática e estou lançada.

— Tens a certeza de que vão aceitar-te, minha querida? — perguntou Raphael. — Porque posso definitivamente conseguir-te uma entrevista no Abbey.

— Mil vezes obrigada mas tenho a certeza. Chamaram-me para uma segunda audição e estou a ter aulas particulares com uma pessoa que ensinou na RADA. Não tenho dúvidas de que me vão oferecer um lugar.

Camilla arrependeu-se da mentira assim que a proferiu mas queria tranquilizá-los, mostrar-lhes que a sua vocação e convicções eram fortes. Sobretudo não queria que sentissem pena dela, que se apercebessem da

sua insegurança. Abraçou Betty. — Entretanto, sou capaz de arranjar trabalho como modelo através do fotógrafo de quem lhes falei. Por isso, para já vou-me deixando ficar por Londres.

Um mês depois, recebeu o diploma de estenodactilografia e uma imponente folha de papel a confirmar que se tinha formado pela Escola de Moda e Secretariado de Lucie Clayton. Estava a admirar o diploma quando o telefone tocou.

— Olá, querida. É o Ricky. Estive a fotografar durante o Natal e o Ano Novo. Hoje em dia cada vez mais se tiram fotografias de exterior e eu estive em Espanha. Até no dia de Natal fez sol e não faltou vinho. Com cinco xelins compra-se um garrafão. Andei quase sempre bêbado.

— Deve ter sido bestial. — Agradava-lhe o tom animado da voz dele que a reconfortava.

— E foi. Pois bem, mostrei as tuas fotografias a um amigo meu. Um agente. Ele quer falar contigo. Sexta às três horas, se te der jeito. Eu vou contigo. Para fazer as apresentações e tudo isso.

Percebeu imediatamente que a aceitavam e, momentos depois, passaram-lhe um papel e instruíram-na a apresentar-se num estúdio fotográfico na tarde do dia seguinte. Decorria uma campanha publicitária a um champô, disseram, e a empresa pretendia uma loura natural e uma nova cara. Camilla saiu da entrevista com um contrato, a garantia de um cheque avultado e outra entrevista para uma sessão de fotografias de moda na semana seguinte. A alegria estampava-se-lhe no rosto ao caminhar pela rua como se flutuasse, impelida por uma sensação de poder. Finalmente a sua figura podia ser-lhe verdadeiramente útil. Trabalhos destes permitir-lhe-iam alugar, ou até comprar, casa própria, longe da constante censura da mãe. No final do ano, já estaria a aprender técnicas de representação e, entretanto, Sarah, Piet e Tim tinham decidido visitar Londres na Páscoa. Se começasse agora a procurar, talvez tivesse um apartamento seu onde todos podiam ficar. Mostrar-lhes-ia a cidade, partilharia os seus locais preferidos e as suas descobertas com os amigos que adorava. O futuro anunciava-se finalmente brilhante e ela estava na crista da onda.

Os seus primeiros trabalhos resultaram numa série de mais contratos e num artigo de jornal afirmando que ela era o novo rosto mais belo na cena londrina. A partir desse dia, o telefone não parou de tocar e as solicitações não pararam de chover. Voou até Paris e foi fotografada na Torre Eiffel,

em Versalhes, na margem esquerda e em beberetes de champanhe, e sentiu-se grata por falar fluentemente francês. Era exaltante, confuso, cansativo e, muitas vezes, solitário. Quando Sarah chegou a Londres na Páscoa, o rosto de Camilla estava em cartazes e placares por toda a cidade e em revistas sofisticadas.

— Meu Deus, imagina abrir uma revista e dar com a tua cara — disse Sarah. — Qual é a sensação?

— Sabe a liberdade. Deu-me uma vida independente.

— Mas deve dar-te prazer. Que é que os teus pais acham? — Sarah queria provocar uma reacção que, dadas as circunstâncias, ela própria considerasse normal.

— É uma coisa temporária até eu começar a estudar representação a tempo inteiro. — Camilla levantou um balde de água do lava-loiça na cozinha e abriu um armário para tirar uma esfregona. — Anda... temos de limpar este chão.

— Não dá para acreditar — disse Sarah. — És famosa, a tua cara está em todo o lado e andas a lavar o chão.

— Não é uma ocupação que eu tenha escolhido de livre vontade, mas a minha mulher-a-dias telefonou a dizer que está com gripe. — Camilla atacou a superfície polida do soalho com intensa determinação. — O Piet chega amanhã à tarde e o teu irmão também. Não posso alojá-los numa pocilga.

— Eu ajudo-te. — Sarah olhou em volta à procura de alguma coisa de útil para fazer. Qualquer coisa que a distraísse da ideia de Piet. Sentia-se agoniada.

— Não podes pôr-te a limpar a casa — disse Camilla. — Dás cabo das unhas impecavelmente arranjadas esta manhã em honra de Mr. van der Beer. Vai fazer café para as duas e deixa-te de parecer um tigre na jaula.

O apartamento ficava no último andar de um prédio de reboco branco em Knightsbridge e tinham de subir a pé três lanços de escada até à porta de Camilla. Duas altas janelas de guilhotina conferiam à sala de estar uma impressão de espaço e altura. Uma cozinha equipada estava escondida atrás de portas de dobradiças mas não a tinham praticamente usado desde que Sarah chegara de Dublin. Em baixo havia um rectângulo de relva luxuriante, verde e tranquilo, e as árvores proporcionavam uma cobertura frondosa logo por baixo do peitoril da janela. O ruído dos autocarros na

vizinha Brompton Road era abafado, sendo o som mais comum o vigoroso roncar dos táxis que paravam na praça em frente ao prédio. Sarah comparou-o com o apartamento desarrumado que partilhava com o irmão e concluiu que só Camilla podia ter chegado a uma vida tão esplendorosa e independente em tão pouco tempo. E conseguira-o sozinha. Não recebera tratamento de menina rica por parte dos pais nem a ajuda de amigos influentes. Fora directamente catapultada para o centro da vibrante Londres e parecia mexer-se totalmente à vontade nesse meio. Na primeira noite, tinham ficado acordadas até altas horas da noite, a recordar e a discutir a família de Sarah e a vida de Hannah na Rodésia, e o paradeiro de amigos comuns do Quénia.

— Como estão os teus pais? — perguntou Sarah finalmente.

— Na mesma. O meu pai está para fora, não sei onde. No Quénia, talvez. Às vezes, passa lá semanas mas geralmente vem visitar-me assim que chega. Não vejo muito a minha mãe. Neste momento está a organizar um baile de beneficência para crianças abandonadas. Tem graça, não tem? Felizmente, detesta as escadas cá do prédio. De vez em quando telefona para se queixar do meu estilo de vida. Quando não tem nada melhor para fazer.

Sarah correu os olhos pela mobília e pelas cortinas caras, pelos quebra-luzes de seda, pelos tapetes no chão e pelas estantes repletas de livros com sobrecapas coloridas. Tinham a inconfundível marca de Marina. Devia ter-se preocupado o suficiente para planear tudo aquilo.

— Ela não te ajudou com o apartamento?

— Comecei com uma cama abaulada e alguma tralha que pertencia ao ocupante anterior. Tinha tudo um aspecto surrado mas não me importei. Era meu. Mas depois de ter feito um pé-de-vento por eu sair de casa e de muita choradeira, a minha mãe apareceu aqui para fazer as pazes. E dois dias mais tarde, chegou uma carrinha do Peter Jones para entregar isto tudo. Excepto os livros. O meu pai apareceu com eles e com o gira-discos.

— Nunca cá estiveram juntos? Para jantar ou assim, digo eu.

Confrontada com um silêncio que combinava escárnio e azedume, Sarah não insistiu.

— Ouve — disse Camilla —, nunca fizeste nenhum comentário sobre a minha família ou a ausência dela. Nem quando andávamos na escola nem depois. Sempre me senti grata por isso. Não, não interrompas. — Enterrou

os dedos no braço de Sarah. — A questão é que há muita gente com pais que não se dão bem e que provavelmente nunca deviam ter tido filhos. Mas eu aprendi a olhar pela minha vida. Gosto de estar onde estou. A minha entrevista final é daqui a duas semanas e, no Outono, vou estar a estudar teatro. Antes disso, há o Verão no Quénia para celebrar os nossos vinte e um anos. Portanto, nem penses em sentir pena de mim.

— Continuo a rezar para que um dia a relação com os teus pais melhore.

— Rezar! Há-de fazer um bem — disse Camilla com desdém, captando depois a expressão ofendida de Sarah. — Não me digas que ainda vais à missa ao domingo e nos dias santos e essa treta toda?

— Vou. — O tom de Sarah foi defensivo. — Não posso descurar isso só porque já não tenho as freiras sempre atrás de mim. Contigo é diferente. Andaste numa escola católica apesar de não teres sido criada no catolicismo. No meu caso, mal ou bem, está-me entranhado no sangue.

— Não vejo por que razão havia de querer voltar a pôr os pés numa igreja. É só beatice e culpa, sempre a encobrir o que se sente. Não passa de uma desculpa para sublimar todos os nossos instintos naturais. E aí de quem tenha ideias sobre sexo, está condenado para todo o sempre.

— Há aspectos positivos na religião.

— Para mim não. Os católicos querem que todas as mulheres sejam a Virgem Maria, sofredora e assexuada. E vivem aterrorizados com a ideia de irem direitinhos para o inferno se forem atropelados por um autocarro e morrerem a seguir a uma intensa cena de beijos.

— Nem tudo é castigo e sofrimento — insistiu Sarah. — Há amor e caridade para com os outros. Ajudar os menos afortunados. Essas coisas são boas.

— Já me vejo aflita para governar a minha vida — respondeu Camilla rispidamente —, quanto mais olhar pelo resto da humanidade.

— Pois, mas eu por exemplo trabalho como voluntária numa instituição em Dublin. É uma espécie de refúgio onde os bêbados e os sem-abrigo podem comer uma refeição e passar a noite, um sítio seguro. Gosto de ajudar, de dar o meu contributo.

— Não me digas que deste em benemérita profissional. Daqui a nada estás a usar cilício e sandálias de tiras e a fazer cestas suspensas de *macramé* — Camilla fez movimentos exagerados com as mãos. — Se não

tiveres cuidado vais tornar-te uma beata. Sempre tiveste uma certa tendência para isso.

Sarah soltou uma gargalhada e desviou os olhos. Era estúpido sentir-se magoada. Impossível explicar como se sentia só nas residências estudantis de Dublin, onde todos se conheciam desde crianças, onde os corredores eram intermináveis e escuros e as janelas sujas não ofereciam qualquer vislumbre da luz do sol que já fora para ela um facto inquestionável da vida. No Abrigo de S. José podia deixar-se absorver por vidas mil vezes mais alienadas e desesperadas do que a sua. Podia sentir que estava a dar um contributo positivo para o mundo frio e superlotado que agora habitava. Camilla parecia fazer de tal modo parte do brilhantismo e da vitalidade de Londres que Sarah sentia vergonha em descrever a sua própria incapacidade para conviver com os seus colegas na Irlanda.

— Então que vamos fazer na grande cidade? — perguntou, ansiosa por evitar mais revelações sobre a sua vida em Dublin. — Não tenho muito dinheiro para gastar. Mas poupei algum porque nos últimos três meses trabalhei como empregada de mesa aos fins-de-semana.

— Vou-te mostrar Carnaby Street onde estão a aparecer muitas *boutiques* novas. Mas não te vou deixar gastar dinheiro lá. — Camilla falou com firmeza. — Tem piada ver mas já está a abarrotar de turistas embasbacados a olhar para as montras e de pessoas famosas que gostam de ser vistas lá. Posso levar-te a sítios fantásticos onde compro roupa e todo o tipo de coisas por metade do preço porque sou modelo. Agora vai dormir para estares pronta para abrir os cordões à bolsa de manhã.

Depois de um pequeno-almoço tardio, partiram para as compras. Sarah achou as ruas movimentadas estimulantes. Por todo o lado via calças à boca-de-sino e minissaias, olhos delineados com *kohl* e penteados geométricos. Os homens usavam casacos com golas de veludo e botas de tacão alto e tinham cabelo comprido que lhes caía sobre as orelhas até aos ombros. Pelas esquinas viam-se *hippies* a deambular com saias vaporosas e calças largas, decoradas com missangas e penas. Os cafés serviam café forte chamado expresso em chávenas minúsculas. Os clientes demoravam-se às mesas, fixando o espaço com expressões alheadas, a expelir pela boca e pelo nariz um fumo adocicado, ou sentados muito erectos com os joelhos a baloiçar e a estalar os dedos, perdidos num mundo distante

induzido pelas anfetaminas. Tocava música em altos berros nas ruas e o ar parecia vibrar com uma energia tumultuosa.

— Foi espectacular — comentou Sarah quando, algumas horas mais tarde, regressaram exaustas ao apartamento com uma montanha de sacos de compras. — Sem ti nunca teria descoberto nada disto. Mas tens de me deixar reembolsar-te pelo corte de cabelo e pelas madeixas. Tenho o suficiente para...

Mas Camilla ignorou todos os protestos e foi vasculhar no guarda-vestidos à procura de acessórios adicionais, incluindo um par de sapatos de Charles Jourdan que insistiu que não lhe serviam.

— Deixa-te de cerimónias e fica com eles. Ao fim de meia dúzia de sessões de fotografia, as pessoas já não querem a roupa e eu trago a que quero. Estou farta destas coisas e não uso metade delas. Se não quiseres, dou-os à mulher-a-dias para a filha horrorosa. Anda lá, Sarah. Veste-te. Tenho bilhetes para o teatro.

Depois do teatro, foram a uma discoteca numa cave escura onde Sarah conheceu pessoas a quem Camilla chamava amigos embora não parecesse ter intimidade com nenhuma. Um fotógrafo com um pronunciado sotaque *cockney* namoriscou com ela e tentou convencê-la a fumar marijuana, mas Sarah teve medo de experimentar. Sentou-se ao lado dele durante algum tempo, apreciando a conversa e observando-o a semicerrar os olhos enquanto admirava Camilla através da espiral de fumo que lhe saía constantemente da boca, claramente embevecido com ela. Mas as suas investidas foram ignoradas e, passado algum tempo, deixou-as. Mais tarde, Sarah viu-o no bar, com o braço em volta de uma rapariga nova com madeixas verdes no cabelo e um vestido muito curto. Um rapaz, chamado Jonathan Warburton, sentou-se na mesa delas durante algum tempo e mandou vir champanhe. Era atraente, num estilo taciturno, e fumava sem parar por uma boquilha. Tinha um sotaque muito afectado e Sarah achou o seu casaco de veludo e a camisa florida extremamente bonitos apesar de nunca ter visto um homem assim vestido. Ficou excitada com as atenções que ele lhe dirigia e surpreendida quando ele se chegou muito para ela. Algum tempo depois pousou-lhe uma mão na coxa enquanto a divertia com um comentário mordaz sobre as pessoas que remoinhavam à volta deles.

— Queres dançar comigo? — perguntou e ela acedeu, lisonjeada. Ele agarrou-a com força, apertando o corpo contra o dela, mas ela recuou, confusa, quando sentiu o desejo crescer nele e se apercebeu de que a sua intenção era precisamente comunicar-lho. Estavam na pista de dança há escassos minutos quando ele se inclinou e lhe murmurou ao ouvido, sugerindo que se fossem embora para o apartamento dele. Ela recusou, sorrindo, e ele ficou irritado e carrancudo, deixando-a sozinha entre os pares palpitantes e afastando-se para tentar a sorte noutro lado. Não havia sinais de Camilla e Sarah ficou sentada sozinha durante algum tempo a beber vodca com contenção porque não queria que o álcool lhe deixasse a pele vermelha. Quando Camilla finalmente reapareceu, trazia com ela um rapaz com botas de *cowboy* de tacão alto e *blue jeans*.

— Chamo-me Baxter — disse ele, sorridente, a Sarah. — A Camilla diz que és de Dublin. É uma cidade bestial para fotografar e beber. Ouvi dizer que gostas de tirar fotografias.

— Gosto. Fotografo a cidade mas não tenho grande jeito para a bebida. Não tenho a capacidade de resistência dos meus amigos. — Sarah ficou satisfeita por encontrar alguém com quem tinha um interesse comum. A sua habitual timidez evaporou-se com o resto da vodca. — Estou a tentar constituir um portefólio de retratos... caras nos *pubs*, senhoras de idade no parque com os sacos de pão para os patos, os vendedores de flores em Moore Street. Se conheces Dublin, já te cruzaste com tudo isto. Estou a estudar Zoologia e a máquina fotográfica há-de ser muito importante para o meu trabalho, mais tarde. Que género de fotografias é que tiras?

Viu Camilla revirar os olhos no momento em que Baxter atirava a cabeça para trás e se ria estrondosamente.

— Tiro fotografias de borrachos como a tua amiga aqui, com vestidos chiques de todo o tipo. Dá-me a oportunidade de passar todo o meu tempo com mulheres atraentes e ainda por cima sou pago para isso. Às vezes também as levo para a cama. Não pode haver emprego melhor.

Sarah corou de vergonha quando se apercebeu de que estava a falar com David Baxter cujas fotografias de moda faziam sensação a nível mundial. Muda de embaraço, tentou pensar em qualquer coisa de inteligente para dizer mas não lhe ocorreu nada. Baxter não pareceu reparar, tal como ninguém parecia ter reparado no que ela dizia ou fazia desde a sua chegada a Londres. Ele pediu champanhe e falou com Camilla sobre uma

viagem ao interior em que planeava fotografá-la num campo com algumas ruínas e cavalos selvagens. À volta deles o barulho e o fumo intensificavam-se. Iam chegando mais pessoas, concentrando-se junto do bar. Havia casais vestidos a rigor enquanto outros estavam com blusões de cabedal, *jeans* e camisolas de gola alta. Ao fim de três horas, Sarah começou a sentir dores de cabeça e ter-lhe-ia agradado ir-se embora e voltar para o apartamento a pé pelos passeios frios e molhados. Mas Camilla não dava sinais de estar cansada. Contorcia-se e rodopiava com infinita energia, fazendo par na pista de dança com pessoas que conhecia mas, aparentemente, sem se importar de trocar de parceiro de repente e dançar com perfeitos estranhos ou mesmo sozinha.

Eram duas da manhã quando finalmente saíram da discoteca e foram a pé para casa através das ruas que, à excepção do som de um ou outro automóvel que salpicava chuva à passagem, estavam silenciosas. Camilla recomendou uma última bebida que consistia em aspirinas e vários copos de água e Sarah caiu na cama num torpor de que só despertou perto do meio-dia. Quando finalmente entrou tropeadamente na cozinha, foi encontrar Camilla, vestida com um par de *jeans* a desfiar e uma camisa de tule azul que deixava ver os seios à transparência, já que não trazia nada por baixo. Enrolara um lenço estampado na cabeça, arranjado como um turbante, e o rosto estava besuntado com pasta branca que disse ser uma espécie de máscara hidratante.

— Tens aí café e fruta, iogurte e pão fresco. Vais ter de passar a tarde em casa — observou com um olhar malicioso. — Tenho uma sessão fotográfica às três. Vais constituir o comité de recepção do Piet.

— Não! Não, não posso — disse Sarah. Sentiu o pânico invadi-la e a garganta tão seca com o medo que se engasgou com o gole de café. — Não me podes deixar aqui à espera dele. Sozinha.

— Acho que é uma oportunidade fantástica.

— Não. Tenho de estar com ele na companhia de outras pessoas para voltar a habituar-me. Não posso encontrar-me com ele sozinha. Nem sabia que lhe dizer.

— Não digas nada — sugeriu Camilla. — Lança-te nos braços dele, beija-o na boca e arrasta-o para o sofá. Deve resultar.

— Não gozes comigo. Preciso de tempo e apoio. Não sei que fazer.

— Oh, por amor de Deus, Sarah. Quem te ouvir há-de julgar que és uma adolescente dócil saída de um convento. És uma mulher adulta fabulosa, pronta a seduzir um homem adulto. Eva e Adão. Não hesites.

— Preciso de tempo e...

— Tempo não te falta. Tens um fim-de-semana prolongado com ele. Não vale a pena desperdiçar nenhum momento. Põe-te mas é bonita e sedutora. E olha para ele como se fosse Deus.

— Mas eu não sou bonita.

— Claro que és. O clima irlandês deu-te um tom invejável à pele e ficas lindíssima com a tua roupa nova. Além disso, ele é um simples agricultor... um campónio fugido. Vamos dar um jeito a esse cabelo e escolher a roupa. Depois só precisas de aguentar até ele aparecer.

Camilla saiu de casa pouco depois do almoço, a comer uma maçã e com um saco de lona cheio de escovas do cabelo, pentes e cosméticos. Na praça em baixo, Sarah ouviu-a chamar um táxi e, depois do som irreversível da porta a bater, o táxi acelerou e afastou-se. Caiu então o silêncio, quebrado pelo ténue tiquetaque de um despertador a recordar-lhe que ele não tardaria a chegar. Não seria capaz de disfarçar a excitação de o ver. Nunca dominaria a arte do desprendimento como Camilla e ele ia perceber e considerá-la uma tonta. Ou pior, sentir pena dela.

À espera que Piet chegasse, sentou-se ao pé da janela aberta e acendeu um cigarro. Ele tinha escrito algumas vezes, breves mensagens sobre as suas experiências nas terras altas escocesas. A paisagem agreste era bela, dizia, com a imponência dos lagos, dos litorais rochosos e das ameaçadoras montanhas. Mas não compreendia como as pessoas viviam toda a vida no interminável ciclo da chuva torrencial e do nevoeiro, chapinando na lama com botas pesadas e casacos, à espera que chegasse o temporal seguinte, gratas por algumas horas de sol fraco. Sarah pensou que teriam muito sobre que falar. O seu coração batia violentamente e faltava-lhe o ar à ideia de voltar a vê-lo face a face. Apagou o cigarro e levantou-se de um salto. Que é que lhe tinha dado? Pôr-se agora a fumar, pouco antes de o beijar, talvez? Foi à casa de banho lavar os dentes e tinha acabado de enfiar a escova na boca quando ouviu a campainha.

— Meu Deus — murmurou —, nunca estás do meu lado? — Bochechou à pressa, salpicando a cara de água e apagando inadvertidamente o *bâton* tão cuidadosamente aplicado. — Já vou — gritou, atravessando a sala de

estar a correr e precipitando-se para o pequeno vestíbulo. Depois estacou, respirou fundo e benzeu-se antes de abrir a porta.

— Sarah! Que bom ver-te, minha pequenina Sarah! Caramba, estás linda! — Abraçou-a e depois recuou para a estudar com atenção, enquanto ela, muda de felicidade, o olhava. Sarah estendeu os braços para lhos passar em volta do pescoço mas os olhos dele estavam a perscrutar, por sobre o ombro dela, o espaço atrás. Ouviu o desapontamento na voz dele e viu o seu sorriso morrer.

— Onde é que ela está? Pensei que estava aqui. Cheguei a pensar em pedir-lhe que me fosse esperar à estação mas o comboio podia chegar atrasado. Sarah, estás a ouvir?

— Teve de ir a uma sessão fotográfica. Tem aparecido em todas as revistas chiques. É espantoso.

— É. Mandou-me duas fotografias e eu tenho-a visto nos jornais. Custa a crer... o aspecto dela nas revistas e isso. Quando é que ela volta?

— Por volta das seis, acho eu. — A sua voz estava carregada de frustração e ciúme mas sabia que ele nem sequer ia reparar. — Entretanto queres um chá ou uma cerveja fresca? Ou podemos ir tomar café a qualquer lado.

— Não, fiquemos antes aqui. Tenho tantas coisas para te contar. E quero ouvir as tuas novidades todas, maninha.

— Conte-te quase tudo nas minhas cartas — respondeu ela, picada com a ideia de Camilla lhe ter enviado fotografias. Nunca enviara nenhuma para Dublin nem referira que tinha mandado fotos a Piet.

— Não contaste nada. Não sei nada sobre a tua vida real. Só sobre os estudos. — Sorriu e apertou-lhe a mão e ela ouviu o coração pulsar dentro dos ouvidos. — Como estão os teus pais? E o Tim?

Ela fez café e sentou-se ao lado dele no sofá. — Estás muito pálido — observou. — Nunca te vi sem um bronzado. O teu aspecto é muito estranho, como se precisasses de ser posto na relva a corar com a roupa para absorver a luz do sol.

— Não há muita luz no sítio onde estou — disse ele. — Vá lá, rapariga, não tentes mudar de assunto. Conta-me os teus segredos todos. Tens namorado?

Sarah deu por si a falar-lhe de Dublin, do ar enevoadado e das multidões e do odor asfíxiante da roupa húmida nos *pubs* fumarentos. Tentou

descrever a cor de esmeralda dos campos, os céus purpúreos e os bandos de corvos a levantar voo dos campos acabados de lavrar, e falou das vozes a entoar canções de amor célticas em volta de fogueiras de turfa e dos homens que tocavam violino e colheres. Mas não falou da solidão que sentia nem da dolorosa ânsia pelo calor do sol dourado e pelo sabor salgado do mar azul-cobalto.

— E a Hannah e os teus pais? — perguntou-lhe finalmente. — As notícias de lá não são muito animadoras com a independência da Rodésia e o governo a prender os negros que querem entrar na política e esse homem, o Ian Smith, com o partido dele exclusivamente de brancos. A situação parece grave e a agravar-se ainda mais.

— É, as coisas estão difíceis. E o meu pai não gosta do primo nem do trabalho. Não tem qualquer interesse no cultivo do tabaco e há problemas de segurança na fazenda. Anda frequentemente a patrulhar, à procura de *tsotsis*, e detesta isso.

— O que são *tsotsis*? — perguntou Sarah.

— Bandidos, acho que é talvez o termo que melhor os define. Começaram a atacar as fazendas e os negócios dos brancos e a preparar emboscadas nas estradas. Já mataram várias pessoas.

— Como os Mau-Mau?

— Sim, têm algumas semelhanças. Perseguem a comunidade branca. E há problemas nas fronteiras com Moçambique e a Zâmbia, com ataques de rebeldes que roubam gado e coisas assim. Não é vida para o meu pai, a trabalhar como um assalariado num sítio daqueles, quando sempre foi dono e senhor da terra dele. Hoje em dia é um homem revoltado e é na minha mãe que descarrega. É difícil — repetiu. — Estou sempre à espera que ele mude de ideias e volte para o Quênia.

— E a Hannah? — perguntou Sarah. — Dá-me ideia que odeia lá estar.

— É verdade. Mas está a sair-se bem nos estudos comerciais. E eu sei que a minha mãe tem esperança que ela vá para a universidade na África do Sul. Que talvez até consiga uma bolsa para pagar parte das propinas.

— Acho que ela gostava de voltar para casa — disse Sarah. — Para Langani.

— A minha mãe está determinada em que ela acabe primeiro os estudos. E eu concordo, parece o mais sensato. Além disso, que é que ela ia fazer

em Langani? — Abanou a cabeça. — Também estamos com problemas lá. Não, a Hannah deve ficar no sul, por agora.

— Que problemas? Estás a ter dificuldades com o teu feitor?

— Não. De maneira nenhuma. O Lars Olsen é um homem excelente e trabalha no duro. — Calou-se momentaneamente e Sarah percebeu que ele estava a tentar tomar uma decisão. Depois pousou a chávena do café e olhou-a frontalmente nos olhos. — Depois de o meu pai partir, descobri que a fazenda estava altamente endividada. Eu e o Lars levámos algum tempo a traçar um plano e a celebrar um novo acordo com o banco que nos desse tempo suficiente. Foi por isso que atrasei a minha viagem para a Escócia. Langani ainda está numa situação indefinida mas entretanto o banco deixou de apertar connosco graças ao Lars.

— E o Jan nunca disse nada? — Sarah tinha dificuldade em acreditar no que estava a ouvir. — Não sabia em que pé estavam as coisas?

— Sabia. Sabia pois. — O tom de Piet era de resignação. — Só não sei se não se apercebeu do alcance do problema ou se não foi simplesmente capaz de admitir que tinha deixado a situação chegar àquele caos. Ele não é muito bom com números mas só se fosse cego e surdo é que não via o que estava a acontecer. Não faço ideia do que lhe deu.

— Discutiste o assunto com ele? — perguntou Sarah.

— Não. — A expressão de Piet era de desolação. — Achei que ele já estava com problemas que chegassem no sul. E também nunca disse nada à Hannah. É por isto que seria complicado ela voltar agora. Além disso, eles precisam dela lá. A minha mãe depende da companhia dela. Não sei o que ela faria sem a Han.

Estendeu o braço para pegar na mão de Sarah e ela apertou-lhe os dedos, rezando para que ele compreendesse como desejava ardentemente partilhar os seus problemas e os seus sonhos. Debruçou-se, esperando que aquele momento os aproximasse finalmente como nunca até então, e estava a pensar se seria capaz de beijá-lo quando ouviram o som de uma chave na porta. Piet pôs-se em pé de um salto, afastando-se dela a correr.

— Estava a ver que nunca mais me livrava daquele estúdio ventoso. E a roupa também era horrorosa. Não valia os rolos de película. Piet, pareces um fantasma. Estás estranhíssimo com essa fatiota de cidade. — Camilla atirou o saco para o chão e lançou-lhe os braços ao pescoço, beijando-o em cheio na boca. — Há quanto tempo chegaste?

Ele não conseguiu responder e Sarah percebeu que foi por timidez, embaraçado com o beijo casual de Camilla. Mudo de espanto na presença da mulher dos seus sonhos, pensou ela amargamente. Baixou-se para levantar o tabuleiro do café e os seus olhos estavam rasos de lágrimas de raiva e desespero ao colocar as chávenas vazias no lava-loiça, esforçando-se por se recompor antes de ir ter com Camilla ao sofá.

— A Escócia é um lugar estupendo para trabalhar — estava Piet a dizer. — Aprendi imenso, fiquei a conhecer montes de técnicas novas, com maquinaria fantástica que nos daria muito jeito em Langani, se conseguíssemos arranjar o dinheiro. Também passei uma semana em Edimburgo. É uma cidade hospitaleira. Diverti-me imenso nos *pubs* e fui ao festival de teatro. Mas caramba, ao fim destes meses todos, estou mortinho por voltar para casa.

— Pelos vistos, quem lhe tirar a fazenda mata o rapaz — observou Camilla. — Talvez quando voltares descubras que tens saudades de tudo o que fizeste aqui.

— Não há hipótese — disse ele, sorrindo. — Só quero retomar a minha vida na fazenda. Sobretudo a ideia de transformar uma parte de Langani numa reserva de caça. Pouco antes de partir, conheci um arquitecto em Nairobi. Ele desenhou um projecto para um pequeno *lodge* e o Anthony Chapman concordou em investir algum dinheiro. Vamos constituir uma empresa para pôr todo o projecto em marcha. Assim que chegar vou atirar-me a isso.

— És um perfeito filho da selva, Piet. Então é o adeus à urze púrpura, ao *whisky* de malte e aos formosos lagos. Sem uma ponta de saudade. — Camilla acendeu um cigarro e soprou o fumo na direcção dele.

— Não sei é como as pessoas conseguem viver naquele clima. Não há uma só cor viva para animar a paisagem e o sol nunca nos aquece verdadeiramente o coração.

— Bem, eu e a Sarah temos planos para os próximos dias que te hão-de aquecer. Vai dormir uma soneca enquanto esperamos pelo Timmy. Há-de estar a chegar dentro de uma hora ou assim. Depois não hão-de faltar luzes brilhantes para te levantar o ânimo.

No quarto, Camilla escolheu a roupa para vestir à noite, insistindo em calças à boca-de-sino e num *top* muito justo para Sarah. Depois

seleccionou um vestido muito curto para si. Parecia feito de um material plástico brilhante com um padrão de círculos furados ao longo da bainha.

— Então? — perguntou enquanto procurava os acessórios.

— Então o quê? — Sarah não fez qualquer tentativa para disfarçar o seu desapontamento. — Ele só cá está para te ver. Está-se a marimbar para mim, para ele não passo de uma espécie de irmã mais nova. E tu sabes muito bem.

— Tem uma paixoneta de adolescente por mim mas, no fundo, sabe que não significa nada.

— Jura que não estás nada, absolutamente nada interessada nele. Diz-me a verdade para eu ter a certeza — Sarah estava a suplicar, à beira das lágrimas que limpou com as costas da mão. — Merda! Olha só para mim agora.

— Não estou interessada nele. Nunca estive. Não estou apaixonada por ele nem por ninguém, aliás. É a verdade — disse Camilla. — Não sei se alguma vez vou encontrar um homem que seja capaz de amar a sério. Não fui talhada para ligações duradouras. Mas se esse homem existir, uma coisa é certa: não é o Piet van der Beer.

Uma hora mais tarde, Tim chegou de Dublin, abraçando Camilla e dando a Piet uma palmada nas costas com entusiasmo. Remexeu na mala amassada de onde tirou embalagens de salmão fumado, pão de bicarbonato de sódio e *whisky* irlandês. No *pub* ao dobrar da esquina planearam a noite. Piet encostou-se ao bar e mirou Sarah com nova admiração.

— Estás linda, caramba! — comentou. — O teu cabelo está cheio de madeixas como a juba de um leão e os teus olhos estão muito verdes e brilhantes. Pequena Sarah... quem havia de dizer?

Ela levantou a mão e pousou a palma na face dele e ele sorriu-lhe com ternura, de modo que ela teve de retirar a mão porque tinha começado a tremer. Jantaram numa *brasserie* francesa onde Camilla foi de imediato conduzida à melhor mesa. Com um gesto recusou a ementa e pediu para todos. Pouco depois estavam a devorar ostras com vinho branco e grandes bifos do lombo com batatas fritas perfeitas. Seguiu-se queijo azul e vinho tinto, e Piet deu conta de meia tarte de maçã com uma cobertura que lembrava vidro dourado. Tomaram café expresso duplo, que deixou Sarah excitada, a fumar e a conversar ininterruptamente, pondo-se a par do

tempo passado longe uns dos outros e recordando os dias passados em Langani e nos finos areais brancos da costa queniana. Finalmente levantaram-se da mesa, a rir e um pouco inebriados.

— Agora temos de ir a pé — declarou Sarah. — Estou completamente cheia e se não fizer exercício e apanhar ar fresco caio para o lado.

— Conheço o sítio perfeito para digerirmos o jantar — disse Camilla. — Vamos.

A rua era ruidosa e transbordava de pessoas que saíam dos teatros e dos cinemas. Dentro da discoteca, a música martelava e ribombava e eles dançaram como dervixes até que a exaustão, o calor e o fumo os obrigaram a escapar para o ar fresco para desanuviar as cabeças.

— E agora para onde vamos? — perguntou Camilla. — Que é que lhes apetece? Conheço um sítio porreiro para ouvir *jazz*. Sossegado, mais para a gente da noite mais velha. Param por lá muitas pessoas do cinema e do teatro com as suas últimas conquistas. É ideal para descontraír.

— Eu prefiro ir para casa. Estou exausta e devo ter bolhas nas plantas dos pés. — Sarah estava sem forças. Mas, como estava em minoria, arrastaram-na para um táxi, metendo-se com ela por causa da falta de energia.

Na cave discretamente iluminada, reclinaram-se em fundas almofadas enquanto Camilla pedia bebidas, a que chamou piscinas, servidas em copos largos cheios de uma mistura de *gin*, curaçau azul brilhante e outros ingredientes anónimos e perigosos. O pianista tocou Gershwin e Cole Porter e uma cantora interpretou canções subtis de amor e desejo. Camilla aproximou-se mais de Tim. Este virou-se para ela e hesitou mas depois passou-lhe um braço pelos ombros e pegou na bebida dela, levando-lhe o copo à boca enquanto ela sorria e o olhava de relance para o provocar. Piet desviou os olhos. Sarah concentrou-se furiosamente no pianista até que Tim e Camilla se levantaram e afastaram da mesa em direcção à pequena pista de dança na sala adjacente.

— Queres dançar? — perguntou Piet. Ao levantar-se, Sarah interrogou-se se ele desejaria mesmo dançar com ela ou se pretendia simplesmente seguir Camilla e Tim. Mas não se sentiu interessada em analisar as razões dele ao avançarem ao encontro da música.

Camilla tinha-se detido para cumprimentar um casal numa mesa de canto e Sarah passou por ela, seguindo Piet através de um arco baixo para

a pista de dança. Olhou em volta para os outros pares. Alguns usavam fatos formais ou traje de cerimónia mas também havia homens com *jeans* e camisolas de gola alta pretas e mulheres com colares de missangas e saias vaporosas que lhes rodopiavam em redor dos tornozelos. Na outra ponta da pequena pista, Sarah viu um negro, movendo-se com elegância lenta ao som da música. Estava de costas viradas para ela e cingia a companheira num abraço íntimo de modo que só os dedos carregados de anéis que ela tinha em redor do pescoço dele eram visíveis. Os corpos fundiam-se num movimento sensual e baloiçante e, ao fluuarem na sua direcção, Sarah apercebeu-se, com um choque, de que o conhecia. Desviou rapidamente os olhos, achando melhor não mostrar sinais de reconhecimento. Havia demasiadas associações complicadas e não queria que contaminassem o prazer da noite. Mas era demasiado tarde. O Dr. Winston Hayford tinha reparado nela. Retesou-se, surpreendido, e conseguiu esboçar, com esforço evidente, um sorriso de saudação enquanto Sarah contemplava o rosto e figura perfeitos da sua companheira. Camilla avançava na direcção deles, a sua expressão reflectindo surpresa e, em seguida, indignação.

— Querida — disse Marina na sua voz grave e ofegante —, que maravilha encontrar-te aqui. Não é o teu género de sítio. Lembras-te do Dr. Hayford? — O africano alto estendeu a mão enquanto Marina se voltava para Sarah, dirigindo-lhe um sorriso deslumbrante. — Nós as duas, claro, conhecemo-nos na tua encantadora casa em Mombaça e em Muthaiga. Estás a viver em Londres agora?

— Não, vim de Dublin passar as férias da Páscoa — respondeu Sarah, desesperada por dizer polidamente o essencial e desaparecer.

— E tu deves ser o irmão — Marina voltou a atenção para Tim, estendendo a mão para lhe tocar no braço e sorrindo-lhe. — São tão parecidos. Não estavas a estudar Medicina? Têm de dizer à Camilla que os leve aos dois lá a casa. Apareçam para jantar. Ou para uma bebida.

Piet, numa atitude rígida e hostil, estava ao lado de Sarah. Ela tentou encontrar a sua mão mas apalpou o vazio enquanto Marina se concentrou nele por um breve momento, desviando logo o olhar.

— Mas que surpresa, mãe. — A saudação de Camilla denotava pura acrimónia. — Não estou a ver o papá, mas às tantas não foi convidado. É um prazer ver-te dar um contributo para a harmonia internacional. Não

vais cumprimentar o Piet? É impossível que te tenhas esquecido do Piet van der Beer.

— Camilla, não, por favor — Sarah falou em voz baixa. Sentia a garganta a arder como se estivesse em chamas embora tivesse começado a tiritar. Aproximou-se do Dr. Hayford e olhou para ele, suplicante. — Está cá para alguma conferência médica?

— Não. Há algum tempo que estou colocado em Londres. — A sua expressão era cortês, neutra, embora ela tivesse detectado compaixão e pesar por detrás dos seus óculos enormes. — Marina, acho que devemos ir até Park Lane.

— Boa-noite, Mrs. Broughton-Smith. — Piet mantivera-se firme e agora estendia a mão, obrigando-a a reconhecê-lo.

Mas Marina não fez qualquer tentativa para responder e Winston Hayford viu que ela estava determinada em ignorar o cumprimento. Agarrou-a pelo cotovelo num esforço para a guiar na direcção das escadas e longe do perigo de mais confrontos. Ela olhou brevemente para ele e afastou-lhe a mão.

— Pensei que tinhas posto fim à tua ligação com este jovem, Camilla — observou ela. — Pensei que era ponto assente.

— Pois, querida mãe, mas vais ter de pensar outra vez. — A raiva subiu à cabeça de Camilla, obliterando tudo à sua volta. — Porque eu e o Piet decidimos ficar noivos. Vamos casar-nos.

No abismo de silêncio que se seguiu, Marina rodou nos calcanhares e afastou-se deles, os saltos altos a ecoar no soalho encerado, com o Dr. Hayford no seu encalço. Sarah observou-os, hipnotizada, a chegar ao cimo das escadas e a sair para a noite, afastando-se do serão alegre e despreocupado que tinham arruinado. Virou-se para os amigos, com o coração a bater ansiosamente.

Piet estava de olhos fixos em Camilla com uma expressão radiante. Estendeu os braços para a abraçar.

— Camilla... nunca imaginei que tu... não sei que dizer, a não ser que sempre...

— Desculpa, Piet — Camilla olhava para ele, aturdida. — Lamento muito. Não sei o que me deu para dizer uma coisa tão estúpida.

Tim virou-se para ela, furioso, fazendo-a rodar e atirando-lhe as palavras à cara com violência.

— Nunca aprendes nada, cabra egoísta? Não percebes o que fizeste esta noite, com os teus joguinhos cruéis? Nunca pensas nas outras pessoas e muito menos nos teus amigos. Porque nós não somos importantes a não ser para te apoiar na eterna guerra que travas com a tua família. Ninguém tem qualquer importância na salgalhada da tua maldita vida. Excepto tu.

— Não. Oh, não. Lamento imenso. Sinceramente. — Camilla, trémula, encostou-se a uma mesa numa tentativa de se acalmar. — Não quis magoar ninguém. Fiquei tão chocada ao vê-los juntos, assim. E o meu pai... Ela faz sempre qualquer coisa para estragar tudo quando eu estou feliz e eu não sei como lidar com a situação. Nunca acerto em nada. Há sempre um...

— Vais ter de aprender à tua custa. — Tim agarrou-a pelos ombros franzinos e sacudiu-a. — Porque um dia destes o feitiço vai virar-se contra o feiticeiro e tu vais pagar caro por usares os teus amigos nos teus esquemas horríveis e doentios. Vais acabar uma mulher triste e neurótica, exactamente como a tua mãe, e escusas de nos vir pedir ajuda.

— Só quis chocá-la. Castigá-la pelo que ela está a fazer ao meu pai. — Camilla não fez qualquer tentativa para limpar as lágrimas que tinham começado a correr-lhe pelas faces. — Pelo que ela lhe tem feito a ele e a mim durante estes anos todos. Quis retribuir a forma como ela tratou cada um de nós aqui. Não quis mais nada. Por favor, por favor, tenta compreender.

Piet estava como uma coluna de pedra, o rosto branco, a boca fixada num traço fino e trémulo. Depois pegou na mão de Camilla.

— Vamos lá, Lady Camilla — disse ele. — É melhor irmos agora para casa. Devemos ir todos para casa e dominar os nervos.

Mas Sarah não teve alma para os acompanhar. Tim chamou por ela ao vê-la fugir do grupo e correr para a casa de banho. Sarah fechou a porta à chave. Depois deslizou para o chão, encostando-se aos azulejos da parede do cubículo e desfazendo-se em soluços antes de despejar todos os seus sonhos tontos na sanita branca e fria.

CAPÍTULO 7

Rodésia, Abril de 1965

Hannah bateu com a porta com rede mosquiteira e sentou-se nos degraus do alpendre. No calor do meio-dia, pequenos remoinhos de poeira faziam rodopiar folhas secas no ar com um leve restolhar, para, logo de seguida, tudo voltar a cair num silêncio abrasador. Diante do alpendre havia uma pequena secção de terreno onde Lottie tentava fazer vingar um jardim, plantando buganvílias, beldroegas e pervinca para dar alguma cor à fachada tristonha da casa para lá da qual se estendiam os campos de tabaco. Quilómetros de altos caules verdes, cujas folhas largas se agitavam e rumorejavam em toda a sua extensão com o vento que soprava em volta. Em cima, no céu acobreado, um peneireiro planava com as correntes ascendentes, atento a presas incautas no solo. Já mergulhara a pique uma vez, apanhando um rato com as garras e transportando-o para algum lugar ermo para o devorar.

Exactamente como eu, pensou Hannah. Pobre rato indefeso, inesperadamente arrancado ao seu lar e engolido. Como é que o pai pôde fazer isto? Trazê-las para aquele lugar desolado, sem lhe ter perguntado, ignorando as suas súplicas febris para que a deixasse ficar com Piet. O pai tinha sido como uma pedra nesses últimos dias em casa, no escritório ou na sala de estar em Langani, a olhar fixamente pela janela, sem falar. Servindo-se de mais um *whisky* da garrafa, bebendo-o em grandes tragos como se não estivesse sequer a saboreá-lo. Como é que a mãe podia tê-lo deixado fazer-lhes uma coisa dessas? Ela ficara destroçada. Hannah sabia. Recordava o dia em que partiram, como se sentira agoniada, apanhada entre uma raiva impotente e a infelicidade. Como tinha saído ao raiar do dia para passear no jardim, para contemplar a montanha, para tocar na madeira da balaustrada do alpendre e sentir a sua forma familiar, redonda e áspera, para absorver todas as recordações da infância de que estava a

ser privada. E depois avistara Lottie, ajoelhada no canteiro de flores, afagando as plantas com dedos trémulos, sussurrando-lhes palavras que Hannah não conseguiu captar, as lágrimas correndo-lhe descontroladamente pelas faces. Afastara-se furtivamente, incapaz de assistir à dor da mãe. E quando chegou o momento de partir olhara o pai nos olhos, dirigindo-lhe um último apelo, e vislumbrado apenas um desespero agoniado. Depois, fugira em pânico do carro, tentara esconder-se no velho quarto, e Piet aparecera e arrancara-a da cama.

— Tens de ser corajosa — dissera ele. — Para eles é igualmente difícil... mais difícil, talvez. Precisam da tua ajuda.

E ela sentira vontade de lhe gritar, de dizer que para ele estava tudo bem. Ia ficar. Não tinha de se despedir de tudo o que sempre amara. Não tinha de partir com o pai e a mãe, que estavam, também eles, claramente num fosso de infelicidade. Porque é que era ela que tinha de cortar com as suas raízes e ir com eles?

Continuava sem compreender por que razão tinham ido para aquele lugar detestável. Era odioso! Odiava-o pelo que estava a fazer aos pais e a si própria. E abominava o sentimento de inveja e ressentimento que a dominava quando tinha notícias dos outros. Sarah escrevia com frequência — extensas divagações com novidades sobre a vida universitária em Dublin. E Piet enviava mensagens concisas, típicas de um irmão à irmã mais nova, que a enchiam de fúria e saudades. A pior era Camilla que enviava breves postais que não lhe comunicavam nada excepto a ilustração de uma vida de excitação e refinamento.

Vou morrer aqui, disse Hannah consigo mesma. Vou secar como essas folhas desfeitas. O vento vai levar-me para longe e serei esquecida. Ou pior ainda, vou envelhecer e engordar, como a horrorosa Mrs. van Riebeck, e depois, qual vento, há-de ser preciso uma grua para me levar. Vou acabar a cheirar a suor, encharcada em água-de-colónia *April Violets*, a arrastar-me por aí num vestido de algodão sem forma com um horrível avental florido amarrado ao peito descaído. Meu Deus, que pensamento assustador! E hão-de casar-me com alguém como esse cretino do Billy Kovaks que está constantemente a fungar. Imagine-se ter de o beijar. Aqueles lábios húmidos e flácidos e as mãos que parecem peixes mortos a apalpar-me toda. Tremeu violentamente com a ideia e depois sorriu. É, é um tema interessante para uma carta a Sarah. «Estes são os meus

pesadelos quando estou acordada. Não são de mau gosto?» Mas o que era realmente de mau gosto era o facto de não ter mais nada para dizer. Um sonho aterrador com o futuro que não oferecia futuro nenhum. E, do outro lado do mundo, as amigas e o irmão estavam a descobrir o que era a vida. Não era justo, não era, simplesmente, justo.

O pai estava novamente a beber. Sentia o cheiro acre do seu hálito e os seus olhos estavam baços e injectados. Hoje gritara com Lottie antes de partir em mais uma patrulha com o primo. Em Langani nunca tinha gritado com a família. Como é que a mãe era capaz de aguentar agora? Hannah odiava ver o rosto da mãe, atormentado com a dor, os olhos tristes e, ao mesmo tempo, repletos de compreensão. Mas não servia de nada ser bondosa e compreensiva — como é que ela não via isso? Só o enfurecia mais, só o encorajava a comprazer-se na autocomiseração. Ele precisava de levantar a cabeça, deixar de se esconder neste maldito buraco onde o trabalho não tinha nada a ver com o que estava habituado a fazer em casa. A fazenda nem sequer era dele. O primo, Kobus van der Beer, tratava-o como um criado. O pai era capataz de uma plantação de tabaco, um trabalhador contratado que recebia ordens de um brutamontes que era mesquinho e rude e estúpido como uma porta. O pai devia voltar para a terra dele, criar o seu próprio gado e cultivar o seu próprio trigo. Quando falaram sobre o assunto, Jan dissera que o seu nome constava de uma lista porque tinha combatido contra os Mau-Mau. Que os cafres haviam de se lembrar. Disse que Langani podia ter sido confiscada depois da *Uhuru* se tivesse ficado. Agora aquele era um assunto tabu e a possibilidade de regressar ao Quénia deixara de ser mencionada.

Mas tudo seria melhor do que este lugar onde Jan passava cada vez mais tempo no mato, dando caça a bandos de guerrilheiros negros, ávidos do seu quinhão da terra do homem branco. A conversa em todas as fazendas centrava-se no número crescente de bandidos perigosos contratados por nacionalistas negros para aterrorizar a comunidade branca e para destruir os oleodutos e as linhas de alta tensão que chegavam à Rodésia. Todos diziam que era vital resistir à rendição do poder branco e lidar sumária e duramente com qualquer manifestação de violência tribal. Concordavam que Ian Smith era capaz de os manter no caminho certo. Já tinha proibido os partidos políticos negros e exilado os seus dirigentes e prometera esmagar qualquer movimento com vista ao domínio da maioria negra. O

resultado era um estado de tensão permanente no país e a formação de patrulhas privadas como a que Kobus van der Beer tinha organizado. Hannah detestava vê-los partir armados com aquela expressão inescrutável nos rostos. Havia alturas em que ele e o pai estavam ausentes dias a fio. Quando regressava, Jan cheirava horivelmente mal. Vinha de olhos inflamados e era evidente que passara o tempo a beber como um desalmado. E a mãe sentia-se infeliz na casa decrépita cujo telhado deixava entrar água, com o alpendre abaulado onde as formigas roíam incansavelmente as fundações. Deviam voltar para casa. Correr o risco.

Tudo se desmoronara nessa terrível noite em Mombaça, quando a mãe de Camilla fizera a sua acusação e destruíra a família. O rosto de Jan endurecera quando ela falou. Depois tinha como que desabado e a vontade de lutar abandonara-o. Tinha mirrado à vista de Hannah, transformara-se num velho. Mas o pai não era velho. Era o pai dela, um gigante capaz de tudo, capaz de arrostar todas as adversidades e triunfar. Aquele matulão taciturno que saía de casa com uma arma na mão e voltava para se encher de *whisky*, que se sentava na penumbra e gritava com a mãe, aquele homem não era o pai dela. Quando não estava a trabalhar nos campos ou a patrulhar, não fazia outra coisa senão beber. Possuía agora uma expressão acossada, como se caminhasse com fantasmas que lhe sopravam palavras de condenação e vingança ao ouvido e gritasse com Lottie para os silenciar e afugentar. Hoje Hannah tinha tentado mais uma vez falar com a mãe e fazer-lhe ver que devia convencê-lo a levá-las para casa.

— Se esta lista negra tem a ver com a crise dos Mau-Mau, porque não podemos falar sobre ela? — perguntara. — Houve muita gente que lutou contra os Mau-Mau. Os ingleses mandaram vir soldados de Inglaterra para os combater. Aquele mulher é uma cabra rancorosa. Tinha inveja de nós, mais nada! O pai devia voltar para Langani e esquecer o que ela disse ou levantar a questão junto do governo. Qualquer coisa, não interessa o quê. Ele odeia este sítio, mãe. Odiamos todos. Tu devias estar no teu jardim em casa e não nesta casa *shenzi* e sem futuro. Olha para ela... não tarda que comece a cair-nos em cima. É feia e está podre. Não conseguimos exterminar as baratas. Estou farta de ficar aqui presa no *bundu* aos fins-de-semana sem nada que fazer. E ele está sempre maldisposto. Mãe, estás a ouvir-me?

Lottie levantara-se nesse momento, agarrara a filha e sacudira-a com uma certa violência.

— Ouve-me bem, minha menina. Por vezes, a verdade é desagradável, mas temos de a aceitar. Não serve de nada iludirmo-nos. As coisas acontecem... as pessoas tomam por vezes decisões de que vêm a arrepender-se amargamente. O teu pai fez uma coisa numa altura em que as pessoas andavam todas de cabeça perdida, quando o teu tio foi assassinado, cortado em pedaços diante da pobre Katja e das crianças. Não foi o único e tem procurado reparar esse erro, mas não tem sido fácil.

— Mas que fez ele assim de tão terrível? O que foi?

— Não precisas de conhecer os pormenores, Hannah. — A voz de Lottie denotava cansaço e derrota. — Mas se havia uma lista negra na pasta do George Broughton-Smith, a ameaça para Langani era então muito séria. Teria influenciado a decisão de nos deixar ou não ficar com a fazenda. Os políticos negros não gostam de recordar que o seu próprio povo morreu às mãos dos Mau-Mau. Em número muito superior, aliás. Os brancos assassinados foram muito menos. Mas não querem pensar no que um quicuio fez a outro, como massacraram os irmãos e primos que se recusaram a prestar juramento, como violaram e torturaram e mataram as suas próprias mulheres quando elas se recusavam a levar comida às florestas para os bandos que lá se escondiam. Só se lembram do que um homem branco fez a um homem negro.

— Então ela estava a falar dos Mau-Mau — disse Hannah.

— Sim, estava. É por isso que não podemos simplesmente esquecer o que ela disse, Hannah, e continuar como se nada tivesse acontecido. O teu pai deixou Langani para que o Piet pudesse ficar com a fazenda e construir a vida dele lá como as gerações que o precederam. Não há nada de mais importante para ele. O teu pai sabia e renunciou ao seu próprio futuro no Quénia para proteger o teu irmão.

— O futuro do Piet? Vocês os dois nunca pensam em mais nada! O futuro do Piet! O Piet vai para a faculdade na África do Sul, o Piet vai para a Escócia para aprofundar os estudos, o Piet fica em Langani. O pai dá tudo para salvaguardar a fazenda para o Piet! Não me interpretes mal, mãe, adoro o Piet e ainda bem que ele teve essas oportunidades todas. Mas e eu? Tu e o pai nunca pensam no meu futuro? Contrataram um feitor que

mal conhecem em Langani enquanto o Piet está ausente e renunciaram à vossa casa para virem para este... para este buraco de merda!

— Hannah!

— Não. Deixa-me acabar. Pagaram para o Piet ir para a Escócia e o pai está a fazer aqui um trabalho miserável que detesta. Está a ser explorado, usado como mão-de-obra barata e mandado para o mato para lutar por uma causa perdida, por uma terra que não é a dele. Não há qualquer hipótese de a situação dele melhorar enquanto aqui estiver. E não resta nada na arca do tesouro para mim. Pois não? Pois não, mãe? Não há dinheiro para eu ir para a universidade na África do Sul, para ir para onde quer que seja nem para fazer coisa nenhuma! A única coisa que me calha é um curso comercial idiota numa escola de secretariado de segunda categoria numa terra de ninguém. Estou aqui a viver no meio de plantações de tabaco com ratazanas e baratas e sem futuro. Sem futuro, estás a ouvir? Nunca quis deixar o Quénia. Vocês sabiam isso mas não me deixaram ficar em Nairobi e fazer lá o meu curso. Ao menos lá podia ter voltado para Langani nos tempos livres, assim que o Piet regressasse. Podia ter ajudado, trabalhado na fazenda. Porque não me deixaram ficar?

— Hannah, Hannah, já discutimos este assunto muitas vezes. Não podíamos deixar-te sozinha no Quénia. Eras nova de mais e nós não tínhamos...

— Exacto. Não tinham dinheiro para me sustentar porque estavam a gastá-lo todo com a porcaria do futuro do Piet.

— Hannah! Tem tento na língua. Basta! Eu e o teu pai tentámos fazer o que era melhor.

— Ai sim? E é isto que é melhor para mim? Ficar aqui a ver o pai matar-se com o álcool e a fazer da nossa vida um inferno? Temos de aturar o mau génio e a autocomiseração dele por causa de uma coisa que ele fez há uma data de anos e que voltou agora para o perseguir? É isso? Pois é, não devias deixá-lo... não devias deixá-lo tratar-te como trata. Se não é capaz de entrar na linha, deves ir-te embora e eu também. Devíamos partir as duas... hoje!

Lottie estendeu uma mão para a filha, num gesto de compreensão, e retraiu-se quando Hannah se furtou ao seu contacto.

— Minha pobre filha — disse ela suavemente. — És tão jovem. Ainda vês o mundo a preto e branco. À medida que fores crescendo vais

compreender que a vida não é assim tão definida.

Hannah sentira toda a sua raiva e frustração explodir-lhe na cabeça. Doíam-lhe os olhos e a garganta com o esforço de as dominar. Temia o que mais poderia dizer se ficasse.

— Continua de olhos tapados se quiseres, mãe. Mas eu estou farta deste sítio, farta de tudo. Vou-me embora.

Lottie não a seguira, o que a deixou satisfeita. Estava agora envergonhada da sua explosão mas, pensou com ressentimento, tinha sido instigada a isso. Jan sempre fora o herói dela, forte e capaz. Dizia-lhe o que devia fazer. Mas aquela mulher disse que o pai era um criminoso, um homem violento, e ninguém lhe contava o que ele tinha feito. Portanto, se Marina tinha razão, como é que a mãe podia continuar com ele? Hannah tentara convencer-se de que a mãe de Camilla tinha mentido por maldade mas, no momento em que encarara o pai, soubera no mais fundo de si mesma que ele cometera um acto condenável. E sentia medo. Medo dele, medo por ele e por todos. Que é que isto ia acabar por lhes fazer? E agora tinha dito à mãe coisas terríveis a respeito de Piet quando a verdade é que adorava o irmão. Porque não conseguia acabar com estes ciúmes terríveis e sentir-se feliz por ele?

Desejava que Sarah estivesse ali. Sarah teria desanuviado o ambiente — conseguia sempre fazer rir as pessoas. Como sentia saudades das amigas, como desejava saber o que estavam a fazer e ansiava pela sua companhia. A última carta de Sarah estava cheia de comentários indignados sobre os professores e os colegas e de queixas do clima irlandês, invejando a sorte de Hannah por estar no *veld*, com o sol tropical a aquecer-lhe as costas, a comer mangas e a cheirar o pó e a vida selvagem de África no vento matinal. Em Dublin as pessoas nem sequer sabiam o que era uma manga ou uma papaia. Que ignorância! Sarah tinha dito que ia a Londres na Páscoa encontrar-se com Camilla, que agora convivia com a aristocracia e com gente famosa, que era ela própria famosa com a sua imagem a aparecer nas revistas e nos jornais. E contavam encontrar-se também com Piet, se ele conseguisse sair da Escócia e dar um salto à cidade vibrante. Sarah ia visitar Carnaby Street e os clubes onde grupos como os Rolling Stones se tinham estreado.

Involuntariamente Hannah sorriu. A caligrafia pontiaguda de Sarah fluía através das páginas das suas cartas, como se a caneta tivesse dificuldade

em acompanhar o tropel das suas ideias. Piet era um parvo, apaixonado por Camilla quando lhe bastava levantar um dedo para ter Sarah. Porque é que as coisas nunca eram simples, sem complicações? Pensou se Tim alguma vez lhe escreveria. Sarah disse que ele tinha perguntado por ela várias vezes e que lhe tinha dito que, se queria saber como Hannah estava, lhe devia perguntar directamente. Mas ele agora era médico, sobrecarregado de trabalho, e provavelmente não tinha energia para escrever. Além disso, andava com uma enfermeira do hospital, mas Camilla arrumara rapidamente com ela, o que quer que isso quisesse dizer. Camilla, claro, andava demasiado absorvida na sua nova vida para escrever cartas. Durante algum tempo enviara postais com ilustrações de todos os lugares exóticos que visitava mas as mensagens eram vagas e concisas. E depois silêncio.

A velha antipatia renasceu ao pensar nos Broughton-Smith. Dizia o ditado, tal pai tal filho. Quem era Camilla realmente? O pai era uma pessoa perfeitamente decente mas a mãe era um cabra perversa! Se Camilla não tivesse ido com Sarah passar o fim-de-semana à fazenda dessa primeira vez, talvez isto nunca tivesse acontecido. Não, não era justo. O que quer que o pai tivesse feito, acabaria por vir a lume mais cedo ou mais tarde. Só desejava que não tivesse sido a mãe da amiga a causar todo aquele sofrimento. E George Broughton-Smith nada fizera para as ajudar, apesar de estar de volta a Londres num cargo de poder. Continuava a trabalhar com o governo do Quénia, dissera Sarah. Estaria em posição de ajudar Piet, se houvesse um confronto no futuro a respeito da aquisição de terras? Faria vista grossa enquanto o novo governo lhes apreendia a fazenda e a dividia em lotes para entregar aos nativos?

Os seus pensamentos regressavam constantemente a Langani e ao que lá estava a acontecer agora. Antes de partir, o pai contratara um jovem feitor norueguês. O homem parecia estar a realizar um bom trabalho sozinho desde que Piet fora para a Escócia. Segundo as notícias que recebiam. Mas ele também não ia dizer outra coisa, pois não? A esta distância não se podia saber se estava a fazer uma boa gestão ou a destruir toda a exploração. Não havia maneira de saber se estava a encher os bolsos enquanto os proprietários estavam ausentes. Havia gente que fazia isso. Hannah tinha pesadelos com Langani, em que via os portões desconjuntados, a casa a desmoronar-se, as alfaías agrícolas a enferrujar

nos pátios, o gado consumido pela doença e o bonito jardim de Lottie submerso em ervas daninhas.

«Pára! Pára com isso... é uma estupidez!», murmurou Hannah consigo mesma. As coisas não entravam em ruína com essa rapidez. Alguém havia de escrever, velhos amigos ou vizinhos, a avisá-los se houvesse problemas. Mas Hannah queria lá estar para ver com os seus próprios olhos. De súbito, não havia nada que mais desejasse no mundo. A fazenda era tanto sua como de Piet. Tinha ideias — talvez não um diploma em Agronomia como o irmão, mas outras competências que seriam úteis. Revelara-se uma ótima aluna no curso comercial. Os professores diziam que tinha uma excelente cabeça para os números e para a organização. Estavam bem impressionados com o seu trabalho. Piet pretendia criar uma reserva de caça, atrair turistas. Podia ajudar aí. Ele podia dirigir a fazenda e talvez o norueguês ficasse para ajudar. E ela podia encarregar-se do lado turístico da operação. Sim, era isso! Agora só tinha de persuadir Piet a aceitá-la, a compreender que ela era mais do que a peste da irmã mais nova, que era uma parceira que podia dar um contributo útil à fazenda. Ele tinha de reconhecer isso. Também era a herança dela. Tinha a certeza de que o irmão gostava dela o suficiente para aceitar que devia dar-lhe uma oportunidade. Um papel a desempenhar.

O persistente bicho do ciúme começou a murmurar outra vez. «Se fosses rapaz e não rapariga, não tinhas de lutar assim para ser reconhecida.» Uma parte de si admitia que este raciocínio era correcto, mas agora sentia que Piet havia de compreender. No próximo mês, ele voltaria da Escócia, cheio de ideias e planos novos, e estaria decerto sobrecarregado de trabalho. Era o momento ideal para apresentar o seu apelo. Ele apoiá-la-ia se fosse capaz de lhe mostrar a sua seriedade.

Em todas as cartas que lhe tinha escrito desde que viera para sul, insurgira-se contra a plantação de tabaco, o curso comercial, tudo. Tantas queixas faziam-na sentir-se culpada, mas era uma forma de desabafar. As respostas dele tinham sido tipicamente bruscas, frisando que era certamente um tédio, mas que não duraria mais do que dois anos e o pai e a mãe precisavam dela. Tinha de aguentar, era mais ou menos o que ele dizia. A sua raiva e sentido de injustiça tinham-se intensificado. Estava muito bem para ele falar de cátedra lá na Escócia. Não estava atolado nesta miserável pocilga. Recordava como se sentira limitada em Langani

na adolescência, longe de Nairobi e de toda a excitação que achava que estava a perder. Caramba, se pudesse ao menos voltar agora para casa, para a fazenda, as queixas acabavam.

O peneireiro estava novamente no céu, a planar, a observar, pronto a descer a pique sobre a sua próxima vítima. Hannah levantou-se. Recusava-se a ser o rato, a presa impotente. Seria a caçadora — perseguiria os seus desejos, vigilante, espreitando a sua oportunidade, e depois mergulharia e arrebataria a sua presa. Aguentaria, obteria as suas qualificações e provaria a Piet que não era uma chorona caprichosa. Mostrar-lhe-ia, mostraria a todos.

Decorreram dois meses e ela estudava com nova determinação. À noite, ajudava Lottie e tentava não deixar que a má disposição do pai a afectasse quando ele estava em casa. Era difícil. O pai sempre se interessara por tudo o que ela fazia, perguntando-lhe pelos estudos ou pelos sucessos desportivos. Agora nunca lhe perguntava nada. Por vezes achava que ele não suportava olhar para ela com medo do que pudesse encontrar nos seus olhos. Muitas vezes, quando voltava das aulas e entrava na sala, ele levantava-se e arrastava-se para o quarto ou para o alpendre, aí ficando até a refeição estar pronta. Hannah desejava poder dizer ou fazer alguma coisa para lhe dar a saber que o amava, mas já não estava muito certa de que amasse. Como se podia amar alguém cujas acções tinham posto em risco a felicidade de toda a família?

Lottie começara a fazer costura. Sempre fora exímia com a agulha e agora aceitava pedidos de vizinhas para tentar suplementar os rendimentos da família. Confeccionava também compotas, que vendia no mercado aos sábados, e fazia pastéis e bolos para um café local. Hoje em dia andava com um ar permanentemente cansado, mas continuava a arvorar o seu sorriso radioso para os clientes que compravam produtos na sua barraca. Mas, em casa, o sorriso era forçado. Hannah sentia-se cada vez mais envergonhada ao ver a mãe atirar-se a todas estas tarefas adicionais enquanto o pai se refastelava à mesa da cozinha com uma cerveja ou um *whisky* sempre que estava em casa. Saía de manhã para inspeccionar as culturas e os celeiros do tabaco, voltando à hora de almoço, afogueado e a suar, pegando noutra garrafa e maldizendo os cafres que labutavam nos

campos. Em Langani sempre tratara bem os trabalhadores. Aqui era agressivo e pouco razoável e os homens não o encaravam quando ele gritava as suas ordens. Quando saía em patrulha, Hannah sentia culpa pelo alívio que experimentava com a sua ausência e um receio surdo pela sua segurança. Uma vez, tinham disparado contra ele e a *pickup* em que seguia ficou crivada de buracos de bala.

Perguntou a Lottie se podia aceitar um emprego como empregada de mesa no café local e, quando viu a centelha de gratidão nos olhos da mãe, sentiu vergonha porque a sua oferta não era tão generosa como parecia. Mais do que tudo, queria evitar estar em casa. E sentia-se embaraçada ao ver a mãe de avental, na barraca no mercado, a sorrir com determinação enquanto servia agricultores robustos e as mulheres destes e senhoras bem-postas da cidade, aturando insolências de crianças mais novas do que Hannah. Mas Lottie tocou suavemente na face da filha.

— Não quero que trabalhes por enquanto, minha querida. Quero que te concentres nos estudos sem nada que te distraia. Primeiro, obtém o teu diploma. Depois tenho planos para ti. — Baixou-se para tirar uma velha caixa da última gaveta do aparador.

— O teu pai não sabe disto. Se soubesse... — hesitou. — Bem, já sabes para onde ia. Tudo o que tenho ganho com a costura e as coisas que faço está aqui guardado para ti. Quando acabares o curso, vou mandar-te para a universidade em Joanesburgo. Para estudares o que quiseses. Podes ficar em casa do meu irmão enquanto lá estiveres. Vai demorar algum tempo a juntar o dinheiro todo, mas vou conseguir. Só tens de ter paciência durante mais algum tempo.

Lottie afastou o cabelo da cara com um gesto fatigado e, à luz que se filtrava na sala, Hannah vislumbrou no rosto da mãe rugas de que nunca se apercebera. Os seus olhos turvaram-se de lágrimas. Sentiu vontade de gritar a Lottie, de lhe dizer que não suportava ser a razão da escravidão da mãe. Não queria saber da universidade em Joanesburgo. O que queria era que as coisas voltassem a ser como eram e não havia dinheiro ganho à custa de tanto trabalho que melhorasse a situação ali. Olhou para a tampa arranhada da caixa de metal que encerrava as aspirações da mãe para ela e deu meia-volta, consumida de culpa.

Três semanas mais tarde, Lottie estava no mercado quando Hannah ouviu o carteiro chegar. Correu para a caixa e retirou a carta com o

carimbo do Quénia. Piet! Piet tinha chegado. Abriu o envelope e começou a ler.

Queridos Mãe, Pai e Hannah,

Cheguei ontem e é uma felicidade estar em casa. O Lars tem feito aqui um excelente trabalho e a fazenda está esplêndida. Vendemos cinco novilhos e conseguimos um bom preço por eles. O trigo este ano promete. O Lars é um homem honesto. Se possível, gostava que ele continuasse aqui, pelo menos até eu pôr em marcha a reserva de caça e o lodge. Fazia-me jeito mais um par de mãos e ele parece gostar de cá estar. Não posso tratar de tudo sozinho e sinceramente acho que temos de avançar já com o lodge. Vai reforçar as nossas receitas e ajudar a fazenda a atravessar este período difícil. Estive com o Anthony Chapman em Nairobi a caminho de casa e ele vai aparecer aqui brevemente para dar uma vista de olhos à terra que eu quero destinar à reserva de caça. Está disposto a entrar com dinheiro para a construção. Há outros caçadores e operadores privados de safaris que nos asseguraram que usarão o local para os seus clientes.

O jardim está com bom aspecto mas não corresponde ao teu padrão de perfeição, Mãe. Acho que sente a tua falta. O Kamau e o Mwangi e todo o pessoal têm saudades tuas. E eu também. Obrigado pelas cartas que encontrei à chegada — foi bom ver a tua letra nos envelopes e saber que estão todos bem.

Pai, como está a correr a cultura do tabaco? Pelo menos aí não te deve faltar mão-de-obra. Tivemos alguns problemas com caçadores furtivos que mataram animais de caça pela carne e os masai têm trazido à socapa o gado e as cabras deles para as nossas pastagens, cortando as vedações para entrar. Eu e o Lars vamos falar com o chefe deles no princípio da próxima semana. Tirando os caçadores furtivos, o Lars tem feito uma boa gestão e tivemos muita sorte com ele. Manda-te cumprimentos e em breve vai enviar-te o seu relatório mensal. Não te preocupes com as coisas aqui. Havemos de sobreviver.

Hannah, soube pela mãe que te atiraste agora com vontade ao curso e que estás a ter bons resultados. Mantém o ritmo. Talvez possas vir cá passar umas férias brevemente. Entretanto, tem juízo e ajuda de todas as maneiras que puderes.

Estive com a Sarah e o Tim e também com a Camilla, em Londres, na Páscoa. Passámos juntos o fim-de-semana e por algumas experiências que vos conto um dia destes. Não sei se a ideia de virem todos à celebração dos 21 anos da Han no Verão vai resultar. As coisas mudaram muito para toda a gente.

Tenho de terminar. Volto a escrever em breve. Esta carta é só para lhes dizer que estou em casa. Estou cheio de ideias novas — na próxima carta falo delas todas. Estou ansioso por meter mãos à obra! Abraços a todos.

Piet.

Hannah sentiu as lágrimas a arder-lhe nos olhos. Ele tinha planos. Estava ansioso por meter mãos à obra. E ia pedir a este Lars que ficasse. Não suportava a ideia de não desempenhar um papel em todos os projectos. Ia ficar encurralada ali, naquele lugar horrível, onde ia apodrecer, doente de saudades de casa e sozinha no seu desolado cativeiro. Por um momento, odiou Lars com uma intensidade irracional. Depois levou a carta de Piet para a cozinha. Jan estava sentado à mesa. Tinha chegado de uma patrulha de madrugada e ainda estava com a roupa coberta de pó. À sua frente tinha um prato intacto de carnes frias e queijo que Lottie preparara antes de sair. Os seus olhos pareciam ter-se consumido nas órbitas e não se barbeara. Pegou numa garrafa de *whisky* e deitou uma dose num copo. Tremiam-lhe um pouco as mãos ao servir.

— Chegou uma carta do Piet. Queres lê-la? — Hannah viu-o levantar os olhos mas sem responder. — Disse que chegou uma carta do Piet...

— Mostra-a à tua mãe quando ela chegar — Jan falou com uma voz rouca. — Onde é que ela foi afinal?

— Entregar a costura a Mrs. Kruger. Está a fazer-lhe capas para as cadeiras, já te esqueceste? — A resposta de Hannah foi seca e rude. — Como se te interessasse saber onde é que algum de nós está — acrescentou, baixando a voz.

— Que é que disseste? — Jan levantou a cabeça, encolhendo-se com a brusquidão do movimento.

— Disse que não te interessava saber. Foi o que eu disse. — Falou num voz distinta, olhando-o com hostilidade.

Jan soergueu-se da cadeira, muito vermelho. — E que quer isso dizer, hein? — Deixou-se cair pesadamente de novo e estendeu a mão para a garrafa. Hannah inclinou-se e arrancou-lha da mão.

— Quer dizer que já não queres saber de nada senão transformares-te num autêntico farrapo com esta porcaria! Olha para ti, pai. Olha só para ti. A mãe trabalha todas as horas do dia, todos os dias da semana, para manter esta família unida. E tu não fazes outra coisa senão andar para aí a cair de bêbado quando chegas do trabalho e a tratá-la mal. Estás a destruir a tua vida e a nossa também! Se continuares assim, até a porcaria deste emprego vais perder. E depois que fazemos? — Levou a garrafa para o lava-loiça e começou a despejar o *whisky*.

— Dá cá isso! — Jan, furioso, tinha-se posto em pé. — Dá-me isso imediatamente!

Aproximou-se dela e agarrou-lhe no braço com as suas mãos enormes, puxando-a para si. Uma onda malcheirosa de álcool do seu hálito envolveu-a e ela desviou-se dele, lutando para se libertar da pressão.

— Que é que foi? — gritou-lhe. — Já não consegues olhar para o teu pai, não? Não queres pensar que ele andou de rastos pelas florestas, semanas a fio, para que tu, a tua mãe o Piet pudessem dormir em segurança, hein? Fi-lo por ti, estás a ouvir? Fi-lo por vocês todos, sim. Mas agora ninguém se quer lembrar. — Os seus olhos encheram-se de lágrimas e abanou-a violentamente.

— Que é que fizeste por nós? — gritou Hannah. — Diz-me o que fizeste que foi tão nobre que nos custou o futuro em Langani. Porque é que ninguém me diz?

— Não sabes nada! Toda a vida foste protegida, nunca te faltou nada. Não viste o teu tio depois de acabarem com ele, com a barriga esventrada e a garganta aberta e os órgãos enfiados na boca. Era o que nos teriam feito a nós, a mim, a ti, à tua mãe e ao teu irmão.

— Pois, mas agora está tudo destruído na mesma. Tu destruístes tudo. Destruístes-nos a todos. — Hannah levantou a garrafa, tomada de cólera, e partiu-a na beira do lava-loiça.

— Maldita sejas, rapariga! — Jan começou a apanhar os vidros partidos e cortou-se. Olhou para a ferida a pingar para o chão e depois levantou a mão ensanguentada e esbofeteou Hannah com toda a força na cara. Ela cambaleou e caiu contra o lava-loiça, deslizando para o chão. A marca

vermelha da mão dele palpitava através da névoa de raiva e desespero que o possuía. Hannah tentou pôr-se em pé, os olhos vidrados com o choque. Levou a mão à marca lívida na face, depois afastou-a e olhou para ela, estupefacta. Jan caiu de joelhos ao seu lado, a chorar.

— Hannah. Oh, meu Deus, minha pequena Hannah, desculpa-me! Não sei que me deu. Desculpa, Hannah. Anda cá, deixa-me ajudar-te. Ah, perdoa-me, minha filha...

Hannah deixou-o no chão e saiu da cozinha, indo fechar-se à chave no quarto. Sentou-se na cama e fixou a parede. Começou a tremer. Como que a uma grande distância, ouviu o pai aos murros na porta, suplicando-lhe que o deixasse entrar e pedindo perdão. Prometeu que deixava de beber. Que nunca mais lhe levantaria a mão. Chorou e implorou enquanto ela continuava sentada no pequeno quarto sufocante, muda e incrédula, até o ouvir afastar-se pelo corredor. Ia a tartamudear consigo mesmo e, passados uns momentos, chegou o ruído das suas tentativas para limpar os vidros partidos. Mais tarde ainda, ouviu o guarda-vento da porta ranger, ao abrir e ao fechar, e depois silêncio.

Levantou-se, abriu suavemente a porta e dirigiu-se à casa de banho. Mesmo depois de ter lavado a cara, parecia que a marca da mão dele ainda lhe gritava do reflexo no espelho. A parte de trás da cabeça, no ponto onde batera contra o lava-loiça, latejava dolorosamente. Dirigiu-se ao armário, pegou numa mala e embalou algumas peças de roupa. Na cozinha, abriu a gaveta do fundo do aparador e retirou a caixa de metal de Lottie. Dentro estava um maço de notas amarrado com um elástico. Contou-as cuidadosamente, meteu-as na carteira e saiu de casa, fechando a porta com rede mosquiteira atrás de si.

O comboio para Salisbury desceu vagarosamente a escarpa e Hannah olhou pela janela sem ver. No aeroporto comprou um bilhete para Nairobi e sentou-se à espera que o seu voo fosse anunciado, aterrada ante a perspectiva de que o seu nome fosse subitamente chamado através dos altifalantes, que Lottie adivinhasse o seu destino, que não conseguisse escapar. Tentou concentrar os seus pensamentos no jardim de Langani, recordando meticulosamente cada flor, arbusto e árvore, demorando-se sobre a sua cor e forma, o lugar que ocupavam na paisagem. Não pensaria

na casa para já. Pensar na casa seria relembrar as pessoas e não queria relembrar ninguém. Quando o avião finalmente descolou, recusou a refeição, fechou os olhos e dormiu.

No aeroporto de Embakasi, apercebeu-se de que não lhe restava muito dinheiro. Havia táxis à saída do terminal, mas ela decidiu apanhar uma camioneta. O condutor e os passageiros olharam-na com declarada curiosidade. As *memsahibs* brancas não viajavam em camionetas e muito menos sozinhas. Ela falou em suaíli, ao comprar o bilhete, e regozijou-se com os sorrisos rasgados de aprovação com que foi recompensada. Um pequeno *toto* foi sentar-se ao seu lado, levantando os olhos brilhantes para a cara de Hannah. A criança estendeu a pequena mão a medo e tocou-lhe e ela tomou-a na sua. Depois ajeitou os óculos de sol contra a claridade intensa e olhou pela janela. A camioneta oscilou e saltou com a sua carga de pessoas compactamente apertadas. Mais passageiros viajavam agarrados às janelas e às portas à medida que o condutor parava para deixar entrar mais gente a caminho da cidade.

No Norfolk Hotel, dirigiu-se à recepção e pediu para fazer uma chamada a cobrar no destino. Na pequena cabina telefónica apainelada, à beira da exaustão, ouviu o insistente zunido do telefone em Langani. Atendeu uma voz estrangeira e o desespero cerrou-se mais.

— Lars Olsen? É o Lars? Queria falar com o Piet. Ele está? Que disse?
— Falou com uma voz nervosa de impaciência e cansaço. — É a irmã, a Hannah. Importa-se de o chamar, é urgente.

Os segundos pareceram arrastar-se. Depois soou a voz familiar.

— Han? Onde estás? A mãe está consumida contigo. Valha-me Deus, onde estás?

Hannah permaneceu agarrada ao telefone. A enormidade do que fizera atingiu-a em cheio pela primeira vez e a sua coragem desintegrou-se.

— Piet? Estou no Norfolk. — Começou a soluçar. — Podes vir buscar-me, Piet? Só quero ir para casa.

CAPÍTULO 8

Londres, Maio de 1965

Camilla saíra da sua segunda audição, segura de que no Outono estaria na escola de arte dramática. À noite saiu com Ricky Lane para celebrar e mal conseguia lembrar-se do regresso ao apartamento. Tinham caído perdidos de riso no patamar enquanto ela tentava acertar com a chave na fechadura, por meio de repetidas investidas. Depois fechara firmemente a porta contra as súplicas dele e atirara-se para a cama completamente vestida, tendo dormido dez horas. Três dias mais tarde, ao regressar de um longo dia de fotografias de moda, encontrou a carta. Leu-a duas vezes e foi invadida por uma onda de desespero ao sentar-se sozinha no sofá. Correram-lhe lágrimas de humilhação pelas faces e serviu-se de uma vodka pura com gelo, angustiada com a rejeição e a sua própria arrogância. Sentira-se demasiado segura de si própria e agora pagava o preço da sua vaidade.

Não podia telefonar a Sarah porque tinha medo. O telefone estava pousado na mesa envernizada, preto e acusador. Depois da Páscoa, recebera uma mensagem de agradecimento de Dublin. Desde então não tinham comunicado uma com a outra. Nem Sarah nem Tim tinham compreendido a sua reacção para com Marina naquela noite terrível. Camilla sabia que tratara Piet de forma imperdoável e lamentava amargamente as palavras irreflectidas que lançara para o permanente campo de batalha entre ela e a mãe. Mas considerava que Sarah devia ter tentado compreender. Sempre que pensava nessa noite, Camilla recordava os dedos pálidos da mãe, carregados de anéis, à volta do pescoço do homem de cor, via a força e sentido de posse dele na forma como a apertava com vigor contra si enquanto dançavam lenta e sensualmente, alardeando o seu desejo e intimidade. Não podia aceitar o modo imprudente como se exibiam e sabia que as consequências de uma ligação

extraconjugal tão pública podiam ser desastrosas para um diplomata do Ministério dos Negócios Estrangeiros. Camilla temia pelo pai e desprezava Marina pela sua absoluta falta de discrição. De qualquer maneira, nunca devia ter usado Piet para exercer vingança, fazendo uma chocante declaração pessoal. Agora estava a pagar o preço pela sua traição e arrogância. Engasgou-se um pouco ao sentir a ardência da vodka deslizar-lhe pela garganta. A carta de rejeição estava aberta à sua frente. Amarfanhou-a, voltou a abri-la e por fim rasgou-a em pedacinhos. Depois atirou a sua esplendorosa carreira teatral para o cesto dos papéis e serviu-se de outra bebida.

Durante dois dias, não esteve com ninguém, cancelando a sessão de fotografias e enfurecendo Tom Bartlett, o seu agente, ao tirar o telefone do descanso. Na primeira tarde, a campainha tocou mas ela não fez qualquer tentativa para se levantar da cama onde estava deitada de bruços com uma almofada sobre a cabeça para cortar qualquer contacto com um mundo intruso. Após uma eternidade de persistentes toques de campainha e pancadas na porta, ouviu os passos a descer as escadas e o som da porta de um carro a bater na rua em baixo. Na terceira manhã, saiu da cama a custo e dirigiu-se à cozinha, vasculhando num armário à procura de café e lavando uma caneca suja que estava no lava-loiça. O porteiro tinha enfiado o correio da manhã debaixo da porta. Camilla baixou-se para apanhá-lo sem entusiasmo e ficou surpreendida ao reconhecer a impecável letra do pai num dos envelopes. Dizia que tinha tentado telefonar-lhe mas parecia haver um problema com o telefone dela. Partia do princípio de que ela estava ausente numa sessão de fotografias de moda. Precisava de discutir um assunto com ela. Camilla estremeceu à ideia da explicação que teria de dar a respeito da sua rejeição na escola de arte dramática, pôs a carta de lado e vestiu um par de *jeans* e uma camisola.

Entrou num autocarro ao acaso que a levou até a uma área de Londres onde nunca estivera e caminhou sem destino sob um céu carregado. Era a primeira vez que sofria um desaire ou lhe era recusada uma coisa que desejava apaixonadamente. Era a primeira vez que se via obrigada a avaliar o seu próprio mérito e as suas verdadeiras capacidades. Nas ruas desoladas, com vidros partidos nas janelas e contentores do lixo a transbordar, deparou-se com rostos abatidos em que se estampava a consciência de que os sonhos alimentados na juventude haviam sido

engolidos na luta diária pela sobrevivência. Sentada num banco ao lado de uma velha mirrada, Camilla reconheceu que os pais tinham procurado protegê-la, guiá-la em direcção a uma vida que lhe proporcionasse segurança. Até a mãe fizera um esforço para comunicar através do casulo em que decidira viver para lhe sugerir um sistema de vida estável. Encontrou uma cabina telefónica pública e marcou o número do pai. O som da voz de George animou-a pela primeira vez desde a carta. Combinaram encontrar-se para jantar no clube dele. Enquanto tomava banho, tentou formular as frases que explicassem o seu optimismo exagerado a respeito da escola de arte dramática. Reparou, ao maquilhar-se, que a infelicidade e a vergonha haviam retirado a chama ao seu olhar. Encolheu os ombros, resignada, reconhecendo que tinha feito uma figura triste e que não tinha outro remédio senão admiti-lo. Ele seria o primeiro a saber e podia, pelo menos, praticar as suas primeiras réplicas de humilhação com um espectador solidário.

— Lamento imenso. Sei que deves estar profundamente decepcionada — George pegou na mão da filha no outro lado da mesa. — Mas sabes que te podes candidatar a outras escolas, não sabes? Acho que o teu maior erro foi depositares todas as tuas esperanças num único sítio.

Mas Camilla abanou a cabeça, baixando os olhos para o prato para esconder lágrimas não derramadas, grata por ele não a ter cumulado de perguntas nem a ter repreendido pelo seu excesso de confiança.

— Todas as pessoas passam por experiências dessas. — Olhou gravemente para ela. — Se continuas a planear seguir a carreira de actriz, receio bem que tenhas de aprender a amar a rejeição. Que diz esse professor de quem me falaste? O que estava seguro de que ias ser aceite?

— Inventei-o — respondeu ela, cheia de vergonha.

George fez um gesto de assentimento. — Isso foi uma parvoíce — observou. — Mas agora não interessa. Deixa-me apresentar-te a um amigo meu que pertence à direcção do Royal Court Theatre. É um jovem simpático com inúmeros contactos e acho que vais gostar dele. Se não quiseses candidatar-te a outra escola de arte dramática, talvez possas começar por trabalhar nos bastidores e ver o que acontece. Há muitos actores notáveis que começaram assim. Começam com pequenos papéis e como substitutos de actores principais até que surge um papel apropriado. E a partir daí estão lançados.

— Não sei, papá. Neste momento não tenho ânimo para pensar nisso. Mas tenho algumas sessões fotográficas fantásticas marcadas para breve. Aliás, nem podia aceitar mais. Tenho a sorte de ter um dos melhores agentes de Londres... chama-se Tom Bartlett. Na próxima semana tenho uma sessão na Escócia com o Ricky Lane. Vamos fotografar moda para a *Queen*... vai ser a primeira vez que a minha foto aparece nas páginas da revista e talvez na capa. E fala-se numa viagem a Paris outra vez em Junho e a Nova Iorque no Outono — Camilla franziu o sobrolho numa expressão de surpresa fingida. — Estou a tornar-me muito famosa, sabes? As pessoas reconhecem-me nos restaurantes e dão-me as melhores mesas. Hoje em dia até sou abordada na rua por perfeitos estranhos. Mas a verdade é que às vezes me cansa.

— Mas, em última análise, não é o que queres fazer. Não debes cair na tentação de desistir das tuas ambições teatrais só por causa de uma rejeição.

— Não tenciono desistir. Hei-de acabar por lá chegar.

— Apraz-me ouvir-te dizer isso, querida. Sê persistente, mesmo que te custe, e eu hei-de sentir-me orgulhoso de ti. Quais são os teus planos imediatos?

— Estou a contar ir ao Quénia em Agosto e princípio de Setembro. É uma coisa que prometemos umas às outras... eu, a Hannah e a Sarah. Dissemos que voltávamos para celebrar os nossos vinte e um anos e a sabedoria entretanto adquirida. — Inclinou a cabeça e sorriu ao pai, mas a sua boca estava deformada num esgar de tristeza. — Isto é, se elas ainda quiserem que eu vá.

— Valha-me Deus, porque não haviam de querer? — George manifestou surpresa.

Mas Camilla não podia contar-lhe que vira Marina com o amante negro, nos braços um do outro à vista de toda a gente num dos clubes nocturnos mais conhecidos de Londres enquanto ele estava ausente no Quénia ou a matar-se com trabalho em Whitehall. O risco de magoar o pai, o único elemento estável na sua vida, a pessoa que amava e em quem confiava, era demasiado grande. Do mesmo modo, não podia confessar o que, em consequência, tinha feito a Piet e a Sarah. O seu pensamento queria afastar a recordação e esforçou-se por se concentrar de novo no momento presente.

— Que querias então discutir comigo? — perguntou.

— Vou fazer uma mudança de peso na minha vida — disse George. Hesitou, serviu mais vinho aos dois e acendeu um charuto. Seguiu-se um longo silêncio e ela esperou, intrigada. — Vou deixar o Ministério dos Negócios Estrangeiros — disse ele por fim. — Apresentei a minha demissão.

— O quê? — Camilla estava incrédula. — Mas tu adoras o teu trabalho, papá. É a tua vida. Devem estar quase a nomear-te governador ou alto-comissário ou qualquer coisa assim, não? A que propósito é que queres sair agora? — Ele não respondeu de imediato e Camilla percebeu que estava a compor uma resposta. — Não, não me digas — disse ela. — Tem a ver com a mãe. Sei que tem. Foi ela que te convenceu, não foi? Tem a ver com dinheiro.

Fixou-o intensamente, os seus olhos exigindo uma resposta, o seu instinto dizendo-lhe que tinha razão. O olhar de George vacilou e, nesse momento, ela viu claramente Marina no clube. Marina, a provocar um escândalo que o havia obrigado a demitir-se. Mas não se atrevia a fazer mais perguntas porque não tinha a certeza se ele sabia de Winston Hayford.

— Não tem nada a ver com a tua mãe — George estava agora a olhá-la frontalmente. — Aceitei um cargo interessante no sector privado. Um trabalho com mais potencialidades.

— Mais potencialidades do que mudar o mundo? Não acredito.

— É uma posição estimulante — insistiu ele calmamente. — Vou dirigir um fundo internacional para a vida selvagem e o ambiente. É um trabalho que implica viajar por todo o mundo. Mas foi-me atribuída responsabilidade especial pela África Oriental graças aos anos que lá passei. Os novos governos têm muito pouco dinheiro para parques nacionais e conservação e estão em crise, especialmente no Quénia. É incrível o número astronómico de elefantes que estão a ser chacinados por bandidos que entram pela fronteira com a Somália e por caçadores de marfim noutras áreas. E a população de rinocerontes tem sido massacrada ao ponto de correr o risco de extinção se não se tomarem medidas.

— Mas esses fundos normalmente desaparecem nos bolsos de pessoas gananciosas, por causa da corrupção. Tu próprio disseste isso muitas vezes.

— Vou controlar um fundo que pode ser correctamente administrado e em que o dinheiro é directamente atribuído a projectos supervisionados e não aos cofres do Estado. Estou muito entusiasmado com tudo isto. — Tentou suscitar algum entusiasmo na filha mas ela não reagiu. — A fundação tem um apartamento em Nairobi que eu posso usar quando lá estiver.

— Então tu e a mãe vão finalmente viver separados? Oficialmente? — Agora que o momento tinha possivelmente chegado, Camilla sentiu uma estranha apreensão enquanto esperava pela resposta dele. Seria uma decisão lógica e interrogou-se se a verdadeira razão desta mudança na vida do pai seria o divórcio. Significaria o fim da sua pequena família, por mais imperfeita que fosse. Surpreendeu-a descobrir uma profunda tristeza em si mesma perante a percepção de que haviam chegado a esse ponto.

— Não. Não vamos mudar nada — George não estava a olhar para ela.

Camilla suspirou. Nunca viria a compreender por que razão ele continuava com a mãe, por que razão não chegavam a um qualquer entendimento amigável e seguiam vidas separadas. Pelo menos um deles teria então uma oportunidade de ser feliz. — Quando comesas esse novo trabalho? — perguntou.

— Dentro de dois meses. Em Julho, para ser mais preciso.

— Deves ter andado uma série de tempo a reflectir sobre isto e nunca disseste nada. Pelo menos a mim. É tudo tão inesperado. — Agora sentia-se magoada e triste embora não soubesse porquê. — Quanto tempo vais passar no Quénia?

— Presumo que, a partir do fim do ano, seja metade cá, metade lá. Viajo para Nairobi na próxima semana para negociações com o Ministério do Turismo e os parques nacionais. Depois sigo para a Tanzânia e para o Uganda com a mesma agenda. E há outros projectos na Ásia... tigres e pandas e florestas que estão a ser dizimadas sem qualquer atenção ao futuro da vida selvagem que as habita.

— E a mãe onde vai estar enquanto viajas? Não acredito que faça tentações de te acompanhar nas tuas digressões pelas selvas do mundo.

— Talvez me acompanhe em algumas ocasiões.

— Já sabes que isso não vai acontecer.

— Acho que vai ficar de bom grado aqui em Londres a maior parte do tempo. Anda à procura de uma casa no campo. Uma coisa pequena para os

fins-de-semana.

— Já sabia! Isto tem a ver com ela. Agora vai ter o que sempre quis... um apartamento aqui e fins-de-semana no campo com os compinchas elegantes de Londres. Este novo emprego é para financiar os sonhos sociais dela à custa de teres renunciado ao que adoravas fazer.

— A vida não é assim tão simples, Camilla.

— Para ela é.

Continuava ressentida quando se despediram em Pall Mall e o viu afastar-se, os ombros encolhidos contra o vento. Não queria passar o resto da noite sozinha a reflectir sobre as estranhas vidas dos pais e chamou um táxi para ir ao estúdio de Ricky Lane. Era tarde mas tinha a certeza de que o encontraria lá.

— Onde diabo te meteste, querida? Se faltares a mais alguma sessão, sem me avisares nem apresentares uma razão, começo a procurar outro talento. E olha que não há falta deles. — Acendeu um cigarro. — Estás com um ar aterrador.

— Tive uma semana má.

— Na Mary Quant ou na *Tatler* estão-se nas tintas para a semana que tiveste. E eu idem aspas. Preciso de ganhar a minha vida.

— Sinto muito.

— É, debes sentir. Vocês, meninas queques, no fundo são todas iguais. Estão-se nas tintas para toda a gente. Aham que os altos contactos das vossas famílias vos safam sempre que fazem borrada e não estão para sair da cama de manhã. Não passam de uma cambada de meninas mimadas.

— Eu não sou assim, Ricky.

— Então como é que és? — Aproximou-se dela, desembaraçando-se do cigarro e tomando-a nos braços. — Anda lá, querida, mostra como és realmente.

Surpreendeu-a a suavidade da sua boca ao beijá-la e ela inalou o cheiro a tabaco e a *whisky* no seu hálito. Sentiu as mãos dele a subir-lhe pelas costas por baixo da blusa e a rodeá-la para lhe tocar nos seios e rechaçou-o.

— Larga-me, idiota! — Estava a rir mas um pouco trémula. — Já passámos por isto tudo. Pode haver fotógrafos que saltam para cima das modelos que fotografam, mas não tenciono ir por aí. Nem contigo nem com ninguém.

— A não ser que sejam lordes ou banqueiros ou coisa assim.

— Deixa-te disso, Ricky. Não me venhas com essa treta de ser uma questão de classe. Já sabes que não penso assim.

— Às vezes pergunto-me se pensas alguma coisa, se essa geleira a que chamas cabeça é capaz de produzir ideias.

— Supostamente és um fotógrafo e não um psicólogo — disse ela, despenteando-lhe o cabelo. — Em que dia vamos para a Escócia? Deve estar frio e húmido, convém levars galochas e um casaco *Barbour* como esses queques de quem estás sempre a falar. E é bom que te portes bem, senão enfio-te meia dúzia de chumbos no rabo. Já cacei na Escócia, não te esqueças. Vá... vamos a qualquer lado tomar uns copos e dançar.

Nas charnecas, estava frio e chovia. Ricky estava de mau humor, frustrado com o clima e a luz. Camilla consolava-se com grandes pratos de papa de aveia com natas de manhã e, depois do desastre do primeiro dia nas charnecas, sentou-se no bar do hotel e pediu dois *whiskies* de malte sem gelo para ambos.

— Ouve — disse ela —, eu sei que a luz é cinzenta. E provavelmente vai chover durante todo o tempo que cá estivermos. Porque não aproveitamos este tempo deprimente? Porque não o viramos a nosso favor?

— Que gracinha — disse Ricky, emborcando a bebida de um trago. — Qual é então a tua ideia, querida? Fotografar sempre debaixo de um guarda-chuva ou quê?

— Sim — respondeu ela. — Qualquer coisa desse género. Por exemplo, eu podia aparecer com algumas das camisolas encharcadas e completamente coladas ao corpo de maneira a ver-se que não tenho nada por baixo. A lã toma a forma do meu corpo, mamilos e tudo. De repente, as camisolas são uma peça sensual. As cores são muito vivas e hão-de destacar-se contra um céu cinzento e extensões infinitas de campos enevoados. Posso aplicar montes de brilhantina no cabelo e dar-lhe uma forma escorrida contra a cara, como se tivesse estado horas à chuva. À espera de alguém que nunca há-de aparecer. Aumento os olhos com *kohl*, deixando talvez o preto escorrer pela cara. E umas pestanas enormes e lábios muito brilhantes. A luz parda há-de fazer ressaltar

extraordinariamente as cores. Uma espécie de tema da «rapariga abandonada». Perdida à chuva. Descalça até. A roupa vai contar toda uma história.

— Vais morrer de frio — disse Ricky, mas estava a rir como um doido, a esfregar as mãos. — Genial. É o que é. Um golpe de génio.

— Ainda bem que um de nós tem cabeça. Prepara-te para me pagares as contas do médico — disse Camilla. — E entretanto podes oferecer-me outra bebida.

No regresso a Londres depois da sessão, Camilla sentia-se cansada, convencida de que nunca mais se libertaria da humidade que se lhe tinha entranhado no corpo enquanto posava à chuva, descalça e a tiritar em campos desertos, a cavalo e na paragem de autocarro da aldeia, com as roupas coloridas a transmitirem uma audaciosa mensagem. Quando Ricky a deixou à porta de casa, subiu as escadas a correr, a pensar na hora que passaria num banho de imersão fumegante. Ficou surpreendida ao encontrar uma nota de Anthony Chapman entre o monte de cartas e telefonou-lhe imediatamente.

— Que diabo estás cá a fazer? — perguntou.

— Uma grande viagem promocional. Ainda não parei de te telefonar nas últimas quarenta e oito horas. Onde estiveste, Camilla? Parto daqui a três dias para Nova Iorque. Queres vir à minha apresentação de diapositivos logo à noite? Um dos meus clientes de Cadogan Square organizou um serão para alguns amigos que talvez queiram fazer um safari. Podias ajudar-me a convencê-los.

Camilla ficou surpreendida ao descobrir que tinha imensa vontade de o ver. Em Nairobi, ele levara-a a bailes de beneficência e a partidas de rãguebi e ela vira-o jogar pólo ou jogara ténis com ele no Muthaiga Club. Entre safaris tinham jantado ocasionalmente juntos e ele beijara-a em várias ocasiões. Mas ela recusara as suas tentativas de ir mais longe. O seu futuro estava em Londres e nele não havia lugar para Anthony Chapman, caçador e guia de safaris. Agora invadia-a uma nostalgia pelo odor da poeira e do som das primeiras chuvas a cair na terra crestada, pela luta entre os homens e as feras, pela incomparável majestade das infinitas savanas, pelo brilho da neve nos picos montanhosos e pelo ofuscante mar

azul. Na elegante sala de visitas londrina, agradou-lhe que os anfitriões de Anthony e os seus convidados a tivessem reconhecido e tivessem ficado impressionados com a sua escolha de acompanhante. Enquanto os diapositivos desfilavam no ecrã, sentou-se um pouco distanciada dos outros convidados e deixou-se reconquistar pelo poder e pela essência de África. Ao jantar gostou de conversar com os potenciais clientes de Anthony. Alguns já tinham viajado com ele ao passo que outros estavam a considerar a sua primeira experiência num safari e ela usou de todo o seu charme e poder de persuasão para ajudá-lo a vender a sua visão da terra que amava.

— Bom trabalho — sussurrou-lhe ele ao ouvido quando o serão chegou ao fim. — Os dois juntos conseguimos impressioná-los. Dois dos casais vão definitivamente inscrever-se. Queres jantar comigo amanhã à noite?

Quando acordou na manhã seguinte, o mundo parecia mudado. O dia arrastou-se e ela passou as últimas horas a melhorar ainda mais a sua aparência. Anthony chegou cedo, levando flores e chocolates da Fortnum & Mason. Não conseguiu esconder a sua admiração pela beleza requintada de Camilla. Ele envergava um fato que estava definitivamente fora de moda. Os seus sapatos estavam engraxados, mas ligeiramente riscados e davam a impressão de que tinha palmilhado a selva com eles vezes de mais. No restaurante apinhado que Camilla escolheu, parecia um pouco deslocado mas estava divertido com o facto de toda a gente a reconhecer. Ela ficou deliciada ao constatar que o ambiente refinado não o perturbava nem constrangia.

— Imagino que não pensas voltar tão cedo ao Quénia, agora que entraste na galeria da gente famosa. Tal como vaticinaste. — Os olhos dele enrugaram-se nos cantos quando ela protestou. — Não posso dizer que esteja surpreendido. Foste feita para este mundo de esplendor e luxo. Mas talvez um dia precises de umas férias e te sintas tentada pela ideia de umas semanas no *bundu*.

— Não sei por que razão toda a gente faz afirmações generalizadas sobre o que eu sinto ou o que quero fazer — disse ela. — Por sinal, faço tenções de estar no Quénia em Agosto. Para me encontrar com a Sarah e, se tudo correr bem, com a Hannah, para celebrarmos o ano dos nossos grandes aniversários. Foi uma promessa que fizemos naquela noite no mar em Watamu. Lembras-te?

— Lembro-me do mar. Mas enterrei o resto da noite juntamente com as outras ocasiões em que mais uma vez me deste com os pés. — Estava a sorrir-lhe. — Esse reencontro vai ser na costa? Estou convidado?

— Provavelmente e possivelmente, por essa ordem. Também vamos ficar em Langani para assistirmos ao arranque da reserva de caça e do *lodge* do Piet. Também é teu, ao que sei. Ele falou disso na Páscoa quando cá estive. A construção já começou?

— Está para começar a qualquer momento. Em Julho já deve ir de vento em popa e tu vais adorar. Ele descobriu um arquitecto extremamente talentoso. Um tipo doido polaco, chamado Szustak, que bebe como uma esponja e escreve poesia duvidosa nas horas livres. Mas é um arquitecto soberbo. É completamente diferente dos *lodges* de safari existentes... muito mais pequeno, claro, e único no emprego de materiais locais. Os edifícios vão ser implantados na encosta de um *kopje* com a pedra existente a integrar as paredes. As vistas da planície são estupendas, até às montanhas. O Piet vai criar um bebedouro permanente e colocar blocos de sal para os animais, para atrair elefantes, búfalos e até rinocerontes. Não há nada igual em sítio nenhum. O Piet é um tipo fantástico e está a fazer ali uma coisa extraordinária.

— Mas que grande elogio!

— É merecido. Sinto-me orgulhoso por fazer parte do projecto e acho que vai ser um exemplo para outros proprietários de terras privados para que contribuam para a vida selvagem.

— Sabes que o meu pai mudou de carreira? — disse Camilla. — Agora trabalha para um fundo que apoia os parques nacionais e o ambiente. Acho que vai passar muito tempo no Quénia.

— Já ouvi dizer — respondeu Anthony. — As pessoas ligadas à conservação em Nairobi estão optimistas. É uma organização com muito dinheiro e ele conhece profundamente o país. Hoje em dia o Quénia está infestado de gente sem experiência em lugares de responsabilidade e, embora bem-intencionados, não fazem a mais pequena ideia de como enfrentar os problemas locais. Precisamos de gente experiente como o George. E a tua mãe?

— Há-de visitá-lo de tempos a tempos, mas prefere ficar aqui. Mas eu estou morta por voltar. — Camilla olhou para ele, saboreando a sua espontaneidade e franqueza e o ritmo natural da conversa. Na companhia

de Anthony podia ser ela própria. Não havia segundas intenções nem a necessidade de impressionar ou enganar. — Talvez possas visitar-nos em Langani quando lá estivermos todos — sugeriu. — Podes encontrar-te com o Piet e mostrar-nos o *lodge*, já que também é um projecto teu.

Ele assentiu, visivelmente satisfeito com a ideia. — No fim de Agosto tenho algum tempo livre entre safaris. Que tal se acampássemos em qualquer lado por uns dias?

— Todos? Como sonhámos naquela noite em Watamu? — Estava a incitá-lo deliberadamente a alargar o convite.

— Porque não? — Ele não viu maneira de retomar a sua intenção inicial. — Posso preparar um acampamento, talvez no norte, e pode ser que o Piet consiga escapar. Arranjo as tendas e o pessoal e toda a gente pode contribuir com alguma coisa para a comida, para a bebida e para o combustível. Que dizes?

— Digo que agora vamos dançar e eu vou trabalhar como uma doida durante dois meses e depois vamos acampar contigo.

Na discoteca sobrelotada foi-lhes dada imediatamente uma mesa e ela sentou-se ao lado dele na luz suave, conversando com naturalidade e admitindo a sua decepção com a rejeição da escola de arte dramática.

— Vejo que és famosa e bem-sucedida. Mas para a vida fazer sentido tens de gostar seriamente do que fazes. — Pegou-lhe na mão. — Se o teu trabalho de manequim é uma segunda opção, tens de arranjar maneira de encarrear outra vez para chegares onde queres. Não me passa pela cabeça fazer concessões em relação ao meu trabalho. A minha vida é no mato, a guiar pessoas em safaris, a sentar-me em redor de uma fogueira com os meus *watu*, a dar o meu contributo para salvar o que temos na África Oriental.

— Tens sorte por estares nessa posição. — A voz de Camilla era triste. — No Outono, vou provavelmente tentar integrar uma companhia de teatro e começar por trabalhar nos bastidores. Chegar onde quero por essa via. O meu pai conhece alguém que talvez me dê uma oportunidade. Ou então volto a candidatar-me a uma escola de arte dramática no próximo ano.

— És feliz, Camilla?

— Que diabo quer isso dizer? — Tentou desvalorizar a pergunta com uma gargalhada, mas tinha ficado irritada. A pressão da mão dele causava-

lhe arrepios e desviou o olhar.

— Se não és capaz de responder frontalmente, talvez seja melhor examinares a tua vida — disse ele. — Decidires o que queres acima de tudo e trabalhares para o atingir. Vá, leva-me para a pista de dança para queimar as calorias deste lauto jantar.

Camilla entregou-se aos braços dele com uma sensação de pertença e ele cingiu-a com mãos leves e firmes. Dançaram sem falar. No táxi, ele pôs o braço à sua volta e ela encostou-se a ele de olhos fechados. Quando chegaram à porta do apartamento, ele enfiou a chave na fechadura com uma precisão decidida e conduziu-a para o quarto.

— Não sei, Anthony — sussurrou ela. — Não pensei nisto...

— Ambos pensámos nisto desde que tenho memória — respondeu ele.

Beijou-a suavemente, esperando que os lábios dela se abrissem para poder saboreá-la. Ela suspirou e deitou-se na cama enquanto ele a despiu lentamente. Murmurava-lhe ao ouvido, rindo um pouco enquanto lhe descalçava as botas altas e lhe acariciava as coxas, ouvindo os sons ternos que ela emitia. Quando se separou dela para desapertar o cinto e as calças, ela sentou-se e afastou-o.

— Tenho de te dizer uma coisa — disse ela.

— Não precisas de me dizer nada. Desejo-te, Camilla, e tu sabes que este é o nosso momento. — Puxou-a contra si com um gemido de anseio.

— Sabes que é isto que desejamos os dois. Não precisamos de entrar em jogos.

— Não. Espera, Anthony.

Ele olhou para ela, intrigado e pressentindo uma mudança entre ambos, incapaz de compreender que coisa oculta Camilla procurava expressar. Colocou então as mãos por baixo dela e puxou-a para si, beijando-a repetidamente, sentindo a resistência dela ao apertar com mais força, no seu desejo urgente, e detendo-se quando ela produziu um pequeno grito de dor.

— O que foi? — perguntou ele, afastando-se ligeiramente dela, afagando-lhe a face e beijando-a nas pálpebras. — Estou a magoar-te?

Ela abanou a cabeça, puxando-o para baixo com abandono, movendo-se debaixo dele até ser arrebatada numa intensidade exaltante e jubilosa. Quando se deitaram novamente mais tarde, ele voltou a beijá-la,

acariciando a pele húmida dos seus seios e estendendo depois a mão para tocar na zona secreta que acabara de descobrir.

— Camilla? Magoei-te? — Soergueu-se sobre o cotovelo, olhando para os dedos e em seguida perscrutou a expressão dela, incrédulo. — Oh, meu Deus, Camilla, foi a...?

— Estava a tentar dizer-te, mas não sabia como. Pensei que te ias rir de mim. Todas essas piadas horríveis a respeito de ser virgem...

— Oh, meu Deus, anda cá. Chega-te a mim e deixa-me beijar-te muito, muito devagar e dizer-te como és bela.

Cingiu-a contra o corpo, surpreendido pela humildade e pela ternura que sentia. Camilla fixou-o com uma expressão luminosa. Atrás dela, a lua parecia estar a cair através da janela, derramando a sua luz sobre os recantos obscuros da sua mente, libertando-a de tudo o que sempre a magoara ou arruinara no passado. Ele conduziu-a ternamente à casa de banho e encheu a banheira, prendendo-a no seu abraço, acariciando-a, murmurando-lhe palavras doces ao ouvido e beijando-a na cara e nas mãos. Quando Camilla entrou na banheira, entrou com ela para a água fumegante. Ela reclinou-se, silenciosa e sonhadora, enquanto ele lhe passava uma esponja pelo corpo e a enxugava, embrulhando-a num grosso e fofo roupão e levando-a para o quarto. Pouco depois, ela apoiou a cara no ombro dele e adormeceu. Quando acordou de madrugada, Anthony continuava ao seu lado. Camilla estudou o seu rosto adormecido, bronzeado e já marcado com pequenas rugas. Pareceu-lhe que as pestanas eram absurdamente longas e maravilhou-se com os tons arruivados do cabelo e com o seu corpo belo e esguio. Debruçou-se sobre ele e soprou-lhe suavemente ao ouvido, pousando-lhe a mão sobre o estômago e afagando-o até o acordar para que fizesse mais uma vez amor com ela.

A manhã despontou, quente e cheia de sol. Vaguearam juntos pela cidade, andando de barco no Serpentine, estendendo-se na relva em Hyde Park, agarrados um ao outro enquanto as nuvens vogavam sobre eles através de um céu azul-bebé. Ao fim da tarde, pararam numa mercearia na esquina para comprar os ingredientes de um jantar simples e depois subiram as escadas a rir, fechando a porta ao mundo exterior. Comeram lentamente, saboreando o vinho. Anthony observava todos os movimentos de Camilla, via a sua expressão iluminar-se de contentamento ao tocá-lo, enquanto sorriam um ao outro à luz da vela. No quarto, despiu-a com

ternura e deitou-se com ela na cama, estudando o seu corpo, pálido e cintilante nas sombras projectadas pelo luar. Fizeram amor mais intensamente, descobrindo novas regiões para explorar até se sentirem saciados e exaustos. Ele prendeu-a então no seu abraço forte e ficaram a observar a lua e a miríade de estrelas através do rectângulo de céu para lá da janela.

Depois de ele partir de manhã, Camilla sentou-se no sofá, numa serenidade absoluta, consciente de que nunca mais voltaria a sentir ou a conhecer nada de mais precioso e extraordinário e que alguém jamais lho poderia arrebatá-lo. Dentro de algumas semanas, estaria com ele em Nairobi. Parecia uma eternidade. Atravessou a sala de estar, como que num sonho, tocando no copo vazio dele, sentando-se por um momento a afagar a almofada contra a qual Anthony se reclinara. No vestíbulo, olhou-se ao espelho e notou a recente suavidade do seu rosto e a pura e fulgurante alegria que os seus olhos emanavam. Depois pegou no telefone para contar a Sarah que tinha acontecido um milagre e que nada voltaria a ser igual.

No entanto, Sarah foi seca com ela e Camilla pensou que a lembrança do clube, na Páscoa, nunca mais deixaria de contaminar a sua amizade. Mas acabou por perceber que havia problemas com a saúde de Raphael e não teve qualquer oportunidade para explicar os acontecimentos que a haviam transformado. Passou o resto do dia em casa, não desejando vestir a roupa de sair de todos os dias nem encerrar o capítulo do seu encontro sexual, relutante em desligar-se da persistente sensação dele na sua pele ou da intensidade dos seus sentimentos por ele. Era tarde quando o telefone quebrou o encantamento e ela atendeu sem entusiasmo.

— Querida, queres almoçar comigo amanhã? — A voz alegre de Marina soou nervosa.

— Não sei, mãe. Tenho um compromisso à tarde e...

— Um almoço rápido. Há semanas que não te vejo e tenho notícias excitantes. Ouve, tenho um encontro às onze. Em Harley Street. Porque não vens ter comigo ao Mirabelle a seguir? Por volta do meio-dia e meia? Por favor, Camilla.

Camilla sentiu um aperto no peito. Com quem é que Marina se ia encontrar em Harley Street? Talvez o amigo, o médico de cor. Suspirou. — Contigo e com quem mais? Não me apetece ser exibida.

— Não. Somos só nós as duas.

Marina já estava a tomar um *gin* tónico quando Camilla chegou. Levantou uma mão esbelta para chamar o empregado. — Estás com um ar estupendo — disse ela à filha. — Noto qualquer coisa de diferente em ti. O que é?

— Vamos pedir o almoço, mãe. Estou com pressa.

— Falaste com o teu pai recentemente?

Camilla abanou a cabeça, agora em silêncio e desconfiada.

— Ele vai adorar o novo cargo. É um trabalho tão diversificado. E não tem os botas-de-elástico do Ministério dos Negócios Estrangeiros e esses diplomatas pedantes a complicarem-lhe a vida.

— Pensei que ele adorava o trabalho que tinha.

— Sabes bem que nunca o apreciaram devidamente. E este agora constitui um excelente desafio. Acho que vai trazer grandes mudanças na nossa vida. — O sorriso de Marina era melancólico. — Queria dizer-te que comprámos uma casa no campo. Adorava que fosses conhecê-la.

— Vão sair de Londres?

— Claro que não, querida. — Marina sacudiu impientemente os dedos. — Mas sempre quis ter um cantinho para passar os fins-de-semana. Para quando a pressão aqui se torna excessiva. Descobri uma casa de campo maravilhosa em Burford. É do século XVII e bastante pequena. Só tem dois quartos e um jardim minúsculo que precisa de ser arranjado. Estava a pensar se não gostarias de lá dar um salto na sexta para a ver.

— Este fim-de-semana não. Vou para Deauville. Uma sessão de fotografias para um novo estilista francês... vão ser tiradas na praia e no hipódromo. — Camilla viu os olhos da mãe começar a vidrar-se de lágrimas. — Por favor, mãe, não faças cenas.

— Não sejas rude, querida. Fiquei um pouco desiludida, mais nada. Vamos lá ver então o menu e depois contas-me as tuas novidades todas. Espero que andes a alimentar-te bem.

— Tu é que perdeste uns quilos.

— Sim, mas estou a resolver o problema — replicou Marina. — Tem cuidado, minha querida. O trabalho que fazes por vezes exige coisas ao teu corpo que podem não te fazer bem. Tens a certeza que queres continuar a trabalhar como modelo?

Camilla levantou os olhos, surpreendida. Estava habituada aos métodos manhosos de Marina para revelar as suas verdadeiras intenções e não duvidava de que as observações da mãe escondiam alguma coisa. Mas não era capaz de adivinhar o que pudesse ser.

— Estou satisfeita com o que faço, mãe. Estou a planear visitar o Quénia no Verão, não sei se sabes. Por isso não quero começar nada de novo antes.

Camilla preparou-se para as objecções dela, mas Marina não colocou nenhuma. Acenou com a cabeça e desviou então a conversa para a decoração da casa de campo e a organização de mais um baile de beneficência que lhe tomava o tempo todo.

— Não queres fazer-nos companhia à mesa? — perguntou. — O teu pai já está de volta. Podíamos ir em família. Ele havia de adorar. E eu também. Podes levar um convidado, se quiseses. Se calhar, há aí um segredo qualquer que te dá esse aspecto esplêndido.

— É capaz de ser um dos meus vendedores ambulantes *cockney*, mãe — Camilla sorria. — Ainda te estrago a noite se aparecer no teu baile com alguém assim.

— Ora, querida — Marina soltou uma breve gargalhada sem alento. — Vou reservar-te dois bilhetes.

Terminaram o café e Camilla reparou que as mãos da mãe tremeram quando ela pousou a chávena. *Cocktails* a mais na noite anterior, pensou. Mas hoje está muito calma. Quase meiga. Suspirou. Não havia de durar.

— Queres voltar comigo para casa, para o apartamento? — Marina estava relutante em acabar a refeição. — Gostava de te mostrar algumas fotografias da casa de campo. É realmente adorável.

— Daqui vou directamente para o escritório do Tom Bartlett. — Camilla consultou o relógio. — Aliás, já estou atrasada.

— Claro. Que estupidez a minha ter-me esquecido. O porteiro arranjanos certamente dois táxis. De repente, sinto-me terrivelmente cansada. Não sei porquê, mas não me tenho em pé. Foi uma semana complicada e não correu tudo da melhor maneira. Estás mesmo com um aspecto maravilhoso hoje, querida, tenho de admitir.

Marina pagou a conta e levantou-se. Pegou na mão da filha e um pedido não formulado pareceu ficar a pairar entre elas. Camilla reprimiu a

tentação de falar na visita de Anthony, de pronunciar o nome dele em voz alta. A mãe não aprovaria um romance com um *cowboy* do Quénia.

— Temos de fazer isto mais vezes, querida — disse Marina quando o táxi chegou. — Adorava ver-te de vez em quando. Sei que andas bastante ocupada mas talvez possamos voltar a encontrar-nos para almoçar antes da tua partida para o Quénia. Ou para jantar. Até para uma bebida lá em casa. O que quiseses. És muito preciosa para mim, sabes?

O táxi arrancou e Camilla ficou sozinha na rua, rodeada por uma lufada do perfume da mãe e transtornada por uma sensação de incerteza. Havia qualquer coisa em Marina que não era capaz de definir, qualquer coisa que quase parecia medo. Por um momento, desejou ter mencionado Anthony mas agora era tarde de mais. Não voltou a ver a mãe antes de embarcar no avião para Nairobi.

CAPÍTULO 9

Dublin, Maio de 1965

Sarah fechou a porta do apartamento e enfiou o gorro de lã na cabeça, lutando contra as rajadas de vento que a açoitavam ao dirigir-se para a rua principal. Tinha decidido ir à faculdade ver se a câmara escura estava livre. Se o autocarro não demorasse muito, ainda teria umas boas duas horas de trabalho com as ampliações. Há dias que a chuva não parava, caindo do céu num dilúvio contínuo. Os carros que passavam projectavam água oleosa para o passeio, fustigando-lhe as botas até começar a sentir a humidade infiltrar-se-lhe por todo o corpo. O vento enfiava-se-lhe manhosamente por debaixo da gola do casaco, atirando-lhe água pelo pescoço abaixo e contra a cara, para onde quer que se virasse. Estava cansada daquela tristeza incessante. Não era como a monção no Quênia, com torrentes de água que se abatiam sobre a terra ressequida durante algumas horas e logo acabavam, deixando vapor que se elevava numa cintilação de ar quente. Quando chovia em Mombaça, as crianças corriam para a rua, gritando de prazer e molhando-se umas às outras nas poças acabadas de formar. Cães rafeiros bebiam a água lamacenta e pairava o aroma forte da marga sequiosa absorvendo a promessa futura de verdor. Aqui, as pessoas encolhiam-se nos vãos das portas ou acotovelavam-se num mar de guarda-chuvas, presas na constante chuva miudinha que caía como uma cortina das nuvens baixas mesmo quando a chuva torrencial parava. Nunca se habituaria àquele país. Estava-se em Maio. Teoricamente era Primavera, quase a entrar no Verão! O autocarro encostou com uma chiadeira de travões molhados quando ela esticou o braço no último minuto para o mandar parar.

Ficou na coxia, apertada entre o calor e a pressão dos corpos agasalhados com sobretudos, a chuva a acumular-se por baixo das pontas dos guarda-chuvas fechados. Cercavam-na cabelos molhados, lã molhada,

couro molhado, pés malcheirosos, a humidade circulando na aragem do radiador e formando uma condensação nas janelas que escondia o mundo exterior. Deve ser isto que o gado sente, pensou, quando é transportado para o matadouro. Pacientes e resignados enquanto se dirigem aos saltos e aos solavancos ao encontro do destino. Se houvesse ao menos uma tira de céu azul, mesmo que fosse à distância. Ansiava pelo Verão, pelo fim das aulas, das sessões individuais, dos exames e da asfixia na biblioteca. Poderia então trocar tudo isso pela luz de uma manhã africana, pela música das vozes das crianças a passar na rua a caminho da escola, pelo som do vento nas palmeiras e da rebentação no recife. Seria livre, vogando na lagoa no pequeno barco, controlando a vela e gritando a Raphael na corrida para o canal. Ou podiam partir num safari, indo de carro para o *bundu* com a forte fragrância das acácias e o pó vermelho a encher-lhe as narinas.

Mudou de posição para se equilibrar melhor com o baloiçar do autocarro e mais uma vez se interrogou se alguma vez se sentiria em casa na Irlanda. Os pais sempre haviam falado em «ir para casa» quando vinham passar férias. Mas a casa e os verdadeiros amigos dela estavam em África. Sentiu-se dominada por um desânimo gélido ao pensar no desastroso reencontro em Londres. Desde então só escrevera a Camilla uma vez, uma mensagem de agradecimento formal. A chama do ressentimento ainda ardia dentro dela quando a cena no clube nocturno lhe vinha à lembrança. Via a expressão de Piet, inicialmente confuso, as feições iluminadas por um clarão de esperança ao procurar a mão de Camilla, mal ousando acreditar. E depois a expressão nos seus olhos ao compreender a verdade. Tinha-se aberto completamente, sem dissimulação nem autodefesa. Grande estúpido! Não percebia o que ela estava a fazer? Tinham sido todos peões num jogo bárbaro manipulado por Camilla. Talvez nunca tivessem sido mais do que isso. E ela descartara-se dele com uma insensibilidade inconcebível. A não ser, claro, que se considerasse que ela saía à mãe.

Depois disso, Sarah escrevera a Hannah mas omitira qualquer referência ao clube. Mais um desagradável incidente envolvendo os Broughton-Smith. E desta vez tinha sido a irmã de sangue de ambas que infligira a dor. A resposta de Hannah chegara na volta do correio, expressando inveja da vida de Sarah na Irlanda. Mencionara os esforços de Lottie para poupar

dinheiro para a mandar para a universidade mas era evidente que Hannah queria terminar o curso comercial o mais depressa possível e voltar para Langani. As páginas escritas pouco deixavam transparecer da realidade da sua vida e Sarah espantou-se com o que tinha ficado por dizer.

De Piet não recebera nem uma palavra. Quando saíram do clube, Sarah tentara confortá-lo, mas ele fora brusco, quase raiando a rudeza. No fim, ela tartamudeara meia dúzia de chavões e deixara-o entregue à sua humilhação. Não havia nada que pudesse ter dito para mitigar a sua infelicidade. Eram horas de fazer o que Tim aconselhara — esquecer o infeliz incidente e continuar com a sua vida em Dublin até se formar. Pensou nos planos que tinha feito com Camilla e Hannah de celebrarem os vinte e um anos juntas. A vida era tão simples quando fizeram essa promessa, tão cheia da convicção de que eram invencíveis e inseparáveis. Encolheu os ombros, afundando-se na determinação de sobreviver ao presente. Havia exames para os quais tinha de se preparar, e aquele tempo abominável para suportar antes de poder regressar ao mundo que amava. E, entretanto, a fotografia havia-se tornado o seu único prazer. O pai oferecera-lhe a sua câmara *reflex*, uma *Leica*, quando entrou para a universidade. Era um objecto pelo qual tinha uma grande estimação.

— Há-de ser um trunfo mais tarde para os teus estudos de zoologia. Inscreve-te no clube de fotografia da faculdade. Aprende o ofício — dissera Raphael, ensinando-lhe os rudimentos. — Quando lhe apanhares o jeito, espero de ti grandes fotografias.

Fora o início de uma grande paixão. Os seus primeiros esforços tinham sido medíocres. Mas gradualmente aprendera a usar o fotómetro e os filtros, a dominar os tempos de exposição longos e lentos que suavizavam as suas imagens e as transformavam numa parte da sua visão sobre as coisas. Agora estava a preparar um portefólio, na esperança de conseguir algum trabalho como *freelance* para revistas. E estava a aproximar-se o concurso do *Irish Times* que oferecia um substancial prémio monetário e a oportunidade para os vencedores de exporem as suas imagens.

A câmara escura da faculdade estava livre quando lá chegou e Sarah ficou aliviada ao ver que não andava por ali mais ninguém que pudesse perturbar a sua concentração. Apreciava o processo solitário de revelar e imprimir. Dava-lhe espaço para reflectir e poupava-a ao constrangimento de ter de conviver com os colegas. Pensou que devia haver qualquer coisa

de profundamente errado consigo pois não conseguira adaptar-se. Ao fim de todo aquele tempo, continuava a sentir-se como uma estrangeira apesar das suas raízes. Era estranho como, em África, sempre se identificara como irlandesa ao passo que, na Irlanda, se sentia uma intrusa. Rute na seara estrangeira com a diferença de que não tinha encontrado qualquer Boaz em Dublin. O seu Boaz era um agricultor africânder que vivia a milhares de quilómetros de distância e a encarava como uma irmã mais nova. Hoje em dia não parava de se interrogar sobre a razão por que persistia no seu irrealizável sonho de adolescente. Aquele amor não correspondido era absurdo e era altura de prestar mais atenção aos jovens na universidade que eram simpáticos e mostravam interesse. Mas os estudantes da sua idade pareciam imaturos. De algum modo inexperientes. E não era apenas por causa de Piet. Era qualquer coisa nela, uma parte de si que não se adaptava à Irlanda, à universidade, a nada ali. Não havia muitos estudantes estrangeiros em Dublin. Entre os irlandeses, dava a sensação de que toda a gente se conhecia ou era aparentada enquanto ela permanecia uma estranha. Quando tentava descrever a sua vida em África, a imensidade da paisagem, os povos tribais e os seus costumes, a vida selvagem na savana, as pessoas ouviam durante algum tempo e depois o olhar delas apagava-se e ela percebia que não faziam a mais pequena ideia do que estava a dizer. Não eram sequer capazes de contemplar a vastidão de Masai Mara, a assombrosa experiência de observar centenas de milhares de gnus na sua migração anual, a sensação mística que dominava uma pessoa ao assistir à luz da alvorada a dançar sobre o oceano Índico. Por fim, tinha deixado de falar sobre o assunto. Excepto com Mike. Mike mostrava-se interessado, desejava compreender. Ou pelo menos era o que ela pensava. Fora uma verdadeira revelação!

Sarah estava sozinha na câmara escura, absorvida pelas imagens fantasmagóricas que emergiam do líquido revelador como corpos afogados num lago. A exaltação avolumava-se no seu peito à medida que as imagens se materializavam, ganhando aos poucos nitidez até conseguir ver as figuras móveis, os rostos enrugados e as mãos nodosas, a espiral do fumo de cigarro a pairar sobre olhos que haviam conhecido demasiado sofrimento. Eram boas imagens. Muito boas. Receara alimentar esperanças, mas agora, ao retirar cada ampliação da tina com a pinça de

plástico, ao enxaguá-las e ao pô-las a secar, sabia que as fotografias contavam uma história. Os homens e as mulheres estavam sentados em redor de uma mesa, numa cozinha lúgubre, à beira do desespero, animando-se uns aos outros com prosápia e cigarros, sorrindo corajosamente para a objectiva, os dedos manchados de nicotina e as suas vidas contaminadas por outras dependências. Tinha tirado as fotografias na semana anterior, no Abrigo de S. José, o refúgio para alcoólicos e toxicodependentes no Liffey, perto da estação ferroviária em Sarsfield Quay. Sarah trabalhava lá como voluntária desde que, no Inverno passado, fora pela primeira vez dar uma ajuda na sopa dos pobres. Era estranho como uma decisão isolada, tomada por acaso e sem importância aparente, representara uma súbita viragem na sua vida.

Tinha visto o cartaz uma tarde no quadro de informações da faculdade.

Procuram-se voluntários para ajudar num jantar no centro da cidade para os sem-abrigo, na terça-feira, dia 26 de Novembro

Nesse dia, sentia-se excepcionalmente perdida. Partilhava um apartamento com Tim mas, como interno no serviço de urgência, ele raramente estava em casa. Quando o via, estava tão cansado que nunca constituía boa companhia. Os seus sonhos com festas estudantis comuns com novos amigos e os colegas de Tim da faculdade de medicina tinham-se desfeito graças a uma combinação da sua incapacitante timidez e do horário exigente do irmão. Olhando para o quadro de informações, decidiu dar o seu contributo a pessoas menos favorecidas do que ela, pensando que, ao mesmo tempo, poderia fazer amigos entre os outros voluntários.

Duas noites mais tarde, chegou ao centro paroquial em Merchant's Quay. Um padre franciscano, de hábito castanho e sandálias, encaminhou-a para um rapaz novo que estava a pôr mesas no salão.

— Esta é a Sarah Mackay, Mike. Podes indicar-lhe o que tem de fazer?

— Claro, padre Connolly. — O jovem colocou outro talher antes de levantar os olhos.

— Posso ajudá-lo com isso? — perguntou Sarah. — Ou quer que eu faça outra coisa?

O seu sorriso iluminou um rosto moreno, bastante sério, tornando-o menos sombrio. Examinou-a brevemente, registando o corte do seu

vestido de lã, o colar de contas azuis e as botas de camurça claras que ela herdara de Camilla.

— Muito bem... — Pousou o monte de talheres e apontou para uma mesa vazia. — Suponho que podia...

— Mike, ainda não acabaste aí? — Uma rapariga alta com o cabelo atado atrás com um lenço vermelho aproximou-se deles, toda ela eficiência e determinação. — Deixa isso, está bem? Pedi a um dos outros que se ocupasse das mesas. Preciso de ti na porta.

— Esta é a Sarah — disse Mike. — É nova, ofereceu-se para ajudar esta noite. Sarah... Cathy.

— Olá. — O sorriso de Cathy foi superficial. — Estão a precisar de alguém na cozinha. Aquilo lá está um pandemónio. Sabes cozinhar?

Sarah sentiu o pânico crescer. Cozinhar? Nunca tinha precisado de cozinhar antes de chegar a Dublin. Viver num apartamento com o irmão tinha sido uma espécie de treino doméstico básico. Mas cozinhar para muita gente?

— Não, nem por isso. Mas posso servir à mesa ou falar com as pessoas...

— Deves saber descascar batatas, certamente? Ótimo. A cozinha é por ali, por aquela porta.

Descascar batatas também não era uma competência que Sarah tivesse aprendido no Quénia, mas Cathy já tinha pegado em Mike pelo braço e afastara-se com ele. À porta da cozinha, hesitou até que uma mulher robusta de meia-idade a chamou do lava-loiça.

— Obrigada por ter vindo. Tem aí um balde de batatas... esfregue-as bem. Não vale a penas descascá-las. Vamos cozê-las com a casca. — Inspeccionou Sarah. — Cruzes! É melhor arranjar alguma coisa para proteger o vestido... é demasiado elegante para este trabalho. Não vai a nenhum baile, sabe?

Sarah corou. Estúpida, estúpida! Tinha vestido a sua roupa mais elegante em sinal de respeito para com os comensais que contava servir. Mas dava mais a ideia de que queria exhibir-se. Bem, para a próxima já sabia. Arranjou um pano de cozinha, prendeu-o à volta da cintura e pôs-se a trabalhar com o raspador. À medida que o tempo foi passando, a cozinha foi-se enchendo de calor e vapor e ela cortou cenouras, lavou panelas e esfregou assadeiras e tachos de molho. Estava afogueada e o cabelo

cuidadosamente arranjado levantava-se num halo frisado sobre a sua testa. Transportou tinas de batatas e legumes do fogão para a mesa da cozinha e colocou-os em travessas. Em seguida, voltou para o lava-loiça e para os tachos e tabuleiros engordurados.

No salão as mesas tinham-se enchido. Os voluntários sentavam os convidados, serviam sumo de laranja e passavam pratos redondos com pão e manteiga para acompanhar a sopa. Sarah abeirou-se uma ou duas vezes da porta da cozinha para espreitar. Homens e mulheres de todas as idades apertavam-se nos bancos, vestidos com roupas puídas, as mãos ásperas com as unhas sujas segurando nos utensílios. Alguns apresentavam expressões acossadas, uma pressa furtiva ao comerem a sopa e molharem nela o pão. Interrogou-se sobre o que os teria levado a viver na rua, em vãos de portas e caixotes de cartão. O seu ressentimento inicial por lhe ter sido distribuída a pior tarefa da noite causou-lhe um sentimento de vergonha. Até o seu pequeno e modesto apartamento era quente e seco, com água corrente quente e fria, sabonete perfumado, toalhas e lençóis lavados. Os seus dias eram um paraíso protegido comparados com as vidas desesperadas daqueles seres humanos desfeitos que passavam muitas refeições sem comer e viviam no terror de serem espancados ou escorraçados dos passeios por pessoas apressadas nas compras ou pela polícia.

«Se tentasse falar com algum deles, sentiam-se provavelmente ofendidos com o meu sotaque fino, a minha roupa chique e as minhas origens sociais e teriam toda a razão», disse para consigo. Depois, a cozinheira chamou-a mais uma vez e ela retomou o trabalho no lava-loiça.

Foi depois da sobremesa que a agitação começou. Sarah ouviu a gritaria quando estava a atacar outro monte de pratos ensaboados. Seguiu a cozinheira até à porta da cozinha e espreitou para o salão. Mike estava a meio da sala, a protestar com um homem descarnado com um sobretudo velho atado à cintura com corda.

— Sinto muito, John-Jo. Não pode entrar. — A voz de Mike era firme e tinha a mão no braço do homem. — Já sabe que está proibido de entrar depois da última vez.

John-Jo tentou passar à força, gritando incoerentemente e tirando qualquer coisa do bolso. As pessoas nas proximidades furtaram-se ao alcance dos braços agitados dele enquanto Mike procurava detê-lo.

Abatera-se o silêncio sobre o salão com todos a observar, expectantes. O padre Connolly apareceu do escritório a correr.

— Então, John-Jo, já conheces as regras. Aqui não se bebe. — O padre tirou-lhe a garrafa da mão. — Queres uma chávena de chá quentinha? Já chegaste demasiado tarde para o resto. Devias ter vindo mais cedo se querias jantar. — Colocou o braço em redor do ombro ossudo. — O Mike tem razão, sabes? Da última vez foste proibido de entrar. Mas senta-te quietinho que a gente serve-te um chá para te aqueceres. Está bem?

John-Jo cuspiu no chão e tartamudeou qualquer coisa. O padre acenou com a cabeça e levou-o à cozinha onde o instalou a uma mesa ao lado da porta dos fundos. Ao deixar-se cair na cadeira, o hóspede indesejável levantou os olhos e viu Sarah a observá-lo. Tinha os olhos injectados mas muito azuis, vivos e inteligentes, apesar do aspecto doente e subalimentado. Aguentou o olhar dela, sem pestanejar. Embaraçada, ela desviou os olhos.

— Sobrou alguma comida, Mary? — O padre Connolly olhou, esperançoso, para a cozinheira.

— Há algumas batatas e cenouras, senhor padre, mas o frango já acabou. — Fulminou John-Jo com os olhos. — Pensei que ele nunca mais cá entrasse. Só causa sarilhos, senhor padre. É um homem violento. Da última vez, fartou-se de fazer estragos.

— Pois é, Mary, não anda bem. Há muito tempo que não o via com tão mau aspecto.

— O senhor padre também havia de ter mau aspecto se bebesse o que ele bebe.

— Bem, vamos dar-lhe o que tiver sobrado do jantar e uma boa caneca de chá quente com pão e manteiga. Está um frio de rachar lá fora.

— Vou preparar um prato, senhor padre, mas não lho sirvo. Tem uma língua de metro. Nunca fica satisfeito com o que lhe dão e ainda por cima só diz palavrões. Não estou para aturar os insultos outra vez. — Mary enfatizou a sua declaração, batendo com uma panela no balcão.

Sarah pigarreou. — Eu sirvo-o.

O padre virou-se e reparou nela, surpreendido. — Foi aqui que passou a noite? Julguei que tinha ido para casa. Pois sim, é muito amável em servir o John-Jo. E não ligue ao que ele diz. Dê-lhe o jantar e o chá e o Mike trata de impedir que ele a aborreça.

Sarah preparou um prato de comida e levou-o ao homem. Mike manteve-se por perto, vigiando-o cautelosamente. John-Jo estava encolhido sobre a mesa, com a cabeça nas mãos. No calor da cozinha, o seu casaco largava vapor e um odor a ranço. Tinha os nós dos dedos esfolados e uma crosta no couro cabeludo debaixo do cabelo ralo e grisalho. Ela pousou o prato à sua frente.

— Sinto muito mas já não há frango — disse. — Mas acho que vai gostar disto. E posso arranjar-lhe pão com manteiga para acompanhar, se quiser.

— Merda de frango. É sempre a merda do frango, porra. Detesto a merda do frango. — Estava a remexer num dos bolsos do sobretudo. — Tome... importa-se de cozinhar isto? Foi um carnicheiro aqui da rua que mo deu. É melhor que a merda do frango.

Estendeu um pedaço reluzente de carne crua, coberta do cotão que tinha no bolso, e ela viu uma gota espessa de suco escorrer-lhe pela mão e pingar-lhe dos dedos compridos. Foi invadida por uma onda de náusea com o cheiro da carne e do homem. Por um horrível momento pensou que ia desmaiar. Mike afastou-se, mas o padre Connolly reparou na sua palidez súbita.

— Ora, então, John-Jo — disse ele. — Não podes esperar que ninguém...

— Não, não faz mal — Sarah recuperou a fala. — Não me importo nada de cozinhar isso. — Tirou-lhe o naco ensanguentado, fazendo um esforço para não vomitar com a sensação viscosa da carne. — Não demora nada. Pode ser frita? Não sei cozinhar muito bem mas acho que sou capaz.

Correu para o lava-loiça e abriu a torneira, passando a carne cuidadosamente por água, para remover o cotão e os pêlos e outros horrores indescritíveis agarrados. A gordura à volta tinha um aspecto verde brilhante e ela aparou-a, com medo que o intoxicasse. Não podia ter a carne há mais de umas horas, senão estaria ressequida. Estremeceu ao metê-la no óleo a ferver da frigideira, mas depois de começar a alourar o seu aspecto melhorou. A cozinheira afastara-se e estava a guardar os tachos limpos nas prateleiras, e murmurava entre dentes. Sarah aqueceu algum molho que tinha sobrado e deitou-o sobre a carne. Depois tirou o pano de cozinha que lhe servia de avental, ajeitou o cabelo e serviu o jantar a John-Jo. Os restantes observadores afastaram-se assim que ele

começou a comer. Sarah arranjou um banco e sentou-se à frente dele. Pela porta que dava para o salão, viu o padre e Mike acompanharem as pessoas à porta e arrumarem as mesas compridas e as cadeiras. A cozinheira despediu-se com um aceno e agradeceu-lhe. Ficou então sozinha na cozinha.

— É servida? — John-Jo estava a observá-la com os seus vivos olhos azuis.

— Hum... não, John-Jo, obrigada. Não.

— Aposto que esses estupores não lhe deram de jantar, pois não? Vá... prove. É bom. Cozinhou-a muito bem.

Empurrou um pedaço de carne espetada no garfo na direcção dela. Atrás dele, ela notou que o padre Connolly e Mike se tinham virado para a observar. Cathy franziu a testa e imitou o acto de vomitar. Sarah sentiu um ímpeto de determinação.

— Obrigada. Um bocadinho, então. Só para provar. Jantei antes de sair de casa. — Arranjou coragem e meteu a carne à boca.

«Mmm. Excelente. E tem razão... não me saí mal, embora o molho pudesse estar mais quente. — Por sinal, estava bastante saboroso. John-Jo abriu-se subitamente num sorriso radioso.

— É assim mesmo, rapariga. É boa pequena, sim senhor. — Devorou o resto do jantar, sorveu o chá de um trago e recostou-se com um suspiro, fechando os olhos.

Sarah levantou-se em silêncio, levou o prato vazio para o lava-loiça e lavou-o. Depois dirigiu-se ao salão para ver se havia mais alguma coisa para fazer mas a sala estava deserta. Ouviu uma cadeira a arrastar atrás de si e, por cima do ombro, viu John-Jo a levantar-se. Ele aproximou-se dela tropeçadamente e ela sentiu uma ponta de alarme. Mas John-Jo desviou-se ao passar por ela, em direcção a um velho piano encostado a uma parede, abrindo a tampa. Havia uma cadeira pouco firme nas proximidades e ele puxou-a e sentou-se ao piano. Depois começou novamente a remexer nos bolsos. Sarah pensou se ele iria tirar outra iguaria para cozinhar ou talvez uma garrafa de álcool proibido. Mas era apenas um maço de cigarros amarrotado e uma caixa de fósforos. Acendeu um cigarro e olhou para ela através do fumo, de olhos semicerrados.

— Esta é para si, rapariga. Porque se vestiu bem para nos servir o jantar. Gosto disso. E cozinhou a minha carne e não teve medo de comer comigo.

É boa pequena. É boa pequena, sim senhor.

E começou a tocar, de olhos fechados e com o cigarro dependurado nos lábios. A música fluía dos seus dedos numa torrente de beleza. O velho piano respondia ao seu toque, o seu registo metálico transformado pela sua arte. Com o último acorde, sentou-se na ponta no banco com a cabeça inclinada sobre o teclado e o pé pousado no pedal para deixar as notas reverberar no silêncio. Sarah deu conta de que estava a chorar. A chorar pela beleza da música e o talento do músico, pela sua vida arruinada e pela perfeição do dom com que fora contemplado e com que a contemplara a ela.

Ele levantou os olhos. E sorriu.

— Ora, que se foda! — Levantou-se, fechou a tampa do piano com uma pancada e saiu do salão.

— Era muito conhecido no tempo dele, sabe? — O padre Connolly estava à entrada da porta. — Até se deixar destruir pela bebida. Acho que é parte da revolta que tem dentro dele... revolta pelo que perdeu. Pelo que desperdiçou.

— Para onde é que ele vai agora?

— Para o nosso abrigo em Sarsfield Quay. Quando não lhe é barrada a entrada por pôr o sítio em pantanas. A Mary tem razão. Quando está em dia não, é muito perigoso.

— Pois. Ainda bem que pude ajudar. — Sarah estendeu a mão. — Boa-noite, senhor padre.

— Foi estupenda. Espero que volte. Deus a abençoe, minha filha.

— Obrigada.

— Vou pedir ao Mike que a acompanhe à paragem do autocarro. Ele ainda cá está e não é muito aconselhável andar sozinha nesta zona à noite.

Mike apareceu e Sarah sentiu-se aliviada por não ter de enfrentar as ruas escuras sozinha. Conversaram enquanto caminhavam. Ele frequentava o último ano do curso de Direito mas as longas horas de estudo e o profundo interesse que sentia pelo seu trabalho não lhe deixavam muito tempo para a namorada e ela seguira outro caminho. Um ano antes, deparara-se com um anúncio a pedir voluntários.

— Há noites em que trabalho no abrigo, e aos fins-de-semana faço a ronda da sopa dos pobres. É trabalho voluntário mas muito gratificante — disse ele. — Pode ser tremendamente triste e às vezes hilariante. Fez-me

tomar consciência da qualidade extraordinária da tenacidade humana, mesmo em situações desesperadas. Tenho todo o gosto em levá-la comigo uma destas noites, se quiser.

Na semana seguinte, Sarah integrou o grupo dele. Ajudava a preparar enormes panelas de sopa, chá açúcarado com leite e montes de grandes sanduíches, saindo para o frio da noite para as distribuir a pessoas que dormiam ao relento em parques de estacionamento, edifícios arruinados e bancos ou que dormiam nos passeios molhados, sobre jornais e caixotes de cartão. Inscreveu-se no turno da noite de segunda-feira no abrigo.

S. José era uma casa georgiana degradada, a relíquia de uma glória passada, com janelas altas de guilhotina que abanavam com o vento. No interior, havia lâmpadas nuas, suspensas no reboco a esboroar da rosácea ornada do tecto, que projectavam sombras sinistras nos cantos onde não chegava a luz. A cozinha era a única divisão quente da casa. O enorme fogão industrial a gás e o forno emitiam uma tepidez reconfortante que os fogos nas lareiras abertas nunca conseguiam — nessas amplas salas espartanas nunca era possível aquecer mais do que uma pequena área. A maior parte das pessoas juntava-se na cozinha, praticamente sentadas em cima da lareira, as faces vermelhas com o calor das brasas incandescentes, as costas ainda enregeladas pela corrente de ar que soprava por debaixo da porta. Com o tempo, Sarah ganhou afeição à procissão de residentes, pessoas perdidas com histórias trágicas e rostos enrugados que marcavam os fracassos das suas vidas. Começou por fim a experimentar uma sensação de auto-realização, de estar a trabalhar com uma finalidade.

E tinha um homem na sua vida. Começou a passar muito do seu tempo livre com Mike Daly. Este era dinâmico, entusiástico, motivado em tudo o que fazia e parecia nutrir uma paixão genuína pela justiça social, o que, na opinião dela, o tornaria num advogado formidável. Parecia fascinado com a história invulgar de Sarah, e a sua reticência em falar da vida no Quénia foi gradualmente diminuindo à medida que o conhecia melhor. Pelo menos, ele tentava visualizar aquilo que ela descrevia. Sarah apreciava os turnos nocturnos que faziam juntos e começou a contar-lhe histórias da sua infância em África. O interesse dele lisonjeava-a. Queria conhecer as vidas dos «Grandes *Bwanas*», como lhes chamava, e as diversidades culturais dos africanos e dos colonos brancos. A sua própria família era de Limerick, disse. O pai era proprietário de uma farmácia e a mãe era

professora. Decidira estudar Direito porque havia demasiadas pessoas que não podiam socorrer-se, que sofriam grandes privações, esquecidas ou rejeitadas pela família. Eram os proscritos da sociedade e não dispunham da protecção do Estado. Os políticos pouco faziam por eles, excepto apregoar a sua preocupação.

Pela primeira vez desde que entrara para a universidade, Sarah sentia que tinha encontrado alguém que a compreendia verdadeiramente. Enquanto Mike a cumulava de perguntas, ia tomando consciência da sua ignorância acerca do povo indígena do Quénia apesar de ter crescido lá. Quando ele a beijou, propagou-se por todo o seu corpo uma sensação agradável, apesar de não ter experimentado qualquer excitação irresistível. Talvez, pensou, esta surgisse com uma maior intimidade.

— Ouvi dizer que andas com o Mike Daly — observou Tim, certa noite, quando ela se preparava para sair. — Anda muito ocupado a ganhar nome nos círculos esquerdistas da política.

— Interessa-se pelo direito, por defender os marginalizados, e não por política. — Deu meia-volta para o encarar, sentindo uma crítica nas suas palavras. — Sente estas coisas com paixão e isso não é mau.

— Pelo que ouvi dizer é um esquerdista feroz. Surpreende-me que te associes a ele. — O irmão bocejou e espreguiçou-se no sofá cheio de bossas.

— Não estou associada a ninguém — disse ela defensivamente, mudando de assunto. — A propósito, estás com um ar muito cansado. Devias comer, beber e ir deitar-te. És alto de mais para esse sofá e vais acabar com um torcicolo. Depois vais ficar parecido com o Quasimodo. Como se já não andasses com mau ar. Já sei... vou-te fazer chá e torradas.

Pôs a chaleira ao lume e pegou no pão.

— Estive de serviço trinta e seis horas seguidas. Não tenho forças para ir mais longe. — Tim passou uma mão pelos olhos turvos. — Provavelmente matei metade dos doentes nas urgências. Não me lembro do que é que a maioria lá foi fazer. O jovem médico diligente e preocupado é para esquecer. Se não fosse a Deirdre, esta semana já tinha entregado a alma ao criador.

— A Deirdre? Pensei que já tinha passado à história.

— E porque é que havias de pensar isso? — Tim endireitou-se, de expressão carregada.

— Sei lá, há meses que não a vejo. Desde o Natal, por sinal. Aqui não a trouxeste com certeza.

— Porque ia querer trazê-la aqui? Para te atirares outra vez a ela? — Tim estendeu o braço à procura dos óculos. Colocou-os, olhando irritado a irmã ao falar. — Não é graças a ti e à cabra da tua amiga que a Deirdre ainda fala comigo.

— Ora, Tim, deixa-te disso. Só a arrelíamos por brincadeira. Nunca imaginei que tu e a Deirdre tivessem... enfim, tivessem uma relação séria.

— Estavas tão determinada em troçar dela que nem pensaste por um minuto como é que eu podia sentir-me. Nunca te passou pela cabeça perguntar-me como era a nossa relação.

— É que ela é... não sei, deve ser boa pessoa certamente. Mas...

— A Deirdre é muito boa pessoa. Sincera e frontal. E gosta seriamente de mim. — Olhou para a irmã com um ar de censura. — Não sei se sabes mas não é fácil estar entre pessoas estranhas, sobretudo gente das colónias como nós, e brilhar. Quando esperava que a minha família a fizesse sentir-se à vontade, quando esperava encontrar amigos, apanha contigo e com o estafermo da Camilla a fazerem-na sentir-se como uma campónia e uma parva.

Sarah olhou para ele, angustiada. Nunca lhe tinha ocorrido que Tim pudesse nutrir sentimentos profundos por Deirdre.

— Foi tudo brincadeira, Tim — protestou.

— Era melhor arranjares outras maneiras de te divertires — disse ele, mal-humorado. — Ou encontrares alvos melhores para as tuas farpas rancorosas. Até podias tentar ser simpática.

O remorso deu lugar à irritação. Tim era tão pomposo, às vezes. Não tinham sido assim tão desagradáveis com Deirdre. Pelo menos não justificava tal pé-de-vento. O excesso de trabalho no hospital estava a torná-lo rabugento e irracional. Nunca se tinha importado com aquele tipo de brincadeira. Dominou a irritação e fez um esforço para ser conciliatória.

— Sinto muito — Sarah pôs uma mão no ombro do irmão. — Sinto mesmo. Não fazia ideia de que gostavas assim tanto dela. Vamos esquecer o assunto. Começemos de novo.

— Mas o que eu sinto por ela não devia ter importância. — Não estava disposto a esquecer o assunto. — Era nossa convidada e era Natal. Não o foi passar a casa porque a mãe dela é uma alcoólica e ela não conseguia enfrentar outras férias a vê-la cair de bêbada no fim do almoço e a mijar nas cuecas.

— Tim, eu não sabia nada disso — Sarah procurou encontrar uma forma de encerrar o doloroso assunto. — Ouve, já pedi desculpa. Não tinha o direito de a transtornar. — Passou-lhe um prato de torradas com manteiga e uma chávena de chá. — Agora come e vai dormir umas horas. Prometo que quando acordares amanhã hás-de ter uma irmã exemplar, um modelo de doçura e encanto.

Ele tomou o chá de olhos semicerrados e devorou as torradas, espalhando migalhas no peito. Antes de Sarah sair de casa, estava a dormir profundamente.

No abrigo, ainda atormentada por um sentimento de culpa a respeito de Deirdre, entregou-se de alma e coração ao trabalho, cozinhando e mexendo as panelas de sopa, esfregando e limpando. Na tranquilidade das primeiras horas da manhã, sentou-se a conversar com Mike, desfrutando dos momentos em que ele lhe acariciava o cabelo ou a cara. Havia uma paixão crescente nos seus beijos quando a levava a casa mais tarde e perguntava se podia entrar. Mas ela usava Tim como pretexto para recusar. Sabia que seria apenas uma questão de tempo até ele começar a esperar mais dela, mas não queria enfrentar para já essa questão. Era absurdo sentir estar a ser desleal para com Piet mas ele ainda residia no seu coração como um velho hábito difícil de quebrar. Teria de avançar passo a passo e extirpá-lo lentamente de si.

Uma noite, no fim de Março, Mike convidou-a para uma festa em casa de um membro do senado.

— O Gerry McCall convidou-me para jantar em casa dele. Gostava que me acompanhasses — declarou.

Sarah ficou ao mesmo tempo satisfeita e nervosa quando ele lhe disse que o seu anfitrião podia vir a ser importante para a carreira dele. Sarah pensou que Tim afinal não se tinha enganado. Mike alimentava ambições políticas. Vestiu-se com esmero, recordando tudo o que Camilla lhe dissera que devia fazer para tirar o máximo partido da sua figura. O assobio de apreciação de Mike disse-lhe que tinha acertado.

No princípio do serão, os convidados discutiram a situação no norte. Sarah estava completamente perdida, incapaz de dar qualquer contributo inteligente. Mas a conversa passou inevitavelmente para o governo britânico e a sua dependência das colónias distantes e Mike explicou a história de Sarah. Toda a gente se virou para ela e ela teve a desconfortável sensação de que tinha sido essa a ideia dele desde o princípio. Induzida por Mike, foi respondendo às perguntas dele sobre a sua família e estilo de vida. Inicialmente respondeu com franqueza. Mas aos poucos tornou-se claro que a intenção dele era exhibi-la diante dos amigos socialistas como o seu exemplo pessoal da perfídia do regime colonial. Sarah começou a sentir-se irritada com a insularidade deles e o sentimento antibritânico que partilhavam.

— Tinhas homens adultos a executar o trabalho doméstico, não tinhas? — instigou Mike e, num aparte jocoso, acrescentou: — Chamam-lhes «rapaz», não sei se sabem. Seja qual for a idade. É aviltante.

— Não se sentia mal a explorar essas pessoas, a obrigá-las a viver em alojamentos minúsculos, em condições degradantes, atrás da mansão de família? — Foi Tom Russell, um jornalista, quem fez a pergunta, observando-a através de uma nuvem de fumo de charuto. — Quantas pessoas diria que dormiam num quarto?

— Cada família tinha duas divisões e uma...

— Uma família inteira em duas divisões? Isso faz lembrar as plantações dos escravos nos estados do sul da América.

— Então, então! Poupa a rapariga — interpôs McCall e ela lançou-lhe um olhar de gratidão. — Por amor de Deus, há famílias a viver nessas condições em Benburb Street. E está alguém a tentar resolver-lhes o problema? Metade delas há-de estar morta antes de o Mike aqui lhes acudir.

Soaram gargalhadas gerais mas Sarah estava enervada.

— As coisas não são assim. Pela maneira como falam parece terrível e vergonhoso. Mas não é. Os criados africanos tornam-se parte da família. São felizes. Têm bons salários, educação para os filhos, cuidados médicos quando precisam. E o alojamento deles é muito melhor do que as cubatas de adobe na terra deles. Nessas só teriam um quarto para todos, sem água corrente nem ventilação adequada. — Mal acabou de falar, apercebeu-se do tom de superioridade que tinha usado.

— Feudal. Não é o que é? — disse Mike. — Espanta-me que os ingleses continuem a passar impunes. Agora as colónias estão todas a gritar por independência mas que preparação é que receberam? Nunca tiveram oportunidade de ser outra coisa senão dependentes dos seus senhores.

Ela não respondeu. Como podia explicar a dedicação do pai nas enfermarias do hospital, o desvelo constante da mãe com as mulheres e crianças que viviam no complexo deles ou o orgulho que os criados sentiam em pertencer à família? Nenhuma daquelas pessoas compreenderia a relação especial de que estava a falar. E agora havia muitas escolas, colégios e esquemas de formação onde os africanos podiam continuar os seus estudos. Tinha esperado mais de Mike e sentia-se confusa e magoada com a cilada que ele lhe tinha armado.

— O que é preciso é pôr os selvagens no seu lugar, certo? — Outro convidado fez uma caricatura estúpida de um oficial do Exército britânico.

— Diz lá, Sarah — interpôs Mike, reparando na sua expressão incomodada. — É justo alojarem os criados como gado e esperar que eles andem às vossas ordens dia e noite, que cozinhem e limpem a casa e assistam ao luxo em que vocês vivem? Pelo menos em comparação com a vida que eles levam. É justo que lhes sirvam uma refeição de quatro pratos enquanto têm de subsistir de uma dieta de... como é que se chama essa coisa feita com milho?

— *Posho*. É o equivalente no Quénia das batatas que nós comemos — Sarah estava gélida de raiva.

— Sim, *posho*. *Posho* e carne de má qualidade. Mas, claro, recebem um presente de vez em quando e um bónus no Natal, não é? Não me contaste o que a tua família lhes deu no Natal? Não se reuniram todos no vestíbulo na manhã do dia de Natal?

— Na sala de estar. O meu pai deu a cada família um envelope com dinheiro e a minha mãe deu-lhes alimentos... coisas especiais que normalmente não poderiam comprar. E todos receberam também roupas e as crianças brinquedos. — Ao enumerá-los, os presentes e o deleite de quem os recebeu pareceram esbater-se, tornar-se sórdidos. — É a mesma coisa que se faz aqui — disse ela. — Como S. Vicente de Paulo ou...

— Mas as pessoas que S. Vicente de Paulo ajuda vivem desesperadas porque não encontram trabalho ou são velhas e estão esquecidas e

precisam urgentemente de ajuda. Não são mantidas num estado de servidão permanente — observou Tom Russell.

— Exactamente — apressou-se Mike a dizer, triunfante. — Uns tostões e uns trapos vistosos. A justa recompensa pela sua labuta.

Sarah sentiu a fúria crescer numa onda que lhe enrubesceu as faces. Sentiu-se como um micróbio ao microscópio, a rabear sob um olho crítico gigantesco. Porque é que não conseguia fazer-lhes ver?

— Nunca foi um problema — disse. — A vida era assim.

Mas os seus companheiros haviam perdido o interesse no assunto e tinham passado à bisbilhotice local e ao conhaque. Mike limitou-se a encolher os ombros e dirigiu-lhe o seu sorriso superior que a enfurecia sempre que tinham uma discussão. Afinal que sabia ele? Provavelmente nunca tinha ido mais longe do que Belfast ou talvez Londres em toda a vida. O resto do serão passou com uma lentidão agonizante. Quando ele a deixou em casa, Sarah apeou-se do carro sem uma palavra. Depois disso, instalara-se entre eles uma certa frieza e ela sentiu-se aliviada quando ele deixou de trabalhar à noite no abrigo para se preparar para os exames.

Mas os seus comentários tinham-na ferido, alastrando-se no seu espírito como um veneno lento, enchendo-a de dúvidas e levando-a a uma auto-análise. Pensou na sua infância despreocupada, nunca afectada pelas vidas dos africanos cujo país partilhara, inconsciente dos verdadeiros sentimentos deles para com os seus colonizadores brancos. Começou a questionar a sua memória das coisas — os sorrisos alegres dos criados que trabalhavam para a família, a sua aparente satisfação com a vida que tinham, o seu orgulho em trabalhar para o *Bwana Daktari*, e o respeito que isso lhes granjeava na sua própria comunidade. Tinha sido assim ou assumira simplesmente que eram felizes? Pensou em Lona, a filha de Walter, o cozinheiro da família. Eram da mesma idade, tinham brincado juntas nos jardins de casa e no complexo dos criados onde a mãe de Lona se sentava ao sol, envolta no seu garrido *kanga*, com um bebé pequeno preso ao peito amplo, enquanto preparava o *posho* para a refeição da noite. Cantava sempre enquanto trabalhava, o seu sorriso rasgado revelando dentes brancos num rosto cor de ébano. Ela tinha um cheiro diferente — Sarah mencionara o facto a Betty uma vez, perguntando a razão. Era provavelmente da alimentação, respondera a mãe. Quase sentia agora o aroma do *posho* e o cheiro do tecido *kanga*, o aroma lácteo do bebé, o

cheiro característico da pele quente ao sol. Lona morrera de pneumonia quando tinha seis anos. A mãe levava-a primeiro ao curandeiro, convencida de que a criança fora atingida por uma maldição potente. Quando Walter a levou finalmente a Raphael, já era demasiado tarde e nem o todo-poderoso *Bwana Daktari* conseguiu salvá-la. Walter e a mulher partiram pouco depois, voltando à sua aldeia natal perto do lago Vitória. Sarah apercebeu-se com vergonha de que nem sequer sabia o nome da mulher, nunca se lembrara de perguntar e nunca tinha pensado no que lhes teria acontecido. Tinham partido e sido de imediato esquecidos. Seria porque nunca os encarou como pessoas reais, apenas como criados? Ou seria simplesmente porque a juventude a levava a enterrar até agora a sua recordação sem qualquer escrúpulo?

Meses mais tarde, sob a luz vermelha da câmara escura, fez a si própria a promessa de não ser tão insensível quando voltasse ao Quênia. Arranjaria maneira de dar um contributo pessoal ao país. Algo que se comparasse com os incessantes esforços dos pais para melhorar as condições de saúde e educação do povo por quem sentiam afecto. Examinou criticamente as fotografias acabadas. Tinha aprendido imenso com aquelas criaturas maltratadas cujos rostos a olhavam agora do papel. O seu trabalho no abrigo fora precioso e compreendia que até o comportamento ofensivo de Mike tinha um lado positivo. Obrigara-a a reflectir. Mas tinha deixado de sair com ele. Perdera a confiança nele, sentindo que a usara. Voltou a sentar-se no banco e esperou que as impressões secassem, revivendo a noite em que as tinha tirado.

Estavam apenas alguns residentes e trabalhadores na cozinha quando chegou mas Sarah sabia que a afluência aumentaria quando os *pubs* fechassem. Estava agora acostumada a não deixar os residentes entrar nas instalações com álcool e exímia em privá-los dele quando o faziam. Era aí que os desacatos normalmente começavam. A entrega de *whisky* e *gin* escondidos conduzia muitas vezes a mobília partida, o que dava às cadeiras e às mesas das salas de baixo um ar de permanente ruína. Um dos piores transgressores era o seu velho amigo John-Jo. Sarah levou a chávena de chá para a mesa e pegou na máquina fotográfica.

— Então, vamos a esses retratos ou quê? — perguntou, sorrindo aos presentes.

— Chapas! Credo, para que quer fotografias nossas?

Foi Duncan quem falou, pequeno, magro e rijo, com uma barba farta e dentes horríveis. Estava a sorrir para uma velha sentada ao seu lado, de cabelo enrijado, que semicerrava os olhos contra o fumo malcheiroso de um cigarro enrolado preso entre os lábios. Ele piscou o olho a Sarah num gesto cúmplice.

— Concentre-se aqui nesta beldade e em mim. Não somos magníficos?

Não tardou que estivessem todos a posar, perdendo gradualmente as inibições e acabando por esquecer a presença da máquina. John-Jo chegou, milagrosamente sóbrio, e abriu o piano. Alguém começou a cantar uma canção. Sarah observou enquanto a música lhes adoçava as expressões e os enchia da nostalgia de um tempo melhor, e ajustou a máquina, usando um filme de alta sensibilidade para não precisar de *flash*. Queria captar aqueles momentos sem a luz explosiva e evitar recordar-lhes que as suas vidas e fracassos estavam a ser registados. Virou a objectiva para Joan, uma mulher de Galway, magra, de olhos alucinados, com uma língua viperina quando se irritava, e para Aggie, miudinha e tímida excepto quando tinha bebido várias canecas de cerveja e *whisky* — nesses momentos, era capaz de deitar a casa abaixo com as suas imprecações e lutar como um demónio.

Apanhados pela objectiva, rodavam e batiam com os pés, a luz captando um olho húmido, um sorriso desdentado, a sacudidela de uma madeixa de cabelo oleoso, o erguer de um ombro, cabeças empertigadas e mãos nas ancas, acompanhando a música que os transportava à juventude. E enquanto os dançarinos rodopiavam na lúgubre sala, as paredes deprimentes desapareciam com a mancha indistinta dos seus movimentos, transformando as nódoas de humidade do reboco em misteriosos murais do seu salão de baile. Sarah movia-se por entre eles, aproximando a câmara. Estupendo. Sabia que estava a absorver a atmosfera nas imagens. Fazia-a sentir-se quase divina — essa capacidade para colher aqueles momentos de luz e preservá-los. As imagens perdurariam, mesmo depois de a casa cair no silêncio, apenas quebrado pelo ressonar nas camas enxovalhadas ou pelo cozinhar de uma ceia tardia para curar a bebedeira. Mesmo depois de a realidade os despachar a todos para as suas batalhas privadas, aquela noite de magia, libertação e companheirismo continuaria, impressa e reimpressa em folhas brilhantes de 25×20, para jamais ser esquecida. Nessa noite não houve desacatos em S. José. Tinha estado

impaciente para revelar as fotografias e confirmar se o tesouro que possuía era real. Agora, ao examiná-las com crescente excitação, sabia que tinha um trabalho de alta qualidade para apresentar no concurso. E se as fotografias fossem expostas, os seus amigos no abrigo teriam encontrado uma voz para falar por eles. Verificando que as fotografias estavam secas, enfiou-as cuidadosamente numa pasta, arrumou a câmara escura e foi para casa.

Na cozinha, lavou a frigideira e o prato engordurado que o irmão tinha deixado no lava-loiça. Quando foi espreitar, Tim estava atravessado na cama, ainda com a roupa de trabalho, calçado, com os óculos e a bata branca caídos no chão ao seu lado. Sarah pensou que parecia terrivelmente vulnerável assim. Tão jovem. Ele não voltara a mencionar a boa Deirdre. E se estava perdidamente apaixonado pela rapariga e não tinha sido capaz de se abrir com a irmã? Sarah estremeceu. Pôs a correr um banho quente e, enquanto relaxava na banheira, reflectia. Tinha a certeza de que Deirdre não era a rapariga ideal para o irmão. Mas pelo menos ele tinha alguém, ao passo que ela, simplesmente, fizera figura de parva mais uma vez.

Não recebera notícias de Camilla. Em Londres, ela desfizera-se em desculpas abjectas, tentara salvar o resto do fim-de-semana, levando-os ao teatro, a uma *trattoria* italiana em voga e a um clube onde ouviram os Rolling Stones e até foram apresentados a um elemento do grupo. Mas era impossível esquecer o desaire com Marina. Tim voltara para a Irlanda um dia mais cedo.

— Ela está a tentar comprar a nossa aprovação, o nosso perdão, e eu não suporto isso — dissera a Sarah. — Vou-me embora. Vemo-nos em Dublin.

— Não, Tim. É verdade que ela é um desastre, mas não é calculista como dizes. Olha para a história dela, por amor de Deus. Como é que nós seríamos se tivéssemos crescido em circunstâncias idênticas?

— És demasiado generosa, Sarah. Demasiado tolerante. A Camilla não é boa peça. Talvez não possa fazer nada contra isso, mas é exactamente como a mãe, espalha infelicidade por onde quer que vá. O Piet foi um parvo em ter-se apaixonado por ela. Mas não merecia aquilo. Deves ter cuidado porque ela ainda te faz em pedacinhos e te deixa para aí em qualquer lado. E depois vem cheia de remorsos quando o mal está feito. Não precisas de uma falsa irmã assim.

Como tinham sido ingênuas ao fazer aquele pacto infantil. Agora estavam separadas umas das outras, divididas pelas circunstâncias familiares e por problemas que pareciam frustrar todas as suas tentativas para preservar a amizade. Parecera natural, normal, terem prometido umas às outras amor e lealdade eternos e incondicionais. Sarah saiu da banheira, enxugando rapidamente com a toalha a pele clara cuja cor pálida e leitosa detestava. Sentou-se à sua pequena secretária e preencheu os formulários de inscrição no concurso, etiquetando meticulosamente as fotografias no verso antes de as meter num envelope de cartão. Quando entrou na sala de estar, Tim estava afundado no sofá, olhando para ela com olhos injectados.

— Tentei ficar acordado à tua espera mas chegaste muito tarde e eu adormeci. Queria falar contigo. — Baixou os olhos para o tapete gasto. — Houve notícias de casa. A mãe ligou enquanto estiveste fora.

— Está tudo bem? — Sarah teve um sobressalto de apreensão. Betty só ligava nos dias de anos ou em ocasiões especiais ou se tivesse acontecido alguma coisa. Tim não respondeu de imediato e ela tomou consciência do fogo na lareira a gás, sibilando um presságio no silêncio prolongado.

— Agora está. Ou pelo menos é o que ela pensa — respondeu Tim. — Mas apanharam um susto terrível. O pai teve outra crise séria de malária. Adoeceu gravemente e não reagia à medicação e pensaram... enfim, pensaram que era o fim. A mãe esteve quase a ligar-nos há dois dias para nos pedir para apanharmos o avião. Já em desespero, deram-lhe doses industriais de quinino à maneira antiga e ele recuperou. Mas deram-lhe ordem para meter baixa.

— Posso ligar agora e falar com eles? Saber como estão as coisas? — Sarah sentou-se, a tremer com o choque.

— Não. Agora é tarde. A mãe tem passado o tempo todo no hospital e deve estar a pôr o sono em dia. Tem passado dias e noites à cabeceira dele. Ouve, tenho a certeza de que ele agora está bem. — Tim levantou-se e pôs o braço em redor da irmã. — Mas há um problema que têm de enfrentar, Sarah. Têm de deixar Mombaça. Escolher outro sítio para viver. O pai foi avisado. Não pode ter mais nenhuma recaída. Para a próxima não se safa.

— Deixar a costa? — Sarah fixou-o, incrédula. — Mas para onde é que eles vão, valha-me Deus? Ele nunca há-de querer deixar Mombaça. Passou anos a recusar todo o género de promoções e propostas para poder lá ficar. É a nossa casa.

— Ainda não discutiram o assunto. Por enquanto, o pai ainda está demasiado fraco para tomar decisões bem pensadas. Mas, tanto quanto me é dado entender, tem de se afastar de qualquer região malárica. Os médicos são categóricos a esse respeito.

Sarah sentou-se, os olhos enchendo-se-lhe de lágrimas. — Tens a certeza de que o pior já passou? A mãe não está a esconder-nos nada?

— Não. Acho que não — Tim massajou os olhos. — Talvez dêem cá um salto enquanto o pai está de baixa. Para convalescer e ir talvez ao Hospital de Doenças Tropicais em Londres e ao Ministério do Desenvolvimento Ultramarino para discutir possíveis colocações. Depois podem decidir com base nas opções que existirem.

— Meu Deus. Sim, claro. Opções... — Sarah ainda estava entorpecida com o choque.

— A questão é que não me parece que viajes até ao Quénia este Verão, Sarah. Porque eles não estarão lá. Talvez nunca mais venham a estar. — Tim viu-a contrair o maxilar e as lágrimas começarem a correr-lhe pelas faces ao tentar enfrentar a enormidade da situação. — Sinto muito, mana. Sei que estavas desejosa de voltar.

Não ir ao Quénia? Sentiu um profundo desânimo. Fora a única coisa que a tinha aguentado, a perspectiva do Verão com Hannah e Piet, e até Camilla. Não conseguia acreditar que o sonho lhe fosse agora arrancado. Tentou em vão rechaçar o desapontamento. O pai estava doente. O mais importante, a única coisa importante, era que ele melhorasse. Abraçou o irmão e vestiu o casaco, baixando-se para pegar no guarda-chuva.

— Vou dar uma volta — anunciou. — Assim não fico a cismar e, além disso, agora também não conseguia dormir. Não esperes por mim.

Na rua, tentou acalmar-se. Não era o fim do mundo. O pai estava bem. Mas a ideia de nunca mais ver a terra que considerava a sua pátria era demasiado dolorosa. E Piet. Sentia um aperto no peito, tentando pensar noutra coisa, calar o desespero que se avolumava dentro de si. Queria correr para o meio da rua e gritar. Tentou imaginar o que poderia fazer no Verão. Podia matricular-se num curso para aperfeiçoar a sua técnica fotográfica, alargar o portefólio. Seria dispendioso mas podia arranjar um emprego em *part-time* para o pagar. O frio insinuava-se-lhe em todo o corpo, bloqueando-a mentalmente e guiando de novo os seus passos para

casa onde se deitou, chorosa e sem dormir até que a alvorada cinzenta despontou no céu.

Quando falou com a mãe, Betty disse que voltariam à Irlanda assim que Raphael tivesse forças suficientes para viajar. Sarah saiu cedo de casa para colocar as fotografias no correio. Olhando mais uma vez para elas antes de fechar o envelope, achou-as melhores do que na noite anterior. Havia uma fila na estação de correios mas esperou pela sua vez pacientemente e murmurou uma última oração antes de meter o envelope na caixa. Passou o resto do dia na biblioteca da faculdade, forçando o seu espírito distraído a concentrar-se nos diagramas que tinha de memorizar. Por fim desistiu da luta e saiu, ansiosa por regressar ao apartamento mas receosa de abrir a porta não fosse haver mais notícias desagradáveis à sua espera. Ao pousar a carteira na mesa, o telefone tocou e ela teve a certeza de que era novamente a mãe.

— Escrevi-te uma carta e já a mandei — disse Camilla. — Sei que já devia ter escrito há muito tempo e provavelmente vais pensar que é uma maneira cobarde de lidar com o que aconteceu. Liguei-te porque só queria pedir-te desculpa mais uma vez. Lamento profundamente ter-te magoado, a ti, ao Piet e a toda a gente.

— Não podes usar as outras pessoas para os teus próprios fins, Camilla, só porque as coisas na tua vida correm mal. — Sarah não foi capaz de encontrar conforto ou compaixão dentro de si para lhe oferecer.

— Eu sei. Sinceramente. Hei-de arranjar maneira de te compensar. E ao Piet. Parece que nunca consigo chegar a um ponto em que seja capaz de lidar com a minha mãe. — Fez-se um longo silêncio enquanto Camilla esperava por uma resposta que não chegou.

— Ouve, estou à espera de uma chamada muito importante e tenho de desligar já. Falamos sobre isto noutra altura, Camilla.

— Ah. Sim. Mas deixa-me só dizer rapidamente que continuo a querer que celebremos os nossos aniversários no Quénia como prometemos. — Havia uma nuance qualquer nas palavras que Sarah não foi capaz de definir, uma súplica talvez e um sentido de urgência. — Gostava de voltar este Verão, se ainda estiveres de acordo. E o Piet.

Sarah sentiu a fúria a nascer. Era esta a verdadeira razão por que Camilla tinha telefonado... para se certificar de que os planos para as férias continuavam de pé.

— Não tenho nada a ver com o que o Piet diz ou quer — respondeu. — Seja como for, acho que não posso ir...

— Depois de estarmos na costa, podíamos ir todos acampar no norte. Talvez em Samburu — interrompeu Camilla. A sua habitual pronúncia arrastada tinha-a abandonado e a sua voz estava ofegante de excitação. — Podíamos fazer um safari e levar as tendas. Íamos precisar de um *Land Rover* e de uma série de coisas mas o Piet e...

— Estiveste em contacto com o Piet? — Um ressentimento tremendo ameaçava sufocar Sarah.

— Não, claro que não. Mas tenho de te contar uma coisa.

— Terá de esperar — respondeu Sarah bruscamente. — Neste momento tenho coisas mais importantes a tratar. O meu pai tem estado gravemente doente com malária. Ainda está no hospital e, quando tiver alta, vêm para a Irlanda para ele se restabelecer em condições. É por isso que não vamos ter nenhum sítio onde ficar na costa.

— Oh, Sarah, isso é terrível. E a tua mãe? Como está a reagir? Meu Deus, posso ajudar em alguma coisa?

— Tudo leva a crer que tenha de cancelar a viagem, Camilla. Não tenho dinheiro para ir sozinha não estando lá os meus pais. Por isso, estás a falar com a pessoa errada. É melhor contactares directamente o Piet e a Hannah e não contares comigo.

— Mas é precisamente o que estou a tentar dizer-te! O Anthony Chapman esteve agora em Londres e ofereceu-se para nos organizar um acampamento no fim de Agosto. Fiz um óptimo acordo com ele que posso pagar sem qualquer dificuldade e que será o meu contributo para a celebração dos nossos aniversários. Esta semana vou posar para a *Vogue* e propuseram-me um contrato fantástico para publicitar um novo perfume. Por isso, neste momento estou cheia de dinheiro e é o que quero fazer. E gostava de te pagar o bilhete de avião, Sarah. Por favor... deixa-me fazer isto por ti. Por todas nós. Por favor, pensa no assunto. Há ainda outra coisa que preciso de te contar. Mas pode esperar. É melhor desimpedir-te a linha mas daqui a um ou dois dias volto a ligar.

Quando ela desligou, Sarah sentou-se numa poltrona. Havia qualquer coisa na proposta de Camilla, um elemento qualquer que faltava, mas agora não tinha tempo para tentar descobrir o que era. A ideia de, afinal, poder ir ao Quênia era terrivelmente tentadora. Poder voltar à costa, a

Langani e talvez até fazer um safari. Nunca imaginara que pudesse ficar num acampamento privado como o de Anthony. Ouviu um som e levantou os olhos.

— Quem era ao telefone? — Tim estava encostado à porta. — Teoricamente estou de folga mas não me parece que vá durar porque estão com falta de pessoal. Pelos visto, está toda a gente com gripe.

— Era a Camilla. Queria saber se eu ia ao Quénia em Agosto. Aparentemente, o Anthony Chapman é capaz de nos levar a acampar em Samburu, para celebrarmos os nossos aniversários. A Camilla disse que acabaram de lhe propor um contrato chorudo e quer pagar tudo. Incluindo a minha viagem para Nairobi.

— Santo Deus! Ela não desiste, pois não? — disse ele, enojado. — Não vês que ela está a tentar comprar a tua aprovação? É patético, Sarah. Quantas vezes vais cair na esparrela?

— Se há alguma coisa de genuíno na vida dela, é a amizade que nutre por mim e pela Hannah — insistiu Sarah. — Não estou preparada para virar as costas a isso. Pelo menos, totalmente. Porque não vens connosco? Ias adorar o safari e tens trabalhado tão arduamente.

— Aceitar o dinheiro da culpa da Camilla? — Tim soltou uma gargalhada de desdém. — Nem pensar! Além disso, a mãe e o pai podem precisar de nós aqui. Ou estás tão obcecada com a tua amiga rica e mimada e com o que ela te compra que eles já não são importantes?

— Isso é absolutamente horrível! — Sarah estava a gritar. — Sabes muito bem que os adoro, que tenho andado muito preocupada por causa deles. Mas esta viagem é daqui a mais de dois meses e a ideia de voltar para casa é a única coisa que me tem mantido lúcida este último ano. A mãe e o pai não haviam de se importar que eu fosse só por algumas semanas. Por essa altura, até eles podem já estar de volta.

— Não vão estar. Não consegues meter isso nessa cabeça dura? — Tim deu um murro no sofá deformado. — És estúpida, Sarah. E a Camilla é uma cabra interesseira. Não acredito que sejas idiota ao ponto de lá voltares nas condições dela. Estou mesmo a ver-te a olhar para o Piet van der Beer com olhos de carneiro mal morto enquanto ele te ignora e se derrete todo por ela. Onde está a merda do teu orgulho? Onde está o teu bom senso?

— Bom senso? E o teu bom senso, a deixares que essa horrorosa da Deirdre te deite as garras. Transformou-te num chato rabugento. Não tens absolutamente nada em comum com ela.

Assim que proferiu as palavras, arrependeu-se mas estava magoada com a crueldade dele. Bateu com a porta do apartamento e voltou a sair para a rua. A dor causada pelas observações do irmão perseguia-a enquanto avançava pelo passeio. Avistou um banco e sentou-se, aconchegando o casaco contra o corpo. As palavras de Tim revolviam-lhe na cabeça mas estava determinada em não se deixar contaminar pela brutal análise que o irmão fizera dos seus motivos. Discutiria a questão com a mãe nos próximos dias. Estava cansada de ser um peão na vida das outras pessoas e merecia aquela oportunidade única de voltar ao país que amava. Com um suspiro, encaminhou-se para casa, resolvida a dar aos pais todo o apoio de que precisassem. Mas a proposta de Camilla continuava a ocupar o primeiro lugar dos seus pensamentos.

No dia a seguir à chegada dos pais a Dublin, leu o anúncio no jornal. Sarah Mackay tinha ganho quinhentas libras pelos seus retratos dos residentes do Abrigo de S. José. As fotografias seriam expostas para venda numa galeria elegante em Wicklow Street. Quando Mike Daly ligou a felicitá-la, desligou-lhe o telefone. Depois reservou quartos num hotel de cinco estrelas e levou o pai, a mãe e o irmão a passar o fim-de-semana em Connemara.

CAPÍTULO 10

Quénia, Junho de 1965

Hannah pediu um *panaché* e voltou a sua atenção para Fred Patterson. Ele fora o seu parceiro de ténis dessa tarde e tinham ganho a partida de pares mistos. Agora Fred queria que ela ficasse para a festa de sábado à noite no clube. Prevendo isto, tinha metido às escondidas um saco com roupa lavada, sapatos e perfume na mala do carro antes de sair de Langani. Sabia que Piet não aprovava.

— Andas a passar tempo de mais no clube — objectou ele. — A gasolina é cara e o desgaste do carro velho da mãe também. Precisamos dele a funcionar por mais algum tempo, Han. Não podes usá-lo como uma limusina privada. E depois assinas muitos vales de comida e bebida. Estás a comportar-te como uma *memsahib* inglesa sem nada para fazer a não ser dar ordens aos criados e passar o tempo a jogar *bridge* ou ténis. Há trabalho sério para fazeres aqui em Langani.

— Não quero passar o dia todo no teu escritório — respondeu Hannah, irritada. — Passei os últimos dois anos encafuada numa pocilga nojenta enquanto tu estavas aqui na fazenda ou a divertir-te na Escócia ou em Londres com a Sarah e a Camilla. Agora andas por fora o dia todo a projectar o teu *lodge* ou a conduzir o tractor ou a plantar trigo com o Lars. E eu continuo fechada. Não é justo.

Piet suspirou. Ela tinha razão. Quando o pai partira para o sul, Hannah fora a prejudicada. Como podia negar-lhe algumas distrações agora? Mas cada vez andava mais preocupado com ela. Vários amigos tinham-no alertado discretamente para o entusiasmo da irmã pelas festas loucas organizadas pela equipa de rãguebi local. Por um lado, queria que ela desfrutasse de um período sem responsabilidades, mas o seu lado protector procurava poupar-lhe dissabores.

— Não me chateies — dissera Hannah nessa manhã. — Não sou nenhuma criança. Já tenho idade para pensar por mim e olhar pela minha vida. O Lars vai ao clube... já o vi lá, com uma data de raparigas penduradas nele como gafanhotos. Porque não lhe perguntas o que é que ele anda a fazer? Ou andará a espiar-me?

— Claro que não te anda a espiar, Han. Não sejas absurda. Ele é um homem adulto e pode gastar o salário e passar as horas livres como quiser. Mas tu és minha irmã e eu não quero que te aconteça nada. É tudo.

— Conheces toda a gente no clube — frisou Hannah, olhando-o ferozmente. — Há anos que jogas ténis e rãguebi com eles todos. Qual é o problema, eh?

E o problema, claro, era esse. Piet conhecia de ginjeira a avidez dos homens solteiros da região, à solta aos fins-de-semana das fazendas e dos quartéis, à caça de carne nova e fresca. Como a irmã. Se Lottie estivesse em Langani, as regras seriam rígidas e Hannah teria de se avir com a vigilância apertada do pai. Assim sendo, não ligava ao que ninguém dizia. Estava em casa há quase dois meses e, a cada dia que passava, estava a tornar-se uma carga de trabalhos cada vez maior. Piet não lhe tinha explicado a crise que pairava sobre Langani desde a súbita partida de Jan. Sentia relutância em tecer críticas ao pai e pressentira que houvera uma alteração séria entre Hannah e Jan. Não servia de nada aumentar as fracturas no edifício instável da família. Mas Langani ainda tremia à beira do desastre financeiro e ele precisava da ajuda dela. Havia negociações frequentes com o banco e nada a que recorrer se surgissem dificuldades imprevistas com a próxima colheita. Lars arranjava formas de poupar dinheiro e a sua cuidadosa gestão na ausência de Piet salvara-os da bancarrota. Havia reduzido a mão-de-obra, vendido gado excedentário e equipamento velho e administrado a propriedade com imaginação e dedicação. Era cauteloso e eficiente e, mais importante ainda, tinha-se tornado num grande amigo. Piet não queria perdê-lo. Seria ainda mais essencial quando o *lodge* entrasse em funcionamento.

— O *lodge* há-de trazer boas fontes de receita — concordara Lars. — Os custos de construção não serão muito altos. Este Viktor Szustak é um arquitecto competente. Se seguirmos o plano dele, podemos arranjar a maior parte dos materiais de construção aqui na fazenda... pedra, colmo, madeira para construir. E temos a nossa mão-de-obra. Até podíamos fazer

aqui a mobília, na oficina. Mas o teu pai quer que atrases o projecto até termos alguma coisa no banco para nos aguentarmos num ano mau.

— O meu pai não está cá — disse Piet com firmeza. — Não pode imiscuir-se na gestão de Langani a milhares de quilómetros de distância. Temos de ser nós a tomar as decisões sobre o melhor caminho para resistirmos. O banco apoia a ideia do *lodge* e o dinheiro investido pelo Anthony tem ajudado. Além disso, o projecto também pode dar à Hannah qualquer coisa de construtivo para fazer em lugar de só me dar dores de cabeça.

— É boa rapariga, a tua irmã. Teve uma vida complicada lá no sul e libertou-se dela. Dá-lhe algum tempo e vais ver como entra na linha.

— Tempo é um luxo que não temos — disse Piet. — A Hannah tem de contribuir diariamente para o esforço comum se quiser continuar aqui.

— Então deves dizer-lhe a verdade. — Lars levantou-se. — Vou até à vacaria. Anda por lá uma *shauri* qualquer por causa de um leite desaparecido. Acho que anda alguém a vender uns quantos quartilhos por dia ou a dá-lo aos amigos e à família. Ou as duas coisas.

Já tinha praticamente anoitecido quando Hannah telefonou do Nanyuki Club e a fúria reprimida de Piet explodiu do outro lado da linha.

— Volta imediatamente para casa — disse ele. — Não vais passar a noite toda no clube, a endividares-te e a pores-te numa posição delicada noutra festa louca qualquer.

— Ora, deixa-te de queixumes, Piet. Estás um chato de primeira, sempre metido na fazenda só a falar de trabalho.

— Estou a dizer-te que venhas para casa, Hannah. Já. — Soou um estalido quando ela desligou e ele ficou a olhar para o telefone, incrédulo.

Pegou nas chaves da *pickup* da fazenda e dirigiu-se para Nanyuki. A chuva começou a tamborilar no pára-brisas enquanto conduzia. Não tardou que a estrada se transformasse num lamaçal escorregadio e Piet mal conseguia discernir a estrada enquanto os velhos limpa-pára-brisas arranhavam o vidro. Na corrida entre o parque de estacionamento e o clube ficou encharcado. Um dos seus amigos do *râguebi* deu-lhe uma palmada nas costas e pediu uma caneca de cerveja para ele. Não havia sinais de Hannah, mas vários grupos barulhentos já estavam a beber e a dançar. A festa ia de vento em popa.

— Viste a Hannah? — perguntou a Jamie Pincott, o capitão da equipa.

— Se fosse a ti, não me punha agora à procura da tua irmã, amigo. — Jamie sorriu num jeito cúmplice.

— Estou a ver — disse Piet, retribuindo o sorriso com esforço. — Quem é o admirador dela esta noite?

— O Fred Patterson. Como na semana passada e na semana antes dessa. Estão de namoro pegado. Que tal vão as coisas em Langani? Não te tenho visto ultimamente. É só trabalho agora? Tens de te distrair, amigo. Queres jogar ténis na próxima semana?

Piet decidiu-se a acabar a cerveja até que uma morena bonita atraiu as atenções de Jamie e Piet abandonou imediatamente o bar à procura de Hannah. Não havia sinais dela no salão nem na pista de dança e não estava em nenhuma das mesas do restaurante. A chuva caía em bátegas quando ele atravessou por entre os veículos estacionados no parque. Varreu as imediações com o feixe da lanterna, sob a chuva torrencial, até que captou um movimento e depois ouviu-a rir. Hannah estava no banco de trás do carro de Fred Patterson, perdida de riso enquanto ele lhe desapertava o fecho do vestido, com a boca colada à dela. Nenhum dos dois se apercebeu do feixe de luz. Piet abriu de rompante a porta do carro e puxou pela irmã para a chuva. Ouviu-a berrar com ele, despejando a sua raiva e humilhação numa catadupa de palavras que nunca a ouvira usar antes, mas não lhe ligou. Fred Patterson saiu desajeitadamente da carrinha e ficou a olhar, completamente embasbacado, não contando com o murro que lhe foi desferido debaixo do queixo e o fez cair outra vez em cima do carro.

— Eh... tem calma, pá! Não fiz nada que ela não...

— Não te aproximes da minha irmã, ouviste? — gritou-lhe Piet, furibundo. — Ela está a meu cargo e é perante mim que respondes se voltar a apanhar-te na marmelada com ela. Agora sai-me da frente e vai arranjar outra pessoa para te divertires noutro lado.

Hannah estava em estado de choque quando ele a agarrou e a levou para a *pickup*. — Entra — ordenou, falando por entre dentes. Empurrou-a para o banco do passageiro. — Vamos para casa. O Lars vem buscar o carro amanhã.

— És um bruto ignorante como o pai — gritou-lhe ela. — Não queres saber de mim, ninguém quer... não passo dum objecto que têm de proteger porque lhes pertenço. Não sabem fazer mais nada. — Começou a soluçar, escondendo a cara nas mãos, o cabelo molhado colado à cabeça.

Piet bateu com a porta e contornou a *pickup* sentando-se ao volante, já arrependido do que tinha feito. Conduziram em silêncio com uma trovoadas directamente em cima. Os relâmpagos difusos deram lugar a ziguezagues de luz que se perdiam no solo à volta deles. O carro derrapava e baloiçava na estrada e por duas vezes ficaram atolados, obrigando Piet a sair e a empurrar enquanto Hannah acelerava o motor para fazer girar as rodas num esforço para escapar à lama em que se enterravam cada vez mais. Era quase meia-noite quando chegaram à fazenda e entraram aos tropeções na sala de estar onde Lars os esperava à lareira.

— Acho melhor deixar os dois em família — disse ele, apercebendo-se da expressão de raiva de Hannah, que correu a refugiar-se no quarto. — Não sejas duro de mais, pá, o que quer que tenha acontecido.

— Ela foi-se deitar. Fica e toma uma bebida comigo, Lars. Tira os copos enquanto eu visto roupa seca — disse Piet. Quando voltou, ficou junto da lareira a aquecer-se. — Estraguei tudo — confessou. — Perdi as estribeiras como um idiota. Ela estava no banco de trás de um carro com o Fred Patterson. Arranquei-a de lá e disse-lhe duas ou três.

— Isso vai aumentar as probabilidades de seres esmagado no próximo jogo de rãguebi. — Lars sorriu. — Se não for a Hannah a acabar contigo primeiro.

— Eu sei. Mas caramba, ela é a minha irmã mais nova e neste momento faço o papel de pai.

— Ela já não é nenhuma criança — disse Lars com brandura. — É uma jovem mulher cheia de energia. Tens de tratá-la como uma adulta com uma mente lúcida e perspicaz em vez de uma colegial delinquente. E arranja outra maneira de lhe dares a saber que ela é importante para ti.

— Tens razão — disse Piet. — Vou dizer-lhe que me portei estupidamente. Que só quero a segurança dela.

— Se fosse a ti não lhe dizia nada hoje — aconselhou Lars. — A não ser que queiras saltar para um vulcão em actividade e ficar chamuscado.

— Mais uma vez tens razão — concordou Piet. — Fazer as pazes é o primeiro ponto da agenda para amanhã. Obrigado, pá.

Hannah não apareceu para o pequeno-almoço. Mwangi chegou com a notícia de que a *memsahib* saíra a cavalo muito cedo. Era quase meio-dia quando voltou.

— Temos de conversar — disse ele, levantando as duas mãos quando ela abriu a boca para protestar. — Ontem à noite fui um idiota, Han, e peço desculpa. Tenho andado de roda de ti como uma mãe galinha e sei que é uma estupidez. Só não quero que te aconteça nada de mal depois de tudo o que já passaste. Já sabes que sou um agricultor jarreta e *domkopf*. E o Fred vai estar à espera para me cair em cima no próximo jogo de rãguebi, por isso é melhor ires preparando as ligaduras e as talas.

Hannah tinha começado a sorrir. — Tivemos sorte em não termos passado a noite numa vala de pernas para o ar — disse. — Senão também tínhamos tido de dar contas ao Lars.

— Não teria sido nada agradável, não — disse Piet, rindo. — Mas há assuntos que temos de discutir, mana. Tenho-te escondido a verdade mas agora temos de falar disto para decidirmos em conjunto o que devemos fazer.

Hannah sentou-se ao lado dele e ele abriu os livros e as pastas de contabilidade que continham a escrita da fazenda e começou a explicar-lhe a situação. Jan deixara a fazenda endividada e ela percebeu que Lars fizera os possíveis para afugentar a ameaça de falência. Mesmo assim, ainda estavam a pisar a ténue linha entre a sobrevivência e o fracasso.

— Acho que conseguimos — declarou Piet. — Se acabarmos o *lodge*, começamos a obter receitas de outro tipo que nos podem proteger em anos de seca ou se tivermos problemas com o trigo ou o gado. E tu podes ter um projecto para dirigir quando a construção estiver concluída. Podes assumir a direcção. Seremos visitados por pessoas de todo o mundo. Vários caçadores e empresas privadas de safaris andam à procura de locais que não estejam superlotados de turistas regulares. Só aceitamos dez pessoas de cada vez. Será uma experiência diferente para elas, estarem numa fazenda queniana genuína e numa reserva de caça privada com uma família queniana de terceira geração.

— Se estamos com tanta falta de liquidez e devemos tanto dinheiro ao banco, como é que vamos conseguir? — perguntou Hannah.

— A construção pode sair muito barata com materiais daqui de Langani, se seguirmos o projecto do Viktor. E o Anthony investiu algum dinheiro. — Viu que os olhos dela se acenderam de interesse pela primeira vez desde que regressara. — O único problema, Han, é que tens de dirigir o lado administrativo enquanto as obras decorrem. Mais tarde, há toda a

decoração do *lodge*, a formação do pessoal, menus para planejar e organizar. Dá-me ideia que é a tua especialidade.

— É exactamente o que eu quero — disse ela, lançando os braços em redor do irmão. — Desculpa, Piet. Tenho sido uma peste desde que cheguei. Mas isto é uma coisa que podemos fazer juntos e a ideia é fabulosa. Vá, põe-me outra vez a par das contas.

A partir dessa manhã, a gestão da fazenda sofreu mudanças e Hannah passou a trabalhar longas horas por dia, criando um novo sistema de contabilidade, arquivando e dactilografando, fazendo encomendas e verificando fornecimentos. Não lhe agradava o trabalho de escritório, mas podia antever um tempo em que estaria a dirigir o *lodge*, acolhendo hóspedes da Europa e da América. Entretanto, a prioridade era sobreviver.

Viktor Szustak aparecia com regularidade, pernoitando por vezes na fazenda. Hannah sentia-se hipnotizada com os seus gestos extravagantes e o pronunciado sotaque polaco que soava extremamente exótico aos seus ouvidos. Ele citava poetas e escritores de que ela nunca ouvira falar, desenhava-lhe vívidos esboços do interior do *lodge* para lhe dar uma ideia de como viria a ser e fazia até desenhos para a mobília. Seduzia-a descaradamente, fazendo-a rir das suas manobras evidentes. Mas Hannah sentia-se lisonjeada com a atenção e apreciava sempre as suas visitas.

Um dia de manhã cedo, colocaram a primeira pedra e celebraram com um piquenique no *kopje*, onde a plataforma de observação e a principal sala de estar se localizariam. Quando os homens desapareceram para medir a posição e dimensão da canalização, Hannah ficou sozinha. Quando a luz se suavizou e as nuvens se abriam, revelando o cume da montanha, sentiu dois braços fortes agarrá-la subitamente pela cintura. Virou-se, assustada, e deu consigo a fitar a fisionomia melancólica de Viktor. Este emitiu uma espécie de rosnido animal e baixou a cabeça para a beijar e Hannah sentiu uma onda de excitação a percorrê-la. Mas o ruído de passos quebrou o momento de intimidade entre ambos.

— Ah... estás aí, Viktor. O Piet está à tua espera para se certificar de que medimos tudo. Isto é, se já acabaste de tirar medidas aqui. — A expressão de Lars era tempestuosa. — A luz está a diminuir e eu quero terminar as especificações da canalização hoje para poder encomendar os canos. — Olhou para Hannah durante um longo momento carregado de interrogação. Havia uma expressão estranha nos seus olhos que ela não

conseguiu definir e, inclinando o queixo provocadoramente na direcção dele, afastou-se.

Viktor encolheu os ombros, seguindo Lars para fora com uma expressão divertida e sarcástica.

— Espero que o Viktor não se ande a revelar a ameaça que a reputação dele sugere que é — disse Piet à irmã nessa noite.

— Gosto de o ter por cá — respondeu Hannah. — É uma pessoa interessante e diferente, com um temperamento artístico, e fala-me de livros, quadros e sítios de que nunca ouvi sequer falar.

— Pode ser que sim — Piet franziu o sobrolho. — Mas é um mulherengo incorrigível. Não te fies em nada do que ele diz, Han. É rápido a projectar edifícios e ainda mais rápido a conquistar mulheres.

— Piet. — O olhar com que lhe respondeu continha uma admoestação.

— Eu sei. És capaz de olhar por ti. Mas tem cuidado com ele.

Piet criou uma empresa e abriu uma conta bancária para o *lodge*, com Anthony Chapman como accionista. Lars ocupava-se da maior parte da gestão quotidiana da fazenda, lavrando e plantando o trigo, supervisionando o gado e a vacaria, zelando pela maquinaria. Mas Piet estava sempre disponível para as patrulhas e inspecções que empreendiam juntos e resolviam os problemas logísticos e as disputas laborais em equipa. A sua amizade ia-se fortalecendo e começaram a tirar algumas horas de lazer e a levar Hannah a uma ou outra festa em Nanyuki e chegaram mesmo a levá-la ao Hotel Outspan em Nyeri, onde jantaram e passaram a noite.

— Precisamos de ver quartos de hotel, menus, serviços e listas de roupa — declarou Piet. — E enquanto estamos com a mão na massa merecemos divertir-nos.

Uma noite, já tarde, durante o mês de Junho, Hannah afastou a cadeira da secretária no antigo escritório do pai. Juntou o maço de facturas que tinha pousado de lado e massajou os olhos. O candeeiro de parafina ardia tenuemente e exalava um leve odor a óleo que ela achava estranhamente reconfortante... provavelmente alguma recordação de infância, pensou.

As sombras envolventes resistiam à luz como actores nos bastidores à espera de entrar. Sombras de um tempo em que a fazenda era um refúgio seguro e o pai se sentava à secretária, neste mesmo charco de luz, impedindo a intrusão de outras trevas. Resolutamente, afastou a lembrança. O pai não ia agora ajudá-la e Piet andava por fora no *kopje* dias após dia, a fiscalizar as obras. Em breve teriam de renegociar o empréstimo bancário e havia partes da fazenda que começavam a revelar sinais de abandono. Os salários e as contas de sementes e forragem continuavam a precisar de ser pagos e, apesar do contributo de Anthony Chapman, os custos da construção estavam a absorver-lhes as magras poupanças.

Lars era um excelente criador de gado. A sua família na Noruega possuía uma exploração pecuária e, desde a infância, tinha passado muitas férias no Quênia, onde ficava com um tio que geria uma extensa plantação de café a norte de Nairobi. Mas não tinha experiência com trigo e não estava familiarizado com todos os problemas que podiam surgir mercê de pragas e parasitas locais, tanto no gado como nos campos. Apesar de Hannah pertencer agora à força de trabalho de corpo e alma, ele sentia relutância em aceitar os conselhos dela. Piet era o patrão, a pessoa que tinha formação superior em agronomia. E, mais importante ainda, era um homem. Hannah suspeitava de que continuava a ser para Lars a criança que tinha fugido de casa dos pais na Rodésia para vir sobrecarregar Piet com o fardo de olhar por ela. Hannah tentara fazer-lhe ver que tinha crescido na fazenda, que sabia perfeitamente como as coisas funcionavam, que podia ajudar lá fora tanto como nas questões administrativas. Mas não possuía qualquer diploma a prová-lo e não passava de uma rapariga.

Nas últimas semanas, trabalhara quase exclusivamente no escritório e agora reconhecia que a casa tinha começado a entrar em decadência. Lançou-se num programa de limpezas e pinturas que despertou no pessoal uma nova atenção à ordem. O jardim de Lottie ainda lá estava, mas não recebera mais cuidados e ninguém tinha plantado novas flores nem aparado as sebes, normalmente perfeitas. Hannah deitou mãos à obra com o jardineiro, arrancando ervas daninhas, plantando e podando até considerar que a forma e feitio do jardim estavam restaurados.

Piet desviara alguns dos trabalhadores rurais mais experientes para ajudar a construir o *lodge* mas nada fora ainda feito no domínio da

formação de pessoal para cozinhar, servir e limpar. Hannah recordara-lhe que precisava de tempo para treinar novos trabalhadores mas ele só queria desembolsar novos salários no último momento. Não seria fácil encontrar as pessoas ideais para as tarefas.

Tudo parecera extremamente simples à distância da plantação de tabaco na Rodésia. Pensava então que voltaria para casa e trabalharia com Piet e ambos criariam a sua Utopia pessoal. Não tinha contado com a terrível sensação de vergonha e remorso que ainda experimentava por ter abandonado a mãe na sua fuga precipitada da raiva de Jan. Recusara-se a falar com ele desde o regresso a Langani e a dor ao ouvir as primeiras palavras de alívio de Lottie ao telefone, cheias de coragem mas carregadas também de tristeza, fora insuportável. Hannah apressara-se a desligar e, mais tarde, tentara escrever a explicar as suas razões. Mas estava determinada em não voltar, nem por Lottie, e a consciência da sua cobardia enchia-a de um permanente sentimento de culpa. As saudades que sentia da mãe corroíam-na e, lá bem no fundo, também sentia a falta de Jan. Queria recriar o pai da sua infância, o gigante poderoso e clarividente que trouxera segurança e felicidade ao seu universo, e rejeitar o bêbado infeliz que era agora um assalariado na fazenda do primo. Não valia a pena persistir nisto, pensou. Esse já não existe. As pessoas crescem. Seguem em frente. Levantou-se, arrumou os papéis e pegou no candeeiro de parafina. Com um suspiro, abandonou o escritório aos seus fantasmas e saiu para o alpendre.

Em redor do globo crepitante volitavam borboletas e insectos nocturnos. Junto das poltronas ardiam mais dois candeeiros e na lareira reluziam as brasas do fogo. Os cães de Piet não se viam em lado nenhum; devia estar portanto no *lodge* onde tinha combinado encontrar-se com Anthony. Imaginava-os debaixo das estrelas, sentados junto de uma fogueira que tinham acendido, a beber amigavelmente uma cerveja e a traçar planos. Ter-lhe-ia agradado fazer-lhes companhia. Desistira das suas visitas a Nanyuki, excepto quando podiam ser combinadas com serviço da fazenda, e sentia-se só e isolada. Ocasionalmente recebiam amigos para uma refeição ao fim-de-semana mas a conversa incidia quase exclusivamente sobre agricultura, distribuição de terras e política. Lars levava-a a uma festa uma vez, mas ela não sabia se ele a tinha acompanhado para fazer um favor a Piet, que estava agora com frequência em Nairobi a tentar

estabelecer contacto com organizações ligadas à vida selvagem e operadores turísticos. Piet parecia levar uma vida social activa nessas ocasiões, ficando na casa de campo de Anthony, em Karen, e fazendo noites na cidade com Viktor, cujas actividades eram uma fonte inesgotável de bisbilhotice em Nairobi.

Sarah tinha escrito sobre a sua nova paixão pela fotografia e o seu desejo de regressar ao Quênia no Verão. Embora Dublin parecesse deprimente, pelo que ela dizia, Hannah teria adorado a experiência dos *pubs* cheios de fumo e dos lugares onde as pessoas tocavam entusiasticamente violino e dançavam toda a noite. Camilla enviava postais de edifícios em Londres, Roma ou Paris, com mensagens breves e garatujadas que indicavam uma vida cheia de excitação. Inicialmente, Hannah gostava de receber os postais mas ultimamente começara a achá-los irritantes e egocêntricos. Pareciam uma resposta inapropriada às suas próprias cartas e sentia-se inferiorizada com os evidentes êxitos da carreira de Camilla. Então, Hannah, repreendeu-se a si mesma, querias estar em Langan e é onde estás. Por agora, tens de te contentar com isso. E não podes esperar que o Piet passe as noites todas contigo ou que te leve sempre a reboque para onde quer que vá.

Alguns dias antes, ele levava-a às obras e tinham passado lá a noite acampados. Ao fim do dia sentaram-se lado a lado na plataforma de observação semiacabada, voltada para o bebedouro que Piet criara a partir de uma nascente por baixo dos rochedos circundantes. Durante uma série de meses tinha espalhado ali sal para atrair os animais. Com o cair da noite, os primeiros antílopes-pongos tinham-se aproximado a medo. O macho era escuro e lúcido, com chifres retorcidos e uma bonita lista branca no peito. Nas luzes que Piet montara, alimentadas por um pequeno gerador, observaram a fêmea a segui-lo, avançando cautelosamente para a água, a sua pelagem avermelhada salpicada de branco, os olhos brilhantes na luz reflectida. Os visitantes seguintes foram javalis-africanos, dirigindo-se para o local numa fila ordenada, com as caudas levantadas a prumo como raízes aéreas. Piet e Hannah comeram a sua refeição simples e, incapazes de descolar da cena, agasalharam-se com camisolas e mantas contra o frio penetrante da noite. Passava da meia-noite quando chegaram os primeiros elefantes. Continuaram sentados em êxtase à luz das estrelas enquanto as enormes criaturas agitavam as orelhas e absorviam a água

pelas trombas, parecendo fantasmas gigantescos. Os membros mais novos da manada observaram os adultos e, em seguida, estenderam as suas trombas para sugar o sal, empurrando-se uns aos outros por brincadeira. Dois bebés ficaram protegidos entre as pernas dianteiras da mãe, espreitando para aprenderem com os membros mais aventureiros da família. Quando os búfalos apareceram, a resfolegar e a afastar-se uns aos outros para chafurdar na lama, Piet passou o braço pelos ombros da irmã, sussurrando-lhe ao ouvido:

— É fantástico — disse. — Os animais agora vêm todas as noites. Nunca devemos esquecer como somos privilegiados por termos tudo isto à nossa disposição. Temos de proteger o que temos, Han, por mais complicadas que as coisas se tornem, seja qual for o preço. É a nossa responsabilidade, a nossa herança e o nosso desafio preservar isto para as gerações vindouras.

— Eu sei — disse ela em voz baixa. — E quero ajudar-te em tudo o que puder.

— Já estás a ajudar imenso — disse ele. — Eu nunca arranjaría tempo para isto e para estar na fazenda e ainda tratar do serviço administrativo. Além disso, não é o meu forte, fazer contas, pagar facturas e manter a escrita em dia.

— Os três juntos endireitámos a trapalhada em que o pai deixou as finanças — disse Hannah. — Agora sabemos exactamente em que pé estamos. É por isso que gostava muito de passar todos os dias uma ou duas horas na fazenda. Conheço-a como as palmas das minhas mãos e não quero estar presa no escritório o tempo todo só porque tirei um curso comercial. Nem passar as tardes em casa a pontear-te os malditos calções. Quero ter um papel determinante aqui. Não sou só a tua irmã mais nova que fugiu.

Piet ficou em silêncio e ela percebeu que ele estava a ponderar qualquer coisa, a considerar qualquer coisa de importante que queria dizer.

— Que aconteceu realmente lá no sul, Han? — perguntou por fim. — Sei que me andas a esconder qualquer coisa.

Hannah mordeu os lábios e permaneceu muda na escuridão.

— Achas que alguma vez vão voltar? — perguntou ele. — Isto é, o pai nunca foi oficialmente acusado de nenhum crime, tanto quanto sei. A mãe

contou-me que ele esteve envolvido na morte de um combatente Mau-Mau capturado pela unidade dele. Mas passou-se o mesmo com milhares de outros homens no exército, na polícia e nas unidades especiais, tanto negros como brancos. Houve uma amnistia quando o estado de emergência foi levantado, não sei se sabes, e tudo foi esquecido. Consultei os registos do Regimento Real de Carabineiros Africanos, uma vez em Nairobi. Mas não consta lá nada de negativo acerca do pai. Porque é que ele continua então na Rodésia com todos esses agricultores tacanhos leais ao Ian Smith? Estão a viver sob um regime que ninguém fora do país reconhece, excepto os sul-africanos com a sua política de *apartheid*. E o pai não tem nada a ver com a luta deles. Devia voltar para casa.

— Não o quero cá — disse Hannah com uma expressão feroz. — Nunca mais quero vê-lo na vida.

— Hannah? — Piet virou-se para ela, chocado.

— É um bêbado. Um bêbado inútil, sanguinário e violento. Bateu-me e foi por isso que fugi. Provavelmente também bate na mãe e eu odeio-o. — Deu um murro na pedra.

Piet não falou durante algum tempo, tentando digerir o terrível choque que as palavras dela tinham causado. — Sinto muito — disse por fim. — Sinto muito. Não vou desculpá-lo, seja qual for o problema dele. Agora estás aqui, Han, e nós vamos continuar a trabalhar juntos e a olhar pela nossa terra, tu e eu.

Sozinha agora na sala de estar, Hannah sorriu à recordação dessa noite. Não houvera grandes mudanças e ela continuava submersa em papelada. De súbito pensou se Lars estaria em casa. Ao menos teria alguém com quem falar. Um porto de abrigo numa tempestade. Mwangi surgiu da zona da cozinha e lançou-lhe o seu radioso sorriso.

— É muito tarde — disse ele. — Quer que lhe traga uma bebida quente?

— Chá, Mwangi, por favor. E vai-te deitar. Viste o *bwana* Lars?

— Saiu para inspeccionar a vedação de baixo. Disse que estavam a aparecer *nyati* vindos do pântano. Disse que a menina ia ficar muito zangada se voltassem a pisar os seus legumes.

— Tem toda a razão. — Os búfalos eram uma ameaça quando entravam nas hortas e Piet tivera de abater um algumas semanas antes, depois de um milheiral pertencente a um dos *watu* ter sido destruído.

Hannah sentou-se à lareira. Pareceu-lhe sentir o aroma do tabaco de cachimbo do pai entranhado nos estofos, mas talvez fosse apenas a sua imaginação. Jan sentara-se ali muitas vezes para uma última cachimbada antes de se deitar. Debruçou-se e remexeu nas brasas. Tinha trazido as facturas mais urgentes do escritório mas talvez fosse melhor esperar pelo dia seguinte e analisá-las com Piet. Ele devia estar cansado quando chegasse e Anthony estaria com ele. Lars também viria provavelmente e questionava sempre as sugestões dela. Por vezes desejava ter a casa durante algum tempo só para ela e para Piet, sem a presença constante do enorme norueguês. Hannah quisera transferi-lo para a antiga casa dos caseiros, a alguns metros da casa principal. Mas eram necessárias algumas reparações e todo o dinheiro e mão-de-obra disponíveis estavam a ser canalizados para o *lodge*. Lars ocupava um dos quartos de hóspedes, comia com eles, aparecia em todo o lado, enchendo o espaço com a sua figura grande e desajeitada. Não, estava a ser injusta. Sabia perfeitamente que não podiam passar sem ele e sentia-se grata por Lars se ter metido no carro essa noite para proteger a sua horta das incursões dos búfalos. Era boa pessoa, com a sua voz profunda e segura e tiradas bem-humoradas que os faziam rir. Tinha havido recentemente uma noite em que se sentiam deprimidos e Piet tinha pegado no conhaque depois do jantar. Lars abrira-se e contara histórias da sua vida na Noruega. As suas descrições das pessoas excêntricas e obstinadas que constituíam a sua família e vizinhos ajudou-os a esquecer os seus próprios problemas e Hannah sentira-se fascinada com a ideia de viver num lugar onde estava sempre noite durante várias semanas do ano. Ele tinha, sem dúvida, o aspecto do *viking* típico, com a sua figura alta e magra, as feições curtidas e o cabelo louro ligeiramente comprido. Mas, por qualquer razão, não o imaginava numa expedição de pilhagem. Parecia demasiado educado para violações e saques. Preferia a sugestão de perigo que tornava um homem mais interessante.

Como Anthony. Hannah sempre pensara que ele tinha um lado felino — movimentos fluidos, um poder latente, uma sombra de calculismo e até ameaça nos olhos castanhos que estavam sempre a observar, não sabia o quê. E Viktor Szustak. Esse era verdadeiramente louco, com as suas gargalhadas estrondosas e desbragadas e as mãos a rasgar o ar em grandes gestos quando falava. Parecia mover-se como um furacão mesmo quando

não tinha pressa e os seus desenhos eram grandes e confusos quando tentava explicar uma ideia ou um conceito. Mas depois apresentava um conjunto de plantas que continham todos os pormenores, ponderados e marcados na folha por meio de traços e letras meticolosos. Não fazia ideia de como ele conseguia manter a mão estável para desenhar o que quer que fosse. Bebia doses industriais de *whisky*, vodka e *gin*, encorajando-a a experimentá-los todos. Recentemente, Hannah engasgara-se, borrifando-se toda com uma aguardente que ele trouxera de Nairobi, o que lhe recordou Sarah a engasgar-se com o xerez muitos anos antes. Mas Viktor emborcou a aguardente toda, começando a cantar e a soltar as suas gargalhadas loucas, e na manhã seguinte apresentou-se fresco e enérgico, armado com os lápis e os grandes cadernos de desenho, medindo tudo até ao último centímetro e incorporando as árvores e as rochas nos planos que transformariam o *lodge* deles no lugar mais belo do mundo.

O som de um veículo fê-la regressar ao presente. Lars surgiu à entrada com a espingarda ainda na mão.

— Afugentei um velho *nyati* das tuas hortalças — declarou. — Pelo menos, por agora. Só conseguiu levar umas couves.

— Obrigada, Lars — disse ela. — Queres um chá? O bule está cheio.

Ele sentou-se com uma chávena de chá, mexendo-a lentamente, absorto nos seus pensamentos. Depois levantou os olhos para ela. — No outro dia vi-te na vacaria — disse. — A falar com as vacas.

— Falo sempre com as vacas — disse Hannah. — Falo com elas desde o primeiro dia em que o meu pai me levou lá e me ensinou os nomes delas. Acho que tinha dois anos.

— Dá-me ideia que elas gostam — disse ele. — Do som da tua voz. É compreensível. Por isso tenho andado a pensar que talvez pudesses ficar com a vacaria a teu cargo. Se achares que tens tempo. Estás metida no escritório há demasiado tempo. Seria bom poder contar contigo para olhar pelo gado leiteiro. Pelos vistos, pouco tempo me sobra depois de tratar do trigo, das vedações e dos *watu* mas, se precisares de ajuda, nunca estou muito longe. Que dizes, Hannah?

— Queres que eu fique responsável pela leitaria?

— Sim.

— Aceito — disse ela, encantada. — Começo amanhã.

Estava à procura de mais qualquer coisa para dizer quando Piet chegou com Anthony. Os cães saltaram do *Land Rover* aos latidos e Hannah saiu despreocupadamente para os cumprimentar. Anthony estava iluminado pelas luzes dos faróis, com o chapéu do mato puxado para trás de maneira que Hannah distinguiu a marca do sol na cara dele por baixo da fita.

— Hannah! Há semanas que não te vejo. — Desligou a ignição e fechou o carro à chave. — Estás com óptimo aspecto. Mas nunca tive dúvidas que ias ser uma beldade.

— Ah, que galanteador — rindo-se para ele, afastou da cara a trança loura. — O Mwangi preparou-te um quarto. Já comeste? Vou mandar arranjar umas sanduíches e cerveja ou um *whisky*, talvez?

Pouco depois estavam sentados com um tabuleiro à lareira. A sala estava agora quente e aconchegante e Hannah, corada de prazer, ia passando as sanduíches e servindo as bebidas sob o olhar atento de Anthony. Estava muito mais magra do que quando partira para a Rodésia. Talvez fosse simplesmente por ter crescido. Era encantadora de um modo poderoso e terreno, com o cabelo farto dourado e olhos afastados, apesar de haver sombras indefinidas no seu olhar. Agradava-lhe o formato do queixo dela, que achava ao mesmo tempo encantador e provocante, mas possuía uma atitude defensiva que o levou a pensar que mágoa estaria a esconder. A irmã mais nova de Piet amadurecera, tornando-se uma mulher, e os seus comentários sobre o desenvolvimento do *lodge* denotavam perspicácia. Notou que Lars lançava olhares de apreciação na direcção dela, embora não recebesse em troca sorrisos nem olhadelas furtivas.

— Então quais são os teus planos? — perguntou-lhe Anthony. — Tencionas ficar em Langani ou voltar para a Rodésia para estudar?

— Nunca hei-de voltar a essa terra. Nunca.

Ficou surpreendido com a veemência da sua resposta. Piet estava completamente imóvel e instalou-se de súbito uma certa tensão. Anthony procurou mudar de assunto.

— Acabo de chegar de uma viagem promocional a Inglaterra e aos Estados Unidos. Estive com a Camilla em Londres. Está linda de morrer. E cheia de energia, a viver no centro da acção dessa cidade louca. Toda a gente a conhece. A fotografia dela aparece em todas as revistas e jornais. É incrível.

— O Piet e a Sarah estiveram com ela na Páscoa — disse Hannah. — É muito reticente, o meu irmão, sobre o tópico da Camilla. Nunca me falou muito desse fim-de-semana.

Anthony franziu a testa, mas Piet tinha-se levantado e estava a atizar o fogo, ignorando-os deliberadamente.

— Seja como for, discutimos a possibilidade de um safari de aniversário — disse Anthony. — Tenho uns dias livres por volta de finais de Agosto. Seríamos cinco ou seis com o Tim. Sugeri um acampamento na área de Samburu ou Shaba, onde não há turistas. O Lars certamente que é capaz de tomar conta da fazenda por uns dias.

— Não me falta prática nisso, não — Lars esboçou o seu sorriso afável.

— Não tive notícias da Camilla, excepto meia dúzia de postais. — A noite de Hannah estava recheada de surpresas.

— Bem, ela parecia segura de que estariam todos aqui. Chegámos a um acordo acerca do acampamento. Ela ocupa-se da comida, do vinho e de gasolina para os carros e eu arranjo as tendas e o pessoal. E ainda o excepcional presente de aniversário da minha própria pessoa como vosso guia de safari exclusivo. Piet, se leares um *Land Rover* com atrelado não precisamos de nenhuma camioneta. Espanta-me que a Camilla não tenha dito nada. Esperava que ela fosse a correr para o telefone.

— É um programa de sonho — observou Hannah, mas viu o irmão encolher os ombros e desviar os olhos. — Algum problema, Piet?

— Nada. — Voltou para o pequeno círculo em redor do fogo. — Ouve, Han, vocês planearam esta reunião para o vosso vigésimo primeiro aniversário e é uma ideia excelente. Pelos vistos, o Anthony organizou qualquer coisa com a Camilla e eu posso perfeitamente contribuir com o *Land Rover* e o atrelado. Mas acho que não lhes posso fazer companhia. Há muito que fazer aqui e eu quero ter as obras concluídas no final de Novembro para podermos abrir o *lodge* logo a seguir ao Natal.

— Mas tens de vir connosco! — Hannah estava consternada. — O Lars já disse que se arranja sozinho.

— Então, amigo — instigou-o Anthony. — Não podes deixar-me sozinho no mato com estas três sereias. Sabe-se lá o que me pode acontecer.

— Nunca temos oportunidade de fazer nada juntos, Piet, e são os meus vinte e um anos — Hannah estava a suplicar. — És a única pessoa da

minha família aqui. Quero que estejas connosco.

— Devias perceber quando estás batido, pá — disse Lars. — São só uns dias.

Hannah lançou-lhe um olhar de gratidão e depois virou-se para o irmão. Este respondeu com uma pergunta. — Tens a certeza de que a Camilla quer que eu vá?

— Claro que quer — Anthony olhou para ele, espantado. — E estava com esperança que o Tim Mackay também viesse se conseguisse uns dias de folga do hospital.

Piet assentiu. — Então quais são as datas?

— Fim de Agosto e princípio de Setembro. A Sarah só retoma as aulas em Outubro. Que dizes?

— Está bem, acho que sim — respondeu Piet.

— Então está combinado. — Hannah abraçou o irmão, com os olhos brilhantes de gratidão. — Obrigada, Piet... é a melhor ideia que alguma vez ouvi.

— Liga então à Camilla ou à Sarah amanhã. — Piet compreendeu que aquele safari era uma coisa que a irmã desejava ardentemente. Era demasiado nova para ter passado por tudo o que acontecera e estava a trabalhar duramente. Merecia uns dias de diversão. — Diz às duas que estamos ansiosos pelo fim de Agosto. Mas não passes meia hora a tagarelar ao telefone. É muito caro.

Quando finalmente se levantaram para deixar o fogo moribundo, Hannah esticou-se para beijar o irmão e ele esfregou-lhe o queixo áspero contra a face.

— Mais uma vez obrigada, Piet. Não imaginas como é importante para mim.

— Mereces. Tens trabalhado como uma escrava e, no fim de contas, não és má de todo. Para rapariga, digo eu.

Riu-se quando ela lhe deu um murro no peito e foi para o quarto a assobiar. Hannah ficou a vê-lo afastar-se, pensando nos meses que se avizinhavam com optimismo. Era bom que ele e Anthony estivessem a trabalhar juntos. Este era uma mina de informações e experiência e conhecia toda a gente no ramo turístico, tanto a nível nacional como internacional. Seria um sócio ideal e era um velho amigo. Haviam de ter sucesso. Ia correr tudo bem. E agora havia o reencontro em Agosto e o

aniversário dela em Setembro. Haveria muito que contar e partilhar. Ouviu o piar e chilrear dos noitibós no jardim e das relas a pontuar o grito distante das hienas e o relincho de alerta de uma zebra a fugir de um predador nocturno.

De madrugada, dirigiu-se para a vacaria, onde Lars estava à sua espera. Observaram as vacas a ser trazidas e percorreram juntos os estábulos, examinando e discutindo sobre cada uma, falando com o vaqueiro e os moços da vacaria encarregados da ordenha, e Lars explicou-lhes que ela seria doravante a responsável pela vacaria. O rosto de Hannah transbordava de prazer ao fazer a sua ronda, sentindo um orgulho enorme por lhe ser atribuído esse papel crucial. Depois de Anthony partir, Hannah retomou, com menos relutância do que antes, o trabalho administrativo. Estava a analisar compenetradamente uma factura que parecia excessiva quando Juma, o capataz, apareceu à porta.

— Está lá fora um homem — informou. — Quer falar consigo.

Hannah levantou os olhos do papel. — Quem é?

— Um jovem quicuio, *memsahib* Hannah. Tem uma carta da escola da missão de Kagumo.

— Kagumo? — Hannah ficou surpreendida. — Veio de longe, não veio? Que é que ele quer?

— Quer falar com o *bwana* Piet — esclareceu Juma.

— Ele não está — disse ela. — Foi ver o novilho que ficou com a perna presa na vedação ontem à noite. Diz ao homem que volte mais tarde.

Juma desapareceu de vista e Hannah ouviu o som de vozes nos degraus lá fora. Quando ele voltou, tinha na mão uma carta meticulosamente dobrada.

— Ele pede que leia isto — disse. — Está à espera.

Ela tirou-lhe a mensagem da mão estendida e leu-a rapidamente. Estava escrita numa letra esguia e fina de pessoa instruída.

*Escola de Kagumo
Kiganjo
Província Central*

A Quem Possa Interessar

Simon Githiri foi-nos confiado em criança, pois era órfão. Desde então tem sido criado e educado na Escola da Missão de Kagumo. Julgamos que tem cerca de vinte anos. Está agora à procura de trabalho. Tem-se revelado diligente, inteligente, honesto e ávido de aprender. Fala bem inglês, sabe ler e escrever e concluiu o ensino secundário e um curso básico de contabilidade. Reúne todas as condições para estagiar num escritório ou em qualquer outra função de carácter administrativo. Está igualmente preparado para realizar trabalhos domésticos ou agrícolas caso lhe sejam oferecidos. É um excelente arquivista e já tem alguma experiência como fiel de armazém. Durante a sua aprendizagem escolar, passou algum tempo na nossa escola agrícola, mondando e plantando a fim de pagar os estudos.

Creio que seria um trabalhador fiável e útil se lhe fosse dada uma oportunidade.

*Padre Carlo Caverde
Director*

A Missão de Kagumo ficava nas proximidades da cidade de Nyeri, no sopé da cordilheira de Aberdare. Era um extenso complexo gerido por padres italianos e Hannah recordou com um sorriso que era há muito conhecida como «o santo império romano» pelos europeus da região. Os Padres Missionários da Consolata tinham um hospital, escolas, um orfanato, um centro de formação agrícola e a reputação de formar alunos e trabalhadores competentes.

— Manda-o entrar, Juma, e eu decido se deve esperar ou não pelo *bwana* Piet.

O jovem era magro e esbelto, de estatura média e com uma pele muito negra. Estava vestido com calças lavadas e desbotadas, uma camisa de algodão axadrezada e usava sandálias feitas de velhos pneus de automóvel. Deteve-se respeitosamente à porta do escritório, de olhos baixos após uma rápida apreciação da pessoa que ia entrevistá-lo. Hannah indicou a carta de apresentação da Missão.

— Simon Githiri — disse ela. — Vejo pelas tuas referências que foste educado pelos padres em Kagumo.

— Sim, minha senhora. Deram-me uma boa instrução. — A sua voz era grave, o inglês bem pronunciado.

— Acham-te capaz de trabalhar num escritório. Seria de pensar que procurarias trabalho em Nyeri. É uma cidade activa e deve haver lá quem precise de pessoal. É muito mais próxima da tua terra.

— Não é a minha terra, minha senhora. — Encarou-a frontalmente.

— Fizeste uma longa viagem — observou Hannah. — Por que razão vieste procurar trabalho numa fazenda tão longe? Aqui não temos trabalho de escritório. Aliás, não sei se teremos qualquer trabalho.

— Um homem em Nanyuki disse-me esta manhã que o *bwana* de Langani estava a criar um centro de safaris. Disse-me que haveria trabalho nos safaris ou no hotel que está a ser construído. Gostaria de desempenhar esse tipo de funções. Sou um bom trabalhador.

Falava com clareza, pensou Hannah, as suas palavras eram calmas mas determinadas. Estava também bem informado. Ficava sempre admirada como as notícias se espalhavam depressa naquele país. Parecia que as pessoas obtinham informação do vento.

— Como chegaste aqui, Simon?

— Vim a pé — respondeu ele.

— Desde Nyeri? Quando partiste?

— Há dois dias, minha senhora.

Sessenta e cinco quilómetros em menos de quarenta e oito horas. Sabe Deus onde teria dormido mas estava limpo e não mostrava sinais de calor ou cansaço. Era forte, sem dúvida, e entusiástico também. Hannah bateu com a caneta na secretária, começando a conceber uma ideia. Voltou a ler a carta do padre Caverde e depois levantou-se.

— O Juma leva-te à cozinha para comeres qualquer coisa. O meu irmão chega à hora de almoço mas não sei se temos algum trabalho indicado para ti. O centro de safaris ainda não começou e o hotel vai ser muito pequeno.

Simon saiu com Juma e Hannah sentou-se a pensar. Podia ser o momento perfeito. Ainda no dia anterior tinham estado a falar em procurar gente para trabalhar no *lodge*. Piet estava particularmente interessado em

formar um assistente africano. Esperou com impaciência pelo regresso dele mas quando ele voltou com Lars estava preocupado.

— Temos problemas — Piet limpou a cara coberta de pó com um lenço.

— Fomos com o Kipchoge ver o novilho que ficou preso na vedação — disse Lars. — Está muito mal e numa fúria danada. Tem arame farpado à volta da perna e está num estado lastimoso. Limpámos a ferida mas a infecção é capaz de ter alastrado.

— Ficou preso no arame toda a noite a tentar libertar-se — explicou Piet. — Infelizmente o Juma só deu pela falta dele hoje ao fim da manhã. Liguei ao veterinário para vir dar uma vista de olhos.

— Pior ainda é que uma grande secção da vedação foi derrubada — disse Lars — e os búfalos conseguiram entrar nos pastos do lado de lá. Eu e o Piet achamos que alguém cortou o arame.

— Foi um bico-de-obra pôr a vedação outra vez de pé — disse Piet, aceitando uma caneca de cerveja fresca de Mwangi. — Levou-nos a manhã toda e ainda não está cem por cento segura. Podem ter sido os Masai para trazerem o gado a pastar livremente. Mas podem ser caçadores furtivos que querem usar as pastagens de baixo para chegar ao rio ou ao pântano. Anda por lá uma manada de elefantes, um ou dois com marfim de qualidade.

— Só nos faltava mais isto — disse Hannah, frustrada. — Há semanas que temos *watu* a limpar e a vedar essas pastagens. Se os arames são cortados e o nosso gado sai e as *ngombe* escanzeladas dos Masai entram, os nossos animais podem apanhar febre aftosa e sabe-se lá que mais. Para não falar do problema dos caçadores furtivos de elefantes.

— Exactamente — acenou Lars em concordância.

— O Juma devia ter dado pela falta do novilho ontem à noite — disse Piet num tom cansado.

— Não — disse Hannah —, o Juma não pode estar em toda a parte ao mesmo tempo. Ontem estive a ajudar-te no *lodge* até tu voltares com o Anthony. Estamos com falta de mão-de-obra, Piet. Ouvi o Lars falar contigo sobre o assunto recentemente, mas tu não lhe deste ouvidos. Nem a mim e ao que te ando a dizer há uma data de tempo. Precisamos dos nossos *watu* experientes na fazenda e não no estaleiro. Se os homens mais calejados forem trabalhar para as obras alguma coisa vai ficar por fazer.

— Mas eu preciso de ter a zona junto do bebedouro desobstruída e com sal se queremos criar uma área de observação permanente — protestou Piet. — E tenho de usar os trabalhadores rurais que temos agora nas obras. Não temos dinheiro para contratar operários de construção externos. É uma situação temporária até o *lodge* estar concluído.

— Eu sei, Piet. Mas em breve temos de arranjar pessoal para trabalhar no *lodge*. Preciso de começar a formá-lo já.

— Tens razão — concordou ele. — Tenho andado a adiar até ao último momento possível para pouparmos em salários. Mas não sei onde vamos arranjar...

— Acho que encontrei uma solução — interrompeu Hannah. — Tenho aqui uma coisa que precisas de ver. — Passou-lhe a carta de referências da missão sobre Simon Githiri. — Este rapaz anda à procura de trabalho e parece superior à média.

Piet leu a carta. — Esta missão forma gente competente — comentou. — Que achaste dele?

— Fala bem inglês e está ansioso por trabalhar. É alguém que podemos formar de base. Parece ambicioso e ter um certo *nguvu*. Fala tu com ele... vou mandar o Kamau trazê-lo aqui.

— Está bem. — Piet guardou a carta no bolso. — Lars, queres vir entrevistá-lo?

Piet avaliou Simon Githiri e gostou do que viu. O jovem quicuio olhou para ele com determinação, submetendo-se à inspecção sem dar sinais de nervosismo ou constrangimento. Respondeu a todas as perguntas que lhe foram feitas, tanto em suaíli como em inglês, explicando que aprendera os rudimentos da contabilidade e do trabalho administrativo na missão. Nas horas livres trabalhara no escritório da escola para ganhar algum dinheiro a fim de continuar os estudos. Os padres tinham-lhe proposto um lugar permanente.

— Gostava de trabalhar no centro de safaris — declarou. — Vi os turistas em Nyeri. Uma vez fui com a carrinha da lavandaria a Treetops e ouvi os guias de safari que fazem paragem na cidade falar dos parques nacionais.

— Não vamos organizar safaris a partir da fazenda — disse Piet. — Vamos criar um pequeno *lodge* para cerca de dez pessoas. Ainda não abriu

e vai demorar tempo até termos uma clientela regular. Se trabalhasses em Langani não ias andar em viagem.

— Compreendo. Mas não me importo de aprender a olhar pelos visitantes *wazungu* e falar-lhes do meu país. — Sorriu, um pouco hesitante. — Acho que podia dar um bom contributo aqui.

— Como foste parar a Kagumo? — quis saber Piet. — A minha irmã disse-me que não és desse distrito.

— Fui levado para lá por um parente. Os meus pais tinham morrido e eu era muito pequeno e estava doente. A minha família era demasiado pobre para ficar comigo e acharam que os padres me dariam de comer e de vestir e me tratariam e ensinariam a ser inteligente. Depois podia arranjar trabalho e ajudar a minha família. Mas depois de ser entregue em Kagumo, nunca mais voltei a ver nenhum dos meus familiares. Tornei-me forte e aprendi muitas coisas úteis e estou pronto a servi-lo como se fosse esta a minha família.

Simon calou-se. Tinha sido um longo discurso, proferido num inglês perfeito. Piet viu a sua testa suada do esforço de o proferir. Surpreendeu-se a admirar a coragem do rapaz e a sua honestidade. Não queria ser considerado simplesmente mais um órfão, criado por caridade. Este rapaz tem uma veia independente, pensou Piet. Pode vir a revelar-se um trabalhador valioso.

— Espera lá fora — disse ao jovem. Fechou a porta e olhou para Lars.

— É bom, hein? Não lhe falta *nguvu*, como disse a Hannah. Acho que devemos pô-lo à experiência.

— É, parece perfeitamente capaz. Mas tu não sabes nada sobre ele, para além do que está nessa carta. Acho melhor ligares primeiro para esse padre e confirmar a história. Como é que sabes que não fugiu com as referências de outro?

— Todos eles têm de andar com um *kipandi*, Lars, igual aos bilhetes de identidade que vocês têm na Europa. Não lhe adiantava de nada tentar impingir uma carta pertencente a outra pessoa. Vou admiti-lo contra um salário reduzido. Dar-lhe uma oportunidade. Que temos a perder?

Voltou a chamar Simon à sala. — Estou disposto a pôr-te à experiência, Simon, mas vais ter de trabalhar a sério. Dou-te de comer e dormir mas o teu salário vai ser baixo até eu decidir se te contrato permanentemente. Ficas três meses à experiência. E recebes ordens de mim ou de quem eu te

disser que é responsável. Entendido? Ótimo. Pois bem, tens o teu *kipandi*?

Simon apresentou o bilhete de identidade com o nome e impressão digital.

— Aí tens, Lars. Simon Githiri, o meu novo ajudante-de-campo. — Piet devolveu o bilhete a Simon e sorriu-lhe. — Vai lá então, Simon. Vai ter com o Juma, o capataz, que te trouxe aqui hoje de manhã. Deve estar nos celeiros e indica-te onde vais ficar. Depois do almoço vem ter comigo... daqui a uma hora. Depois vamos ao *lodge* ver o trabalho em curso.

— Obrigado. — Simon sorriu sem inibições e ainda estava a sorrir quando passou por Kamau que se encontrava no alpendre. O velho cozinheiro olhou para o recém-chegado e, apertando os lábios, emitiu um som de reprovação. Aquele estranho podia ficar com o emprego que ele queria para o filho David. Não era bom sinal. Bateu à porta do escritório e ficou à entrada enquanto Piet se levantava da secretária.

— Que estás aqui a fazer, meu velho? — perguntou Piet.

— A *memsahib* Hannah diz que o almoço está pronto daqui a dez minutos.

— Ótimo. Viste o rapaz que aqui esteve?

— Sim, *bwana*.

— Dei-lhe emprego. Vou ensiná-lo a trabalhar no centro de safaris. E tu tens de ensiná-lo a olhar pelo celeiro, a tratar dos mantimentos e das bebidas. — Piet pegou na chave do escritório mas Kamau, com uma expressão grave, não arredou pé. — Queres mais alguma coisa?

— Sim, *bwana*. Mais uma vez quero propor o meu filho para ser treinado. Para o ajudar.

— O David já trabalha na fazenda. Não posso dar-me ao luxo de o afastar do que ele está a fazer e ele não está preparado para o trabalho administrativo. Este Simon andou muito tempo na escola. Sabe trabalhar num escritório e tem conhecimentos de contabilidade. O David não sabe fazer essas coisas mas mais tarde havemos de lhe arranjar qualquer coisa. Acho que a *memsahib* Hannah tem ideias para ele. Vamos, Kamau, já falámos sobre este assunto e é uma velha *shauri* que não podemos resolver.

— O meu filho nasceu em Langani. É como família e o senhor pode confiar nele. Não é nenhum estranho. Pode ensinar-lhe tudo o que ele

precisar de saber.

— Talvez mais tarde quando o *lodge* abrir. Dentro de algumas semanas, prometo que voltamos a falar. Agora, *toroka* e diz à *memsahib* Hannah que estamos prontos para almoçar. — Observou Kamau a afastar-se, contrariado, e virou-se para Lars. — O filho é bom rapaz mas não tem instrução suficiente para trabalhar no escritório do *lodge*. A Hannah diz que ele ajuda o Kamau às vezes na cozinha e que é bastante competente. Talvez ela possa treiná-lo para cozinhar. Entretanto, acho que o Simon tem potencialidades. Há-de ser interessante ver no que ele dá.

— Entusiasmo tem ele — concordou Lars. — Fez um discurso e tanto sobre a perda da família.

— Um quicuío assim há-de ter sentido a falta da célula familiar. Afecta as suas perspectivas de casamento e todo o género de coisas. Perde o direito às terras tribais e há outras questões. Imagino que se sente mal por a família não ter mantido o contacto com ele. Mas provavelmente era tão pobre que achou que Kagumo era a melhor oportunidade que ele tinha. Há muitos órfãos que são entregues a esse género de missões e organizações de caridade. As famílias numerosas não têm meios para os sustentar e lhes dar um tecto. Como viste pela carta, nem sequer sabem que idade tem. Calculo que se calhar também não sabem o nome tribal dele. Seja como for, os padres parecem tê-lo em boa conta. Então... onde está o almoço? Precisamos de comer rapidamente antes que chegue o veterinário. — Levantou a voz. — Hannah, onde estás? Estamos com uma fome de lobo!

À tarde, ao voltar para a velha secretária de Jan, Hannah estava sorridente. As coisas estavam a avançar a bom ritmo em direcção a uma nova ordem. Piet tivera uma óptima ideia durante o café e ela estava ansiosa por dizer a Kamau que começaria a treinar o filho David como cozinheiro. Era um gesto importante para salvar a face e tencionava chamar pai e filho ao fim da tarde para lhes dar a notícia. Baixou-se para tirar uma pasta da gaveta quando ouviu uma pancada na porta. Lars estava no alpendre, o seu enorme arcaboço a bloquear a luz, e escolheu cuidadosamente as palavras.

— Esta tarde vou a Nanyuki — disse. — Pensei que talvez gostasses de vir comigo. Conheço uma pessoa que estampa e tinga à mão tecido com muita qualidade que talvez queiras usar para as cortinas do *lodge*. É uma

rapariga holandesa que vive às portas da cidade. Posso levar-te lá e depois podíamos ir ao clube jogar ténis e tomar uma bebida.

Ela compreendeu de imediato a sua proposta de colaboração e estímulo e, largando as pastas na secretária, pegou na carteita.

— Boa ideia — disse, sorrindo-lhe e enfiando-lhe a mão no braço. — Vamos às compras.

CAPÍTULO 11

Quénia, Agosto de 1965

Estavam felizes e despreocupadas, a boiar no mar. Sarah fechou os olhos contra um sol tórrido e incandescente e deixou-se acariciar por uma sucessão de pequenas ondas que lhe provocaram deliciosos arrepios. Era o último dia que passavam na costa e ela não queria que acabasse. Ouvia o sussurrar do vento nas casuarinas que orlavam a praia e o suave rumorejar das frondes das palmeiras que cercavam a pequena casa que tinham alugado. No dia seguinte, voariam para Nairobi onde Piet as esperava. Iam passar a noite no apartamento de George Broughton-Smith e daí seguiriam para Langani. Ela abriu um olho e olhou para a figura perfeita de Camilla, a flutuar a poucos metros de distância.

— Porque é que eu não tenho uma clavícula saliente e maçãs do rosto que criam sombras e formas na minha cara? — perguntou Sarah. Mas, no fundo, não se importava porque a sua pele estava bronzeada e o sol deixara-lhe reflexos alourados no cabelo e os céus cinzentos de Dublin estavam a milhares de quilómetros de distância. Tinha vivido as últimas duas semanas numa onda de euforia.

— És tão parva, Sarah. — Camilla virou-se na água e nadou lentamente para a areia, chamando por cima do ombro. — É melhor preparares-te para amanhã quando o grande homem sair do ninho para nos ir buscar. Estou morta por estar em Langani. E vamos conhecer o *viking* da Hannah.

— Ela diz que ele é um desses homens que pensam que uma mulher deve estar convenientemente ocupada na cozinha com uma ninhada de filhos de roda das saias. Ou a pontear-lhe as meias. Não a administrar fazendas. Acho que apenas o tolera.

Sarah preferia mil vezes discutir outra pessoa. Ajudava a mitigar o alvoroço da expectativa e do medo que sentia no peito. No dia seguinte, veria Piet, procuraria novos traços nele e saborearia aquilo que recordava.

Ele falaria com ela no africânder suave e musical que ela adorava e obrigá-lo-ia a contar-lhe todos os seus sonhos. O que quer que tivesse acontecido antes, seria maravilhoso passar tempo com ele. Hannah sabia agora de tudo, tinham acabado os segredos. Na sua primeira noite na costa, a tensão entre elas era palpável quando se sentaram a conversar depois do jantar. Por fim, Camilla abordou o assunto do fim-de-semana em Londres.

— Portei-me terrivelmente mal — disse ela a Hannah. — O que fiz ao Piet foi imperdoável. Foi um gesto impulsivo... uma reacção reflexa. Ele foi apanhado no fogo cruzado entre mim e a minha mãe. Pedi-lhe desculpa. Pedi a toda a gente. E só espero que já não esteja zangado comigo, embora tenha todo o direito de estar.

Hannah bebeu mais um gole de vinho e, quando respondeu, o seu tom era frio.

— Já sabes como é o Piet. Não me contou muita coisa mas relatou o essencial. Quem ficou zangada fui eu, não foi ele. Desculpou-te e não é uma pessoa rancorosa. Todos nós fazemos coisas estúpidas de vez em quando. — Acabou o vinho e levantou-se. — Amanhã a maré vaza é às dez. Podemos ir fazer *snorkelling* no recife se nos levantarmos relativamente cedo.

Sarah escutara a conversa em silêncio. Achou que Camilla tinha escapado sem grandes arranhões mas sim, agora estava tudo acabado. Piet ultrapassara a sua paixão de adolescente por Camilla e o choque obrigara-o a formar uma opinião diferente dela. Havia esperança portanto, pensou Sarah. E agora a própria Camilla estava apaixonada — espantosa e perdidamente apaixonada por Anthony Chapman. Tinha mesmo dormido com ele e mal conseguia dominar a impaciência por voltar a vê-lo. Ele andava num safari com clientes mas ia ter com eles a Langani. Entretanto, os dias na costa tinham sido gloriosos. Faziam quilómetros a pé à beira-mar todas as manhãs, dormiam de tarde, no auge do calor, faziam *snorkelling* nos jardins de coral na borda do recife, entre cardumes de minúsculos peixes de cores inacreditavelmente vivas, contornando o precipício onde peixes-cravo, barracudas e tubarões patrulhavam o cobalto de um mar mais profundo. De manhã cedo, sentavam-se no muro baixo de coral que cercava a casa de praia e observavam os pescadores a guiar as compridas canoas pelo mosaico dos baixios no interior do recife,

enrolando as velas de lona ao chegarem à praia, equilibrando os longos mastros nos ombros e estendendo as redes a secar nas areias brancas. Cegonhas e gaivotas juntavam-se à borda da água, disputando restos de peixe, e rapazes pequenos brincavam com réplicas de madeira dos barcos dos pais nas poças entre os rochedos. À sombra das palmeiras, as mulheres acendiam fogueiras para o peixe e coziam panelas ferventes de arroz que lhes proporcionaria o sustento do dia.

Ao pôr-do-sol, Sarah e Camilla sentavam-se no alpendre enquanto Hannah trabalhava na cozinha. Tinha levado consigo para a costa David, o cozinheiro estagiário, e estava a experimentar receitas para os futuros hóspedes do *lodge*.

— Vocês são coaias ideais — declarou. — Podem provar os cozinhados e dar-nos algumas ideias de como apresentar os pratos como se fosse em Londres ou Dublin.

Elas ofereciam uma análise crítica de cada prato que era servido. Camilla encontrou vinho aceitável numa loja indiana na aldeia e guardou-o no frigorífico a parafina. Pagou a um rapaz local para trepar às palmeiras circundantes e colher cocos verdes, cheios de suco doce ao qual acrescentava *gin* ou vodka para criar *cocktails*. Depois do jantar sentavam-se na praia e observavam a lua a elevar-se, pálida e misteriosa, sobre o oceano Índico.

Conversavam horas a fio sobre as circunstâncias que as haviam separado. Hannah falou da sua angústia por ter abandonado Lottie num lugar onde o pai não passava de mão-de-obra assalariada. Por fim admitiu a desagradável verdade da sua súbita partida da Rodésia e o apoio das amigas reconfortou-a. O tempo sararia a ferida, garantiram-lhe, e nessa altura seria capaz de perdoar. Sarah relatou a humilhação da experiência com Mike, a sua preocupação com a saúde do pai e a triste certeza de que os pais nunca mais regressariam à casa da sua infância em Mombaça. Camilla descreveu a sua devastação por ter sido rejeitada pela escola de arte dramática e tentou explicar a sua solidão em Londres apesar do êxito da carreira de modelo. Recolhiam à cama, bronzeadas e exultantes, embaladas pela música fluida e harmoniosa do mar no recife distante. Sentiam-se muito próximas, em sintonia umas com as outras, conscientes de que haviam resistido a um assalto que teria destruído um laço mais frágil. Mas a sua amizade renascera, reacendida e alimentada pela

tranquilidade do lugar e pelo vagaroso ritmo dos dias passados ao sol. Nada poderia agora separá-las.

George Broughton-Smith estava à espera delas no aeroporto de Nairobi e levou-as para o seu apartamento. Mal tinham tomado banho e se tinham vestido quando Sarah ouviu a campainha, a que se seguiu o som de vozes e de gelo a tilintar em copos. Tentou acalmar-se, colocando-se diante do espelho da casa de banho e contando até dez, agarrada ao rebordo do lavatório. Ao entrar na sala de estar percebeu que Piet lhe estava a dizer qualquer coisa, mas mal conseguiu ouvir a sua voz com o bater violento do seu coração. Quando ele se inclinou e a beijou na face sentiu tonturas ainda antes de levantar o copo. Quando Camilla apareceu e olhou para Piet do outro lado da sala houve um momento de constrangimento, mas ele não deu sinais de guardar qualquer rancor. Ninguém mencionou Marina, nem Jan e Lottie no seu exílio auto-imposto. Mas a saúde de Raphael Mackay e o seu futuro causaram genuína preocupação.

— Há outras áreas no Quênia onde o risco de malária é mínimo — disse George. — Eu sei que o teu pai sempre quis viver na costa mas o interior não é assim tão mau como isso. Seria pena ele nunca mais voltar. Deu um contributo enorme a este país e a sua experiência é inestimável.

No New Stanley Grill comeram ostras de Mombaça e borrego das terras altas e dançaram à vez com George, que parecia totalmente à vontade, mais amigoso e acessível do que Sarah recordava. Talvez fosse porque eram mais velhas e ele se sentisse agora confortável na companhia delas. Velhos amigos e conhecidos acercavam-se da mesa deles, convidando-as para dançar e cumulando-as de elogios e de histórias terrivelmente exageradas do mato e dos escândalos na cidade. Era como se nunca se tivessem ausentado. Sarah sentia-se tonta de tanto beber e rir quando Piet finalmente a convidou para dançar. Por uns momentos, teve uma sensação de *déjà vu*, uma visão dele em Londres quando Marina estragara tudo. Mas desta vez havia unicamente a intimidade com ele, o som da sua respiração, o odor da sua pele e a sensação dos dedos dele na sua mão. Mais tarde, no apartamento, depois de desejarem boa-noite uns aos outros, ouviu-o preparar a cama no sofá e o seu corpo alvoroçou-se de desejo por ele enquanto se virava e mexia na cama, acabando por sucumbir a um sono inquieto.

Camilla ficou acordada até tarde com o pai, na pequena varanda com vista sobre as luzes da cidade.

— Gostas então deste trabalho, papá? Gostas mesmo?

— Gosto. Mas já começa a ser frustrante o choque entre os interesses ligados à conservação e a exigência de mais terras de lavoura e pastos. A política do Quênia é diabólica. Há pressões internacionais para salvar a caça, os conselhos locais estão desesperados para deitar a mão a fundos e há responsáveis corruptos que querem desviar dinheiro para comprar automóveis e mulheres. E nós temos uma horda de cientistas e investigadores entusiásticos que andam por todos os parques nacionais e reservas de caça com uma série de teorias, em larga medida por provar, sobre o que deve ser feito. É um *cocktail* potente que pode fazer-nos ir pelos ares se não o manusearmos com cuidado. Mas gosto do desafio, sim. Conto passar cá mais tempo. Acho que a tua mãe é até capaz de dar cá um salto.

— Estive com ela antes de partir. Não sei porquê, mas achei-a diferente. Calma, quase. Pareceu-me muito estranha.

— Gosta da pequena casa em Burford e anda ocupada a decorá-la — disse George. — Faz-lhe bem. Provavelmente disse-te que não se tem sentido muito bem. Cansada e anémica. Mas consultou um especialista e a medicação deve resolver o problema. Vai para o campo sempre que quer. Repousar sozinha ou com alguns amigos. No meu antigo lugar nunca teria podido oferecer-lhe uma segunda casa. Essa é uma vantagem imediata. Era bom se pudesses lá ir passar um fim-de-semana, Camilla.

— Talvez quando estiveres em casa da próxima vez. Podíamos ir juntos. — Camilla perguntou-se que género de amigos a mãe convidaria para o refúgio de Cotswold. Não queria dizer liminarmente que não ao pai.

— Eu digo-lhe — disse ele. — Falo com ela ao telefone uma ou duas vezes por semana quando estou fora.

— Porquê, papá?

— Porquê o quê?

— Porque lhe estás sempre a telefonar? Porque continuas assim, a viver com ela?

— Um dia havemos de falar sobre isso, querida, mas não esta noite — respondeu. — Vamo-nos deitar. Passámos um serão maravilhoso e eu fico encantado por te ver com os teus amigos. São jovens estupendos.

— Não, espera. Fica mais um bocadinho. Tenho uma coisa para te contar. Apaixonei-me, papá. Não por um rapaz convenientemente bem-nascido de Belgravia ou do Sussex nem por um banqueiro rico da City. Apaixonei-me pelo Anthony Chapman. — Subitamente Camilla sentiu-se inibida e procurou disfarçar o desconforto com uma gargalhada. — Um galago de Nairobi. A mãe não sabe. Ainda tinha um ataque.

— Oh, minha querida filha. Por isso estás tão bonita, a respirar felicidade. Logo vi que havia qualquer coisa, mas estupidamente não percebi o que era. Onde está então o teu rapaz? Gosto bastante dele, a propósito.

— Conhece-lo? — Camilla ficou surpreendida.

— Já me cruzei com ele numa ou noutra reunião de organizações de conservação. É um ambientalista equilibrado e dedicado, sem ser sentimental. Tem uma boa cabeça e muita coragem. Não tem medo de nada e é muito determinado. Esteve na costa contigo?

— Anda em safari mas vai-nos buscar a Langani e depois vamos viajar para norte para o acampamento que ele está a preparar para nós em Samburu. — Sentiu uma ponta de mágoa por ele ainda não lhe ter telefonado ou arranjado maneira de lhe enviar uma mensagem nas duas semanas desde a sua chegada. É certo que andava no mato, mas quando se transferia de um acampamento para outro levava sempre os clientes a um hotel ou a um *lodge* onde era de certeza possível comunicar. Pôs de lado aquela sensação de desapontamento. — Imagino que hás-de estar com ele no fim do nosso safari se ainda estiveres em Nairobi. — Inclinou-se para beijar o pai e despentear-lhe o cabelo. — Boa-noite, papá. Adoro-te.

Partiram cedo para Langani, conduzindo ao longo da vedação que limitava o Parque Nacional de Nairobi, onde rinocerontes e leões contemplavam agora a silhueta de edifícios altos que formavam o horizonte irregular da cidade. O trajecto para norte levou-os através do verde brilhante das plantações de café em socacos e do terreno vermelho íngreme onde os quicuios labutavam num solo profundo e fértil. Ao longo da estrada, havia barracas de madeira com cachos pendurados de bananas verdes e perfeitas pirâmides de mangas, laranjas e tomates. Passaram por mulheres carregadas com feixes de lenha ou com bidões de metal com água à cabeça, bamboleando-se por caminhos estreitos que desapareciam num emaranhado de vegetação. Era domingo de manhã. As pessoas saíam

das pequenas igrejas das missões, os seus cânticos religiosos entrando pelas janelas abertas do carro. Os Aberdare erguiam-se numa neblina azul por sobre uma estrutura de floresta verdejante e bananeiras de folhagem rasgada pelo vento. Uma catarata jorrava ruidosamente de uma fissura estreita na encosta, tornando-se num rio vagorosamente sinuoso que fluía pelo vale em baixo. Havia tabuleiros com grãos de café a secar ao sol da manhã e a estrada corria à sombra de tulipas-de-áfrica carregadas de uma floração escarlata e de cássias submersas numa cascata de flores amarelas. Enquanto subiam, as árvores estendiam ramos despídos cobertos com véus de barbas-de-velho e o cume do monte Quénia elevava-se diante deles, brilhante e mágico à distância.

Quando transpuseram o portão da fazenda, caíram de súbito em silêncio e, ao apearem-se do carro, abraçaram-se umas às outras, as lágrimas turvando a sua primeira visão da velha casa de pedra onde uma profusa madressilva ainda cobria a chaminé. Mais uma vez Camilla ficou impressionada com o relvado de Lottie e o ténue limite formado pela sebe aparada que separava a propriedade e o jardim da extensão de savana selvagem e aberta. Foi a primeira a apertar a mão a Lars Olsen. Apesar do tamanho e do seu ar de calma autoridade, parecia pouco à vontade entre as amigas de Hannah e pouco depois desapareceu a pretexto de organizar a bagagem delas.

— Não há nada que tenha mais importância para mim em todo o mundo do que a vista que temos neste momento — disse Camilla, virando-se para Piet. — Obrigada por nos teres trazido de novo aqui. Mil vezes obrigada.

O jantar nessa primeira noite foi sereno. A alegria da chegada foi moderada pela ausência de Jan e Lottie. Tinham sido profundas as mudanças desde a última vez que ali haviam jantado. Sentaram-se à lareira até altas horas da noite, relutantes em recolher aos quartos com as suas recordações e sentido de perda, ansiosos por recuperar o prazer simples e despreocupado dos dias na costa.

— São horas de deitar. De manhã partimos muito cedo — disse Piet finalmente. — Eu e o Lars vamos levá-las ao centro de observação. Está quase terminado e a Hannah está a fazer um trabalho fantástico, a confeccionar colchas, almofadas e cortinas para os quartos. Vamos lá servir o jantar pela primeira vez. Sarah, estou ansioso que vejas o projecto.

Sarah não teve a certeza se ele a mencionara deliberadamente, se as suas palavras tinham algum significado em especial. Mas guardou-as no coração.

— Aliás — continuou ele —, ia perguntar-te se querias acompanhar-me a cavalo... demora a manhã toda mas somos capazes de avistar alguma caça pelo caminho. Tenho andado a pensar em safaris a cavalo na área para pessoas que possam estar interessadas. Alguma das senhoras quer fazer a expedição?

— Estive fora mais de duas semanas e preciso de verificar o celeiro e um monte de papelada — disse Hannah, um pouco depressa de mais. — A Camilla vai ajudar-me. Vai levar-nos a manhã toda.

— Então o Lars pode levá-las à tarde quando acabar o que tiver a fazer. Eu levo o Simon. Ele ainda não é muito bom a montar e precisa de prática. O Kipchoge também vem para seguir a pista de alguma caça e olhar pelos cavalos quando lá chegarmos. Achas bem, Sarah?

— Vou levar a máquina fotográfica — disse ela. Passariam o dia inteiro juntos. Não havia nada que ela mais desejasse.

No quarto que sempre tinham partilhado, Camilla permaneceu acordada, perscrutando a escuridão e os pontinhos de luz das estrelas do outro lado das janelas. Pela primeira vez desde que saíra da escola, rezou uma oração silenciosa, desejando que Sarah fosse feliz e que Hannah descobrisse um caminho no meio da mágoa e das mudanças por que passara com tanta coragem. Faltavam agora poucas horas para a chegada de Anthony e Camilla sentiu um aperto no coração e uma excitação violenta à ideia de tocá-lo, de beijá-lo, de fazer amor com ele e, mais tarde, de ouvir a sua respiração durante o sono. Ficou deitada sem falar com Sarah porque não havia necessidade de palavras. Estavam de volta a Langani e tudo aquilo com que haviam sonhado durante os anos de ausência parecia mais uma vez possível.

Sabia agora que a sua verdadeira pátria não era nenhuma das grandes cidades da Europa. Não era preciso estar em Londres. Obtivera sucesso com naturalidade e a uma velocidade estonteante e apercebia-se de que era frívolo, de que corroera o seu espírito. Experimentara as cidades vibrantes e o esplendor das luzes, vira o que tinham para oferecer, muitas vezes através de uma névoa hipnótica de fumo adocicado ou do fundo de um copo de *cocktail*. Era famosa, lisonjeada e apaparicada onde quer que

fosse. O fascínio de uma carreira de actriz esbatera-se com o advento de uma fama facilmente adquirida e agora estava pronta a tomar outro rumo, longe de tudo isso. Ainda não determinara como podia ficar no Quénia nem o que poderia fazer, mas haveria tempo para isso quando estivesse com Anthony. Haveria tempo para tudo o que realmente importava. Entretanto, era melhor ter uma boa noite de sono senão estaria com um aspecto horrível de manhã.

Quando a alvorada encheu o quarto de uma luz de açafrão, já estavam acordadas. Na linha do horizonte, elevava-se a montanha, ativa e silenciosa, de contornos escuros e esbatendo-se e recuando numa neblina azul à medida que o sol se ia elevando na vasta imensidão do céu africano. Mwangi serviu-lhes papaia e limas sumarentas, seguidas de café fresco e tigelas fumegantes de papa a boiar em natas espessas da vacaria de Hannah.

— Acreditem, estas vacas têm produzido mais leite e melhores natas do que nunca desde que comecei a ocupar-me da vacaria — disse Hannah com orgulho. — É verdade, não é, Lars?

— É qualquer coisa que ela lhes diz — Lars sorriu tristemente. — Acho que não falam muito bem norueguês e eu não falo muito bem africânder. Mas sou capaz de escorraçar os grou-coroados para não calcarem o trigo quando começam as suas danças de acasalamento. E conheço as palavras certas para afugentar um búfalo. Sou capaz de praguejar em quicuio e também em masai a esses estupores que não param de nos roubar o arame das vedações.

— Quem é esse Simon? O Piet falou nele ontem à noite. — Camilla serviu-se de outra tigela de papa. — Aproveito para explicar que preciso disto para me recompor do choque de me levantar a esta hora.

— Na tua próxima sessão fotográfica vais precisar de vestir um número acima — observou Sarah.

— Que interessa? — Camilla acenou com a colher. — Quanto mais natas e açúcar, melhor. E *bacon* e ovos e torradas e uma cerveja fresca antes do almoço. Ah, e o chá da tarde, claro, com mel das tuas abelhas, Han. E então esse Simon?

— É um jovem quicuio que contratámos — disse Piet. — Vai dar jeito no *lodge* quando abrir. Vai ficar responsável pela recepção. Debaixo do olho de lince da Hannah, já se sabe. Mas está a fazer progressos.

— Mas não te entusiasmes de mais com esse rapaz, Piet — advertiu Hannah. — Vês sempre o melhor das pessoas, mas às vezes precisas de olhar com mais atenção. Não podes ceder um milímetro com nenhum deles. Sobretudo nos dias que correm. Olha para o velho Kamau. É cozinheiro em Langani há mais de vinte e cinco anos e faz parte da família. Mas continua aborrecido por teres dado ao Simon o emprego que ele queria para o filho. Apesar de eu estar a formar o David para ser cozinheiro. O Kamau é incapaz de se compenetrar disso e anda amuado há semanas.

— Mas as coisas não estão diferentes desde a Independência? — perguntou Sarah. — Quer dizer, os africanos têm mais oportunidades do que alguma vez tiveram de receber formação para todo o tipo de empregos. Não precisam de se resignar a serem criados e moços de *shamba* e *ayahs* toda a vida. Agora podem gerir negócios ou trabalhar como administradores na indústria turística ou possuir fazendas como Langani. — Olhou em redor da mesa e ficou surpreendida ao ver Hannah pousar o guardanapo com evidente irritação.

— Isso é o tipo de coisa que se ouve de ingênuos que acabam de chegar aqui e não fazem ideia de como os africanos pensam — disse ela. — Os nativos estão a marimbar-se para as terras de cultivo e para a sua preservação. Olha para o que aconteceu ao Piet no princípio deste ano... deixou uns masai trazer algum gado para pastar durante a seca. Quando demos por nós, tinham-nos enchido as pastagens com dez *rafikis* e milhares de *ngombes* descarnadas e doentes e de ovelhas e cabras. Piet teve de lutar como um doido para se livrar deles e alguns ameaçaram-no. Foi a paga que recebeu pela sua bondade. É o que eles sabem de fazendas e da preservação da terra.

— Mas que teria acontecido ao seu gado se não pudessem vir para aqui? — perguntou Sarah. — Não tinha morrido à fome e originado outra série de problemas?

— Seja como for, eles criaram um problema permanente — ripostou Hannah, zangada. — Os Masai são astutos e gananciosos. Têm gado a mais para os pastos disponíveis e não estão preparados para se separar de um animal que é só pele e osso para impedir que a terra se transforme num maldito deserto.

— As pessoas têm visões românticas de magníficos guerreiros masai com lanças que matam um leão de tempos a tempos para provar a sua virilidade — disse Piet. — Mas não compreendem muito bem o conflito que fermenta a respeito do uso da terra. As invejas tribais estão a causar problemas sérios. Não somos só nós, os brancos, que têm de encarar as coisas de forma diferente... os africanos têm de fazer o mesmo. E isso vai levar muito tempo.

— Queriam ser independentes e são — disse Hannah num tom desdenhoso. — Agora têm de descobrir que a situação deles na realidade não se alterou.

— Temos de educar as pessoas na gestão da terra — declarou Piet. — Antes da *Uhuru*, os políticos prometeram a toda a gente que depois da Independência lhes seriam distribuídas terras, fazendas, casas e carros. E o *wananchi* normal acreditou. Mas é claro que a vida das pessoas não é melhor agora do que quando os britânicos mandavam e, em resultado, há ressentimento em muitos quadrantes. Por isso, o novo governo tem medo de falar em respeito pela propriedade alheia.

— Mas quer nos agrade ou não agora é o país deles.

— E também é o meu país — contrapôs Hannah. — Nasci aqui e o meu pai também. Temos o mesmo direito de decidir como administrar a nossa terra.

— Não caias na armadilha de simplificar de mais, Sarah — disse Lars. — A Hannah está aqui a fazer coisas estupendas, a formar gente nova como o David, por exemplo. Ter grandes manadas de gado dos masai a quebrar as vedações e a transformar as pastagens em poeira não ajuda ninguém.

— Exactamente — concordou Piet, dando um murro na mesa. — Não é assim que este sítio sobrevive.

— Não há nenhuma fórmula para lidar com a mudança — disse Lars. — Toda a gente tem direito a uma opinião própria e não vamos resolver o problema ao pequeno-almoço. Devemos esquecer tudo o que se prenda com política por agora e acabar o café.

Hannah ficou grata pelo apoio dele, pelo elogio dos seus esforços. E ficou ressentida com os comentários de Sarah. Nenhuma das amigas podia saber como tinha trabalhado duramente nos últimos três meses e também não lhes tinha falado da ameaça financeira que ainda pairava sobre o

futuro de Langani. Olhou para Lars do outro lado da mesa e sorriu, apercebendo-se da sua sensatez. Sarah já estava arrependida das suas observações provocadoras. Achava que Hannah começava a mostrar-se inflexível, mas talvez a separação da família fosse a verdadeira causa. Levantou os olhos e viu Camilla a observá-la com simpatia divertida.

— Sempre falei de mais e só disse asneiras, Han. — Sarah levantou-se e, contornando a mesa, foi abraçar a amiga. — No fundo, não faço ideia do que estou a dizer. Desculpa.

— E eu tornei-me uma mandona do pior. Tenho de lutar com todas as minhas forças para sobreviver aqui.

— Ela não é nada mandona — disse Piet, olhando para Sarah. — A Hannah é uma jóia. A solidão aqui pode ser terrível e ela trabalha arduamente. Não leves a peito se ela às vezes precisa de desabafar.

— Bem, uma coisa é certa, os lacticínios da Hannah são ótimos — opinou Camilla, barrando a torrada com uma espessa camada de manteiga.

— Nunca vi ninguém tão magro a devorar um pequeno-almoço tão substancial. Despacha-te, Camilla. — Hannah sentia-se embaraçada, ansiosa por pôr o incidente para trás das costas. — Tenho muito que fazer e tu devias supostamente ajudar-me. Piet, os cavalos estão prontos e o Kipchoge está à espera.

Apesar dos dois africanos a trotar um pouco atrás, Sarah tinha Piet só para ela. Percorreu-a uma onda de felicidade quando ele começou a conversar sobre tudo o que esperava realizar, descrevendo não apenas o *lodge* mas os pormenores do seu plano para transformar uma parte da fazenda numa área de conservação.

— Peço desculpa por ter falado a despropósito ao pequeno-almoço — disse Sarah. — Tenho a certeza que vais fazer uma coisa maravilhosa por este país. És uma pessoa excepcional, Piet, e os teus trabalhadores são uns felizardos. Mas parece que os europeus, na sua maioria, continuam a pensar que os africanos são inferiores e preguiçosos e incapazes de gerir um país democrático. Li o livro do Jomo Kenyatta, *Facing Mount Kenya*. Fez-me compreender que tinham um sistema tribal implantado e nós entrámos simplesmente por aqui dentro e mudámo-lo para nossa conveniência. Assim sendo, porque se há-de esperar que os africanos

aceitem um conjunto de leis que lhes são totalmente estranhas sem se revoltarem?

Piet parou o cavalo e olhou severamente para Sarah. — Ora, Sarah, também li o livro do Kenyatta. Até a Hannah leu. Mas não estás certamente a dizer-me que a insurreição dos Mau-Mau foi justificada. Esses cabrões torturaram e assassinaram milhares de pessoas de uma forma bárbara. Na maioria, africanos inocentes da sua própria tribo. Não podes estar a dizer-me que sentes compaixão por eles. Que tinham o direito de fazer isso.

— Não. Não, claro que não — Sarah ficou perturbada. — Os Mau-Mau foram absolutamente selvagens com os juramentos e os massacres. Mas acho que não existe nenhuma revolução no mundo que não tenha degenerado num banho de sangue antes de se tornar respeitável. E do mesmo modo o Kenyatta tornou-se um estadista eminentemente respeitável. Não é verdade? É uma velha raposa.

— E educado na Grã-Bretanha! — Piet atirou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada. — Ensinado pelos mesmos homens que voltou para desafiar. Mas há africanos que foram mandados para fora, que frequentaram o mesmo género de aulas e prelecções e que na maioria se tornaram demagogos. Voltaram para cá e usaram a sua educação para lançar as bases de um poder pessoal e estão-se nas tintas se desestabilizarem o país ou destruírem as relações entre os negros e os brancos. Não estão interessados em trabalhar em conjunto num espírito de *Harambee*. Neste caso, nenhum lado é inteiramente bom nem inteiramente mau.

— Tens razão — disse Sarah. — Na Irlanda não é diferente, com a terrível situação entre o norte e o sul.

— Suponho que não. E quando o Kenyatta descreve os reinos tribais perfeitos do passado, podes ter a certeza absoluta que está a omitir algumas verdades desconfortáveis como a desonestidade, o crime e o suborno. Nenhuma sociedade está livre disso a não ser que acredites numa em que as pessoas vestem de branco, têm asas e passam o dia a tocar harpa.

— Suponho que vejo as coisas demasiado perfeitas e imagino que podem ser assim na realidade. — O sorriso de Sarah foi contrito. — É assim tão mau?

Ele cobriu a mão dela com a sua, olhando para ela com uma solenidade fingida. — Adoro a tua visão pura e sadia, Sarah Mackay — declarou. — Agarra-te aos teus ideais, rapariga, e à tua fé na raça humana. Vês sempre muito mais longe do que os outros. — Estendeu a mão para lhe prender uma madeixa de cabelo solta atrás da orelha. — É por isso que quero que sejas a primeira a visitar o meu *lodge*. Está quase concluído. Eu e o Lars temos trabalhado nele como negros. Desculpa... como escravos. Melhor assim? Ou pior?

Estava rir-se e ela teria feito coro com ele mas estava com dificuldade em respirar. A sua mão na face dela e os seus olhos sorridentes causaram-lhe uma sensação de desfalecimento e teve medo de não conseguir articular as palavras.

— Pois bem, em primeiro lugar, vais dizer-me o que vês. — Piet parecia não ter reparado no silêncio dela. — És a minha profetiza, Sarah. A minha vidente pessoal. Sei que amas esta terra e compreendes no que quero transformá-la.

Sarah pegou-lhe na mão e encostou-a à face, fechando os olhos por um segundo, imaginando-se a descer do cavalo para os braços dele. Pensou como era possível que ele compreendesse o que ela sentia por aquela terra sem pressentir o amor que tinha por ele.

— Sarah? Estás bem? — Piet ficou aliviado quando Sarah abriu repentinamente os olhos, respondendo à sua apreensão. — Por um momento pensei que ias desmaiar. É do sol?

Ela sentiu assomar-lhe à cara o rubor que a denunciaria e arrebanhando as rédeas fez um esforço para se rir. — Claro que não. Estava a tentar imitar uma vidente, a perscrutar o teu futuro.

— E que é que viste?

— Que estavas prestes a perder uma corrida até àquele *kopje* além, Piet van der Beer.

Esporeou o cavalo, arrancando num galope desenfreado, e distanciou-se dele. Piet gritou-lhe qualquer coisa nas costas mas a sua face ainda ardia do contacto dele na sua pele e só conseguia ouvir a deslocação do vento e a pulsação descompassada do seu coração. Esperaram por Kipchoge e Simon no *kopje*, bebendo água de um cantil que Sarah tirou do alforge.

— Toma — disse ela, sorrindo e estendendo-o a Piet. Queria que ele fosse o primeiro a beber para poder levar o cantil à boca a seguir e tocar

com os lábios o ponto por onde ele bebera, sentindo o gosto dele na água. Viu-o sorver grandes tragos e limpar depois a boca com as costas da mão. Quando lhe devolveu o cantil, ela deixou que os dedos lhe roçassem a mão mas ele baixou-se para ajustar o estribo, indiferente ao seu contacto.

— A *memsahib* Sarah sabe cavalgar muito bem — disse Simon que chegara com Kipchoge.

— A *memsahib* Sarah pertence a uma tribo louca chamada Irlandeses, Simon. É um povo muito selvagem no que toca à cavalaria — disse Piet, sorrindo a Sarah. — O Simon só começou a montar quando veio para cá. O Kipchoge está a ensinar-lhe. Tem feito grandes progressos, não achas?

— Tenho-me aplicado a montar estes cavalos. — O jovem quicuio sorriu, o rosto iluminando-se de prazer com o elogio de Piet. — Mas ainda não sou capaz de cavalgar como a menina. Talvez se viesse um leão atrás de mim, não me importasse de galopar tão depressa.

— Portaste-te muito bem — disse Sarah. Ouviu Kipchoge produzir um som que não era claramente lisonjeiro e, virando-se na sela, viu-o cuspir e desviar os olhos. — Talvez te possa ensinar a sentares-te mais confortavelmente no cavalo. Podes controlar melhor a montada assim — disse ela a Simon.

— O Simon tem muito trabalho para fazer — atalhou energicamente Piet e o rapaz recuou de imediato uns passos para se juntar a Kipchoge.

— Voltei a asneirar? — perguntou Sarah.

— Não, mas já sabes como é o Kipchoge. Está comigo desde que éramos *totos*. Não compreende porque é que contratei este rapaz ignorante, saído da missão, e tem ciúmes. O Simon tem de dar provas e eu não quero dar-lhe qualquer tratamento especial. Caso contrário, ainda lhe leva mais tempo a ser aceite aqui.

— E que é que ele sente em relação a isso? — quis saber Sarah.

Piet encolheu os ombros. — Não sei. Como qualquer pessoa que começa num novo emprego onde toda a gente se conhece há muitos anos. Precisa de aguentar firme mais algum tempo. Mais nada.

Uma hora mais tarde, chegaram a um lugar onde o terreno se elevava, da base de arbustos espinhosos e da curva atrás da floresta ribeirinha, num monte de enormes pedregulhos. Ao aproximarem-se, Sarah divisou construções incorporadas na encosta mas que tinham sido inteligentemente posicionadas para seguir os contornos naturais do relevo.

Eram abertas à frente, com alpendres fundos, e os telhados salientes estavam cobertos com colmo. Do edifício principal projectava-se uma plataforma de observação com vista sobre um bebedouro e o terreno enlameado estava entrecruzado por rastos de animais e sal espalhado, branco contra o solo vermelho. As divisões tinham sido criadas com adobe e os caixilhos das portas e das janelas estavam pintados de cores terrosas. Em vários pontos as pedras constituíam as paredes das salas. Todo o complexo se fundia com a paisagem de modo que à distância era quase impossível distinguir os edifícios. Sarah admirou a construção, extasiada.

— Piet! É um conceito brilhante. Completamente diferente dos principais locais turísticos. Quem projectou?

— A ideia foi minha. Queria que fosse uma construção natural. Mas descobri um arquitecto polaco louco, chamado Viktor Szustak, que me ajudou. Julga-se um poeta, bebe litros de qualquer bebida alcoólica disponível e é um génio absoluto com um lápis, umas folhas de papel e um novelo de fio. Foi assim que mediu tudo. Nunca o vi com uma fita métrica. Disse-lhe o que queria, que ambiente devia ter. Depois ele veio para aqui e acampou durante uns dias, estudando a direcção do vento, a forma como o sol incidia no *kopje* a diferentes horas do dia, como as sombras se projectavam, onde era mais fresco à tarde. Começou por desenhar tudo no chão com um pau, marcou os traços todos com o fio e começou a construir. Fez desenhos do aspecto que cada área devia ter, a envolver a rocha e os troncos das árvores. Imagens lindíssimas que podiam ser apresentadas numa exposição de arte. Não tinham nada de técnico e os nossos trabalhadores compreenderam-nas de imediato. Mesmo os diagramas da instalação eléctrica e da canalização eram simples e fáceis de entender. Não eram desenhos de construção nem essa terminologia técnica que só os engenheiros e os arquitectos usam. Os *watu* adoram-no. Bebiam todos juntos um *pombe* horrroso durante a construção. E grades de cerveja que o Viktor trazia no carro... se calhar é por isso que é tudo tão instável, eh? Mas pô-los a trabalhar como mouros, todo o dia, sete dias por semana. Não há uma linha recta em sítio nenhum. Olha...

Sarah tirou a máquina fotográfica do alforge e começou a caminhar pelo complexo com Piet, detendo-se a fotografar os interiores. A principal área

de lazer estava embutida na face da rocha e o balcão do bar tinha sido feito de um tronco de árvore inteiro, tão incrivelmente polido que ela se via reflectida nele. Na plataforma de observação adjacente havia poltronas confortáveis e Simon apareceu com almofadas em tecidos pintados à mão com motivos africanos. Havia uma pilha de mantas grossas num cesto de vime para que os hóspedes pudessem manter-se quentes de noite ao observarem os animais a aproximar-se da água. Os quartos localizavam-se em seis cabanas circulares separadas, estruturadas do mesmo modo que o edifício principal, cada uma delas com uma vista diferente. Mosquiteiros enormes de enrolar estavam suspensos em vigas nos alpendres para protecção contra insectos e outros bichos nocturnos e ainda contra a colónia de daimões das rochas que Sarah ouvia palrar à sua volta. Caminhando à frente de Piet, fotografou o exterior das construções. Em baixo, galinhas-do-mato sarapintadas pavoneavam-se nas pedras, e no solo quente refastelavam-se lagartos com brilhantes cabeças cor de laranja e corpos azul-turquesa. Não havia animais no bebedouro excepto um bando de babuínos do outro lado. Estes observaram-na por alguns momentos, antes de retomarem as suas actividades, palrando e baloiçando-se nas árvores, lavando-se e puxando pelas caudas uns dos outros. Depois caiu o silêncio e, por um instante, Sarah sentiu algo de profundamente sinistro na quietude. Estremeceu e olhou em redor, como se alguma presença pressaga pudesse estar à espreita na floresta circundante. Mas não se via nada. Minimizou a importância da estranha sensação e voltou a concentrar-se na máquina fotográfica.

Piet estava radiante com as perguntas dela e os seus elogios à genialidade do projecto. Simon apareceu com mais almofadas e Piet encorajou-o a responder a algumas das questões dela. Kipchoge permaneceu debaixo das árvores, sob a plataforma de observação, a sua pele de ébano fundindo-se nas sombras projectadas pelo sol do meio-dia. Por fim, subiram os degraus de madeira que levavam à zona de observação principal com o seu largo alpendre e ficaram a observar a savana.

— É o meu lugar preferido — Piet apontou para uma crista escarpada que se elevava acima deles no horizonte. — Hoje não temos tempo de lá ir, mas um dia destes levo-te lá. É o sítio onde vou sempre que preciso de resolver um problema ou quando me sinto especialmente feliz por

qualquer razão. Ou simplesmente para sonhar. O lugar onde formulo os meus desejos. Lá em cima sinto-me próximo do coração da terra. — Encolheu os ombros como que para se desculpar das suas fantasias. — Seja como for, é o melhor local para uma vista panorâmica de Langani.

Sarah olhou para a crista, tocada pelo facto de Piet ter partilhado com ela o seu lugar secreto e consciente da sua proximidade ao inclinar-se para seguir a direcção do seu braço. Ele baixou os olhos para ela, sorrindo, e depois deu meia-volta.

— Simon, traz-nos cervejas do frigorífico, fazes favor. Depois podes preparar o piquenique. Anda sentar-te aqui, Sarah, onde está fresco. Não quero que apanhes sol a mais.

Depois do almoço recostaram-se nas cadeiras reclináveis, tomando café à sombra do colmo. Sarah sentia-se cansada depois da longa cavalgada e fechou os olhos, sem fazer qualquer tentativa para combater a forte sensação de sono que se apoderara do seu corpo. Quando acordou, uma família de javalis-africanos tinha aparecido para beber no bebedouro e ela ouviu um restolhar nas árvores sobranceiras às rochas do outro lado. Um pequeno riacho corria pela encosta a partir do próprio lago, perdendo-se no mato denso mais abaixo. Reparou que o seu curso podia ser traçado seguindo a fita sinuosa de verdura que corria ao longo das margens. Ao longe, os dentes afiados do Kirinyaga pareciam querer morder o céu. Olhou para Piet e sorriu. Ele estava profundamente adormecido, a cabeça inclinada para o lado, a boca entreaberta, as mãos relaxadas e dependuradas nos braços da cadeira. Sentiu-se tentada a estender a mão e tocar-lhe nos dedos, afagar as rugas da sua testa, passar os dedos pela fenda do seu queixo e pela sua boca. Mas levantou-se em silêncio, pegou na máquina e dirigiu-se ao rebordo da plataforma para fotografar a crista que era o lugar especial de Piet. Porém, um calafrio súbito apoderou-se dela, fazendo-a sentir uma inquietação inexplicável. Era como em Gedi, pensou. Era o que a tinha incomodado antes. Uma sensação de ameaça. De estar a ser observada. Claro que estás a ser observada, idiota, disse a si mesma. Estás rodeada de toda uma colónia de aves e animais que observam todos os teus movimentos. Mas os pêlos na sua nuca começaram a eriçar-se e sentiu um medo inexplicável. Sentia a ameaça a toda a volta e queria gritar mas parecia paralisada. Depois uma mão

pousou-se com força no seu ombro e ela soltou um grito e baixou-se, agarrando-se à balaustrada de madeira do alpendre.

— Meu Deus, Sarah, que foi? — Piet saltou da cadeira e correu para ela. Sarah estava a tremer enquanto ele a ajudava a levantar-se e a conduzia para o lugar onde tinham estado sentados. — Que aconteceu?

— Não sei, Piet. Desculpa. Estava ali em pé, a contemplar a paisagem, e de repente... — Olhou de relance para ele, ansiosa. — Pousaste a mão no meu ombro? Quando eu estava na borda da plataforma?

— Não — Piet fixou-a, intrigado. — Passei pelas brasas, e quando dei por mim tu estavas agachada aos berros. Que aconteceu? — Viu a angústia dela. — Então, pequena Sarah, não podes pôr-te a assustar assim os animais. Ainda dás cabo do trabalho todo que tivemos para os atrair aqui.

— Não está aqui mais ninguém? Onde estão o Kipchoge e o Simon?

— Não sei. Lá atrás com os cavalos, calculo. Provavelmente também foram dormir uma sesta.

— Pensei... oh, deixa lá. — Sorriu levemente, embaraçada pelo seu comportamento, mas incapaz de afugentar o terror que sentira quando aquela mão a agarrara. Era impossível tê-la imaginado. Mas não estava mais ninguém na plataforma. — Devia estar meia a dormir também, mergulhada nalgum estranho devaneio. Que estupidez. Desculpa.

— Bem, se ficaste assustada, eu não fiquei menos. Pensei que estavas a ser atacada por um exército de búfalos ou sabe-se lá o quê. Vamos chamar o Simon para nos fazer um chá.

— Não, eu faço. Acho que sou capaz de preparar um bule de chá sem problemas.

Dirigiu-se à cozinha, ainda abalada pela experiência. Piet chamara-lhe a sua profetiza e vidente e ela estava a comportar-se como uma histérica. «Controla-te, Sarah Mackay. A tua fixação no Piet está a pôr-te louca. Pareces uma menina vitoriana com um ataque de histeria.»

Saiu com o tabuleiro e voltou a sentar-se, satisfeita por ter a parede do salão principal nas costas, o que impedia que alguém aparecesse por detrás.

— Estás melhor? — Piet olhou-a com curiosidade enquanto ela servia o chá.

— Estou, obrigada.

— Então, gostas mesmo do sítio? Tirando os fantasmas na plataforma de observação, está claro. — O seu tom era de brincadeira.

— É... — Santo Deus, tinha de se libertar do pânico que tomara conta dela. Este era o sonho de Piet. Queria mostrar-se entusiástica, encorajadora. — É o lugar mais espantoso do mundo. Fizeste um trabalho fantástico ao criá-lo. Tu e a Hannah só podem ter sucesso. Estou certa disso.

Piet abraçou-a num gesto de pura exuberância. — Ah, estou tão excitado com tudo isto. Os animais já começaram a aparecer com regularidade. Já avistámos antílopes de todo o tipo, elefantes, alguns grandes felinos, montes de búfalos e muitos mais! A Hannah tem trabalhado arduamente, a finalizar a decoração e a formar o pessoal. — Estava novamente de pé na plataforma, a gritar por Simon. Sarah não se sentia capaz de ir ter com ele.

— *Bwana?* — Simon apareceu pela porta do salão, causando-lhe um sobressalto.

— Onde te meteste? A *memsahib* Sarah teve de fazer o chá. Não ouviste o alvoroço de há pouco, não a ouviste chamar?

Sarah retraiu-se com embaraço. Não podia acreditar que ele fosse dizer a Simon que estava a ter visões, a ter ataques de histeria no novo *lodge*.

— Não ouvi nada, *bwana*. Fui com o Kipchoge ver uns rastos de búfalo. Devem ter estado aqui muitos ontem à noite.

— Ótimo. Começa a preparar o tabuleiro das bebidas. Os outros devem estar a chegar.

— Vou preparar tudo. E as torradas.

Sarah consultou o relógio. Já eram cinco horas. Não queria que o tempo passasse tão depressa. Na escola, as semanas arrastavam-se enquanto ansiava pelos fins-de-semana em Langani ou pelas férias em casa. Agora os dias voavam demasiado velozes. Devo estar a envelhecer, pensou. Julguei que uma pessoa só se sentia assim na velhice.

— Piet? — Fez um esforço para se aproximar dele e pegou-lhe hesitantemente na mão.

Ele baixou os olhos, sorrindo. — Que é?

— Foi um dia maravilhoso. Apreciei muito teres-me deixado ver o *lodge* primeiro... que dê valor à minha opinião.

— Que contas fazer quando acabares a universidade? — Ele estava muito próximo mas o seu tom era mais amistoso do que romântico. — Lembras-te quando nos metíamos contigo a dizer que ias acabar num convento?

Ela riu-se mas a sua resposta denotou uma irritação latente. — Isso era só na vossa imaginação. Mas a minha vontade é voltar para trabalhar no Quénia. Gostava de integrar um projecto de investigação sobre a vida selvagem. E também quero usar a fotografia. Felizmente, pode ser uma ferramenta útil no género de trabalho que espero conseguir. E acontece que me tornei competente a fotografar.

— A Camilla falou-me do concurso que ganhaste. Trouxeste algumas dessas fotos?

Camilla. Era inevitável, supunha. Apesar de tudo o que ele tinha dito a Hannah, a sua velha paixão continuava a interpor-se entre eles. Mesmo assim, não podia esperar que ele a excluísse indefinidamente dos seus pensamentos.

— Trouxe cópias das melhores fotografias da exposição para quem quiser ver.

— Claro que queremos ver. Porque não havíamos de querer? Ou são fotografias indecentes, com pretensões artísticas? — Olhou para ela maliciosamente.

— Não, claro que não são — disse Sarah, rindo. — São retratos de todos os meus amigos pobres no refúgio para os sem-abrigo onde trabalho, em Dublin. Amanhã mostro-tas.

— Sabes, se quiseses realizar um projecto de investigação depois de te formares, talvez consigas arranjar maneira de o fazer em Langani. Este *lodge* vai começar a funcionar em breve e tu podias ganhar algum dinheiro por fora a ajudar-nos. Sei que a Hannah ficava felicíssima se colaborasses. Não é muito fácil para ela, às vezes, aqui sozinha. Ia adorar a tua companhia. Outra mulher para lhe dar apoio de vez em quando. Eu e o Kipchoge podíamos ajudar-te a localizar a caça ou a entrevistar as tribos nativas. Falo masai e quicuio e o Kipchoge é nandi. O Anthony também te podia dar algumas dicas. Que dizes?

Sarah apertou os lábios com força, tentando reprimir a exclamação de deleite que, de outro modo, teria soltado na suave calma da tarde. Perpassou-lhe pelo espírito uma visão venturosa de noites na fazenda, com

Hannah sentada à sua frente e Piet debruçado sobre as fotografias e os seus apontamentos de pesquisa. Lançou-lhe os braços ao pescoço e ele riu e atirou-a ao ar, segurando-a pela cintura. Depois, inesperadamente, baixou-se e beijou-a. Começou docemente, um beijo suave e fraternal. Mas segundos depois estava a beijá-la apaixonadamente, passando-lhe as mãos pelo cabelo, pelo pescoço e por trás das orelhas. Ela saboreou o seu desejo e apertou-se contra ele, uma gloriosa sensação de triunfo subindo dentro de si enquanto os lábios dele se moviam para o seu pescoço, a sua língua lambendo-lhe a pele. Beijou-a de novo, suavemente, na boca. De um lugar distante, Sarah ouviu o som de um veículo pesado a mudar de velocidade quando entrou no caminho, e depois a voz de Lars a chamar por eles.

— Onde estás, Piet? Kipchoge, *jambo*. Onde está o *Bwana* Piet?

Piet recuou, ainda a agarrá-la. Parecia aturdido quando a largou e fixou-a por um longo momento como se estivesse a vê-la pela primeira vez. Ela tentou recuperar um pouco a compostura antes de os outros aparecerem. Camilla perceberia imediatamente. Tinha um olho de lince e Sarah sabia que, no mínimo, devia estar desgrenhada. Tinha o cabelo ensarilhado e as faces ardiam-lhe como se se tivessem tornado escarlates. Oh, merda, merda! Merda gloriosa, fantástica, ditosa! Lars saiu pela porta do salão para a plataforma de observação em duas passadas naturais. Hannah seguia-o, exclamando à vista da mobília, das almofadas e das mantas que Simon tinha colocado nos sítios respectivos. Camilla vinha atrás, passando os dedos pela pedra lisa e pela madeira polida, murmurando elogios. Piet estava claramente atrapalhado, cumprimentando todos com excessivo entusiasmo. Mandou Simon servir bebidas e todos brindaram na plataforma de observação. Sarah manteve-se ligeiramente afastada, incapaz de encarar quem quer que fosse e muito menos Piet. Camilla franziu a testa em jeito de interrogação. A seguir fizeram a ronda do *lodge* e tudo parecia como antes de ela ter partido nessa manhã.

Mas, para Sarah, o mundo transformara-se num lugar novo de pura exultação e contemplou a noite africana em êxtase, como se toda a terra onde estava se tivesse aberto para lhe oferecer, finalmente, o sonho de amor e realização da sua vida.

CAPÍTULO 12

Quénia, Setembro de 1965

— **Q**ue cambada de princesas — disse Anthony. — Pensei que tinha escapado às senhoras de Park Avenue por algum tempo, mas vocês são quase piores. Há bebidas nas traseiras do jipe se estão assim com tanta sede, mas daqui a uns minutos vamos parar. Preciso de dar um salto à *duka* do Charia para ir buscar umas provisões de última hora. O Piet deve estar lá à nossa espera e é a última paragem onde podem fazer xixi sem que um leão lhes caia em cima enquanto se agacham atrás do carro.

Tinham partido de Langani com a névoa do princípio da manhã ainda a pairar no ar azulado. Duas horas mais tarde, estavam a despir as camisolas, a descalçar as meias e a pedir bebidas frescas. Anthony estacionou defronte de um edifício baixo com um telhado enferrujado e a tinta a descascar. O *Land Rover* de Piet estava estacionado à porta com o atrelado atrás, tapado com uma lona que já estava recoberta de pó. Havia um forte odor a parafina e desinfetante no interior obscuro da loja. Camilla viu Anthony cumprimentar Mr. Charia, o dono, e enfiar discretamente algum dinheiro na mão do africano que trabalhava para ele.

— Coitado do homem — murmurou a Camilla, enquanto Charia lia a lista de provisões e fazia cálculos no seu ábaco. — Espanta-me que ainda consiga andar direito depois de dez anos com esse estupor matreiro. Não percebo porque é que continua aqui, vestido com andrajos em lugar de uma *shuka* e de uma tonelada de colares. Não pode ter mais de quarenta anos e anda corcovado de carregar sacos tão pesados como ele. Mas está sempre alegre. Não entendo.

Camilla observou o samburu a carregar caixas de parafina, de trigo e milho para o veículo de Piet. Sarah escapou ao sol abrasador do meio-dia e encostou-se ao balcão, bebendo uma garrafa de limonada quente e

fazendo um esgar. Hannah ficou lá fora, a controlar o carregamento do atrelado e a fixação da lona aos lados.

— Estamos prontos — gritou Anthony. — Vamos embora.

— *Bwana*, precisava de uma boleia até Isiolo. — Um jovem guerreiro samburu tinha surgido do nada. Estava diante deles, esguio e erecto, com as suas melhores vestes tribais, uma túnica escarlata presa por um nó ao ombro. Voltas de colares e pulseiras de contas adornavam-lhe as orelhas e o pescoço, os pulsos e os tornozelos, e tinha o cabelo comprido arranjado em tranças com lama vermelha e excremento de vaca. Sorriu, um lampejo de branco num belo rosto queimado. A série de marcas em relevo nas suas faces anunciava a sua chegada à virilidade através da circuncisão. Tinha plantado a lança no chão e estava apoiado nela sobre uma perna alta, uma criatura de elegância e equilíbrio perfeitos.

— Não tenho espaço. Desculpa lá — Piet abanou a cabeça e acabou de carregar o atrelado.

— Porque é que lhe disseste que não? — perguntou Sarah.

— Pode parecer muito bonito mas tresanda a excremento de vaca e a suor e está coberto de moscas. Não é o companheiro de viagem ideal dentro de um carro. E não posso levá-lo em cima do atrelado. É perigoso com a estrada cheia de lombas. Han, porque não vens comigo na próxima etapa?

Entraram para os jipes e viraram para a estrada principal, deixando o guerreiro de olhos colados neles, imóvel e impassível. Ao passarem por ele, o homem fez um movimento súbito, levantando a lança do chão e erguendo o braço de tal modo que Camilla se baixou no banco e Sarah soltou um pequeno grito de alarme. Depois, cuspiu no chão e virou costas antes de desaparecer na poeirada vermelha atrás deles. O jipe chocalhou e derrapou no piso sulcado e um vento quente entrou pelas janelas, transportando uma película de areia que lhes cobriu as caras e empastou o cabelo e a roupa.

— Fazias as pessoas virar a cabeça em King's Road se te vissem agora.

— Anthony observou Camilla a enxugar um fio de suor no rosto, deixando um rasto de pó na face. Soltou uma sonora gargalhada. — Só falta uma hora para chegarmos ao acampamento. Depois podem escolher entre um duche ou um banho no rio com os crocodilos. E crocodilos destes vocês nunca viram, acreditem.

Pararam no centro da reserva para se registarem. Anthony conduzia agora lentamente, seguindo um trilho sinuoso que serpenteava por vários quilómetros de mato denso antes de desembocar em áreas de erva crestada e grupos de palmeiras egípcias. A caça era escassa, pois a maioria dos animais refugiara-se na sombra para combater a ferocidade do meio-dia, dormindo. Os olhos de Sarah começavam a fechar-se e ela teve a desagradável sensação de não conseguir controlar o descair da cabeça quando Anthony parou e apontou para os arbustos na berma do caminho.

— Uma *gerenuk* — disse ele. — *Swala twiga*, chama-se em suaíli... gazela-girafa.

Observaram apreciativamente a gazela-girafa a virar a cabeça para olhar para eles, emitindo uma suave chamada de aviso, suficientemente curiosa para permanecer imóvel mas preparada para fugir.

— Olhem para aquele pescoço longo e delicado com a cabeça pequena equilibrada de uma forma tão elegante em cima. E as orelhas são enormes e muito brancas por dentro com marcas pretas como as nervuras de uma folha — disse Anthony em voz baixa. — É fácil de identificar pelo pescoço e os chifres graciosos virados para trás. Só se vêem gazelas-girafas aqui no norte. Conseguem sobreviver muito tempo sem água e atingir pontos altos nas árvores para pastar, muito acima das gazelas e dos antílopes mais pequenos.

Sarah levantou a máquina fotográfica e produziu um pequeno som de satisfação quando a gazela-girafa se empinou, pousando as patas dianteiras num ramo para roer com delicada precisão uma mistura de espinhos e folhas jovens. Atrás deles, Piet e Hannah também tinham parado para admirar o pêlo acobreado e a barriga branca do animal. Camilla olhou de soslaio para Anthony, que levantou os binóculos, segurando-os com as mesmas mãos que a haviam acariciado até um estado de completa e desejada rendição. Essa recordação provocou-lhe um aperto na garganta. Parecia ter sido há tanto tempo. Queria enrolar os dedos em volta do seu pulso, com as suas pulseiras de couro, cobre e contas coloridas. As pulseiras de um nómada, próprias de um homem que vivia a maior parte da sua vida no mato, viajando de lugar em lugar, sem qualquer permanência do tipo que ela conhecia. Pensou como seria a casa dele em Nairobi e se teria pedido a uma antiga namorada que lha decorasse.

A mãe de Anthony partira do Quênia dois anos antes, uma mulher para sempre marcada pela morte do marido, assombrada por visões do seu sangue vital a jorrar para o solo árido em que fora criado. O búfalo que o escorenara, que lhe dilacerara o corpo e o lançara desdenhosamente para longe, fora abatido pelo seu atirador enquanto um cliente suíço abastado estava paralisado de horror, incapaz sequer de levantar a arma, a soluçar e tolhido de um medo de morte. Mas isso não impedira Herr Villespan de mandar o animal a um taxidermista de Nairobi e dali para a Suíça, onde a cabeça adornava uma parede na sua mansão à beira-lago, proporcionando aos seus convidados fascinantes relatos de bravura sacrificial. E não impedira Anthony Chapman de seguir a profissão do pai com um sentido de aventura e um amor do mato que Camilla sabia que tinha de aprender a compreender.

Quando ele chegara a Langani na noite anterior, tinha-a beijado na face do mesmo modo que beijara as amigas. Ao jantar não se falou do tempo que tinham passado juntos em Londres e, pouco depois, todos tinham preferido recolher aos quartos, preparando-se para partir cedo na manhã seguinte. Ao saírem para o alpendre, Anthony colocara-lhe a mão nas costas, sussurrando-lhe ao ouvido: — Amanhã.

Camilla permanecera horas acordada, pensando no que ele sentiria por ela. Se é que sentia alguma coisa. Era difícil recordar o tempo em que mal reparava nele, em que rejeitara as suas alegres investidas, e não era capaz de perceber como os seus sentimentos se haviam tão súbita e inesperadamente alterado. Na costa, sem receber notícias dele, começara a pensar se teria dado demasiada importância ao encontro ardente entre ambos em Londres. Mas depois pensou na forma como ele a tinha abraçado e recordou a ternura com que tinham feito amor e rejeitou a possibilidade de não ter passado de uma mera distração. Queria desesperadamente ter a certeza e, no entanto, sentia receio de uma revelação imediata da verdade. Deviam estar agora a aproximar-se do acampamento e ela conheceria a resposta, talvez demasiado cedo.

Continuaram até que uma fila de árvores lhes disse que estavam a chegar à curva do rio. Anthony deteve-se por breves momentos para accionar a tracção às quatro rodas e descer para a água impetuosa, parando no leito do rio para chamar a atenção para vários crocodilos meio submersos de proporções assustadoras. As suas cabeças escamosas e olhos

reluzentes eram apenas visíveis por sobre a água, enquanto esperavam pela passagem de uma vítima incauta. Camilla olhou para eles com repugnância e tremeu quando Anthony acelerou e passou sobre as pedras, subindo o íngreme declive na margem contrária. Enfiou por um trilho estreito à esquerda, roçando a vegetação exuberante e sentindo o raspar dos espinhos contra a carroçaria.

O acampamento fora montado numa clareira sobre o rio. As tendas para dormir tinham sido erguidas em fila, na sombra matizada das acácias, e o pessoal estava ordenadamente à espera deles, os seus rostos iluminados de expectativa e hospitalidade. Camilla apeou-se do *Land Rover*, desentorpecendo os braços e as pernas perros, e Sarah saiu do banco de trás, carregando todo o seu equipamento fotográfico. Piet e Hannah chegaram momentos depois e Anthony conduziu-os para as apresentações formais.

— Este é o Francis, o nosso cozinheiro. O Samson e o Daniel vão servir-nos as bebidas e as refeições. O William está encarregado das tendas e de qualquer roupa para lavar. Importantes são também o Musioka e o Joseph que olham pelos veículos e apanham a lenha para cozinhar e aquecer a água e para a fogueira à noite. Agora as tendas... Sarah, pus-te juntamente com a Hannah, ao lado da do Piet. Camilla, tu tens uma tenda para ti nas três do meio. Se preferirem outra combinação, podem trocar como acharem melhor. Os chuveiros e as sanitas ficam atrás das tendas de dormir. Podem usar a pequena pá na tenda da sanita para cobrir o que estiver no buraco. Há candeias e lanternas em todas as tendas e cá fora debaixo do toldo.

— E para ir à sanita a meio da noite? — perguntou Sarah, embaraçada com a pergunta mas mais receosa das consequências de não saber. — Isto é, podem andar por aí hienas e leões, não podem?

— Basta não andarem com uma perna de impala meio comida na mão. Se encontrarem um leão, chamem por mim. — Sorriu-lhe. — Não há azar, Sarah. Temos uma fogueira a arder e um *askari* de serviço toda a noite. Ora bem... há bacias e baldes de lona com água nos vossos alpendres para lavar as mãos e a cara. Por agora deixámos a parte de trás das tendas abertas para aproveitarem qualquer brisa que corra. À noite corram os fechos, à frente e atrás. Todas as janelas têm mosquiteiros e, se houver

uma chuvada, basta puxar as abas de lona para baixo. Há bebidas frescas na tenda da messe e o Samson sabe preparar um *Bloody Mary* fabuloso.

Depois da apresentação, Anthony mostrou-lhes as tendas e deixou-os a instalar-se. Camilla sentou-se numa cadeira de lona, absorvendo o calor e a tranquilidade da hora, escutando os sons do mato. Nunca tinha viajado até tão longe a norte, até à árida beleza do semideserto. Saltitavam calaus, desajeitados e cómicos, nas árvores à sua volta. Aos seus pés, pavoneava-se um grupo de estorninhos exibindo uma plumagem iridescente, ruidosos, rabugentos e vaidosos, recordando-lhe as pessoas que encontrava frequentemente em Londres e com quem tinha de trabalhar. Proporcionando sombra à sua tenda, as acácias estendiam pálidos ramos enfeitados com os ninhos atabalhoados de tecelões e à distância ouviu uma manada de zebras imóveis no calor tremeluzente. Por baixo do acampamento, o rio Uaso Nyiro corria, castanho e pachorrento, através da terra árida.

Sarah entrou na sua tenda com uma sensação de assombro. O chão estava revestido com uma espécie de folha plástica, mas esta fora coberta com um tapete de sisal. As camas individuais de lona tinham lençóis e almofadas imaculadamente brancos e colchas estampadas à mão. Havia cobertores e toalhas ordenadamente empilhados em arcas aos pés de cada cama. Na mesa-de-cabeceira estavam candeias e lanternas e, num cesto de junco, fora colocada uma selecção de sabonetes e champôs. Havia um espelho preso à parede da tenda, sobre uma consola de madeira que servia de toucador e pequena secretária. Sobre a superfície polida estavam garrafas-termos com água fria e dois copos. Uma jarra com flores silvestres e verduras dava o toque final.

— Nada mal, hein? — Hannah sentou-se na beira da cama.

— É um luxo — comentou Sarah, pasmada. — Não esperava nada assim. Acho que nunca mais vou querer voltar para casa. — Sorriu. — Desconfio que não é por acaso que a Camilla tem uma tenda só para ela.

— É, podemos tirar ilações disso — Hannah revirou os olhos numa expressão divertida. — Mas acho que ela deve avançar com prudência. Estes caçadores e as pessoas ligadas aos safaris têm uma certa reputação e, quando alguém sai magoado, viram as costas e dizem que foi a mulher que os atacou à força e que não podiam rejeitá-la sob pena de morte. Nesse aspecto, o Anthony não é diferente dos outros.

— Parece um tipo decente e, além disso, a Camilla é capaz de olhar pela vida dela — disse Sarah. — Com a vida que leva, já deve ter passado por centenas de situações destas em Londres.

— Quanto a isso, não sei. Mas o Anthony conheço eu. É absolutamente dedicado no que toca ao amor que sente por este país e é um apaixonado da preservação dos parques e reservas de caça. Mas no capítulo das mulheres é diferente. Reparei na maneira como a Camilla olha para ele e acho que é capaz de ser a primeira vez que ela ama alguém. Espero que ele se porte com decência. — Hannah virou-se bruscamente e abraçou Sarah. — E ainda bem que o *domkopf* do meu irmão caiu em si. Estou muito feliz com isso.

— Não aconteceu nada. — Sarah notou a expressão de incredulidade exagerada na cara de Hannah e afastou-se, embaraçada com o rubor que lhe assomava constantemente às faces. — Nada de importância, pelo menos. Beijou-me. Uma vez. Antes de vocês chegarem ao *lodge* no outro dia.

— Nada de importância? Uma vez? Ah! — Hannah estava exultante de deleite. — Agora no íntimo dele sabe. Tenho a certeza. Pode demorar algum tempo a admiti-lo, mas sabe. E isso é bom, muito bom.

Na luz dourada do fim da tarde, partiram do acampamento no veículo de Anthony. Levavam no porta-bagagens um cesto com chá e bolachas. Atrás do banco do condutor, uma prateleira montada continha uma série de livros de referência sobre animais e aves, árvores e flores silvestres. O tecto ia aberto para poderem levantar-se nos assentos cobertos com lona e desfrutar de uma vista ininterrupta. A paisagem parecia não ter fim, estendendo-se em direcção a uma cordilheira de montes purpúreos a norte. Piet sentou-se no tejadilho, as pernas nuas a abanar através da abertura. Sarah desejava que ele esticasse um pé e lhe desse deliberadamente uma pontada, mas os olhos e os pensamentos dele estavam focados na distância que perscrutava, tentando divisar elefantes e búfalos ou o movimento furtivo de um felino na erva fulva. Os únicos sons circundantes eram os pios dos pássaros e o gradual crescendo de insectos e rãs que começavam a sua sinfonia nocturna. Ao dobrarem uma curva ouviram um estalar de galhos e ramos e Anthony deteve-se de imediato. A bloquear o caminho estava um jovem elefante macho, ocupado a roçar a garupa contra a casca de uma árvore. Estabeleceu contacto visual com os intrusos por breves

momentos e depois continuou com a gratificante tarefa. Esperaram enquanto ele colocava delicadamente a tromba no solo arenoso e sugava um monte de poeira que soprou depois pelo dorso todo. Sarah disparou repetidamente. Baixou-se para tirar outro rolo do estojo da máquina e despejou o saco todo no chão do veículo, espalhando lentes e películas. O elefante imobilizou-se e olhou directamente para o pequeno grupo como se os visse pela primeira vez. As suas enormes orelhas abriram-se de cada lado da cabeça e ele começou a esgaravatar o solo com uma perna, avançando com determinação e levantando baforadas de pó a cada passo bem medido.

— É melhor dar-lhe espaço — sugeriu Anthony. — Decidiu que estamos no caminho. — Ligou o motor e começou a recuar na estrada. O elefante seguiu-os, caminhando agora um pouco mais depressa, a tromba a agitar-se de um lado para o outro e as orelhas a bater como pagaias gigantes.

— Quer assegurar-se de que nos vamos mesmo embora. — Anthony permaneceu calmo e firme ao volante. — Tenho de continuar em marcha atrás até encontrar um sítio para dar a volta. Ele está a acelerar. Metam-se dentro do jipe. Posso ter de fazer um desvio brusco e estamos a chegar a uma curva.

Camilla deixou-se cair como uma pedra no banco ao lado dele, o seu coração pulsando com violência à medida que o volume do animal enchia o pára-brisas e o primeiro som furioso da tromba rasgava o ar suave do fim da tarde, gelando-lhe o sangue nas veias. Anthony conduziu mais depressa, aos solavancos em marcha atrás, derrapando no solo arenoso enquanto o elefante ganhava terreno. Viam-lhe todas as dobras e pregas de pele e o brilho dos pequenos olhos enquanto ele abanava com a tromba de lado a lado e depois a levantava e exprimia a sua fúria para com os indesejáveis espectadores. O gigantesco corpo estava tão próximo que era impossível ver sequer um retalho de céu através do pára-brisas. Chegaram à curva e ouviram os pneus escorregar ao tentar aderir às pedras e seixos soltos do piso. O jipe inclinou-se para um dos lados e Anthony debruçou-se sobre o volante, agarrando-o com força como se assim conseguisse manter o veículo direito. Camilla fechou os olhos, sabendo que ia morrer com ele, que iam morrer todos juntos, espezinhados numa amálgama retorcida de corpos e metal, as suas vidas prematuramente ceifadas.

Quando voltou a olhar, tinham feito a curva no caminho e o jipe estava virado no sentido contrário. Não havia sinais do elefante. Começaram todos a rir-se de alívio e da tremenda emoção da investida. Piet abanou Sarah, incrédulo.

— Não acredito que tenhas conseguido continuar a fotografar. Sarah Mackay, és louca. És completamente doida. Mas tens coragem, devo dizer.

— Ele queria que saíssemos do território dele. No momento em que demos a curva e desaparecemos de vista, perdeu o interesse em nós. — Anthony também se estava a rir. — São uns estupores *kali*, estes jovens machos a tentar provar a força deles. Vamos ver se encontramos alguma coisa de mais agradável.

O resto do passeio foi de assombrosa descoberta. Um par de órixes erguia-se na planície, posando para eles e exibindo os focinhos pintados e os chifres altos e direitos. Num troço de estrada, pararam para ver um par de girafas reticuladas, admirando a geometria precisa e a elegância das suas marcas e as largas e rápidas passadas. Bandos de galinhas-do-mato atravessavam-se à frente deles, as penas pretas e brancas esvoaçando sobre uma camada inferior azul. Uma manada de búfalos ergueu as cabeças pesadas e resfolegou com irritação e desdém ao passar e várias zebras-de-grevy saíram do caminho num trote enérgico antes de se virarem para mostrar a perfeição dos seus flancos listados e as orelhas largas e redondas. O calor do dia dissipava-se gradualmente à medida que o sol desaparecia atrás dos montes escarpados, dando lugar a um céu banhado numa luz escarlate. A primeira estrela surgiu por sobre a silhueta das palmeiras e uma lua nova pairava sobre o rio.

No acampamento, luzes acolhedoras reluziam nas tendas, e nas árvores estavam suspensas candeias. Em redor de um fogo havia cadeiras cuidadosamente posicionadas para que as chamas trémulas e saltitantes iluminassem o céu cor de tinta enquanto o fumo saía das tendas vogando para longe em direcção ao rio. Sentaram-se e aceitaram bebidas de Samson, estendendo as pernas e reclinando-se para contemplar o firmamento enquanto as últimas réstias de luz se desvaneciam numa escuridão absoluta. A água quente nas tendas de duche cheirava a lenha queimada e Camilla fechou os olhos enquanto a poeira do dia se sumia na agradável pressão da água. Passou a mão pelo cabelo molhado e enrolou-

se numa toalha, sentindo-se renascida e repleta de um contentamento que nunca experimentara.

— Como é que suportas estar em Nairobi mais do que um minuto? — perguntou Sarah a Anthony ao jantar.

— Quanto mais tempo se passa no mato mais difícil é voltar à cidade e à... — Anthony hesitou, incapaz de encontrar as palavras correctas.

— À irrelevante atitude das pessoas nas cidades e nos subúrbios superlotados — rematou Camilla. — Correndo o risco de parecer pomposa, acho que nunca mais vou voltar.

— É uma tirada e tanto mas parece definir bem o teu *habitat* natural. — Anthony estava a rir-se. — Mas eu vi-te em Londres, Camilla. Nos teus bares e nos sítios chiques onde se come massa com nomes sofisticados e se toma expresso em chávenas do tamanho de dedais e nos teus clubes nocturnos favoritos. Tens um cabeleireiro e um sítio onde vais tomar banhos de lama finos exactamente como o elefante que vimos à tarde. Serias tão infeliz a encontrar o teu lugar aqui como ele lá à procura do autocarro número dez.

— Eu nunca ando de autocarro. E quanto a ele não sei, mas tu estás definitivamente a subestimar-me — retorquiu Camilla imediatamente. — Olha que não hás-de tardar muito a ter de engolir essas palavras.

Depois do jantar voltaram para junto da fogueira onde se sentaram a conversar, saciados e felizes na companhia uns dos outros. Pediram o chá matinal para as seis e Piet foi o primeiro a levantar-se e a desejar boa-noite a todos. Hannah e Sarah seguiram-lhe o exemplo e depois Camilla pôs-se em pé e debruçou-se para pegar no xaile leve que tinha pousado nas costas da cadeira.

— Eu acompanho-te à tua tenda — disse Anthony. Pegou-lhe no braço e depois deteve-se para olhar para ela à luz das estrelas. — Camilla. Camilla, passei toda a noite de ontem e hoje a observar-te, a olhar para a tua bela cara, a recordar todas as partes do teu corpo e a desejar-te desesperadamente. Não consigo esperar mais.

Ela virou-se sem uma palavra e afastou-se, consciente dos passos de Anthony atrás de si. Quando entraram na tenda, ele apagou a candeia e tomou-a nos braços, beijando-lhe a boca e as pálpebras e segredando-lhe

ao ouvido. Colocou-se atrás dela e levantou-lhe o longo cabelo da nuca para respirar sobre ela o seu desejo. Desapertou-lhe a camisa, revelando-lhe os seios, e ela sentiu-se desfalecer quando ele lhe passou as mãos pelo ventre e pelos flancos, emitindo um som estrangulado de protesto e impaciência. Ele deitou-a então na cama de lona e ela enterrou a cabeça no seu ombro para que ninguém ouvisse os ruídos que não conseguia reprimir. De manhã, abriu os olhos e reparou na ausência dele, estranhando que fosse capaz de a deixar, de a abandonar durante a noite, como um leopardo furtivo, sem que ela se apercebesse.

— *Hodi. Chai. Na maji moto.* — Ouviu o som de água a ser deitada na bacia de lona lá fora e o tabuleiro do chá a ser pousado na pequena mesa do alpendre. — Espero que tenha dormido bem, minha senhora.

— Obrigada, Musioka — respondeu. — Nunca dormi tão bem na minha vida e sei que vai ser um dia maravilhoso.

Partiram do acampamento, ainda o ar estava doce do orvalho e os primeiros sinais do sol nascente revelavam a paisagem numa infinita tela de erva fulva, mato verdejante e céu azul.

— Ouçam os cucais — disse Anthony, parando o jipe e desligando o motor. — Cantam assim aos pares. Olhem para ali... em cima daquele arbusto. São uns pássaros desengraçados mas vê-se como a alegria das suas canções de amor lhes sacode o corpo todo.

Olhou de relance para Camilla e, nesse momento, Hannah captou o entusiasmo de que ambos comungavam. Desviou os olhos e, ao fazê-lo, apercebeu-se da expressão do irmão. Estava tenso, agarrado ao rebordo do assento de lona com dedos esbranquiçados. O maxilar estava contraído e via-se um músculo saliente na sua face. Hannah evitou captar o seu olhar, não queria que ele percebesse que tinha observado os últimos espasmos de angústia e ciúme que o acometiam.

— Então, Anthony — disse ele. — Onde é que estão os gatos? Sempre que aqui vim vi felinos. Esta bicharada de penas tenho eu na minha *shamba*.

Voltaram a avançar e, poucos momentos depois, descobriram um cudo macho, o corpo coberto com tanto pó que quase lhe escondia a atraente pelagem listada. Foi Sarah quem deu conta do movimento dos arbustos a serem afastados pelos magníficos chifres que se elevavam em espiral a partir da sua cabeça nobre. Ele fitou-os por um momento, desconfiado e

grave, antes de dar meia-volta e desaparecer no matagal circundante. À medida que o sol subia no céu e o solo começava a absorver o seu calor persistente, rumaram de novo ao acampamento para tomar o pequeno-almoço, seguindo um trajecto diferente que os levou através de um curso de água seco.

— Leões — disse Anthony, parando de repente. — Uma família inteira. Olhem para as duas leoas, bastante novas. Vejam como têm o pêlo ainda manchado com aquelas rosetas claras. Têm um aspecto magnífico, são espécimes esplêndidos. E há uma mais velha, além na sombra, com crias. Quatro.

As fêmeas estavam deitadas de lado, com as orelhas, pretas por fora, a tremer. As crias cirandavam de roda delas, perseguindo-se e rebolando-se em cima umas das outras antes de voltarem a sua atenção para o toco apodrecido de uma árvore, trepando à vez para o velho tronco e saltando para cima dos irmãos em baixo. Camilla estava debruçada de fora da janela, rindo-se com as cabriolas deles quando eles pararam de brincar e levantaram os olhos, tremendo de expectativa. Ela susteve a respiração. Um leão começou a avançar para eles, majestoso e determinado. Deteve-se e olhou frontalmente para ela e o seu poder e inconfundível domínio sobre as ordens inferiores da criação hipnotizaram-na. Sarah apoiou a máquina fotográfica no caixilho da janela, tentando firmar as mãos. Hannah imobilizou-se no tejadilho.

— Metam-se no jipe — sussurrou Anthony — e fechem as janelas até meio. Está muito próximo e nós estamos entre ele e a família.

Ficaram sentados no carro, aterrorizados com o poder e o movimento das espáduas do leão, com as patas enormes que se moviam em perfeita harmonia e com determinação e o traziam cada vez mais perto. Parou por baixo da janela de Camilla e abanou a cauda, desferindo uma pancada contra a porta. O coração dela acelerou quando ele se acocorou no chão, pronto a saltar, entrando possivelmente pelo tecto aberto. Depois ouviu gargalhadas e viu que Piet estava a apontar. As crias tinham-se precipitado em frente e agarrado à cauda dele, dando-lhe puxões. Ele voltou a levantar-se e deu-lhes suaves patadas, conduzindo-os para uma secção de sombra onde se instalou como um gato obeso, os olhos dourados a pestanejar e inclinando a cabeça para trás para bocejar e revelar a verdadeira ferocidade da sua natureza.

— Vamos embora — disse Anthony. — Hoje não me parece que encontremos melhor.

No acampamento pairava no ar o aroma de *bacon* frito e estaladiço. A mesa do pequeno-almoço fora posta à sombra das árvores e havia aves esperançosas à espera das sobras na ramagem circundante.

— Nunca senti tanta fome na vida — disse Camilla. — No fim da semana vou parecer um elefante.

— Vão ter de alargar as costuras dessas fatiotas malucas que usas ou moldá-las ao teu corpo. Ou então fazem capas de revista mais largas para a tua imagem dilatada caber — disse Anthony.

— Não tenho a certeza se quero aparecer em mais revistas ou vestir mais roupas malucas — observou Camilla.

Falou num tom ligeiro, sugerindo um comentário casual, mas Sarah sentiu a mudança no seu estado de espírito e viu a imediata apreensão nos olhos de Anthony. Talvez não passasse afinal de um romance de férias do ponto de vista dele. E Piet? Como reagiria Piet quando a relação deles chegasse ao fim? Fez-se uma pausa constrangedora na conversa.

— Mais café? — Anthony olhou em volta. — Muito bem. Há água quente para os duches e cadeiras à sombra sobre o rio. Não desçam aos rastos. Uma cliente minha quase foi comida quando foi até lá passar a chávena do café por água.

— *Tinha* sido comida se tu não tivesses acorrido, pondo em risco a tua vida, para criar uma manobra de diversão — disse Piet. — A rapariga não tinha escapatória. O crocodilo atirou-se ao braço dela. Mais um minuto e tinha-a puxado. O Anthony foi a correr e bateu na cabeça do animal com um pedaço de madeira enorme. Meteu-se ele próprio na água e armou um escabeche terrível até ele a largar. Salvou a vida da rapariga.

— Não quero que essas histórias se espalhem senão não arranjo mais raparigas com coragem para irem em safari comigo. — Anthony estava claramente embaraçado. — A esta distância estão seguros. Mas quando aquecer um pouco mais, é certo e sabido que vão avistar crocodilos monstruosos. Por volta do meio-dia, vai ser servido um *Bloody Mary*... e uma recompensa para quem conseguir identificar mais de vinte espécies diferentes de aves no acampamento. — Levantou-se da mesa e afastou-se em direcção às tendas do pessoal e à cozinha do acampamento.

Não se falou mais do futuro, imediato ou distante. Nas suas saídas do acampamento encontraram manadas de pachorrentos elefantes, búfalos e gazelas diminutas cujas caudas estavam em movimento constante. Camilla observou que deviam estar certamente prontas a cair quando se aproximavam do fim da vida. Em redor da fogueira, à noite, escutaram as histórias de Anthony sobre o mato. Durante a noite ouviram o rugir distante dos leões e o resfolegar e chapinhar dos hipopótamos que chafurdavam no rio. Hannah observou que Camilla estava mais radiante a cada dia que passava. Reparou que Piet estava por vezes numa disposição introvertida mas, durante os passeios de jipe, era sempre entusiástico a respeito da vida selvagem e das aves que constituíam a base do seu empreendimento futuro. Na terceira manhã, divisou uma mancha dourada à distância e Anthony virou o jipe em direcção à origem do movimento, descobrindo uma chita com uma cria pequena, preparando-se para dar caça a uma gazela. Mas a juventude e a inexperiência salvaram a gazela que se afastou numa série de saltos que desafiavam a gravidade, deixando-os a suspirar com um misto de alívio e desapontamento.

No pino do calor, sentavam-se à beira-rio com binóculos ou a ler ou retiravam-se simplesmente para as tendas, para dormir. Os passeios ao fim da tarde para ver a caça terminavam geralmente numa curva do rio onde abriam cervejas frescas ou uma garrafa de vinho, observando uma fila de elefantes emergir por entre as árvores e admirando o fogoso globo solar que ia desaparecendo atrás do contorno dos montes. À noite, Anthony conduzia Camilla das brasas da fogueira para o seu mundo privado. Ela adorava observá-lo enquanto ele organizava os seus dias e dava instruções ao pessoal, sentado num caixote virado ao contrário ao lado do fogo da cozinha, tão à vontade com os seus homens como com os amigos, conhecedor das histórias das suas famílias, dos seus pontos fortes e fracos, da última vez em que se tinham embebedado ou rejubilado com o nascimento de um filho.

Próximo do fim da estadia, no calor tórrido da tarde, Sarah colocou uma cadeira desdobrável no penhasco sobranceiro ao rio. Estava há poucos momentos ali quando ouviu o som de sinos, uma música metálica que anunciou a chegada de uma manada de gado, animais vermelho-acastanhados e brancos com chifres largos e curvos e grandes bossas. Surgiram através de uma nuvem de poeira, aos tropeções e empurrando-se

uns aos outros pelo talude abaixo até à borda da água lamacenta, arrastando atrás de si uma derrocada de calhaus e plantas que se tinham debatido para ganhar raiz e segurar o solo solto do íngreme declive. Atrás deles o guardador assobiou, chamou e emitiu sinais, batendo com um par de paus, para guiar o gado para a água. Quando se imobilizou, Sarah levantou a máquina. Num abrir e fechar de olhos, ele ergueu a lança e começou a gritar, lançando-lhe palavras furibundas que ela não compreendeu e pegando numa pedra com que tencionava claramente acertar-lhe. Ela levantou-se a tempo de ver Anthony surgir a alguns metros a jusante, chamando e erguendo uma mão em saudação. Estabeleceu-se um diálogo em que o samburu falou durante vários minutos, batendo com a lança no solo para realçar o que dizia, as suas palavras ocasionalmente pontuadas por uma série de monossílabos e sons tranquilizadores da parte de Anthony.

— Hoje em dia tem de se lhes pedir autorização para os fotografar — disse ele por fim, caminhando na direcção dela.

— Peço desculpa. Devia ter percebido. Que faço agora?

— Nada. Desconfio que ele já vinha para aqui de qualquer maneira para nos convidar a visitar a *manyatta* dele. Por vezes organiza danças dos guerreiros jovens para os meus clientes e mais tarde as mulheres tentam vender-lhes bugigangas de contas, cabaças malcheirosas e lanças velhas e rombudas. Levam-nos uns tostões pelas danças e ganham mais alguns com o artesanato e toda a gente fica feliz.

— É muito caro? Seria possível fotografá-los?

— Ora, Sarah. Não passa dum espectáculo para turista ver. — Hannah tinha aparecido por detrás deles. — E acho que não deviam ser autorizados a trazer essas *ngombes* todas a pastar dentro dos limites da reserva. Estão a comer a vegetação toda ou a calcá-la. Olha só ali para o talude... está a esboroar-se para dentro do rio. Um exemplo típico de erosão.

— Não se pode preservar esta reserva e proibir as tribos locais de usar os bebedouros tradicionais delas. — Piet tinha chegado para se inteirar da causa do alvoroço. — E as excursões organizadas estão agora a criar mais pó e estragos quando saem das estradas do que qualquer manada de gado dos samburu.

— Ele tem razão — disse Anthony. — Vais ter de reflectir sobre isto em Langani para que a nossa reserva de caça funcione sem atribulações.

— Mais uma razão para precisarmos de guardas-florestais — disse Piet. — Mas tenho dúvidas sobre essas danças para turistas. Estou de acordo com a Hannah quando diz que são uma aldrabice e pessoalmente incomodam-me um pouco.

— As danças são iguais às que executam quando estão sozinhos? — perguntou Sarah.

— Não duram três dias, se é a isso que te referes. E não é provável que se atirem para o chão a espumar da boca ou num transe erótico — respondeu Anthony. — Dão-te uma hora no máximo mas dançam da mesma maneira. E podes tirar as fotografias todas que quiseses.

— Podes então organizar tudo? Por favor.

— Vou combinar para amanhã à tarde — disse Anthony. — Por falar nisso, vou dar um salto de jipe ao *lodge* de Samburu. Posso usar o radiotelefone lá para saber como estão as coisas no escritório. Alguém quer vir comigo e dar dois dedos de conversa com os turistas?

— Eu fico aqui — disse Sarah. — O teu pessoal disse que eu podia fotografá-los.

Afastou-se, mas pelo canto do olho viu Piet completamente imóvel, a acompanhar a partida do jipe de Anthony que arrebatara Camilla do acampamento. Sentou-se na sua cadeira desdobrável e engoliu o nó que tinha na garganta e ameaçava transformar-se em lágrimas.

— Ora, Sarah, não te aflijas — disse Hannah. — Ele está a adaptar-se e isso leva algum tempo. Agora é sobretudo uma questão de amor-próprio. Mais nada. Olha ali em baixo, no rio.

Observaram com relutante fascínio um enorme crocodilo a emergir da água e a subir para uma língua de areia onde se refastelou ao sol. Tinha a boca semiaberta, revelando o seu poder e crueldade ameaçadores. No interior da caverna das suas mandíbulas saltitava um pequeno pássaro que debicava intrepidamente os dentes serrilhados.

— Deve ter três metros e meio de comprimento. — Hannah estremeceu. — Está tão inchado que parece que as escamas vão rebentar. Custa-me sempre a acreditar na forma como esses passarinhos lhes limpam os dentes e aproveitam para comer ao mesmo tempo. Mas não é um espectáculo arrepiante?

Quando o jipe voltou algum tempo mais tarde, Sarah estava absorvida no seu livro. Levantou os olhos, vendo Camilla correr para ela, a gritar qualquer coisa que não conseguiu ouvir e ficou confusa e surpreendida quando todos se juntaram à sua volta, abraçando-a, dando-lhe palmadas nas costas, pegando-lhe nas mãos e fazendo-a andar de roda até perceber finalmente o que Camilla estava a dizer.

— Conseguiu a tua licenciatura, Sarah. Havia uma mensagem no escritório do Anthony quando ele ligou para Nairobi. O Tim ligou ontem a dizer que te formaste com distinção. E foi-te oferecido um lugar para fazeres o mestrado. O teu pai também está bem.

— Parabéns, rapariga. — O rosto de Anthony exprimia admiração sincera. Bateu palmas ruidosamente e emitiu uma ordem. — Traz as bebidas, Samson. Vamos celebrar o futuro da ciência. Quanto tempo vais levar a tirar o mestrado, Sarah?

Sarah, aturdida com a notícia, limitou-se a olhar para todos eles, tentando assimilar o pleno alcance do que estavam a dizer. Depois, quando Piet avançou para pôr os braços à sua volta, não teve quaisquer dúvidas sobre o que ia fazer.

— Não vou voltar para Dublin — declarou. — Vou procurar um emprego aqui. Talvez no museu em Nairobi ou numa fundação internacional que se dedique à investigação. Aceito o que me oferecerem. Porque nunca mais vou voltar para aquela terra chuvosa e deprimente, aconteça o que acontecer. — Tirou um copo do tabuleiro que Samson estendia. — A todos nós e ao facto de estarmos juntos no Quênia, que é o nosso lugar. Saúde a todos e obrigada pela notícia!

— Os teus pais são capazes de não ficar muito entusiasmados com o teu plano — observou Camilla mais tarde.

— Talvez seja sensato voltar e continuar os estudos dentro de um ou dois anos — admitiu Sarah. — Quando ganhar alguma experiência no terreno e conhecimentos da vida real que não sejam obtidos a examinar coisas num laboratório. Tem de haver alguma oportunidade para uma investigadora assistente entusiástica, pronta a trabalhar por um salário de miséria.

— Por acaso, essa oportunidade é capaz de estar aqui mesmo — disse Anthony. — Há um casal de nome Briggs, de Buffalo Springs, que está a estudar os elefantes. São financiados por uma universidade americana. Já

me encontrei com eles muitas vezes e são pessoas excelentes. Quer conhecê-los, doutora Mackay?

— Adorava. Mesmo que não possam oferecer-me nada, devem saber de outros projectos semelhantes.

— Porque não vamos até lá os dois amanhã de manhã? — sugeriu Anthony. — O Piet pode levar a Hannah e a Camilla para ver os animais e nós podemos tentar encontrar o Dan Briggs.

Buffalo Springs era uma extensão de planícies arenosas e terreno de mato rasteiro, que bordejava a margem sul do rio Uaso Nyiro. O acampamento dos Briggs situava-se nas proximidades de uma série de lagos e pântanos alimentados por correntes subterrâneas que nasciam nas encostas geladas do monte Quénia. O complexo estava cercado por uma vedação alta de espinheiros, como uma *manyatta* samburu tradicional, à sombra de acácias e palmeiras egípcias. Um portão de rede assinalava a entrada. No interior, havia várias construções de adobe e caniço com telhados de colmo, impecavelmente tratadas e rodeadas por filas de pedras caiadas e algumas plantas desgarradas. Foi Allie Briggs quem saiu para os receber. Era uma escocesa pequenina, de quarenta e poucos anos, com cabelo castanho-avermelhado salpicado de brancas e cortado rente, e um rosto sardento e curtido pelo vento.

— Anthony. Prazer em ver-te. Estás acampado nas proximidades?

— Estou. Mas estou de férias. Apresento-te a minha amiga, Sarah Mackay.

Apertaram as mãos e aceitaram uma cerveja fresca que Allie ofereceu. — O Dan está em Nairobi com os políticos de gabinete. Estamos a concorrer a mais fundos, como sempre. Eu consegui arranjar uma desculpa inteligente para não ir. Sabes como detesto a cidade.

— A Sarah acaba de se licenciar em Zoologia, em Dublin. Cresceu aqui no Quénia e quer saber se há algum trabalho de investigação em curso.

— Nós gostávamos de ter alguém aqui — respondeu Allie — mas não sei se o nosso orçamento permite. Depende tudo do sucesso que o Dan tiver esta semana. Há alguma área especial em que queiras trabalhar, Sarah? Nós aqui estudamos os elefantes.

Duas horas mais tarde, Sarah considerou que tinha causado boa impressão. Allie fizera-lhe uma série de perguntas exploratórias e parecera satisfeita com as respostas. Mas foram as fotografias que despertaram o

interesse dela. Anthony tinha convencido Sarah a levar os retratos de Dublin e algumas das fotos tiradas durante as duas semanas na costa.

— Tens um olho estupendo para o pormenor — observou Allie. — É uma compreensão visual das coisas africanas. É uma qualidade que pode ser extremamente útil a um investigador. Não sei se temos alguma coisa neste momento, mas fica descansada que vou perguntar por aí. E o Dan é capaz de ter algumas ideias quando voltar. Onde posso contactar-te?

— Vamos estar acampados mais alguns dias — disse Anthony. — E depois disso a Sarah vai estar na Fazenda de Langani.

— Ah, pois. É onde estás a levantar esse projecto de conservação privado. Espero que haja mais proprietários de terras a seguir esse exemplo. Espero voltar a ver-te, Sarah. — Allie foi enérgica e evasiva mas o seu aperto de mão ao despedir-se foi caloroso. — É sempre bom ver-te aparecer, Anthony.

— Ela gostou de ti — disse ele ao afastarem-se. — Às vezes é uma prepotente, mas é uma pessoa esplêndida. O trabalho deles com os elefantes tem granjeado imenso respeito nos últimos dois anos.

Sarah acenou com a cabeça, receosa de alimentar esperanças de ser considerada para o lugar de assistente no projecto dos Briggs. Não imaginava nada de mais inspirador do que estudar os elefantes e estar directamente envolvida na sua protecção a longo prazo. De novo no acampamento, Camilla e Hannah cumularam-na de perguntas, mas ela sentiu-se relutante em admitir o germe de esperança que se alojara no seu coração. As excursões para avistar animais adquiriram uma nova importância para Sarah, que começou a concentrar-se nos elefantes que encontravam. Observava os seus movimentos, interrogava incessantemente Anthony a respeito dos seus hábitos e estruturas sociais, tirava fotografias e tomava notas. E todas as noites rezava uma fervente oração para que no dia seguinte chegasse uma mensagem ou um contacto por rádio de Dan ou Allie Briggs.

Na manhã do vigésimo primeiro aniversário de Hannah, partiram um pouco mais tarde do que habitualmente, levando o pequeno-almoço com eles. O sol ia subindo no imenso céu e a terra começava a estalar sob o calor crescente quando esbarraram com um leão solitário que repousava debaixo de um arbusto. Este olhou para os insignificantes visitantes do seu território com uma expressão desdenhosa nos olhos soberanos, focados na

distância. Sarah debruçou-se na janela com a sua mais potente objectiva para que a magnífica cabeça do animal enchesse o visor.

— Que maneira de começar um novo ano de vida — disse ela. — É um presságio. Um bom presságio para todos nós.

— O melhor presságio é começarmos este ano juntos — disse Hannah. — Como é nossa intenção continuar. Como sempre foi nossa intenção continuar, acontecesse o que acontecesse.

Avançaram lentamente, ocasionalmente acompanhados por zebras brilhantes que pareciam poder rebentar a qualquer momento por uma das suas costuras pretas e brancas. Por vezes, uma escolta de perdizes africanas corria à frente deles na poeira e o ar enchia-se com a cintilação das asas e a música dos pombos, dos calaus e dos tecelões. Numa clareira que oferecia um toldo de ramagem, Anthony dispôs o piquenique. Uma trupe de macacos-vervet observava-os de cima, cobiçando o festim e falando em expectativa. No rio, uma águia-pesqueira repousava no toco de uma árvore morta, observando as correntes mais rápidas onde o seu próprio pequeno-almoço poderia esconder-se, usando o seu grito prolongado e persistente para chamar o companheiro. O dia passou-se em calmas conversas e evocações afectuosas. Quando se juntaram em redor da fogueira depois dos duches, não havia sinais de Samson com a sua sorridente recitação da lista de *cocktails*. Mas Anthony estava à espera deles.

— Vamos jantar fora — anunciou, sorrindo perante a surpresa geral. — Vá lá... toca a entrar para o jipe.

Embrenharam-se na noite, surpreendendo um par de chacais em busca de comida e guinando para evitar um noitibó encandeado pelos faróis. Minutos depois chegaram ao sopé de uma pequena colina sobranceira ao rio. Apearam-se do *Land Rover* e Anthony tomou a dianteira na subida, acendendo a potente lanterna e produzindo deliberadamente ruídos e pancadas fortes enquanto caminhavam em direcção ao céu estrelado. No cume do *kopje*, Samson e o pessoal estavam à espera. Tinha sido posta uma mesa na plataforma rochosa e, nas árvores, estavam penduradas candeias. Detiveram-se lado a lado no limiar de um mundo primitivo, tomados de uma sensação de assombro e gratidão pela dádiva recebida. Depois do jantar, encostaram-se aos pedregulhos ainda quentes ou deitaram-se nas mantas e almofadas que o pessoal lhes tinha preparado.

Camilla encostou-se a Anthony e contemplou a lua a subir através das copas das árvores escuras que tremiam no ar noturno. Ele passou os braços à volta dela e pousou o queixo na sua cabeça e ela sentiu-se suspensa na beleza do momento que a envolvia.

— Que estás aqui a fazer comigo? — sussurrou ele ao seu ouvido. — Que é que podes querer com um simples homem do mato? — Mas Camilla não respondeu, não desejando perturbar a harmonia.

Sarah instalou-se ao pé de Piet, esperando que a noite não fosse contaminada pelo seu desejo de um sonho perdido. Quando lhe lançou um olhar furtivo, ele estava a sorrir na escuridão, talvez à vista da irmã recortada no luar com toda a sua vida, esperanças e a força da juventude diante dela. Por fim, Sarah levantou-se, maravilhada com a velocidade com que a noite tinha absorvido o calor escaldante da tarde. Ouviu o estalar dos ramos quando uma manada de elefantes atravessou o mato em baixo, ao mesmo tempo que a lua transformava o rio castanho numa faixa prateada.

— Está a arrefecer — disse Anthony, desprendendo a mão dos dedos de Camilla. — Acho que são horas de regressar. — Ao estender a mão para ajudá-la a levantar-se, todos ouviram o som seco e áspero e imobilizaram-se.

— Um leopardo — sussurrou Piet. — Muito próximo.

Sentaram-se num silêncio absoluto até que o animal emergiu das árvores sem produzir um som, a sua pelagem malhada brilhando ao luar e os movimentos carregados de elegância voluptuosa e determinação. Por um momento, deteve-se e olhou para eles, os olhos verdes e calculistas, os bigodes a tremer na luz espectral. Era uma criatura de absoluta perfeição, orgulhosamente consciente do seu poder e beleza extraordinários. Estava apenas a metros deles, de modo que ouviam a sua respiração e sentiam o odor almiscarado do seu corpo. Os minutos dilataram-se num silêncio infinito. Sarah sentiu um sobressalto de medo e angústia quando Anthony estendeu uma mão para a espingarda. O leopardo também se apercebera do movimento e virou a cabeça. Ninguém se mexeu. Depois o animal abanou a longa cauda, lançou um último olhar aos seus espectadores e passou por eles, desaparecendo no meio das árvores na ponta do *kopje*.

— Meu Deus, que experiência! Que animal magnífico... um macho enorme, jovem e sem o mais pequeno defeito. Raras vezes vi um leopardo

tão esplêndido e não estava com pressa nenhuma para se esconder. Que sorte... que felicidade incrível! — Anthony estava rejubilante. — Mas é melhor irmos embora. Ele não há-de ficar satisfeito se nos demorarmos indefinidamente por aqui. Piet, vai à frente, as raparigas no meio e eu fecho atrás. — Empunhou a arma.

— Não o matavas, pois não? — Sarah teve de perguntar.

— Se tivesse de escolher entre ti e ele, quem querias que escolhesse? — respondeu ele a rir.

Na tenda, Sarah despiu-se e meteu-se na cama. Ao adormecer, a imagem do leopardo continuava intacta na sua memória. Em sonhos, sentiu o bafo dele na sua cara e o toque do seu pêlo macio na pele antes de se dar conta de que lhe corriam lágrimas dos olhos, transformando-se numa catarata veloz atrás da qual ele desapareceu por fim sem deixar rasto.

Nos dias que se seguiram procuraram o leopardo mas não voltaram a vê-lo. Na última manhã, a luz inundou o rio quando o sol, quente e dourado, surgiu à vista no horizonte. Camilla contemplou os animais a pastar nas pradarias e invejou a ordem tranquila das suas vidas. No dia seguinte, Anthony levá-los-ia de volta a Langani e depois partiria para Nairobi novamente, preparando a próxima expedição com os seus clientes. Um casal americano com a filha recentemente divorciada que precisava de um presente de consolação, um ponto de partida para a sua nova vida solitária. Camilla odiava a família toda, sentia ciúmes e medo das pessoas que o afastavam dela. A filha estava provavelmente à procura de um romance para salvar o amor-próprio ferido. Anthony não falara sobre o futuro, à parte uma vaga referência a uma viagem promocional que o levaria aos Estados Unidos em Novembro. Na noite anterior, tinha esperado que ele lhe pedisse que o acompanhasse. Tinha a certeza de que era capaz de encantar quaisquer possíveis clientes em Nova Iorque, São Francisco e Beverly Hills. Mas ele não dissera nada para a tranquilizar ou para indicar que contemplava a possibilidade de um futuro a dois.

Durante o dia tentou agarrar-se à esperança, garantir que ele recordaria sempre estes últimos momentos e todos os momentos passados com ela quando estivesse sozinho na sua tenda. Fez amor com ele com uma paixão selvagem que o surpreendeu e o levou depois a um clímax que nunca havia experimentado. Deitada então ao lado dele na tarde escaldante, afagou-lhe o longo corpo, massajando-lhe os ombros e lambendo e

beijando os pequenos fios de suor que lhe surgiam nas têmporas enquanto ele a mirava, aturdido e exausto mas insaciavelmente sedento dela. Camilla esperou que ele a puxasse para si, que lhe dissesse que a amava. Mas ele fitou-a em silêncio por alguns momentos e depois virou-se e adormeceu.

Quando o crepúsculo começou a arrefecer o solo e a pintar o céu de tonalidades pastel, juntaram-se na *manyatta* samburu para assistir às danças. Guerreiros cantores elevavam-se no ar em grandes saltos que desafiavam a gravidade, os seus corpos adornados com colares e pulseiras que pulavam e chocalhavam à medida que os sons e os movimentos se tornavam mais hipnóticos e extáticos e as vozes mais graves. Os pés e as lanças batiam no chão, as cabeças e os pescoços moviam-se para trás e para a frente, como cobras, enquanto os cabelos pintados de ocre açoitavam os ombros luzidios e esculturais. Ao lado deles, as mulheres batiam palmas, baloiçavam-se e cantavam em vozes agudas e nasaladas. Sarah não parava de apontar a máquina, recuando, aproximando a objectiva dos rostos e dos olhos cegos, absorvidos nos rituais dos seus antepassados, inconscientes e indiferentes à identidade dos seus espectadores. Mais tarde, as mulheres convidaram-nos para a área da *manyatta* onde tinham exposto joalharia de contas e bugigangas para comprarem.

— Há aqui algumas peças bonitas — observou Camilla, tirando outra nota e entregando-a.

— Que diabo vais fazer com essa quinquilharia toda? — perguntou Anthony. — Vamos precisar de outro atrelado para a carregar. Não estás certamente a pensar em usar isso.

— Estes colares e pulseiras vendiam-se em Londres com o mesmo sucesso dos artigos indianos que fazem agora furor. Mas tresandam a madeira queimada e excremento de vaca e sabe-se lá que mais. Alguém devia ensiná-los a curar devidamente as peles e a pôr fechos decentes nas jóias. Podiam sustentar esta *manyatta* inteira com as receitas se as peças tivessem um acabamento melhor.

— Aí está uma missão para ti. — Hannah enfiou o braço no de Camilla. — Podias ocupar-te disso a partir de Nairobi se não queres mesmo voltar às luzes dos projectores e ao trabalho de modelo. Não consegues imaginá-la, Anthony, a visitar as *manyattas*, a ensinar as mulheres masai e samburu

a produzir peças de alta qualidade para as lojas chiques de Londres? Era um negócio fantástico.

— Há aqui um *moran* que quer uma madeixa do teu cabelo, Camilla. — Anthony não deu sinais de ter ouvido a pergunta. Indicou um jovem samburu que estava a examinar Camilla com declarada admiração. — Está pronto a pagar bem para seres noiva dele.

— E eu? — perguntou Sarah. — Não sirvo?

— Não és loura — respondeu Anthony.

— É a melhor oferta que tive o dia todo, sem dúvida. A semana toda, aliás — disse Camilla. Soltou uma gargalhada, um pouco entusiástica de mais, e depois arrependeu-se da sua tentativa grosseira de lhe mandar uma mensagem tão óbvia.

— Vamos regressar pelo *lodge* de Samburu — declarou Anthony. — O Piet quer contactar Langani a saber se deve parar para comprar alguma coisa em Nanyuki a caminho de casa, amanhã. Podemos sentar-nos no alpendre a ver os turistas em acção.

No hotel foram recebidos por uma cacofonia de pratos a tinir e pelo zumbido importuno das pessoas a comer e a beber. Chegavam *Land Rovers* em fila, estacionando à porta, na poeira uns dos outros, despejando pequenos grupos de pessoas transpiradas e palradoras envergando ostensivos fatos de safari.

— Eu não era capaz disto — disse Hannah —, mas ainda bem que estou aqui a assistir. Camilla e Anthony, esta foi a melhor prenda de anos com que se pode sonhar. E ao ver este sítio, sei que a tranquilidade e a calma do nosso pequeno *lodge* em Langani vão bater tudo e todos.

Ao falar, viu Piet no balcão de recepção, a falar ao telefone e a começar a franzir o sobrolho. Quando ele voltou, reparou na ansiedade na sua expressão.

— O Lars não estava mas falei com o Simon. Houve um problema... um incidente, aliás... há duas noites. Pensei em meter-me já a caminho para lá mas não adianta.

— Que tipo de incidente? — Hannah levantou os olhos, pressionando a face com os dedos.

— Eu explico depois no acampamento — disse Piet. — Vamos deixar esta gente barulhenta a entreter os animais. O Simon pareceu-me sensato. Foi um achado esse rapaz. Disse que o Lars está a tratar do problema e por

agora não se pode fazer mais nada. A polícia apareceu para investigar, mas todos sabemos que hoje em dia isso não ajuda muito.

— A polícia? Não me digas que alguém voltou a roubar a rede da vedação — disse Hannah. — O que foi, Piet?

— Vamos voltar para o acampamento, hein? — disse Piet a Anthony. — Falamos do assunto lá enquanto tomamos uma bebida calmamente.

Recusou-se a tecer mais comentários até se terem instalado em redor da fogueira. Depois puxou a cadeira para junto de Hannah e sorveu um gole de *whisky* antes de falar.

— Ontem à noite ficámos sem cinco das tuas vacas leiteiras. Cortaram-lhes as gargantas e abandonaram-nas no campo. Dá-me ideia que é vingança. Não eram ladrões de gado nem ninguém que queria vender a carne. A situação não me agrada nada.

— As minhas vacas! Não pode ser! — exclamou Hannah. — Cinco das minhas vacas. Quais? Não posso crer!

— Sempre tivemos problemas com cortes e roubos da rede da vedação e com as malditas manadas dos masai que utilizam os nossos pastos. Ou com roubos do nosso gado. — Piet estava de sobrolho carregado. — Mas porque há-de alguém matar cinco vacas e nem sequer levar a carne? É muito estranho. Um acto desprezível.

— Achas que é alguém que despedimos? — perguntou Hannah, tentando adaptar-se à notícia e às suas implicações. — Que aconteceu ao vaqueiro que o Lars despediu há alguns meses? Talvez seja a maneira que arranjou para se vingar.

— Esse não passava de um velho bêbado, Han. Não acredito que voltasse para matar as tuas vacas por vingança. Quem fez isto degolou-as e esventrou-as. E depois deixou-as a esvair-se em sangue na terra. Nem um quilo de carne levou. O velho Matui nunca teria feito uma coisa destas.

— Não podes fazer suposições dessas — disse ela impacientemente. — Pensas que mudaram todos assim que se tornaram independentes. Mas as mudanças hão-de levar anos. Se é que alguma vez vão acontecer.

— Deve haver agricultores africanos bem-sucedidos hoje, não? — perguntou Sarah.

— Viste ultimamente o Kinangop? — perguntou Hannah, furiosa. — Viste o aspecto que tem agora essa região que era rica e fértil? É um

deserto. Cinzento e poeirento com trilhos em que mal se consegue transitar e vedações a cair. As casas de lavoura foram saqueadas e os soalhos, os apainelados e as portas de cedro e carvalho deitados abaixo para fazer lenha. O mesmo aconteceu às árvores plantadas para criar barreiras contra o vento e proteger as culturas. A única coisa que se vê agora são uns quantos caules de milho mirrados. E uma ou outra fila de cebolas, cenouras e couves em sacos na berma da estrada porque o diabo do carrinho de mão de alguém se estragou e não há transporte para as levar para o mercado.

— Ora, Hannah, nem tudo é assim mau. Os quicuios são espertos. E ambiciosos. Hão-de lá chegar. — Piet estendeu a mão para acalmá-la, mas Hannah sacudiu-a num gesto de fúria.

— Dizem que lhes ficámos com as terras — disse ela. — Mas os quicuios só vieram para cá há algumas centenas de anos. Não são originários daqui. Foram escorraçados da região a norte do rio Tana por nómadas gala. Claro que ninguém fala nisso nem no facto de terem chacinado os Gumba que tinham chegado antes deles. Os quicuios começaram a revolta dos Mau-Mau para se livrarem dos agricultores brancos. Mataram alguns de nós e assassinaram muitos mais da tribo deles que se recusaram a prestar juramento. Mas historicamente não tinham mais direito à terra do que nós.

— É verdade que as guerras tribais foram tão violentas como qualquer conflito desde os tempos coloniais — disse Anthony. — E os ingleses conseguiram uma trégua entre a maioria das tribos e, em lugar das escaramuças deles, implementaram um sistema legal. Mas nós aparecemos do nada para lhes usurpar as melhores terras enquanto a população indígena era despachada para as reservas.

— É isso mesmo! — exclamou Sarah. — Supostamente nós somos mais sensatos, justos e democráticos.

— E somos mais sensatos — Hannah levantou-se, derrubando a cadeira. — Pensa nas pessoas como o teu pai e no contributo que deram. Nós trouxemos escolas, melhor habitação e medicamentos. E trabalho permanente para que as pessoas possam comer todos os dias e os *totos* delas não morram de malária nem à fome. Mas agora os jornais estão cheios das nossas perfídias. E mandam responsáveis de Inglaterra para nos dizer o que fazer e dar as nossas terras ao desbarato e insistir que o nosso

país deve ser governado por pessoas que parecem obcecadas unicamente com os ganhos pessoais.

— São tempos difíceis, Hannah — disse Anthony, pegando-lhe na mão e puxando-a para junto do fogo. — Temos uma enorme tarefa pela frente enquanto o país se transforma e o quadro político...

— Oh, por amor de Deus, estamos a falar das minhas vacas e não da merda do quadro político — interrompeu Hannah. — De que serve falar do futuro do país se deixamos as pessoas matar-nos o gado e ignorar as leis da propriedade? Nesse caso, quem beneficia? E tu, Sarah, pareces uma dessas esquerdistas inglesas que acham que se deve dar tudo de bandeja aos quicuios ou aos cambas ou aos masai ou a qualquer pessoa que seja negra, para poderem pôr outra vez o país na Idade da Pedra, que foi como nós o encontrámos.

— E tu pareces quase tão intolerante como o teu pai se mostrou na última noite em que jantámos em Langani! — As palavras saíram sem que Sarah conseguisse dominar-se. Foram seguidas de um pesado silêncio e depois do som de Hannah a chorar de mansinho, com o rosto enterrado nas mãos.

Sarah levantou-se e pousou cuidadosamente a bebida no braço da cadeira. — Sinto muito, Han. Tenho muita pena das tuas lindas vacas e peço desculpa pelos disparates que disse. Não uma vez mas duas. Tenho de saber ouvir melhor, aprender a ouvir todos os lados de um problema antes de me pronunciar sobre ele. Prometo que não volto a ser assim estúpida. — Acocorou-se no chão diante da cadeira de Hannah e pegou-lhe nas mãos. — Estou do teu lado, Hannah, completamente e em tudo o que fizeres. Estou do teu lado e do Piet. Perdoas-me?

— Ora, não passas da minha irmã estúpida — disse Hannah, limpando as lágrimas. — Mas se vais começar a procurar emprego por aqui, o melhor é eu pegar em ti e mostrar-te a realidade. E tu tens de me ensinar algumas dessas tuas ideias liberais antes de sermos todos escorraçados do país por não sermos capazes de evoluir com os tempos. Não é, Piet?

— Exacto. E aqui a terceira irmã parece uma desgraçada esta noite. — Olhou para Camilla com um sorriso. — Sugiro que o Anthony traga o melhor vinho que ainda tivermos e que nos sentemos à beira-rio a bebê-lo enquanto endireitamos o mundo. E amanhã voltamos para casa. Para casa em Langani.

CAPÍTULO 13

Quénia, Setembro de 1965

A atmosfera em Langani era sombria enquanto Lars descrevia a natureza brutal do massacre.

— Fez-me lembrar o estado de excepção quando estas coisas aconteciam nas fazendas brancas. Foi como se o gado da Hannah fizesse parte de um ritual. Se tivesse sido roubado ou abatido pela carne, eu compreendia. Mas foi esventrado e abandonado à morte. Parece-me um acto sem sentido.

— E a polícia? — perguntou Piet.

— O costume — respondeu Lars, num tom resignado. — Apareceu aqui um sujeito local com umas botas enormes e um bloco de notas. Os homens dele andaram pelos campos, a pisar quaisquer provas que pudessem ter utilidade. Inexperientes e ignorantes. Uma lástima. Mas via-se que até eles ficaram chocados. Depois o Jeremy Hardy apareceu. É uma sorte ele ainda estar por cá. É um óptimo polícia.

— Interrogaste os trabalhadores todos? — A cara de Hannah estava manchada de lágrimas.

— Estavam tão abalados como eu — respondeu Lars. — Deve ter acontecido por volta das três ou quatro da manhã. O Juma disse que tinha passado por essa zona mais ou menos às duas e que não notou nada de estranho. Encontrou as vacas ao romper do dia e ficou num estado terrível, a chorar e a gritar e a torcer as mãos. Ouvi a choradeira dele ainda antes de chegar a casa. Não me parece que tenha sido a fingir.

— Vou passar a tarde de hoje e o dia de amanhã a fazer mais perguntas — declarou Piet. — Já reforçaste a segurança à noite, Lars? Óptimo. Agora só nos resta tentar obter informações. Um dos *watu* deve ter visto alguma coisa. Tenho a certeza de que os mais antigos são leais e já se teriam apresentado se tivessem alguma coisa a comunicar. Mas

ultimamente admitimos gente nova para acabar a construção do *lodge*. Temos de os investigar. E o Kipchoge e o Simon? Algum deles notou alguma coisa de importante?

— O Simon disse que andavam dois sujeitos a rondar o portão próximo da estrada de Nanyuki antes de o gado ser morto — respondeu Lars. — Andavam à procura de trabalho. O Kipchoge viu-os a falar com o Simon, mas não se lembra de nada de especial sobre eles. Nessa manhã eu estava em Nanyuki e, quando cheguei e o Simon me falou neles, já se tinham ido embora. O pobre Kamau e o Mwangi ficaram muito abalados quando viram as vacas. E o Kipchoge também ficou tolhido de medo. Os *watu* todos, aliás. Claro que o Kamau disse imediatamente que o Simon devia ser o primeiro a ser interrogado porque está cá há pouco tempo. Mas o Simon estava mais transtornado do que os outros. Aterrorizado. É uma *shauri* muito má que afecta toda a gente.

— O Kamau nunca me perdoou desde que dei o melhor emprego no *lodge* ao Simon — disse Hannah. — Eu sei que o velho nunca se teria envolvido numa coisa destas. Mas e o David?

— Estás a treiná-lo como cozinheiro — disse Piet. — E os protestos deles não têm assim tanta importância como isso. O Kipchoge também tem andado amuado comigo, embora saiba perfeitamente que não era capaz de fazer o trabalho do Simon. Só andou quatro anos na escola e nunca aprendeu a falar bem inglês mas, de qualquer maneira, sente-se ofendido. Disse-lhe que é o melhor batedor e *syce* que se pode desejar. Expliquei-lhe que vai ficar responsável pelos guarda-florestais quando começarmos a formá-los. Mas mesmo assim sente-se posto de lado. Está convencido que é melhor trabalhar num escritório.

— Enquanto estiveram ausentes, houve disputas sobre quem era responsável pelos celeiros e pela encomenda de mantimentos e de ração para os cavalos — disse Lars. — Pequenas lutas pelo poder a propósito de tudo.

— Mostrei ao Kamau os certificados que o Simon apresentou, expliquei que ele é capaz de tratar da contabilidade e de dactilografar mas ele não se deixou convencer — disse Hannah num tom fatigado. — Se formos a ver, são todos como crianças. Havemos de ter sempre de resolver as brigas deles.

— Neste momento não me vou preocupar com nenhum deles — disse Piet. — É sempre a mesma coisa quando admitimos um trabalhador novo. O meu pai tinha muitas vezes o mesmo problema. Eles hão-de acabar por arranjar maneira de se entender. Talvez este incidente até sirva para os unir. E a segurança? — perguntou Piet.

— Contratei mais dois vaqueiros durante o dia — respondeu Lars. — Dois tipos que foram dispensados quando o velho Griffiths vendeu a maior parte do gado. Diz ele que são homens de confiança. E transferei dois dos mais experientes para as patrulhas nocturnas. Além do mais, eu próprio tenho feito a ronda de carro. Duas vezes por noite, a horas diferentes. — Tamborilou com os dedos na mesa e hesitou um momento. — Fiz bem em não te contactar em Samburu e interromper o teu safari? Pareceu-me que não havia nada que pudesses fazer aqui.

— Fizeste bem — disse Piet com firmeza. — O aniversário da Hannah era uma ocasião especial e passámos todos momentos fantásticos. Teria sido um disparate estragar isso.

— Deve ter sido um episódio esporádico — disse Lars —, mas fui dar com um fogo próximo do *lodge* na semana passada. Mais meia hora e teria sido um problema porque estava um dia ventoso e tinha sido ateadado muito perto da plataforma de observação. Na altura pensei que tinha sido algum idiota que o acendeu para cozinhar a carne e o *posho*, mas não vi ninguém por lá. Agora pergunto-me se terá sido outra coisa. Outra maldade como as vacas que consegui atalhar.

— Não podemos começar a olhar constantemente por cima do ombro, a entrar em paranóia por dá cá aquela palha — declarou Piet. — Estamos sempre a encontrar pequenos fogos na fazenda por uma e outra razão. E tu não podes passar o dia e a noite a percorrer a propriedade de carro, Lars. Precisas de dormir com regularidade como todos nós. Temos de implementar um plano de segurança melhor. Sobretudo se queremos defender o *lodge* em condições. Lá é que não podemos permitir que ocorram incidentes. O único problema é o custo.

— Há uma nova organização em Nairobi com fundos para ajudar pessoas como tu — disse Lars, inclinando-se para a frente. — Aparentemente estão interessados em encorajar reservas de vida selvagem. Foi um amigo meu do gabinete de Ajuda Humanitária Norueguesa que me disse.

— Mas essas agências são extremamente lentas a não ser que se conheça alguém que meta uma cunha. — Piet não se mostrou otimista. — É preciso esperar que eles mandem o que consideram um perito para inspeccionar o local. Aparecem seis meses mais tarde, fazem cinco mil perguntas e depois desaparecem para deliberar. Pode demorar imenso tempo a processar a papelada. Sou capaz de estar num lar de idosos quando o dinheiro chegar. Mesmo assim, se decidirem que é um projecto válido podem atribuir dinheiro para os guardas-florestais e para as vedações.

Camilla percebeu imediatamente que organização era. Mas recordou-se dos desastrosos resultados do seu pedido anterior ao pai e ficou calada. George Broughton-Smith tinha regressado a Londres quando estavam em safari mas ela decidiu levantar a questão junto dele assim que voltasse. Desta vez, talvez ele pudesse ajudar.

— Não falemos mais dos nossos problemas. — Hannah levantou-se. — As nossas férias estão quase a chegar ao fim e temos de aproveitar ao máximo os dois últimos dias. Logo à noite vou organizar uma *breiflies* no jardim e amanhã saímos cedo a cavalo enquanto a luz é boa para as fotos da Sarah.

— Infelizmente, tenho de partir de manhã — declarou Anthony. — O meu pessoal continuou para o Mara para preparar a chegada dos próximos clientes. Mas eu tenho de estar no escritório para pôr a papelada em dia antes de eles chegarem.

— De qualquer maneira podes montar connosco antes de partires para Nairobi. — Hannah sorriu radiosamente pela primeira vez desde que tinham chegado a casa. — Sarah, podes partilhar o meu quarto, eh? E deixamos a suíte de hóspedes para Lady Camilla usar como bem lhe apetecer.

— Estou a precisar de dormir a sesta — disse Anthony, mostrando-se estranhamente acanhado. — A viagem desta manhã foi cansativa e incómoda e eu levantei-me antes do nascer do dia para desmontar o acampamento.

Lars observou Anthony a estender a mão para Camilla e a saírem os dois da sala. Estranha combinação, pensou. A rapariga bela e frágil não tinha ar de quem seria capaz de sobreviver ao regime de solidão da vida em Nairobi com o homem dela constantemente em safari. Mas se tinha

passado lá a infância devia conhecer a situação. Talvez fosse uma dessas mulheres de aparência frágil que possuíam uma alma de aço. Nunca se sabia. Olhou de relance para Hannah que estava a combinar o jantar com Kamau.

— Lamento imenso teres voltado para casa para ouvires notícias tão más — disse ele depois de o cozinheiro sair. — Vais já desfazer as malas ou queres ir dar uma volta comigo? Pedi ao jardineiro que fizesse certas coisas na tua ausência. Podes verificar se fiz alguma asneira.

Ela hesitou, com medo de rebentar a chorar como uma criança se ele lhe falasse com tanta ternura. A chacina do gado transtornara-a terrivelmente e a sua tristeza estava contaminada por uma nova sensação que reconhecia agora ser o medo. Nunca até então sentira medo na sua própria casa. A ideia foi-se insinuando nela aos poucos como um veneno, infiltrando-se-lhe lentamente no espírito, assentando-lhe como bÍlis no estômago e provocando-lhe um sabor acre na boca. Precisava de admirar qualquer coisa de belo.

— Sim, gostava muito de ir ver o jardim. E o sítio onde enterraste as minhas vacas, se tiveres tempo para me levar lá. Agradeço-te imenso teres arranjado um lugar especial para elas. E fizeste bem em não ter dado a carne a ninguém, Lars.

No quarto de hóspedes, Anthony fez sinal a Camilla para que se aproximasse da cama. Ela tinha-se sentado na conversadeira da janela, evocando recordações de infância do jardim de Lottie e a sensação de segurança que sempre experimentara ali. Para lá da bordadura de sebes cuidadosamente tratadas e das roseiras, a savana agreste e imensa refulgia com um brilho pálido e dourado até às encostas da altiva montanha. Uma fronteira tão ténue entre o homem e a vegetação exuberante tinha de ser constantemente mantida, caso contrário os relvados e as flores seriam engolidos pela natureza voraz até não restar qualquer vestÍgio da ordem e beleza criadas pelo homem. Observou Lars e Hannah na borda do relvado e esperou que, com o tempo, o evidente afecto que ele nutria por ela resultasse em alguma coisa. E Sarah estava tão cheia de optimismo, exultando com os seus planos para ficar em África, para estar perto de Piet. Camilla pensou na noite de luar quando tinha sido tonta ao ponto de deixar Piet beijá-la. Parecia ter sido há uma eternidade e desde então tinham seguido caminhos muito diferentes. Agora era apenas o seu

próprio futuro que permanecia incerto. Havia sinais de chuva no céu e os picos serrilhados da montanha tinham desaparecido numa densa faixa de nuvens. Afastou-se da janela para se deitar ao lado de Anthony.

— O tempo passou demasiado depressa — disse ela. — Como se alguém lhe tivesse subtraído horas atrás de horas enquanto dormíamos.

Ele não respondeu mas começou a acariciá-la, soprando-lhe suavemente ao ouvido, passando-lhe os dedos pela espinha abaixo, descobrindo as partes secretas dela que só ele conhecia. Ela pairou sobre ele como uma borboleta, deixando-o penetrá-la, afundando-se nele e inclinando-se em seguida para trás, tocando-o ao de leve e beijando-o por todo o corpo. A separação e a perda já a consumiam e, com cada movimento, incitava-o a dizer-lhe que a amava, que queria que ela ficasse, que devia esperar por ele em Nairobi, em Langani, em Londres. Em qualquer lado. Mas, embora ele gritasse com a intensidade do amor, não proferiu quaisquer palavras que os ligassem no futuro. Mais tarde, ela guardou silêncio, não desejando chorar, determinada em não abordar as temidas questões que lhe ensombravam os pensamentos. Pouco depois ele adormeceu, as pestanas ruivas destacando-se contra as faces, as sobrancelhas com a forma de asas delicadas, o nariz aquilino como uma estátua que ela vira em Florença. Observou-o a dormir, o seu rosto despreocupado na almofada, o seu espírito indiferente às necessidades dela.

Quando se levantou e o deixou, Camilla olhou para o espelho da casa de banho. Tinha os lábios inchados dos beijos dele e o cabelo desgrenhado em redor do rosto. Abriu o chuveiro e deixou-se ficar debaixo da água durante muito tempo, lavando o cheiro e a essência dele do corpo, tentando distanciar-se da mágoa que se avizinhava. Vestiu-se então e sentou-se numa cadeira, folheando uma velha revista com artigos sobre trigo e criação de ovelhas até o sol poente e o ar frio assinalarem o cair da noite.

— Pensei que estavas ao meu lado quando eu acordasse. — A voz dele sobressaltou-a. — Habituei-me a isso. — Estendeu um comprido braço para atraí-la.

— Então vais sentir saudades minhas? — Tinha resistido ao seu convite e continuado sentada. Mas, a despeito de todas as suas boas intenções, fizera a pergunta indesejável.

— Claro que vou. — Os olhos dele eram já diferentes. Cautelosos.

— Muitas? — Ela estendeu as mãos, afastando-as uma da outra a cada gesto. — Assim? Ou assim? — A sua voz era insegura e sabia que ele ouvia o seu medo.

— Não te vais pôr com sentimentalismos, pois não? — Ele estava completamente acordado, apoiado num cotovelo, uma sombra de alarme espreitando-lhe no sorriso. — Passámos um tempo estupendo e não devemos estragar tudo com lamúrias agora que temos de voltar à realidade. Não te parece?

— O que é a realidade? — Agora que tinha começado, era impossível enterrar as perguntas.

— A realidade? Para mim é andar no mato. O lugar que mais adoro, o lugar onde quero sempre estar quando estou noutra sítio. É onde me sinto bem na minha pele.

— Compreendo isso. Estive lá contigo. Aprendi qualquer coisa de precioso contigo todos os dias. Quero aprender mais.

— A realidade para ti é a sofisticação e a glória do que te tornaste em Londres, Camilla, com toda a tua beleza e talento. No teu caso, a realidade é o bulício da grande cidade e os lugares que me mostraste onde eu sou um labrego e tu és a princesa reinante. Divertido por um ou dois dias, viajar na luz que emana de ti. Mas não é vida para mim numa base regular.

— E estas últimas semanas? — Odio o tom da sua voz, conciliatório, quase suplicante. — Fui apenas uma simples distração?

— Claro que não. Não sou esse género de homem, que tem relações com todas as raparigas que aparecem em safari. Não sou promíscuo — protestou ele. — Pensei que nos sentíamos felizes com o que partilhámos. Que tínhamos encontrado um lugar nas nossas vidas separadas quando os nossos caminhos se cruzaram no momento perfeito. Pensei que sentias o mesmo.

— Sentia. Sinto.

— Mas agora temos de voltar às nossas rotinas normais — disse ele. — Eu nunca poderia viver como tu, numa cidade, saltando alegremente entre beberetes e jantares e discotecas fumarentas e esse género de coisa. Só aguento Nairobi durante uma semana, talvez. Duas, no máximo. Depois disso começo a contar as horas até estar outra vez no *bundu*.

— Talvez eu me tenha cansado das luzes da cidade. Talvez não tenham passado de um degrau para outra coisa... uma ilustração do que a vida não

deve ser. Uma fase. — A expressão de Camilla era de abatimento.

— Toda a gente que faz um safari sente isso — retorquiu ele. — Nunca querem que acabe. É uma experiência extraordinária e única para a maioria das pessoas. Vêem e fazem coisas com que nunca sonharam, pensam que estão a viver no limite do perigo e da excitação. Mas foi outra pessoa que organizou as coisas, que as pensou, que lá está para garantir a segurança e o conforto delas. Foi outra pessoa que, durante um curto período de tempo, transformou o sonho em realidade. Nunca conheci um turista que fosse capaz de aguentar a rotina monótona que esse trabalho envolve.

— Eu sei o que é um trabalho rotineiro e enfadonho. E não sou nenhuma turista, Anthony.

— Não sabes como é hoje em dia. Os telefones que não funcionam e os correios que perdem as nossas cartas. A corrupção e a incompetência, os problemas de conseguir um carimbo numa autorização. O pequeno furto, peças de jipes e camiões que desaparecem, provisões que foram prometidas mas, misteriosamente, não chegam.

— Criar sonhos é um trabalho árduo — disse ela. — Eu também tenho de o fazer, de forma diferente. As pessoas olham para as páginas das revistas, para as roupas bonitas e os cenários exóticos, e querem ser como as imagens que vêem. Mas não sabem nada sobre a carrinha do guarda-roupa que está estacionada num pátio frio e ventoso onde pomos vestidos de Verão em temperaturas negativas. Não fazem ideia que apanhámos um resfriado brutal, que vestimos coisas que só nos servem com alfinetes-de-ama e molas da roupa escondidos atrás. E não têm de se sentar a suar debaixo de projectores quentes num camarim atulhado com uma série de gente a praguejar e a gritar por um secador de cabelo ou uma embalagem de base.

Anthony não conseguia estabelecer qualquer ligação entre os seus dois mundos. — Não consigo imaginar ninguém como tu, ou como os meus clientes de Nova Iorque ou do Texas ou de Londres, a carregar tendas em carrinhas ou a mudar pneus furados por ervas-de-camelo. Não te vejo a esquadrinhar Nairobi à procura de um dos trabalhadores que se embebedou na noite anterior e não apareceu a horas de partir. Não fazes ideia...

— Faço ideia, sim — disse ela. — Não te esqueças que passei a maior parte da minha infância aqui. Não sou nenhuma herdeira nova-iorquina mimada. Gostava de ficar e arranjar aqui um emprego. Sou óptima a vender coisas, sobretudo sonhos, e falo fluentemente francês e italiano, o que é útil agora que há mais pessoas a fazer safaris. A minha vida não se reduz a vestir roupas idiotas e a ser recebida como se fosse uma princesa no restaurante chique mais recente de Londres. Espero que não me vejas assim, Anthony.

Fez-se um longo silêncio. Ele não tinha desejado que as coisas chegassem àquele ponto, não tinha esperado que chegassem. Tinham conhecido a paixão e partilhado o prazer, mas Camilla estava a falar de uma relação mais profunda e permanente. Fora apanhado desprevenido, estava pronto a bater em retirada. Ela tinha gostos refinados, era mundana, estava habituada a mover-se em círculos onde as conversas revolviam à sua volta em fórmulas e sentidos que era incapaz de compreender.

— Camilla, nunca te quis magoar nem entristecer — disse, por fim. — És a rapariga mais bela que alguma vez conheci e há anos que te digo isso. — Estendeu o braço sobre a cama e pegou-lhe na mão. — Sempre disseste que eu era um vulgar galago e tens razão. Sinceramente, não sei o que estás aqui a fazer comigo, excepto que estas semanas aconteceram por uma feliz coincidência. Todo o safari foi fabuloso. E espero que tenhamos mais momentos assim se tu...

— Se eu voltar para Chelsea e for famosa e der nas vistas e andar ocupada até tu apareceres da próxima vez — Camilla tinha passado a vida a esconder as suas emoções, a observar em silêncio os pais a aperfeiçoar o código corrosivo do seu sistema de comunicações. Não estava preparada para a sensação latejante e sufocante que tinha na garganta ao debater-se para se dominar. Levantou-se e despenteou-lhe o cabelo, arrancando do fundo de si o último resquício de arrogância. — Daqui a uma semana estou em Nova Iorque para tirar as melhores fotografias de sempre. E depois não há-de haver ninguém importante que não saiba quem eu sou.

— E estou convidado a juntar-me aos ricos e famosos para os teus vinte e um anos? Se passar por Londres na minha viagem promocional?

— Oh, absolutamente. Podes fazer promoção entre os convidados. Vender-lhes safaris. — Havia um certo azedume na gargalhada que soltou.

Ele sabia que a tinha magoado. — Camilla, acredita que nutro por ti sentimentos muito especiais. Não estou simplesmente preparado para partilhar a minha vida nem para mudá-la. Mas nunca quis magoar-te.

— Não fiques tão aflito, Anthony. — Afastou-se dele. — Não hei-de ter tempo para chorar o teu desaparecimento quando chegar a Londres depois de amanhã. Mas não estou interessada em dar uma festa de aniversário porque tenho a certeza que a minha mãe ia querer uma coisa horrorosa com milhares de pessoas que eu ia odiar. Estava a pensar em ir à Irlanda e celebrar com a Sarah mas agora, pelos vistos, ela vai estar aqui. Sou capaz de tentar escapar para uma ilha deserta ou coisa do género. Estas últimas semanas foram a minha verdadeira festa de anos... momentos divinais que ainda não acabaram. Por isso, vamos mas é aperaltar-nos para o churrasco da Hannah.

Odiou o alívio palpável que vislumbrou na expressão dele e, pela primeira vez, compreendeu o abismo que divide um homem e uma mulher que não podem partilhar os seus sonhos. Estremeceu com a dor, combateu a sensação ardente e patética das lágrimas que lhe assomavam aos olhos.

— Volta para a cama. — A voz dele era exactamente como ela a adorava. — És tão bela. Quero-te nos meus braços um pouco mais.

— És guloso e estamos atrasados. Felizmente já tomei um duche. Despacha-te e veste-te. Vou indo à tua frente.

Lá fora no relvado, Hannah foi assaltada por uma terrível sensação de *déjà vu*. A toalha adamascada de Lottie estava estendida numa mesa de cavaletes, decorada com uma taça de flores escarlates de tulipas-de-áfrica e posta com o melhor serviço. Guardanapos engomados estavam enfiados em velhos copos de família e Hannah sentiu os fantasmas dos pais, silenciosamente à espera nos seus lugares habituais. Inundaram-lhe o espírito visões da última noite que passaram em Langani, com Jan carregado de pessimismo e sinistras premonições e Lottie muda e reservada. Hannah sentou-se numa cadeira de lona, ganhando coragem. Mas a sensação de perda tinha-a acometido com tal força que a sentia como um ataque físico e fez pressão sobre o estômago numa tentativa para se acalmar. Levantou os olhos para Mwangi. Ele estudou a sua cara por um momento e depois começou a levantar os talheres.

— Esta noite é para a gente nova — disse ele. — Não devemos adoptar os velhos costumes. Vou pôr outros pratos, *memsahib* Hannah, e a menina vai escolher outras flores. Lembramos os *mzees* noutra ocasião.

Levou os talheres e pratos de Lottie para dentro de casa, voltando com louça de todos os dias e guardanapos aos quadrados. Hannah sentiu vontade de o abraçar, de lhe dizer como era vital o papel que ele desempenhava em tudo a que dava valor e como o amava pela sua bondade, compreensão e lealdade. Mas receava que as palavras fossem desajustadas, que pudessem até embaraçá-lo e, assim, apertou-lhe a mão, esperando que ele compreendesse. Em seguida pegou na tesoura de jardim e cortou um cesto de dalias, rosas e cravos em cores vibrantes e provocantes. Ao colocar os novos arranjos de flores na mesa, sentiu-se intensamente grata pela infância que os pais lhe haviam proporcionado. Sempre acreditara que o pai era sábio e poderoso, que sob a sua protecção nunca lhe aconteceria nenhum mal. Ele não se revelara inteiramente o herói da sua imaginação de criança mas continuava a ser seu pai. E o amor incondicional de Lottie tinha-os encapsulado, tinha-os encorajado a acreditar que os sonhos se podiam realizar. Hannah saiu do jardim e entrou em casa, sabendo nesse momento que tinha de falar com os pais. Falaria com o pai, dir-lhe-ia que o passado estava esquecido, que ele e Lottie deviam voltar para casa em Langani, que era onde pertenciam, porque os amava e precisava deles. Quando o telefone tocou, interrompendo os seus pensamentos, soube instintivamente que era a mãe.

— Feliz aniversário, minha querida Hannah. Não consegui contactar-te enquanto andaste em safari. Queria tanto falar contigo. Deve ter sido maravilhoso, com o Piet e os teus amigos. Quero saber os pormenores todos e espero que me escrevas a contar. — A voz de Lottie estava carregada de saudade.

— Eu escrevo — disse Hannah. — Vou contar-te tudo sobre o meu espantoso aniversário. E obrigada pela pulseira. Estava à minha espera quando regresssei hoje de manhã. Nunca tive nada com pedras verdadeiras. Toda a gente a adorou. E o vestido também. Adoro-te, mãe. — Respirou fundo. — O pai está aí? Gostava de falar com ele também.

— Oh, Hannah, querida. Ele vai ficar felicíssimo quando souber. Não está aqui agora. — Fez uma pausa. — Saiu em patrulha. Duas fazendas aqui foram atacadas e mataram pessoas. A situação está muito tensa com o

Ian Smith a proibir todos os partidos políticos negros. Os desacatos vão continuar, infelizmente. E, como sempre, o Kobus tem-se mostrado difícil.

— Eu sei, mãe.

— O Lars ligou a contar-nos do gado. Sinto muito.

— Foi uma coisa muito estranha. E assustadora. Mãe, não queres considerar regressar a casa agora? Tu e o pai?

— Não sei, minha querida — respondeu Lottie. — É um pouco complicado. Vou falar com o teu pai. Feliz aniversário, minha linda filha. Daqui a um ou dois dias, ligo-te e já terei algum plano.

— Acho que eles vão voltar para casa — disse Hannah a Piet mais tarde. — Sinto-me tão feliz.

— Han...? — Ele aproximou-se dela, cheio de alívio e esperança perante a perspectiva de a desavença familiar poder ser finalmente sanada.

— A mãe vai voltar a telefonar brevemente. A dizer-nos quando podem voltar. Parecia tão diferente... como a pessoa de antigamente. Feliz e alegre. É bom, não é?

— Sim, é bom. Entretanto, quero que me prometas que não te vais preocupar com nada. Temos tido problemas em Langani ultimamente mas temos conseguido ultrapassá-los e eu acho...

— Hoje não se fala de problemas nem de *shauris* — declarou Hannah. — Vamos brindar ao regresso deles e aos bons momentos que vamos passar juntos.

Reuniram-se no jardim, tendo vestido camisolas por causa do frio da noite. Lars acendera o churrasco mais cedo e agora, depois de servir bebidas, sentou-se numa cadeira de lona ao lado de Sarah.

— Conta-me lá como correu o safari — pediu.

Sarah pensou que ele estava mais à vontade do que antes. Talvez tivesse alguma coisa a ver com o breve olhar que tinha trocado com Hannah... a sugestão de uma mensagem privada nos seus olhos, a breve pressão da sua mão no braço dela ao passar-lhe um copo. Sarah pensou se estariam a acontecer coisas em Langani em que ela só agora reparara. Tinham quase acabado de jantar quando Mwangi apareceu no relvado.

— Há uma chamada na rádio — anunciou. — A *memsahib* Briggs.

Sarah correu para dentro de casa, ofegante e apreensiva. A voz de Allie era pouco audível mas ela repetiu a mensagem duas vezes, não deixando margem para dúvidas.

— Ofereceram-me trabalho! — Sarah apareceu no alpendre, comunicando a notícia aos berros, com os braços levantados, a indicar o seu triunfante deleite, e uma expressão carregada de excitação enquanto os amigos se juntavam à sua volta. — Meu Deus! Tenho um emprego em Buffalo Springs... um emprego de sonho. Até custa a acreditar!

Seguiram-se felicitações e abraços. Foi servido vinho e sentaram-se dentro de casa em redor do fogo da sala de estar.

— Temos de brindar como deve ser — disse Lars. — Não basta tocar nos copos uns dos outros. Temos de nos olhar nos olhos e desejar o melhor. Assim. — Debruçou-se, fixando Hannah intensamente até ela desatar a rir e desviar os olhos. Ela estendeu o copo a Sarah e depois a Anthony, com os olhos brilhantes à luz da lareira.

Piet pôs um disco no gramofone e atiraram-se à música. As tábuas do soalho na velha casa rangeram em protesto e os criados espreitaram pela porta, assistindo espantados e entre gargalhadas enquanto Camilla ensinava Lars a dançar o *twist*, pondo os seus braços e pernas desajeitados em frenéticas convulsões e incitando-o até os seus joelhos cederem e ele se estatelar no sofá, exausto.

— A minha mãe sempre adorou dançar — disse Hannah. — Obrigava o meu pai a andar às voltas apesar de ele não ter a mínima noção de ritmo e ter pés de chumbo. Ela sempre foi elegante mas eu acho que saio a ele.

— Danças comigo? — Lars tinha-se restabelecido dos seus esforços.

Hannah olhou para ele e levantou-se, ajeitando a saia. A música era agora mais lenta e ele puxou-a mais para si. Sarah achou que faziam um belo par e apanhou Piet a olhar para eles com uma expressão estranha que não foi capaz de definir. Dançaram até altas horas, rindo e conversando sobre o passado e os tempos futuros em que voltariam a reunir-se. Quando foram finalmente deitar-se, cada um deles levou consigo laços de amizade renovados.

— Não sou cega, sabes? — disse Sarah quando ela e Hannah se deixaram por fim cair na cama. — Conta-me o que se passa com o Lars.

— Não há nada para contar. A sério! — Hannah registou a expressão de cepticismo no rosto de Sarah.

— Ele está apaixonado por ti. É evidente pela maneira como te observa. Vi perfeitamente — disse Sarah. — Posso estar tocada mas os meus olhos não me enganam.

— Tenho pensado nele, mas é esquisito.

— Esquisito? É grandalhão, mas não se pode dizer que seja esquisito.

— Não é ele, palerma. A situação. Às vezes o Lars irrita-me. — Hannah estava a sorrir. — Tem sempre a certeza de tudo e muitas vezes trata-me como uma criança quando eu quero que ele admita que sou séria e profissional. É mais como o irmão gémeo do Piet do que um amigo ou feitor.

— Acho que estás com medo. Se calhar devias experimentar desfalecer nos braços dele.

— Não tem nada a ver com medo. Quero assumir mais controlo sobre a fazenda e responsabilidade pelo *lodge*. E qualquer outra coisa entre mim e o Lars podia ser esquisito, como disse.

— Mas está tudo a correr bem na fazenda, não está?

— Temos conseguido pôr as contas em dia. Agora temos um bom sistema. O Lars trata da criação do gado e das pastagens. Ocupa-se dos tractores, da ceifeira mecânica e dos geradores... tudo o que é maquinaria. E ajuda-me se eu tiver algum problema na vacaria. O Piet é responsável pelos *watu* e pela fazenda em geral. Mantém as vedações, os limites e a protecção da nossa vida selvagem. O trigo também é com ele e este ano há trabalho adicional porque plantámos uma área extensa que até agora tem estado em pousio. E, claro, a construção do *lodge* é o projecto do Piet, e os cavalos. É um esquema que funciona bem.

— E então?

— Se eu e o Lars tivéssemos um romance e não resultasse, o equilíbrio da fazenda era afectado. Ele podia ir-se embora e nós não podemos dar-nos ao luxo de perder um feitor tão competente. Eu podia causar um problema enorme ao Piet se começasse uma relação com o Lars. Por isso as coisas pessoais têm de esperar até nos livrarmos das dívidas e tivermos uma situação estável na fazenda e no *lodge*. Nessa altura penso no Lars.

— Desconfio que o Lars já ultrapassou essa fase — observou Sarah. — Pelo que vi esta noite. E, se ele não tem medo, tu também não devias ter.

— E eu desconfio que devíamos dormir — Hannah apagou a candeia. — Porque eu fui suficientemente estúpida para combinar uma saída a cavalo de manhã cedo. Já estou arrependida.

— Oh, meu Deus, a minha cabeça está num estado lastimoso. — A luz da alvorada era pálida quando Sarah procurou a chávena de chá às apalpadelas, os olhos ainda fechados e o corpo a gritar em protesto a cada movimento. — Não acabámos ainda agora de nos deitar? Não podemos ir andar a cavalo... vou morrer na sela. Como consegui beber tanto conhaque, Han? Porque não me impediste, caramba? Já sabes que não posso beber.

Ao atravessarem a relva coberta de orvalho até às cavaleriças, inalou o ar frio com esperança numa cura imediata. Tinha chovido durante a noite e caíam das folhas gotas de água prateadas no azul velado da manhã. Por acordo tácito, cavalgaram lentamente e em silêncio enquanto o sol surgia, inicialmente cor de carmim e indolente, e depois subindo rapidamente no céu impelido pela ferocidade dourada do seu próprio calor. Uma manada de impalas dispersou-se, a abanar as caudas e a propalar espirros de alarme pelo ar. O céu parecia imenso e solitário sobre o sussurrar das canas e a profunda e escura faixa de floresta que marcava a margem do rio.

— Parem! — Anthony falou em voz baixa.

À frente deles, uma jovem chita emergiu da savana crestada, dirigindo-se para a sombra e para a água. O sol iluminou a sua pelagem malhada e os olhos dourados e ela manteve a cauda num arco perfeito imediatamente acima do solo. Enquanto Sarah levantava a máquina fotográfica para captar a sua elegância aerodinâmica, ela permaneceu solicitamente imóvel por um momento. Depois seguiu caminho, ignorando-os e embrenhando-se no mato. Eles continuaram, conversando calmamente, ouvindo o resfolegar dos cavalos e as vozes sobressaltadas e rachadas dos francolinós na margem relvada. À distância, um remoinho de areia percorria a savana e Piet pôs-se de pé nos estribos para indicar uma manada de elefantes que se dirigia para a barragem.

— Não há lugar mais belo no mundo inteiro — Sarah falou em nome de todos. — Como é que alguém que viu isto pode querer estar noutro lado? Imaginem ter de viver todos os dias numa casa geminada de tijolo vermelho, debaixo de um céu escuro e de uma chuva constante. E o frete de carregar com os sacos das compras pelas escadas acima e arranjar um sítio para o casaco a pingar e para o guarda-chuva que se virou ao contrário com o vento.

— Não é tudo assim tão mau — disse Anthony. — Uma grande cidade oferece variedade. Teatros, museus e edifícios antigos de proporções perfeitas e um sentido de civilização, refinamento e cultura.

— Onde está o diabo do refinamento quando um grosseirão bêbado nos empurra para o lado, numa noite de chuva torrencial, e abarbata o último lugar no autocarro? — perguntou Sarah, com uma indignação tão viva que todos desataram a rir.

— Não há nenhum lugar perfeito — opinou Camilla. — Eu vivi três anos em Florença e em Londres e sei onde prefiro estar. Aqui a vida tem intensidade, há a sensação de que se podem fazer coisas extraordinárias ou, pelo menos, diferentes. Se se tiver coragem.

— É exactamente isso — concordou Lars. — Neste país podemos criar o que quisermos se tivermos determinação.

— E paciência — acrescentou Hannah. — Acima de tudo, é preciso paciência porque nada acontece como se pensa que devia acontecer. Novos políticos, funcionários mal-encarados que querem poder e subornos, coisas que deixam de funcionar e não podem ser reparadas porque ninguém encomendou peças sobresselentes.

— Isso acontece em todo o lado — disse Camilla. — Tenta arranjar um canalizador em Londres ou tratar de algum assunto nas finanças.

— Estás a ignorar a verdadeira questão — interpôs Anthony. — É simples dar pouca importância à situação, mas este país está à beira do caos. Estamos envolvidos num lento processo de aprendizagem e esta agora é a parte mais penosa. A Hannah tem razão... é preciso uma paciência infinita e as coisas vão piorar muito mais antes de começarem a melhorar. Tu vês um Quénia romântico que, no fundo, não existe, Camilla, porque não estás aqui permanentemente.

A sua voz era tensa e Sarah apercebeu-se de que havia ali outras intenções. Está com medo, pensou ela. Com medo que ela fique. Não quer. Sentiu uma ponta de compaixão por Camilla e viu a sua conclusão reflectida também nos olhos de Hannah.

— Quem alinha numa cavalgada a sério? — Sarah deu uma pontada no cavalo com o pingalim e ele lançou-se num galope brando. Não tardou a afastar-se na savana, com o vento carregado de poeira a soprar-lhe na cara e alvoroçando um bando de galinhas-do-mato que, alarmadas, começaram a bater as asas diante dela. Ouvia Piet a rir e chamar ao precipitar-se para

apanhá-la e sentiu-se invadida de felicidade à ideia de que teria uma infinidade de coisas para partilhar com ele no futuro.

— Vamos abrir o *lodge* logo a seguir ao ano novo — disse Piet quando estavam de novo em casa a tomar o pequeno-almoço. — O Anthony vai trazer os primeiros hóspedes.

— Um deles é um jornalista de um jornal de Chicago — disse Anthony. — Já estive em safari comigo antes e escreveu sobre a experiência. O artigo trouxe-me tanto negócio que me vi aflito para lhe dar vazão.

— Amanhã vou lá levar o Simon. — A expressão de Hannah estava animada. — Os carpinteiros e os canalizadores têm andado lá na obra, há cabos eléctricos espalhados por todo o lado como se fosse esparguete. Estou cansada de estaleiros de obras. Quero decidir onde vamos pôr a mobília e pensar nos candeeiros e nos tapetes e nas coisas todas fantásticas que ando a juntar há meses.

— Quem me dera que pudéssemos cá ficar para te dar uma ajuda — disse Sarah. — Mas eu volto dentro de algumas semanas e nessa altura ajudo no que puder. Os Briggs não podem pagar um salário muito alto, mas o trabalho vai ser estupendo e o acampamento é só a algumas horas de carro daqui.

— Gostava muito de poder dizer o mesmo. Mas hei-de estar aqui em espírito. — O sorriso de Camilla foi exageradamente radioso.

— Talvez possas voltar para o Natal. — Hannah captou a solidão no olhar dela. — Ou para a inauguração do *lodge*. Como a nossa celebridade convidada. Aposto que os clientes do Anthony iam ficar impressionados. Até o jornalista. E os jornais de cá haviam de noticiar o facto.

— Vou ficar sem clientes se não me puser já a mexer para Nairobi. — Anthony levantou-se. — São horas de voltar. Já tenho as malas no *Land Rover*, estou pronto a arrancar.

— Certo — Piet levantou-se e todos se dirigiram ao alpendre. — Eu e o Lars temos trabalho para fazer. Ah, estás aí, Simon. Quero que vás com o David limpar o armazém de secos e molhados e preparar uma lista do que estiver a acabar. — Notou o olhar hostil que os dois rapazes trocaram e franziu o sobrolho. — Vá, força. E não deixem por lá sacos velhos nem

taka taka. Se há coisa que me põe seriamente louco é lixo na minha propriedade.

As despedidas foram breves. Camilla mostrou-se indiferente e casual.

— Londres, em Novembro, espero. Vou ter saudades tuas. Vou mesmo.

— Anthony beijou-a na boca e entrou para o *Land Rover*, arrancando numa nuvem de pó e cascalho. A dor quebrou-lhe o coração.

— Anda, Camilla — disse Hannah. — A Sarah vai com o Piet ver a égua que está coxa. Tu podes ajudar-me com o arquivo no escritório e depois vamos até ao *lodge* com o Simon. Podes aconselhar-me quanto à mobília. Os outros vão ter connosco depois.

Mais tarde, na plataforma de observação, Camilla viu uma manada de búfalos a atravessar campo raso. Pensou em Anthony e na forma como ele era capaz de imitar o som ribombante de um velho macho. As lágrimas ameaçaram saltar-lhe e, endireitando os ombros, foi ver como podia ajudar. Simon estava constantemente ao lado de Hannah, a escrever no seu caderno com letras e números precisos e perfeitos e a desenhar no chão de pedra os contornos da mobília.

— Fiz uma lista da mobília para cada divisão, *memsahib* Hannah — disse ele no seu inglês cuidado. — Enquanto esteve para fora fui ao seu escritório e preparei-a na sua máquina de escrever.

Hannah olhou para ele, surpreendida. Ficou irritada por ele ter entrado no escritório e usado a máquina de escrever sem autorização, mas aliviada por haver mais uma tarefa rotineira a que ele podia poupá-la.

— Bato à máquina depressa — disse Simon, orgulhoso. — Ensina-me na missão e passei no exame. — Hesitou, tentando determinar como melhor obter a aprovação dela. — Reparou que também fiz um exame de contabilidade básica. Gostava de vir a ser contabilista. Mas demora muitos anos e custa muito dinheiro.

— Quando o *lodge* estiver a funcionar, pode ser que arranje maneira de tirares um curso. Se continuares a trabalhar bem, falo com o *bwana* Piet.

— Obrigado. — O seu rosto iluminou-se de prazer ao saborear a ideia, mas depois a sua expressão ensombrou-se. — Mas não sei se posso fazer isso.

— Continua a trabalhar com afinco, Simon, que há-de correr tudo bem. Entretanto, vamos tirar as medidas a esta janela aqui.

Olhando à sua volta, Camilla apercebeu-se do trabalho de imensa dedicação que toda a construção representava. Piet tinha criado um refúgio de luz e tranquilidade nos rochedos, sobre a gloriosa extensão da terra e sob a grande montanha que a dominava. Mereciam encontrar a felicidade ali, Piet, Hannah e Sarah. E talvez um dia Jan e Lottie voltassem para casa, cheios de orgulho pela forma como os filhos tinham dado seguimento à obra iniciada há tanto tempo pelos seus antepassados. Pensou qual seria o lugar de Lars naquele quadro e olhou para Hannah, que estava a fixar um quebra-luz a uma base feita de uma cabaça seca.

— Ontem à noite reparei que o Lars está apaixonado por ti — disse ela, rindo-se quando Hannah corou até à raiz dos cabelos. — Caramba, Han, pareces mesmo a Sarah quando a tua pele toma esse tom subtil de beterraba.

— Ela falou contigo sobre isso? Sobre o Lars?

— Não. Tenho olhos para ver. Então, que achas dele? Se é que achas alguma coisa.

— Às vezes penso como seria com ele. — Olhou para Camilla com um certo embaraço. — A Sarah disse que eu estava com medo e tem razão. É uma estupidez, não é? Uma rapariga do campo grande e forte como eu, cheia de bom senso. Mas é assim.

— Ser forte não adianta de nada quando se trata de amor — disse Camilla. — O coração faz sempre gato-sapato da cabeça. Acredita. Eu sei.

— Se calhar gosto dele porque não há mais ninguém — disse Hannah. — A trabalhar tanto e sem dinheiro para gastar em Nanyuki ou Nairobi, tornei-me uma espécie de eremita. Seja como for, estão sempre a telefonar raparigas para falar com ele.

— Aposto que não te fazem sombra.

— Não sei. E há outra coisa. — Hannah fez uma pausa para pôr as ideias em ordem. — Habituei-me a dar valor à minha independência. Passei mais de dois anos no sul, sempre preocupada com o meu pai e os problemas dele, sempre consumida com a minha mãe. Agora dito eu as minhas regras e não sou responsável pelas emoções ou pela felicidade de mais ninguém. Não quero que isso volte a mudar e receio bem que o Lars me absorvesse por completo. Faz-me lembrar o Piet. São muito parecidos.

— Acho que estás a inventar isso para te protegeres — disse Camilla, sorrindo. — Mas a mim não me enganas. Passa aí esse desenho e deixa-

me tentar perceber onde é que fica esta mesa antes de os outros chegarem.

Vénus surgiu, cintilante, e o crepúsculo entregou rapidamente os últimos resquícios de calor à escuridão que se adensava. De olhos semicerrados na luz moribunda, estavam a tentar decifrar os planos de Viktor Szustak quando viram os faróis a varrer o céu no trilho sulcado.

Lars subiu para a plataforma de observação com Piet, mas Sarah deixou-se ficar para trás, estranhamente relutante em acompanhá-los. Foi Camilla quem a chamou ao círculo no alpendre.

— Que pensa então a Lady Camilla, nesta segunda inspecção? — perguntou Piet, passando os olhos pelo seu domínio com orgulho incontido.

— Quem vier a este sítio nunca há-de esquecer-lo — disse Camilla. — É um lugar extraordinário e poderoso que arrebatava e mexe com as emoções. Acho que deves sentir-te tremendamente orgulhoso da forma como construístes os edifícios, em harmonia com os rochedos e as árvores e a elevação do terreno. É uma beleza.

Sentaram-se a observar as estrelas que iluminavam a abóbada celeste e a escutar os sons do vento e o zumbido agudo dos insectos nocturnos. Só Sarah estava em silêncio, contemplando o bebedouro, com uma expressão transtornada. Piet virou-se para ela, curioso.

— Nem parece teu estares tão calada.

— Às vezes gosto de ouvir. Devias estar grato.

Ele riu-se e ela interrogou-se se seria possível ele ter-se esquecido de que há tão pouco tempo ainda a tinha beijado naquele mesmo lugar. Desde então, esperara pacientemente que ele desse mais um passo, atenta ao mais pequeno sinal de que a amava. Mas, embora tivesse muitas vezes escolhido sentar-se ao lado dela no acampamento ou nas excursões de jipe, não fizera mais nenhuma tentativa para lhe tocar ou para transformar a sua amizade numa relação mais profunda. Desejava ardentemente que ele dissesse alguma coisa. Qualquer coisa que confirmasse as suas esperanças. Quando deixaram o *lodge*, Piet segurou na porta do *Land Rover* e pediu a Sarah que o acompanhasse. Percorrendo o trilho acidentado aos solavancos, ele inclinou-se e pousou-lhe a mão no joelho.

— Estou muito feliz com a ideia de que vais voltar em breve — disse. — Há muitas coisas de que temos de falar, eu e tu, quando estivermos outra vez juntos. Quando estivermos só os dois. — Indicou a crista

rochosa com um gesto. — Havemos de nos sentar lá em cima a conversar. Espero que não demore muito.

Ela sentiu-se tonta de felicidade e ele sorriu perante o seu júbilo indisfarçado, apertando-lhe a mão, antes de voltar a atenção de novo para a estrada.

— Onde é que está o Mwangi com as bebidas? E onde diabo estão os cães? — Piet foi o último a juntar-se ao grupo na sala de estar antes do jantar. — Andam sempre de roda de nós a ver se levam algum petisco antes de comermos.

— O Lars teve de ir à fazenda dos Murray — informou Hannah. — Deve tê-los levado.

— Nunca os levaria todos — disse Piet. — Acho melhor mandar o Simon procurá-los, ou então vou eu.

Nesse momento, ouviram passos pesados no corredor que conduzia à cozinha. A porta abriu-se de rompante e Hannah olhou, horrorizada, para os cinco homens que entraram na sala de estar. Todos brandiam *pangas*, as lâminas cintilando à luz do candeeiro. Os seus rostos eram tensos e coléricos e estavam a gritar. Piet baixou-se para pegar na faca que tinha na bota. Mas dois dos homens saltaram sobre ele, dominando-o imediatamente, e segundos depois ele estava por terra, neutralizado. Hannah assistiu aterrada enquanto um deles levantava a machete e cortava as linhas telefónicas. O homem acorrou-se ao lado do irmão e amarrou-lhe as mãos e os pés com o fio.

— Não façam barulho — ordenou. — Se gritarem, matamo-los. Não olhem para nós. Deitem-se no chão. Mantenham os olhos afastados de nós senão morrem. Tirem os relógios, as pulseiras e os anéis e passem-nos para aqui. Com o dinheiro que tiverem. E as armas. Queremos as armas. Tu aí, *mama*, tira as jóias. — As palavras foram dirigidas a Camilla que deslizou da cadeira, o brilho da machete erguida reflectindo-se-lhe na cara.

— Não temos armas aqui na casa. Estão lá fora no depósito. — Piet falou através dos dentes cerrados, a cara comprimida contra o chão pelo seu atacante.

As mãos de Camilla tremiam enquanto ela procurava desembaraçar-se das jóias mas os seus dedos estavam sem jeito e rígidos de terror. A atmosfera na sala estava carregada de ameaça.

— Mais depressa, *mama*, senão vai à faca.

O homem falou em voz baixa, mas tinha brandido a *panga*. Ela gritou ao ver a selvajaria nos olhos dele e ele desferiu-lhe um golpe de través na testa com a faca comprida. A pele estalou facilmente. O sangue começou a correr-lhe para os olhos e ela estendeu as jóias às cegas com as mãos a tremer. O homem levantou então o pé e deu-lhe um pontapé tão violento que ela caiu, de pernas abertas, no tapete.

— Deitem-se. Todos no chão.

Hannah levou uma mão à boca, tentando abafar um soluço, e o homem lançou-lhe uma chuva de insultos no seu quicuío nativo. Ela não compreendeu todas as palavras, mas sentiu o seu ódio e sede de violência quando ele se aproximou dela. Encolheu-se, protegendo a cabeça com os braços e as mãos, quando ele a atirou para o chão ao lado de Camilla e de Sarah. Estavam a tremer de medo enquanto as mãos lhes eram amarradas atrás das costas, esperando o contacto penetrante da lâmina ao verem a *panga* levantada contra eles.

Ficaram deitados no chão, lado a lado. Sarah via a raiva na expressão de Piet, as veias salientes na sua testa e pescoço. O chefe do bando pegou num tapete persa e arremessou-o pelo ar. Aterrou em cima deles, deixando-os engasgados e a tossir numa nuvem de pó e escuridão. Durante muito tempo, Sarah permaneceu imóvel, a cabeça virada de lado, os olhos fechados, escutando os sons de destruição à sua volta. Os homens varreram os livros das estantes e partiram vidro no chão. Nos quartos tiraram roupas e lençóis às braçadas das arcas de madeira que há muito tempo haviam viajado em frágeis carros de bois para aquele indómito lugar de esperança e renovação. Soaram passos repetidos, a subir e a descer os degraus do alpendre enquanto o recheio da casa era levado. Quando ouviram o som da porta de um carro a bater e vozes em acesa discussão, rezaram para que o assalto tivesse terminado. Mas os homens voltaram mais uma vez à casa para continuar a pilhagem.

— Ajuda-me a libertar-me — sussurrou Piet. — Eles não te ataram as mãos com tanta força, Hannah. Rola até mim e vê se consegues desatar este fio.

— Não. Se acharem que lhes queres dar luta, matam-te de certeza. Fica onde estás, Piet. Por favor, fica onde estás. É a nossa única esperança. — Enterrou a cabeça no ombro para abafar qualquer som, tentando serenar o tremor e o pânico que se haviam apoderado do seu corpo.

— Que aconteceu aos criados? — A voz murmurada de Piet continha perplexidade e fúria. — E os cães. Devem ter despachado os cães.

Ao lado dele, Sarah estava rígida de medo, rezando para que não morressem, no mesmo instante em que começou a ter novamente esperança. Virou a cabeça para Camilla, deitada de bruços e imóvel do outro lado.

— Estás bem? E a tua cabeça?

— Está a sangrar — sussurrou Camilla. — Não te preocupes com isso. Reza mas é por nós. Oh, meu Deus, voltaram. Por favor, meu Deus, não nos deixes morrer.

Ouviram o som de passos na sala e depois o tapete foi arrancado, deixando-os a pestanejar, expostos subitamente à luz.

— Levantem-se. — Um dos homens deu um pontapé em Piet, virando-o de costas e baixando-se depois para o pôr de pé. — Tu vens connosco abrir o sítio onde estão as armas. E o dinheiro. Há aqui um cofre com dinheiro. Desamarra-lhe as pernas.

— Não. Não, ele dá-lhes as chaves. Por favor, levem só as chaves — implorou Hannah, incapaz de controlar o choro.

Eles ignoraram a súplica desesperada de Hannah que ouviu o irmão a ser empurrado, aos trambolhões, para a noite. Durante muito tempo, um pesado silêncio encheu a sala, em que apenas ouviam a sua própria respiração amedrontada e entrecortada.

— Oh, meu Deus, não o leves, por favor. — Sarah rebolava-se de um lado para o outro, as mãos ainda atadas atrás das costas, batendo com a cabeça no soalho enquanto um medo agonizante a dominava. — Por favor, trá-lo são e salvo, meu Deus. Não o separe de nós. Por favor, meu Deus, por favor, não deixes que lhe aconteça nada. Tem piedade de nós, peço-te. E acima de tudo protege-o.

Ao lado dela, Camilla tinha começado a tremer, o seu corpo tiritando de medo e choque enquanto lhe atravessavam o cérebro imagens de Piet, vivo, risonho e vibrante. Abriu a boca para suplicar misericórdia e sentiu o gosto do sangue que ainda jorrava e lhe escorria pela cara até aos lábios.

Hannah estava encolhida no chão, os cotovelos pressionados contra o corpo para tentar acalmar os seus tremores. Subitamente, soltou uma exclamação, virando a cabeça e tentando levantar-se.

— Estou a ouvir um carro — disse ela abruptamente. — Pode ser o Lars. — O feixe dos faróis a aproximar-se transmitiu-lhes uma ponta de esperança e apertaram-se mais umas contra as outras. — Deve ser ele. Mas temos de arranjar maneira de o avisar. Eles podem...

Depois ouviram um tiro.

— Oh, meu Deus. Se começarem aos tiros, vamos ser todos mortos. O Lars não sabe que eles são cinco. Oh, meu Deus, vamos morrer todos, de certeza. — Hannah estava petrificada, gemendo de desespero.

Ouviram mais tiros lá fora, seguidos do som de passos pesados e motores a acelerar. Bateram portas, os motores roncaram e o ruído dos veículos sumiu-se. Durante o que pareceu uma eternidade, instalou-se um silêncio mortal. Nem um insecto se ouvia na medonha caverna da noite.

— Hannah? — Piet respirava penosamente ao subir os degraus aos tropeções, pegando na faca para as libertar. Por um breve momento, mantiveram-se juntas, chorando de alívio, repugnância e choque. — O Lars está seriamente ferido. Anda depressa, Han. Meu Deus, Camilla! A tua cara... não me tinha apercebido que era tão grave. E ainda estás a sangrar!

— Não tem importância. — Camilla afastou a mão dele.

— Pronto, vamos então. Hannah, vai buscar água quente e procura roupa lavada... lençóis, toalhas, qualquer coisa. Temos de trazer o Lars cá para dentro depressa. Os criados foram trancados na cozinha. Sarah, dá-lhes conhaque ou qualquer coisa. Foram amarrados lá dentro e um dos bandidos ficou à porta com uma *panga*. E encontrei o Simon. Tinha sido espancado e aferrolhado no escritório. Tem um galo enorme na cabeça e alguns cortes porque partiu uma janela ao tentar escapar. Não há sinais dos cães. Receio que tenham sido envenenados. A carrinha continua ao pé do celeiro e eu vou mandar o Simon a casa dos Murray pedir ajuda. E ligar ao Dr. Markham de lá.

No caminho privado, Lars estava caído no solo. Respirava irregularmente e tentou focar Hannah e articular uma palavra. Ela levou os dedos trémulos aos lábios.

— Chiu. Não digas nada. Precisas de poupar energias, hein? O Piet mandou buscar ajuda. Cortaram as linhas telefónicas e vai demorar algum tempo. Consegues caminhar comigo se eu te ajudar?

Ele assentiu e Piet ajudou-a a pô-lo em pé. Lars gemeu de dor, incapaz de manter o equilíbrio. A bala tinha-lhe rasgado a camisa e estava a sangrar do ombro direito. Hannah rezou para que não fosse suficientemente baixo para ser um ferimento grave. Subiram os degraus com uma lentidão exasperante. Na sala de estar, Sarah tinha várias bacias grandes com água quente prontas e uma pilha de roupa.

— Vou mandar o Mwangi e o Kamau inspeccionar o resto da propriedade — disse Piet. — E a sanzala também. Onde está a Camilla?

— Na casa de banho — respondeu Sarah. — Tem um corte terrível na testa. Não consigo ver a profundidade porque ainda está a sangrar. Vai precisar de uma série de pontos, na minha opinião. Mandeí-a pôr gaze e algodão na ferida e deitar-se. Estava quase a perder os sentidos.

Trabalharam com rapidez, deitando Lars no sofá e aconchegando-o em almofadas e toalhas. A cara dele estava pálida e os lábios tinham adquirido uma tonalidade azulada.

— Vai buscar uma tesoura — disse Hannah. — Temos de lhe cortar a camisa. Temos de impedir que perca mais sangue. Precisa de qualquer coisa para o choque e para as dores. Piet, a caixa de primeiros socorros está na minha casa de banho. A não ser que também a tenham roubado. — Começou a cortar.

— Ele está a tiritar — disse Piet. — Cuidado, temos de mantê-lo acordado. Não pode entrar em choque. Há uma pista de aterragem nos Murray. Pode ser que tenham luzes suficientes e o levem para Nairobi esta noite.

— Lars? Lars, abre os olhos. Fala comigo, está bem? A coisa está feia mas tu és forte. — Hannah apercebeu-se de como as palavras eram idiotas, dirigidas a um homem cuja cara estava perlada de suor e que, a cada golfada de ar, inalava dor e náusea. Lavou a zona em redor do buraco da bala e fez um emplastro compacto com uma das toalhas, pressionando-o com toda a força possível na ferida para estancar a hemorragia. Ele soltou um grito e Hannah baixou-se para encostar os lábios à sua testa. Em seguida, ligou-lhe bem o ombro e o peito, proferindo palavras de consolação como uma mãe que cuida de um filho doente.

A caixa de primeiros socorros ainda estava na casa de banho de Hannah e Sarah pôs-se a vasculhar febrilmente o seu conteúdo. — Morfina... deve ser precisa. E sedativos.

Camilla estava sentada num banco diante do lavatório, a tentar estancar o sangue que escorria para a testa. Pressionava uma gaze contra o golpe mas tremiam-lhe as mãos e não conseguia posicioná-la. De súbito, dobrou-se e vomitou na sanita ao seu lado.

— Deita-te e não te mexas. — Sarah ajudou-a a estender-se na cama de Hannah. — Tens aqui uma compressa nova. Segura-a contra a ferida e mantém a pressão para a hemorragia parar. E entretanto não te mexas. Não há nada que possas fazer lá dentro. O Piet e a Hannah estão a tratar do Lars. E o Simon há-de estar a chegar com ajuda. Deixa-te estar quieta.

— O Lars vai ficar bem?

— Espero que sim. Ainda está a perder sangue e está em estado de choque. Não se sabe a dimensão do ferimento mas acho que temos de o levar para o hospital rapidamente. — Sarah foi para a sala de estar com os medicamentos.

Deitada na cama, Camilla passou a mão pelo pêlo macio do *kaross* de Hannah, para afugentar o medo que se apoderara dela e se recusava a abandoná-la. O golpe era sério. Sabia que teria de ser suturado. Ficaria com uma cicatriz na testa. Uma cicatriz que lhe desfiguraria a cara e que possivelmente acabaria com a sua carreira de modelo. Cirurgia plástica. Alguém fazia cirurgia plástica em Nairobi ou teria de regressar imediatamente a Londres? Mas isso agora não era importante. O que importava era que estavam vivos. Tentou acalmar-se e repousar mas o cheiro horrível da violência e do sangue enchia-lhe as narinas. Ainda via os homens a irromper pela sala dentro e a cintilação da lâmina ao precipitar-se sobre os seus olhos. Um terror impotente tinha-a invadido quando o primeiro tiro soou, convencendo-a de que Piet estava morto, e agora na cama não conseguia impedir as pernas de tremer. Mas Piet não estava morto e ela rezou uma oração de graças por cada um deles. Durante algum tempo tentou permanecer imóvel até a cabeça deixar de andar à roda e convenceu-se de que deixara de sangrar. Depois sentou-se lentamente na cama. Seria melhor estar com os outros na sala de estar. Não queria estar ali sozinha. Nunca mais queria estar sozinha até ao fim da vida.

CAPÍTULO 14

Quénia, Setembro de 1965

Hannah sentia-se impotente. Um sentido de indignação enchia-a de nervos e irritação. O seu refúgio seguro fora violado, espoliado por forças do mal por razões que não conseguia discernir. Sentia a falta dos cães que sempre se haviam deitado aos seus pés à noite, enfiando-lhe os focinhos macios na mão. Foram encontrados ao romper do dia, na manhã depois do ataque, junto do portão do jardim de Lottie que dava para a savana. Tinham sido degolados embora fosse claro, pelos olhos vidrados e pelas línguas obscenamente projectadas, que já estavam a morrer de envenenamento. Piet pegara numa pá e enterrara-os num silêncio pesaroso. Depois afastara-se para transmitir as ordens do dia aos *watu* enquanto Hannah metia algumas roupas numa mala. Ele fretara uma avioneta para transportar Lars para o hospital de Nairobi e as três raparigas iam com ele. As despedidas em Langani tinham sido rápidas. Camilla estava pálida, tentando suportar uma dor de cabeça lancinante enquanto Sarah estava chocada e calada. Hannah concentrou-se em Lars e procurou esquecer os seus sentimentos a respeito do assalto. Mas na noite do dia seguinte, reunidas no pátio do Hotel Norfolk para se despedirem, Hannah começou a chorar, a sua angústia saindo em catadupa como uma hemorragia impossível de estancar.

— Desculpem — disse ela, inalando uma golfada de ar e passando a mão pelos olhos inchados. — Mas estou tão assustada. Estou com medo de ir para casa. Não sei como vou conseguir e é tão estúpido e cobarde. É uma estupidez completa.

Permaneceram com os braços em redor umas das outras, oferecendo palavras tranquilizadoras de conforto. Voltariam a encontrar-se em breve. Era uma promessa. Hannah endireitou os ombros e desapareceu no *bungalow* que tinham partilhado, fechando a porta, para não as ver partir.

Passou vários dias em Nairobi, fazendo companhia a Lars que recuperava da operação. Agora desejava estar de novo no quarto de hospital e não ali, na sua própria sala de estar, onde o medo ameaçava matar o amor que sentia pela sua casa.

O regresso a Langani fora tenso. Estava uma manhã luminosa, o ar salpicado de pequenas nuvens que atravessavam velozes o céu. Piet insistira em ir buscá-la e estava deliberadamente alegre, assobiando durante a viagem para norte. Mas observava com crescente preocupação a irmã, muda e acabrunhada, a olhar pela janela, sem fazer qualquer comentário sobre os aspectos da paisagem de que mais gostava. Na fazenda, Hannah apeou-se do veículo e cumprimentou o pessoal. Estava determinada em mostrar-se corajosa, em ombrear com Piet e fazer tudo o que fosse necessário para proteger a sua herança. Tal como os seus bisavós e os seus avós e Jan e Lottie tinham lutado pela sua casa e pela sua terra. Mas não se sentia preparada para as exigências que lhe seriam agora feitas. Cerrou os punhos e rezou para permanecer forte, para demonstrar apenas lealdade e coragem.

No escritório, leu as cartas de apoio dos amigos e vizinhos, respondendo a algumas e pagando contas urgentes. Tinha saído nos jornais uma notícia sobre o assalto e ela leu os recortes e arquivou-os. Depois desfez as malas e foi para a sala de estar, onde Piet estava à espera dela. Sentou-se e tentou conversar com ele, referindo incessantemente as tarefas de que se ocuparia no dia seguinte, agarrando no copo com dedos tensos e tentando ignorar a arma pousada na mesa ao lado da sua poltrona e a espingarda encostada à parede. As portas que davam para o alpendre estavam trancadas e os habituais sons e aromas da noite já não entravam na sala. Era claustrofóbico. Os espaços vazios à sua volta, onde os quadros e os ornamentos de Lottie haviam estado, pareciam a Hannah órbitas vazadas.

— A polícia vai voltar de manhã — disse Piet. — O Jeremy Hardy quer recapitular tudo connosco. O pessoal já foi interrogado. Ele continua a apostar na ideia de que foi alguém que nos guarda rancor ou com ideias políticas radicais.

— Não pode ser nenhum dos nossos *watu* regulares — objectou Hannah. — Deve ser algum louco de passagem. Estão todos aterrorizados. Eu sinto. O Simon está com medo que eles voltem para outro ataque e não é o único. Não me espantava nada que ele se fosse embora.

Simon fora agredido na cabeça ao tentar dirigir-se para um jipe para ir buscar ajuda. Ficara inconsciente durante algum tempo, trancado no escritório. Mas recuperara os sentidos e, quando o primeiro tiro foi disparado, usou um pesa-papéis pesado para partir o vidro das portas que davam para o alpendre. Fez cortes na mão que começaram a sangrar e torceu um pé ao correr para o jipe. Desde essa noite calamitosa mal proferira uma palavra e o seu rosto normalmente alegre estava soturno de apreensão.

— Han, eu sei que isto é penoso — disse Piet, acocorando-se ao lado da irmã. Sabia que ela estava a tentar disfarçar o medo mas tinha reparado como ela se sobressaltava ao mais pequeno ruído, como os seus olhos dardejavam entre a porta e a janela da sala de estar, como se agarrava aos braços da cadeira e se certificava de que não estava de costas para a entrada da cozinha. — Vamos ligar agora à mãe. Seria bom falar com ela.

— Sinto muito. Temos de superar isto e eu estou a fazer uma figura triste — disse ela, envergonhada da sua fraqueza. — Não lrigues. É a minha primeira noite em casa e tenho de me habituar ao facto de que aconteceu uma coisa terrível, mas não torna a acontecer. Tenho de arranjar maneira de tirar isto da cabeça. — Calou-se, apercebendo-se de que ele estava a tentar dizer-lhe qualquer coisa. — Que é que disseste?

— Han, não falei com a mãe nem com o pai depois do roubo. Tentei duas vezes enquanto estiveste em Nairobi, mas ninguém atendeu e depois achei que esta má notícia podia esperar. Agora temos de lhes dizer. E perguntar se estão a planear voltar para casa.

Ela olhou para ele por um momento e depois soltou uma exclamação de alívio. Ele próprio estava à beira das lágrimas quando a abraçou.

— Sim, é o que eu mais desejo no mundo. — Pegando num lenço, limpou as últimas lágrimas. — Liga tu, Piet. Agora.

— Vai correr tudo bem, mana, sabes? — A voz de Piet era reconfortante. — Tudo bem.

Ela sorriu-lhe, grata, e depois levou a mão à boca. — E o Lars?

— Com o *lodge* prestes a abrir, vamos precisar dele na fazenda. Espero que aceite continuar.

Quando conseguiram a ligação, foi Piet o primeiro a falar, relatando o pesadelo do assalto, contando a Lottie o que tinha acontecido à cara de

Camilla, e descrevendo o tiroteio e o ferimento de Lars e tudo o que se tinha passado desde então.

— Graças a Deus que tu e a Hannah não se magoaram nem a Sarah. Mas a cara da Camilla... pobre pequena, tem tido tantos problemas e ainda é tão nova — disse Lottie. — E o Lars que nos tem ajudado tanto. São tempos muito difíceis, Piet.

— Mãe, quando tencionas voltar? — Hannah tinha arrancado o telefone das mãos do irmão. — Estou ansiosa que voltes.

— Hannah, não posso voltar para já — Lottie ouviu o desespero na voz da filha. — O teu pai não está bem e eu não posso deixá-lo.

— Queres dizer que está bêbado. — Hannah sentiu o azedume subir-lhe à boca.

— Sinto muito, Hannah. Ele está a fazer tudo o que pode mas a vida aqui é difícil. O Kobus está constantemente a provocar o teu pai e só piora as coisas. Por enquanto não o posso deixar. Talvez no Natal e, nessa altura, pode ser que o teu pai também esteja pronto para ir.

— Mas eu preciso de ti aqui agora. Não sou importante também? Ou vais obrigar-me a pagar indefinidamente por ter fugido e te ter deixado com ele? Por favor, mãe, vem para casa.

— Oh, Hannah... — A voz de Lottie estava carregada de um profundo cansaço. — Tens de compreender. E vais ter de te desenvencilhar sozinha por mais algum tempo. As coisas por vezes são assim.

— Mas tu não sabes como elas são agora, depois do roubo. E nós não fazemos ideia de quem eram nem se vão voltar.

— Estou aí logo que possa. Também é difícil para mim e passam-se coisas terríveis neste país. Estou sozinha quase o tempo todo numa casa isolada. Acredita que Langani é onde eu queria estar. — Falou com uma voz embargada, reprimindo um soluço. — Mas penso em vocês todos os dias. Em ti e no Piet. Adoro-os aos dois.

Soou um estalido na linha e a sua voz calou-se. Hannah ficou a olhar para o telefone, sentindo a decepção avolumar-se como bília. O bicho do ciúme tinha-se-lhe alojado no peito. Rodou abruptamente nos calcanhares e Piet mais uma vez abraçou-a, consciente do seu desespero. Queria confortá-la, mas a expressão dela demoveu-o. Durante o resto da tarde e da noite, fez-lhe companhia, adiando todas as tarefas que o obrigassem a sair de casa e indo com ela à vacaria e aos estábulos.

— Lembra-te que estou mesmo ao lado se precisares de alguma coisa durante a noite — disse ele quando terminaram um jantar simples junto à lareira. — Basta chamares, mana. O Mwangi e o Kipchoge vão dormir os dois cá em casa por agora. Preparei-lhes quartos temporários ao lado da despensa. E dois dos filhos do Juma andam em patrulha lá fora.

— É fantástico sermos obrigados a ter a nossa casa em estado de sítio — comentou Hannah mas, ao ver a expressão dele, cedeu. — Eu sei, é só até apanharem esses malditos selvagens — disse. — Mas é a minha primeira noite em casa e é difícil. Amanhã hei-de aguentar melhor depois de uma noite de sono. Acho que me vou deitar agora.

— Leva isto, Han. — Entregou-lhe um revólver carregado. — Por segurança. Talvez te sintas melhor com isto ao teu lado. Podes guardá-lo debaixo da almofada durante a noite.

Ela pegou na arma sem uma palavra e dirigiu-se para o quarto, fechando e trancando a porta atrás dela. Mas quando se viu finalmente sozinha, foi acometida de uma incontável avalanche de emoções e deixou-se cair na cama com tal força que esta rangeu e quase cedeu. Desejava ter alguém em cujo ombro chorar, em quem confiar, porque achava que não aguentaria sozinha. Tinha a sensação de que a cabeça se desfizera em pedaços, expondo a sua cobardia e os seus medos. Enxugou os olhos e foi sentar-se na sua cadeira favorita mas, pouco depois, voltou a levantar-se, com medo de estar tão perto da janela. Antes de apagar a luz, vasculhou febrilmente a gaveta da mesinha-de-cabeceira à procura de uma lanterna e colocou-a, com a arma, debaixo da almofada. À sua volta, os sons da noite eram diferentes pois cada fenda e movimento da velha casa representavam uma ameaça. Com um estertor, o gerador parou de funcionar e as luzes diminuíram, deixando-a envolvida pela escuridão total. Às quatro da manhã, continuava acordada, o corpo dorido de ansiedade, os olhos secos, irritados e a arder. Sentia-se como se estivesse esticada num instrumento de tortura que levava o seu espírito e o seu corpo a um estado de intolerável exaustão. E sentia-se furiosa consigo própria. Se não conseguisse adaptar-se, se não arranjasse coragem para continuar, se não conseguisse deitar-se na cama que ocupara durante a maior parte dos seus vinte e um anos, então eles teriam ganho. Não tencionava permitir que isso acontecesse, não seria derrotada. Finalmente adormeceu, um sono misericordiosamente livre de sonhos e visões, até que a alvorada se

insinuou através de uma fresta nas cortinas e ela acordou, descobrindo que o mundo era um lugar de extraordinária beleza.

O inspector Jeremy Hardy chegou pouco depois do pequeno-almoço, o seu rosto corado exprimindo preocupação ao registar os olhos encovados de Hannah e as suas feições tensas.

— Infelizmente não há novidades — disse ele, aceitando um café. — Até agora, é um incidente isolado. Nenhuma outra fazenda participou problemas. O que quero dizer é que não parece um acto político.

— Talvez não. Mas eu sei que os Murray e os Griffith estão preocupados e os Kruger também. Aposto que vai haver mais ataques, Jeremy, enquanto não descobrires esses bandidos e os meteres na prisão. — Hannah recusava-se a considerar o que ele estava a tentar dizer-lhe.

— Discuti o assunto com o Piet, minha querida, e ele concorda com a minha teoria.

— Que teoria? — quis saber Hannah.

— As tuas vacas foram mortas de um modo muito particular. Analisando o que se passou, parece que alguém tentou atear um incêndio ao lado do *lodge*. E agora este ataque à casa. O alvo é sempre Langani. Portanto, é possível que estejamos a braços com alguém que alimenta um rancor particular.

— Mas ultimamente não temos tido quaisquer *shauris* sérios — insistiu Hannah. — Tirando um velho pastor bêbado, e o Piet pagou-lhe três meses de salário porque teve pena do desgraçado. Vimo-lo várias vezes na estrada, a cair de bêbado e com aquele sorriso desdentado. Não acredito que nos queira mal e não é capaz de matar vacas nem cães nem de organizar um assalto à casa. Não faz sentido nenhum. — Hannah pressionou os olhos com os dedos num gesto cansado.

— Talvez tenhas razão — disse Jeremy, consciente da sua angústia. — Mas já sabes como são estes tipos. São servidores leais mas, se pensarem que foram enganados ou defraudados de alguma forma, perdem a cabeça num abrir e fechar de olhos. São tão imprevisíveis como crianças.

— Esses bandidos eram estranhos — disse Piet. — E agora desapareceram com duas das nossas armas, para além das *pangas* que já tinham. É bom que sejam encontrados antes que matem alguém. Tivemos sorte que o Lars tivesse saído nessa noite porque os surpreendeu ao chegar. Mas podia ter perdido a vida. Eles não hesitaram em disparar

sobre ele. E sobre mim também. É bom que aceleres a investigação, pá. Põe mais gente a trabalhar nisto e vê se consegues resultados.

— Que vais fazer a respeito das armas roubadas? — perguntou Jeremy.

— Substituí-as quando fui buscar a Hannah a Nairobi. E as munições também. Custou-me dinheiro que me faz muita falta.

— Podemos estar a falar de uma das pessoas que apanhaste a roubar o arame da tua vedação ou a pastar o gado nas tuas terras sem licença — disse Jeremy. — Seja qual for a razão, estamos a fazer os possíveis. Garanto-te. A propósito, como é que o Lars está a reagir? Mandámos uma garrafa de *whisky*. Achámos que seria mais útil que outro ramo de flores se as enfermeiras não lhe ficarem com ela.

— Está a melhorar — respondeu Hannah. — Vai estar fora mais duas semanas e depois vai ter de levar as coisas com calma.

— Isso é uma boa notícia. A Maureen pediu-me para os convidar aos dois para almoçar e jogar ténis no domingo. Quero tirar partido do facto de não termos o Lars com a batida mortal dele. Estou a pensar que até sou capaz de ganhar um ou dois *sets* enquanto ele está fora de acção.

Hannah ficou grata pela tentativa de Jeremy de introduzir um tópico de conversa normal. — Este fim-de-semana não sei — disse. — Mas em breve, sim. Seria boa ideia.

Anthony telefonou. Soube da notícia num *lodge* onde levava os clientes para almoçar e nadar.

— Posso ir passar aí uma noite, se quiserem — disse ele. — Posso deixar os meus hóspedes aqui no Mara e pernoitar amanhã em vossa casa.

— Não. É muito simpático da tua parte, mas é demasiado longe — disse Hannah. — Passavas o dia todo de amanhã a conduzir nessa estrada terrível e depois tinhas de te levantar de madrugada para regressar. São nove ou dez horas na estrada. Nós estamos bem mas obrigada pela oferta.

— Importas-te de receber um hóspede esta noite? — perguntou-lhe Piet uma semana depois de ela voltar para casa. — O Viktor quer dar cá um salto para ver a mobília antes de a levarmos da oficina para o *lodge*. Para o caso de serem necessários refinamentos, como ele diz.

Hannah sentiu o ânimo levantar. Viktor podia ajudá-la a esquecer os medos, encher-lhe a cabeça de parvoíces, novas ideias e estranhos poemas que não compreendia. Ficou ansiosa pela sua chegada e, na tarde do dia seguinte, quando ele apareceu, tinha-se libertado dos *jeans* e vestido calças informais, de lã italiana, e uma camisa de seda que Camilla lhe oferecera. Piet olhou para a irmã, surpreendido, quando ela entrou na sala de estar antes do jantar. Prendera o cabelo em cima numa trança francesa e pusera *bâton* e maquilhagem nos olhos que lhes dava brilho. Viktor levantou-se de um salto e beijou-lhe a mão e ela olhou para ele com uma certa timidez. O seu cabelo preto retinto revirava sobre o colarinho da camisa e tinha um charuto entre os lábios. O seu rosto era dominado por um grande nariz e um par de sobrancelhas pretas que lhe davam o ar de uma ave de rapina. Puxou uma profunda fumaça do charuto e abriu-se num sorriso. A sua boca era carnuda e sensual e, de cada canto, desciam-lhe rugas acentuadas.

— És linda — disse-lhe ele, ainda a segurar-lhe na mão. — Como a rainha de um guerreiro. Luzidia, forte e magnífica. Mais tarde, vou recitar para ti um poema que descreve como estás esta noite. Vá, conta-me o que tens feito, enquanto jantamos.

Hannah ficou surpreendida ao dar consigo a relatar os acontecimentos na fazenda e a descrever a sua tentativa de se atirar de alma e coração ao trabalho e pôr de lado a experiência traumática por que tinham passado. Falou do seu dia-a-dia com um novo entusiasmo. Piet ficou calado durante a maior parte da refeição, contente por ver a irmã tão animada, sem as olheiras dos últimos tempos. Viktor escutou, instigando-a e exprimindo interesse em tudo o que ela dizia. E ela sentia-se lisonjeada. Ele tinha-lhe chamado linda, rainha de um guerreiro. Conhecia um poema que a descrevia, dissera. Ela não era simplesmente uma sombra do irmão, uma rapariga do campo africânder, alta e forte, que constituiria bom material de reprodução para gente como Willie Kruger e o irmão em Eldoret. Este homem tinha sido educado na Europa, era poeta e arquitecto, frequentador da sociedade de Nairobi, e dirigia-lhe galanteios. Começou a responder às mensagens enviadas pelos seus olhos negros e cintilantes.

— Mas não podes passar a vida a trabalhar — observou ele. — Tens de arranjar tempo para te divertires um pouco, descontraíres, e não levar a vida sempre a sério. E eu vou ensinar-te a fazer isso.

— Mas agora não — disse Hannah, sorrindo. — Tenho os olhos a arder e preciso de me ir deitar.

— Alinho nisso — disse Piet. — Vamos à oficina logo de manhãzinha dar uma vista de olhos às cadeiras e às mesas. Dorme bem.

— O gerador pára dentro de vinte minutos mais ou menos, Viktor — disse-lhe Hannah. — Acende a candeia quando chegares ao teu quarto.

— Tu és a única candeia de que preciso. Tens um sorriso capaz de alumiar Langani toda e eu já não precisaria de mais nada. — Levantou-se e beijou-a na face. — Boa-noite. Obrigado pela excelente hospitalidade.

De manhã, foram inspeccionar a mobília desenhada por Viktor. Ele possuía a capacidade de descrever o que pretendia em termos muito simples e de conseguir o melhor dos artífices que trabalhavam para ele, inspirando-os com comentários perspicazes e corrigindo os seus erros com um misto de tacto, boa disposição e persuasão. Hannah ficou desapontada quando ele anunciou que não ficava para almoçar.

— Recebi uma chamada de Nairobi — disse Viktor. — O meu grande talento é requerido lá esta tarde numa reunião muito enfadonha. Mas volto se me disserem que sou bem-vindo.

Chegou uma carta de Sarah. Ela ainda não tinha dito aos pais que tencionava regressar ao Quénia para trabalhar com os Briggs. Mas sabia que não podia adiar muito mais e sentia-se claramente nervosa com a reacção deles. Não houve notícias de Camilla. A questão de uma cicatriz permanente na cara seria, como Hannah compreendia, a sua prioridade, mas esperava que ela não demorasse muito tempo a pedir a George Broughton-Smith ajuda para Langani. Hannah vira-se obrigada a substituir alguns objectos domésticos que haviam sido roubados durante o assalto. Agora estavam a gastar mais dinheiro com o reforço da vigilância à noite e precisavam de fundos para construir vedações e realizar mais patrulhas para desencorajar os caçadores furtivos. Piet passava todas as horas do dia na fazenda ou nas obras e Hannah analisava as contas, tentando descobrir novos meios de reduzir os custos dos últimos fornecimentos necessários ao *lodge*. Continuava a ter dificuldades em dormir à noite. O mais pequeno som deixava-a de olhos postos na escuridão ameaçadora onde pairavam sombras terríveis que lhe gelavam o sangue. Sentiu-se aliviada quando, por fim, foi a Nairobi buscar Lars.

— Sinto-me bem — disse ele, claramente deliciado por estar de regresso à fazenda. Hannah amparou-o com os braços para o ajudar a apear-se do carro em Langani e Piet chegou, dando uma palmada nas costas ao amigo e chamando Mwangi para que trouxesse *Tuskers* frescas.

À tarde foram de jipe até ao *lodge* e contornaram o perímetro da fazenda, onde Piet indicou áreas de progressos e problemas que tinham surgido na ausência de Lars. Mais tarde, Hannah foi encontrá-lo no escritório a analisar os livros, pondo-se a par das encomendas e das contas.

— Salvaste-nos a vida, Lars. É uma coisa que nunca hei-de esquecer — disse Hannah.

Lars percebeu que ela queria dizer mais qualquer coisa, mas hesitou e depois mudou de ideias, virando-lhe as costas e pondo-se a remexer num monte de papéis.

— Que é que ias dizer? — perguntou. Hannah abanou a cabeça mas ele insistiu brandamente. — Fala comigo. É importante que fales comigo.

— Pensaste que ias morrer? — perguntou ela quase inaudivelmente. — Tiveste medo, Lars? Eu tive um medo terrível e agora dá-me ideia que não consigo voltar ao que era antes. Às vezes fico acordada de noite e ouço um barulho lá fora... o vigilante nocturno ou um daimão a passar no alpendre e sei que são ruídos que ouvi toda a minha vida. Mas começo a tremer descontroladamente e a bater os dentes. Não sei que fazer e não quero que o Piet se aperceba de que ando assim assustada, de que me tornei uma inútil.

Lars estendeu a mão e afagou-lhe o cabelo cor de palha como se confortasse uma criança pequena. — Vai passar, Hannah. Com o tempo há-de passar. Agora estou aqui para te ajudar quando sentires medo. E talvez em breve a Lottie também cá esteja e o teu pai.

— Não tenho muitas esperanças disso — disse Hannah. — Entretanto, o nosso crédito a descoberto está outra vez perto do limite, com menos leite para vender e mais *watu* e tudo o que é preciso para concluir o *lodge*. Às vezes acho que não vamos conseguir.

— Vamos ultrapassar esta crise e ficaremos mais fortes e unidos do que nunca — disse ele.

Olhando para Lars, Hannah sentiu a confiança renascer. No passado não o tinha visto como um homem sensível. Era Lars, o feitor do irmão, um

chato que não tinha paciência para as teorias dela sobre agricultura e que não tratava as suas opiniões com a seriedade que ela achava que mereciam. Mas, na sua ausência, tinha compreendido que ele era vital para a fazenda, mais importante do que nunca agora que o *lodge* estava quase terminado. E o Lars de hoje tinha escutado sem a criticar nem fazer com que os seus receios parecessem triviais. Fora encorajador e reconfortante. Falara como um verdadeiro amigo. Teria agora de ser cuidadosa para não destruir este novo equilíbrio entre ambos. E o tempo ocupar-se-ia do resto.

Viktor voltou no fim-de-semana seguinte, levando vinho e champanhe franceses de Nairobi, e uma geladeira cheia de lagostas frescas que um cliente reconhecido mandara da costa nessa manhã.

— Não me parece que o Kamau entenda muito de lagostas — observou Hannah.

— Então preparamo-la juntos. Vou para a cozinha ajudá-lo.

Hannah não tinha a certeza do que o velho cozinheiro acharia daquela ideia. Mas, minutos depois, era claro que Kamau estava deliciado, mostrando a Viktor o seu domínio com orgulho. O jantar foi uma ocasião carregada de frivolidade e o rubor nas faces de Hannah e o brilho nos seus olhos sob os efeitos do vinho e da lisonja não passaram despercebidos a Lars. O ciúme assaltou-o, permeando todos os seus pensamentos e tornando-o severo e antipático. Piet admirou-se por nunca ter reparado nos sentimentos de Lars por Hannah. No final do serão, Viktor monopolizou a conversa, recitando poemas românticos e as suas próprias composições.

Procurando Hannah na manhã seguinte, Lars apercebeu-se de que ela partira cedo para o *lodge* com Viktor. Praguejou entre dentes, tentando decidir se devia ir ter com eles. Talvez Piet lá estivesse e, se estivesse, estaria de olho em Hannah. Toda a gente conhecia as histórias dos feitos de Viktor em Nairobi, em Nanyuki e na costa, os relatos chocantes das suas aventuras amorosas e loucas bebedeiras. Era divertido e imaginativo mas não se podia deixar que acrescentasse Hannah ao seu rol de conquistas. Ela era indefesa e, neste momento, estava extremamente vulnerável. Seria fácil deixar-se influenciar ou seduzir por alguém que não estava ligado à fazenda e aos seus problemas, alguém com uma vida diferente que era estonteante e cheia de esplendor, completamente desconhecida para ela. Lars tentou pensar numa maneira de avisá-la, indirectamente e com o tacto exigido pela situação. Mas não era homem

para subtilezas nem capaz de usar palavras que disfarçassem outras palavras e não sabia como comunicar com ela sem a enfurecer. Sem lhe revelar a sua própria fúria.

Quando Viktor apareceu no terceiro fim-de-semana consecutivo, Piet já não conseguiu refrear a sua preocupação.

— Hannah, é óptimo ter aqui o Viktor de vez em quando — disse ele. — É divertido e uma boa companhia em pequenas doses. Mas tem cuidado. Ele tem fama de ser um mulherengo incorrigível...

— Não sejas parvo — interrompeu Hannah. — Ele está a trabalhar num novo *lodge* nos Aberdares e a fazer mais qualquer coisa perto de Samburu. Langani é um sítio ideal para ele ficar em vez de voltar para Nairobi durante o fim-de-semana. E está a controlar a parte final da construção aqui sem nos levar dinheiro nenhum.

— É um arquitecto fantástico, concordo, e absolutamente dedicado ao trabalho. Mas não te envolvas com ele, Han. Não é homem em quem se possa confiar quando se trata do sexo oposto.

— Oh, Piet, por amor de Deus! — Pousou com uma pancada o livro de contabilidade que trazia. — Não estou envolvida com ninguém. O Viktor faz-me rir quando cá vem e isso é bom. Luto noite e dia para não deixar esta fazenda afundar-se e preciso de um pouco de distração. Além disso, não sou nenhuma florzinha inocente que nunca teve uma experiência com um homem. — Notou a expressão chocada dele e sorriu. — Ora, Piet, estamos nos anos sessenta, a era do amor livre, até em Nanyuki. As raparigas já não usam cintos de castidade e não é crime nenhum uma pessoa divertir-se um bocadinho. Portanto, vamos acabar com esta conversa e tratar mas é de gerir a nossa fazenda.

Piet suspirou. A irmã era voluntariosa e obstinada e ele optara pelo método errado para a advertir acerca de Viktor. Teria de esperar que o homem se cansasse depressa de Hannah e da fazenda e fosse pregar a outra freguesia antes que acontecesse algum desastre. Mas Viktor não tardou a telefonar de novo.

— Estou em Nanyuki — disse ele a Hannah. — Pensei em dar aí um salto a ver como isso vai. Estou farto de empreiteiros e florestas e gerentes de hotéis e prazos de entrega. Preciso de mudar de ares, se me receberes.

Quando o carro de Viktor se fez ouvir no caminho privado, Hannah ficou surpreendida ao vê-lo abrir a mala e começar a tirar um objecto

enorme embrulhado em serapilheira. Chamou Mwangi para o ajudar a carregá-lo para dentro de casa e depois recuou um passo enquanto Viktor o desembrulhava. Era uma escultura, um leopardo de bronze acorado sobre um tronco, todo ele dissimulação, elegância e poder.

— É magnífico — observou ela. — Que vais fazer com ele?

— Foi um amigo meu de Nairobi que o fez — explicou. — Trouxe-o porque vocês têm de o comprar. Para o *lodge*. Será um foco de atenção perfeito na mesa grande no centro do salão principal. Com os livros todos e as flores. É ideal.

Ela concordou imediatamente com ele e, quando Piet e Lars apareceram das oficinas, levou-os imediatamente à sala de estar e mostrou-lhes a peça.

— É fantástico — disse Piet. — Mas nós não temos dinheiro. É de um escultor chamado Martin Voorman e as peças dele são caríssimas. É demasiado dinheiro para nós, neste momento.

— Mas eu disse ao Viktor que ficávamos com ela — protestou Hannah. — Ele tem razão quando diz que precisa de uma obra de

arte de alta qualidade no salão grande. Vai dar uma aparência diferente a todo o *lodge*, mais distinta. E eu conheço as nossas finanças melhor que ninguém. Quero ficar com ela.

— Está fora de questão — Piet foi categórico. — Sinto muito, mas ele terá de levá-la novamente para Nairobi. Ou vendê-la a outra pessoa.

Hannah sentiu-se ridicularizada. — Acho que não deves passar por cima da minha decisão — disse. — Sou eu quem tem comprado tudo para o *lodge*. Fui eu que fiz as cortinas, as almofadas e as colchas e corri tudo à procura de estampas e quadros velhos que não custaram nada. Mas quero esta peça, que é poderosa e bela, e vou tê-la. Não achas que é magnífica, Lars?

— É uma excelente peça. Mas acho que deves considerar o que o Piet está a dizer.

— E eu acho que este é o meu pelouro e não admito que vocês os dois tomem partido contra mim. Sou perfeitamente capaz de tomar uma decisão destas e não vou mudar de ideias.

— Isso é uma infantilidade, Hannah. Uma extravagância que não podemos pagar.

— Já dei entrada da despesa no razão — informou ela. — E entreguei um cheque ao Viktor.

— Foi uma atitude irresponsável. Para não dizer mais — observou Piet, furioso.

— Irresponsável? Como te atreves a chamar-me isso quando poupei ao máximo e me matei a trabalhar para o teu *lodge*? E agora atiras-te a mim por ter comprado uma escultura. Pois não a vou mandar embora nem vou admitir que faças de mim parva pedindo ao Viktor que devolva o cheque. Portanto, não me pressionem, nenhum de vocês, senão ainda se arrependem.

Piet estava vermelho de fúria ao sair disparado do escritório. Lars ficou à entrada, olhando silenciosamente para ela.

— Escusas de dizer mais alguma coisa. — Hannah olhou friamente para ele. — É tarde e eu vou arranjar-me para o jantar. Com licença.

Passou por ele e foi para o quarto onde se pôs à procura de uma camisola com um decote acentuado e uma saia muita curta a condizer. As saudações foram tensas quando Viktor apareceu para

jantar com um aspecto elegante e vestido com roupas caras. Trazia um frasco de perfume francês para Hannah e um poema que afirmou ter escrito para ela. Lars observou-a a reclinar-se no sofá, aceitando a prenda, deixando Viktor beijá-la na face e pegar-lhe na mão durante um tempo desnecessariamente longo. Depois ele passou-lhe os dedos pelo braço e ela sentiu um arrepio e olhou para ele com uma expressão aturdida. Durante o jantar, Piet sentiu a carga no ar, a tensão entre todos eles, mas Viktor não pareceu dar-se conta. Lars declinou o café e desapareceu no escritório, fechando a porta a tudo o que não desejava ver nem ouvir.

— Não te deites muito tarde, Hannah — disse Piet, saindo relutantemente da sala meia hora mais tarde, incapaz de manter os olhos abertos. — Não te esqueças que amanhã tenho de ir a Nairobi. Volto dentro de dois dias com as peças sobresselentes para o tractor e os tapetes de sisal que encomendaste. E tu tens aqui uma agenda bem preenchida.

— Não há nada que não possa esperar um dia — disse ela num tom provocador. — Não é todos os dias que me deito tarde e desfruto de boa companhia. E se não me levantar cedo um dia, não é por isso que a fazenda se vai desintegrar. Afinal de contas, temos um feitor.

Quando Mwangi levantou as chávenas do café e se retirou, Viktor chegou-se a Hannah no sofá. Ela não emitiu qualquer som quando ele estendeu a mão e passou os dedos pela curva do seu rosto, tocando-lhe as

sobrancelhas e a linha da boca e arrepiando-lhe a pele. Quando se inclinou para a beijar, ela paralisou, sem saber bem o que queria. Depois lançou-lhe os braços ao pescoço e abriu a boca para poder saboreá-lo quando ele voltou a beijá-la. As mãos dele começaram a explorar o seu corpo, acariciando-a com destreza e provocando-lhe ondas de prazer. Nunca ninguém lhe tocara daquela maneira e retraiu-se com medo do que pudesse fazer.

— Viktor. — Custava-lhe respirar. — Não podemos fazer isto aqui. Não. O que quero dizer é que não sei muito bem o que sinto neste momento. Viktor... ouve.

Mas ele silenciou-a, levantando-se e puxando-a para si.

— Vou fazer amor contigo — sussurrou-lhe ao ouvido e ela sentiu como que uma descarga eléctrica a percorrer-lhe as veias. — São horas de ceder ao prazer. Anda. São horas.

Pegou-lhe na mão e ela seguiu-o para o quarto de hóspedes e fechou a porta. Ele beijou-a novamente e ela aninhou-se nele, deixando-o conduzi-la para a cama e deitá-la. Estava nervosa, mas a arder de desejo por ele. Viktor desprendeu-lhe o cabelo, passando nele os dedos e espalhando-o na almofada em redor da sua cara. Os seus dedos desabotoaram-lhe impientemente a blusa e ela começou a despir o resto da roupa porque queria que ele a visse nua. Já não sentia timidez nem hesitação enquanto ele desapertava a sua própria roupa e a atirava para o chão. Hannah passou os dedos pelo peito e pelo estômago dele e puxou-o para cima de si. Era impossível não gritar enquanto ele a cumulava de beijos e se movia com ela, proporcionando-lhe um prazer intenso que ela nunca experimentara. Quando acabou, ficaram deitados na escuridão e ele desenhou traços com os dedos sobre o seu ventre e a pele macia no interior das suas coxas e, mais tarde, voltou a fazer amor com ela. Desta vez, foi uma experiência mais calma e suave e Hannah sentiu que estava a vogar, langorosa e bela, numa venturosa perfeição. Pensou se o seu corpo resistiria ao que lhe estava a acontecer ou se se dissolveria por completo e jamais regressaria aos limites do mundo normal que até então conhecera.

A alvorada trouxe consigo um céu vermelho e dourado que condizia com a sua exaltação. Era a manhã mais bela de que tinha memória. Viktor

ainda estava a dormir e ela estudou-o durante algum tempo. O seu cabelo era do tom mais negro que alguma vez vira e agradava-lhe a forma como lhe caía sobre a testa e como a sua pele era morena por baixo da confusão de lençóis e cobertores. Beijou-o ao de leve, não querendo acordá-lo. Depois saiu da cama e do quarto, dirigindo-se pé ante pé para o seu próprio quarto, rezando para que os criados não a vissem.

Esperou pelo som da partida de Piet para Nairobi antes de descer para o pequeno-almoço. Mwangi disse-lhe que o *bwana* Lars tinha saído cedo e que só voltaria ao fim da tarde. Hannah pediu torradas e café e reparou que estava esfomeada, que tudo lhe sabia a néctar e que não era capaz de deixar de pensar em Viktor. O seu instinto disse-lhe que fosse ao quarto dele e tirasse a roupa para que ele lhe tocasse e fizessem amor mais uma vez. Mas sabia que tinha de esperar por ele ali e assim sentou-se, fervendo de impaciência e pensando se ele olharia para ela do mesmo modo que a olhara na noite anterior. Quando ouviu os passos dele, pensou que ia adoecer. Mas Viktor colocou-se atrás da cadeira dela e pousou-lhe as mãos nos ombros e, em seguida, passou levemente os dedos pela camisa dela para lhe acariciar os seios. Os músculos das pernas de Hannah transformaram-se numa substância gelatinosa e sentiu-se grata por não ter de se levantar. Mwangi veio saber o que Viktor queria para o pequeno-almoço e Hannah não percebeu se ele estava a olhar para ela com particular atenção ou se era imaginação sua.

Passaram o dia à beira-rio, tendo levado um piquenique, os binóculos e canas de pesca. As margens fervilhavam com o chilrear dos pássaros e eles observaram uma trupe de colobos a saltar entre as árvores sobre eles, arrastando as suas longas pelagens pretas e brancas como asas. Quando Hannah ouviu o som áspero de um leopardo à distância, agarrou-se a Viktor, fingindo medo, e ele beijou-a e enfiou-lhe a mão por dentro do cóis dos *jeans* para acordar de novo a sua excitação. Fizeram amor, escondidos no meio das árvores ao longo da margem do rio. Mais tarde, ele fê-la rir ao tentar pescar trutas, passando a maior parte do tempo a reaver o anzol e a desprender o fio de pesca dos troncos e dos ramos a que se tinha firmemente agarrado. Por fim, apanhou uma gorda truta-arco-íris quase por acidente e Hannah apanhou duas.

Lars estava sentado à secretária quando ela voltou para casa. Levantou os olhos e ela reconheceu o ciúme e a infelicidade no seu olhar e sentiu

remorsos. Ele tinha as mãos cruzadas à sua frente e estava exteriormente calmo mas Hannah reparou que tinha os dedos fortemente crispados e as unhas brancas com a pressão.

— Como estão as coisas? — perguntou no tom mais casual de que foi capaz.

— Não tem faltado que fazer.

— Disse ao Kamau que jantávamos por volta das nove.

— É muito tarde — disse Lars. — Normalmente comemos às oito. Tive um dia extremamente cansativo.

— O Viktor foi dormir um pouco e eu ainda não me arranjei.

— Bem, se o Viktor está a dormir, não convém acordá-lo — Lars foi profundamente sarcástico. — Com licença. Vou dar uma vista de olhos ao gerador. Houve um problema qualquer hoje. É possível que não apareça todo aperaltado com linho italiano e loção da barba à mesa do jantar mas, em todo o caso, espero ser convidado para jantar convosco.

— Não sejas idiota, Lars — disse ela, irritada com a sua explosão. — Estás a ser infantil porque eu passei o dia fora com o Viktor e tu não gostas e o teu jantar foi atrasado. Estás demasiado arraigado aos teus hábitos, e o Piet também. Como um casal de velhos demasiado presos à rotina. Mas eu tive um dia *lekker*, deixa que te diga. Foi divertido e o primeiro em muito tempo. E tu não vais despejar água fria em cima dele.

Ao jantar, ele mostrou-se taciturno, respondendo a Viktor por monossílabos e recusando-se a olhar Hannah nos olhos quando ela frisou que a truta que Mwangi estava a servir tinha sido apanhada por ela e por Viktor.

— A paisagem na margem do rio é uma beleza — comentou Viktor. — Um lugar com que Shakespeare teria sonhado para os seus cenários de floresta. Não sei se sabem, mas eu e o Piet chegámos a pensar em implantar aí o *lodge* quando ele teve a ideia. Mas a vista do *kopje* era magnífica apesar de nos ter obrigado a encaminhar a água até lá.

— Passaram então o dia à beira-rio? — perguntou Lars, tentando por fim participar na conversa.

— Passámos. É um local maravilhoso — respondeu Viktor. — É difícil sair de lá. De qualquer parte de Langani, aliás. Mas tenho de partir logo de manhã cedo.

— Pensei que ficavas até segunda-feira — Hannah, consternada, sentiu um aperto no peito.

— Tenho de voltar para as luzes da cidade. Para o mundo real do trabalho, do barulho e dos aborrecimentos. Tenho de abandonar este lugar fabuloso de ar puro e majestade natural — disse ele, agitando a mão no ar. Hannah detestou a sua expressão animada. — Vou para Nairobi de manhã, senão ainda me deixo seduzir sabe-se lá por que loucura.

Depois do jantar, Lars balbuciou uma desculpa e desapareceu na noite, mas Viktor serviu-se de conhaque e acendeu um charuto. Hannah sentou-se ao seu lado, inalando o aroma caro e acre, contando os minutos até Mwangi aparecer para se despedir e ela ter Viktor só para si. Ele tocou-a suavemente, desencadeando uma corrente imediata de desejo e fazendo-a sorrir da sua própria impaciência e desinibição. Quando por fim ficaram a sós, ele atirou-se a ela, a rir, e ela lançou-se-lhe nos braços, beijando-o com sofreguidão até ele a pôr em pé e a levar para o quarto.

Quando ele se despediu, foi como se nunca se tivesse passado nada entre eles. Lars estava ao lado dela, taciturno e ensimesmado, quando Viktor lhe deu um leve beijo na face e se afastou. Hannah deu meia-volta e subiu os degraus do alpendre, tentando em vão esconder a sua sensação de abandono. Ele não tinha dado nenhuma ideia de quando voltaria. Não tinha dito nada. A manhã estava luminosa com o sol, o canto dos pássaros e o perfume das flores, mas ela não reparou em nada.

— Ainda bem que não tens nada que te distraia hoje — disse Lars. — Há várias cartas aqui que são urgentes.

— Não são mais urgentes do que eram há dois dias — retorquiu Hannah. — Por amor de Deus, Lars, anima-te. Estás com má cara e enches-me de nervos.

— Talvez seja porque estou nervoso por tua causa.

— Ouve, Lars — disse ela —, nós temos de trabalhar juntos e há meses que estou a braços com os problemas do banco, as vacas, a decoração do *lodge* e os amuos do pessoal. E agora resolvi oferecer a mim mesma o presente de um leopardo de bronze e divertir-me um bocado. Acho que devias estar satisfeito por me veres mais bem-disposta. Mas não, estás zangado ou talvez até com ciúmes.

Ele pegou na palavra e avançou audaciosamente. — Sim. Estou com ciúmes, se queres saber. Se é que tens o mínimo interesse por mim. Estou roído de ciúmes porque te amo, Hannah. Amo-te e tenho estado à espera de uma oportunidade para to dizer, quando estivéssemos a sós. Receio o que esse homem te está a fazer, com o vinho e o perfume e as coisas caras que pode trazer-te de Nairobi. Por isso quero que me digas que ele não pode ficar mais aqui, aos fins-de-semana, como se fosse um hotel. Não te pode levar e...

— Não lhe vou dizer nada disso — respondeu Hannah, numa fúria crescente. — É o arquitecto do Piet e é amigo do Piet e pode ficar em Langani sempre que quiser. E eu sou perfeitamente capaz de olhar pela minha vida.

— Amo-te, Hannah. Nem sequer me ouviste? Estou apaixonado por ti. — Estava horivelmente consciente de que não era o melhor momento para o repetir.

— Oh, Lars, não posso falar sobre isso. Estou confusa. Sinto sempre que sou o lado mais curto de um triângulo contigo e com o Piet e nenhum dos dois me considera verdadeiramente capaz nem inteligente. És uma excelente pessoa, Lars. Impediste que a fazenda falisse. Tens sido bom para mim e és o melhor amigo do meu irmão. Mas estamos todos intimamente ligados de outra forma, passamos os dias apanhados nos mesmos velhos problemas. — Passou as mãos pelos olhos, à procura de qualquer coisa de sensato e equilibrado para dizer. — Agora não posso pensar nisto nem falar disto. Sinto muito.

Raios, pensou ao afastar-se dele. Não queria feri-lo nem causar-lhe tristeza. Mas a ideia de uma relação com Lars fazia-a sentir-se encurralada. Nunca tivera a oportunidade de terminar os estudos, de viajar até à Europa, de conhecer pessoas fora do círculo social da sua própria família. Pensou em Sarah na universidade na Irlanda, na fama e vida esplendorosa de Camilla na Europa, se bem que esta pudesse agora ter chegado ao fim, e sentiu-se triste com as suas próprias limitações. Não havia dinheiro para ir para o estrangeiro nem tão-pouco para passar um fim-de-semana em Nairobi. Tudo tinha de ser sacrificado à fazenda, ao *lodge* de Piet. E estava certo que assim fosse. Não punha isso em causa. Langani era a sua casa, o lugar que lhe era mais querido, o centro do seu universo. Mas desejava ardentemente um contraste, um gosto do exótico

na sua vida, algo que a fizesse sentir-se alegre, bela e livre por algum tempo. Como Viktor. Viktor, que lhe sussurrava ao ouvido, que lhe contava histórias estimulantes e lhe desenhava imagens com palavras e traços do seu lápis. Viktor, que a beijara e acariciara e lhe sorria com malícia. Pensou nele nesse momento, fazendo-lhe cócegas atrás da orelha e fazendo sugestões picantes, e depois lançou a cabeça para trás, soltando uma gargalhada, enquanto se dirigia para a vacaria.

CAPÍTULO 15

Londres, Setembro de 1965

— **Q**ue raio aconteceu à tua cara? — Ricky Lane olhou para Camilla, boquiaberto. Levantou as mãos para tapar os olhos e voltou a deixá-las cair, gemendo numa atitude deliberadamente teatral. — Merda, não sabes que tens de estar em Nova Iorque daqui a seis dias e apareces aqui toda ligada e pisada com ar de condessa Drácula, porra?

— Podias tentar dizer «Bom-dia e bem-vinda» — retorquiu Camilla. — Fui vítima de um assalto à mão armada na fazenda onde fiquei alojada no Quénia. Já que tiveste a amabilidade de perguntar. Tivemos todos muita sorte em ter escapado com vida. Isto não passa de um arranhão comparado com o que podia ter acontecido.

— Um arranhão que te varreu das capas das revistas americanas, menina, e a mim contigo. Não te avisei que era perigoso ires a África? Que era melhor ires para Ibiza comigo? Que qualquer coisa era melhor do que ires para lá, para o meio desses malditos escarumbas? Deste-nos cabo da vida aos dois, porra! Arruinaste a melhor oportunidade das nossas vidas. Para ti deve ser tudo igual, nasceste em berço de ouro. Mas esta era a melhor proposta de toda a minha carreira e tu deste cabo dela, foda-se!

Camilla ficou chocada com as palavras dele e a raiva no seu olhar. Os seus olhos pousaram na cama por fazer ao fundo do estúdio de onde Ricky Lane se levantara para abrir a porta. Na sua mesa de trabalho estavam as fotografias que lhe tinham valido a sessão fotográfica em Nova Iorque. Camilla olhou para a sua imagem, para a fotografia de uma rapariga com um vestido de noite em cetim num campo de flores, o cabelo cintilante a esvoaçar, descobrindo-lhe o rosto. Uma beleza sem imperfeições.

— Posso mudar de penteado. Adoptar um estilo geométrico e pedir ao Sassoon que me corte uma franja comprida. Com uma quantidade generosa de maquilhagem ninguém vê o corte.

— Pois. — A voz dele estava carregada de sarcasmo. — Ninguém vai reparar que a tua testa está ligada de um lado ao outro. Desde que não sopra a mais ligeira brisa na merda do Central Park, onde íamos fotografar a roupa. E pomo-nos de joelhos a rezar para que o ar esteja parado como um lago estagnado quando tirarmos as putas das fotografias na Quinta Avenida com aqueles arranha-céus a canalizar o vento pela rua fora. Pode ser que os leitores da *Vogue* americana pensem que essa coisa que tens na testa é um tipo novo de bandolete. Às tantas vais lançar uma nova moda!

Camilla sentou-se numa cadeira. Estava frio no estúdio e o ar fresco do princípio do Outono tinha-lhe penetrado nos ossos, enchendo-a de cansaço. Fora directamente do aeroporto para falar com ele, sabendo que ia ficar consternado. Mas não tinha esperado a crueldade grosseira da sua reacção. Trabalhavam regularmente juntos e ela assumira que eram amigos. Agora percebia que se tinha enganado. Não passava do ganha-pão dele, de um instrumento para concretizar as suas ambições.

— Vou falar com o Tom Bartlett ao fim da manhã — declarou ela. — Não é nosso agente só para os bons momentos. De certeza que tem uma dezena de beldades prontas a substituir-me neste contrato. E não há nenhuma razão para não continuares com o projecto. Não foste escolhido como meu guarda-costas, Ricky. Conseguiste este trabalho porque gostam da tua arte. Se não acreditas nisso, tens um problema que não tem nada a ver comigo. Obrigada pela tua simpatia e preocupação e pelo café que não me ofereceste. Ligo-te mais tarde, depois de falar com o Tom.

— Não me faças favores, porra — disse ele, amuado e petulante.

— E tu nunca mais percas tempo a telefonar-me, Ricky, para o que quer que seja.

Ele não se mexeu para a acompanhar à porta da rua. Camilla recolheu a mala junto do porteiro à entrada e levou-a para fora do prédio. Era hora de ponta e tinha começado a chover. Ficou meia hora ao frio na rua antes de arranjar um táxi e quase chorou de gratidão e cansaço quando o motorista saiu para a ajudar com a mala. Era demasiado cedo para aparecer no escritório de Tom Bartlett e precisava de ir a casa repousar um pouco. No apartamento fez café e sentou-se no sofá onde Anthony tinha feito amor com ela há um milhão de anos atrás e onde agora se sentia sozinha, incompleta e perdida sem ele. Fumou um cigarro e assaltou-a uma dor de cabeça lancinante. Tomando duas aspirinas, interrogou-se se seria o tabaco

ou o corte enorme na testa que lhe causava tamanha infelicidade. Quando se deitou no quarto e tentou dormir, a sua cabeça começou a acelerar como um motor sobreaquecido. Lá fora na praça, ouviu a explosão de um motor e sentou-se de repente num estado de pânico.

Sarah viajara com ela até Londres, oferecendo-se para ficar um ou dois dias, apesar de ter os seus próprios problemas, que necessitava de resolver com urgência. No avião, tinha permanecido em silêncio mas as suas mãos tremiam visivelmente quando pegava no livro ou na faca e no garfo, e acordara sobressaltada sempre que procurara dormir e esquecer as imagens horríveis do assalto. Camilla recusara a generosa oferta mas, agora que Sarah não estava com ela, sentia-se abandonada, condenada a suportar os efeitos secundários do terror e do ferimento sem ajuda, sem mapa nem linhas de orientação que a pusessem no caminho da recuperação. Pegou no telefone e marcou o número do pai, ouvindo apenas o som do aparelho a tocar num espaço vazio. Quando pousou o auscultador, tentou combater a autocomiseração que ameaçava provocar-lhe uma torrente de lágrimas. Depois lembrou-se do frasco de tranquilizantes que o médico lhe dera em Nanyuki e procurou-o no estojo de *toilette*. Os comprimidos amarelos tinham um ar reconfortante e ela tomou um com um copo de água. No quarto sentou-se diante do espelho e tirou uma tesoura afiada da gaveta do toucador. Era surpreendentemente difícil cortar uma franja mas ela tentou moldar o cabelo de forma a cair a direito, escondendo o penso da testa. Depois de tomar um duche e vestir uma camisola quente e um par de calças, sentiu-se calma e pronta para enfrentar a manhã londrina num estado de espírito razoável. Pegou num casaco e num guarda-chuva e saiu para a chuva miudinha e cinzenta.

— Meu Deus, Camilla. Claro que não podes ir para Nova Iorque, mas não hão-de faltar oportunidades. Estás viva e isso é que importa. — Tom Bartlett tirou os pés da secretária e debruçou-se, procurando um lápis e um bloco de notas no monte de cartas e provas fotográficas que cobriam quase todo o tampo. — Tens aí o nome de uma pessoa que deves consultar imediatamente. Edward Carradine. É um profissional brilhante. Liga-lhe e, se possível, vai lá hoje. Eu também lhe telefono e explico a urgência.

— É cirurgião plástico? — perguntou ela.

— O melhor. Toda a gente lá vai fazer pequenas reparações. Não na tua idade, normalmente. Mas ele é excepcional e em dois tempos põe-te a cara

como nova. — Levantando-se, entregou-lhe uma folha de papel com um número de telefone.

Camilla sorriu-lhe e guardou o papel no bolso. — Obrigada. Não sabia que tinhas um coração de manteiga assim — observou.

— E se dizes a alguém mato-te, ouviste? — respondeu ele, sorrindo-lhe. — Se dás sequer a entender que eu tenho um grão de generosidade em mim, arranjo maneira de publicar fotografias tuas com essa franja horrorosa. — Pegando numa pequena máquina fotográfica, tirou-lhe uma fotografia e ela desatou a rir em protesto.

— Fazes-me outro favor? — perguntou Camilla, ainda sorridente.

— Precisas de uns tostões para ultrapassar a crise, é? — Abriu a gaveta da secretária e tirou o livro de cheques.

— Não, não é nada disso — disse ela, surpreendida e comovida com a oferta dele. — É que fui falar com o Ricky Lane esta manhã. Sinto-me mal por tê-lo desiludido e gostava que ele não perdesse o trabalho em Nova Iorque.

— Ele apertou contigo, foi? — O olhar de Tom era perspicaz. — É um biltre, é o que ele é. Mas um biltre talentoso. Está bem, eu arranjo maneira de ele ir, se é assim tão importante para ti. Agora vai para casa e descansa. E marca uma consulta com o Carradine. É bom que ele faça um trabalho de primeira. Já usou o bisturi mágico dele com uma data de celebridades que preferem ficar no anonimato.

— Ligas já para o Ricky? — Camilla deu consigo a tremer à ideia de um bisturi a rasgar-lhe novamente a cara.

— Não, não ligo coisa nenhuma. Deixa-o sofrer até amanhã. E vê se cortas essa franja direita, por amor de Deus, antes que alguém te veja. Parece que uma ratazana africana te andou a fazer ninho no cabelo.

Quando Camilla voltou a sair para a rua, a chuva dera lugar a um sol fraco e ela caminhou lentamente, admirando as árvores fulvas, os primeiros ramos despidos e as frágeis folhas douradas e acobreadas que esvoaçavam no céu do fim de Setembro. Estava viva, afinal. Estavam todos vivos. No apartamento, começou a desfazer a mala, arrumando relutantemente a sua roupa de safari, levando o monte de pulseiras e colares de contas samburu ao nariz, inalando a fragrância pungente do gado e da madeira queimada. A fragrância da África. Depois de guardar tudo ordenadamente, reclinou-se no sofá e aconchegou-se numa manta.

Pouco depois, fechou os olhos e sucumbiu ao primeiro sono tranquilo que experimentava desde a traumática noite do assalto.

Um toque estridente despertou-a e foi catapultada para uma total consciência, movida pelo ingrediente agora familiar do medo. As suas mãos tremiam ao pegar no telefone.

— Querida? Tomei conhecimento pelo jornal. Estou a tentar ligar-te desde ontem. Quando é que voltaste?

— Mãe.

— Gostava de estar contigo antes de partires para Nova Iorque, Camilla. Não imaginas como estou grata por estares sã e salva. — Marina parecia à beira das lágrimas. O *Express* dizia que foi um roubo e que alguém apanhou um tiro. Ainda bem que não foste tu.

— Eu não vou para Nova Iorque, mãe. Fiquei com um corte na cara por causa do assalto e tenho de o tratar antes de regressar ao trabalho. Tirando isso, estou bem.

— Oh, meu Deus. Oh, meu Deus, Camilla, estás mesmo bem? Deves estar em estado de choque. Acabo de chegar da casa de Burford mas vou já para aí, querida. Imediatamente.

— Não. Não, mãe, por favor, não é preciso...

Mas a comunicação já tinha sido cortada. Camilla tomou mentalmente a resolução de permanecer distante e calma, desligada da histeria que se aproximava como um furacão de força máxima. Dirigiu-se à casa de banho, abriu o armário de espelho por cima do lavatório e tomou outro comprimido amarelo. Um pequeno truque de magia que a ajudaria a permanecer impassível, a sobreviver à visita de Marina. Desejava ter podido falar com o pai, para lhe confiar a sua incapacidade para esquecer a aterradora experiência. Queria desesperadamente ouvir a voz dele, pelo menos, e ouvi-lo consolá-la quando confessasse a sua dolorosa desilusão com a sua ligação amorosa. Não lhe ocorreu por um momento que pudesse confidenciar esses sentimentos à mãe. Ao espelho, o seu rosto tinha um ar tenso e ela endireitou os ombros e fechou momentaneamente os olhos procurando acalmar-se. Quando a campainha tocou, sentia-se preparada. Marina estava sem fôlego, extremamente pálida, com pequenas pérolas de suor na testa e no lábio superior.

— Dá-me um copo de água, por favor, querida. Três lanços de escadas é ridículo. — Abraçou brevemente a filha. — Não percebo porque continuas

neste andar. Podia ajudar-te a arranjar uma casa mais adequada, se arranjares uns dias para...

— Agora não, mãe, por favor. Neste momento não me apetece falar de apartamentos.

— Claro que não. Que estupidez a minha. — Marina sentou-se e fechou os olhos por um momento. — Quero que me contes tudo e me mostres a testa. Depois decidimos o que fazer. Tomamos um café e depois contas-me exactamente o que aconteceu e como te sentes agora.

Com relutância, Camilla começou a descrever o pesadelo em Langani. Não via como evitá-lo embora receasse que cada palavra suscitasse a inevitável fúria de Marina à ideia de uma visita à fazenda dos van der Beer. Escolheu cautelosamente as palavras, falando lentamente e apertando as mãos para impedir que tremessem. Uma surpreendente sensação de alívio invadiu-a ao relatar o incidente em voz alta pela primeira vez. Ao descrever aqueles momentos terríveis, começou a definir dentro de si própria o que sentia e como poderia lidar com o tumulto corrosivo e incessante de choque e ansiedade que se tornara parte dela. O sono tornara-se impossível sem os pequenos comprimidos. Sempre que fechava os olhos, via o homem à sua frente a precipitar-se sobre ela de *panga* em riste. No escuro, o mais pequeno som trespassava a sua consciência e punha-a num estado de receoso alerta. Por várias vezes, ao descrever a Marina o tormento passado, levou a mão à cara, sentindo de novo o fio quente de sangue que a cegara e enchera de um pânico agonizante. Talvez aquele relatar da experiência fosse catártico e a libertasse das horríveis visões que lhe saltavam ao espírito sempre que fechava os olhos.

— E a tua testa? — perguntou Marina. — Não teria sido melhor esperar e tratá-la aqui?

— O médico em Nanyuki disse que tinha de a suturar de imediato, caso contrário o corte nunca mais fechava correctamente. Disse que requeria mais atenções em Nairobi ou Londres ou noutro sítio qualquer. Foi muito atencioso e deu-me analgésicos e tranquilizantes.

— Oh, meu Deus, querida — Marina começou a chorar. — Foste tão corajosa.

— Fomos todos. Eu e a Sarah viemos ontem à noite no mesmo avião. Ela ofereceu-se para ficar, mas eu disse-lhe que seguisse para a Irlanda. A

única coisa que queria era dormir, compreendes? Mas é difícil porque ainda estou muito nervosa.

— E os homens que te atacaram? — quis saber Marina. — Alguém sabe quem são?

— Não, ainda não. A investigação está no princípio e, quando parti, não havia novidade nenhuma. — Calou-se, esgotada com a narrativa e assustada com as vívidas imagens que lhe haviam desfilado na memória enquanto falava.

— A única coisa que importa é que estás sã e salva. — As mãos de Marina tremiam quando pousou a chávena de café. — Podia ter sido uma tragédia terrível e insuportável para todos nós. Ora bem, conheço a pessoa ideal para tratar disso. Chama-se Edward Carradine. É fabuloso. Por sinal, algumas das minhas amigas são pacientes dele. Eu própria já estive com ele em várias ocasiões mas, por estranho que pareça, foi em Nairobi. Ele viaja para estes lugares impossíveis várias vezes por ano e faz operações gratuitas em situações em que alguém sofreu queimaduras graves ou foi vítima de um acidente. Ou se houver alguma criatura com um defeito congénito terrível. Até chega a trazer pessoas para Londres para serem tratadas. É de facto extraordinário.

— Já tenho o número dele. — Camilla tirou o papel escrito do bolso. — Foi o Tom Bartlett que mo deu.

— O teu agente? Quando?

— Fui falar com ele hoje de manhã. Para lhe dizer que não podia ir a Nova Iorque. Ele disse que o Dr. Carradine era o médico ideal para mim.

— Não acredito que te tenhas posto a percorrer Londres depois de uma experiência tão traumática e desse terrível voo nocturno. — O tom de Marina era de irritação. — O Tom Bartlett pode ser muito importante para a tua carreira mas creio que te podias ter explicado ao telefone. Francamente, querida, a tua noção das prioridades não é simplesmente...

— Mãe, não digas mais nada. Neste momento, não tenho energia para ouvir sermões. Preciso de descansar. Mas se conheces este médico talvez pudesses marcar-me uma consulta. Eu estou demasiado cansada para explicar a situação toda ao telefone a uma recepcionista ranhosa que nunca vi. A propósito, onde está o papá? Liguei-lhe, mas ninguém atendeu.

— Está na Holanda, a falar com o príncipe Bernardo sobre leões e tigres ou uma dessas coisas selvagens. É uma reunião importante. Regressa amanhã ou no sábado. Não lhe falei do assalto quando ele telefonou esta manhã porque achei que não adiantava nada ele voltar a correr. Infelizmente, vais ter de passar sem ele por agora. — A expressão de Marina era de tristeza. — Vamos lá abrir-te a cama para poderes dormir um pouco e eu marco a consulta com o Edward.

— Foi onde estiveste em Harley Street antes de eu partir para Nairobi? — perguntou Camilla. — Não vais fazer um *lifting*, pois não? Não é necessário e és demasiado nova para pensar sequer numa coisa dessas.

— És um amor. Não, não estava a pensar em fazer nenhum *lifting*. Para ser franca, não me andava a sentir muito bem e fui fazer uns exames.

— Que tipo de exames?

— Queria ver se estava anémica porque andava a sentir-me extremamente cansada. Agora está tudo sob controlo. E a casa de campo é o lugar ideal para repousar. Adoro o ar puro e o sossego.

— Isso em ti é uma novidade.

— Talvez esteja a amolecer. — Marina pareceu satisfeita com aquela ideia. — Ou a tornar-me preguiçosa na velhice.

— Não se pode propriamente descrever os quarenta e três anos como velhice.

— Suponho que não. Noutro tempo achava que os quarenta anos eram uma idade incrivelmente avançada. Agora se ainda cá andar aos cinquenta fico muito contente. Deixa lá ver a tua testa.

Na casa de banho, Camilla retirou o penso, revelando o horrível corte. As suturas pretas iam de um lado ao outro da fronte em diagonal, terminando num pequeno gancho por sobre a sobrancelha direita. A expressão horrorizada de Marina reflectiu-se no espelho e Camilla ficou subitamente convencida de que nunca mais trabalharia como modelo. Viu o seu futuro evaporar-se, transformando-a num ser inútil e indesejável sem a beleza que sempre tivera como certa. A sua boca deformou-se e as lágrimas turvaram-lhe a visão.

— Vamos pôr isto outra vez direito — disse Marina e Camilla deixou-se conduzir ao quarto onde a mãe aplicou novo penso.

— Que diabo são essas missangas em cima da cama? — perguntou Marina. — Têm um cheiro horrível.

— Comprei-as numa *manyatta* samburu. Pensei em desenhar roupa e usá-las como adornos. Casacos ou saias de camurça, com golas e mangas de contas, ou bainhas. Missangas tradicionais africanas com acabamentos europeus bem feitos. — Camilla hesitou. — Cheguei a pensar em abrir uma pequena oficina no Quénia. Em Langani, talvez. Podia fazer sociedade com a Hannah. Tenho a certeza de que podia vender peças assim a *boutiques* aqui e em Paris já que tenho os contactos ideais.

— Mas não estás a pensar em voltar para o Quénia, Camilla. — Marina estava horrorizada. — Depois do que aconteceu, seria uma loucura voltar.

— Foi uma coisa terrível, mãe, e muito assustadora. Mas foi um acidente isolado. Há o mesmo nível de criminalidade violenta no leste de Londres que há em Nairobi.

— Pois, mas nós não vamos ao leste de Londres, Camilla. — Os olhos de Marina estavam arregalados de medo, mas naquele momento não queria entrar em discussão. Tentou usar um tom conciliatório. — Deixemos esta conversa para mais tarde, querida. Agora precisas é de dormir um pouco e depois saímos para tomar chá ou para jantar mais cedo. Dependendo da hora e de como te sentires.

Marina debruçou-se sobre a cama e beijou a filha, afagando-lhe o cabelo, com uma expressão estranha na cara. Havia qualquer coisa de diferente nela, um elemento desconhecido que intrigou Camilla. Mas, como estava demasiado cansada para pensar nisso, deitou-se e fechou os olhos, grata por não estar sozinha. Prestes a adormecer, apercebeu-se de que Marina não a tinha repreendido por visitar Langani nem tinha feito qualquer referência depreciativa a Sarah nem mesmo aos van der Beer. Ao sucumbir a um sono inquieto, sentiu alívio com a anormal contenção da mãe. Marina estava na sala de estar, a ler uma revista, quando Camilla acordou. Jantaram num restaurante da zona e em seguida regressaram ao apartamento.

— Vou ficar cá a dormir — anunciou Marina. — Tens de me emprestar algumas coisas básicas mas fico porque acho que não debes ficar sozinha.

Para evitar discussões sobre o tópico do Quénia, Camilla ligou a televisão e sentaram-se no sofá num silêncio amigável, partilhando um bule de chá e observando a figura corpulenta e autoritária de Richard Dimpleby a endireitar a mundo.

As portas pintadas de Harley Street, com as suas placas de latão discretas, pareciam sinistras na chuva miudinha do meio da manhã. A sala de espera de Edward Carradine estava demasiado quente e formalmente decorada com mobília cara. Camilla concentrou-se nos cabeçalhos dos jornais diários, evitando contacto visual directo com um casal de meia-idade que olhara para ela, quando entrou na sala, e depois trocara alguns sussurros. Não queria ser reconhecida nem alvo de comentários. Esta era uma parte privada da sua vida e eles não tinham o direito de invadir qualquer dos seus aspectos. Sentiu-se irracionalmente furiosa por a mulher bem arranjada estar ali sentada com o marido, de mão dada com ele, na expectativa de que uma qualquer noção de juventude eterna viesse a tornar-se brevemente realidade. O homem devia continuar a amá-la, pensou Camilla, mesmo que o seu rosto estivesse marcado por rugas e o queixo a tornar-se um pouco flácido. Estava provavelmente a ter um romance com a secretária e acompanhara a mulher por descargo de consciência. Um *lifting* não ajudaria, decerto. Tinham ambos um ar triste como se soubessem que tudo aquilo era uma charada. Um relógio na prateleira do fogão de sala emitia um tiquetaque audível e Camilla sentiu-se transportada por esse som para longe da vida em Londres, que aceitara despreocupadamente como um direito que lhe cabia. A sua apreensão crescia à medida que os minutos iam passando e depois a porta do consultório abriu-se e um adolescente saiu. Tinha a cara crivada de horríveis cicatrizes, a pele vermelha, cheia de manchas e coberta de vergões que cruzavam uma das faces como cristas. O seu sorriso era um esgar torto.

— Ele está a fazer óptimos progressos. — A voz de Edward Carradine era calmante, um tom profissional que devia ter usado um milhão de vezes para instilar confiança. Colocou o braço em redor da mulher e apertou a mão ao marido. — Não se preocupe, Mrs. Bryson. O seu filho vai ficar perfeito. Está a sarar muito satisfatoriamente. Não há infecção e o inchaço está a diminuir. — Virou-se para o rapaz. — Até ao próximo mês, James. Já falta pouco para começar a planear a última cirurgia. Depois disso hás-de ficar óptimo.

Camilla sentiu vergonha e piedade ao captar a expressão da mãe do rapaz. Desviou rapidamente os olhos, não querendo intrometer-se nesse

momento de esperança e gratidão. O médico atravessou a sala e cumprimentou Marina com afecto, deixando a mão pousada no ombro dela.

— Marina, como está? Londres faz-lhe bem. Camilla, sinto muito não nos conhecermos em circunstâncias melhores. Sou Edward Carradine e vou fazer os possíveis para reparar o ferimento na sua cara. Faça o favor de entrar.

Ela deitou-se na marquesa alta e dura, sustendo a respiração enquanto ele lhe examinava a testa. O médico não fez qualquer comentário enquanto observava à lupa a longa cicatriz, pressionando levemente a pele circundante.

— Abra os olhos agora. Olhe para mim. Siga o meu dedo... olhe para cima, para baixo, de um lado para o outro. — Debruçou-se mais sobre ela e levantou-lhe o queixo, fazendo-lhe incidir plenamente o feixe de luz na cara. Depois tocou-lhe na mão e ela teve uma sensação de protecção, uma promessa tácita que lhe transmitiu segurança de um modo simples. — Venha sentar-se comigo e com a sua mãe. É mais confortável conversarmos ali. Aceita um chá ou um café?

«Isto pode parecer ridículo, insensível até — disse ele quando se instalaram —, mas teve muita sorte. A *panga* devia estar bem afiada, o que evitou golpes desajeitados na pele. Rasgões, quero eu dizer. — Levantou um espelho enquanto falava. — A ferida é profunda e bastante extensa, mas é uma linha relativamente direita que lhe atravessa a testa, à excepção desta pequena cauda aqui na ponta. Teve de facto sorte por não lhe ter atingido a sobrancelha e o olho, claro. É o único sítio que exige uma grande precisão da minha parte. O médico no Quénia fez um bom trabalho e foi sensato em tê-la suturado imediatamente. A pele já começou a sarar sem deixar um rasgo muito grande. Isso é fundamental para deixar uma cicatriz mínima.»

— Vou então ficar com uma cicatriz? — A boca de Camilla estava seca. — Muito marcada? É possível disfarçá-la completamente? Não digo já, mas mais tarde.

Ele começou a explicar-lhe o processo de sarar e dissimular, a necessidade de esperar que a ferida fechasse por completo, que maturasse, antes de ser possível qualquer intervenção cirúrgica. Haveria um período de três ou quatro semanas antes de a crosta superficial desaparecer.

Camilla sentiu uma reviravolta no estômago ao ouvir a palavra «crosta» aplicada à pele do seu rosto. Era vital analisar o aspecto da ferida fechada e ele pediu para ver quaisquer outras marcas que ela tivesse no corpo a fim de aferir a capacidade de regeneração da sua pele. Quando chegasse o momento certo, removeria cirurgicamente a cicatriz, declarou, suturando-lhe a pele da testa numa linha direita e fechando-a com pontos muito finos que não se notariam. A nova linha demoraria vários meses a começar a esbater-se mas, ao fim das primeiras semanas, ela podia usar maquilhagem para a esconder. As palavras dele penetravam-lhe no espírito como ondas de rádio a crepitar e a diminuir num local distante e sentiu-se desanimar de desespero ao tentar imaginar-se desfigurada durante meses ou talvez anos. Baixou os olhos para a alcatifa, tentando disfarçar o medo, incapaz de se encarar sob esta nova perspectiva.

— A sua pele é jovem e elástica — estava a dizer Carradine. — Se tiver os cuidados necessários enquanto a incisão sara e fecha, tenho a certeza de que os resultados serão bons. Precisa de dar grande atenção ao tratamento da pele mas isso é, afinal, um aspecto essencial da sua profissão. Vai precisar de descanso. Talvez fosse boa ideia ir para o campo com a sua mãe. Aproveite o ar puro. Ela disse-me ao telefone que tem uma casa de campo perfeita nos Cotswolds. Agora vamos pôr um penso mais discreto nisto.

Camilla levantou-se e, do sofá onde estava sentada, reparou que ele era muito alto. Movia-se com energia e determinação. A sua roupa parecia ser italiana e cara, os sapatos feitos à mão, com borlas, muito engraxados. Quando terminou, sentou-se numa cadeira de braços defronte dela, estendendo-lhe o espelho para ela se ver.

— O único verdadeiro problema que temos de considerar é o rabo da cicatriz que não condiz com as linhas naturais da sua testa — disse ele. — Quanto à parte direita da linha existe um novo tratamento que tenho usado quando um ferimento deixa um vergão ao longo das bordas, nos pontos em que foi suturado. É um pouco como remover a secção saliente da pele com lixa, como alisar uma bonita escultura. Não estou certo que seja o indicado no seu caso. Teremos de esperar um pouco antes de tomarmos uma decisão.

— Quanto tempo? — Marina falou pela primeira vez.

— Julgo que dois ou três meses. Entretanto, Camilla, deve tomar todas as precauções com a sua pele. Não deve apanhar luz do sol forte e directa, não deve fumar porque constrixe os vasos sanguíneos e pode afectar o processo de cura. Pelas mesmas razões, deve ingerir muito pouco álcool. Precisamos de discutir que tipo de cosméticos pode ou não pode usar. E devo frisar que precisa de muito descanso. Mas estou confiante de que vamos conseguir excelentes resultados.

— Sou modelo. Tenho compromissos de todo o género. Esta semana devia estar em Nova Iorque a tirar fotografias para uma revista — Camilla começava a perder o autocontrolo.

— Sim. O Tom Bartlett ligou-me ontem. Pouco antes de a sua mãe me contactar.

— Não há nenhuma maquilhagem que esconda a cicatriz enquanto está a sarar? Caso contrário, o que me está a dizer é que não posso trabalhar durante meses. E isso é impossível.

— Querida, agora tens de pensar na tua saúde — disse Marina. — Tens de ter paciência se queres que o Edward obtenha os melhores resultados contigo. Não tem importância se não...

— Claro que tem! — As palavras reverberaram na tranquilidade da sala. — A minha cara está destruída e já houve um fotógrafo que me pôs a mexer do estúdio dele. Não me digas que não tem importância. Santo Deus, mãe, que é que te parece que está em causa aqui? Para onde é que hei-de ir a seguir? A minha cara está destruída, não posso trabalhar, não me posso vestir nem posso sair como uma pessoa normal porque estou com um aspecto assustador. Não consigo dormir, não consigo livrar-me dos sonhos, das imagens, até do som das vozes deles. E tu sentas-te aí a dizer que não tem importância.

O raciocínio de Camilla começou a desviar-se da civilizada conversa clínica. O desastre abatera-se sobre ela com uma dissimulação e uma velocidade que não compreendia. O seu sucesso no mundo da moda fora galopante e tinha-se acostumado a ser admirada e celebrada. Mas naquela sombria manhã, apercebia-se de que a sua carreira podia estar comprometida, que a sua fama e popularidade eram realmente transitórias. As defesas que construía à sua volta eram afinal frágeis e não passavam de auto-ilusão. O homem que amava encontrava-se a quilómetros de distância e não sabia o que lhe tinha acontecido, nem se preocuparia

provavelmente com isso se soubesse. Pensou se poderia pedir uma receita para mais tranquilizantes mas não queria fazê-lo diante de Marina. Paciência. A maioria dos seus amigos conseguia arranjar tudo. Haxixe, droga, anfetaminas e barbitúricos. Entretanto, precisava de uma bebida e de um cigarro e, acima de tudo, queria escapar daquela sala asfíxiante.

— Peço desculpa — disse. — Isto é tudo um choque. Suponho que estou mais tensa do que imaginei.

— Estou a pensar se poderia recomendar-lhe alguma coisa para ajudá-la a dormir. Sabe, não foi só o seu corpo que ficou ferido. — Carradine mostrou-se solícito e ponderado. Tirou da secretária uma folha de papel onde escreveu uma receita. — Sofreu um trauma severo e vai levar tempo até que as cicatrizes na sua memória comecem a sarar. Quero vê-la novamente dentro de dez dias. Nessa altura, vou remover essas suturas e podemos discutir um plano de acção. Entretanto, deve falar sobre o que lhe aconteceu... com a sua mãe, a sua melhor amiga, o seu namorado. Qualquer pessoa em quem confie e por quem sinta uma grande afeição. Isso fará uma diferença significativa.

Camilla saiu do consultório como uma sonâmbula, seguindo Marina até à esquina da rua, entrando para um táxi e recostando-se no assento de olhos fechados. Pararam numa farmácia e aviaram a receita. No apartamento, Marina sentou-se com a filha e pegou-lhe na mão.

— Querida, vai correr tudo bem. O tempo vai passar mais depressa do que pensas. O Edward foi perfeitamente positivo. Nunca te daria uma opinião falsa.

— Eu sei. Tenho a certeza que ele é maravilhoso, como dizes. E, depois de pensar bem sobre tudo isto, sinto-me muito satisfeita por ser ele a tratar de mim. Estou grata por tudo, mãe, sinceramente.

— Queres aproveitar a tarde para descontraíres? Para deixares de pensar em tudo isto e escapar por algumas horas? Podíamos ir ao cinema, a um sítio confortável como o Curzon.

— Não. Acho que quero ficar a ler, tomar um longo banho de imersão e deitar-me cedo. E com estes comprimidos vou conseguir dormir, se o teu amigo médico tiver razão. Preciso de passar uma noite sozinha, mãe. Tem de ser e depois fico bem. — Sentia-se demasiado cansada para insistir, mas ficou aliviada quando Marina se levantou e a beijou.

— Pois seja, querida. Não precisas de me acompanhar à porta. Adeus.

Camilla dirigiu-se para o quarto antes que Marina mudasse de ideias. Ficou a olhar pela janela, tomada de um pressentimento de privação e sabendo que ainda não estava inteiramente preparada para ficar sozinha. Marina tinha chegado à porta de entrada quando o telefone tocou e deu meia-volta para atender.

— É a Sarah Mackay — disse ela quando Camilla apareceu do quarto. — Toma o telefone, querida, mas não fales muito tempo. Até amanhã.

Camilla descreveu a consulta com o médico e o lento processo por que teria de passar.

— E o teu pai? — perguntou Sarah. — Ele ajuda-te a passar por tudo isso.

— Está para fora. Volta esta noite ou amanhã — respondeu Camilla. — Mas a minha mãe esteve cá. Sensata e calma e, para variar, não fez recriminações. Pelo menos, para já.

— Ainda bem que consegui falar contigo. A Hannah já tinha tentado mas devias estar no médico. O Lars está a recuperar bem e deve voltar para casa dentro de duas semanas — Sarah hesitou, sem saber se Marina estaria a ouvir. — Queres vir cá passar uma temporada? A minha mãe e o meu pai iam adorar cumular-te de atenções. Estragar-te com mimos, melhor dizendo.

— Tenho de tirar os pontos na próxima semana. Não te preocupes comigo. O meu pai deve estar cá no fim-de-semana. Eu fico bem — Camilla hesitou. — Tens tido dificuldade em esquecer o que aconteceu?

— Nunca mais vou esquecer. Pensei que tinham matado o Piet. Depois fiquei cheia de medo por ti e pelo Lars. E a Hannah não me sai da cabeça, ainda na fazenda com esses maníacos à solta, o gado morto e os cães envenenados, e o Lars seriamente ferido. Estão sitiados em Langani e é difícil pensar noutra coisa.

— Mas continuas determinada em voltar?

— Continuo. Tu voltavas?

— Se ele me pedisse, ia já amanhã. Mas não pediu. Provavelmente ainda está no *bundu*. É capaz de ainda não saber de nada.

— A Hannah diz que ele está acampado em qualquer lado, o mais longe possível de qualquer contacto humano. É possível que ainda não se tenha alojado em sítio nenhum porque os clientes só chegaram há dois dias. Gosta de os manter no seu mundo selvagem o mais possível.

— Se ele quisesse metia-me no próximo avião. — Camilla sentiu a voz falhar-lhe. Não viu Marina, paralisada de horror, no pequeno *hall* de entrada. — E talvez fosse a melhor maneira de pôr fim ao horror e continuar em frente. Como subir outra vez para um cavalo ou para uma bicicleta imediatamente depois de cair. Também tenho outra ideia. Uma coisa que podia fazer com a Hannah. Quando a desenvolver em pormenor conto-te. E tu, que notícias tens? Como está o Raphael? Como é que aceitaram a tua decisão de voltar?

— Foram aos arames. Mas também tinham notícias dramáticas para me dar. E o Tim a mesma coisa — respondeu Sarah.

— Que aconteceu? — Ao fazer a pergunta, Camilla ouviu um ruído no vestíbulo. — Espera aí. Acho que está alguém à porta.

— Ouve, amanhã escrevo-te a contar tudo — disse Sarah. — E na próxima semana volto a telefonar. Tens a certeza que és... enfim, já sabes... que consegues lidar com a situação?

— Está tudo bem. Falamos em breve.

Camilla pousou o auscultador e dirigiu-se à porta de entrada. Abriu-a e passou os olhos pelo corredor mas não viu ninguém e pensou se teria começado a imaginar coisas.

Dormiu até tarde e, não se lembrando do que sonhara, sentiu-se leve e aliviada quando abriu os olhos. Era sexta-feira e o pai chegaria certamente nessa noite ou no dia seguinte. Havia ovos e *bacon* no frigorífico e pensou em Marina enquanto preparava o pequeno-almoço. Lá fora, ouvia a familiar chiadeira dos autocarros a parar em Brompton Road e o som do jardineiro a apanhar as primeiras folhas outonais na praça ajardinada em baixo. Adicionou natas ao café e folheou a última edição da *Vogue*. Mas a imagem da sua própria cara, perfeita e sem marcas, matou a sua determinação e diluiu a coragem recente. Pôs a revista de lado e ligou o rádio. Afinal o que levava as pessoas a ouvir *The Archers*? Mas o som das familiares vozes da província era reconfortante e ela sentou-se no sofá, aconchegando o roupão ao corpo, feliz por estar na segurança do seu próprio espaço, num lugar onde podia de novo sentir-se à vontade. Tinha sobrevivido a uma noite sozinha, começado a regressar à normalidade. Avançaria passo a passo, como o Dr. Carradine aconselhara. Uma hora

depois, vestiu-se e enfiou um gorro de lã da Biba na cabeça. Estava à procura das chaves quando ouviu o telefone.

— Camilla, estás bem? — Sentiu-se como que a flutuar quando registou o som da voz dele. — Meu Deus, soube hoje de manhã quando levei os meus clientes a almoçar ao *lodge* de Keekorok. Só queria ter lá estado com vocês todos e ter ajudado. Se pudesse matava os cabrões. Diz-me que estás bem.

— Estou. Já consultei um cirurgião plástico que diz que vou ficar como nova. Fico muito feliz por te ouvir. — O seu coração batia com violência, o sangue correndo-lhe velozmente nas veias e causando-lhe tonturas. Tentou permanecer coerente, esperando que ele dissesse que se meteria num avião para Londres assim que o safari acabasse.

— Tenho estado acampado desde que partiste. O gerente aqui deu-me a notícia e eu consegui ligação para Langani e falei com a Hannah. Ouve, daqui a três semanas volto para Nairobi. Depois falamos melhor.

— Continuas a planear vir cá em Novembro? — Precisava desesperadamente de uma certeza. — Adorava que viesses... não consigo imaginar remédio melhor.

— Espero que sim. Não me debrucei ainda sobre as datas mas, assim que souber alguma coisa, digo-te.

— Ótimo, então. — O seu deleite inicial ao ouvir o som da voz dele estava agora contaminado pela dúvida. — Até breve. Beijos e abraços. — Esforçou-se por soar casual.

— Um beijo também. Adeus.

Os olhos de Camilla turvaram-se de lágrimas de desapontamento e desesperança. Notara um tom evasivo na voz dele e temia que ele nunca viesse a mudar, a pertencer-lhe. Decidiu ligar a Hannah e marcou o número da operadora internacional. Estava ocupado, mas ela insistiu, desesperada por uma ligação. Ao fim de duas horas, conseguiu.

— Que bom ter notícias tuas. — O suspiro de alívio de Hannah foi claramente audível ao telefone. — Temos andado consumidos. Liguei-te duas vezes ontem mas ninguém atendeu.

— Como está a situação em Langani... como é estar de volta? A polícia já descobriu alguma coisa? E o Lars, como está?

Mas as notícias da fazenda eram escassas e a investigação não avançava. Lars teria alta do hospital brevemente e planeava passar uns

dias na plantação de café do tio antes de regressar a Langani. Era evidente que Hannah sentia a falta dele. Piet estava a trabalhar como um louco e pretendiam mesmo abrir o *lodge* no princípio do ano. Estavam determinados em continuar, em lutar pelos seus direitos.

Quando desligou, Camilla sentiu-se isolada, apanhada numa teia, encurralada, a milhares de quilómetros do sítio onde desejava estar. Marina ligou e tentou convencê-la a ir passar o fim-de-semana a Burford. Mas Camilla queria espaço, tempo para saborear os brevíssimos momentos em que ouvira a voz de Anthony ao telefone.

— Talvez no próximo fim-de-semana, mãe — disse. — Quero ficar aqui em paz e sossego. Sinto-me muito melhor hoje e é isso que quero fazer.

Ao fim da tarde, saiu de casa, caminhando apressadamente e enfiando-se no caos do tráfego em Knightsbridge. No Vidal Sassoon, cortou o cabelo com uma franja direita e precisa, muito curto atrás para realçar a altura do pescoço e a forma da cabeça.

— Fica-lhe a matar. Há meses que lhe ando a dizer que devia cortá-lo e, como vê agora, tinha razão. Sinto muito que tenha sido preciso um azar tão grande para a convencer. Olhe atrás. — Sassoon ergueu o espelho. — É como um chapéu dourado, cortado assim. Mesmo com o problema da testa, está lindíssima. Parece um duende. Já não é como a Veronica Lake ou uma estrela de cinema qualquer dos anos quarenta, de cabelo comprido. É uma pessoa nova.

Camilla pagou a conta e pensou em pedir para usar o telefone, mas havia muita gente na recepção e ela decidiu arriscar. Tinha praticamente anoitecido e, se o pai estivesse em casa, podiam passar o serão juntos. Caso contrário, iria ao cinema. Não se sentia preparada para estar com mais ninguém. Na rua, à porta do apartamento dos pais, viu o velho carro de George estacionado debaixo de uma árvore e sentiu-se invadida de prazer e expectativa. Provavelmente ele tinha tentado ligar-lhe desde que chegara de Amesterdão e devia estar preocupado. Marina ter-lhe-ia deixado uma mensagem. As suas chaves estavam no fundo da carteira e ela procurou-as com impaciência. Não havia sinais de ninguém na sala de estar, mas ouviu a voz do pai. Devia estar ao telefone. Avançou pelo corredor e bateu ao de leve à porta do quarto, que estava entreaberta. George Broughton-Smith virou-se surpreendido. Estava com um roupão de seda aberto. O seu fato fora atirado para uma cadeira e a camisa e roupa

interior estavam espalhadas pelo chão. A sua expressão foi de espanto e em seguida de angústia quando deu meia-volta para encarar a filha. Ela olhou para ele por um momento, os olhos carregados de dúvida fixos no seu rosto, tentando decifrar a mensagem que ele procurava transmitir. Depois passou os olhos pelo quarto. Deitado na cama do pai, estava um rapaz novo, louro e atraente. Os seus olhos estavam pregados nela, enviando sinais de alarme e de mágoa enquanto puxava pelos lençóis para cobrir o corpo nu.

CAPÍTULO 16

Dublin, Setembro de 1965

Raphael estava à espera dela no aeroporto, o seu rosto franzindo-se de felicidade quando Sarah passou a barreira.

— Graças a Deus voltaste sã e salva — disse ele, abraçando-a com força. — Eu e a tua mãe estamos em estado de choque desde que telefonaste de Nairobi, acredita. Como está o rapaz que levou um tiro? E a Camilla?

— Acho que o Lars vai ficar bem — disse Sarah. — Mas a Camilla vai ter de fazer uma cirurgia plástica. Dentro de um ou dois dias ficamos a saber. — Lançou os braços em redor do pai e da mãe, feliz por estar em segurança na companhia deles. — Então que vamos fazer agora? — perguntou.

Olhou para a mãe. Betty tinha apertado os lábios para evitar uma efusão de alívio. Dirigiram-se para o carro de braço dado.

— Temos uma surpresa para ti — disse Raphael. — Decidimos reaver a casa do teu avô em Sligo. Os inquilinos foram-se embora e nós vamos usá-la. Mudámo-nos para lá há uma semana.

— Fantástico! Adoro essa casa, e a praia e as dunas. Mas que vão fazer com ela quando regressarem ao Quénia?

Betty parou de caminhar e virou-se para a filha. — Não vamos voltar, Sarah. Eu e o teu pai decidimos ficar na Irlanda. Eu sei que é um choque mas explicamos-te na viagem para Sligo.

Não conseguia entender. Sarah sentou-se no banco de trás. As verdadeiras implicações da notícia não a deixavam partilhar do optimismo dos pais. Pensou na casa em Mombaça, nas palmeiras e no odor e som do mar tropical e não era capaz de aceitar o que eles estavam a tentar dizer-lhe.

— Não percebo — disse, quando pararam para almoçar num hotel rural. — Porque é que vais abandonar tudo no Quénia, onde fazes verdadeiramente falta? É a tua casa. O lugar que sempre amaste, que sempre amámos. E se tiveres de ir viver para o interior, há imensas coisas que podes fazer, pai. Mas preferes recuperar uma casa decrépita no calcanhar do mundo, onde chove e faz frio, e fazer um trabalho que não fazes há anos! — De súbito todo o esquema lhe pareceu precipitado e irreflectido. Não era capaz de imaginar os pais a viver naquele país deprimente do qual ela própria não desejara senão escapar.

— No meu subconsciente sempre estive a ideia de viver aqui quando me reformasse. É um pouco mais cedo do que tinha planeado, é tudo — Raphael calou-se para calcar o cachimbo e hesitou um pouco antes de recommençar a falar. — O Quénia é hoje um sítio diferente e eu já não posso viver na costa por causa do risco de malária. Regressar implicaria recommençar do zero. Um meio diferente, um novo hospital, novos amigos e colegas, sem o mar e um barco para os fins-de-semana. Se estou condenado a isso nesta idade, então é preferível que seja na Irlanda.

— Ora, ora, pai, estás a falar como um velho. Tens muitos anos à tua frente, independentemente do que queiras fazer e onde.

— Sim, tenho alguns anos à minha frente, espero bem. Mas há outra questão — disse ele. — O teu irmão terminou o internato geral de medicina e está com vontade de trabalhar comigo em Sligo. Vamos ficar com o consultório do velho Dr. Macnamara, que se vai reformar. Eu e o Tim vamos trabalhar juntos. É o momento certo e para mim há-de ser muito útil tê-lo como sócio.

Sarah abriu a porta de trás do carro e sentou-se, aconchegando o casaco ao corpo como que para evitar mais revelações. — Eu sabia que havia mais qualquer coisa por detrás disto — declarou. — O que está aqui em causa é lançar profissionalmente o Tim. Não é essa a verdadeira razão?

— Não, não tem nada a ver com o Tim — retorquiu Betty, defensiva. — Aliás, ele estaria muito melhor se fosse trabalhar para um grande hospital em Inglaterra e se se especializasse. É certo que assim vai ter um consultório já estabelecido. Mas está lá para ajudar o teu pai. Não tires conclusões precipitadas, Sarah. O mais importante é a saúde do teu pai. Se ficarmos no Quénia mais cinco ou dez anos, será demasiado tarde para uma mudança radical antes de ele ter de se reformar definitivamente.

Agora é uma boa altura para começar de novo. Tu sempre adoraste a casa, se bem que não tenhas lá estado desde a morte do teu avô. Acho que vais perceber imediatamente por que razão é o sítio perfeito para todos nós. Há muito que fazer mas já tornámos algumas divisões confortáveis enquanto as obras decorrem.

Sarah evitou envolver-se em mais discussões na última etapa da viagem. Não queria estragar o reencontro com a família e sentia-se culpada por regressar brevemente ao Quénia enquanto os pais eram obrigados a renunciar a essa parte das suas vidas.

A velha casa situava-se a vários quilómetros da cidade de Sligo e tinha uma vista sobre a baía de Donegal. Uma extensão de relvado conduzia a um longo areal branco e às dunas de Streedagh. Atrás elevava-se o volume maciço de Ben Bulbin, com o seu cume plano e projectado sobre o mar como a proa de um grande navio. Betty herdara a ampla casa arruinada em Sligo por morte do pai. Era uma bela construção georgiana com um vasto terreno e cavaliças, mas, no interior, era húmida e fora descurada ao longo dos anos por inquilinos negligentes. Agora seria a base de uma vida inteiramente nova. Sarah estava espantada com a súbita decisão dos pais e magoada por não terem esperado para a discutir com ela. Durante o breve período em que estivera ausente, Raphael rescindira o seu contrato no ultramar invocando razões de saúde, aceitara uma avultada indemnização e decidira exercer clínica geral na Irlanda. Ou deixara que alguém decidisse por ele.

Quatro dias depois de chegar, Sarah revelou finalmente os seus próprios planos. Passara um longo dia em Dublin a discutir o seu futuro na universidade e defendendo junto do reitor a necessidade de atrasar o início do seu mestrado. Não tinha sido fácil.

— Arranjei um emprego no Quénia — disse ela aos pais. — Vou trabalhar num projecto de investigação sobre elefantes baseado na região de Buffalo Springs. É um programa dirigido pelo Dan e pela Allie Briggs, que estão dispostos a admitir-me como assistente. Posso viver no acampamento deles e eles oferecem refeições, transporte e um pequeno salário. Vou voltar para viver lá. Dentro de algumas semanas.

— Não estás a falar a sério, pois não? — Betty estava consternada.

Raphael mudou de posição no sofá e pigarreou ruidosamente, um sinal familiar de que se sentia pouco à vontade ou queria evitar um confronto.

Concentrou-se furiosamente no enchimento do cachimbo e permaneceu em silêncio.

— Estou a falar muito a sério. — Sarah olhou provocadoramente para os pais, projectando o queixo de forma agressiva. — O assalto foi um incidente isolado. Não é uma coisa que aconteça todos os dias. Há mais roubos em Dublin hoje em dia do que no Quénia. Seja como for, não vou viver em Nairobi nem em Langani. Vou estar no *bundu* a estudar elefantes como uma investigadora estagiária sem dinheiro. Ninguém há-de querer atacar-me. — Não admitiu que estava constantemente a reviver as imagens daquela noite terrível em Langani. Mesmo na Irlanda, continuava a ter medo da escuridão.

— Não compreendo por que razão não acabas os teus estudos aqui primeiro. — Betty levantou-se e começou a dar voltas na sala, claramente agitada perante a determinação da filha. — Tiveste notas altas nos exames e a universidade ofereceu-te uma oportunidade pela qual a maioria dos alunos era capaz de matar. Seria uma loucura recusar, Sarah, com as tuas capacidades. É um desperdício tremendo. Nem parece teu.

— Não é mais estranho do que a vossa decisão de ficar aqui. E eu não disse que nunca mais ia voltar para a universidade. Apenas pedi licença por um ano ou assim para realizar algum trabalho de campo. Aliás, o reitor ontem mostrou-se bastante encorajador depois de ler o material que eu trouxe comigo. Uma cópia do estudo que o Dan e a Allie Briggs estão a fazer. — Sabia que não era bem verdade. A reunião fora tempestuosa e vira-se obrigada a lutar com unhas e dentes para que a sua decisão de suspender os estudos, quando estavam a correr tão bem, fosse aceite.

— Mas certamente que podes realizar esse trabalho de campo durante as férias da universidade em lugar de interromperes os estudos por causa de uma oportunidade. Hão-de surgir muitas mais depois de te qualificares. Melhores, até. — Betty estava a ter cada vez mais dificuldade em dominar a fúria.

— Não se trata de nenhum capricho infantil. Recebi a oferta de trabalho mais espantosa que podia receber de dois cientistas prestigiados. São financiados por doações de uma importante universidade americana e têm um subsídio da National Geographic e há ainda a hipótese de fundos do Smithsonian Institute. Estão ao nível dos Adamson e da Jane Goodall e da Dian Fossey e não sei de nada mais fantástico do que participar no estudo

que eles estão a fazer sobre os elefantes. É uma oportunidade única. Para alguém como eu, sem experiência, é a realização de um sonho. — Estava a usar todos os argumentos que lhe ocorriam embora estivesse perfeitamente consciente de que não havia certezas nenhuma quanto a mais um financiamento para o estudo dos Briggs e que daí a poucos meses podia estar no desemprego.

— Mas nem sequer tens autorização de trabalho. E de certeza que não vais conseguir viver com o salário que eles tencionam pagar-te — Betty adoptou um tom mais persuasivo. — Compreendo que possa parecer uma excelente oportunidade. Mas também tens de ser prática, querida.

— Quanto é que eu ganhava se ficasse aqui em Dublin? Nada. Tinham de continuar a sustentar-me. Sabes bem que o salário não é a verdadeira questão, mãe. Seja como for, não vou precisar de dinheiro no acampamento. Vou ter uma tenda ou coisa parecida para dormir e a comida e o transporte são pagos. Só vou precisar de dinheiro se for a Nairobi e tenho a certeza que parte dessas despesas estarão cobertas.

— Tens de pensar bem na tua segurança, Sarah. Já passaste por uma má experiência — Raphael estava de semblante carregado. — Há um problema na região norte do Quénia, onde vais estar instalada, e não tem nada a ver com roubos ocasionais. É uma situação mais grave que envolve uma guerra ao longo das fronteiras entre o Quénia e a Somália e não vai ser facilmente resolvida. Hoje em dia, o distrito fronteiriço setentrional é um território perigoso. Uma tenda em Buffalo Springs não te oferece grande protecção contra bandidos somalis armados até aos dentes. Esses Briggs têm guardas ou armas de qualquer tipo?

— Não sei, pai. Mas as armas ou a falta delas nunca te influenciaram quando ficaste durante a revolta dos Mau-Mau.

— Ora, não sejas tonta, Sarah. Isso foi completamente diferente — disse Betty ríspidamente. — Nesse tempo, tínhamos o Exército britânico e a polícia para nos proteger e o Quénia era uma colónia sob o domínio britânico. De qualquer modo, os Mau-Mau nunca controlaram verdadeiramente o litoral. Não há comparação possível.

— Não queres considerar esperar mais um ano? — perguntou Raphael, mas com resignação na voz. — Num plano geral, é muito pouco tempo e acho que no futuro podes vir a lamentar uma decisão precipitada. Em termos da tua futura carreira, digo eu...

— Sei exactamente como quero gerir a minha carreira futura. Ouçam, não vamos discutir por causa disto. Por favor. Vou voltar ao Quénia para começar este projecto de investigação. Eles precisam de alguém agora. Se esperar um ano, a oportunidade passou. Neste momento, não há muitas pessoas como eu... que conhecem o Quénia, que falam suaíli e são formadas em Zoologia. A Allie Briggs disse ainda que o meu talento fotográfico seria muito útil, o que também é óptimo para mim. Imaginem que eu tinha a sorte de a National Geographic reparar nas minhas fotos. É uma hipótese remota, mas existe.

Sarah aproximou-se da mãe e abraçou-a. — Amo-te, mãe. Não quero fazer nada que te contrarie, nem ao pai. Mas é uma oportunidade que nunca mais voltarei a ter. Por favor, diz que estás contente por mim.

— Ainda me custa a crer que decidiste tudo isso sem nos consultar — Betty olhou de relance para o marido, esperando o seu apoio, mas ele não se pronunciou. Ela recomeçou com uma ponta de desespero na voz. — Eu sei que estes três últimos anos foram muito difíceis para ti. Mas agora eu e o teu pai vamos estar na Irlanda. E há a casa aqui para restaurar e o consultório. É um compromisso enorme. Pensei que íamos assumi-lo todos juntos. Imaginei-te aqui connosco, durante as férias. É uma região do mundo esplêndida, agreste e magnífica, e vai ser a nossa casa, assim como o local de trabalho do teu pai.

— Eu sei que sim. Mas tenho de voltar — insistiu Sarah. — Tudo o que eu sempre quis está lá.

— Sarah? — Betty olhou para a filha frontalmente nos olhos. — Espero que não tenha nada a ver com o Piet van der Beer. Sabes, quando um homem quer uma mulher, vai ao fim do mundo à procura dela. Não lhe há-de agradar muito se te atirares descaradamente a ele por mais que o ames. Só o há-de desmotivar, essa é que é a verdade.

— Não vou voltar por causa dele — Sarah estava quase aos berros. — O meu sonho sempre foi envolver-me na conservação no Quénia. Não é nenhum esquema absurdo que me veio à cabeça durante a noite. Admiro o Piet, sim. E a Hannah é a minha melhor amiga há muitos anos. Trata-se de uma oferta fantástica de trabalho. Acho que não estão a ser justos.

— Só queremos ter a certeza que a tua juventude e o teu zelo não te levam a largar tudo por que trabalhaste na universidade a favor de uma das tuas cruzadas — disse Raphael, tentando aplacá-la. — Estamos a ser

advogados do diabo, se quiseses, a apresentar os argumentos da oposição para te proteger. És uma optimista crónica e uma romântica, minha querida, e mais um ano de estudos dar-te-iam muito melhores qualificações. Depois podias voltar para o Quénia com a hipótese de um emprego bem pago e a segurança a longo prazo de um mestrado.

Como estava desesperada pela bênção dos pais, senão mesmo pela sua aprovação, Sarah não podia permitir-se criticar a decisão que eles haviam tomado sobre o seu próprio futuro. Olhou para o pai mas deu consigo a ter de desviar os olhos. Estava extremamente magro e a sua pele ainda estava amarelada dos efeitos dos medicamentos contra a malária que lhe tinham salvo a vida. Nunca imaginara que ele envelheceria um dia e se tornaria num ser frágil. Fora certamente uma decisão penosa deixar África para regressar definitivamente à Irlanda. Desejava ter estado presente quando tomaram essa decisão. Não faltavam distritos no Quénia onde ele poderia ter continuado a trabalhar, regiões inteiras virtualmente isentas de malária, nem lugares que precisavam desesperadamente da experiência dele. Mas Sarah via o medo na mãe, a sua recusa categórica em pôr a vida de Raphael minimamente em risco. Pela primeira vez na vida, surpreendeu-a descobrir que se sentia protectora e não protegida. Com Tim era diferente. Era novo e saudável e podia começar em qualquer lado, mudar de ideias e tomar outro rumo mais tarde.

Concentrou-se no fogo, remexendo os toros. Era errado ir-se embora quando mais precisavam dela? Mas era impossível ficar. Tinha encontrado um meio de voltar à sua verdadeira pátria, a um país onde podia contribuir com algo de válido para a terra e as pessoas, onde podia fazer a diferença. Se fosse honesta, sim, havia um fundo de verdade no que a mãe dissera a respeito de Piet. Cavalgara através da savana com ele, vira a sua reserva de vida selvagem e o *lodge* a ganharem forma. Tinham-se sentado juntos nas pedras no crepúsculo róseo, observando os elefantes a ir beber no rio. Com Piet, recuperara o gosto pela vida e sim, estava disposta a pôr-se no caminho dele e simplesmente esperar. Piet era o seu incentivo principal. Queria estar perto dele mesmo que ele não pudesse ou não quisesse amá-la. Raphael lançou-lhe um dos seus olhares perspicazes e analíticos e ela corou, como corava sempre que ele a apanhava em flagrante.

— Bom, como não conseguimos dissuadir-te, minha querida, devemos sentir-nos orgulhosos por termos uma filha com tanta coragem e

imaginação. — Raphael colocou uma mão reconfortante na cabeça de Sarah, como era seu hábito na infância dela. — Ela tem razão, Betty, minha querida — disse ele. — Não podemos viver a vida por ela e não devemos pedir-lhe que viva a nossa por nós. Dentro de duas semanas faz vinte e um anos, uma idade suficiente para tomar as suas próprias decisões. E não é uma coisa má perseguir um sonho.

Sarah olhou para ele, surpreendida, e depois abraçou-o. Os olhos de Raphael brilhavam de afecto e divertimento ao virar-se para a mulher: — Ora, então, Betty. Dá também um abraço à rapariga. Tens de admitir que não lhe falta espírito de iniciativa, mesmo que seja um nadinha impetuosa.

— Sempre conseguiu manipular-te como quis — disse Betty. — Não estou convencida, mas que sei eu? — Apertou Sarah nos braços. — Tem mas é cuidado. Não corras riscos, por favor. O país para onde vais voltar não é o mesmo. É um lugar de grandes mudanças, conturbado, sem redes de segurança. Passaste por uma experiência terrível em Langani e foi uma sorte não ter morrido ninguém.

— Vou ter muito cuidado, mãe, prometo. — A sua alegria e entusiasmo eram infantis ao ver dissolver-se a oposição ao seu plano. — Sinto-me felicíssima. Excitada. E sei que estou a agir bem. Estou morta por contar ao Tim...

— Deve ser interessante, sem dúvida — disse Raphael com uma gargalhada. — E ele é bem capaz de te surpreender com as notícias dele.

Tim. Sarah sentiu um certo nervosismo ao preparar-se para lhe transmitir a notícia. Desconfiava que ele não ia gostar e tinha razão.

— És uma parva — disse ele sem hesitação. — E ainda por cima egoísta. Não percebes como vai ser difícil para eles? Sobretudo para a mãe? Ela precisa de todo o apoio possível e sei que estava a contar contigo durante as férias e aos fins-de-semana de vez em quando. E estou preocupado com o pai... não sei se está em condições de assumir a responsabilidade por um consultório de clínica geral, com um horário pesado e visitas nocturnas a doentes. Mesmo comigo lá para o ajudar.

— Mas ele está restabelecido — disse Sarah. — Disse-me que agora se sente bem.

Tim abanou a cabeça. — A malária afectou profundamente a sua saúde. Crises frequentes podem fatigar o coração. Deves ter reparado. Tem dificuldade em respirar, cansa-se facilmente e está com a tensão alta.

— O pai tem problemas de coração?

— Não posso afirmar com segurança. Mas acho que devias ficar para os ajudar, pelo menos no primeiro ano.

— Nunca há-de haver um momento certo para sair de casa, para começar a viver a minha vida — disse ela tristemente. — Se eu ficar mais um ano, será ainda mais complicado voltar. E posso nunca mais arranjar um trabalho de investigação tão bom como este.

— Mas não és capaz de ver até que ponto a tua decisão vai mudar tudo? — insistiu Tim. — Terias uma casa a uma distância razoável de Dublin e o sítio é maravilhoso, com o mar e esse areal extenso. É um local magnífico.

— Tu adoras a Irlanda, Tim — disse ela. — É uma felicidade que a indemnização que o pai recebeu lhe permita instalar-se aqui e é uma maravilha irem trabalhar juntos. Mas eu também descobri o que quero e preciso de realizar o meu desejo. — Estendeu uma mão, procurando a sua aquiescência e compreensão.

— Precisas de ir ao médico. — Afastou-se e serviu-se de chá, olhando para trás para lhe oferecer uma chávena. A expressão dela estava carregada de mágoa e desapontamento e ele arrependeu-se das palavras duras que tinha proferido.

— Ouve, Sarah, sinto muito. Mas isto foi completamente inesperado. Desapareces para passar umas férias no Quénia e logo a seguir apareces a dizer que vais deixar a universidade e viver no mato com pessoas que nem sequer conheces. Mais importante ainda, podias ter sido morta na semana passada. Como queres que eu reaja? Foste brilhante nos exames. Estamos todos muito orgulhosos de ti. As tuas fotografias foram expostas numa galeria de Dublin e são esplêndidas. Se estivesses aqui podias capitalizar tudo isso, ganhar imenso dinheiro a tirar fotos para jornais e revistas.

— Posso fazer isso no Quénia tão bem como aqui.

— Ora, deixa-te disso. Não são as fotografias. O meu único desejo é que estejas em segurança. E podes ter pensado que enganaste a mãe e o pai mas eu vejo muito bem que andas nervosa. Não podes ter passado por uma experiência dessas sem sofrer as repercussões. O que aconteceu em Langani é sintomático do que o Quénia se tornou. Não é o país onde eu vivi a minha infância.

— Como diabo sabes no que se tornou ou no que vai tornar-se? — A paciência de Sarah esgotara-se. — Há dois anos que não pões os pés no

Quénia. Só queria que a mãe e o pai não tivessem tomado todas essas decisões enquanto eu estive fora. Aposto que tinha conseguido convencê-los a voltar. Mas, pelos vistos, para ti veio mesmo a calhar, Tim. O pai vem para aqui doente, a mãe está aterrada e de repente mudam-se para o meio dos pântanos irlandeses e tu arranjas um emprego sem te maçares. Podiam ter ido para as terras altas do Quénia e teriam vivido durante muitos anos o mesmo tipo de vida a que sempre estiveram habituados.

— Que diabo estás para aí a dizer? — Tim pôs-se em pé de um salto, derrubando a cadeira da cozinha. — Achas que me aproveitei da doença do pai? Credo, Sarah! És um monstro. Não acredito que possas pensar uma coisa dessas. Controla-te, rapariga, antes que eu dê meia-volta e desapareça daqui e nunca mais te fale na vida.

Passou entre eles uma onda de fúria, criando um abismo difícil de transpor. Tim olhou pela janela, tenso e feroz de indignação. Sarah sentou-se à mesa da cozinha e enterrou a cabeça nas mãos. Foi a primeira a falar.

— Desculpa. Claro que não quero dizer nada disso. — Os seus lábios crisparam-se na tentativa de esboçar um sorriso de conciliação. — Exprimi-me mal. Suponho que me sinto excluída. Tomaram decisões demasiado importantes que mudaram tudo enquanto estive ausente. E pensei que, se havia alguém que ia compreender a minha decisão de aceitar este emprego, o facto de ter encontrado o trabalho ideal que sei que foi feito para mim, eras tu.

— E compreendo. Gostava de... — Tim não terminou a frase. Foi sentar-se ao lado dela, a sua fúria aplacada. Sarah olhou intensamente para ele.

— Queres mesmo trabalhar aqui com o pai em clínica geral? Não vais fazer isso para...

— Não. Claro que não. E não te quero mal por teres tido a tua oportunidade. Quero simplesmente que sejas feliz e vivas em segurança. Não te deves sentir tentada a desperdiçar uma parte da tua vida por causa de castelos no ar nem correr o risco de saíres magoada...

— Por amor de Deus, Tim. — Ela passou os dedos pelo espesso cabelo e bateu com o punho na mesa, frustrada. — Vou voltar para o Quénia por causa do trabalho. E não preciso de mais sermões a respeito do Piet! Sim, nutro por ele sentimentos profundos que até podem não dar em nada. Nem

sempre nos é oferecido o caminho mais fácil para o amor ou para a auto-realização. Temos de agarrar as oportunidades que nos aparecem.

— Mas, na tua opção, as probabilidades estão sempre contra ti. E não é só relativamente ao Piet.

— Queres-te calar com o Piet? Não tens nada que te pronunciar sobre o assunto. — Ele abriu a boca para protestar, mas ela não o deixou. — Se tu convidasses a santa Deirdre para vir cá ter contigo, eu não levantava objecções.

— Por sinal, convidei. — Tim fulminou-a com os olhos. — E se não estivesses completamente obcecada com a merda das tuas ambições, talvez te tivesse dito. A Deirdre é uma rapariga fantástica e tem muito para oferecer. Vai integrar o consultório como enfermeira. E como minha noiva.

— Tua quê? — Sarah fitou-o, incrédula. — Pediste mesmo a Deirdre em casamento?

— Pedi. E ela aceitou. E escusas de parecer tão surpreendida, caramba! Agora é a tua vez de me felicitar.

— Oh, Tim! — Sarah olhou para o irmão, consternada com a escolha dele e triste por ter de inventar qualquer coisa de diplomático para dizer. — Ouve, não te atires contra mim por dizer isto, mas ama-la seriamente? Apaixonadamente, quero dizer. Sei que a admiras e que ela é boa pessoa, mas será que chega? — Quando ele não respondeu, Sarah aproximou-se dele. — Meu Deus, tantas mudanças nas nossas vidas. Está tudo de pernas para o ar. Gosto muito de ti, Tim. E da mãe e do pai. Portanto, se a Deirdre é a mulher que tu queres, também hei-de gostar dela. E tu hás-de sentir orgulho no que eu vou fazer no Quénia, garanto-te.

Estava a chorar, temendo a separação da família e receosa dos perigos e incertezas que o futuro reservava.

— Há-de correr tudo bem — disse ele, passando os braços à volta dela e entregando-lhe um lenço lavado. — E vais ver como a Deirdre é uma óptima pessoa quando a conheceres melhor. Temos as mesmas ideias, os mesmos objectivos. Sinto um afecto enorme por ela.

— É uma rapariga com sorte, disso não há dúvida — disse Sarah, mas no íntimo ainda sentia reservas, a sensação de que o irmão estava a cometer um erro. Ele tinha falado de admiração, respeito e afeição por Deirdre, mas não tinha dito que a amava. — Estou muito feliz por ti, Tim,

sinceramente. E quanto ao Piet, sempre o amei e é uma coisa que não posso mudar. Ele pode não sentir o mesmo por mim. Para já. Mas isso pode mudar. No fim de contas, o amor é a única coisa que importa, não é?

— Quem é que está a pregar sermões agora? — perguntou Tim. Mas estava a sorrir, aliviado por poderem partilhar as suas esperanças, por mais diferentes que fossem.

Nessa mesma noite, Sarah ligou para Londres. Ficou surpreendida quando Marina atendeu o telefone. Era óbvio que Camilla tinha feito as pazes com a mãe, embora estivesse decerto ansiosa que George voltasse do estrangeiro. Era do amor e do apoio dele que ela precisava para ultrapassar aquela crise. Não teve notícias de Camilla nos dias que se seguiram. Passada uma semana, Sarah pegou no telefone e voltou a ligar para Londres mas ninguém atendeu. Tentou afastar uma persistente sensação de inquietude. Uma premonição.

— Tenta ligar para a casa de campo — sugeriu Betty. — Sinceramente sinto pena da pobre rapariga. Gostava de a ter cá no sábado à noite para a tua festa de aniversário. Ela faz parte da família e devia cá estar. Continua a tentar, Sarah. Talvez consigas convencê-la.

Marina atendeu o telefone em Burford, falando com frieza. Camilla estava para fora. Não estaria em Londres nem contactável durante algum tempo. Transmitir-lhe-ia a mensagem.

— Conseguiste falar com ela? — perguntou Betty. — Como é que ela está?

— Falei outra vez com a Marina — respondeu Sarah, franzindo o sobrolho. — Disse que a Camilla estava para fora. Se calhar foi com o George, embora a Marina não tenha falado nele. Tenho a certeza que telefona quando voltar. Vamos mas é atacar essas latas de tinta que tens aí espalhadas pela casa toda.

O jantar de aniversário de Sarah teve lugar nas dunas em Streedagh. Não quis um jantar caro num restaurante chique e sabia que todos os tostões contavam para montar a nova casa dos pais e o consultório. Tim e Raphael acenderam uma fogueira e grelharam salmão selvagem e assaram batatas nas brasas. Alguns aldeãos de Grange fizeram-lhes companhia na praia, levando violinos, um acordeão e um *bauraun*, e a música elevou-se no céu nocturno com as chamas e os acordes de velhas canções. Só quando regressaram a casa é que Raphael foi buscar a caixa embrulhada e

observaram Sarah a abri-la e a retirar o pesado corpo da máquina fotográfica *Hasselblad*. Ela ficou tão atônita com a magnitude da prenda que não conseguiu falar e lançou os braços em volta de cada um deles, abraçando-os com feroz amor e gratidão.

Dois dias mais tarde, Deirdre chegou. Tinha-se demitido do seu lugar de enfermeira em Dublin. Em Sligo trabalhou incansavelmente e com uma eficiência que os impressionou a todos. E era simpática. O seu principal defeito era um hábito irritante de oferecer conselhos não solicitados no seu sotaque cantado de Cork. Sarah começou a sentir um respeito ressentido por ela. Via o laço de afeição entre ela e Tim, mas faltava qualquer coisa à relação deles. Eram mais como irmã e irmão e Deirdre parecia reticente em marcar uma data para o casamento. Fosse como fosse, era a mulher escolhida por Tim. Sarah estava mais preocupada com o pai, reparando como de súbito ficava sem energias, empalidecendo e respirando com dificuldade. Ele garantiu-lhe que só precisava de descanso. Betty não se sentia tão confiante. Com relutância, Sarah telegrafou a Dan Briggs a pedir mais tempo. Ficou aliviada quando os correios entregaram a resposta. Com simpatia e compreensão, concediam-lhe um adiamento até ao princípio de Novembro. Apercebeu-se de que ia voltar no período das chuvas de curta duração em que as deslocações e o trabalho podiam tornar-se lentos e penosos, mas não havia alternativa.

O orçamento para a casa era apertado mas todos tinham concordado com uma extravagância e Raphael comprou três cavalos. A casa estava virada à praia onde Sarah se recordava dos tempos de infância em que ia passear com Tim nos pôneis do avô. Fora ele quem os ensinara a montar, da primeira vez que tinham vindo de licença do Quénia. A maré vaza descobria uma extensa língua de areia que era um lugar ideal para aprender, para desfrutar de um primeiro galope pelo areal fora, em altos gritos com a excitação, a velocidade, o bater dos cascos do pônei na areia molhada, as rajadas de vento, o resfolegar do animal e a fricção e tinido do couro e dos arreios. Sempre fora um lugar especial para Sarah e para o irmão.

— Adorava sair a cavalo depois do almoço — disse ela a Tim, após vários dias a lutar com saibro e argamassa.

— É uma excelente ideia — disse ele. — E tu mereces, sim senhor. Que dizes, Deirdre? É tempo de aprenderes a montar. Podíamos dar um passeio

calmo pela praia.

Estava de pé atrás dela e pôs-lhe os braços em redor da cintura, puxando-a para si, mas ela soltou uma pequena exclamação e furtou-se ao seu abraço.

— Já sabes que não gosto de cavalos — disse com uma certa rispidez. — É melhor ires com a Sarah. Só os ia atrasar.

Tim afastou-se, mas não sem que antes a irmã tivesse registado a sua expressão magoada. Cavalgaram através das dunas em direcção às ruínas do Castelo de Mullaghmore, de onde se dirigiram em galope brando até à rebentação, deixando o vento cobrir-lhes as caras de borrifos salgados. Quando regressaram a casa pela maré enchente, o céu refulgia, vermelho, sobre Ben Bulbin, e à frente deles as focas deslizavam dos rochedos para a água. Conduzindo os cavalos desde a praia, ao sol de Outono, Sarah sentiu-se muito próxima do irmão e rezou para que ele fosse feliz. A casa estava banhada pela luz suave e morna do fim da tarde, as suas proporções clássicas surgindo graciosas na paisagem envolvente. Um renque de hortênsias em flor flanqueava as portas envidraçadas que reflectiam a distante língua das ondas para lá do promontório. Compreendeu finalmente que era ideal para os pais neste momento das suas vidas. E um lugar perfeito para Tim e Deirdre criarem os filhos.

As semanas em Sligo voaram com uma sensação de realização e progresso que moderou a sua impaciência por voltar para o Quénia e para junto de Piet. O dia dava rapidamente lugar à noite e, de repente, eram horas de deitar. Sentia-se grata pela pura exaustão física, atenuando as recordações do assalto que, de outro modo, teriam invadido o seu sono. Estavam sempre presentes, espreitando ao mais estranho som ou súbito movimento, mas ela mantinha-as enterradas para que os pais não percebessem como a tinham afectado profundamente.

— Tinha-me esquecido da beleza deste lugar — admitiu ela ao irmão, estavam ambos nos degraus de entrada, a observar a água. — Imagino que vais ser muito feliz aqui. Tu e o pai vão formar a melhor equipa que uma pessoa pode desejar.

— É uma responsabilidade enorme — disse Tim. — Às vezes pergunto-me se não seremos doidos.

— Ora, ora, Dr. Mackay, nada de dúvidas. Os doentes hão-de fazer filas de quilómetros para os consultar e a Deirdre vai ser uma óptima

enfermeira no consultório. Vai correr tudo às mil maravilhas.

Chegou uma extensa carta de Hannah. Estava tudo a correr normalmente na fazenda. Piet trabalhava sem descanso já que Lars ainda não retomara o trabalho. A investigação policial não tinha apurado nada. Esperava que Sarah chegasse em breve e que passassem o Natal em Langani. Piet mandava abraços. Sarah tinha esperado que ele lhe escrevesse algumas linhas, mas compreendia que estivesse apertado de tempo. Aliás, nunca fora de escrever muito. Não chegou nada de Camilla no correio e dois telefonemas e uma carta ficaram sem resposta. Sarah interrogou-se se ela estaria com problemas, se o ferimento na cara estaria a causar complicações.

Em Sligo, as coisas começavam a organizar-se e Sarah começou subitamente a sentir-se impaciente por partir. Era tempo de seguir a sua vida. Decidiu ir-se embora alguns dias mais cedo e passar algum tempo com Camilla. O telefone continuava a tocar e Camilla levou dois dias a atender.

— Camilla! É a Sarah. Onde tens estado? Tenho andado consumida contigo. Não recebeste as minhas cartas?

— Tenho andado por aí. A visitar amigos. Sabes como é. — Camilla parecia ter acabado de acordar.

— Não, não sei. Não podes simplesmente desaparecer assim sem dizer nada. Onde é que estiveste, afinal? Foste para fora com o George?

— George. Querido George. Não, não fui para nenhum lado com ele. Absolutamente lado nenhum. — A voz de Camilla estava entaramelada.

— Camilla, não estás bêbada, pois não?

— De maneira nenhuma. Tomei alguns comprimidos. Engoli-os com vodca, mas está tudo bem. Está tudo muito, muito bem. Ainda bem que me apanhaste. Estou de saída para uma noitada no Ad Lib. É um *happening*, sabes? Vou fazer companhia ao Tom. A miúda dele deixou-o e eu sou o par de recurso.

— Mas que se passou com o médico e com a tua cara? Estás mesmo bem? Estás a esconder-me alguma coisa?

— Nada. Estou à espera de ir à faca e ser consertada outra vez. Não se fala noutra coisa na cidade a não ser na minha cicatriz. Vais voltar para lá?

— O quê? — Sarah ficou desconcertada com a súbita mudança de assunto.

— Para o Quénia. Vais?

— Claro que vou. Aliás, estava a pensar se podia ficar contigo quando fosse. — Fez-se um silêncio na linha. Sarah tentou novamente. — Camilla, falaste com o teu pai a respeito de fundos para Langani? Há alguma coisa que o Piet deva fazer para acelerar o processo, alguém que possa contactar em Nairobi? Ou em Londres?

— O meu pai? Ah, pois, estive com o meu querido papá. Estava em grande forma, a fazer coisas espantosas. Deixou-me de boca aberta — Camilla soltou uma gargalhada histérica e Sarah ouviu-a sorver outro gole da bebida que estava a tomar. — Sou capaz de ir.

— O quê? Para onde?

— Para o Quénia. Para junto da Hannah e do Piet, para Langani.

Um medo gélido insinuou-se na consciência de Sarah. — Tiveste notícias do Anthony? — perguntou.

— Do Anthony? Faz parte do meu passado impossivelmente romântico. Está acabado. Passou à história. Mas há outros jovens heróis adoráveis à espera nos bastidores. Quase tão bons como o teu belo Piet. Enfim, talvez não lhe cheguem exactamente aos calcanhares.

— Mas falaste com o George sobre fundos para Langani?

— Falo quando voltar a estar com ele. Quando estiver, falo com certeza.

— A voz de Camilla soava grossa e abafada. Como se estivesse a chorar. Ou tinha bebido de mais ou ingerido demasiados comprimidos.

— Se eu for dois dias mais cedo podemos falar as duas com o George — insistiu Sarah. — As duas juntas podíamos apresentar uma boa defesa, não achas? E podíamos divertir-nos em Londres antes de eu desaparecer no *bundu*.

— A campanha está a tocar, Sarah. Tenho de ir. Talvez nos encontremos na fazenda.

— Camilla...?

— Não me faças sentir culpada. Também tenho coisas em que pensar, sabes? Coisas que te deixavam surpreendida. Até breve.

Sarah ficou a olhar para o telefone, incrédula, quando a comunicação foi cortada. Camilla não queria estar com ela. E a indiferença com que tratara a questão do apoio para Langani era difícil de digerir. Era impossível que esperasse um bom acolhimento de Piet e Hannah, caso regressasse, quando não se tinha dado ao trabalho de discutir a situação deles com o

pai. E como reagiria Piet se Camilla procurasse consolo junto dele? Sarah sentiu-se agoniada com a ideia.

No seu último dia em Sligo, passou uns momentos no terraço a inalar a maresia e a ouvir o vento que agitava as ervas nas dunas e as fazia remoinhar num trémulo manto verde-esmeralda enquanto as gaivotas voavam, gritavam e dançavam no céu.

— Tens a certeza de que tens tudo? — perguntou Betty. — *Paludrine...* não queremos outra vítima de malária a chegar a casa doente. E os cremes para as picadas dos insectos e esse novo remédio para perturbações gástricas.

— Não me esqueci de nada, mãe. Não te aflijas. Não podia ir mais carregada. Acredita.

— São horas. Estás pronta? — Raphael saíra para se juntar a elas.

Sarah indicou que sim, sentindo dificuldade em falar. As suas malas estavam no carro. Estava de partida. Ia separar-se da família que sempre a amara e apoiara, ao encontro de um futuro que de súbito lhe parecia tremendamente assustador.

— Que tenhas a alegria e o sucesso e tudo o que desejas, meu amor. É para isso que rezo todos os dias. — Betty puxou-a para si e abraçou-a, e choraram nos braços uma da outra. Afastou o cabelo desalinhado de Sarah da testa e beijou-a. — Agora cuida de ti. E lembra-te, se por qualquer razão as coisas não correrem como esperas, se não te sentires feliz, a tua casa está aqui à tua espera. Nós estaremos sempre aqui. Se precisares de nós.

— Obrigada, mãe. Não me hei-de esquecer. — Sarah tinha a voz embargada. — Adoro-te. Adoro-os todos.

Lançou os braços ao pescoço do irmão, as lágrimas correndo-lhe pelas faces. Era como no tempo do colégio interno, as agoniantes despedidas, as tentativas para mostrar coragem, que saíam sempre goradas, procurando sorrir até ficar com a cara a doer. Quem lhe dera poder ter as pessoas amadas todas no mesmo sítio, sempre acessíveis. Mas fizera uma opção. Tinha uma nova vida e uma nova carreira à sua frente. E Piet. Dali a dois dias veria Piet. Ele tinha prometido ir buscá-la ao aeroporto e começaria a sua vida ao lado dele e deixar-se-ia levar para onde o seu destino a conduzisse. Deirdre viera cá fora para se despedir, com o seu rosto bonito

e sério carregado de preocupação, enquanto oferecia homílias de última hora.

— Hei-de lembrar-me de tudo o que disseste — garantiu Sarah e, desta vez, os conselhos não a enervaram e abraçou Deirdre com afecto. — Mantém esse meu irmão na linha... ele precisa de pulso firme.

Tim fez de conta que a fulminava com os olhos e depois soltou uma gargalhada.

Ela deu meia-volta e desceu os degraus a correr, entrando para o carro ao lado do pai. Acenando ao afastar-se pelo caminho, as suas emoções eram uma confusão de dor, ansiedade e excitação. Mas quando se separou de Raphael à porta da zona das partidas no aeroporto, a agonia era quase insuportável, agarrando-a pela garganta e quase a privando de ar.

— Pai... tens a *certeza* de que estás bem? — Ele parecia não se ter em pé e ela reparou que as suas calças estavam apanhadas e seguras com um cinto largo, num esforço para disfarçar o peso que perdera. Tirar a mala dela do carro tinha-lhe sugado as energias todas e levou minutos até respirar de novo com normalidade. Sarah agarrou-se a ele, subitamente receosa da possibilidade de não voltar a vê-lo. — Ainda posso mudar de ideias. Voltar para casa contigo. Se quiseres...

Ele empurrou-a firmemente para a porta. — Não te acobardes agora, menina — disse ele. — Estou ansioso por me meter na minha próxima aventura como tu deves estar por te meteres na tua. Nem penses em desistir agora. Voltaremos a ver-nos em breve, minha querida, e havemos de escrever com frequência. Vai lá e sê feliz. Vai.

Sarah mostrou o cartão de embarque e dirigiu-se para o terminal. Olhando para trás, viu o pai em pé, à espera de um último vislumbre dela, puxando grandes fumaças do cachimbo para disfarçar a sua angústia. Com um gesto de amor final, Sarah virou-se e afastou-se, sendo engolida pelo enxame de passageiros que se dirigiam para o avião.

CAPÍTULO 17

Londres, Outubro de 1965

Camilla estava revoltada, incapaz de aceitar a mentira em que fora apanhada, a amarga fantochada que era o casamento inútil dos pais. Eles tinham podido escolher, ao passo que a ela não lhe haviam sido dadas quaisquer opções. Era impossível compreender como ou porquê podiam ter acrescentado uma filha ao tormento da sua vida a dois e ocorreu-lhe que George podia até nem ser seu pai. Guardava-lhes ressentimento por a terem transformado numa vítima involuntária da sua infelicidade. Era claro que o pai devia ter vivido uma vida secreta durante toda a infância dela, receoso da possibilidade de a sua homossexualidade ser descoberta, de destruir a sua carreira, de o levar mesmo à prisão. O segredo que partilhavam tinha envenenado a casa em que habitavam e permitira que o isolamento e infelicidade de Marina crescessem como um cancro e distorcessem as suas vidas.

Camilla fugira da terrível cena no quarto e saíra de casa a correr. Ouviu atrás de si o pai a chamá-la. Ao bater com a porta da rua, os sons desesperados e ásperos da sua dor e mágoa trespassaram-lhe o cérebro como balas, destruindo toda a confiança que investira nele desde que tinha memória. Fez sinal a um táxi mas, quando se viu em segurança lá dentro, não fazia ideia para onde queria ir. No anonimato do táxi começou a chorar descontroladamente.

— Ora, não se deixe abalar assim, uma menina tão bonita. Aposto que é por causa de um homem, eh? Pois olhe que ele não merece. Nunca merecem, linda. É o que eu digo e vai ver como tenho razão. — O taxista olhou-a com compaixão pelo espelho retrovisor. — Para onde é, menina? Quer dar uma volta pela cidade ou tem algum sítio para onde queira ir?

Camilla procurou um lenço. Incapaz de tomar uma decisão, deu a morada de casa. Não havia mais nenhum sítio para onde pudesse ir,

ninguém a quem pudesse recorrer. Nunca tinha precisado de amigos íntimos em Londres, nunca tinha desejado ninguém em quem confiar. Sempre se considerara à parte, diferente das pessoas com quem trabalhava, jantava e dançava. Agradava-lhe manter-se distante, desprendida, sem se deixar afectar pela realidade das outras vidas. Os outros não tinham qualquer poder, qualquer domínio sobre as suas emoções ou aspirações, não conheciam os seus pensamentos privados.

«Nunca sei no que estás a pensar», queixara-se Tom com frequência. «Dizes coisas que parecem razoáveis e eu escuto mas não sei o que se passa nessa bonita cabeça. É impossível saber o que estás realmente a sentir, se é que estás a sentir alguma coisa. Um dia destes vais descobrir que afinal és humana como nós. Que tens de comunicar, senão comesas a murchar como uma planta sem água.»

«Bem, por ti é que não preciso de ser regada certamente», respondera, altiva e segura, repelindo-o quando ele tentou beijá-la. Vira-o afastar-se, murmurando qualquer coisa sobre orgulho e quedas de lugares altos, e rira-se dele.

E agora não tinha ninguém com quem desabafar. Ao abrir a porta do apartamento, Camilla ouviu o telefone tocar e estacou na soleira, com medo que fosse o pai. Rodou nos calcanhares e voltou para Brompton Road. Estava a chover novamente e ela abriu o guarda-chuva, não querendo que a franja abrisse e lhe revelasse a cicatriz. Não fazia ideia para onde ir. Era demasiado cedo para aparecer num dos bares ou ir a uma discoteca. O tráfego nocturno passava infatigavelmente por ela. Sentia-se deslocada e insegura e desejava escapar ao ruído dos motores, dos travões e das buzinas, e regressar à harmonia da selva africana. Enquanto estava parada no passeio, hesitante e indiferente aos olhares curiosos dos transeuntes, um carro estacionou ao seu lado.

— Está com ar de estar perdida. Ou indecisa, pelo menos. — Edward Carradine baixou a janela e olhou para ela interrogativamente. — Está a chover muito. Quer que a leve a qualquer lado?

— Sim. Sim, quero.

Ele apeou-se do carro à chuva e abriu-lhe a porta, sentando-a no banco da frente.

— Para onde?

— Qualquer lado. Exactamente como disse. — Camilla já estava arrependida de ter aceite a proposta dele. Agora que estava no carro, não fazia ideia onde podia pedir-lhe que a levasse. — Para onde é que vai?

— Pensei em ir ao cinema. — Estava a observá-la pelo canto do olho, notando a sua ansiedade, a tremura no canto da sua boca e a vermelhidão em redor dos olhos. — Se não tiver nada que fazer, porque não me acompanha?

— Não há regras a respeito de sair com os doentes, Dr. Carradine? — Camilla esboçou o princípio de um sorriso.

— No sentido normal, social, não. Caso contrário, passaria a minha vida privada sozinho. E o meu nome é Edward. — Olhou agora directamente para ela. — Cortou o cabelo e fica-lhe muito bem. Teria sido uma excelente ideia, mesmo sem o motivo que o determinou. Dá-lhe mais ar de duende do que de rainha das fadas. Agarotado, suponho que é a palavra.

— Que filme ia ver? — perguntou ela.

— Estava a pensar no Jimmy Stewart num desastre de avião. Parece que se chama *O Voo da Fénix*. Mas se preferir ir...

— O Jimmy Stewart serve. Adoro aquela voz monocórdica e metálica.

Mais tarde, jantaram e Edward exerceu todo o seu charme, fazendo-lhe perguntas sobre o mundo da moda. Por seu turno, falou-lhe das suas viagens ao Quénia, à Nigéria e à Índia, descrevendo com sentida compaixão os corpos devastados que tentara reparar. Observava-a atentamente enquanto conversavam, vendo o seu belo rosto iluminar-se ao rir das suas histórias e observando uma tristeza latente que ela própria não parecia reconhecer. Quando lhe perguntou por Marina, ela encolheu os ombros.

— Caso se sinta obrigado a fazer mais conversa de cortesia sobre a minha mãe, eu poupo-lhe tempo — declarou. — Mais vale saber que nunca fomos muito chegadas.

Mais tarde, ele mencionou o pai. Ela retesou-se e a mão com que segurava o copo de vinho tremeu, obrigando-a a pousá-lo cuidadosamente na mesa. Estava muito ocupado, disse Camilla num tom neutro. Quase sempre ausente. Não tinha estado com ele desde que regressara do Quénia. Pareceu a Edward ver uma sugestão de lágrimas nos olhos dela e mudou de assunto. Encheu-lhe várias vezes o copo de vinho e percebeu que ela estava a beber para afogar uma mágoa qualquer.

— E o Edward... tem família? — perguntou ela, ao pedirem a sobremesa.

— Já fui casado — respondeu ele. — Mas foi há muito tempo. Quer café? E um *sambuco*, talvez?

— É demasiado enjoativo. Mas um café sabia bem.

Ele levou-a a casa e subiu as escadas com ela até à porta de entrada.

— É aqui que tenho de o convidar para uma bebida — disse Camilla, procurando a chave.

— Não é obrigatório. — Ele estava a sorrir.

— Mas é aceitável, sendo sua doente? — Estava a brincar com ele, consciente de que ele queria entrar.

— Gostava muito de tomar uma bebida — disse ele, relutante em separar-se dela.

Na sala de estar, passou os olhos pelos livros dela, pelas pinturas e pelas estampas e pela decoração de bom gosto. Era uma sala sofisticada que não transmitia quaisquer pistas sobre a personalidade dela. Não viu fotografias da família nem de amigos. Pensou se ela teria esse tipo de coisas no quarto mas, por qualquer razão, duvidava. Camilla voltou com um tabuleiro e sentou-se em frente a ele, com uma expressão tranquila e infantil ao servir café e um balão de conhaque. Quando levantou os olhos e lhe sorriu, estendendo a pequena chávena, ele percebeu que estava a apaixonar-se por ela. Era uma admissão absurda e a sua razão disse-lhe que não podia haver nada de real neste salto frívolo e instantâneo para a órbita de outra pessoa. Recordou a si mesmo que acabara de fazer quarenta e dois anos e que devia tratar-se de uma ridícula crise de meia-idade que se apoderara dele. Camilla era pouco mais do que uma criança apesar de todos os seus maneirismos mundanos. Além disso, estava provavelmente envolvida com outra pessoa.

— Ficou muito calado de repente. — Camilla estudou-o com uma expressão ligeiramente trocista. — São profundos os seus pensamentos? Vale a pena investigá-los?

Ele continuou a olhar para ela em silêncio, sabendo sem sombra de dúvida que faria tudo para que ela o amasse e que isso lhe causaria sofrimento e o poria até a ridículo. Mas estava disposto a arriscar desde que conseguisse vencer a distância que os separava. Sempre considerara o trabalho como a sua permanente paixão e, no passado, pagara caro por

isso. Mas desta vez não cometeria erros. Sorriu sem responder à pergunta, com medo de que ela visse nos seus olhos o sentimento insano que descobrira no seu coração. Quando a deixou pouco depois, beijou-a ao de leve na face e recordou-lhe que não fumasse se fosse capaz. Vê-la-ia dentro de dias em Harley Street. Ela fechou a porta e preparou-se para se deitar mas, quando se estendeu na cama, a lâmina chata da *panga* e o ódio nos olhos do seu assaltante voltaram para a torturar uma vez mais. Dirigiu-se à casa de banho e tomou um tranquilizante para escorraçar o medo.

O telefone acordou-a de manhã cedo, mas deixou-o tocar. Não tinha dormido bem e sentia-se ansiosa e à beira das lágrimas. Quando abriu um romance e tentou ler, as páginas turvaram-se diante dos seus olhos e pôs o livro de lado. O som estridente do telefone enervou-a quando voltou a tocar. Mas não atendeu, com medo que fosse o pai ou Tom Bartlett para lhe dizer que todos os seus compromissos tinham sido cancelados. O frasco de tranquilizantes estava na casa de banho. Abriu-o e tomou um com meio copo de água. Depois voltou para a cama e fechou os olhos, imaginando-se no acampamento em Samburu. Procurou divisar o rosto de Anthony, mas a imagem esquivava-se ao tentar focá-la e acabou por adormecer imbuída de uma sensação de perda. O telefone tocou novamente e Camilla virou-se na cama e tentou escapar ao som, tapando a cabeça com uma almofada. Mas nunca tinha optado pela saída mais fácil e, já que não podia evitar indefinidamente os factos abjectos da vida da família, acabou por estender a mão e levantar o auscultador.

— Camilla. — O tom de George Broughton-Smith denotava acanhamento. — Quero falar contigo. *Preciso* de falar contigo.

O som da voz dele evocou-lhe a sórdida cena no quarto. — Não.

— Há coisas que tenho de te dizer. É melhor dizê-las agora e depois podes decidir o que queres fazer.

— Não. Não posso estar contigo nem falar contigo. Por favor, não tornes a ligar-me.

Sentia vontade de lhe gritar, de o encarar e esbofetear com todas as suas forças por ter destruído a família na busca de um prazer pervertido. Desgraçadamente, lembrou-se da promessa de o questionar acerca da

possibilidade de um financiamento a Langani mas não era capaz de se imaginar a discutir o que quer que fosse com ele. Levantou-se lentamente e aproximou-se da janela. Em baixo, na praça, o mundo parecia igual. Ainda havia rosas outonais em flor no jardim e uma brisa soprava as folhas acobreadas ao longo da relva. Um tordo chapinhava no bebedouro e uma criança brincava com um carrinho de boneca enquanto a mãe lia uma revista num banco próximo. No vestíbulo ouviu o ruído da caixa do correio a bater e de envelopes a cair quando o porteiro trouxe o correio e ela foi apanhar o jornal. Doía-lhe a cabeça e sentia-se angustiada depois de ouvir a voz do pai. Vestiu-se e saiu para tomar o pequeno-almoço, levando consigo o jornal, determinada em ultrapassar a sua sombria disposição. No café em Brompton Road, pediu ovos com *bacon* e café e sentou-se a folhear o jornal. Não havia muito que ler mas, na segunda página, um pequeno título chamou-lhe a atenção. Um político queniano, Johnson Kiburu, chefiava uma delegação do governo que tinha chegado a Londres para discutir o financiamento aos projectos de expansão turística do país. Haveria reuniões no Ministério dos Negócios Estrangeiros e no Ministério do Desenvolvimento Ultramarino. Os membros da delegação visitante estavam alojados no Savoy Hotel. Começou a formar-se na mente de Camilla um plano enquanto terminava o pequeno-almoço e voltava para casa. O dia arrastou-se e ninguém ligou até ao fim da tarde, quando atendeu o telefone e ouviu a voz de Marina.

— Querida, perdeste um fim-de-semana maravilhoso. Devias ter ido comigo. Queres ir jantar a algum lado?

— Não. Obrigada. Hoje não quero sair.

— Estás bem, Camilla? Pareces um pouco deprimida.

— Estou bem. A sério.

— Ótimo, querida. Ligo-te amanhã.

Meia hora mais tarde, Marina tocava à campainha. — Fiquei preocupada contigo — disse. — Não me agradou o tom da tua voz. Estás com dores de cabeça?

— Não. Estou de saída, mãe. Não é o momento ideal para uma visita.

— Camilla, preciso de me sentar. Queria um copo de água e um café, talvez. — O rosto de Marina estava pálido e aproximou-se do sofá num passo trôpego, pegando nos cigarros e no isqueiro. — Sei que se passa qualquer coisa. Se não queres falar do assunto comigo, talvez fales com o

teu pai. Ele já voltou, embora já tivesse saído para o escritório quando cheguei de Burford. Possivelmente já estiveste com ele.

— Não.

— E se lhe telefonasse para ver se quer jantar connosco?

— Porque não o deixaste? — gritou Camilla, incapaz agora de conter a raiva.

Marina arregalou os olhos de surpresa. — Não percebo o que...

— Eu sei o que ele é. Sei que não te ama, que é...

— Camilla, estás esgotada, querida. É o choque, uma reacção retardada...

— Cala-te, mãe! Acaba com essa charada horrível, por amor de Deus, porque eu sei o que ele é. Sei que fode com homens!

Marina olhou, estupefacta, para a filha, com a boca a tremer, e depois as palavras brotaram juntamente com as lágrimas. — Oh, meu Deus. Oh, meu Deus, nunca quisemos que soubesses. Nunca...

— Tornaram a minha vida num inferno. Odeio-te, mãe. Odeio-os aos dois por tudo o que esconderam todos estes anos. Por toda esta mascarada. Devias tê-lo deixado, devias ter pegado em mim e tê-lo deixado.

— Não. Não era tão simples como isso. As coisas nunca são assim tão simples. A verdade é que eu amava o teu pai — Marina levantou os olhos, a cara esborratada de rímel. — Sempre o amei. Ainda amo. Nunca poderia ter-me ido embora. Teria arruinado a sua carreira de diplomata, posto fim às suas hipóteses de ser nomeado para um alto cargo.

— Foi por isso que ele casou contigo? Para não arruinar a carreira? — Uma calma absoluta apoderara-se de Camilla. Queria saber tudo, ouvir a explicação de todos os aspectos repulsivos da vida deles. — Deves ter percebido. Há quanto tempo é que ele é assim? E é meu pai, já agora?

— Ele tentou — Marina estava novamente a chorar. — No princípio, esforçou-se imenso. Nunca me apercebi, porque ele se esforçava imenso. Mas depois não foi capaz de continuar. Pensei que tinha começado a andar com uma mulher qualquer do escritório. Acusei-o disso. Estávamos constantemente a discutir e a brigar porque eu sentia ciúmes e raiva. Mas não podia deixá-lo.

— E o efeito desta farsa na vossa filha... isso nunca contou, pois não? Decidiram que a segurança e a subida na hierarquia do Ministério eram mais importantes?

— Eu queria ficar com ele. Pensei que ele talvez mudasse. Que podíamos construir uma vida juntos. Ele disse que também era o que queria. Era um jovem brilhante com um grande futuro e eu queria partilhá-lo com ele.

— Partilhar o quê? Estás a dizer-me que ele não tinha coragem. Que não se importou de se esconder atrás das tuas saias. Que te usou para se promover.

— Já sabes o que acontece aos diplomatas de carreira divorciados. Há muitas mulheres que continuam ao lado dos maridos, que encontram uma maneira diferente de viver, que abrem os braços a qualquer oportunidade de amor. E ser... ter inclinações contrárias ainda é considerado um crime.

— A voz de Marina era suplicante. — O teu pai não é um criminoso, Camilla. Não é igual aos outros homens, enfim, à maioria dos homens. Mas não é um criminoso. Não teríamos sobrevivido a uma acusação pública. Tê-lo-ia destruído. Eu tinha de ficar do lado dele. Tinha de continuar como se ele fosse um marido como outro qualquer. Um dia de manhã, encontrei umas cartas, quando estava a organizar os fatos dele, a trocar a roupa de Inverno pela de Verão. Eram de um rapaz, uma espécie de prostituto que queria dinheiro. Inicialmente não consegui acreditar no que as cartas diziam. E depois ele prometeu. Disse que não voltaria a acontecer, que ia pôr fim àquilo tudo. Chorou e disse que me amava. Que eu e tu éramos o mais importante na vida dele. Depois partimos para Nairobi. Apesar do preço, aguentámos juntos.

— Preço? E o preço que eu paguei? Ter de aturar as vossas discussões, as vossas cenas e o ódio que lhe tinhas.

— Eu nunca senti aversão por ele. Apenas pelo que a vida dele fez de nós.

— Então ele ficou porque te devia alguma coisa. Tu apoiaste-o e ele teve de pagar por isso e há-de pagar para sempre — Camilla não era capaz de sentir senão desprezo pelos dois. — E nenhum de vocês pensou em mim. No que as vossas vidas pervertidas me fariam. — Pegou no braço de Marina, apertando-o com força até ver a mãe retraindo-se de dor. — Sai de minha casa, mãe, e nunca mais cá apareças. Nem tu nem ele. Deixem-me em paz. O mal que me fizeram há-de viver comigo até ao fim da minha vida.

— Camilla...

— Toma o teu casaco, mãe. Vai-te embora. Por favor.

Durante uma hora, Camilla sentou-se em transe na sala vazia onde ainda pairavam no ar vestígios do perfume de Marina. Caiu o crepúsculo, enchendo a sala de uma luz fria e dourada e o vento levantou-se, sussurrando no peitoril da janela. Por fim, ela levantou-se e foi arranjar-se para a noite. Tomou banho e espalhou creme pelos braços e pelas pernas, maquilhou-se com toda a perícia e cuidados profissionais de que foi capaz. Penteou a franja sobre a testa e fixou-a com laca. Depois escolheu um vestido justo no peito que lhe dava por cima dos joelhos. No Savoy Hotel, sorriu ao empregado do bar e pediu uma vodka.

— Há várias semanas que não a vejo, Miss Broughton-Smith — disse ele. — Vem encontrar-se com o seu pai? Quer reservar uma mesa para o jantar, mais logo?

— Não preciso de mesa, James, obrigada. Só de uma bebida.

— Camilla. Onde é que tem andado, querida? Adoro o penteado! — Keith Short era um jornalista e ela tinha aparecido várias vezes na sua coluna social. — Quer jantar? Vou ficar por aqui, não vá um destes visitantes africanos armar banzé ou proporcionar-me qualquer coisa de picante para a minha coluna de quarta-feira. Há uma certa beldade aristocrática inglesa que gosta de carne escura à noite. Ouvi dizer que era capaz de aparecer. Trouxe comigo um fotógrafo com esperança que ela se torne adoravelmente indiscreta.

— Que profissão maravilhosa escolheu, Mr. Short — disse ela, não muito divertida.

— E não lhe agrada, minha querida, quando escrevo sobre si no meu espaçozinho? Quer então jantar?

— Já tenho um compromisso, obrigada — respondeu. — Vai ter de arranjar maneira de esclarecer o público sozinho.

— Suponho que sim. Mas diga-me lá, onde é que se tem escondido ultimamente?

— Estive várias semanas no Quénia.

— Esses tipos lá em cima são de lá... os que eu tenho debaixo de olho.

— Keith fez sinal para que lhe fosse servida outra bebida. — Aqui o James diz-me que se estão a divertir à grande.

— São todos iguais — declarou o empregado do bar. — Estes intrujões estrangeiros são todos iguais, venham de onde vierem. Não imagina a

quantidade de álcool que conseguem emborcar. Litros e litros. Pensei que essas terras em África estavam todas falidas. Estão sempre a dizer que precisam de dinheiro e vêm para aqui pedinchar ajuda senão morrem à fome. É o que se lê nos jornais. Bem, o que posso dizer, aqui entre nós, Mr. Short, é que provavelmente conseguiam governar o país com o dinheiro que gastam em limusinas e suítes e bebidas só aqui neste hotel. E mulheres caras. Assim que chegam, mandam-nas vir.

— Passam muito tempo no bar? — perguntou Camilla.

— Não. É tudo mandado à suíte. O telefone não pára de tocar. Esta malta está nisto há dois dias. James, uma garrafa de *Glenfiddich* para o quatro seis três. James, uma garrafa das grandes de *Dom Perignon* para o quatro seis três. James, podes tratar do *Armagnac* que estão a pedir do quatro seis três? O melhor, sempre o melhor, e aposto que as contas vão para Whitehall para serem pagas com o dinheiro dos contribuintes.

Camilla acabou a bebida e saiu do bar. Quando a porta do elevador abriu no quarto andar, não se mexeu, subitamente hesitante. Depois saiu e avançou lentamente pelo corredor alcatifado, olhando para os discretos números nas portas dos quartos. Quando bateu e apenas ouviu o silêncio, sentiu-se profundamente agitada ao ponto de ter de levantar a mão e apoiar-se no caixilho da porta.

— Boa-noite. — O homem que abriu a porta ficou surpreendido. — Só contávamos consigo mais tarde. É amiga da Fiona?

— Soube que havia festa, já sabe por quem — disse Camilla, arregalando os olhos, inclinando a cabeça de lado e sorrindo. — Por sinal, acabo de chegar do Quénia e gostava muito de entrar, se não estiver a ser intrometida.

— Entre e venha tomar um copo — Johnson Kiberu conduziu-a ao enorme sofá. Era um homem alto de belas feições e a sua pele era muito negra. Havia um balde de gelo com champanhe na mesa e uma bandeja de prata com acepipes. — Há sempre lugar para mais uma mulher bonita nos meus aposentos.

O casaco do seu fato impecável estava pendurado numa cadeira e Camilla reparou no monograma da sua camisa. Tinha botões de punho de ouro e sapatos que deviam ter sido feitos por medida para servir nos seus pés enormes. Descobriu que era fácil falar com ele e não ficou surpreendida quando ele se lembrou do pai. Possuía modos encantadores e

ela não se sentiu ofendida com as suas tentativas declaradas para a seduzir. Subira na política através dos canais habituais, juntamente com o brilhante Tom Mboya que fora seu amigo. Agora viajava muito, sobretudo para participar em conferências relacionadas com ajuda económica. Agradou-lhe que ela conhecesse bem o Quénia e Camilla não teve dificuldade em orientar a conversa para o turismo e para os parques e reservas de caça do país. No entanto, ele perdeu o interesse quando ela introduziu o tópico de Langani. Enquanto falava do novo *lodge* e dos esforços de Piet para proteger a vida selvagem na fazenda, ele debruçou-se e passou-lhe a mão pela coxa. Ela desviou-se um pouco mas ele mudou de posição e atirou-se sobre ela, beijando-a desajeitadamente no canto da boca. Ela esquivou-se e afastou-o.

— Acho que ainda é muito cedo para isto — disse ela com uma pequena gargalhada. — Quero falar-lhe mais de Langani.

— É por isso que está aqui? — Ele reclinou-se e olhou-a com uma expressão perspicaz. — Para falar desse sítio?

— Sim, é — admitiu ela, achando preferível dizer a verdade.

— E que quer dizer sobre Langani? — perguntou ele, ainda próximo, mas agora não a tocando.

— Precisam urgentemente de apoio — disse Camilla. — Precisam de fundos para patrulhas para pôr fim à caça furtiva e para tornar a fazenda segura para os turistas. Os proprietários investiram tudo o que tinham no *lodge* de caça e na área de conservação mas precisam da ajuda do governo para a segurança e, como está envolvido no turismo e na conservação...

— Porque não se candidataram eles através dos canais habituais? — Voltou a pôr-lhe a mão no joelho.

— Candidataram — respondeu ela. — Mas é um processo lento e, entretanto, tiveram problemas com gado que foi morto, caçadores furtivos atrás de elefantes e recentemente um assalto à mão armada. Tudo situações prejudiciais para o turismo. Por isso, pensei que talvez pudesse agilizar o pedido deles. Arranjar forma de receberem rapidamente fundos ou...

— Talvez possa fazer isso, sim. — Estava evidentemente enfadado. A sua expressão e tom de voz haviam mudado e ela apercebeu-se dessa mudança, do seu desejo crescente e determinação em seduzi-la. Não era a

primeira vez que se deparava com o puro desejo carnal. Afastou-se dele e estendeu a mão para o casaco.

— Infelizmente agora tenho de me ir embora — declarou. — Mas espero que se lembre de Langani quando voltar para Nairobi. Tenho a certeza de que o Piet van der Beer terá todo o gosto em fretar-lhe um avião para poder visitar a fazenda.

Ele atirou-se em frente para a agarrar e ela sentiu uma mão enorme a apalpá-la e a boca dele a colar-se à dela. A outra mão dele agarrou-lhe a cabeça e Camilla debateu-se, incapaz de respirar e sentindo a pressão da investida dele contra a sua testa ao tentar meter a língua à força dentro da sua boca. Deu-lhe socos no peito, tentando rechaçá-lo e contorcendo-se debaixo do peso dele. Ele começou aos puxões aos botões do vestido dela, mas ela libertou-se e saltou do sofá. Ele estendeu o braço para a puxar novamente mas ela saltou para o lado e perdeu o equilíbrio, caindo e batendo com a cabeça no braço de uma cadeira. O seu grito de alarme fê-lo cair em si e desta vez estendeu o braço para a ajudar a levantar-se.

— Acho que ambos cometemos um erro — disse ele. — Peço desculpa. Infelizmente estou mais acostumado a que as senhoras venham aqui por razões diferentes. Parece-me que se magoou na cabeça. Está a sangrar por baixo desse penso. Deixe-me ajudá-la.

Ela pôs-se em pé a custo, pegou no casaco e na carteira e saiu a correr da suíte. Na segurança do elevador, olhou-se ao espelho e viu uma imagem grotesca que lhe parecia apenas vagamente familiar. O vestido estava desabotoado à frente e tinha a face esborratada de *bâton*. A franja que fixara cuidadosamente tinha-se aberto, revelando o curativo na testa. Um fio de sangue corria-lhe pela têmpora e ela pegou num lenço e limpou-o. Quando a porta se abriu, deu de caras com Short e o fotógrafo. Houve um segundo de luz ofuscante e Camilla apercebeu-se então do que estava a acontecer.

— Oh, meu Deus, Keith, por favor, não use isso — implorou. — Foi um engano, um mal-entendido terrível.

Ele afastou-se em silêncio enquanto ela avançava para o átrio. Camilla olhou para ele por cima do ombro em desespero, com uma interrogação no olhar, mas ele estava a sorrir ao dirigir-se ao bar onde daria os toques finais à sua história com o fotógrafo.

Na segurança do apartamento, despiu-se e pôs um banho a correr. Várias suturas tinham rebentado e o corte estava a sangrar e já tinha começado a inchar por cima da sobrancelha direita. Provavelmente teria de ser suturado outra vez e ficaria definitivamente com uma pisadura. Limpou o vergão vermelho com algodão e água morna e aplicou um novo penso. Quando se deitou e procurou adormecer, foi transportada mais uma vez para Langani, vendo a *panga* a precipitar-se contra ela à luz dos candeeiros enquanto arrancava as pulseiras e os anéis das mãos. Voltou a abrir os olhos, mas na sua memória ainda se debatiam as confusas imagens de violência e, subconscientemente, ouvia o som estranho e desolado que o pai emitira quando ela fechou a porta sobre a cena clandestina com o amante. Era impossível encarar a ideia de voltar a falar com ele, apesar de não ter conseguido obter ajuda para Langani junto de Johnson Kiberu. Sentia-se como se a sua vida se tivesse desfeito em pedaços e alguém os tivesse varrido para longe.

Durante todo o dia seguinte, Camilla ficou em casa, a testa a latejar e a cabeça nublada de dor e mágoa. O telefone retiniu várias vezes, mas ela não atendeu. Sabia que devia telefonar a Edward e marcar uma consulta para reparar as suturas mas estava tomada de uma profunda letargia que lhe tornava o corpo pesado e sem energia, dificultando-lhe os movimentos. Quando por fim se vestiu e preparou qualquer coisa para comer, sentou-se à mesa, incapaz de enfrentar a comida. Na televisão não ouviu nada de importante e deu voltas pela sala durante algum tempo antes de se servir de uma dose abundante de vodca num copo cheio de gelo. Sentiu a potência da bebida na garganta ao sorvê-la em dois ou três tragos desesperados e voltou a encher o copo. Quando o telefone tocou mais uma vez, pegou no auscultador, sentindo a cabeça andar à roda. A voz ansiosa de Sarah soou de muito longe e Camilla engasgou-se com a resposta. Atrapalhou-se a escolher palavras que encobrissem a sua solidão e sentido de afastamento. Não queria compaixão. Quando pousou de novo o auscultador no descanso, não fazia ideia do que tinha dito. Os tranquilizantes estavam no armário da casa de banho e ela tomou um. Uma hora mais tarde, era a voz da mãe ao telefone, mas ela desligou e foi-se deitar.

De manhã, tomou um café forte e procurou os cigarros mas o maço estava vazio. A coluna semanal de Keith Short seria publicada nesse dia e

sentiu-se agoniada à ideia da fotografia e das insinuações que a acompanhariam. Enfiou um par de *jeans* e uma camisola, enterrou na cabeça um chapéu e encaminhou-se para a tabacaria. Mas o jornal não trazia nada sobre visitantes políticos nem as suas distrações favoritas e Camilla deteve-se no passeio cinzento, profundamente grata e aliviada. O porteiro do prédio cumprimentou-a quando ela voltou.

— O seu correio chegou, menina. Ia agora mesmo levá-lo lá acima.

— Obrigada, Albert — disse ela, pegando no maço que ele lhe entregou. Havia uma breve mensagem de Short e ela abriu-a e leu-a ao subir as escadas. «Deitei fora o negativo e pus fim à história. Fica a dever-me um favor», escrevera na sua letra garatujada. Em casa, Camilla passou revista ao resto das cartas e rasgou um envelope endereçado na caligrafia do pai. O telefone tocou e ela atendeu, pousando de imediato o auscultador. Depois levantou-o de novo e deixou-o fora do descanso. Escapar. Precisava de escapar, ir para algum lado onde pudesse pensar, ordenar as ideias. Tirou uma mala da parte de cima do roupeiro do quarto e meteu nela algumas roupas e artigos de higiene. Estava uma fotografia dos pais no toucador e ela arrancou-a da moldura e rasgou-a em pedacinhos. Ainda estava a decidir para onde ir quando a campainha tocou.

— Tens de vir comigo, querida — disse Marina. — Tenho um táxi lá em baixo e quero que venhas comigo agora para podermos conversar calmamente.

— És a última pessoa com quero conversar. Por favor, mãe, deixa-me em paz. Deixa-me em paz. Por favor.

— Camilla, preciso que me dês uma oportunidade. Peço-te que me dês esta oportunidade. É importante para as duas.

— Não. O que é importante é criarmos a maior distância possível entre nós. Entre mim e os meus pais. É a única coisa que desejo neste momento.

— Gostava que viesses para Burford comigo. — Marina estendeu uma mão hesitante para tocar na manga de Camilla. — Só as duas. Há coisas que preciso de te dizer.

— Coisas que eu não preciso de ouvir.

— Não se trata do teu pai. Trata-se de nós as duas. Porque estou doente. Estou muito doente, Camilla, e não vou melhorar. Eu sei que só cometi erros na vida mas talvez ainda possa corrigir algumas coisas. Ajudar-te até um pouco, embora não tenha jeito nenhum para este género de coisa. Mas

quero tentar. Se vou morrer quero esclarecer certas coisas antes de ir. Compreendes? Estás a ouvir-me? — As palavras de Marina foram pronunciadas com calma e o seu rosto estava sereno.

— Isso é algum truque novo?

— Estou à tua espera lá em baixo. No táxi. — Marina não olhou para trás. Momentos depois, Camilla seguiu-a até ao táxi.

— Estação de Paddington — disse Marina.

Não falaram no comboio que atravessou os subúrbios e as zonas fabris, emergindo numa paisagem rural de campos ordenados onde pastava gado, indiferente à passagem dos comboios e a passageiros confusos e ansiosos. A casa em Burford era pequena e Camilla ficou surpreendida com o ambiente de tranquilidade. Marina conduziu-a a um quarto no cimo de umas escadas estreitas. A janela de batentes dava para um pequeno jardim nas traseiras, iluminado pelo sol do fim da tarde. O relvado estava bordejado por lajes de ardósia e vasos de flores. Para lá do muro do jardim, os campos desciam até à curva de um rio e subiam de novo até a uma colina arborizada. Um homem de canadiana e galochas estava a rachar lenha no jardim das traseiras de sua casa. Pegou num ramo e atirou-o ao cão e Camilla sorriu ao ouvir os latidos excitados. Demorou-se à janela, relutante em descer e encetar qualquer tipo de diálogo com Marina. A sua mala estava aberta na conversadeira da janela e ela adiou o confronto, começando a desfazê-la e a arrumar tudo num roupeiro que cheirava a alfazema e tinha uma prateleira com roupa de cama muito bem dobrada. Depois de fazer a cama, não tinha mais desculpas para se demorar.

Para sua surpresa, a mãe estava sentada sobre os calcanhares diante da lareira de pedra, amarfanhando bolas de jornal e construindo um ninho de gravetos em cima. Camilla ficou a observar enquanto Marina dispunha estrategicamente vários toros estreitos numa pirâmide, pegando depois fogo à sua obra. Recompensou-a uma deflagração imediata e ela levantou os olhos para a filha com evidente orgulho pela tarefa cumprida.

— Tornei-me exímia em acender lareiras — disse ela. — Temos um velhote simpático que racha a lenha e a deixa no telheiro e assim temos sempre madeira seca. Importas-te de fazer chá?

A cozinha era acolhedora com uma mesa de pinho e um velho aparador onde tinha sido guardada louça antiga. A porta das traseiras dava para o

jardim murado que Camilla tinha visto do quarto. Havia um pequeno pátio, que não era visível de cima, com uma mesa de cavaletes e cadeiras.

— É perfeita, não é? — disse Marina. — Adoro vir para aqui. Há bolo de frutas nessa lata, se tiveres fome. Não vais acreditar mas fui eu que o fiz quando cá estive no último fim-de-semana. Acho que ainda está bom. Há leite no frigorífico e a louça de todos os dias está no armário por cima do lava-loiça. — Camilla fez o chá e serviu duas chávenas.

— Vamos levar isto para o pé da lareira — sugeriu Marina.

Sentaram-se em silêncio, ouvindo o crepitar e sibilar da lenha a arder. Não sabiam por onde começar, não havia nada entre elas senão incerteza.

— O palavrão é leucemia — disse Marina finalmente. — Uma doença maligna da medula e do sangue. Não há nada a fazer. Sinto-me como uma personagem de ópera, a definhar impotente. Com a diferença que não sei cantar, claro.

— Há quanto tempo sabes?

— Há pouco mais de um mês.

— Ele sabe?

— Sim, o teu pai sabe. Tem-me feito companhia tanto quanto pode desde que o médico nos deu a notícia. Foi depois de ter regressado de Nairobi da última vez. Pouco depois de teres lá estado com ele. Disse-me que estavas com um aspecto estupendo depois de teres estado na costa. — As suas palavras estavam carregadas de tristeza.

Camilla não sabia que dizer. Bebeu o chá, fixando a chávena, incapaz de encarar a mãe.

— Disse que estavas apaixonada e exultante com isso. E eu desejei que me tivesses contado — disse Marina. — Ele tem-se desfeito em atenções comigo. Leva-me o pequeno-almoço à cama e, nos dias em que me sinto melhor, leva-me a jantar fora e ao teatro. Tenho vindo para aqui quase todos os fins-de-semana e ele tem cancelado muitos planos para me fazer companhia. Mas na semana passada teve de ir à Holanda. O príncipe Bernardo é um dos patronos da organização dele e não se pode propriamente cancelar encontros com membros da realeza.

Camilla não era capaz de conciliar aquela aceitação calma de uma sentença de morte com a mãe frágil e frequentemente histérica que conhecia. Agora compreendia tarde de mais que as depressões de Marina foram o resultado de uma situação que ela não podia controlar, que a sua

posição social tinha sido a única tábua de salvação a que pudera agarrar-se, a única forma de dar uma aparência de normalidade à sua vida. Não havia qualquer preparação, qualquer treino para o caminho que ela escolhera seguir, nenhum lugar onde pudesse sentir-se segura ou buscar ajuda. O casamento oferecera-lhe solidão e traição e um sentimento de vergonha. Temera pelo marido, ressentira-se da sua dependência dele e, apesar de tudo isso, sempre o amara.

— Não sei que dizer. — Camilla sentia-se absolutamente inútil. — Há alguma coisa que eu possa fazer? Como é que te sentes agora... quero dizer, sentes dores?

— É sobretudo a fadiga e, se me esforçar muito, fico sem fôlego. Tenho febres e doem-me as articulações como se estivesse com gripe. Ainda bem que não estamos em pleno Verão para andar de manga curta e sem meias. A minha pele está um pavor... com pisaduras e manchas horríveis e um corte que se recusa a sarar. Não é nada bonito.

— Se queres saber, estás mais bonita que nunca. — As lágrimas estavam prestes a rebentar. Camilla levantou-se rapidamente. — Queres descansar um pouco enquanto eu dou um salto à aldeia para comprar comida? O frigorífico não parece estar muito bem fornecido.

— Quero que me contes como é estar apaixonada. Que me fales da tua felicidade.

— Infelizmente durou pouco. Foi um romance passageiro. Suponho que o papá te disse que me apaixonei pelo Anthony Chapman. Mas foi um engano.

— Não o amas afinal?

— Amo-o perdidamente. Mas ele só está interessado no imediato porque qualquer outra situação traria demasiadas mudanças à vida dele. Cometi um erro clássico como uma rapariga tonta num folhetim rasca. Estás a ver... o grande caçador branco, aventura na selva, encontros ardentes em tendas ao luar, na savana, com leões a rugir. Fiquei enfeitiçada. Fui estupidamente ingénua.

— Sinto muito, querida. Sinto muito que tenhas ficado magoada. E agora é tarde de mais para compor as coisas. Mas amo-te, Camilla. Amo-te de todo o coração e sempre amei, e isso é a única coisa importante que resta.

As lágrimas correram-lhe pelas faces e ela não conseguiu proferir mais palavras. Agarrou-se aos braços da cadeira, tornando brancos os nós dos dedos já pálidos. Camilla fixou a distância e ficaram sentadas sem falar, paralisadas num quadro constrangedor que o som do telefone quebrou.

— Se for o meu pai, não quero falar com ele. Não quero vê-lo. Agora vou fazer as compras, mas não demoro muito.

Camilla pegou na carteira e saiu de casa, dirigindo-se pela estrada para a rua comercial da aldeia. Marina atendeu o telefone. Era Sarah Mackay. Sarah que ia voltar para viver no Quênia apesar de tudo o que tinha acontecido lá. Sarah, que talvez conseguisse persuadir Camilla a ir também, em busca do seu homem do mato ou para começar um negócio naquela terrível fazenda. Marina sentiu-se percorrida por um calafrio de pânico. Camilla não podia partir agora quando faltava tão pouco tempo.

— A Camilla não está, minha querida — disse, suavemente. — Ausentou-se por algum tempo. Até à próxima consulta no médico. Sim, a cara está a sarar bem. Uma cirurgia plástica mais tarde deverá impedir uma cicatriz permanente. Não, não sei bem para onde ela foi. Penso que foi para o continente mas não sei para onde. Se tiver notícias dela, digolhe que telefonaste. Adeus, Sarah.

Pousou o auscultador, sabendo que tinha procedido bem. Quando Camilla voltasse da aldeia, fariam do romance dela, tentariam encontrar algum conforto ao partilhar a mágoa. Passariam tempo juntas em Londres e ali, vivendo o Outono na tranquilidade do campo. Tentaria conseguir uma reconciliação entre o marido e a filha, fazer-lhes ver claramente como amava os dois. Não consentiria que ninguém ameaçasse aquela derradeira oportunidade de ser feliz durante os últimos meses da sua vida.

CAPÍTULO 18

Quénia, Novembro de 1965

O ar matinal estava pesado, carregado de humidade das nuvens que pairavam inchadas, taciturnas, cinzentas e ameaçadoras sobre a savana. Sarah perscrutou a multidão, procurando vislumbrar Piet, mas não viu sinais dele. Pegou na bagagem e saiu para a zona de chegadas com uma inquietação no peito. Um grupo de caçadores e guias de safari estavam à espera na barreira e Sarah avistou Anthony entre eles, com o chapéu do mato puxado para trás, percorrendo com o olhar a fila de passageiros que emergiam.

— Sarah! — Acenou-lhe por sobre o barulho e a azáfama dos reencontros que se sucediam à sua volta como a rebentação num recife distante. Ela sentiu um desânimo imediato e Anthony apercebeu-se da sua expressão de contrariedade antes de ela ter tempo de a disfarçar. Sorriu enquanto ele abria caminho pelo meio das pessoas para lhe tomar a mão. Era bom vê-lo, mas que tinha acontecido a Piet?

— *Salaams*. Sê bem-vinda. O Piet pediu-me que fizesse as honras. Sou um mau substituto, eu sei. Desculpa. *Pole sana*. — Pegou na bagagem dela e ela seguiu-o para fora do edifício.

— Obrigada por teres vindo tão cedo. Não há problema nenhum, pois não? — A ansiedade não a deixava usar um tom casual.

— Problemas com caçadores furtivos. Ontem conseguiram abater um elefante enorme. Cortaram-lhe as presas e deixaram a carcaça ao pé do bebedouro em frente ao *lodge*. Um espectáculo horrível da plataforma de observação. O Piet foi atrás deles com um par de batedores mas não tiveram sorte. Teve de deixar o Kipchoge na pista deles para vir até aqui porque tinha uma reunião com o Departamento de Caça esta manhã. Vai ter um dia em cheio.

— É terrível. — Sarah compreendia que era necessário lidar com crises destas mas a decepção persistia. — Estiveste em Langani?

— Não. Estou aqui há alguns dias entre safaris. O Piet telefonou-me ontem à noite. O que mais o preocupa é que esses estafermos parecem saber exactamente onde a patrulha vai estar. É quase como se tivessem um informador entre os *watu*.

— Isso não pode ser do interesse dos trabalhadores dele — observou Sarah. — Quero dizer, a segurança da caça é uma garantia de postos de trabalho em Langani. Porque havia alguém de informar os caçadores furtivos?

— Subornos, provavelmente. Uns trocos na mão são incentivo suficiente. Houve três ou quatro incidentes em Langani em que os caçadores furtivos mataram zebras, impalas e até um jovem búfalo. Já é mau quando matam pela carne ou por algumas peles de zebra que vendem como tapetes. Mas quando começam a abater elefantes, a situação torna-se muito grave.

— E o Kipchoge não conseguiu encontrá-los?

— Não é muito difícil fugirem com mato tão denso em redor. Estes tipos foram terrivelmente descarados, a abater o elefante mesmo diante do *lodge*. Provavelmente o animal tinha estado no bebedouro e dirigia-se para algum pasto, pobre velho. Não podemos dar-nos ao luxo de perder animais destes por causa de bandos organizados. O facto de o terem matado mesmo por baixo da plataforma de observação parece uma provocação. E fizeram-no no dia em que a patrulha do Piet estava do outro lado da fazenda.

— E tu não achas que foi coincidência?

— Tornou-se uma constante. O Piet decide qual o trajecto da patrulha e a caça é abatida noutra sector ou assim que a patrulha passa. Consegues imaginar a reacção se os visitantes se depararem com a carcaça de um elefante chacinado mesmo à frente dos olhos? Os turistas não correm o risco de visitar um sítio onde andam caçadores furtivos à solta.

— Continua a não haver progressos no financiamento? — perguntou Sarah ao dirigirem-se para o parque de estacionamento. Entrou para o lado do condutor, satisfeita por estar de novo num jipe de safari com a sua vista panorâmica.

— O Piet voltou a contactar todos os organismos importantes. No mês passado, apresentou uma proposta a várias fazendas vizinhas. A ideia era partilharem patrulhas contra a caça furtiva. Criar um corredor de caça através das suas propriedades. Tornar os custos mais razoáveis e alargar a zona de conservação. Toda a gente lhe diz que é um plano excelente, mas na prática ninguém quer entrar com o dinheiro.

— É tão lento este processo de financiamento — comentou Sarah. — A Allie Briggs diz que alguns desses organismos adoptam uma política de retardar os subsídios. Quando estão prontos para passar o cheque, já o problema pode ter desaparecido. Ou os candidatos podem estar mortos.

— Não deixa de ter razão — concordou Anthony. — Seja como for, falando de coisas mais alegres, estás com óptimo aspecto, Sarah. Admiro a tua coragem em voltares depois do que aconteceu da última vez.

— Bem, como a Hannah diz, não podemos dar-nos por vencidos. — Olhou pela janela. — Falei com a Camilla pelo telefone há uma semana, mais ou menos. Parecia... não sei. Vais estar com ela a caminho dos Estados Unidos?

— Ainda não sei — Anthony olhou para a estrada à sua frente, claramente constrangido.

— Tens falado com ela recentemente? — Sarah queria aferir os sentimentos dele, compreender em que pé estava a relação com Camilla.

— Não. Tenho andado quase sempre em safari desde que vocês partiram — Anthony soou defensivo. — Mas falei com ela logo a seguir ao assalto. Disse que tinha arranjado um bom especialista. Que ia correr tudo bem. Fala-me da Irlanda.

Era evidente que não queria falar sobre Camilla. Sarah interrogou-se se seria possível que ela tivesse significado tão pouco para ele. Teria sido um romance sem consequências, sem importância no seu esquema das coisas? Tinham parecido tão apaixonadamente envolvidos, tão intensamente ligados.

— Pensei que ias estar presente no aniversário dela — insistiu. — Ela pareceu-me perturbada ao telefone, mas não consegui tirar nada a limpo. Espero que esteja bem. — Assim que falou, Sarah apercebeu-se de que ela própria se devia ter esforçado mais.

— Estive com o George em Nairobi na semana passada — disse Anthony. — Não tinha estado com ela ultimamente. A Hannah disse que

lhe escreveu várias vezes e não teve resposta. Se ela não se quer manter em contacto, não há muito que se possa fazer.

Sarah achou que não podia pressioná-lo mais. No fundo, não era nada com ela. Olhando para a questão logicamente, Camilla passara muito pouco tempo com Anthony desde que a relação começara. Mas a lógica não tinha nada a ver com o amor e eram amigos há anos. Ainda magoada com o facto de Camilla a ter rejeitado, abandonou o assunto.

— E as investigações da polícia em Langani?

— Acho que o pobre Hardy está embaraçado com a falta de progresso. É um agente eficiente e boa pessoa e não lhe agrada ver uma investigação destas num impasse porque põe toda a gente nervosa. Além disso, é amigo da família há anos.

— Pensei que a Hannah talvez estivesse a esconder informação com medo de me assustar. Caso eu mudasse de ideias e ficasse na Irlanda — Sarah manteve um tom ligeiro, mas sentia-se gelar sempre que pensava no roubo. Ainda acordava durante a noite, a ouvir os tiros, convencida de que Piet tinha sido morto, vendo a cara de Camilla manchada de sangue, tomada do mesmo pânico impotente que se tinha apoderado de todos ao lutarem para impedir que Lars se esvaísse em sangue.

— O inspector defende a teoria de que o Piet é vítima de uma vendeta — disse Anthony.

— Essa ideia é medonha. Uma vendeta porquê... de quem?

— Sabe-se lá. O Piet não faz a mais pequena ideia. Mas também há boas notícias. O *lodge* está espectacular. Devemos ter uma boa época pela frente. A Hannah já tem imensas reservas.

O cansaço tomou conta de Sarah e ela dormitou. Quando chegaram à fazenda, Hannah estava nos degraus à espera dela. Dirigiram-se para o quarto de hóspedes pelo alpendre, falando de banalidades, rodeadas por três jovens leões da Rodésia, a agitar freneticamente as caudas e com olhos carregados de curiosidade.

— São os novos membros da família — disse Hannah, rindo. — São uma ameaça... mastigam tudo o que lhes aparecer à frente. Mas o Jeremy conseguiu que eles recebessem treino básico como cães-polícias. Vão à escola todas as manhãs. Tem cuidado com os sapatos ou qualquer coisa que estejas a pensar em deixar no chão. O Kamau preparou um almoço

especial de boas-vindas. És portanto obrigada a comê-lo quer tenhas fome ou não.

— Ah, olha o Lars — Sarah viu-o a atravessar o relvado e foi cumprimentá-lo com prazer. Parecia completamente restabelecido.

— Bem-vinda — disse ele. — Pensei que ias chegar atrasada por causa das estradas enlameadas, mas pelos vistos tu e o Anthony afugentaram a chuva. Vem tomar uma cerveja quando estiveres pronta. — Estava a olhar para Hannah que não o tinha cumprimentado. Ela afastou-se sem falar. Sarah desfez as malas, pensando se teria havido alguma divergência entre eles a respeito da fazenda. Hannah tinha dito que não admitia ser posta em segundo plano. Era claramente uma batalha contínua ou pelo menos uma escaramuça. Sarah ia a sorrir ao dirigir-se para a sala de estar. Sabia bem estar de volta, mas os espaços nas prateleiras onde antes estavam os tesouros de família de Lottie causaram-lhe calafrios.

— Já há notícias do Piet? — perguntou, para disfarçar o seu constrangimento.

— Nada. Mas o meu irmão só gasta palavras se tiver algum progresso definitivo a comunicar. Já sabes como ele é — disse Hannah. — Quando acabar vem directamente para aqui, a não ser que chova torrencialmente. Para ser franca, deixei de contar com qualquer apoio dos organismos governamentais ou das grandes organizações. Não querem saber de nós. Os nossos problemas são demasiado pequenos, somos da cor errada e somos uns tristes africanos.

— O Anthony contou-me dos caçadores furtivos.

— Bem, não se limitam a Langani — disse Hannah amargamente. — Matar animais é o que mais se vê no país. O Jeremy defende a teoria duma vendeta mas eu não acredito. Somos bons patrões. Os nossos *watu* sabem disso. A situação deles é muito melhor do que a de muitos serviços noutras fazendas. A área de conservação vai atrair turistas e criar mais postos de trabalho. Porque é que ninguém nos apoia?

— Está tudo numa situação de asfixia — observou Lars. — Estes novos políticos e funcionários do governo andam por aí todos contentes a puxar dos galões, a gozar o poder e a importância que têm e a pôr entraves a tudo e a todos. Vai continuar a ser assim durante algum tempo. As pessoas estão a sofrer os resultados na pele.

— Talvez — disse Hannah, virando-lhe as costas. — Mas eu continuo a pensar que somos prejudicados porque nos vêem como africanos... estúpidos e insensíveis como os bois que nos transportaram para aqui. Continuamos a ser estrangeiros como sempre fomos. Apesar de eu e o Piet termos nascido aqui e sermos cidadãos do Quênia. Não há qualquer desculpa.

— Os irlandeses são encarados da mesma maneira, sabes? — retorquiu Sarah afectuosamente. — Ao menos não estamos sozinhas nisso de nos considerarem estúpidas.

Hannah não estava disposta a ser consolada. — Hoje em dia neste país não se pode ser africano nem indiano. Tem de se ser negro, inglês ou das Nações Unidas, caso contrário não se tem importância. E muito menos quando se é um *domkopf yaapie*. É a mesma panelinha de tráfico de influências que vigorava antes da *Uhuru*.

— Acho que o Lars tem razão — disse Anthony. — É suborno e corrupção em larga escala e mais tarde ou mais cedo toda a gente se depara com ela. Tenho *shauris* intermináveis com autorizações e licenças. Reina o caos em todos os departamentos da administração.

— A Allie Briggs disse-me que têm os mesmos problemas em Buffalo Springs — disse Sarah. — Caçadores furtivos, ladrões de gado e bandidos somalis por todo o lado e não há patrulhas adequadas para lhes dar caça. Além dos políticos que fazem vista grossa por todas as razões e mais alguma, mas sobretudo por dinheiro.

— Então? Estou a ficar paranóica por pensar demasiado no assunto? — A pergunta de Hannah era como uma provocação. Em seguida suspirou. — Provavelmente estou. Até o Viktor diz isso. Está a tentar ver se algum dos contactos dele no governo pode dar um empurrão às coisas. Mas fico louca ao ver como empatam o Piet.

— O método do Viktor de dar empurrões às coisas é a última coisa de que precisamos — disse rispidamente Lars. — Acaba de perder um contrato para um novo edifício governamental. Que contactos são esses?

— Isso foi um processo viciado — Hannah estava claramente irritada. — O projecto foi entregue a um arquitecto que pagou luvas colossais.

— O Piet há-de arranjar maneira — Sarah tentou usar um tom encorajador. — Exactamente quando estiveres a ferver de frustração, a

Reserva de Vida Selvagem de Langani vai ser reconhecida por uma fundação importante e a partir daí hão-de ser só sucessos.

— Pensei que tínhamos uma aliada em Londres a tentar promover a ideia — disse Hannah. — Mas não vi quaisquer provas disso. Não tiveste notícias dela, pois não, Anthony?

— Lá no *bundu* não tenho notícias de ninguém — respondeu ele. — Parece que o Mwangi nos está a chamar. É boa ideia almoçar lá fora num dia assim. Como é que o *lodge* está a avançar, Lars?

— Instalaram a bomba de água e todas as casas de banho estão agora a funcionar. Esperemos! — disse Lars. — Devíamos dar lá um salto depois de almoço.

— Devias dormir a sesta, Sarah — disse Anthony. — Caso contrário andas aí a cair de sono quando o dono da casa chegar. E isso não pode ser.

Sarah ficou escarlate e Hannah desatou a rir ao saírem para o alpendre de braço dado, inalando o ar da tarde e deleitando-se com a beleza do contorno denteado do monte Quénia no horizonte.

— Kyrinyaga — Sarah saboreou o nome. — Agora sinto-me verdadeiramente em casa! Mas o Anthony tem razão. Preciso de repousar uma hora ou assim.

Às sete, Mwangi estava como habitualmente a servir bebidas com o seu *kanzu* branco engomado e um sorriso rasgado nos lábios, mas Sarah reparou numa espingarda carregada ao pé da porta. Estavam todos sentados à lareira com os três cães refastelados no tapete ao lado quando Lars apareceu. Sarah olhou para a outra ponta da sala. Hannah ficou muito tensa na cadeira e encetou conversa com Anthony, ignorando Lars deliberadamente. Passava-se qualquer coisa, pensou Sarah. Mais tarde teria de apertar com Hannah para saber o que era.

Lars instalou-se no sofá ao lado de Sarah. — Então, quando comesas o teu trabalho de investigação?

Ela virou-se para lhe responder e o momento de constrangimento passou. Tinham praticamente acabado de jantar quando Piet chegou. Sarah notou que estava mais magro, que tinha rugas de cansaço em torno dos olhos, uma tensão que lhe deformava ligeiramente a boca. Mas o seu sorriso e o timbre cantado da pronúncia africânder não haviam mudado.

Contornou a mesa e pôs-lhe os braços nos ombros, beijando-a ao de leve no alto da cabeça.

— Sarah. É tão bom ter-te cá. Desculpa não ter podido ir buscar-te. O Anthony tratou bem de ti?

— Tratou, claro — Sarah reclinou-se na cadeira para olhar para ele, não fazendo qualquer tentativa para disfarçar a felicidade em vê-lo. — E tu? Que progressos houve em Nairobi?

— Ora, sempre a mesma coisa. Mostram-se muito compreensivos, mas duvido que as promessas deles dêem no que quer que seja. Finalmente concordaram em mandar um sujeito do Departamento de Caça na próxima semana para discutir as patrulhas. Dizem que não têm dinheiro, o que significa semanas a mandar relatórios e cartas que ninguém lê. Demora tudo um tempo dos diabos e entretanto os caçadores furtivos andam por aí à vontade.

— Se aparecer aqui alguém do Departamento de Caça a coscuvilhar, isso só por si é capaz de desencorajar os caçadores por algum tempo — opinou Anthony. — Esse género de notícia espalha-se depressa.

— Estás cansado, Piet? — Hannah passou-lhe o cesto do pão.

— Podia estar pior. Não choveu e a estrada estava transitável. Veio o Simon a conduzir no regresso. Já sabe manejar o volante agora. Viram o Kipchoge?

— Ainda andava atrás deles quando fui ao *lodge* hoje à tarde — disse Anthony. — Não desiste facilmente.

— Queres ir lá comigo amanhã, Sarah? As obras avançaram imenso desde a tua partida — Piet esfregou as mãos, orgulhoso como uma criança que concluiu uma tarefa complicada. — Quando é que tens de estar em Buffalo Springs?

— A Allie Briggs vem a Nanyuki na segunda-feira. Disse que me apanhava no Hotel Silverbeck se alguém me der boleia até lá. Quer dizer que tenho tempo para ver tudo. Amanhã é boa ideia.

— Ótimo — disse Piet. — A Hannah operou milagres, sobretudo a treinar o pessoal. O serviço vai ser de cinco estrelas.

— O David está um cozinheiro de primeira — disse Hannah. — Vais ficar impressionada, Sarah.

— É verdade — corroborou Piet. — Nunca seria capaz de dirigir o escritório mas tem um verdadeiro talento para a cozinha. O Kamau anda

orgulhoso como um velho pavão. De uma maneira geral não temos razões de queixa.

— Ele é bom, não é, Mwangi, o David? — Hannah levantou os olhos e tocou na manga do velho. Este abriu-se num sorriso, satisfeito com a conversa sobre as proezas de David, pronto a ir transmiti-la a Kamau na cozinha assim que tivesse servido a sobremesa.

— Vai ser o melhor *mpishi* da região, *memsahib*. Talvez melhor que o pai. — Soltou uma gargalhada à ideia de o lugar de Kamau ser usurpado. — É bom rapaz, *ndio*. São os novos que hão-de ter futuro aqui. É a *Harambee*!

Passaram à sala de estar para tomar café e pouco depois Lars escusou-se e saiu. Hannah também se levantou da cadeira, reprimindo um bocejo.

— Fiquem a tomar uma última bebida. Eu tenho de me levantar muito cedo de manhã — disse. Hesitou e em seguida fez a pergunta, medindo muito bem as palavras. — Sarah, ficas bem... quero dizer, confortável? Sozinha? — O alívio foi notório no seu olhar quando Sarah indicou que sim, assim como a angústia por ter tido de perguntar. — Então, boa-noite, seus noctívagos. Até ao meio-dia vou estar muito ocupada, mas vemo-nos ao almoço.

— A que horas queres sair para o *lodge*, Piet? — Sarah olhou para ele, à espera de algum sinal de que o seu regresso tivesse um significado especial para ele.

— Podemos ir cedo e levar o pequeno-almoço connosco. Há-de estar uma luz maravilhosa para as tuas fotografias. O Simon tem o carro preparado por volta das sete. — Piet dirigiu-se à mesa das bebidas. — Alguém quer um conhaque? Vou tomar um para esquecer o dia em Nairobi. Anthony?

— Para mim não, obrigado. Parto logo muito cedo para esses detestáveis *shauris* da cidade outra vez. Fiquem vocês, aves nocturnas. — Sorriu a Sarah, notando o inconfundível rubor a cobrir-lhe as faces, mas ela estava determinada em mostrar-se audaz.

— Boa-noite, Anthony. E mais uma vez obrigada por hoje — disse ela. — Sim, um conhaque sabia-me bem, Piet.

Instalou-se um silêncio confortável entre ambos, sentados à lareira, olhando um para o outro de tempos a tempos e ouvindo o crepitar e

chispar da lenha e os gemidos de contentamento e leves ganidos dos cães que sonhavam estendidos no tapete.

— Fala-me então dos teus pais e do Tim — Piet mexeu-se na cadeira e esticou as pernas compridas. — Aposto que ficaram muito surpreendidos com a tua decisão.

— Surpreendidos é dizer pouco — Sarah suspirou ao recordar as discussões acesas. — Fizeram-me montes de advertências medonhas e tive uma discussão violenta com o Tim. Desde que ficou noivo daquela enfermeira parece um velho. Rabugento, medroso e chato.

— Sempre foi mais sensível que nós — Piet sorriu. — Não sejas dura com ele. De certeza que é só porque está preocupado contigo.

— O meu pai foi quem mais me apoiou — disse Sarah. — Fiquei espantada quando tomou o meu partido, sobretudo contra a minha mãe. Mas depois senti-me terrivelmente mal quando o deixei no aeroporto e percebi como sofria com a minha partida.

— Imagino que compreendeu que não adiantava nada tentar impedir-te depois de ver esse brilhozinho nos teus olhos. Pequena Sarah — a voz de Piet suavizara-se. — És uma senhora muito teimosa. Pensei que te tinham ensinado a ser dócil no convento. Ainda bem que faltaste a essas aulas e estás aqui.

— Eu sabia que era a decisão certa, embora desejasse que não tivesse sido uma questão tão conflituosa. — Sarah sentiu o coração bater descompassado e pensou se Piet também ouviria. — E estou nervosa com o trabalho. Não sei nada e posso não fazer nada de jeito. Além disso, vou ficar metida num acampamento com duas pessoas que podem nem sequer gostar de mim.

— Vai correr tudo bem — Piet falou com firmeza. — Tens uma grande intuição para a terra e para a vida selvagem e sabes muito mais do que pensas. O resto vais aprendendo aos poucos. Os Briggs têm feito lá um ótimo trabalho e são muito respeitados. E podes cá vir sempre que quiseses. — Os seus olhos estavam muito brilhantes à luz do fogo. — Estou tão feliz por estares de volta, Sarah, e sei que a Hannah sente o mesmo. Ela precisa da tua companhia, não tenho dúvidas disso. Langani agora é a tua casa. — Levantou-se e pegou-lhe na mão, puxando-a da cadeira. — Vamos levar as bebidas lá para fora e contar as estrelas. Para variar está uma noite límpida.

No alpendre, banhados pela luz das estrelas, puseram-se à escuta dos ruídos do mato. A mão dele acariciou levemente o cabelo na nuca dela e ela estremeceu.

— Estás com frio? — perguntou Piet.

Sarah abanou a cabeça e encostou-se a ele, desejando ficar assim para sempre. Quando ele acabou o conhaque de um trago e a virou para que o encarasse, sentiu-se desapontada.

— É melhor ires deitar-te, rapariga, se é para arrancarmos cedo. Tenho muita coisa para te mostrar, e temos muito que conversar. Vou levar-te à minha crista, como te prometi. — Baixando-se, beijou-a nos lábios. Ela cingiu-lhe a cintura com os braços, pousando a cabeça no seu peito, o bafo de ambos fundindo-se no ar frio. Desejou beijá-lo e saboreá-lo de novo, mas teve medo de se mexer, de destruir a magia. Os dedos dele moveram-se ao longo da linha do seu pescoço e desenharam a curva da sua face. Sentiu-se desfalecer.

— Sarah — murmurou ele —, tornaste-te uma beldade. E corajosa também, a voltar logo a seguir ao que aconteceu para concretizares os teus sonhos e os teus planos. Minha pequena Sarah... Só queria... — Afastou-se dela, pigarreando. — Infelizmente vais ter de trancar a porta do quarto. Um sinal de progresso, eh? É apenas uma precaução. O vigilante nocturno anda lá fora. Dorme bem. — Desapareceu num instante, assobiando para chamar os cães e ordenando a Mwangi que trancasse as portas.

Ela dirigiu-se para o quarto, desconcertada e frustrada com a mudança abrupta de Piet. Perguntou a si mesma quais seriam os desejos dele, passando os dedos pelos lábios que ele beijara, recordando o que ele dissera palavra por palavra. Deixou-se cair na cama, incapaz de pensar claramente para além do facto de estar ali com Piet e de não desejar mais nada. O riso sinistro de uma hiena ressoou na semiconsciência dos seus sonhos e, mais tarde durante a noite, a chuva começou a tamborilar no telhado mas ela não ouviu. Acordou com a leve pancada de Mwangi na porta.

— *Hodi, memsahib Sarah. Chai.* Espero que tenha dormido bem.

O sol era um disco flamejante cor de laranja num céu nebuloso. Enfiando uma camisola grossa por cima da camisa de safari, correu para o *Land Rover* ao encontro de Piet. Simon cumprimentou-a com solene cortesia e Kipchoge apertou-lhe a mão entre as suas, dando-lhe as boas-

vindas em suaíli e na língua da sua própria tribo. O mato fervilhava com o novo dia. Aves e macacos mergulhavam, gritavam e saltavam no meio das copas das árvores, precipitando um chuveiro de gotas das folhas molhadas. Zebras e búfalos-de-água dispersavam-se diante deles ao avançarem no caminho, derrapando e chapinhando em poças de água e salpicando o carro de lama vermelha. Uma girafa solitária mirou-os da sua elevada perspectiva, esticando lábios longos e pretos e uma língua áspera para morder os ramos superiores dos espinheiros. Kipchoge ia de pé na parte de trás do carro, segurando levemente na sua lança curta enquanto inspeccionava o horizonte na tentativa de vislumbrar o movimento de animais à distância. Ao longe, a oeste, viam abutres a planar no ar.

— É capaz de haver matança fresca além — disse Piet. — Anda por ali um bando de leões. Vamos lá ver o que apanharam.

Seguiram os círculos indolentes das aves até se depararem com a carcaça de uma zebra, o esqueleto completamente descarnado, embora Kipchoge declarasse que a matança tinha tido lugar nessa noite ou ao princípio da manhã. O estômago e o seu conteúdo de ervas semidigeridas tinha sido cuidadosamente posto de lado onde os abutres e depois os roedores mais pequenos e os insectos se banqueteariam até nada restar. Nenhum bocado seria desperdiçado no frenesim de comer e Sarah pasmou perante o facto de um animal vivo poder ser reduzido a um monte de ossos em tão pouco tempo. Interrogou-se se os colonos brancos de África sofreriam um dia a mesma sorte, as suas instituições e monumentos desabitados, expondo as entranhas na terra crestada pelo sol onde apenas restavam coisas selvagens. Piet saltou do carro e aproximou-se da zebra, levantando-lhe a cabeça com os olhos ainda brilhantes e abertos, comoventes na sua morte prematura. Simon e Kipchoge observavam, impassíveis, do carro, mas Sarah condoeu-se pela curta vida do animal. Contudo, não havia ali lugar ao sentimentalismo, muito menos no trabalho que ela tinha vindo fazer. Piet voltou para o *Land Rover* e pôs o motor a trabalhar.

— Vamos — disse ele. — Somos capazes de encontrar os leões a descansar depois do festim. Desconfio que não andam muito longe.

Estavam deitados à sombra de uma acácia, a algumas centenas de metros no caminho, saciados e letárgicos. Três leoas com as crias e, nas proximidades, na sombra matizada, Sarah distinguiu a juba escura de um

esplêndido macho. As crias olharam curiosas para o automóvel mas nenhum dos adultos se mexeu, excepto para bocejar ou abanar indolentemente uma cauda para enxotar uma mosca. A temperatura estava a subir e o ar enchia-se do canto das cigarras e da restolhada de babuínos noutra árvore. Ao longe, à esquerda, onde a savana se espraiava, pastavam manadas de zebras e gazelas, aparentemente indiferentes ao facto de que uma delas se perdera, talvez conscientes de que os leões não voltariam a caçar nesse dia.

As divisões no *lodge* estavam agora completamente mobiladas e Hannah plantara arbustos autóctones no caminho de acesso, disfarçando as marcas brutais da construção recente. Os edifícios tinham praticamente desaparecido no afloramento rochoso em que estavam implantados, como se tivessem brotado da terra com ele.

— Temos um radiotelefone ligado à fazenda — estava a dizer Piet. — E nas traseiras fica a garagem para as carrinhas de abastecimento e os jipes de safari. Contratei um mecânico que trabalhou vários anos numa oficina de *Land Rovers* em Nairobi, portanto, entende do ofício. Também olha pelo gerador e faz alguns biscates. Os depósitos de mantimentos e combustível estão escondidos além, atrás das rochas. Tudo o que os hóspedes vão ver é o bebedouro, o terreno salino e os trilhos de caça que levam à savana. Anda ver o salão e a sala de jantar acabados.

Foi à frente, aos saltos pelo caminho como um cachorro, obrigando Sarah a correr para o acompanhar.

— Eh, espera por mim — gritou. — Não adianta nada lebares-me numa visita guiada a esta velocidade.

— Desculpa. Deixo-me sempre entusiasmar aqui. — Voltou para junto dela, contrito mas a rir-se. — Quero que vejas tudo antes de irmos à crista. Achas que esses americanos requintados vão gostar? — Observou-a atentamente. Tinham chegado à plataforma de observação e ele pegou-lhe na mão. — Da última vez ficaste assustada com qualquer coisa. Recordas-te? Ainda sentes medo? É muito importante para mim saber o que pensas.

— Tantas perguntas! Dá-me hipótese de lhes responder uma a uma. — Sarah recordava vividamente a sensação que experimentara na plataforma. Mas hoje reinava a paz e ela apertou a mão dele e olhou o cenário tranquilo em redor do bebedouro e da clareira em baixo. Nada podia contaminar agora o sentimento de realização de Piet.

— É maravilhoso — observou. — Mágico. Os teus hóspedes vão adorar, tenho a certeza. E o que aconteceu da última vez foi uma estupidez. Já sabes como a Hannah está sempre a meter-se comigo por ter reacções estranhas. Na Irlanda, chama-se premonição e toda a gente parece ter um pouco disso. Foi o que foi. A sério. Este lugar é extraordinário. Adoro a escultura do leopardo na mesa grande.

Piet suspirou. — Foi muito cara. De todos os pontos de vista — retorquiu. Sarah olhou para ele, curiosa, mas ele afastou-se do leopardo de bronze. — Depois conto-te. É o tesouro pessoal da Hannah. — Indicou a sala com um gesto. — Sabes, houve momentos em que pensei que não ia conseguir acabar isto. Estava a absorver-me tanto tempo, a desviar tanto dinheiro da fazenda. — Fez uma pausa. — Já te tinha dito que o meu pai deixou as contas num caos e, no primeiro ano, tivemos problemas, quando estive aqui sozinho. E precisamente quando o banco começou a aliviar a pressão, o nosso trigo foi atacado por uma bactéria. E depois a chacina das vacas representou outro golpe. Além disso, tive de contratar *watu* adicionais para aumentar a segurança e de criar novos postos de trabalho para o *lodge*. Houve alturas em que pensei que todo o projecto se ia desmoronar. Ainda não sei como vou aguentar tudo. Só espero que comece a dar lucros desde o início, senão estamos em maus lençóis.

— Não deves desistir — disse Sarah veementemente. — Hás-de acabar por conseguir fundos. Tem fé em ti próprio, no que já realizaste. Construíste este sítio espantoso, o primeiro do género, e os clientes vão afluir em massa. Eu sei que vão.

— Deves ter razão. Ah, és o meu talismã da sorte, Sarah. Sinto-o intuitivamente, sim. Vamos organizar aqui uma *ngoma* para a inauguração... uma grande festa com danças. Os *watu* vão gostar. E tu tens de estar presente. — Piet agarrou-lhe no braço, triunfante e risonho. — E agora, queres dar uma volta a cavalo? Neste último mês, temos guardado aqui alguns cavalos para se habituarem aos trilhos. É bom tê-los no *lodge*, mas tivemos de pôr cá um vigilante nocturno a guardá-los.

— Não acredito que os caçadores furtivos...

— Os caçadores furtivos não — Piet abanou a cabeça e sorriu. — Desta vez são os grandes felinos. São capazes de cheirar a carne de cavalo a quilómetros de distância. Para os leões e os leopardos é uma iguaria e é com todo o prazer que aqui vêm servir-se do jantar.

— Tencionas então organizar passeios a cavalo para os teus hóspedes?
— perguntou Sarah.

— Com um guia, armado com uma espingarda, pelo sim, pelo não. Acho que é boa ideia. Vamos?

Partiram lentamente, contornando as manadas. De início os animais dispersaram-se mas, pouco depois, limitaram-se a observar, de caudas a abanar e os narizes húmidos a tremer. Simon cavalgava ao lado deles e Kipchoge ia atrás em passo travado, com uma velha arma que pertencera a Jan. Várias zebras relincharam, viraram as garupas gordas e trotaram a par com os cavalos. Sarah sentiu a montada estugar o passo, esquivando-se e empinando-se no meio daquelas estranhas criaturas, os músculos tensos com o desejo de correr à frente delas. Piet fez um sinal e largaram a galope, sentindo o solo tremer com o estrondo de centenas de cascos até que deixaram a manada para trás e começaram a subir gradualmente, avançando cautelosamente por um trilho pedregoso que levava ao flanco da crista de Piet. O caminho era íngreme, e pouco depois tiveram de desmontar, andando em fila indiana no meio do ruído de pedras soltas que os cascos dos cavalos desalojavam, fazendo-as despenhar-se pela escarpa sobre os arbustos em baixo. Por fim, o terreno tornou-se demasiado alcantilado e Piet estacou.

— O Simon e o Kipchoge podem prender os animais e esperar aqui por nós. Anda, Sarah. A última escalada até ao cume. Mas o esforço compensa.

Foi à frente através das pedras até alcançarem o cimo da crista. Colocando-lhe as mãos na cintura, virou-a lentamente para que Sarah contemplasse o panorama inteiro diante de si. Fustigada pelo vento, ela olhou à sua volta, assombrada. A fazenda de Langani estendia-se em baixo, banhada numa tonalidade refulgente. Viu a extensão comprida e baixa da casa com os estábulos e os anexos, as vacarias de Hannah e a zona de ordenha. As vacas leiteiras pareciam brinquedos nos pastos verdes e o vento agitava as searas numa ondulação dourada. Movendo-se um pouco, avistou as casas de colmo da sanzala e depois a escola e o dispensário de telhado vermelho de Lottie. Logo a seguir, os edifícios do *lodge* emergiam das frondosas copas das árvores e da terra-de-siena das rochas que formavam o *kopje*. No meio distinguia-se a curva do rio e o *bundu*, sarapintado de mato rasteiro, das copas arredondadas das acácias e

das pontas vermelhas das termiteiras. Tudo parecia perfeito como uma maquete pousada sobre uma mesa gigante para gáudio dos deuses. Sarah abriu completamente os braços e Piet recuou para a observar com terno divertimento. Estava salpicada de lama da cavalgada, soltando gargalhadas exuberantes, num rodopio frenético, e gritando que era o lugar mais maravilhoso do mundo. Quando ficou demasiado tonta, apanhou-a e ela encostou-se a ele, tentando limpar a terra seca dos olhos e criando um desenho de fios vermelhos na cara.

— Com essa máscara que fizeste pareces um daimão das rochas — disse ele, tirando um lenço do bolso para lhe limpar as manchas. Sarah susteve a respiração quando ele se debruçou, colocando uma mão nas suas costas e puxando-a para si com a outra para lhe limpar a cara.

— Pronto. — Meteu o lenço no bolso sem a largar.

Ela ficou imóvel por um momento e depois lançou-lhe os braços ao pescoço e aproximou a boca para ser beijada. Ele era o único homem que alguma vez desejara. Amava-o. Ele levava-a ali, ao seu lugar especial, e isso tinha de significar alguma coisa. Piet baixou a cabeça e os seus lábios encontraram os dela; puxou-a então contra si, desencadeando uma onda de prazer que lhe percorreu todo o corpo, e beijou-a repetidamente, na boca, na testa, nos olhos, na garganta, até lhe cortar a respiração. Ela tocou nos pêlos curtos da nuca dele, deixou os dedos correr ao longo do contorno do seu maxilar e enterrar-se na sua cabeleira dourada e quente, descendo então novamente para lhe traçar as maçãs do rosto e o pescoço largo e forte. Por fim, afastaram-se um pouco um do outro e ficaram a olhar-se de dedos entrelaçados.

— Anda sentar-te. — A voz dele era rouca. Levou-a a um assento esculpido na rocha e sentaram-se lado a lado, observando a paisagem em baixo. Pegando-lhe na mão, Piet beijou-lhe os dedos um a um e ela encostou a cabeça ao seu peito.

— Li o teu poema — disse ele em voz baixa. — O poema de Masfield que recitaste em Gedi, sabes? Não me saía da cabeça. Fui para casa e procurei-o. A primeira parte é muito pessimista. Mas Langani não há-de ser como essas cidades em ruínas. Há-de viver e prosperar. Com visão e determinação. Tu tens essa visão, Sarah. Instilas-me coragem e fé em mim mesmo. És a minha inspiração. Como os últimos versos do poema.

«...que o espírito mergulhe
No seu próprio mar, até que as profundezas
Revelem o ouro submerso da vida,
E, embora os Homens feneçam, Algo resista
Ao Tempo que tudo cobre e apaga da vista.»

Cingiu-a com ambos os braços e pousou o queixo no alto da cabeça dela. — Sou um parvo rematado, Sarah. Ansiava pela minha alma gêmea e pensei...

— Não precisas de dizer isso, Piet. — Virou-se para lhe tapar a boca com os dedos. — Seria difícil não...

— Mas sim, preciso de dizer. Não quero que haja assuntos proibidos entre nós. Estava louco por ela. Uma idiotice, pensando bem. O rapaz do campo africânder a perseguir a princesa. — Ela fez um som de protesto, mas ele sorriu-lhe. — Não havia aí finais felizes, eh? Ela entrou-me no sangue e, por algum tempo, tive esperança que sentisse o mesmo. Como um ataque de malária, do género que volta a aparecer quando se julga que se está curado. E acabei a fazer figuras tristes.

— Não! — disse Sarah. — Ela é que tentou fazer de ti parvo. Usou-te, magoou-te e eu fiquei tão furiosa com ela que a nossa amizade quase acabou. Foste muito afectuoso com ela quando fizemos o safari, considerando o que ela te fez. Deve ter sido penoso. Ver o Anthony...

Calou-se, pouco à vontade. Não queria de maneira nenhuma falar de Camilla. Não queria que ela ensombrasse a crista de Piet. E ele tê-la-ia realmente esquecido? Tinha medo de lhe perguntar. E se não passasse, para ele, de uma segunda escolha? Alguém que ele sabia ser-lhe afeiçoada, que era uma amiga do peito da irmã. Sarah fechou os olhos, em pânico. Sentiu a mão de Piet debaixo do queixo a virar-lhe a cara.

— Há coisas de que temos de falar, Sarah. Está a nascer entre nós um sentimento maravilhoso e profundo. Mas preciso de tempo para resolver os problemas de Langani.

Sarah quis confortá-lo mas não queria interromper o seu raciocínio.

— Estou também preocupado com a minha mãe. Desde que partiram para a Rodésia, o meu pai está em farrapos e continua a beber. Eu sei que a Hannah te contou por que razão se veio embora. Pediu à minha mãe que viesse para casa depois do assalto mas o meu pai... não sei, acho que já

não se sente útil em Langani. E a minha mãe recusa-se a deixá-lo lá sozinho.

— A Hannah deve ter ficado muito desiludida — disse Sarah.

— A minha irmã é uma rapariga maravilhosa. Corajosa. Sente-se só e, desde o roubo, tem sido duro para ela. Eu não tenho sido grande ajuda. Ando muito por fora, na fazenda e no *lodge*. E o Lars também. Durante algum tempo, pareceu-me que havia qualquer coisa entre eles. É boa pessoa, o meu amigo Lars. Estável. De confiança. Mas ela ficou num estado de espírito estranho depois do assalto. Depois o Viktor Szustak... o meu arquitecto, lembras-te?... começou a aparecer aqui regularmente, a ficar lá em casa e a atirar-se à Hannah. O Viktor é um perigo porque aquilo não vai durar e só pode ter um desfecho desastroso para a Hannah quando ele partir para outra. O Lars anda furioso e gerou-se uma situação terrível.

— Isso explica muita coisa — observou Sarah. — Ontem reparei na tensão entre eles.

— Tensão é um eufemismo. É como viver na encosta de um vulcão! O Lars e a Hannah não se podem ver quanto mais trabalhar juntos. Se a coisa piorar, receio que ele se vá embora. E não sei como me desenvencilharia sem ele. Não posso livrar-me do diabo do Viktor enquanto o *lodge* não estiver concluído mas já o avisei que não deve magoar a Hannah.

— E?

— Limita-se a rir e diz que ela é esplêndida e que a adora. E a Hannah diz-me que não é nada comigo.

— Posso tentar falar com ela, descobrir o que realmente sente. Coitado do Lars. Ama-a de verdade... não tenho dúvidas disso. O mais triste é que é absolutamente perfeito para ela, se ela não fosse tão estúpida.

— Eu sei — Piet dirigiu-lhe um sorriso de esguelha. — Parece ser de família. Mas esta paixoneta da Hannah não vai levar a lado nenhum. O Viktor nunca assentaria numa fazenda. Em sítio nenhum, aliás. E a Hannah nunca deixaria Langani. Pelo menos, não me passa pela cabeça que deixasse. — Fez uma pausa, apertando-a com mais força. — Mas chega dos meus *shauris*. Tu comesças um trabalho novo na próxima semana. Uma vida nova. Sempre que conseguir escapar, hei-de visitar-te em Buffalo Springs. Mas, seja como for, passas o Natal em Langani

comigo e com a Hannah. E pode ser que o meu pai e a minha mãe também venham. Achas bem?

Sarah deslizou para o colo dele e lançou-lhe os braços ao pescoço. Ia ser penoso. Tinha vontade de apregoar o seu amor aos quatro ventos mas sabia que devia ser cautelosa. Não devia pressioná-lo. Por agora bastava viver aqueles momentos e guardá-los no coração. Piet beijou-a de novo, cingindo-a com força e pegando-lhe depois na mão.

— É melhor descermos até onde estão os cavalos. O Kipchoge e o Simon devem estar paralisados.

Tinha começado a chover quando chegaram ao *lodge*. Piet desmontou e ajudou Sarah a descer, apertando-a ao levantá-la da sela e olhando-a nos olhos. Ela estendeu a mão para lhe passar os dedos pelos lábios.

— Já chegaram. Que tal o passeio? — Hannah saudou-os alegremente. Sarah virou-se, surpreendida, e atarefou-se com as correias dos estribos, escondendo a cara do olhar entendido de Hannah. Atrás dela, David estava nos degraus com o seu uniforme de sarja engomado e avental de cozinheiro. — Temos um almoço especial — declarou Hannah. — Só têm tempo para se refrescar.

— Agora sei como esses leões se sentiam hoje de manhã — disse Sarah mais tarde, com um gemido. — Custa-me a crer que tenha comido tanto. Não vou conseguir mexer-me durante uma semana.

— É um prazer ver o Piet outra vez tão otimista — disse Hannah. — Ultimamente as coisas têm corrido mal. Ele estava a perder o ânimo. Estávamos todos.

— Eu sei que ainda estão a precisar desesperadamente de ajuda financeira.

— Quando foi a última vez que falaste com ela? — perguntou Hannah, o tom agressivo a reflectir a mudança de assunto.

— Há uns dias. Tencionava passar por Londres mas ela não quis estar comigo.

— É evidente que não chegou a falar com o pai. Fiquei tão preocupada com ela. Sentia-me em parte responsável pelo que aconteceu porque ela estava aqui na nossa fazenda e organizou as nossas férias fantásticas com o Anthony. Fez tantas coisas, parecia tão feliz. Tão preocupada com Langani. E, depois de ela partir, eu só pensava como devia andar assustada depois do ataque. E por ter ficado, quem sabe, com a carreira destruída.

— Acho que a cara dela vai ficar boa.

— Não posso estar sempre a ligar-lhe — disse Hannah. — Sai muito caro. Ela nunca respondeu à minha carta. Temos de admitir. Todas as belas promessas que fez não passaram de promessas balofas. Langani é uma recordação triste que ela quer esquecer. Acho que se está a marimbar para nós.

— Não sei, Han. Pareceu-me tão estranha ao telefone. Disse que tinha estado com o George. Não falaram sobre Langani mas contava que ainda falassem. Pensei que tinhas tido notícias dela porque ela falou em voltar para cá.

— Devo admitir que tive pena dela por causa do Anthony. Foi duro.

— Pois foi. Lembro-me de tu dizeres que ele é fantástico quando anda no mato mas bastante superficial quando se trata dos sentimentos dos outros. Teve a paixoneta dele com a Camilla e depois deu-lhe com os pés. Ela ficou absolutamente destroçada.

— Agora já sabe como o Piet se sentiu quando o pôs de rastos — retorquiu Hannah.

— Hannah!

— Desculpa. Foi maldoso o que disse. Espero que a cara dela fique sem marcas e que possa continuar no caminho da fama e da fortuna. Mas custa-me a aceitar que nunca tenha falado com o pai. Quanto ao Anthony, não somos responsáveis pelo comportamento dele. Tenho a certeza de que ele não fez promessas nenhuma. Já sabes como são estes caçadores. Ora, já chega de falar da Camilla.

— Tens razão. E a fazenda?

— Agora menos mal. O que aconteceu às vacas fez uma grande moessa no rendimento da vacaria. Os vaqueiros ficaram assustados e dois deles desapareceram assim que receberam os salários no fim do mês. O Piet e o Lars regatearam com o banco e compraram alguns bezerros a um bom preço e agora estamos a voltar gradualmente à normalidade. — Hesitou.

— Ele é esperto quando se trata de negociar, o Lars.

— Vocês os dois não parecem dar-se muito bem.

— Já te disse, ele acha que tem sempre razão e interfere em coisas que não lhe dizem respeito. — Hannah mexeu-se na cadeira, irritada. — Não consigo trabalhar com ele. E é só porque estou envolvida com outra pessoa que ele está a ser um chato insuportável.

— Quem? Anda lá, Hannah, conta!

— O Viktor. Ele é espantoso, Sarah. Tão excitante, e exótico e romântico. E quando faz amor comigo, sinto-me bela. Está sempre a dizer-me que me adora e que só quer que eu seja feliz.

Os olhos de Hannah estavam luminosos e a sua expressão resplandecia, ao falar sobre ele com as mãos muito apertadas. Sarah sentiu uma ponta de medo por ela. Aquele homem tinha despertado nela uma emoção poderosa, tornando-a vulnerável.

— Ele ama-te? — perguntou. — Já sei que é maravilhoso e excitante e tudo isso, mas bem viste o que aconteceu com a Camilla.

— Claro que ama. Não é frívolo como o Anthony. Suponho que não aprovas que eu durma com ele.

— Essa decisão é tua, Han. No meu caso, teria de existir um compromisso sério e também é uma questão religiosa. Mas o Viktor tem uma certa fama, sabes? Não digo que não esteja louco por ti mas...

— Pareces o Lars. E o meu irmão. — Olhou para Sarah, desconfiada. — Estiveram a falar contigo? A convencer-te a salvas-me das garras do Viktor?

— Claro que não — apressou-se Sarah a dizer. — Espero que o Viktor te faça feliz para sempre. Mas a verdade é que pensei que tu e o Lars faziam um par perfeito. Sempre pareceram feitos um para o outro.

Hannah abanou lentamente a cabeça. — Quando o vi ali prostrado naquela noite, a sangrar e com a cara numa papa, fiquei cheia de medo que morresse. Pensei que não conseguia sobreviver sem ele. E depois, no hospital, senti-me bem a ampará-lo, a dar-lhe a sopa, a ver como se sentia grato. — Calou-se, atrapalhada. — Beijei-o uma ou duas vezes, de um modo fraternal. Mas quando voltei para a fazenda depois do roubo, foi horrível. Estava constantemente com medo. Ouvia coisas, via vultos nos arbustos lá fora ou no alpendre. Só conseguia sentar-me se tivesse uma parede sólida atrás de mim. E à noite era pior. Não queria estar sozinha mas não podia ir a correr para o Piet como uma criança e pedir para dormir com ele. Foi um perfeito pesadelo. Viste o que eles fizeram aos cães. — Os seus olhos encheram-se de lágrimas. — Não conseguia pensar em mais nada senão no cheiro daquele tapete por cima de nós e no som dos tiros, convencida que tinham matado o Piet, e depois na cara da

Camilla e no Lars a sangrar e a dizer piadas estúpidas para eu não me ir abaixo.

— Só queria ter podido ficar — Sarah pegou na mão de Hannah. — Eu sei como são os pesadelos. Se tivéssemos estado juntas...

— A verdade é que fui ao quarto do Lars uma noite. Pouco depois de ele regressar à fazenda. Estava aterrorizada e queria que alguém me abraçasse. Mas como o Piet me ouviu bater à porta e chamou por mim, fui à cozinha e fiz uma bebida quente e depois o Lars apareceu. Também me tinha ouvido. Levou-me outra vez para o quarto, aconchegou-me na cama como se eu fosse uma criança e foi-se embora. Chorei até adormecer. Mas se ele tivesse ficado comigo... não sei... — Encolheu os ombros. — Depois o Viktor apareceu. O meu príncipe das trevas, como ele se intitula. Não sou capaz de explicar como me faz sentir, Sarah. Quando não estou com ele, o meu corpo anda em fogo até voltar a vê-lo.

— Quando é que o vou conhecer?

— Esta semana está a supervisionar uma obra na costa. Conto todas as horas que ele está ausente e todos os segundos do tempo que passo aqui com ele. Incrível, não é? Eu a derreter-me ao toque de um homem! — Soltou uma pequena gargalhada mas, quando tornou a falar, a sua voz estava cheia de tristeza. — Tenho tantas saudades da minha mãe, sabes?

— Como estão as coisas por lá? — perguntou Sarah. — Foi um ponto de viragem enorme com o Smith e a Declaração de Independência Unilateral.

— Não sei. A violência e os assassínios continuam a aumentar. O meu pai tem de sair cada vez mais em patrulha e o primo dele escolhe-o sempre que há uma escaramuça na área. A minha mãe diz que o homem é completamente louco. Parece tão desesperada quando falo com ela. Continuo a sentir-me culpada por a ter deixado. Mas não podia ter ficado e, para já, não vejo maneira de eles voltarem.

— Então tens o tempo todo ocupado com a fazenda. E com o Viktor.

— Mais ou menos. E o Piet é igual ao Lars... são como irmãos. Nenhum deles consegue suportar a ideia de eu estar apaixonada pelo Viktor. Por ninguém, aliás. O Piet deu um murro uma vez num tipo que me estava a beijar no Nanyuki Club, sabes? É pior que o clérigo da Igreja Reformista Holandesa!

Riram-se as duas, assustando um par de javalis-africanos que andava à procura de um banho de lama.

— E por falar no Piet...? — disse Hannah, franzindo a testa numa expressão interrogativa.

— Sabes tanto como eu. — Sarah passou os dedos pelo cabelo empoeirado. Não foi capaz de encarar Hannah.

— Continua a ser um estúpido — disse Hannah. — Mas ama-te de verdade. Eu sei e ele também sabe, ainda que não se tenha mentalizado disso. Dá-lhe tempo. Anda tão obcecado com a fazenda e o *lodge* e tudo.

— Achas que ele já esqueceu mesmo a Camilla? — perguntou Sarah, profundamente insegura. Na crista beijara-a. Mas não dissera que a amava. Relatara-lhe, pelo contrário, uma infinidade de problemas.

— Tu e o Piet foram feitos um para o outro, Sarah. São almas gémeas — disse Hannah. — Ele dá valor à tua opinião, conta-te coisas que nunca discute com mais ninguém. Sabe que tu o compreendes e está sempre a falar em ti quando não estás cá. Já notei a maneira como olha para ti. Como hoje, quando interrompi o vosso momento de intimidade. — Esboçou um sorriso malandro. — Não te aflijas com o estúpido do meu irmão. Ele há-de cair em si. E tu tem cuidado quando isso acontecer.

O fim-de-semana passou num instante, as horas e os minutos devorados a uma velocidade implacável que Sarah não podia controlar. Trabalhou com Hannah no dispensário, visitou a vacaria, contou sacos de ração e fertilizante nos celeiros, coseu bainhas em cortinas para o *lodge* e encaixilhou gravuras com madeira que apanhou na floresta. De manhã cedo andava a cavalo com Piet e, quando o sol subia queimando o solo, paravam à sombra de um espinheiro e procuravam-se um ao outro, tocando-se, explorando-se e trocando carícias. Depois, ele partia para trabalhar com Lars. Ela e Hannah ouviam-nos com frequência a praticar com as espingardas.

No último dia da sua estadia, Sarah achou o clima entre Lars e Hannah particularmente tenso. Hannah andara nervosa todo o dia — Viktor não telefonara e ela não sabia quando ele voltaria a Langani. Quando a chamada chegou durante a tarde foi Lars quem atendeu. Disse a Viktor que não sabia onde Hannah estava. Mais tarde, houve uma discussão acesa à porta do escritório e Lars desapareceu numa fúria e só reapareceu para jantar.

— Vais voltar para o Natal, Sarah, e para a inauguração do *lodge* e também para a *ngoma* — disse Piet, quebrando o gélido silêncio à mesa. — Talvez os Briggs também queiram vir. Vai ser uma ocasião memorável para os empregados, e para os anciãos locais, para as mulheres e para os *totos*.

Quando a refeição terminou, Sarah sentiu-se aliviada e Piet afastou-lhe a cadeira e perguntou-lhe se queria tomar o café lá fora.

— Está fresco — disse ele. — Mas não está tão mau como aqui dentro.

— Tens razão — disse ela, rindo. Estavam apoiados na balaustrada do alpendre, os seus ombros tocando-se. — Pareces um pouco preocupado. É por causa do que se está a passar com eles?

— Não — respondeu ele. Acendeu um cigarro, inspeccionando a zona às escuras em frente à casa enquanto fumava. — Recebi uma chamada do Jeremy Hardy hoje e ele é capaz de ter razão quando diz que os incidentes aqui estão todos ligados. Mais ninguém na região teve problemas como os nossos recentemente. E se for de esperar mais sarilhos, neste momento não tenho segurança suficiente. Cada vez mais me convenço que o meu pai tinha razão quando dizia que nunca iríamos receber apoio das organizações britânicas porque somos africanos. — Deu um murro no pilar do alpendre. — E os novos brancos destacados junto do governo são quase piores do que a velha guarda porque nunca puseram os pés em África, mas chegam armados de manuais e ideias e soluções feitas que não funcionam aqui. E não dão ouvidos aos que consideram brancos do anticamente.

Piet tirou uma última fumaça do cigarro e apagou-o, furioso. Olhou para a sala de estar mas estava vazia. Hannah tinha ido deitar-se cedo e Lars estava no escritório a pôr a papelada em dia.

— Lembras-te da última vez que dançámos aqui em casa? — perguntou. — Quando a Camilla ensinou o Lars a dançar o *twist*? Lembras-te? Que lhe terá acontecido? Não acredito que nos tivesse deixado ficar mal. Acho que o pai decidiu ignorar-nos, como os outros todos. Ela sabia como estávamos dependentes dela mas foi apanhada entre o pai e nós. Ou então está a ter problemas com o ferimento na cabeça. É horrível pensar que pode ficar marcada para toda a vida. Eu sei que tentaste falar com ela antes de partires. Se calhar está sem trabalho, ou assustada ou deprimida, e tu devias ter lá ido. Para saber como ela estava. Pobre Camilla...

As palavras dele despertaram em Sarah o sentimento de culpa que já a atormentava. A insegurança e a frustração explodiram numa raiva impotente.

— Maldita Camilla! É sempre a Camilla e o que ela está a pensar ou a fazer! Aposto que neste momento está numa discoteca qualquer em Londres, a beber champanhe pendurada num fotógrafo qualquer cheio de tesão! Quando é que vais perceber que ela se está completamente a marimbar para nós? A única pessoa que ela quis foi o Anthony e provavelmente porque ele nunca se deixou apanhar nas malhas dela. Porque é que nunca és capaz de ver mais que um palmo à frente do nariz? Estou farta de ouvir falar da Camilla e do que pode estar ou não a fazer. Amo-te desde o primeiro momento em que te vi. Teria feito tudo por ti. A ela não hesitaste um momento em declarar-lhe o teu amor mas a mim nunca disseste que me amas. Mesmo na crista, quando me beijaste, não o disseste. E não foste capaz de dizer que tinha acabado... essa coisa com a Camilla. — Através das lágrimas humilhantes que lhe toldavam a visão viu a expressão atónita de Piet, o que só atizou mais a sua fúria. — Fica lá com a tua paixão assolapada pela Camilla. Eu nunca poderia competir com ela. Mas digo-te uma coisa... o que eu tinha para te oferecer, se quisesses, nunca te teria desiludido nem envergonhado nem usado. Nunca!

Calou-se, horrorizada com as suas palavras. Mas não tencionava retirar nada do que dissera. Piet estava boquiaberto a olhar para ela, paralisado de surpresa.

— Merda! — Sarah rodou nos calcanhares, gritando à noite. — Merda, porra, gaita! — Ouviu-o produzir um som estrangulado e deu meia-volta, inflamada de provocação. — Peço desculpa. Normalmente não digo palavrões. A verdade é que te amo, Piet van der Beer. Amo-te e não quero saber que me ouçam. Mas não estou à altura da esplendorosa e loura Lady Camilla. Portanto, amanhã de manhã vou-me pôr simplesmente a andar para Buffalo Springs e tu podes voltar a ser um rapaz do campo estúpido, como disseste!

Estava prestes a escapar para o refúgio do seu quarto quando Lars apareceu do escritório, apercebendo-se do rosto irado e lavado em lágrimas de Sarah.

— Peço desculpa por interromper a vossa conversa — disse. — Mas o Juma diz que há um *shauri* qualquer na sanzala. Uma briga. Acho melhor

irmos lá antes que fique fora de controlo.

Piet saiu do alpendre sem uma palavra e Sarah ouviu o *Land Rover* a arrancar por sobre as pedras soltas do caminho e viu o reflexo dos faróis nas árvores. Pensou em desabafar com Hannah. Mas a ideia de confidenciar a sua tontice a alguém que estava tão gloriosamente apaixonada era demasiado penosa. Dirigiu-se rapidamente para o quarto e fechou a porta atrás de si. Estava acabado, então. Tinha destruído qualquer sentimento que Piet nutrisse por ela. Atirara-se a ele como uma mulher impertinente, traíra Camilla num acesso de raiva ciumenta e, ainda por cima, fizera uma completa figura de parva. Com um gemido, deixou-se cair na cama e bateu com os punhos na almofada, furibunda com a sua própria estupidez.

CAPÍTULO 19

Quénia, Novembro de 1965

Piet não deu sinais de vida ao pequeno-almoço. Sarah esperava que ele já andasse pela fazenda para não ter de o encarar. Não lhe ocorria nada que pudesse dizer que rectificasse o desastre da noite anterior. Lars e Hannah estavam sentados em lados opostos da mesa.

— Ovos estrelados com salsichas e *bacon* para *memsahib* Sarah? — perguntou Mwangi. Conhecia as preferências dela.

— Só café, Mwangi, obrigada — Sarah sorriu com esforço. — Com torradas, talvez.

— Estás bem, Sarah? — Hannah estava agora a olhar para ela. — Estás com um ar pálido. E cansado.

— Realmente estás com mau aspecto — concordou Lars. — Mas devias comer, sabes... a viagem até Isiolo é longa, sobretudo se recommençar a chover. Tenho de ir a Nanyuki buscar provisões e, se quiseses, posso levar-te.

— Obrigada. Mas estou bem. A sério. Não dormi muito bem, é tudo. Que aconteceu ontem à noite na sanzala?

— Espero que não tenha sido isso que te tirou o sono — disse Hannah. — Não foi nada de importante. Está tudo resolvido.

— Mas houve alguma briga?

— Já sabes como eles são — Hannah encolheu os ombros. — Extremamente supersticiosos. O Kamau e o David encontraram uma galinha morta à porta da cubata com a cabeça cortada e as entranhas espalhadas pelo chão. Pensaram que era um feitiço qualquer. O David disse que o Simon tinha rogado uma praga ao pai. Depois começaram à bulha. O pobre Simon negou tudo. Mas como é o recém-chegado apanhou com as culpas. E o David tem ciúmes dele.

— Mas eu pensei que o David se sentisse orgulhoso por ser o cozinheiro — disse Sarah, perplexa.

— E sente — respondeu Lars. — Mas ele e o Kamau nunca aceitaram o Simon. Continuam a pensar que ficou com o melhor trabalho no *lodge* em detrimento dos mais antigos. Seja como for, parece que o Simon passou quase toda a noite a beber na cubata dele com o Kipchoge, portanto, não vejo que possa ter sido o responsável. Tentou convencer o David mas acho que estavam todos demasiado bêbados. Ainda estão transtornados com o que aconteceu ao gado e o David queria pegar-se com alguém. Quando chegámos, o Simon estava com um olho inchado e tolhido de medo. Sabe-se lá quem matou a maldita galinha ou porquê. Era um ritual de sacrifício típico. O Piet acha que pode ter sido o David para poder culpar o Simon. É impossível saber. De qualquer modo, já passou. Até à próxima.

— Coitado do Simon — disse Sarah. Mas sentia-se aliviada porque o incidente a tinha impedido de continuar a fazer uma figura ainda mais triste.

— Vim ver onde estavas quando o Lars e o Piet saíram mas já tinhas ido deitar-te — disse Hannah.

— Precisava de me deitar cedo — Sarah estava a arder de embaraço. — Mas não dormi. Todas estas mudanças... sabes como é. E de manhã cedo nunca estou no meu melhor. Deves lembrar-te como eu era rezingona na escola até ao fim da primeira aula.

Mexeu o café, concentrando-se na colher a rodar no líquido escuro e a criar um remoinho turvo como aquele que a sugara na noite anterior. A porta da sala de jantar abriu-se e ela sentiu um baque no coração ao ver o reflexo de Piet no espelho por cima do aparador. Ele trauteava qualquer coisa entre dentes. Sarah murmurou uma saudação e manteve a cabeça baixa. Achou que ele estava com um ar de absoluta despreocupação. E provavelmente tinha boas razões para isso, agora que a tinha descartado como uma histérica ciumenta, decidido a tratar o seu comportamento com o desprezo que certamente merecia. Passou por ela para tomar o seu lugar à mesa. Sarah distinguiu então as palavras que ele estava a cantar.

— *Merda, porra, gaita, só um cego não vê a verdade...*

A cara dela ficou vermelha como um tomate e ele cantou as palavras um pouco mais alto para que todos ouvissem.

Hannah olhou para ele, espantada. — Francamente, Piet. Não vês que estás a embarçar a Sarah?

— Estou? — Piet olhou para Sarah com um sorriso ingénuo. — Ah, pois. Tinha-me esquecido. Como foi educada num convento e tudo isso, nunca usaria palavras destas.

Sarah levantou-se abruptamente. — Vou preparar as minhas coisas. Estou pronta quando estiveres, Lars.

Saiu a correr, com a cantiga dele a zunir-lhe nos ouvidos. Na segurança do quarto, lavou os dentes com ferocidade e meteu as últimas coisas na mala. Ao fechá-la, ouviu um som atrás de si e, quando se virou, viu Piet encostado à ombreira da porta a observá-la. Fechou brevemente os olhos e lançou-se num pedido de desculpas mas ele cortou cerce.

— Não te posso levar a Nanyuki hoje — declarou. — Há muito que fazer antes da chegada do homem do Departamento de Caça. O Lars levante.

— Obrigada — disse ela num fio de voz.

— Tenho de ir andando agora — disse Piet.

— Sim. Claro. Então adeus. Eu...

Calou-se, consciente do facto de ter arruinado a sua amizade com a pessoa que, para ela, era mais importante do que qualquer outra no mundo. Depois Piet atravessou o quarto em passos largos e agarrou-lhe no braço. Ela olhou para ele, assustada, mas ele estava a rir-se quando a puxou para si para a beijar.

— Mas que rapariga surpreendente me saíste, Sarah Mackay! E apetitosa também, apesar da tua linguagem medonha. Imagino que a aprendeste com o teu irmão. Ou foi com as freiras? Não, não deve ter sido com as freiras. Tens de ter cuidado para não chocares os teus novos patrões. — Sorriu-lhe, afastou-lhe o cabelo da cara e voltou a beijá-la. — Felicidades para o emprego. Liga-nos pelo rádio quando lá chegares. Volta depressa, hein? Fico à espera.

Antes que ela pudesse recobrar o fôlego, desapareceu, deixando-a completamente confusa. Tinha simplesmente estado a troçar da sua explosão infantil? Ouviu-o caminhar pelo alpendre, a cantar alegremente.

— *Merda, porra, gaita, só um cego não vê a verdade...*

— Que cena foi aquela na sala de jantar? — Hannah acompanhou-a à *pickup* onde Lars estava à espera.

— Que cena? — Sarah tentou ser vaga, consciente de que não tinha jeito nenhum para mentir.

— Porque é que o meu irmão está tão esquisito esta manhã? E aquela canção horrorosa era para ti. Que se passa?

— É uma piada estúpida. Depois explico-te, Han. — Sarah não sabia como interpretar Piet e não era altura para confissões. Lars tinha posto o motor a trabalhar.

Hannah fez um esgar. — Está bem... faz caixinha, se quiseres.

— Quando voltar, conto-te. — Sarah apertou a mão de Hannah. — Obrigada por tudo. Assim que me instalar, entro em contacto contigo.

Lars meteu primeira e afastaram-se pelo caminho. Lars olhou para ela reflexivamente e Sarah pensou se ele teria ouvido alguma coisa da sua explosão na noite anterior. Desejava dizer-lhe qualquer coisa acerca de Hannah mas receava interferir e correr o risco de agravar a situação entre eles. Os problemas ficaram por exprimir na cabina da *pickup*. Ao pararem no Silverbeck, Sarah inclinou-se e pegou-lhe numa mão.

— És uma pessoa maravilhosa, Lars — disse. — E eu sei que as coisas neste momento não estão fáceis. Mas aguenta mais algum tempo. O Piet está dependente de ti... és o braço direito dele. E a Hannah adora-te, Lars, mas não da forma que tu queres. Pelo menos por agora. Tenta ser paciente. Não desistas dela. E olha pelo Piet por mim, prometes? Eu sei o que sentes, Lars, porque já passei por isso. Mas tu és forte. E, apesar do que sentes agora, não percas a esperança. Nunca.

Abraçou-o e foi à mala do carro para pegar na bagagem. Pouco depois, Lars seguiu-a. Estava a tartamudear qualquer coisa que ela não percebeu em resposta às suas palavras mas, quando pôs as malas no chão, estava a sorrir. O *Land Rover* de Allie Briggs, salpicado de lama e carregado de provisões, já se encontrava estacionado à sombra de uma grande tulipa-de-áfrica. Dois africanos de uniforme de sarja caqui estavam sentados na parte de trás. Sarah foi encontrar a sua nova patroa no átrio e Lars apresentou-se brevemente, despediu-se e foi-se embora. Allie apertou a mão de Sarah energicamente.

— Prazer em voltar a ver-te — disse ela. — Pedi um caril para as duas. Espero que gostes. Conheces este sítio?

— Não. Nunca estive...

— Parece que a linha do equador atravessa ali o bar... — Allie fez um gesto com a mão. — Pelos vistos, a água da banheira dos quartos de um dos lados da linha do equador escoar-se no sentido dos ponteiros do relógio e a água dos outros no sentido contrário. Desconfio que é particularmente verdade quando se observa à noite depois de uns copos — disse ela, a sorrir. — Assim que almoçarmos, metemo-nos à estrada.

A *pickup* de Langan tinha desaparecido. Sarah sentiu-se tímida, sem jeito e desprotegida sem Lars. Pensou no que poderia dizer àquela mulher competente e conhecedora na viagem para norte. Na sala de jantar várias pessoas cumprimentaram Allie e ela apresentou a sua nova investigadora. Sarah começou a relaxar um pouco. Estava a fazer perguntas sobre o acampamento e o trabalho quando a conversa foi interrompida por um grito. Um homem alto e magro, com trinta e muitos anos, vinha do bar na direcção delas. A sua pele era pálida e, embora pouco passasse do meio-dia, tinha a barba de um dia em torno da boca e do queixo. Fumava um charuto e tinha uma bebida numa mão enquanto a outra estava erguida numa saudação exagerada.

— Allie! Que estás a fazer longe dos teus elefantes e do teu belo marido?

A voz dele era estrondosa, com um sotaque pronunciado. Chegou à mesa, pousou o copo com uma pancada e deu a Allie um abraço vigoroso do qual ela se libertou a rir.

— Viktor. Posso perguntar-te porque estás a conversar com a garrafa neste buraco desolado quando devias estar a trabalhar como qualquer pessoa honesta?

Viktor. Devia ser o arquitecto de Piet. E o amante de Hannah. O homem era extravagante como eles o tinham descrito. Olhava para Sarah através de uma nuvem de fumo com olhos que eram quase pretos. Ela pensou que ele daria um motivo fantástico para um retrato. Viktor fez um gesto na direcção dela.

— E quem é esta esplêndida criatura, Allie? Faz o favor de ma apresentares.

— É a Sarah Mackay. A nossa nova investigadora. Uma celta como eu, mas irlandesa. Começa a trabalhar connosco hoje... estamos de partida para o acampamento. Sarah, apresento-te...

— É o Viktor Szustak — Sarah estendeu a mão. — O *lodge* de Langani. Venho precisamente de lá e devo dizer que é o sítio mais belo que já vi. Tenho muito gosto em conhecê-lo.

— Vejam só — disse ele. — Uma admiradora. E ainda por cima bonita! Hoje estou em dia sim!

Baixou-se para lhe beijar a mão. Ela tomou consciência dos lábios dele, demorando-se quentes nos nós dos seus dedos, e sentiu a magnética energia sexual que emanava dele. Compreendeu por que razão Piet estava apreensivo a respeito do romance da irmã com aquele homem. Havia qualquer coisa de felino nele. Viktor endireitou-se e olhou para ela.

— E como é que conhece Langani e o meu *lodge*?

— Os van der Beer são velhos amigos — respondeu. — Eu e a Hannah andámos juntas na escola. Tenho passado muito tempo na fazenda ao longo dos anos.

— Uma gente fantástica. Vou agora para lá ver como está a obra. — Sarah notou que ele não tinha feito qualquer referência à sua relação com Hannah, embora depreendesse certamente que ela tinha conhecimento dela. — É uma pena que não esteja lá — continuou. — Mas temos de nos voltar a encontrar brevemente. Allie, tens de levar esta tua protegida a Nairobi da próxima vez que sentires desejos das luzes da cidade.

— Não contes muito com isso — retorquiu Allie. — Fujo de Nairobi como o diabo da cruz. Demasiado barulho e gente a mais. É o problema dos velhos fósseis como eu e o Dan. Esquecemos a arte da conversa social, se alguma vez a tivemos. Porque não dás tu um salto a Buffalo Springs? O Dan há-de ficar deliciado se fores deitar abaixo uns copos com ele.

Era uma longa tirada para Allie e não passou despercebido a Sarah um certo tom de *flirt*. Viktor era claramente um amigo estimado. Ele apagou o charuto e pegou nas duas mãos de Allie, virando-as para beijar a parte de dentro dos pulsos. Depois voltou de novo a atenção para Sarah.

— Estou a ver que sou obrigado a viajar até ao fim do mundo para aprofundar o meu conhecimento de Miss Mackay. — Ergueu as sobrancelhas pretas e dirigiu-lhe um sorriso rasgado. Depois emborcou o resto da bebida de um trago e fez sinal ao empregado para que lhe enchesse outra vez o copo.

— E as senhoras que querem tomar? Aham que o champanhe é bom aqui? Não. Não deve ser de boa qualidade nem estar devidamente frio. *Pimm's*. Que tal um *Pimm's*? Vai bem com o caril e hás-de conduzir com mais ímpeto, Allie. — Acenou com a cabeça a Sarah. — Ainda não andou de carro com esta mulher ao volante. Vai pôr a sua coragem à prova.

— Que disparate, Viktor — exclamou Allie. — Mas não digo que não a um *Pimm's*. Queres almoçar connosco?

Viktor puxou uma cadeira e sentou-se com elas. Sarah reparou que ele não pecava por falta de apetite ao consumir duas generosas doses de caril regadas com consideráveis quantidades de *gin*. Espantou-se com a abundância de comida e bebida que ele era capaz de ingerir sem engordar e, aparentemente, sem se deixar afectar pelo álcool. Bebericou cautelosamente a sua bebida, receosa de que se bebesse em excesso a meio do dia ficasse embriagada ou maldisposta ou as duas coisas. Apreciou as perguntas de Viktor e deu consigo a falar a ambos da sua infância no Quénia, do tempo na universidade em Dublin e do seu desejo de regressar a África. Nunca se sentira à vontade para falar abertamente com estranhos e estava surpreendida consigo mesma. Allie parecia contentar-se em assumir um papel passivo enquanto tomava uma segunda bebida e fumava um dos charutos de Viktor. Talvez fosse a sua forma de estudar a nova assistente, pensou Sarah. Mas foi Allie quem mencionou as fotografias premiadas. Viktor manifestou imediatamente vontade de as ver.

— Onde estão essas obras-primas? Trouxe-as consigo? Allie, ela pode ir buscá-las? Temos de as ver imediatamente. Artista e cientista... que combinação! Descobriste uma jóia, Allie, para embelezar a tua savana poeirenta.

— Já vi algumas e são excelentes — disse Allie. — Mas se as outras estiverem à mão, também gostava de as ver.

Perante a insistência, Sarah pegou no portefólio e passou-o timidamente, apreensiva com a reacção deles. Estavam ali as fotografias que apresentara a concurso, assim como as que tinha tirado durante o safari em Samburu. Viktor admirou-as num raro momento de silêncio e depois passou-as a Allie sem comentários. A confiança de Sarah esmoreceu. Não devia ter-se deixado convencer a mostrá-las. O que ele disse no fim constituiu uma surpresa.

— Tem um talento excepcional. Que achas, Allie? Tem um olho que capta o espírito de uma pessoa, de um animal ou de um lugar. Se conseguir fotografar assim os teus elefantes, há-de dar projecção mundial ao teu projecto. E a ela própria.

— Tens razão — corroborou Allie. — São de grande qualidade. Extraordinárias. O Dan há-de adorar incluir fotografias destas nos nossos arquivos fotográficos.

— Qualquer técnico é capaz de tirar uma fotografia boa e nítida — disse Viktor. — Mas estas têm alma. Ela estabeleceu uma ligação com os motivos, captou-lhes a essência. Estas imagens falam. Olha este retrato. Este retrato comunica a verdade.

Sarah olhou, ansiosa, para o que ele escolhera. Tinha apanhado Piet desprevenido, em cima de uma crista em Samburu, o sol do fim da tarde dourando-lhe o cabelo e as feições, os olhos a fixar a objectiva com humor e surpresa. Era a fotografia dele de que mais gostava.

— É o rosto do amor — disse Viktor com simplicidade. Olhou para ela com os seus olhos escuros e ela desviou o olhar, sem saber se ele estava a referir-se ao motivo ou à fotógrafa.

— A linha do amor está patente nesta imagem — continuou ele. — Essa ligação única. Cintila no ar à volta dele. Eu vejo. Vejo porque sou poeta.

Sarah tocou na fotografia ao de leve, surpreendida com a percepção e a sensibilidade de Viktor. Ele compreendia verdadeiramente o seu trabalho e a sua paixão e isso transmitia-lhe confiança. Ganhou ânimo e começou a descrever as fotografias em termos do terreno, da luz e do que pretendia conseguir. Por fim, a voz seca e sincopada de Allie interrompeu-os.

— Detesto pôr fim a esta comunhão de almas — disse, divertida —, mas temos uma longa viagem à nossa frente e eu não quero ser apanhada no *bundu* à noite com uma carga de provisões e um bando de bandidos *Shifta* no nosso encalço. Para não falar da possibilidade de chuva.

Viktor juntou as fotografias, abraçou Allie e ajoelhou-se diante de Sarah, suspirando e beijando-lhe mais uma vez a mão.

— Ficarei a contar os momentos até tornar a vê-la — declarou. — Segui-la-ei até ao deserto e arrebatá-la-ei ao seu africânder. Ele não passa de um simples homem da terra, o Piet van der Beer, ao passo que nós... ah, eu e a Sarah somos criaturas do ar!

Sarah tirou a mão, enquanto uma visão das mãos apertadas e dos olhos brilhantes de Hannah se lhe formou na memória. Hannah, à espera do regresso do seu amor.

— Ora, vai passear, Viktor Szustak! — Allie estava a rir. — Deixa a pobre rapariga em paz. Ela dispensa bem os teus voos de fantasia encharcados em *gin*!

Deu-lhe um empurrão afectuoso e ele deixou-a atirá-lo ao chão, ficando aos pés dela e fechando os compridos dedos sobre o seu tornozelo ao emitir um gemido sonoro. Várias pessoas no restaurante tinham-se virado para observar. Sarah sentiu-se embaraçada mas deu consigo a rir involuntariamente.

— Allie, Allie! Sempre tão cruel. Vai-te então. Vai! — Viktor pôs-se em pé de um salto, gritando palavras de despedida e regressou descontraidamente ao bar onde elas o ouviram pedir outra bebida.

Não tinham percorrido mais de quinze quilómetros quando Sarah compreendeu o que ele tinha querido dizer a respeito da condução de Allie. Fechou os olhos ao fazerem uma curva aos saltos e a todo o gás enquanto os africanos, no banco de trás do veículo oscilante, se seguravam, tolhidos de medo. Parecia que estavam a participar no Rally Safari da África Oriental e Sarah perguntou-se se chegariam a Buffalo Springs com vida. Allie gritou alguns comentários sarcásticos sobre Viktor por cima do barulho do motor mas Sarah estava demasiado aterrada com o baloiçar da estrada à sua frente para assimilar o que quer que fosse. Aturdida pelos efeitos de uma noite mal dormida, do *Pimm's* e do caril, dormitou sobressaltada apesar do pânico. O velho *Land Rover* cruzou aos solavancos a poeira e o calor da tarde e ela só acordou quando a chuva começou a tamborilar no tejadilho.

Na visita de Sarah dois meses antes, o solo estava seco e estalado. Mas agora, no pico da estação húmida, o lugar estava transformado num suave mar de verde com flores silvestres a irromper numa profusão de cores por todo o lado. Foram apanhados numa chuva torrencial que durou mais de uma hora e, em alguns pontos, a estrada tornou-se um pantanal. Cursos de água secos e pedregosos tinham-se transformado em correntes impetuosas, entrecruzando o trajecto para o acampamento dos Briggs e tornando a viagem ainda mais arriscada enquanto percorriam o caminho enlameado aos solavancos e a derrapar. Por várias vezes, os dois africanos atrás

tiveram de se apegar e ajudar a tirar o veículo da lama, empurrando e gemendo de esforço, enquanto Allie praguejava, acelerava o motor e gritava ordens pela janela. Sarah ofereceu-se para sair e ajudar mas Allie mandou-a ficar quieta.

— Assim que sair deste buraco, não posso parar — gritou Allie por cima do ruído esforçado do motor e dos eixos em rotação. — Não posso parar para tu entrares. Os rapazes já estão habituados. Saltam para dentro assim que arrancarmos.

Sarah estava espantada com a sua agilidade. Ora os via dobrados atrás das rodas que giravam, gritando palavras de encorajamento um ao outro, ora a saltar como gazelas por cima do taipal traseiro quando o *Land Rover* encontrava um ponto de apoio no solo e se libertava do atoleiro. Aterravam num monte de sacos e caixotes, a rir e a esfregar as mãos. Allie aplaudia a sua perícia e interpelava-os por cima da chiadeira do motor, mas a resposta de trás perdia-se. Ganhavam de novo velocidade com Allie a cantar uma canção desafinada na sua travessia agitada da paisagem lamacenta até à crise seguinte.

Chegaram ao acampamento ao pôr-do-sol. As nuvens de trovoadas acumuladas no céu libertaram mais um dilúvio quando entraram no complexo. Allie buzinou e estacionou diante do armazém. Dois africanos saíram a correr do edifício e começaram a descarregar as provisões, apressando-se a levar para dentro os volumosos sacos de grão, farinha e *posho* antes de ficarem encharcados. Havia caixas de alimentos enlatados e várias grades de cerveja e refrigerantes. Sarah reparou também numa caixa de *whisky* e *gin*. Viktor não era o único que apreciava um copo, pensou.

As habitações estavam cercadas por largos alpendres que proporcionavam sombra adicional aos quartos, embora Sarah previsse que faria um calor asfixiante durante grande parte do tempo. Nenhuma das janelas tinha vidros, mas portadas toscas, fixas às paredes exteriores, que podiam ser fechadas para impedir a entrada da chuva torrencial ou do sol inclemente. A cozinha e os alojamentos dos empregados africanos situavam-se atrás da casa principal e dos armazéns.

Dan Briggs apareceu no alpendre quando elas corriam na direcção dele através das pesadas gotas de chuva.

— Entrem — disse. — Prazer em conhecer-te, Sarah. Chegaram muito tarde. Já me perguntava se tinham ficado presos na lama em algum lado. Caiu uma chuva torrencial esta manhã. Foi uma sorte ter secado um pouco.

Deu uma palmada no ombro de Allie e estendeu uma comprida mão ossuda a Sarah. Era um americano magro e esguio de cabelo grisalho, um bigode caído e olhos perspicazes mas bondosos e ela reparou que era bastante mais velho do que a mulher.

— Encontrámos o Viktor em Nanyuki — disse Allie.

— Ah, então está explicado. Vá, entrem. — Virou-se para Sarah. — Já fizeste a visita completa da última vez que aqui estiveste? Como vês, a sala de estar também faz as vezes de escritório. Normalmente comemos lá fora quando não chove a cântaros. Ficas alojada além. — Indicou com um gesto uma cabana redonda à esquerda do edifício principal. — Não é luxuosa e convém inspeccionares a cama e os sapatos, por causa dos escorpiões, antes de os calçares.

— Já estou habituada — disse Sarah. — Estivemos aqui em safari com o Anthony Chapman há alguns meses.

— Um tipo porreiro, o Anthony. Mas, se estiveste num dos acampamentos dele, em comparação vais achar isto um pouco espartano. — Dan remexeu nos bolsos deformados dos calções e tirou um cachimbo que acendeu.

— Tenho a certeza de que vou estar muito confortável, Dr. Briggs. Não sou nenhuma *memsahib safi* incapaz de se adaptar ao mato.

— Trata-me por Dan. — Sorriu-lhe. — Aqui não há formalidades. Que tal uma bebida? Allie? Qual é o teu veneno, jovem?

A sala de estar e de trabalho dos Briggs era espaçosa, com um telhado de colmo lindamente entrançado. Era iluminada por candeeiros de parafina que assobiavam e projectavam uma luz suave sobre peças de mobília indispensável e caixas com livros e papelada. A chuva caía ruidosamente e Dan abriu a garrafa de *whisky* e serviu doses generosas para si e para Allie, adicionando um pouco de água de uma caneca tapada.

— Sarah?

— Preferia uma cerveja, se houver. Depois daquela lama toda e do calor da tarde.

Dan tirou uma *Tusker* de um frigorífico instável e deitou-a numa caneca.

— Ouvi dizer que foste criada no Quênia mas estudaste na Irlanda — disse ele. — Vais achar este sítio muito diferente do mundo académico.

— Foi na universidade na Irlanda que tive mais dificuldades. Foi aqui que passei a maior parte da minha vida e é aqui que quero estar. — Olhou frontalmente para ele. — Quero agradecer-lhes por me terem dado esta oportunidade. Sei que não tenho experiência no tipo de investigação que estão a fazer mas vou trabalhar duramente e aprendo depressa se tiverem paciência comigo no princípio.

Allie acenou com o copo ao marido. — Lembras-te de eu te dizer que ela se interessava por fotografia? E que tinha visto algumas fotos? Mas o Viktor obrigou-a a mostrar-nos o portefólio inteiro. São boas. Mais que boas, até. Ele tem olho para essas coisas e desfez-se em elogios. Se a Sarah começar a realizar um registo fotográfico como deve ser do nosso trabalho, há-de ser útil para a nossa próxima candidatura a financiamento. E para a tua viagem aos Estados Unidos.

— Parece uma ideia excelente — Dan levantou-se. — Devem estar as duas com fome depois da longa viagem. Vamos comer qualquer coisa.

Pegando numa sineta pousada no aparador, abanou-a vigorosamente. Um homenzinho magro e mirrado com calções de caqui apareceu à porta.

— Ahmed, apresento-te Miss Sarah. O Ahmed é o nosso cozinheiro. Está connosco há dez anos, desde o nosso tempo em Tsavo. Faz parte da família. Serve imediatamente o jantar, Ahmed, por favor.

Passaram à mesa e Allie acendeu duas velas. Havia sopa picante de arroz e caril, seguida de um guisado de francolino e fruta fresca com natas enlatadas para terminar. Sarah pensou como Ahmed teria conseguido apresentar os pratos quentes e a fumar da cozinha exterior sem ficarem ensopados em água. Ao jantar, Dan contou histórias divertidas do seu tempo de estudante em Nova Iorque e do seu primeiro encontro com Allie numa conferência em Edimburgo. Ao fim de cinco dias, tinha-a pedido em casamento, em frente à jaula dos leões no jardim zoológico da cidade, e descreveu o alarme que o «sim» causara junto da sólida e virtuosa família escocesa de Alice.

— Era como se eu fosse um marciano — disse ele. — Um americano na penúria e sem perspectivas, a não ser uns cobres por mês para andar atrás de elefantes e uma tenda em plena África. Não era o género de marido que a família da Allie tinha em mente. Mas foram generosos. Deram-nos um

cheque de prenda de casamento e com ele comprámos um *Land Rover* velho e esmurrado. Quando acharam que já tínhamos montado uma casa decente, vieram visitar-nos no Parque Nacional de Tsavo. Costumavam visitar-nos todos os anos, o que é mais do que a minha família alguma vez fez. O meu pai morreu há cinco anos e a minha mãe prefere visitar a minha irmã em Palm Beach, onde o salão de beleza só fica a dez minutos de distância. A África é um pouco agreste para ela agora.

— São horas de deitar — Allie levantou-se depois de uma última chávena de café. — Estou esgotada. Toma o teu candeeiro, Sarah. Está uma lanterna na tua mesa-de-cabeceira para uma situação de emergência. Se fores à casa de banho a meio da noite, não te esqueças de fechar a porta. Não hás-de querer encontrar um hóspede curioso a cheirar-te a cama quando voltares. *Chai* às seis e depois aqui para o pequeno-almoço. Dorme bem.

Sarah pegou na cadeia, tentando protegê-la da chuva torrencial ao correr a curta distância até à sua cabana. Esta parecia enterrada no solo debaixo das ramagens de uma acácia. Abriu a porta e ouviu uma restolhada de lagartos no telhado ao entrar no que viria a ser, nos próximos tempos, o seu domínio. Uma cama de madeira e corda, protegida por um mosquiteiro, estava encostada à parede, com um colchão de estopa, lençóis imaculadamente brancos e dois grossos cobertores verdes do exército. Passeavam-se osgas no tecto à luz da cadeia, produzindo aparentemente ruídos de reprovação perante a intrusão. Uma cadeira tosca e uma secretária com duas gavetas tinham sido colocadas junto da janela e, no canto oposto, havia um pequeno armário onde guardaria todos os seus pertences. O chão era de adobe, seco e envernizado, e havia um tapete de palha entrançada ao lado da cama. Em cima ouviu a queda regular da chuva e o ímpeto das águas transbordantes do rio para lá da vedação do complexo. A jusante, ouviu os grunhidos de alguns hipopótamos enquanto desfazia as malas e guardava tudo no armário e nas gavetas da secretária. Depois despiu-se e abriu a cama, verificando se havia bicharada e animais rastejantes antes de se enfiar, aliviada, entre os lençóis. Ficou imóvel por alguns momentos, à escuta dos sons estranhos da sua nova casa, murmurando uma oração pelas pessoas que amava na Irlanda e em Langani e esperando sobretudo que Piet a visitasse em breve naquele lugar maravilhoso.

Na manhã seguinte acordou quando Mathenge lhe levou o tabuleiro do chá.

— *Maji moto* lá fora — disse ele.

Sarah ouviu o som da água quente a encher o balde, suspenso dentro de um pequeno cubículo atrás da sua cabana. Bebeu o chá quente e doce e comeu uma bolacha que sabia vagamente a parafina dos armazéns do acampamento. Em seguida, correu para fora para se meter debaixo da água quente na cabana do duche. A chuva tinha parado deixando no ar o aroma forte da terra molhada. Caíam das folhas gotas reluzentes que formavam prismas à luz do sol. Inalou o perfume da manhã africana e ouviu o pio cristalino de um papa-figos e o chilrear dos calaus. Allie e Dan estavam a tomar o pequeno-almoço quando ela chegou. Tinham mapas abertos na mesa ao seu lado e estavam a planear o percurso para esse dia e a distribuir tarefas ao pessoal. Sarah sentou-se em silêncio a ouvir.

— Hoje vamos estar atentos aos rinocerontes enquanto seguimos os nossos elefantes — explicou Dan. — O Ken Smith, o guarda-caça de Garissa, pediu-nos para registar os que encontrarmos. Está preocupado com a queda nos números e está a tentar contá-los porque quer levantar um embargo à caça de rinocerontes. Vai ser difícil de aplicar. As licenças de caça rendem muito dinheiro e os cornos de rinoceronte vendem-se ilegalmente a altos preços.

— É então verdade que é um afrodisíaco? — Assim que fez a pergunta percebeu que era uma parvoíce.

— Só se forem usados como talas — respondeu Dan secamente.

Allie rebentou a rir e Sarah ficou furiosa consigo mesma por ter feito uma pergunta tão idiota. O embaraço cobriu-lhe o pescoço e as faces de uma tonalidade vermelha.

— Mas é verdade, *vendem-se* para esse fim. Pulverizados — Dan procurou ajudá-la. — Também são apreciados no Médio Oriente para punhos de adagas. Mas é sem dúvida uma tragédia ver as carcaças a decompor-se só com o corno removido. O Ken vai iniciar um programa de protecção e nós estamos a ajudar no que pudermos.

— É um homem com visão — disse Allie. — Arranjou maneira de as autoridades locais ficarem com o dinheiro das licenças de caça em vez de o mandarem para Nairobi. Assim, os samburu podem reconhecer as

vantagens directas da caça organizada. Vais trabalhar com um deles, aqui na nossa equipa. Chama-se Erope.

— Os samburu não percebiam por que razão os *wazungu* ricos eram autorizados a andar por aí a matar animais com a aprovação do governo enquanto as suas práticas de caça tradicionais lhes eram proibidas — disse Dan. — Sobretudo quando as taxas das licenças iam para uma repartição governamental qualquer, a centenas de quilómetros de distância, e os nativos nunca viam um tostão.

— Mas pensei que a ideia fosse acabar com a caça tribal uma vez que a linha que a separa da caça furtiva é extremamente ténue — disse Sarah.

— A ideia é transformar os caçadores nómadas em criadores — explicou Allie. — Mas não vai funcionar. É a destruição total da cultura e do estilo de vida deles. Estão a resistir e têm razão.

— Essa gente em Nairobi não regula bem — disse Dan. — Querem proibir a caça tradicional com setas e lanças envenenadas. Mas os caçadores furtivos ou os bandidos andam a vender espingardas às tribos locais e agora temos um problema muito maior. É um dilema. Seja como for, em termos mais imediatos, vamos levar dois dos nossos rapazes e familiarizar-te com o terreno.

Erope era um samburu alto e bem-falante que usava o mesmo uniforme caqui do resto do pessoal, mas estava adornado com brincos e pulseiras de missangas que contrastavam estranhamente com o traje ocidental. O segundo pisteiro era um kamba magro e rijo, de nome Julius, que usava uma grande cruz de madeira pendurada num fio de couro ao pescoço. Transpuseram o portão do complexo e entraram no trilho com Erope e Julius empoleirados na traseira do jipe. Nas escassas horas desde que parara de chover, a camada superior do solo tinha secado, formando uma crosta de lama. A superfície ondulada fazia as rodas deslizar com estrépito e o carro inclinar-se num ângulo alarmante, mas Dan não parecia dar-se conta. Devia ter tirado a carta na mesma escola da mulher. Sarah ia agarrada à janela aberta.

— Sabes conduzir? — perguntou Allie.

— O meu pai ensinou-me e tirei a carta na Irlanda.

— Óptimo. Isso dá para te arranjarmos uma carta de cá — disse Dan. — E tens de aprender a guiar um destes chaços velhos em todo o tipo de condições. Amanhã começamos, miúda.

Percorreram a savana durante a maior parte da manhã, seguindo pequenos rastros através do mato rasteiro. Não havia tabuletas de sinalização em local nenhum e Sarah perguntou como conseguiam orientar-se num terreno assim. Tinha a certeza de que, se fosse ela, se teria perdido numa questão de minutos.

— Uma pessoa aprende a orientar-se por certos pontos de referência — explicou Allie. — Se não virmos as montanhas ou um grande afloramento rochoso, procuramos então uma determinada árvore ou um arbusto com uma forma estranha ou a cor do solo num determinado lugar... as variações de sítio para sítio são enormes. E há o curso do rio onde a vegetação é diferente e as árvores de maior porte. Além da posição do sol, claro está. Sendo fotógrafa, é óbvio que és observadora, portanto não deves ter dificuldade. Mas há-de aprender sobretudo com o Eroe e o Julius. No início, pelo menos. Eles conseguem orientar-se em qualquer tipo de terreno.

— Têm um conhecimento instintivo que é impressionante — disse Dan. — O Eroe é surpreendente. Além do sentido infalível de orientação que herdou, não lhe escapa rigorosamente nada e regista tudo num recesso qualquer da cabeça. É um dos melhores pisteiros que alguma vez encontrei.

— *Kifaru, bwana*. Uma fêmea grande e uma cria — disse Eroe da traseira do veículo, numa voz cantada.

Sarah não distinguiu nada no mato denso que os rodeava. Dan abrandou, levando o *Land Rover* a passo de caracol, e debruçou-se na janela. Havia uma série de pistas que se embrenhavam num matagal e ele calculou o tamanho e o peso dos animais pelas depressões no solo arenoso.

— Choveu torrencialmente toda a noite mas estas são recentes... o solo secou, estás a ver? E se tivessem sido deixadas num solo mole e lamacento seriam muito mais profundas. A cria é nova. É uma pata imatura. As dimensões são pequenas e a depressão muito menos funda que a da mãe. Olhem só, a fêmea é um rinoceronte gigante, sim senhor. Calculo que estejam bastante perto.

Recuaram um pouco, tentando conseguir uma vista melhor. Sarah observou, o coração a bater violentamente com a expectativa, e pensando como Dan ia conseguir escapar se o grande animal pré-histórico aparecesse do matagal e investisse contra eles. Nesse momento ouviram-

na. A vegetação estalou e tremeu sob o peso do animal que abriu caminho pelo meio dos ramos espinhosos, emergindo subitamente no caminho atrás deles, seguida pela cria. Perscrutou-os e depois baixou a cabeça, resfolegando como um comboio expresso.

— Hum, é melhor sairmos daqui. Este encontro não vai ser amistoso. — Dan acelerou e arrancou pelo trilho a uma velocidade vertiginosa.

O rinoceronte hesitou, movendo a cabeça enorme para cima e para baixo, tentando localizá-los. Depois largou num trote decidido, baixando ameaçadoramente o comprido corno, seguido pela cria. Sarah levantou a máquina, focando através da objectiva, maravilhada com a velocidade de um animal tão pesado e aparentemente desajeitado. A fêmea ganhara velocidade, resfolegando ruidosamente e perseguindo-os com determinação, e aproximou-se do veículo, quase tocando a parte traseira com a perigosa ponta do corno. Sarah segurou-se às barras do tejadilho, tentando estabilizar a máquina, enquanto aceleravam aos solavancos pelo trilho fora. Erobe, aos gritos, ia fazendo um relato a Dan para o caso de ele ter de guinar para evitar uma cornada. Por fim, o colossal animal começou a perder velocidade com a cria já muito para trás. Ao afastarem-se, fez um último trejeito com a pesada cabeça couraçada antes de dar meia-volta em direcção ao filhote.

— Que a levou a perseguir-nos? — perguntou Sarah depois de recuperar o fôlego e a coragem. — Achou que éramos uma ameaça para a cria?

— Talvez — respondeu Dan. — Ou se calhar estava maldisposta. São umas criaturas danadas e não convém uma pessoa demorar-se à espera de descobrir o que decidiram fazer ou porquê. Já vi carros e camionetas a serem derrubados, os radiadores trespassados e a carroçaria esmagada por um rinoceronte enfurecido. Aquele corno, com o peso do corpo atrás, tem uma potência de ataque diabólica. Seja como for, dois estão contabilizados, ainda que não tenhamos esperado pelas apresentações!

Continuaram, detendo-se de tempos a tempos para os pisteiros reconhecerem o terreno. Allie e Dan indicaram árvores, aves e animais e pontos de referência orientadores. Viram dois pequenos grupos de elefantes, mas à distância. Dan descreveu os hábitos de uma célula familiar média e Sarah ouviu, tentando recordar uma tremenda quantidade de factos sobre os animais e o seu *habitat*. Percebeu pela forma como eles falavam dos elefantes que Dan e Allie nutriam um profundo amor e

respeito pelo objecto do seu estudo. Tinha esperança de que se aproximassem em breve de uma manada. Entretanto, um desfile de búfalos-de-água, zebras e girafas e uma árvore carregada de babuínos barulhentos foram prendendo a sua atenção. Ainda não tinha começado a chover mas estavam a formar-se nuvens escuras no horizonte e o ar estava pegajoso com a humidade. Sarah sentiu um fio de suor a escorrer-lhe pelas costas, por baixo da camisa.

— Temos de nos refrescar — disse Allie de súbito. — Vamos tomar um banho.

Fizeram inversão de marcha no trilho por onde circulavam e voltaram para Buffalo Springs onde Dan parou o carro. Os dois pisteiros sentaram-se à sombra de uma árvore, a vigiar o carro. Allie e Dan dirigiram-se à margem do grande lago, despindo a roupa e deixando-a num monte sobre as pedras. Mergulharam na água fresca e verde. Sarah ficou para trás, embaraçada, a pensar no que havia de fazer. Nunca estivera nua diante de ninguém desde a sua infância e ficou de braços cruzados, agarrada à camisa, incapaz sequer de tirar a roupa de cima na companhia de estranhos.

— Despacha-te e mete-te na água. Está bastante limpa, sabes, e ditosamente fria — Allie afastou o cabelo molhado dos olhos e voltou a mergulhar enquanto Dan nadava até à borda da água.

— Nunca nadaste em pelota? — perguntou.

Sarah abanou a cabeça, mortificada.

— E és formada em Zoologia e filha de um médico? É tempo de começar, miúda. Tira a roupa, fecha os olhos e salta! Nós não olhamos.

Afastou-se e Sarah olhou para o carro. Os pisteiros estavam aparentemente a dormir debaixo de uma árvore sem parecerem interessados nos *wazungu* loucos que brincavam no lago. Em todo o caso, pensou, os africanos tinham uma atitude tolerante em relação à nudez. As mulheres andavam de seios descobertos na maioria das tribos e era frequente os homens e as mulheres não se cobrirem. Não era nada do outro mundo. E estava um calor asfixiante. Respirando fundo, despiu a camisa e as calças de caqui e tirou a roupa interior. Depois fechou os olhos e saltou. O choque da água fria na pele fê-la arquejar de prazer ao nadar até ao outro lado do lago, mantendo-se bem afastada de Allie e Dan. Era

estranha aquela sensação de total liberdade. Maravilhosa. Sentiu mais coragem e nadou em direcção aos companheiros.

— Grande Sarah! — Dan expeliu um jacto de água para o ar, imitando o ruído de um hipopótamo a subir à tona de um rio e fazendo Sarah rir, dissipando quaisquer resquícios de timidez que ela ainda sentisse. Depois de se chapinarem e molharem uns aos outros, boiaram na água durante algum tempo e finalmente saíram e sentaram-se nas rochas a secar antes de se vestirem. Sarah deitou-se de bruços, ainda um pouco desconfortável. Allie e Dan pareciam completamente à vontade mas, no caso deles, não havia problema. Eram casados. Esperava conseguir em breve comportar-se com a mesma naturalidade e desinibição dos companheiros. Não fazia sentido portar-se como uma puritana. Já não estava no ambiente protegido de uma escola de freiras. Eroe e Julius continuaram imóveis à sombra da árvore enquanto se vestiu e, pelo menos por isso, Sarah sentiu-se grata. Refrescados, voltaram para o *Land Rover* e retomaram a expedição. Sarah pensou se os pisteiros também teriam gostado de tomar banho mas, como ninguém falou no assunto, não disse nada. Conduziram devagar, paralelamente a um *lugga* que se tinha enchido com um fundo de água vagarosa e lamacenta, depois da chuva torrencial. Para deleite dela, encontraram finalmente uma manada de elefantes, a beber e a pastar sossegadamente no mato.

— É um dos nossos grupos — murmurou Allie. — Chamamos a esta família as Dame Nelly Melbas, em honra da fêmea principal que tem laivos de prima-dona e é uma vaidosa. Espera até a veres usar a tromba para se livrar dos machos jovens mais atrevidos. Normalmente executam as suas actividades diárias sem nos ligarem. Estão habituados ao ruído do veículo.

Sarah observou os elefantes, extasiada. Antes de começar a trabalhar com a máquina fotográfica, ficou simplesmente sentada a olhar, assombrada com o tamanho imenso e a elegância dos animais. Estes aproximaram-se do *Land Rover*, à procura de jovens arbustos mais tenros e de árvores das quais arrancaram ramos. Alguns encontravam-se tão perto que ela conseguiu distinguir todas as covas, traços e pêlos na pele rugosa, a luz nos seus olhos pequenos e inteligentes, as estrias nas enormes orelhas a abanar. Existia uma extraordinária atmosfera de harmonia, afectividade e contentamento entre eles, ao moverem-se

silenciosamente pelo seu domínio, sendo o único som o estalar de galhos e ramos ao caminharem, as grandes patas erguendo-se suavemente e pousando na terra numa pequena baforada de pó. Tanto poder e tão contido! Sarah estava fascinada com o uso que faziam das trombas, bufando delicadamente em redor de um arbusto ou de uma jovem árvore, roçando as folhas e soprando suavemente. Num instante faziam a sua escolha, muitas vezes levantando a planta inteira do chão pela raiz num único movimento perfeito, colocando-a na boca e comendo placidamente. Algumas fêmeas mais velhas estavam na margem do *lugga*, cavando com as patas e as presas buracos enormes que se enchiam gradualmente de água.

— Repara como usam as trombas para recolher a areia e a terra nas bordas e empilhá-las ao lado — explicou Dan. — E se olhares com atenção, hás-de ver que uma presa está geralmente mais gasta na ponta do que a outra. É a que usam como escavadora principal... como os humanos, privilegiam o lado esquerdo ou direito, exactamente como nós usamos as mãos.

A manada rodeara o veículo e a pulsação de Sarah acelerou. Um macho jovem aproximou-se muito dela e ela levantou lentamente a máquina quando ele aspirou água com a tromba e a aspergiu pelo dorso para se refrescar, borrifando-lhe a lente. As fêmeas e as crias juntavam-se, ao passo que os jovens machos se mantinham à distância. De vez em quando um macho mais velho avançava e os membros mais jovens da manada recebiam um toque suave da tromba dele, como um velho que pousa a mão na cabeça de uma criança para a abençoar.

— É o Samson — sussurrou Allie. — É o grande *bwana*. Nenhum dos novos se atreve a confrontá-lo por enquanto. É fortíssimo. Mas enquanto não o desafiarem, não podem abordar as fêmeas como ele pode. É uma sociedade muito matriarcal. As fêmeas só convivem com os machos quando estão com cio. Durante o resto do tempo, as senhoras dominam. Os jovens machos andam em grupos e um *mzee* é frequentemente acompanhado por dois jovens *askaris* para tomarem conta dele na velhice. As fêmeas mais velhas são as chefes, guiando a manada até aos alimentos e à água e defendendo os novos. São, aliás, incrivelmente protectores, afectuosos e leais uns para com os outros. Vês como usam as trombas para

acariciar, para fazer cócegas e para confortar? Mas também podem usá-las como armas extremamente eficazes.

— Quanto mais os observo, mais assombrado fico — disse Dan. — Criaturas extraordinárias! Sabes que por vezes até enterram os mortos? Não sei de mais nenhum animal que faça isso.

— Mas são agressivos, não são? — perguntou Sarah. — Ouve-se dizer que o elefante africano é perigoso. Da última vez que aqui estive, um macho jovem investiu contra nós. Não tinha definitivamente intenções pacíficas.

— Não se pode tratá-los de ânimo leve, já se sabe — respondeu Allie. — Mas os machos jovens querem muitas vezes exhibir-se, testar a sua força, como rapazes adolescentes a armar-se em valentões. E não te esqueças, a caça furtiva aos elefantes aqui tem-nos dizimado seriamente e por isso eles tornaram-se mais defensivos. Muitas vezes são provocados. Os visitantes fazem uma barulheira terrível, a acelerar os motores para eles reagirem ou a intrometer-se entre duas secções de uma manada. Perante isso um elefante é capaz de se tornar beligerante. E há sempre a ovelha negra... um macho jovem que está ferido ou foi marginalizado. Mas esses são incidentes isolados.

— Claro que, se fosses um agricultor local, dependente de um ou dois hectares de milho para dar de comer à família, não vias com bons olhos o aparecimento destes meninos — disse Dan. — São capazes de arrasar um campo inteiro numa hora. Têm um corpo maciço para alimentar e estão praticamente sempre a comer. São capazes de deixar os seus vizinhos humanos na penúria, talvez até com as casas demolidas. Pessoas que já não tinham muito com que viver. Pergunta ao Eroe e ao Julius sobre os ataques às *shambas* deles.

— Mas no interior dos parques não podem causar danos sérios, pois não? — perguntou Sarah. — Desde que estejam dentro dos limites das áreas de reserva de caça, digo eu.

— Um elefante pode fazer coisas terríveis às árvores — explicou Dan. — Se houver uma grande concentração delas numa área, podem destruir uma região inteira e transformá-la num deserto. Há portanto problemas de protecção, de coexistência pacífica com os habitantes locais e de conservação do *habitat*. É o objectivo da nossa investigação. Queremos apontar caminhos que possibilitem ao homem e ao animal viverem da

terra de modo pacífico. Mas o crescimento demográfico implica que há menos espaço para a caça. Não é fácil.

Acompanharam a manada durante várias horas, observando e registrando os seus movimentos. A chuva começou então a cair, molhando-os ligeiramente de início e transformando-se depois numa torrente que os obrigou a correr para o jipe para fechar as janelas e o tecto. Como a luz se desvaneceu rapidamente e Sarah deixou de poder utilizar a máquina, foram-se embora.

Fora um dia extraordinário para Sarah. Era inacreditável que tivesse a possibilidade de passar os dias a observar estes complexos e gloriosos milagres da criação na companhia de pessoas tão sabedoras como Dan e Allie. E até seria paga para isso! A estrada transformara-se num pantanal quando finalmente avistaram as luzes do acampamento a tremeluzir através das árvores. Estavam enlameados e exaustos enquanto esperavam que os baldes para os duches se enchessem e, depois do jantar, Dan e Allie foram-se imediatamente deitar. No espaço redondo da sua cabana, Sarah sentou-se a escrever cartas à luz da candeia de parafina. Queria captar em palavras a magia daquele primeiro dia, partilhar com a família a excitação que a invadia. Escreveu a Piet, assim como a Hannah e a Lars e, quando começou a cabecear em cima do papel, meteu-se na cama e adormeceu instantaneamente, indiferente ao perigo de escorpiões e outros hóspedes venenosos.

Durante as duas semanas seguintes, saiu com Allie e Dan todas as manhãs até se familiarizar com o terreno. Dan pô-la ao volante e ela aprendeu a manusear o *Land Rover*, causando no início hilaridade e pânico quando ultrapassava obstáculos no mato ou tentava libertar-se da lama, enterrando-se e libertando-se de *luggas*, por onde podia correr um fio ou uma torrente de água, dependendo da força das últimas chuvadas. Habitou-se a admirar o casal excêntrico e corajoso ao serviço de quem estava e a respeitar o pessoal. Não tardou a sentir-se como se sempre ali tivesse estado. Cada manhã representava um novo desafio ao tentar absorver e memorizar todos os fragmentos de informação e compreender a sua importância. Pouco tempo depois pôde conduzir até à sede do departamento de caça, unicamente na companhia de Julius ou Erope, para recolher o correio e fazer telefonemas para os Briggs. Quando acabou as chamadas, ligou para Langani e Hannah atendeu.

— Estou tão feliz — disse-lhe Sarah. — Não tenho palavras para te explicar como isto aqui é maravilhoso, como tenho sorte em estar a fazer este trabalho. Tens de me visitar em breve. Tenho tanta coisa para te mostrar. Como estão todos? E o Piet?

A vida em Langani parecia decorrer dentro da normalidade. Piet andava pela fazenda, disse Hannah, a trabalhar como um mouro como sempre. Mas tinha ficado felicíssimo com a carta de Sarah.

— Não enganou ninguém — disse Hannah a rir. — É um parvo completo quando se trata de admitir que encontrou a mulher da vida dele. Mas para mim é perfeitamente claro. Está sempre a falar de ti, Sarah. E quando uma pessoa começa a meter o mesmo nome em todas as conversas, já se sabe que está apanhada.

Sarah teve vontade de correr para a rua a gritar aos quatro ventos a sua felicidade mas decidiu que talvez não caísse muito bem. Continuou ali a sorrir para o telefone.

— E tu e o Viktor? — perguntou. — Já te disse que o conheci. Ele dá-se bem com o Dan e a Allie. Tinhas razão a respeito do charme dele... transpira-o por todos os poros. E tu, que tens para contar?

A hesitação de Hannah fez soar um alarme, mas as suas palavras foram resolutamente optimistas.

— Ele anda cá e lá. Sabes como é. Neste momento está cheio de trabalho e não pode aparecer com tanta frequência. Para mim é difícil. Mas vale a pena esperar e quando cá está compensa.

— E o Lars?

O suspiro de Hannah foi eloquente. — Tenho muita pena do Lars. A sério. Quem me dera que pudéssemos ser amigos como antes. Mas tudo mudou. O que sinto pelo Viktor... é como ser levada numa enxurrada. E não quero que acabe. O Viktor mudou a minha vida. Não imaginas como é importante para mim.

— Bem, cuida de ti — disse Sarah tentando esconder a preocupação que sentia. Não adiantava exprimi-la pelo telefone.

Voltou para o acampamento, a cantar. Piet amava-a. Hannah dissera-o. Estava sempre a falar nela. E no Natal estaria com ele. Entretanto, tinha um emprego que a realizava mais do que alguma vez tinha esperado. A vida era maravilhosa.

Quanto mais tempo passava entre os elefantes, mais se estreitavam os seus laços com eles. Dan tinha destinado Elope para trabalhar com ela e Sarah considerava-o um professor sábio e paciente. Ensinou-a a seguir uma pista, a interpretar o rasto e os sinais da passagem de um animal e a mover-se pelo mato sem anunciar a sua presença, mantendo-se a favor do vento em relação aos animais para se poder aproximar ao máximo sem os alertar. Não tardou a conseguir identificar grupos familiares específicos dentro da manada e a reconhecer cada elefante pelo nome. Fotografava-os e registava as suas características no seu diário, ilustrando as suas observações com esquissos e apontamentos escritos. Eles conheciam o *Land Rover* e alguns deixavam-na aproximar-se a poucos passos. Sarah deu consigo a partilhar em silêncio as suas experiências com Piet, imaginando que ele caminhava ao seu lado no mato ou se sentava com ela numa pedra sobre o rio ou virada ao pântano onde os animais chafurdavam no calor do meio-dia. Ali sentia-se muito próxima dele. À noite, quando terminava os seus apontamentos, escrevia-lhe, contando-lhe o que tinha descoberto sobre os elefantes durante o longo e tórrido dia no mato. Depois metia cuidadosamente as cartas no fundo da gaveta da secretária.

Uma tarde, sentada com Elope nas pedras, contemplou extasiada o cenário que os rodeava. A luz era suave, iluminando as copas das palmeiras egípcias e transformando gradualmente o céu numa tonalidade pálida de alfavema, listrada de vermelho. Tinham seguido uma família de elefantes, conduzida por uma velha e esplêndida matriarca chamada Judith. Ao longo do dia, ela tinha afastado o seu grupo da manada principal para uma área que considerava de melhor pastagem. Normalmente voltavam a reunir-se ao pôr-do-sol, chamando-se uns aos outros por meio de bramidos de prazer produzidos pelas trombas à medida que a família se ia reencontrando. Mas o pequeno destacamento de Judith avançava lentamente e Sarah apercebeu-se de que não iam conseguir chegar ao pântano antes de anoitecer.

— São horas de voltarmos para o carro, Sarah — disse Elope. — Agora já não tem luz suficiente para trabalhar.

Relutantemente, ela desceu da sua posição privilegiada e começou a encaminhar-se para o local onde tinham deixado o *Land Rover*. Quando lá chegaram, já a luz desaparecera e uma enorme lua amarela pairava baixa

no céu nocturno. Sarah tinha conduzido o veículo para o interior de um matagal, na esperança de que a sombra profunda evitasse que o interior se transformasse numa fornalha. Abriram as portas, desceram as janelas e sentaram-se na obscuridade para beber chá da garrafa-termos.

Sarah preparava-se para ligar o motor quando ouviram o barulho. Tiros. Vindos do ponto de onde tinham acabado de sair. Depois ouviram o grito agudo de um elefante ferido, os ruídos enraivecidos que os companheiros faziam com as trombas, o tropel dos animais a fugir em pânico. E vozes humanas a gritar. Por momentos, Sarah ficou paralisada de choque. Depois invadiu-a um torvelinho de fúria ao imaginar os seus amados elefantes a serem atacados. Meteu primeira e pôs o motor a trabalhar, tomada da ideia louca de perseguir os caçadores furtivos. Mas Erope debruçou-se, fazendo sinal para que ficasse em silêncio, fechando os dedos sobre o braço dela em advertência, agarrando-lhe no pulso e obrigando-a a desligar a ignição. Ela fulminou-o com os olhos mas ele levou os dedos aos lábios e abanou a cabeça. Sarah não conseguiu libertar-se da mão dele e, a espumar de frustração, ficou sentada a ouvir os sons da chacina. Demorou algum tempo a compreender a razão da insistência de Erope. A camioneta que os bandidos estavam a usar apareceu de uma curva no trilho. Quando se aproximaram, Sarah viu que iam pelo menos dez homens nas traseiras do veículo, armados até aos dentes. *Shifta* da fronteira com a Somália. Se tivessem revelado a sua presença, ela e Erope estariam agora mortos. Observaram, sem serem vistos, a camioneta a passar devagar com vários homens de sentinela e espingardas em riste. Sarah distinguiu dois pares de presas nas traseiras e sentiu o pânico crescer-lhe no peito ao pensar qual dos membros da sua preciosa família teria sido massacrado. Erope manteve uma mão no seu braço até ter a certeza de que os caçadores furtivos estavam longe. Depois puseram o carro em marcha e conduziram lenta e cautelosamente, sem luzes, pelo trilho acidentado em direcção ao local onde tinham deixado Judith e os companheiros.

Pararam no princípio do trilho de caça e encaminharam-se para o ponto onde tinham visto os elefantes pela última vez. A lua atravessava o céu, remota e implacável. Quando chegaram ao lugar da matança, Sarah ajoelhou-se e chorou. A grande e velha dama estava tombada de lado com um ferimento de bala na testa, os olhos vidrados mas ainda abertos com

uma expressão de censura e traços como lágrimas de cada lado do focinho. Havia feridas em carne viva e expostas, a sangrar, no sítio das presas, já infestadas de formigas e de outras criaturas rastejantes. Ao lado dela estava Jacintha, uma fêmea mais jovem. As presas desta também tinham sido arrancadas e a carcaça abandonada a apodrecer.

Sarah estendeu a mão para tocar na pele rugosa. Depois ouviu um ruído, o estalar ruidoso de ramos atrás de si. Eroe esboçou um gesto urgente e ela levantou-se e seguiu-o para o matagal denso na orla da clareira. Na claridade da lua, observou, fascinada, os restantes membros da família a materializarem-se do mato espesso como fantasmas. Reuniram-se em torno das camaradas caídas e tentaram levantá-las, escavando debaixo dos seus corpos com as presas e empurrando com as patas. Quando se tornou claro que estavam ambas mortas, afastaram-se em silêncio para o lado, como uma guarda de honra de gigantes, carpideiras imóveis e mudas no campo de batalha. Sarah e Eroe acoraram-se no matagal, aprisionados no espaço exíguo onde se tinham escondido à aproximação dos elefantes. A noite arrefeceu mas eles não se mexeram. Não era um bom momento para pôr à prova a aceitação dos animais da sua presença. Se fossem descobertos, podiam ser espezinhados num segundo. O vento não estaria de feição se tentassem fugir. Ficaram ali sentados, frios e rígidos, dormitando de vez em quando e observando o ritual silencioso com assombro e tristeza. Durante as intermináveis horas de escuridão, apareceram hienas e chacais, atraídos pelo cheiro a sangue. Mas a guarda de elefantes formava uma sólida falange e afugentou os predadores. Nenhuma criatura desejava desafiá-los. Perto da alvorada, as duas fêmeas mais velhas embrenharam-se no mato. Começaram a arrancar ramos e a desenterrar pequenos arbustos e árvores, transportando-os para o lugar onde jaziam os cadáveres e espalhando-os sobre os corpos como mortalhas. Depois, com as patas, começaram a levantar pó e pequenas pedras, tufo de erva e torrões de terra, amontoando-os sobre as companheiras até estas ficarem cobertas. Mesmo os membros mais jovens da manada participaram no processo e, quando o sol rompeu, já os dois elefantes mortos tinham praticamente desaparecido. Em seu lugar havia dois montículos.

Com os primeiros raios de luz, Sarah levantou a máquina fotográfica, dolorosamente consciente de todos os sons que produzia, do quebrar de

ramos e do estalido do obturador. Os elefantes viraram-se para o matagal onde ela estava acocorada atrás da objectiva e, por um momento, interrogou-se se iriam enfurecer-se e tornar-se perigosos. Mas permaneceram calmamente no sítio, os mais pequenos ao centro, protegidos pelas fêmeas maiores, todos eles de frente para ela enquanto registava a sua vigília. Quando o primeiro raio oblíquo de sol bateu nas árvores, os sobreviventes viraram-se e desapareceram no mato num silêncio sombrio. Sarah e Erobe esperaram algum tempo antes de abandonarem o esconderijo, assombrados com o fenómeno de coragem e fidelidade que haviam partilhado. Sarah agachou-se na areia, fotografando os montículos e desejando ter podido fotografar todos os acontecimentos dessa noite. Sentia que eles sabiam da sua presença, que a tinham deixado testemunhar os seus ritos fúnebres. Quando acabou de fotografar, deixou em sinal de reverência a sua própria oferenda de flores de acácia em cada um dos túmulos.

A expressão de Erobe era sombria. No carro, ela percebeu a sua raiva pela forma como ele ia corcovado, apertando o casaco contra o corpo, murmurando palavras angustiadas na sua própria língua e batendo com o punho na porta. Não encontrava dentro de si tolerância para a chacina cruel e a ganância que haviam testemunhado. Era uma fusão extraordinária de culturas e ela admirava a forma como ele circulava entre as fronteiras das duas áreas da sua vida, utilizando a mesma táctica fluida e discreta que usava na busca de um animal.

Fora educado numa escola de missionários e os seus registos de investigação estavam escritos com clareza e ordem. Quando não estava no acampamento em Buffalo Springs, voltava para a sua *manyatta*, deixando ficar o uniforme e vivendo, à semelhança do seu povo durante séculos, numa habitação de adobe e caniço, obscura e saturada do cheiro forte a cabras, a excremento de gado e a lenha queimada. Trabalhara durante algum tempo em Nairobi antes de os Briggs o encontrarem. Mas dizia que não queria voltar para lá. Apesar da sua instrução e do contacto com o estilo de vida ocidental, possuía as competências ancestrais para sobreviver na região árida que era a sua terra natal. Sarah invejava a elegância com que ele se movia no seu mundo de eleição, compreendendo o que se esperava dele, tanto no acampamento de investigação como na *manyatta*.

Como Dan e Allie, Sarah formara-se num estabelecimento educativo de renome. Mas, apesar da sua educação formal, nenhum deles era capaz de funcionar com eficiência sem o conhecimento e o entendimento intemporais que um homem como Eropé aportava aos seus esforços. Sarah esperava que ele soubesse isso e queria dar-lhe a entender que também sabia. Mas não lhe ocorria uma maneira de exprimir adequadamente o que sentia e assim limitou-se a sorrir e estendeu o braço para o tocar num gesto de solidariedade. Agradou-lhe ver o lampejo de dentes brancos e o ligeiro aceno de cabeça com que ele respondeu.

— Ainda bem que estão sãos e salvos — disse Allie aliviada, quando chegaram ao acampamento. — Já tínhamos ido à vossa procura mas não fazíamos ideia da direcção que a manada podia ter tomado ontem. Pensei que talvez tivessem tido problemas com o jipe. O Dan preparava-se para organizar um grupo de busca com o Departamento de Caça.

— Vais ter de os contactar de qualquer maneira — disse Sarah. — Houve um ataque de *Shifta*.

Alertaram o guarda-caça e voltaram para esperar por ele no local. Sarah observou-o a fotografar as marcas de pneus da camioneta dos caçadores furtivos e a recolher cartuchos gastos e outras provas. Sarah estremeceu. A falta de sono e a reacção aos acontecimentos da noite começavam a fazer efeito. Tanta morte e destruição. Era esta a principal realidade de África?

O guarda-caça interrompeu os seus pensamentos. — Agradecia muito se me escrevesse um relatório. Com quaisquer observações adicionais que o seu pisteiro possa ter.

Sarah indicou que sim, pensando no que teria de escrever, ouvindo novamente os gritos do elefante e vendo as carcaças das criaturas que se habituara a amar, chacinadas, esquartejadas e deixadas a apodrecer depois de os animais carnívoros se refastelarem. Sentou-se no estribo do *Land Rover*, agoniada e desolada, e começou a baloiçar-se para trás e para a frente, invadida de tristeza. Uns momentos depois, Dan acorcorou-se diante dela.

— Já chega — disse ele numa voz firme mas meiga. — Tens de te recompor, Sarah. Há trabalho a fazer.

— Eles não tiveram hipótese. Só queria que ela se tivesse atirado aos cabrões. Que os tivesse espezinhado e matado à patada. Ouvi-a gritar, Dan. Era capaz de reconhecer a voz dela em qualquer lado. Quando

andava alvoroçada, produzia aquele som estridente com a tromba. Subia na parte final, sabes? Nenhum dos outros fazia aquilo.

— Eu sei. É terrível. Uma pessoa prende-se a eles. Como se fossem família. Ouve, passaste uma noite difícil cá fora. Vamos para o acampamento para tomares um duche quente e dormires um pouco. E depois escreves o relatório. O Departamento da Caça vai precisar de toda a informação que puderes dar-lhes.

Sarah respirou fundo e tentou acalmar-se. — Achas que vão ser apanhados? — perguntou.

— Duvido — disse Dan num tom cansado. — São calejados nisto, estes tipos. Passam a fronteira para caçar furtivamente ou assaltar alguma *manyatta* onde possam roubar gado e levar as mulheres. Por vezes matam alguns *moran*. Levam com eles os escrotos como troféus. Depois pisgam-se a todo o gás para a Somália. Dantes vinham a pé. Agora têm camionetas e tenho a certeza que também têm ajuda local, sobretudo no que toca ao tráfico dos cornos de rinoceronte e do marfim. Está envolvido muito dinheiro. Pode ser ilegal mas podes ter a certeza que há muita gente deste lado da fronteira metida nisso... políticos e traficantes, bem como *watu* normais.

— Mas tem de haver *alguma coisa* que se possa fazer para os travar — Sarah ouviu a nota estridente na sua voz.

— É o mesmo circo de sempre. Precisamos de mais patrulhas, o Departamento de Caça não tem dinheiro para subsidiar e o governo é demasiado incompetente ou corrupto para organizar. E um programa de conservação que beneficie as tribos locais para elas comecem a compreender o mérito de proteger a vida selvagem em vez de a chacinar.

A resposta de Dan era objectiva e ela percebeu que ele estava a aproveitar a conversa para lhe dar tempo para se recompor. Levantou-se, tomando a decisão de não voltar a desanimar assim. Dan estava a olhar para a cara dela coberta de poeira e lágrimas e Sarah reparou na sua preocupação. Ele ajudou-a a entrar para o jipe.

— Eu sei o que sentes pelos elefantes — disse ele quando se sentou ao volante. — Queres protegê-los a todo o custo. Mas tens de te lembrar que, antes de mais, és uma cientista. — Sarah ia protestar mas ele não deixou. — Não, ouve-me, miúda. O teu trabalho é observar e tomar nota. Estamos aqui para observar as vidas diárias destas manadas, para compreender o

que fazem e porquê, para ver como reagem em diferentes situações. Só poderemos garantir a sua protecção se soubermos que tipo de ecossistema lhes é necessário para sobreviverem e que condições apresentam os maiores perigos. Doença, seca, caça furtiva. Seja o que for. Mas não podemos interferir. Caso contrário, não é real. Estamos a registar o ciclo natural da vida dos elefantes no seu *habitat* natural.

— Mas o que aconteceu ontem à noite não foi *natural*.

— Não, não foi, e deve fazer-se tudo para acabar com a caça furtiva. Mas a humanidade mata animais desde os primórdios do universo, Sarah. Estamos a lidar com a vida selvagem em liberdade e os seus predadores hoje em dia incluem caçadores furtivos e bandidos. Não dispomos dos recursos para criar aqui um santuário animal utópico, uma espécie de jardim zoológico gigante e benfazejo. Não podemos ir-nos abaixo quando estas coisas acontecem, caso contrário acabamos destruídos.

Ela olhou em frente, tentando evitar olhar para os dois montículos. Mesmo tapados, o cheiro nausebundo da putrefacção começara a permear a clareira à medida que o calor se intensificava. Mordeu o lábio, fazendo um esforço para responder calmamente ao que Dan dissera.

— Suponho que foi por ter sido tão inesperado. A selvajaria horripilante e o desperdício — disse. — Compreendo perfeitamente o que queres dizer. É necessário ter um certo desapego, como os médicos com os doentes. Mas até agora tem sido magia, observá-los todos os dias, conhecê-los aos poucos. Fiquei louca de raiva, sabes? Quis pegar no carro e ir atrás dos cabrões... o Eropé deve ter-te dito. Era uma loucura, claro. Tínhamos acabado mortos. Ainda bem que ele pensou pelos dois.

— Já tem feito a mesma coisa por mim — admitiu Dan.

— Tenho muito que aprender — disse Sarah. — Vou dar atenção ao que dizes, tentar ser objectiva e eficiente e não ceder a sentimentalismos sempre que acontecer alguma coisa má. Mas não sei se alguma vez conseguirei o desapego de que falas porque me sinto muito envolvida. Não sou capaz de *não* me sentir assim. E se calhar achas isso um obstáculo ao teu trabalho de investigação.

— Não. A paixão pelo que se faz é normalmente uma coisa saudável. Mas tens de ter cuidado para que incidentes como o de ontem à noite não te toldem o discernimento nem dêem cabo de ti. Porque, infelizmente, vais assistir a mais. Se ficares.

— Que estás a tentar dizer exactamente, Dan? — Sarah encarou-o.

— Suponho que te estou a perguntar se és suficientemente forte para isto. Não gostaria de ver a crueldade arbitrária deste país destruir-te. Sei que o amas, que tens vivido aqui desde miúda. Mas pode ser mais do que difícil. De certo modo, é preciso ter uma alma de ferro para sobreviver. És uma rapariga estupenda, Sarah. Não queremos que te entregues demasiado e que venhas a perder o teu norte com isso.

Ela ficou a pensar durante algum tempo. Dan tinha razão em questioná-la. Teria a capacidade de resistência suficiente para fazer aquele tipo de trabalho, no mato, onde a vida seria sempre perigosa e imprevisível? Ali não havia lugar à fraqueza e à autocomiseração. Mas sabia que queria ficar, que queria que lhe fosse dada a oportunidade.

— Ainda não sei de que fibra sou feita — disse por fim — mas gostava de ficar e descobrir. Se estiverem dispostos a manter-me no caminho certo.

— É assim mesmo — disse Dan, sorrindo-lhe. — Vais fazer coisas fantásticas aqui. E verás que no fim o teu contributo terá sido importante.

CAPÍTULO 20

Londres, Novembro de 1965

— **F**altou à consulta. — Edward recostou-se na cadeira, juntando as pontas dos dedos, com um ar interrogativo mas pouco encorajador.

— Parece um director de escola a falar — disse Camilla, tentando aligeirar a situação. — Apresenta-te no meu gabinete depois da missa, esse tipo de coisa.

— Se bem entendi, quer que eu repare a sua cara, caso contrário a sua carreira actual está acabada. — Debruçou-se sobre a secretária, com uma expressão séria. — Pois bem, isto para mim não é nenhuma brincadeira. Estou preparado para usar o meu tempo e as minhas capacidades para lhe conseguir o melhor resultado possível. Mas dá-me ideia que a Camilla tem uma opinião diferente.

— Sinto muito.

— Bem, a partir de agora as coisas vão ser mais complicadas. Já passaram mais de duas semanas desde que a examinei e agora aparece aqui com um novo problema. — Estendeu um espelho de aumento para que ela visse a área afectada com os seus próprios olhos. — O ferimento estava a sarar bem e da última vez que olhei para ele estava certamente limpo. Mas agora o corte abriu, a sua testa está inchada e pisada e tem uma infecção.

— Pus creme anti-séptico. E pensos.

— Trata-se da sua cara. Não estamos aqui a brincar aos primeiros socorros.

— Pensei que ia passar.

Ele ignorou a interrupção dela com um gesto impaciente. — Devia ter-me ligado imediatamente. Eu podia ter tratado disso antes que a situação se agravasse. Teria facilitado as coisas para ambos.

— Não me apercebi...

— O mal está no pior sítio possível onde o golpe faz uma curva para baixo. Vai precisar de antibióticos e eu vou ter de reparar isso tudo. Posso encaixá-la da parte da manhã antes dos meus compromissos cirúrgicos principais. Se me garantir que não falta.

— Não falto.

— Posso saber como é que isso aconteceu?

Camilla encolheu os ombros, evitando o olhar dele e olhando pela janela para a rua cinzenta. — Tropecei e bati contra uma coisa. Depois fui para o campo com a minha mãe.

— Como está a sua mãe? — Ele tinha a certeza de que havia uma razão de peso por trás do desaparecimento dela e agora suspeitava de que Marina talvez fornecesse uma pista.

— Na mesma. Podemos experimentar falar de outra coisa? — Camilla queria compreensão, alguma sugestão da afectividade que vira nele no seu último encontro. Mas ele mostrava-se, pelo contrário, preocupado com Marina. Precisava de alguém que se interessasse pelo que sentia.

— Peço desculpa mas achei que a sua mãe não estava com bom aspecto.

— A Marina está a morrer. — Era a primeira vez que dizia as palavras em voz alta, que as tornava num puro facto no seu próprio espírito. Sentia-se prestes a vomitar o seu medo e confusão na alcatifa clara e nos tapetes persas do consultório.

Carradine ficou visivelmente abalado. — Camilla, tenho mais um doente esta tarde. É só para dar uma vista de olhos rápida a uma intervenção que fiz há várias semanas. Pode esperar por mim? Podemos ir tomar um copo a qualquer lado. Ou jantar, se preferir.

— Eu estou bem. Não preciso de supervisão. — Tinha dificuldade em aceitar a compaixão dele sem sentir vontade de chorar.

— Olhe que acho que precisa — respondeu Edward, sorrindo levemente. — Tanto profissional como pessoal. Portanto, a não ser que tenha algum compromisso inadiável na sua agenda, vou pedir à minha assistente que lhe sirva uma chávena de chá e lhe arranje o jornal da tarde. Depois podemos ir a qualquer lado onde eu não a perca de vista por uma ou duas horas, pelo menos.

— Já o avisei disto — disse ela, tentando recuperar um verniz de compostura. — Vai ser impedido de exercer a profissão por se envolver com uma doente no seu tempo livre.

Sentada na sala de espera, o seu pensamento voltou à mãe e às escolhas que Marina enfrentara durante os primeiros anos de casamento. Não havia dúvida de que dera mostras de tenacidade ao lutar por salvar a união. Fora criada para fazer um bom casamento e tomar o seu lugar na sociedade e fizera os possíveis por proteger a carreira do marido. Agora era demasiado tarde para recriminações e Camilla aceitava que deviam ambas esquecer velhas mágoas e viver para o presente.

— Ele devia saber o que era quando se casou contigo — dissera ela a Marina na primeira noite em Burford. — Mas preferiu esconder-se atrás de ti para poder ser respeitável, continuar a subir na escada do Ministério dos Negócios Estrangeiros. Lá não admitem bichas. Pelo menos, oficialmente.

— Cala-te, Camilla. — O rosto de Marina estava crispado de dor.

— Se calhar esperava que as coisas se resolvessem, esperava conseguir enterrar esse lado dele — Camilla estava determinada em ir até ao fim, em descobrir uma lógica apesar da angústia da mãe. — Mas é evidente que não conseguiu. Ou foi demasiado egoísta para se esforçar.

— Eu era muito nova. — As mãos de Marina gesticulavam, agitadas. — Tinha vinte anos quando nos conhecemos e apaixonei-me instantaneamente por ele. Tenho a certeza que ele também me amava. Quando me pediu em casamento tudo parecia perfeito na minha vida. Éramos tremendamente felizes. E quando eu soube que estava grávida...

— Não quero continuar a falar disto — interrompeu Camilla. — Quero passar tempo contigo, mãe, mas não quero ter de ouvir os pormenores todos, a culpa, a censura e as desculpas. O que quer que tenha acontecido, como quer que tenha acontecido, faz parte do passado. Não tenho estômago para repisar e tornar a repisar as nossas vidas despedaçadas. Recuso-me a isso e não o quero ver. Se fores capaz de aceitar estas condições, fico aqui contigo todo o tempo que puder.

Marina ficara chocada com a fria avaliação que Camilla fazia da situação. Era trágico que considerasse a vida dos pais a uma luz tão distorcida. Era isto o que eles lhe tinham feito, ela e George, e não podiam culpar mais ninguém. Não haveria reconciliação entre pai e filha. Marina sentiu o coração dilacerar-se. Por agora teria de fazer uma escolha entre eles, estar com eles separadamente. Talvez não voltasse a vê-los juntos. Pensou que era um castigo pelos anos de infelicidade que causara e

prometeu a si mesma que não voltaria a falhar naqueles últimos meses de vida.

Criaram uma rotina de convivência amigável no campo, dando curtos passeios juntas, lendo livros, vendo televisão e desfrutando do sossego da pequena casa. Havia momentos em que Marina era tomada de uma extrema fadiga, em que lhe custava respirar e se sentia maçada e com dores. Passava então parte do dia na cama ou sentada à lareira, constantemente com frio, embora tivesse os joelhos cobertos com uma manta e a casa estivesse aquecida ao ponto de se tornar irrespirável. Já não usava jóias. Os dedos haviam emagrecido demasiado para usar anéis e a sua pele estava translúcida. Por vezes Camilla lia-lhe em voz alta para ela adormecer. Depois vestia um casaco e calçava um par de botas e deixava a prisão da casa para ir passear pelos campos, sentindo a chuva suave do princípio do Inverno na cara e um gelo no coração. Interrogava-se como se desenharia se o estado de Marina se agravasse, sabendo que seria obrigada a ligar ao pai e a pedir que viesse. A culpa perseguia-a porque tinha imposto um embargo às visitas de George, enquanto estivesse na casa, e nunca atendia o telefone para evitar ter de falar com ele. Sempre que pensava nele, recordava a sua expressão horrorizada no momento em que se virou para olhar para ela, nesse dia de revelação, e procurava apagar da memória a visão horrível do rapaz, nu na cama. Mas não tencionava canonizar a mãe. Sobretudo quando Winston Hayford telefonava para falar com Marina.

— Que aconteceu ao teu admirador do Gana? — perguntou-lhe Camilla um dia.

— Às vezes encontramos-nos — respondeu Marina com uma expressão neutra. — Mas já não consigo ir dançar com ele.

— Tiveste um caso com ele? — Agora que fizera a pergunta, Camilla percebeu que não queria realmente saber a verdade.

— É um amigo muito chegado e espero que continue assim. E é também um grande médico. Peço-lhe muitas vezes uma opinião. E, por falar em médicos, Camilla, quem me dera que fosses consultar o Edward. Não me agrada o aspecto dessa pisadura por cima do teu olho e a área em volta parece inflamada. Não tens uma consulta com ele um dia destes?

— Vou lá em breve — retorquiu Camilla, sabendo que o pai viria rendê-la.

Faltara à consulta com Edward. Era verdade que a ferida estava inflamada no ponto em que tinha batido com a cabeça, durante o infeliz encontro com Johnson Kiberu. Olhou para ela no espelho da casa de banho e espalhou uma espessa camada de creme anti-séptico ao longo do golpe exposto antes de voltar a cobri-lo o melhor possível. Eram horas de voltar para Londres.

De regresso à cidade, encontrara um monte de cartas no apartamento, incluindo uma mensagem furiosa de Tom Bartlett. Tinha ligado inúmeras vezes, dizia, e não tencionava voltar a tentar enquanto ela não o contactasse. Camilla não conseguia enfrentar uma discussão com o seu agente, mas o facto de estar sem trabalho como modelo lançava uma incerteza assustadora sobre o seu futuro profissional. Sentia o corpo pesado, sem energia. À noite, os seus sonhos ainda lhe traziam memórias do momento em que a *panga* lhe cortara a testa e do sabor salgado e doce do seu próprio sangue. A ferida estava a latejar quando levantou o auscultador e ligou para o consultório de Edward para marcar uma nova consulta.

— Estou a ver que passou pelas brasas. — Edward estava em pé junto dela, estendendo-lhe o casaco quando ela abriu os olhos. — Vamos ao bar do Connaught. É relativamente sossegado.

Pediu bebidas e franziu ligeiramente o sobrolho quando Camilla abriu a carteira para tirar os cigarros. Ela acendeu um na mesma e bebeu um gole de vodka.

— A minha mãe tem leucemia. Diz que não há nada a fazer.

— Há novos tratamentos, embora tenham efeitos secundários desagradáveis. Mas ela é uma mulher nova. Seria de pensar que o médico dela a convencesse a experimentá-los.

— Ela não quer. E o especialista diz que é pouco provável que fizesse qualquer diferença. O cancro está demasiado avançado.

— Talvez ela precise de mais encorajamento. Que diz o seu pai?

— Não falei com ele. Tem estado para fora. É uma pessoa muito ocupada. — Os seus modos alteraram-se imediatamente e ela apagou o cigarro. — Obrigada pela bebida. Tenho mesmo de ir andando, Edward. Tenho coisas para fazer esta noite em casa. E esqueci-me de lhe pedir que

me receitasse tranquilizantes. Continuo a ter pesadelos e ando constantemente nervosa.

— Ouça, já percebi que toquei num assunto difícil relativamente à doença da Marina. Peço desculpa. Pensei que seria um alívio falar sobre ela.

— E é. Não falei sobre isso com mais ninguém e está a começar a pesar-me — admitiu Camilla.

— Eu sei que tudo parece estar a desmoronar-se neste momento, mas precisa de ter cuidado com os tranquilizantes porque podem criar habitação. Passo-lhe uma receita para uma pequena quantidade, mas não lhe passo mais enquanto não falarmos sobre o assunto. Entretanto, preciso de si fresca e relaxada para a nossa sessão de reparação amanhã de manhã. Porque não fazemos um jantar ligeiro e depois eu levo-a a casa? Não seria nada aconselhável passar a noite a fumar e a beber e a afligir-se com a sua mãe.

O restaurante que Edward escolheu estava cheio e Camilla sentiu-se absurdamente tranquilizada quando o gerente a reconheceu e lhes arranhou uma mesa num canto tranquilo. Depois de pedirem a comida, recostou-se na cadeira.

— Costumava estar com os meus pais quando visitava o Quénia? — perguntou.

— Sim. Conhecemo-nos num beberete na Casa do Governo quando lá fui da primeira vez para operar. Depois disso, encontrei-me muitas vezes com a sua mãe. Estava envolvida com uma instituição de beneficência que arranjava camas de hospital para as crianças que eu tratava.

— É, ela estava envolvida nessas actividades. Nunca foi do género de se lembrar que a caridade começa em casa.

Edward registou o ressentimento dela mas não fez comentários. — Foram sempre muito simpáticos e hospitaleiros comigo. O seu pai é um homem extremamente encantador, uma pessoa com visão e um anfitrião generoso.

— Há anos que a engana, esse George tão encantador. Não mostrou grande visão nisso.

Edward ficou à espera, sem dizer nada.

— A enganá-la com homens. Acabo de descobrir.

— Ah. Deve ter sido uma descoberta muito dolorosa — observou. — A infidelidade já de si é difícil mas o outro aspecto... compreendo que precise de tempo para aceitar isso. Ultimamente tem tido de enfrentar muita coisa.

Durante a refeição, Camilla contou-lhe a história toda, descrevendo a sua educação e a estranha vida conjunta dos pais, como um par de escorpiões a executar uma dança interminável. Edward ficou tocado com a tentativa de Camilla explicar, sem sentimentalismos, o isolamento da sua infância quando o amor pelo pai e as amizades que fizera na escola eram as únicas constantes que conhecia. Nunca procurara compreender a mãe nem questionar os motivos da infelicidade de Marina.

— O meu pai era a única pessoa na minha vida em quem sempre confiei e que sempre admirei. Acho que é o que se chama amor incondicional. Ele era o meu herói — Camilla debruçou-se, desejando enfatizar que George tinha sido o seu farol num mar encapelado de correntes e marés em que não se distinguia qualquer lógica. Mas afinal também ele era uma fraude. Era um homem culpado e acossado, escondendo-se atrás da máscara de um casamento infeliz.

— Na escola tinha duas amigas que eram os únicos pilares que nunca mudavam — disse Camilla. — Mas quando tinha problemas, usava-as como barreiras. Para me esquivar à realidade, para evitar aprender lições profundamente dolorosas. E recentemente cometi o pior de todos os erros.

Olhou para ele à espera de uma reacção, mas Edward estava a estudar o vinho no copo, receoso de que um contacto demasiado directo entre ambos pudesse inibir a narrativa dela, destruir a sua confiança nele como alguém que sabia ouvir. Queria que ela soubesse que podia confiar nele e já estava ciente de que a amava, por mais louco que pudesse ser. Ainda lhe custava a acreditar no efeito que Camilla exercia sobre ele, na sensação tonta e perturbadora que experimentava quando estava com ela. Tinha idade para ser pai dela e acabara de a conhecer. Mas não se importava.

— Parece ter sobre mim o efeito de me fazer contar tudo. — O sorriso dela iluminou-lhe os olhos que brilharam límpidos e azuis e ele imaginou como ela teria sido em criança. — É um Eduardo, o *Confessor* dos tempos modernos. — Soltou uma gargalhada franca. — Enfim, agora mais vale ficar a saber o resto. Para rematar, acabo de fazer uma figura triste com um homem. Pensei que ele me amava. Mas descobri, tarde de mais, que

não passava de uma fantasia passageira. Portanto aqui estou, enfeitada, cansada e ferida em todos os sentidos. Deixada ao sabor do vento.

— Está a ser demasiado dura consigo mesma — disse Edward. — Toda a gente se engana de vez em quando e, em retrospectiva, sofre como quando se come qualquer coisa ácida e se fica com azia. E somos todos culpados de dizer a nós mesmos o que queremos ouvir. Eu próprio estou sempre a fazê-lo. Fi-lo esta noite quando disse a mim mesmo que a Camilla não tinha nada de melhor para fazer do que jantar comigo.

— Eis-me aqui — disse ela, não sabendo bem como interpretar a estranha admissão dele. — E, pelos vistos, também não tinha nada de melhor para fazer. Obrigada por me ter ouvido. Suponho que é o preço que tem de pagar por conviver com as suas doentes.

— A maioria das minhas doentes não quer conviver comigo, não vá acontecer esbarrarmos com alguém que, ao ver-nos juntos, pense que fizeram um *lifting*. Além disso, estou sempre a ser acusado de me deixar absorver de mais pelo trabalho.

— E é verdade?

— Estou a aprender — disse ele, ao pedir a conta. — Vou levá-la a casa. E a Camilla vai-me prometer que se deita cedo e se apresenta na clínica amanhã de manhã às sete.

— Prometo — disse ela solenemente. — É o mínimo que posso fazer depois de ter descarregado em cima de si uma litania de mágoas. Não sou normalmente assim, sabe, e não quero que sintas pena de mim. Detestaria isso.

— Não é pena o que eu sinto por si — disse ele.

Camilla levantou-se e, ao virar-se, ouviu alguém a chamar pelo seu nome.

— Camilla, onde tens andado, por amor de Deus? Nunca atendes o maldito telefone e escrevi-te uma carta que obviamente não te deste ao trabalho de ler. Perdeste um trabalho formidável. — Era Tom Bartlett.

— Acho que conheces o Edward Carradine — disse Camilla. — Ele vai reparar este desastre na minha testa dentro de algumas semanas e depois hei-de ficar como nova.

— Excelente notícia. Mas bem podes esquecer a cara se não deres sinais de vida ao teu agente.

— Vou buscar os nossos casacos — Edward afastou-se diplomaticamente.

— As memórias neste ofício são muitas curtas, sabes bem — Tom estava seriamente aborrecido. — Afinal onde é que te meteste? Imagino que tinhas acesso a um telefone no sítio onde te escondeste.

— Estive no campo. A minha mãe não está bem e estive a fazer-lhe companhia.

— Podes fazer uma sessão no princípio da próxima semana? Para a *Biba*? Alguém falhou à última hora e eles estão desesperados.

— Isso afaga-me o ego — observou ela.

— Não sejas tão arrogante — retorquiu Tom. — Desapareces e nem sequer deixas um número onde eu te possa encontrar e agora queixas-te que eu te arranjei um bom trabalho. Disse-lhes que tinhas cortado o cabelo, que usavas franja. Aliás, contei-lhes a história toda. Mas é uma sessão em estúdio e não há vento e a colecção inclui chapéus. A testa não tem importância.

— Ligo-te de manhã e já me dás as datas e o local da sessão. — Estendeu a mão e afagou-lhe o braço. — Obrigada, Tom. Mil vezes obrigada.

Quando chegaram ao apartamento dela, Edward deixou o táxi à espera enquanto a acompanhava lá acima. Para alívio de Camilla, não se fez convidado para entrar. Mais tarde, ela interrogou-se sobre o que lhe teria dado para lhe confidenciar todos os seus pensamentos privados. Talvez fosse por ele não ter preconceitos em relação a ela. Sentou-se na beira da cama por uns momentos antes de pegar no telefone e ligar para a mãe em Burford. Marina não tinha alterado os seus hábitos de dormir. Continuava a ficar acordada até às primeiras horas da manhã e a levantar-se tarde.

— Consulte o teu amigo Edward — disse Camilla. — E tenho de lá voltar de manhã cedo, portanto, só estou em casa depois das dez. Estás bem?

— Estou. O teu pai está aqui, querida. Amanhã voltamos para Londres. Queres...?

— Não. Amanhã telefono-te. Boa-noite.

Camilla reclinou-se nas almofadas mas o sono teimava em não chegar. Pensou nos pais, sentados na companhia um do outro na pequena casa, enfrentando os equívocos do seu passado comum e contemplando a eterna

separação do futuro. Sentir-se-ia o pai secreta e culposamente aliviado por o fim estar próximo, por deixar de ser prisioneiro da mentira que criara? Pensou no que poderiam dizer agora um ao outro. George perguntaria a Marina se ela se sentia bem, sabendo que o tecido esponjoso que constituía o seu sangue vital lhe estava a apodrecer dentro dos ossos? Ela cumprimentá-lo-ia com o seu toque leve, de borboleta, perguntar-lhe-ia como tinha passado a semana, como estava o amante? Ao fim de algum tempo, Camilla dirigiu-se à casa de banho e abriu o armário com espelho. Só tinha dois tranquilizantes no pequeno frasco e Edward esquecera-se de passar uma receita. De manhã, lembrar-lhe-ia.

Lá fora, a noite estava fria e o brilho laranja das luzes da cidade formava uma faixa no horizonte. O céu parecia carregado, húmido do nevoeiro, ao contrário da luz das estrelas de uma noite africana, que dançava através das silhuetas das frondes das palmeiras e por entre o rendilhado dos ramos de acácia, iluminando o seu júbilo por estar viva e apaixonada. Pensou onde Anthony estaria nesse momento e se alguma vez pensaria nela. No postal que escrevera dizia que talvez passasse por Londres. Mas não mencionara o seu aniversário nem dera a entender que desejava estar com ela. Sarah e Hannah também haviam escrito, para saber notícias sobre a sua cara mas tinham omitido qualquer referência quer a Anthony quer a Langani e aos seus problemas. Camilla sentia-se envergonhada por tê-las desiludido. Mas não podia explicar o que tinha acontecido nem expor abertamente o segredo do pai. Por um momento sentiu-se tentada a ligar para a fazenda a saber como se encontravam todos, se Sarah estava já instalada no seu novo emprego, a explicar a sórdida descoberta que a tinha afastado das únicas pessoas que amava. Depois, apercebeu-se de que já passava da meia-noite no Quénia. Um telefonema não seria bem recebido. Melhor assim. Não tinha a certeza de conseguir resistir à reacção delas, ao choque que Hannah tentaria esconder, à compaixão com que Sarah reagiria e à provável repugnância de homens como Piet e Lars. Camilla voltou a deitar-se e puxou os cobertores para cima, sentindo as lágrimas deslizar-lhe pelas faces. Um Deus implacável arrebatara-lhe tudo e adormeceu a perguntar a si mesma se merecia uma punição tão cruel pelos erros que tinha cometido.

Na manhã seguinte, Edward tratou-lhe da testa e mandou-a voltar dentro de dez dias para um *check-up*.

— Vai regressar a Burford? — perguntou.

— Não. A minha mãe volta hoje.

— Bem, tente não se meter em trabalhos. Não se ponha por aí a andar aos tropeções, toldada de vodca, senão ainda cai outra vez contra alguma coisa.

Camilla ficou magoada por ele supor que estava embriagada quando caíra.

— Vou passar a próxima semana numa conferência em Nova Iorque — disse ele, lavando as mãos. A lavar as mãos das desgraças mesquinhas que ela tinha infligido a si mesma, pensou. — Se tiver algum problema com a cara quero que ligue imediatamente para este número. É de um colega e ele ocupa-se de qualquer emergência. Eu ligo-lhe quando voltar. Só para lhe sacudir a consciência e mantê-la na linha.

Foi um alívio estar novamente a trabalhar e, no final da primeira manhã, Camilla interrogou-se por que razão se queixava às vezes da carreira que tinha seguido por acaso. Reviveu a luz quente e a poeira dos projectores com uma espécie de nostalgia que nunca teria julgado possível. Sorriu e fez beicinho, bamboleou as ancas ao ritmo dos ruidosos Stones e deu meia-volta para olhar por cima do ombro para a objectiva, na certeza de que o seu encanto saltaria à vista das imagens.

— Estás melhor que nunca — disse o fotógrafo, James Mann. — Uma maravilha. Agora põe as mãos nas ancas, espeta bem essa ratinha para fora. Sorri como se fosses dar-me a única coisa que eu quero. Isso, assim mesmo. Ótimo.

No fim da semana, tinha várias novas marcações e recuperara o ânimo. Não estava arruinada, ainda que tivesse de esperar três ou quatro meses pelo momento oportuno para minimizar a cicatriz. Havia a possibilidade de ser convidada a lançar uma nova linha de fatos-de-banho e Tom estava atarefado a negociar.

— É um alívio — disse ele. — De repente tiras o telefone do descanso e desapareces sem deixar rasto. No momento seguinte, reapareces como a modelo ideal, sempre a horas, cheia de ideias de maquilhagem e penteados e melhores formas de seres fotografada. Prefiro esta versão.

— Dantes pensava que tinha caído nesta profissão por acaso. Que era uma segunda escolha, mais pobre — disse Camilla. — Mas agora percebo que é uma coisa que faço bem e, se é a minha especialidade, então quero ser melhor do que as outras todas.

Experimentou uma série de perucas e cabeleiras que lhe permitiam mudar radicalmente de aspecto, embora tivesse de manter a testa tapada. Estudou a sua imagem ao espelho, inventando novas formas de dar realce aos olhos, à boca, aos planos do rosto, para que os fotógrafos reconhecessem a sua versatilidade e não quisessem outra modelo senão ela. Já não se queixava de sessões em estúdios ventosos nem reclamava quando tinha de estar sentada numa carrinha, na orla de um campo, à espera que o cenário fosse montado ou que aparecesse o sol. Para além do saco cheio de cosméticos, rolos do cabelo, escovas e outras ferramentas do seu trabalho, andava com uma pequena pasta cheia de livros. Lia avidamente entre sessões fotográficas, devorando ficção e história.

Quando Edward regressou a Londres, removeu-lhe as suturas e, pouco depois, ela pôde aplicar uma camada de base compacta na cicatriz e voltar a usar o cabelo penteado para trás. Os resultados não eram suficientemente bons para *close-ups*, mas eram aceitáveis para imagens em que estava a andar, a dançar e a saltar a meia distância, ou a posar a uma luz suave como uma beldade mítica. Os colunistas escreviam sobre ela nos jornais, as revistas queriam entrevistá-la, homens ricos desejavam a sua companhia num camarote na ópera, nos seus iates particulares e nas suas vivendas na Côte d'Azur. A combinação da sua beleza e do seu profissionalismo criavam uma outra forma de pressão. Os pedidos e os convites enchiam-lhe a caixa do correio e choviam no escritório de Tom, dando-lhe a sensação de ser presa do seu próprio sucesso.

— Não sou capaz de ir a mais festas nem aparecer mais em público este mês — disse a Tom. — Ando tão exausta que não consigo dormir. É como um carrossel numa feira de diversões que anda cada vez mais depressa e eu sinto que não consigo sair se não me atirar para o chão. Tens de me arranjar tempo livre. E preciso de alguns dias para estar com a minha mãe.

Quando Marina estava em Londres, almoçavam ou jantavam ocasionalmente juntas ou passavam uma tarde no cinema ou no teatro, se ela se sentisse bem e Camilla estivesse livre. Havia um acordo tácito entre ambas de que George nunca estaria presente e nunca falaria sobre ele.

Havia momentos em que Camilla tinha saudades dele com a violenta dor da privação mas, sempre que se sentia tentada a telefonar-lhe, não era capaz de imaginar o que poderia dizer-lhe. O pai tentaria explicar-se, desculpar-se talvez, e ela não queria enfrentar aquele homem diferente nem presenciar a sua vergonha por ter sido descoberto pela filha. Questionava essa sua inépcia. Muitos dos homens com quem trabalhava eram abertamente homossexuais. Eram muitas vezes talentosos, possuidores de uma sensibilidade artística e agradáveis companheiros de jantar que partilhavam o seu apreço pela música e pelo teatro, por objectos belos e roupas. Melhor ainda, sabia que não insistiriam em favores sexuais no final da refeição. Sentia-se relaxada na companhia deles, saboreando os seus gestos muitas vezes exagerados e a forma como alardeavam a sua sexualidade. Mas não eram o pai.

Edward ligou duas vezes e convidou-a para jantar, mas Camilla não tinha tempo para uma noite calma e declinou com alguma pena. Ele fora afectuoso, pragmático e abstivera-se de tecer juízos, e ela queria que Edward soubesse que apreciava o seu apoio. A única ocasião em que o viu foi num jantar de beneficência onde foi apanhada numa explosão de *flashes*. Quando o procurou mais tarde, ele tinha desaparecido. Começou a cortar nas festas que acabavam tarde e a limitar-se a cinco cigarros por dia e só bebia champanhe e um pouco de vinho. Embora de tempos a tempos fumasse marijuana, declinava as drogas mais potentes que estavam disponíveis em abundância.

— Querida, daqui a dez dias fazes vinte e um anos. É o teu grande aniversário e por causa desta doença aborrecida não fizemos planos nenhuns — Marina abordou finalmente um assunto que Camilla tinha vindo a evitar. — Começa a ser tarde e eu preciso de saber o que queres fazer. Qualquer coisa no Annabel's, talvez?

— Não quero nada de social com milhares de pessoas — respondeu Camilla. — E muito menos um espectáculo que dure toda a noite num restaurante ou num clube com montes de pessoas da moda. Não há ninguém dessa gente que eu considere um amigo chegado, a não ser talvez o Tom Bartlett. São boas companhias mas mais nada. Vinte e um anos. Que quer isso dizer, afinal? Não passa de um número.

— E se fôssemos para fora, para qualquer lado? — sugeriu Marina. — Podíamos apanhar um avião para um sítio fantástico e ficar no melhor

hotel.

— Por exemplo?

— Paris, talvez. Se bem que haja o risco de chover constantemente. Ou Roma. Roma seria encantador. Qualquer sítio que queiras.

— Sentes-te suficientemente bem para viajar, mãe?

— Bem, o Kalahari talvez fosse um pouco duro. Mas posso ir a um lugar próximo. O Dr. Ward disse que me dava um contacto se tivéssemos problemas.

O tom de Marina era quase de súplica. Camilla percebeu que a ideia se vinha formando no seu espírito há algum tempo, que podia mesmo ser a sua última oportunidade de fazer uma viagem.

— Pronto, Roma. Não vamos a Itália desde que fiz o meu curso em Florença. Vamos experimentar Roma.

— Camilla, não queres considerar...?

— Não me perguntes o que eu acho que me vais perguntar. Por favor, mãe. Não.

Viajaram para a Cidade Eterna numa tarde de sol. Uma limusina do hotel foi buscá-las ao aeroporto e sentaram-se no conforto do carro, observando a magnificência de Roma desfilarem pelos vidros fumados. As cúpulas, colunas e monumentos erguiam-se majestosamente na luz do fim da tarde. O hotel era apropriadamente luxuoso com intermináveis superfícies de mármore polido e tapetes espessos que amorteciam os passos e abafavam o som de conversas ligeiramente forçadas. A viagem fatigara Marina, que estava pálida e ofegante ao percorrer os últimos metros no corredor que levava aos dois quartos adjacentes com porta de comunicação.

— São horas de dormires a sesta — disse Camilla. — E eu também vou dormir um pouco. Depois decidimos o que queremos para o jantar, se é que queremos jantar. Passo muito bem com uma refeição no quarto.

— Oh, acho que conseguimos melhor — disse Marina. — Tenho a certeza. Vais ver.

Camilla deixou a porta entreaberta e começou a desfazer as malas. Na casa de banho, levantou a franja e olhou para a testa ao espelho. A linha vermelha estava limpa mas as marcas das suturas ainda eram visíveis.

Agora teria de esperar que Edward considerasse que o momento oportuno para operar tinha chegado. Faria vinte e um anos no dia seguinte. Recebera no correio cartões de Sarah e Hannah, com breves cartas que exprimiam o seu desapontamento com ela. Anthony enviara um enorme ramo de flores através da Interflora, mas não lhe tinha dado qualquer ideia de onde estava. Uma encomenda da Asprey fora entregue no apartamento, acompanhada de um cartão do pai, mas Camilla deixou-a por abrir. Correu as cortinas e contemplou o tropel do tráfego nocturno e a vida da cidade que não podia partilhar, fechada no quarto do hotel e imune à sua ruidosa realidade. Mas, pelo menos, estava longe das pressões do trabalho e da celebridade. O que precisava de fazer era dormir e talvez aquelas breves férias lhe permitissem esse luxo. Preparava-se para pôr um banho a correr quando o telefone tocou no quarto de Marina e ela apressou-se a atender, esperando que não acordasse a mãe.

— Marina? *Cara!* Ah, é a Camilla... excelente. Minha querida, fala a Claudia Santini. Era amiga da tua mãe em Nairobi, lembra-te? E quando estiveram aqui na embaixada depois de deixarem o Quénia. Nessa altura, passámos bons momentos juntos. O meu marido Franco está no serviço diplomático como o teu pai. É uma pena o George não ter vindo. A Marina ligou-me de Londres a explicar que fazias anos, e portanto vamos celebrar juntos, não é? Reservei uma mesa em Santa Maria Trastevere para hoje à noite. Muito informal e simples e a Marina pode ir-se embora se se sentir demasiado cansada. Só entre família. E amanhã almoçamos na nossa casa de campo.

Camilla suspirou. Não havia maneira de se esquivar ao plano congeminado por Marina. Tinha sido louca ao imaginar que seriam apenas as duas. Com uma ponta de remorso, apercebeu-se de que não se importava nada com a distração. Pelos menos impediria que a doença e a morte ensombrassem o fim-de-semana.

— Ora, que se lixe — disse à sua imagem no espelho. — Afinal que interessam os meus anos?

O restaurante estava escondido no labirinto de ruas empedradas atrás da praça principal. Claudia Santini abraçou Marina lavada em lágrimas. O marido fez o mesmo, não fazendo qualquer tentativa para disfarçar a emoção. Um rapaz novo, franzino e muito moreno, estava em pé junto da

mesa. Esperou tranquilamente que as saudações e apresentações chegassem ao fim.

— Camilla, *cara*. És linda como a tua mãe. — Claudia passou o avantajado braço pelos ombros de Camilla. — Apresento-te o Roberto, o nosso filho. Talvez te lembres dele de Nairobi.

Olharam um para o outro, trocando olhares de solidariedade que reconheciam o seu papel secundário num reencontro entre os pais. Camilla sentou-se ao lado dele e Franco mandou vir *Prosecco* e *antipasti* para todos.

— Eu lembro-me de ti — disse Roberto, com olhos negros sorridentes. Já estava a atirar-se a ela. — Eras impossível e snobe. Eu e os rapazes do meu ano em St. Mary's dizíamos que eras a Rainha do Gelo e todos te queríamos derreter e conquistar.

— Queriam conquistar qualquer rapariga que estivesse para aí virada — respondeu ela, satisfeita com o ambiente alegre. — Vocês só tinham uma coisa na cabeça, todos. Era a mesma coisa que as freiras tinham. O sexo ou a abstinência.

— Nesse aspecto nada mudou — disse ele, sorrindo-lhe. — Fico muito feliz por tornar a ver-te, por ter outra oportunidade. Conta lá, por onde tens andado? Sei que estiveste em Florença enquanto os teus pais viveram em Roma, mas acho que não vinhas cá com muita frequência.

Mais tarde, aquilo que ela melhor recordava do jantar era Marina, emanando uma estranha energia que a tornava luminosa na sua fragilidade. Camilla pensou na aura impossível de avaliar que rodeia uma mulher grávida transportando uma nova vida no ventre e maravilhou-se perante a forma como a mãe carregava agora a inevitabilidade da morte. A alegria e tristeza desinibidas com que Marina foi acolhida revelaram-se extremamente comoventes, uma visão surpreendente de uma mulher amada pelos amigos. Uma mulher que a filha mal conheceria.

— Venho buscá-las ao hotel. Amanhã ao meio-dia se acharem bem — disse Claudia procurando sinais de fadiga na amiga. — Não podes estar demasiado cansada para a festa, Marina, *cara*. Vamos chamar-lhes um táxi.

— Não, gostava de andar um pouco a pé — respondeu Marina. — A temperatura está tão agradável e adoro esta parte da cidade.

Chegaram à praça e sentaram-se para que ela descansasse por alguns momentos. À sua volta as pessoas passeavam-se e bebiam, sentadas a pequenas mesas colocadas na rua para tirar partido de uma noite amena. Os namorados beijavam-se e trocavam carícias, caminhando enlaçados e indiferentes a tudo para além da sua paixão. As estrelas brilhavam em cima e em baixo, cintilando no céu aveludado e reflectindo-se na água trémula da fonte iluminada. Camilla pensou em Anthony e depois afastou-o do pensamento antes de pegar na mão de Roberto.

Marina dormiu até tarde na manhã seguinte e, quando o carro chegou, ainda não estava pronta.

— Vai ter com a Claudia lá em baixo — disse a Camilla. — Preciso de mais dez minutos para me arranjar. Hoje em dia levo imenso tempo e é pior quando alguém está à espera, a ver.

— Não faz mal — disse Claudia. — Pode demorar o tempo que quiser. Esperamos as duas no bar. Que queres beber?

— Um expresso, por favor — disse Camilla.

— Muitos parabéns, minha querida. Desejo-te tudo de bom na vida.

— Obrigada.

— É difícil para ti. Eu sei. Devias estar com pessoas da tua idade, a celebrar os teus vinte e um anos e a tua beleza. O começo de tudo o que queres fazer. Mas a infelicidade da doença da tua mãe chegou na mesma altura.

— O sentido de oportunidade nunca foi o meu forte.

— De qualquer modo, agora dispões de tempo num momento importante.

— Como? — Camilla começava a lamentar ter descido mais cedo para estar com Claudia. Ocorreu-lhe que era um artifício congeminado por Marina e pela velha amiga. Uma oportunidade para um sermão, uma conversinha de encorajamento.

— Não conheceste a minha filha — disse Claudia. — Jovem e bela como tu, cheia de energia e de vida, cheia de planos. Estava sempre a discutir comigo e com o pai porque não queria estudar, ficar na universidade, ser como as amigas. Queria independência, um estilo de vida mais livre. Queria escapar de nós, como todos os jovens querem

deixar os pais porque eles são retrógrados, estão desactualizados. Foi para a Índia há dois anos. Um dia, sem nos dizer nada, partiu e foi para a Índia. Não tivemos sequer a oportunidade de nos despedirmos.

— Tenho vários amigos em Londres que fizeram a mesma coisa — Camilla tentou sossegá-la. — Está na moda arranjar um guru para seguir, procurar uma maneira diferente de viver. Mas, na maioria dos casos, é simplesmente uma fase passageira. Mais nada.

— Mas no caso da Gina essa fase não vai passar. Morreu num acidente, três semanas depois de lá chegar. E agora nunca mais teremos a oportunidade de dizer uma à outra o quanto nos amamos.

— Sinto muito. Não consigo imaginar... — Camilla não conseguiu pensar numa frase adequada para dizer.

— A tua mãe ajudou-me imenso — disse Claudia. — Conhecia o problema das filhas que queriam libertar-se. Não sei o que teríamos feito sem ela. Os meus amigos italianos nunca compreenderam verdadeiramente. Não tinham vivido no estrangeiro como nós e eram quase todos de famílias romanas em que só a tradição conta. Achei que, de algum modo, alguns até nos culpavam por termos criado os nossos filhos noutros países. Por os termos mandado para escolas estrangeiras onde aprenderam mais sobre outras culturas do que sobre a deles. Estivemos tanto tempo fora que os velhos laços se quebraram. Mas o George e a Marina compreenderam e foi por isso que nos tornámos tão bons amigos.

— Está a dizer-me que eu tenho a oportunidade de me despedir.

— Talvez te pareça óbvio de mais. Mas sim, é o que estou a dizer. E, entretanto, podes proporcionar-lhe felicidade e conforto.

— Nunca tive muito jeito para isso — disse Camilla.

— Ela está muito frágil. — Claudia não pareceu ter ouvido. — Deve haver alguma maneira de se alimentar melhor para não perder as forças. Não pode definhar assim. Tem de lutar. Tem de lutar por ele.

— Por quem? — Camilla ficou intrigada.

— Pelo teu pai. Eu sei porque é que ele não está aqui com ela. Claro que não anda em viagem, demasiado ocupado para o aniversário da filha. A tua mãe não esperava que acreditássemos nisso. E nós compreendemos a mentira, sabemos que o quer proteger.

— Sabem? — Camilla estava atónita. Talvez fosse a única a não ter conhecimento do verdadeiro estado da relação entre os pais.

— Sabemos que está destroçado, pobre George. Que lhe é impossível aceitar o que está a acontecer. Mas, pelo menos, terá a filha de que sempre falou, a sua princesa, bela e inteligente. Pelo menos, estarás com ele quando ela partir. E ele deve sentir um grande orgulho em ti, na tua fama e no teu sucesso.

— Não me parece que ele realmente...

— Não debes pensar que ele não te ama o suficiente — interrompeu Claudia, com uma expressão ansiosa no rosto redondo. — Mas não é simplesmente capaz de encontrar coragem. Não consegue enfrentar a ideia de uma vida sem ela. Passaram tempos felizes aqui em Itália. A Marina disse que foram os melhores anos da vida deles. Portanto, não custa compreender por que razão ele não quis agora voltar, sabendo que nunca mais estarão juntos em Roma. Estou certa que há-de celebrar contigo em Londres quando regressarem.

Camilla não respondeu, sentindo um gosto amargo encher-lhe a boca. Claudia estendeu o braço sobre a mesa e pegou-lhe na mão.

— Ele parece um homem forte, o George. Mas depende dela em tudo, só confia na Marina para o orientar. Para lhe dar um equilíbrio. Não sei o que fará sem ela porque é do lado dela que está a força. É por isso que tens de o ajudar, embora seja difícil, porque és muito nova e a perda ainda não faz parte da tua vida. É uma coisa que hás-de aprender. Mas hoje sejamos felizes, como a Marina é feliz por antever para ti um futuro promissor. Isso é precioso.

— Por vezes as coisas parecem diferentes vistas de fora — disse Camilla, irritada com o sermão equivocado de Claudia. A análise dela apenas confirmava o talento de George para enganar e a predisposição de Marina para representar na perfeição o papel de esposa compreensiva do diplomata, de encobrir a realidade com um véu. — Por vezes, as aparências iludem e só descobrimos quando nos aproximamos o suficiente.

— Não, minha querida. Acho que a maior parte das vezes são aqueles que estão por dentro que não vêm porque são demasiado novos ou demasiado velhos ou estão demasiado próximos dos acontecimentos, e porque sofreram. Acho que é esse, mais frequentemente, o caso. Espero que perdoes as minhas palavras, mas a Marina é minha amiga e eu gosto muito dela. Ah... lá vem ela e que bonita que está, não está?

A casa dos Santini situava-se a meia hora do centro da cidade, nas margens de um lago. O campo estava banhado por aquela luz dourada especial que Camilla sempre pensara ser puramente italiana. O céu estava espantosamente azul, emoldurado pelos ramos despidos que se abriam sobre a paisagem, revelando campos antigos e propriedades imponentes que as folhas estivais normalmente escondiam. Subiram um caminho de ciprestes até a uma casa de proporções perfeitas, implantada numa extensão de jardins simétricos com um lanço de degraus de pedra para a porta principal. No interior, os tacões de Camilla ecoaram nos pavimentos de mármore ao seguir a mãe e Claudia através de várias salas de recepção amplas que se pareciam mais com um museu do que com uma casa de família.

— É impossível, esta casa da família do Franco — disse Claudia, estendendo um braço num gesto de amor e exaspero. — É uma luta diária preservar estas velhas paredes e tectos, batalhar contra a humidade e o estuque a descamar, os caixilhos das janelas e as pedras. Às vezes grito com o Franco, digo-lhe que deixe isto tudo apodrecer para podermos viver num apartamento moderno na cidade e eu poder passar o meu tempo a fazer compras na Via Veneto ou a jogar *bridge* e tomar café com as minhas amigas. Mas depois chego a este jardim e apaixono-me outra vez.

Saíram da grandiosidade decadente e da luz mortiça do interior para um terraço descoberto que dava para os jardins. O elemento central era uma fonte da qual se erguia a figura de um jovem, nu e belo, a cavalo num leão cuja juba de pedra sofrera a erosão gradual de séculos sob a água do seu repuxo. O almoço fora servido à sombra dos pinheiros, na orla do relvado, e um pequeno grupo de pessoas estava a beber champanhe ao sol. A luz de fim de Outono dançava sobre o brilho dos copos e dos pratos e sobre pesadas taças de fruta e flores que enchiam a comprida mesa. Roberto levantou uma mão para lhes acenar e depois correu pelas escadas acima para conduzir Marina para o jardim, olhando por sobre o ombro para Camilla com uma expressão de indisfarçável desejo. Ela estava a rir enquanto Franco Santini fazia as apresentações e agradou-lhe ver que alguns dos convidados pertenciam à sua geração. Após algumas frases hesitantes, começou a relembrar os seus conhecimentos de italiano, falando com naturalidade e fluência e sentindo-se relaxada na companhia dos amigos de Roberto que reagiam do mesmo modo que os italianos que

conhecera em Florença durante o ano aí passado a estudar arte e línguas. O seu prazer desinibido e disponibilidade para festejar com ela eram contagiantes e Camilla sentiu-se reanimada e exultante.

O almoço foi demorado e langoroso. Marina comeu muito pouco mas não pareceu ter dificuldades com o champanhe e os vinhos que um mordomo de luvas brancas estava permanentemente a servir. Estava no seu elemento, virando a cabeça no estilo deliberadamente artístico que Camilla tão bem conhecia, seduzindo os homens presentes, fazendo comentários espirituosos na sua voz delicada e ofegante. Dava a sensação de não ter a mais pequena preocupação no mundo, como se a vida a tivesse tratado com extraordinária generosidade, cumulando-a indiscriminadamente com as dádivas da beleza, da inteligência e de todo o tipo de riquezas. Eram quase seis horas da tarde quando se fizeram os últimos brindes de aniversário e a mesa se cobriu de chávenas de café e balões de conhaque. À luz que esmorecia, transformando as árvores em sombrias silhuetas e projectando longas sombras oblíquas no relvado, as mulheres envergaram as suas estolas e casacos. Camilla estremeceu.

— Agora vamos deixar os velhotes — disse Roberto. — Anda comigo que eu mostro-te Roma sem os dinossauros.

Claudia dirigiu-lhe um gesto de encorajamento. — Vai com o Roberto. Eu levo a Marina ao hotel e fazemos companhia uma à outra durante algum tempo. Quando ela se sentir cansada, eu ajudo-a a deitar-se.

Era difícil encontrar palavras para exprimir o seu apreço pela hospitalidade com que fora recebida e a consideração demonstrada. Camilla chegara num estado de espírito defensivo, prevendo entre os convidados uma compaixão constrangedora pela rapariga de Londres que celebrava os seus vinte e um anos na companhia de estranhos. Estava também consciente de que o almoço fora organizado tanto para Marina como para ela própria. Agora tudo parecia bater certo. Lançou os braços ao pescoço de Claudia.

— Obrigada — disse. — Obrigada por tudo o que fez e pelas palavras sensatas que me meteu na cabeça.

Beijou a mãe na face, pegou no casaco e na carteira e seguiu Roberto até à garagem do outro lado da casa. O carro dele era baixo e lúcido e ele conduzia depressa com as janelas abertas. Camilla levou involuntariamente a mão à testa onde o vento lhe descobrira a cicatriz ao

soprar-lhe a franja. Ele olhou de relance na sua direcção mas não fez qualquer comentário. A cidade ganhava forma à frente deles, na luz da tardinha, as ruas enchendo-se de tráfego que surgia de todas as direcções. Estacionaram o carro numa rua movimentada com as rodas dianteiras em cima do passeio. Agora estava frio e sentiu-se satisfeita por estar dentro do bar que Roberto escolheu. A música tocava alto e o sítio era fumarento e vibrava de energia. Ele arranjou uma mesa num canto onde o tecto abobadado era iluminado por velas bruxuleantes. Camilla sentiu-se lisonjeada quando várias pessoas a reconheceram de revistas de moda italianas onde tinha aparecido alguns meses antes. Conversaram, beberam champanhe e dançaram, fumaram e conversaram e voltaram a dançar. Roberto segurava levemente nela, seduzindo-a de um modo evidente mas encantador, à maneira antiga.

— Que aconteceu à tua cara? — perguntou.

— Estava de férias no Quénia. Houve um assalto e feriram-me com uma *panga*.

— Há-de sarar, naturalmente. Mas o que aconteceu ainda te aflige? Ainda sonhas com isso?

A pergunta dele surpreendeu-a. — Sim. Tive sorte. Tivemos todos sorte nessa noite. Mas ainda tenho pesadelos. Suponho que hão-de acabar por passar, mas ainda me assusto se ouvir passos atrás de mim e vejo a cara dos assaltantes quando fecho os olhos à noite.

— Eu tenho pesadelos com a minha irmã e a forma como morreu. Acho que nunca hão-de passar e essa cicatriz nunca mais há-de sarar.

— A tua mãe disse-me e eu lamento imenso — disse Camilla. — Sou filha única mas tinha duas grandes amigas que eram como irmãs. Mas perdi-as, o que é muito mais doloroso do que os meus pesadelos ou a minha cicatriz.

Estava um pouco embriagada agora e as lágrimas ameaçavam saltar-lhe dos olhos. Roberto inclinou-se para a beijar mas o momento da sedução passou subitamente e ela sentiu um cansaço profundo.

— Roberto — disse —, achas que me podes levar para o Hassler? Os meus vinte e um anos envelheceram-me de repente. Bebi pelo menos três garrafas de champanhe sozinha. Posso ir de táxi se me chamares um. Sinto muito, Roberto, sinceramente.

— Não é possível — disse ele, rindo. — Vou levar-te a uma festa em casa de um amigo. Quando lá chegares acordas e vais sentir-te em grande forma outra vez. Não podes ir já deitar-te no teu aniversário, como uma velhinha.

A sala do antigo *palazzo* fervilhava de gente nova vestida com os extravagantes atavios da alta sociedade romana. Roberto apresentou-a ao anfitrião. Camilla não captou inteiramente o nome dele com o barulho da festa mas era um príncipe qualquer. À sua volta, havia música, dança e casais refastelados em sofás de veludo, entrelaçados e aos beijos, a beber champanhe e pequenos cálices de licor, a fumar marijuana e a engolir comprimidos de cores vivas que tinham em caixinhas de ouro e esmalte.

— Não posso ficar muito tempo, Roberto — disse ela. — Estou mesmo a dar as últimas.

O príncipe estava ao lado dela. — Ah, mas chegaste precisamente quando vai ser servida a sobremesa — disse ele. — Bebe um pouco de champanhe que eu vou dar-te uma coisa que te há-de fazer esquecer o cansaço. — Fez sinal a um empregado que transportava uma bandeja carregada de pequenos cubos de açúcar brilhantes e deitou-lhe um na taça.

Camilla olhou para ele enquanto se afastava. Depois ergueu o copo na direcção de Roberto e sorriu ao beber o *cocktail*. Ele chamou-a ao centro da sala e ela dançou com ele, seguindo os seus movimentos lentos e deixando-o apertá-la com força até começar a sentir um formigueiro nos dedos e perceber que estava tonta. Quando houve uma pausa na música, desembaraçou-se e aproximou-se da janela do *palazzo* para inalar o ar da noite e olhar para uma praça antiga com uma fonte. Roberto seguiu-a, sussurrando-lhe qualquer coisa ao ouvido que ela não captou. Em baixo a fonte lançou subitamente um alto repuxo no ar, os jactos de água subindo numa série de cores e formas brilhantes e transformando-se em peixes voadores enormes e iridescentes. Surpreendida, Camilla arquejou e voltou-se para a sala onde as paredes se moviam para dentro e para fora, explodindo com cor e violência e palpitando com cada inspiração de ar. As pessoas passavam por ela, indescritivelmente belas, dando-lhe vontade de tocá-las. A música dissolveu-se em cores brilhantes que fluíam como serpentinas e ela saboreou cada acorde do saxofone, sentiu cada batida da percussão no fundo do estômago.

— Ácido? — Olhou para Roberto, viu os olhos dele brilhantes como charcos escuros, a boca cor de cereja a brilhar. — Oh, meu Deus, nunca experimentei isto. — Começou a rir, estendendo os braços para as pessoas que rodopiavam à sua volta, desenhando círculos de cor no ar com as pontas dos dedos. O seu coração estava a bater muito depressa e sentia vontade de abraçar toda a gente mas estava tomada de um riso incontrolável. Percorreu-a uma onda de felicidade e sentiu que era capaz de voar para longe através da praça, submergindo no torvelinho de som e cor no horizonte.

— Anda, *cara*. Vem até lá fora comigo. — A cabeça dele oscilava em cima dos ombros e a sua voz tinha um som estranho e agudo enquanto a conduzia através da palpação e da rotação da sala até à praça em baixo. Roberto ainda estava a rir ao subir para a borda da fonte, debruçando-se para apanhar as gotas de água que caíam, saltavam e se sucediam através do ar num arco prateado.

— Anda para casa comigo — pediu Roberto, afastando-a da beira da água. — Tenho um óptimo haxixe em casa e podemos fumá-lo e curtir juntos. Anda.

Ela seguiu-o para o carro e entrou para o lugar ao lado dele. Sentia agora o peso opressivo dos edifícios à sua volta, que pareciam ameaçar cair e esmagá-la, e de súbito sentiu-se assustada. Andavam pessoas na rua com as caras tapadas com máscaras mas ela distinguia-lhes o brilho nos olhos e a inveja no olhar. Do nevoeiro luminoso que se cerrava à sua volta emergiam figuras grotescas e cruéis. Quando o carro parou num cruzamento, virou-se, dando com um homem a olhá-la fixamente pela janela. Quando o fitou, o seu rosto escureceu e tornou-se negro e ela reparou que ele tinha uma faca na mão, uma faca semelhante a uma *panga* com uma lâmina afiada, que ergueu no ar quando as luzes dos semáforos mudaram e o carro arrancou. Encolheu-se no banco, a gemer, reclinando-se e agarrando-se ao braço de Roberto. Fechou os olhos com força mas uma série de rostos flutuantes penetrou através das suas pálpebras, furiosos e ameaçadores. Roberto estava a falar com ela mas Camilla não conseguia ouvir o que ele dizia por sobre a algazarra das outras vozes. Ao conduzirem através da cidade, viu os semáforos dobrar e baloiçar sobre o carro, como ganchos gigantes que vinham prendê-la, levantá-la e projectá-la para um abismo distante.

Quando ele parou o carro e a ajudou a sair, Camilla apercebeu-se de que estavam de volta ao hotel. Ele pôs-lhe um dedo nos lábios e ela olhou para ele, aterrorizada.

— Não fales enquanto estamos no átrio — disse ele. — Pede simplesmente a chave e eu levo-te lá acima. Não te aflijas, Camilla... toda a gente passou por *trips* más. Não duram. Eu fico contigo até acabar.

Na recepção, o homem atrás do balcão olhou para ela, desconfiado, a sua cabeça diminuindo para o tamanho de uma ervilha e falando num guincho ao estender o braço para pegar nas notas que Roberto lhe enfiou na mão. No quarto, Camilla começou a tremer de medo enquanto os quadros na parede se dilatavam e voavam na sua direcção. Baloçou-se para a frente e para trás na beira da cama, pressionando as mãos sobre os olhos para se libertar dos demónios que lhe tinham invadido o cérebro. Tornou-se de súbito claro para ela que tinha de escapar e levantou-se de um salto, correndo para a janela. Tinha as mãos pegajosas e os dedos agitavam-se e escorregavam ao debater-se com o fecho da janela, abanando o puxador e batendo com os punhos contra os vidros até que um lado se abriu e ela subiu e se sentou com as pernas sobre o peitoril. Sentia que Roberto estava a agarrá-la pelo braço, falando com ela, implorando-lhe que não saltasse. Nenhum deles ouviu o suave estalido quando a porta de comunicação se abriu.

— Que diabo se...? — Marina correu os olhos pelo quarto. — Oh, Deus do céu, por favor ajuda-me. Por favor, só desta vez, não me desampares. — Atravessou o quarto, tentando imprimir aos passos um ritmo pausado, calmo e suave. — Anda para dentro agora, querida — disse em surdina. — Está muito frio aí fora. Desce daí, Camilla. Estou aqui para olhar por ti. Vou ajudar-te a deitar porque é muito tarde, querida. Anda para a cama. Por favor.

Ninguém se mexeu. Camilla continuou sentada no peitoril da janela, os braços abertos como que para levantar voo, contemplando as cúpulas e as torres e as chaminés da cidade, indiferente ao tráfego na rua em baixo e às doces súplicas atrás de si.

— Tomaste a mesma coisa, o que quer que seja? — Marina virou-se para Roberto, num tom duro de ódio. Ele abanou a cabeça e ela agarrou-lhe no braço. — Sai daqui — sibilou. — Sai daqui sem fazer o mais pequeno ruído e nunca mais voltas a contactar a minha filha. E que fique

entendido que nenhum de nós alguma vez há-de falar nisto a ninguém e muito menos aos infelizes dos teus pais.

Passaram minutos intermináveis até Camilla estender a mão e agarrar a mão oferecida pela mãe. Marina segurou-lhe nos dedos e continuou a falar, num tom alegre e tranquilizador, até que por fim Camilla rodou lentamente as pernas para dentro do quarto e se deixou levar para a cama.

Quando acordou a meio da manhã estava possuída de uma profunda lassidão. Abriu a porta de comunicação e viu que Marina ainda estava a dormir. Era demasiado difícil decidir se havia de se vestir e sair para dar um passeio ou ficar simplesmente na cama e entregar-se à sensação pesada e líquida que lhe invadia os braços e as pernas. O serviço de quartos pareceu-lhe uma opção aceitável mas, quando se virou para o telefone, Camilla reparou num pacote impecavelmente embrulhado sobre a mesa-de-cabeceira. Acompanhava-o uma nota que ela leu várias vezes antes de a pôr de lado.

Querida Camilla,

O teu pai ofereceu-me isto no dia em que nasceste porque nos amava profundamente e éramos muito felizes. Queremos que seja agora teu porque continuamos a amar-te e a acarinhar-te acima de tudo na vida. Esperamos que o uses e penses em nós, na vida maravilhosa que tens à tua frente.

Amo-te, minha querida, minha bela e preciosa filha, no dia do teu vigésimo primeiro aniversário e todos os dias.

M

Camilla desapertou a fita e retirou o papel. A caixa de couro chata era verde-escura e trabalhada a ouro. A tampa tinha as iniciais da mãe. No interior, o colar estava pousado sobre uma base de veludo. Era um colar de obra complexa e subtil, feito com contas de coral e pérolas, com uma peça central de pequenas flores e folhas esmaltadas, ligadas por uma teia de delicados fios de ouro. Camilla reconheceu tratar-se de uma peça renascentista. Nunca o tinha visto e não se lembrava de ver a mãe com ele. Os seus dedos tremiam ao tirá-lo do estojo e ao aproximar-se do espelho

para o prender ao pescoço onde ficou a brilhar contra a pele pálida da sua garganta. Os seus olhos encheram-se de lágrimas, fraccionando a imagem, e ela voltou para a cama, enfiando-se entre os lençóis. Momentos depois estava a dormir, a sua mão levemente pousada sobre o colar e uma confusão de imagens da infância a povoar os seus sonhos.

CAPÍTULO 21

Londres, Dezembro de 1965

— Não compreendo porque passas tanto tempo com essa gente horrorosa e vulgar, Camilla. Há modelos e até fotógrafos que são pessoas educadas e bem-criadas, de famílias relativamente aceitáveis. Não podias dar-te com pessoas dessas? — A voz de Marina soou aborrecida ao telefone. — Estavas com um ar esplendoroso e civilizado nas fotos que o John French tirou.

— Não posso ter sempre o mesmo aspecto, mãe. Os clientes precisam de uma variedade de imagens e estilos para mostrar as roupas deles.

— Mas o David Baxter e o círculo dele são uma gente tão desmazelada, querida. Está muito bem que trabalhes com eles mas não precisas de passar o tempo livre com pessoas que não fazem claramente a mais pequena ideia de como se comportar. E não percebo porque tens de comprar coisas como esse horroroso casaco de astracã e as calças baratas que tinhas na foto do *Daily Mail*. Tens roupa lindíssima no teu guarda-roupa que é...

— Hoje em dia uma pessoa pode vestir o que quiser. Chama-se liberdade... é a mesma coisa que ter posto de lado os espartilhos e as varetas de osso no princípio do século — Camilla sorria. Marina podia estar doente mas, na essência, não tinha mudado.

— Hoje de manhã voltei a ver o teu nome no jornal — continuou Marina, a sua voz denotando agora medo. — Pelos vistos, estiveste no Ad Lib até às quatro da manhã no sábado. Ouvi dizer que é frequentado por pessoas que consomem drogas.

— Eu não consumo drogas, mãe, tirando um charro de vez em quando que até é capaz de me fazer bem. Aprendi a minha lição em Roma. Sabes bem.

— Acho que não tens cuidado suficiente, querida. Andam demasiados penduras indesejáveis à tua volta. Podes ser muito «*in*», como se diz, mas continuas a ter de pensar na tua reputação e no teu futuro.

— Hoje em dia ninguém tem o que tu chamas reputação — retorquiu Camilla. — As coisas mudaram, mãe. Essa treta do estoicismo e da fleuma das classes altas já passou à história. Metade da aristocracia rural do país faz fila à porta do Ad Lib para entrar e ser vista com o Baxter. Como te sentes hoje?

— Como uma velha horrível com reumatismo. Só me falta agora uma bengala e meias de lã que fazem pregas à volta dos joelhos. — Marina soltou uma gargalhada fraca e aguda. — Tenho uma consulta no médico às quatro.

Camilla virou-se na cama e olhou para o relógio. Eram quase onze horas e ela tinha de estar no estúdio ao meio-dia. Estava com um aspecto assustador. Sentia-se pessimamente, depois da festa da noite anterior para exhibir uma nova linha de joalharia. Fora uma longa noite.

— Daqui a meia hora saio para trabalhar. Se acabar a tempo no estúdio, vou ter contigo a Harley Street para saber o que diz o Dr. Ward.

— Não, não precisas de fazer isso.

— Seja como for, vou tentar lá estar.

— Não vou consultar o David Ward esta tarde. — Marina hesitou. — Vou fazer outro tipo de análise ao sangue.

— Talvez pudéssemos ir ao cinema depois — sugeriu Camilla.

— Acho que não, querida. Sinto-me um pouco cansada e acho que não aguento mais do que a ida ao médico. Porque não vens cá jantar? Parece-me que já tiveste a tua dose de discotecas esta semana. Os meus amigos, os Willoughby, viram-te no Annabel's na terça. Não podes passar as noites todas sem dormir, Camilla. Pensei que o Edward te tinha dito para evitares esse tipo de vida. O fumo é prejudicial à tua cara, para não falar em mais nada.

— A minha cara está ótima. Tirando o facto de ter uma linha vermelha de um lado ao outro da testa. Vemo-nos ao jantar.

Camilla desligou. Era óbvio que George estava para fora. Marina nunca os juntava em casa. Era uma prática exasperante que causava uma ansiedade permanente a Camilla. Houvera ocasiões em que a mãe chorara, usando a doença como meio de negociação e implorando-lhe que

reconsiderasse. Mas sempre que Camilla pensava em George, imaginava-o debruçado sobre o jovem erecto na cama. Depois tinha vontade de vomitar a fúria que sentia para que a hedionda imagem nunca mais regressasse. Tinha tentado racionalizar a sua angústia mas, sempre que considerava a combinação de traição, adultério e do ingrediente acrescido da homossexualidade do pai, enterrava a ideia no recesso mais profundo da sua consciência. Não sentia repugnância nem tão-pouco aversão por homens que preferiam amantes do seu próprio sexo e considerava possuir uma mentalidade suficientemente moderna para evitar juízos sobre tais preferências. Mas continuava a não conseguir pensar no pai daquela forma. Do mesmo modo, não era capaz de o enfrentar. Quando Marina chorava e suplicava, Camilla virava costas, perdida num poço de tristeza e confusão.

— Temos de tentar falar sobre o assunto — implorou Marina. — Porque não podemos discutir a questão e tentar esquecê-la? Não sei onde nem como soubeste disto e gostava de ter podido de algum modo explicar-to pessoalmente. Mas talvez possa ajudar-te a encontrar uma maneira de lidar com a situação.

Camilla abanou a cabeça, incapaz de dizer à mãe o que vira, a abjecta realidade da sua descoberta, e não acreditava que Marina alguma tivesse conseguido, ela própria, lidar com a situação. Assim, não disse nada, deixando que o assunto mais uma vez passasse para segundo plano e que a relação entre ambas voltasse a acalmar.

Afastou o telefone e pôs cautelosamente as pernas fora da cama, gemendo um pouco quando a plena força da dor de cabeça a atingiu. Doíam-lhe também os olhos quando olhou de repente para o espelho da casa de banho, e estava com olheiras que exigiam camuflagem. Bebera de mais, sentada entre dois directores de uma empresa de malhas com quem assinara um contrato. Ambos se tinham atirado descaradamente a ela e não fora capaz de disfarçar o enfado sem a permanente ajuda do empregado com o champanhe. A marca na sua testa continuava vermelha e difícil de esconder por completo. Examinou a cicatriz ao espelho e franziu o sobrolho. Depois decidiu ignorar a ansiedade e vestiu-se rapidamente, atirando escovas de cabelo, rolos, cosméticos e uma maçã do frigorífico para um grande saco. Ao sair da sala de estar pegou nos dois romances que estava actualmente a ler. Ajudavam a passar o tempo durante as

longas horas de espera enquanto as luzes e as cortinas de fundo eram montadas e as roupas discutidas e várias vezes trocadas. Não era uma sessão que sentisse vontade de fazer mas continuava limitada em termos dos trabalhos que podia aceitar. Os *close-ups* de exterior estavam fora de questão, não fosse o vento descobrir-lhe a testa, assim como as reportagens de fundo para as melhores revistas de moda porque não podia alterar radicalmente o penteado para atender ao contraste exigido pelos melhores fotógrafos. Tinha a sensação de ser mercadoria defeituosa e isso tornava-a nervosa.

Havia ainda o problema do apartamento. Marina já não conseguia subir as escadas e tinham de se encontrar em cafés e restaurantes ou em casa dos pais quando o pai andava em viagem. Mas Camilla não queria vender a casa e tinha consciência de que, fizesse o que fizesse, a mãe deixaria em breve de poder visitá-la onde quer que fosse. A não ser que entrasse numa remissão milagrosa. Este calculismo deliberado envergonhou-a e interrogou-se se as pessoas com um familiar a morrer seriam suficientemente insensíveis para pensar na situação daquela maneira.

Faltava menos de duas semanas para o Natal e ela sabia que nos próximos dias a questão das férias seria de novo abordada. Quando pensava nisso sentia uma reviravolta no estômago e um sabor amargo na boca. Recebera um convite para ficar com amigos da *Tatler* em Marrocos, mas estava a protelar uma decisão. A sua necessidade de escapar raiava o desespero e ansiava por partir, por ser deixada em paz, por esquecer por algum tempo as desgraças da sua situação. Seria uma felicidade entregar-se ao exotismo de um país que desejava ardentemente conhecer. Mas Marina ficaria devastada e histérica se ela passasse as férias em Marraquexe, sabendo que não voltariam a passar outro Natal juntas. E havia George. Era apenas uma questão de tempo até a pressão voltar a fazer-se sentir, reacendendo a culpa de Camilla e a vergonha que experimentava pela sua contínua recusa em considerar uma reconciliação com o pai.

Sentia-se extremamente cansada e desalentada quando tocou à campainha de casa de Marina algumas horas mais tarde. A governanta abriu a porta e chamou Camilla à parte no vestíbulo. Era uma mulher afável, apesar da expressão taciturna e do cabelo ralo e grisalho atado num austero carrapito.

— Ela não tem estado nada bem ontem e hoje — disse Mrs. Maskell. — Hoje à tarde, ofereci-me para a levar à consulta mas recusou. O Dr. Hayford ligou mais tarde para saber se ela tinha chegado bem. Tinha mandado a enfermeira metê-la no táxi mas disse que ficou preocupado porque ela estava com muito mau aspecto. O seu pai chega no fim-de-semana. Pode ser que ela se sinta melhor nessa altura. — Crispou os lábios, sublinhando a estranha falta de comunicação entre pai e filha, apesar de as circunstâncias serem trágicas.

— Obrigada, Mrs. Maskell. A enfermeira chega por volta das nove e eu passo cá a noite.

Marina estava na cama. O seu rosto estava macilento e a pele branca. Camilla reparou que os seus dedos e pulsos estavam inchados e pisados. Pegou na mão da mãe e sentiu o peso da dor e da fadiga.

— Desculpa o atraso. A sessão arrastou-se e o estilista estava a portar-se como uma prima-dona por causa de umas roupas vulgaríssimas. — Sentou-se na borda da cama. — Devias ter levado Mrs. Maskell contigo, mãe. Não podes andar na rua sozinha quando não te sentes bem. Que disse o médico?

— Não há novidades — respondeu Marina. — Permaneceu tranquila, de olhos fechados, e depois a boca tremeu-lhe e começou a chorar. — O número dos meus glóbulos brancos é muito alto. E tenho as articulações todas inchadas, os cotovelos e os joelhos, tudo, e como vês estou cheia de pisaduras horríveis. A dor é insuportável, querida. Não quero acabar assim a vida, para aqui deitada como um peso morto, inútil e feia. Estou tão repugnante que não aguento olhar-me ao espelho. A única coisa que sempre tive foi a beleza e agora até isso perdi. Não quero que ninguém me recorde assim, mirrada e impotente. Meu Deus, não sou capaz de aguentar. Não sou.

Começou a chorar. Grandes soluços sacudiam-lhe o corpo frágil. Camilla foi buscar um toalhete macio que molhou com água fria e colónia e passou pelo rosto e pelos braços de Marina, tentando acalmá-la. Não fazia qualquer sentido proferir palavras de ânimo para aumentar a sua confiança ou para oferecer falsas esperanças. Ambas sabiam que as circunstâncias eram dramáticas e finitas e nenhuma delas tinha queda para frases feitas. Quando Marina voltou a sossegar, Camilla dirigiu-se à cozinha e aqueceu um pouco de sopa de legumes que Mrs. Maskell tinha

preparado. O cheiro a pão torrado fê-la aperceber-se de que só comera uma maçã durante todo o dia e cortou duas fatias de pão que comeu rapidamente, barradas com uma camada espessa de manteiga e compota. Depois arranjou o tabuleiro da mãe e passou meia hora a convencê-la a comer um pouco.

— Tens de comer qualquer coisa antes de tomares o remédio, senão ficas com cólicas intestinais, o que só aumenta o teu mal-estar. Queres uma botija de água quente? Queres calçar meias? Parece que estás cheia de frio. Mãe, tens a certeza que não deves ir para o hospital até esses inchaços desaparecerem? E se levasses outra transfusão de sangue?

Marina abanou a cabeça. — Ainda não. Volto a ir ao David Ward na próxima semana mas não quero estar no hospital. Ainda não, por favor. Dá-me os analgésicos e depois vou dormir um pouco. É o que quero mesmo fazer... dormir.

— Vou passar cá a noite. Pode ser?

Havia uma pergunta dentro da pergunta e Marina assentiu, resignada. Camilla ajudou-a a ir à casa de banho, olhando para os seus membros delicados com a sua aparência desagradável e bolbosa e a pele pisada. Era um esforço enorme para Marina usar uma escova de dentes mesmo macia e havia vestígios escarlates do sangue que as gengivas inchadas deitaram quando passou a boca por água. Era como uma boneca de trapos, descaindo e arrastando-se ao andar, e Camilla cambaleou ligeiramente ao transportá-la para a cama, surpreendida com o peso morto que era o seu corpo leve. Puxou a roupa da cama para cima e apagou a luz.

— Chama-me se precisares de te levantar. Eu estou aqui ao lado.

Serviu-se de uma bebida e deixou-se cair diante da televisão, exausta e à beira das lágrimas. Tinha sido uma tarde horrível. Experimentou todos os canais à procura de algum programa ligeiro que a transportasse para um mundo de fantasia mas não havia nada que quisesse ver. A campainha tocou e ela abriu a porta à enfermeira.

O apartamento estava tranquilo e sombrio e ouvia-se o constante tiquetaque do relógio.

«Tens de suspender a tua vida por algum tempo», dissera Tom, nos seus modos bruscos. «Aconteceu-te tudo ao mesmo tempo... a tua lesão e a doença da tua mãe. Não podes fazer muita coisa excepto esperar que o tempo passe e depois, *caramba*, a vida há-de recomeçar.»

Quisera mostrar-se simpático e Camilla ficou surpreendida com o seu esforço. Era normalmente desdenhoso na sua abordagem às provações e desgraças do dia-a-dia e não gostava que as modelos dele levassem os problemas pessoais para o trabalho. No entanto, estivera com Marina em várias ocasiões e a ideia de que aquela bela criatura tinha recebido uma sentença de morte, sem possibilidade de recurso, entristecera-o de algum modo. Camilla sentira-se grata, consciente de uma demonstração de compaixão verdadeira e humana. Mas suspender a vida era algo que não existia. Os dias sucediam-se e nenhum deles lhe seria de novo restituído nem seria revivido. Marina estava a morrer, fora privada do seu futuro e nem a sua habilidade para se iludir a si própria lhe permitia escapar a essa realidade chocante ou negar a veloz desintegração do seu corpo.

Camilla levantou-se e correu as cortinas da sala de estar para obliterar a chuva da noite que batia contra os vidros. Não queria ir deitar-se mas não sentia qualquer desejo de se demorar no absoluto silêncio da sala de estar e começou a andar de um lado para o outro na alcatifa, tentando afastar sentimentos de autocomiseração e ansiedade e procurando um foco que lhe proporcionasse paz de espírito. Quando o telefone tocou, atendeu-o sem pensar, ouvindo a voz do pai.

— Marina? Sentes-te bem, minha querida? — A voz de George estava carregada de ternura. — Desculpa ligar tão tarde mas fiquei retido num banquete infernal toda a noite e só agora tive oportunidade...

— Ela está a dormir. Podes ligar amanhã de manhã. Mas não muito cedo.

Desligou, a tremer, e foi espreitar Marina cuja tranquilidade apenas atestava a potência dos tranquilizantes. A enfermeira estava numa cadeira de braços e levantou os olhos do livro, sorrindo.

— Vou sair por um bocadinho — disse Camilla. — Volto mais tarde... passo cá a noite.

Saiu para a chuva torrencial, fazendo sinal a um táxi que emergiu das bátegas. Havia uma festa em Chelsea para a qual tinha sido convidada e, depois de pagar a corrida, abriu a porta da frente. No andar de cima, havia música e gargalhadas ruidosas e pessoas espalhadas pelas escadas, a fumar erva e haxixe, com copos de champanhe, vinho e vodka nas mãos. No patamar do primeiro andar, passou por cima de um casal cujos corpos estavam entrelaçados numa confusão de roupa parcialmente despida e pele

nua. Pouco depois, estava no meio da multidão, sorvendo a primeira bebida e estendendo o copo para ser novamente enchido. Vários pares dançavam o *twist*, excessivamente distanciados uns dos outros e esbracejando como loucos. Outros estavam muito abraçados, movendo-se num encadeamento que só eles conheciam. Alguém lhe pegou no braço e ela deu consigo a dançar com Tom Bartlett. Lançou-se para o meio da confusão, girando e rodando e dobrando-se a centímetros do chão, contorcendo-se e inclinando-se para trás para projectar a bacia de um lado ao outro, os braços abertos como asas ao balancear-se num movimento sinuoso. As pessoas chamavam pelo seu nome e gritavam palavras de incitamento enquanto ela se debatia para manter o equilíbrio, recorrendo a todos os seus músculos, e voltava a endireitar-se. Soaram aplausos enquanto recuperou a bebida e tirou uma grande fumaça de um charro oferecido por alguém.

— Interpreta como quiseses, mas estás em excelente forma. — Tom levou-a para o lado e ficou a mirá-la com uma expressão crítica. — Que tal correu a tarde?

— Um horror. A roupa era desinteressante, uma velha asquerosa sempre aflita com tudo. Devo ter trocado de roupa umas cinquenta vezes.

— Tenho uma coisa muito mais interessante para ti. É um anúncio a uma nova linha de joalharia. Peças exóticas. Vão filmar em Marrocos. E a proposta de uma grande entrevista numa revista. Aparece amanhã de manhã. — Desapareceu deixando-a sozinha no meio do barulho e do vórtice da sala.

Olhou em volta, reconhecendo caras familiares e cumprimentando pessoas, com quem não queria especialmente estar, com um entusiasmo que de maneira alguma sentia. O haxixe começava a fazer efeito e sentia-se calma, numa disposição benevolente para com as pessoas à sua volta, enquanto abria caminho à procura do bar e de um sítio onde se sentar. Deixou-se cair numa poltrona e recostou-se contra as almofadas, inspeccionando o espaço com os olhos semicerrados. Foi então que o viu. Estava junto a uma janela, bronzeado e muito louro, a expressão iluminada pela inteligência e interesse ao ouvir o que a rapariga à sua frente procurava dizer-lhe por cima da algazarra. Camilla levantou-se abruptamente, cambaleando um pouco e entornando a bebida. O seu único pensamento era sair imediatamente dali antes que ele reparasse nela.

Baixou-se para apanhar a carteira e, quando se endireitou, deu de caras com ele.

— Está de saída? — perguntou. — Eu acompanho-a.

— Não se aproxime de mim — disse Camilla, estendendo a mão para o travar. Abriu caminho pelo meio da sala e desceu estrepitosamente as escadas, agarrando no casaco e saindo aos tropeções para a noite chuvosa. Não havia táxis à vista e ela começou a caminhar em direcção a King's Road, a fúria crescendo-lhe no peito ao ouvir passos atrás de si.

— Não ouviu o que eu disse? — perguntou. — Não se aproxime de mim. Vá-se embora.

— Tenho de falar consigo — disse ele, estendendo uma mão na tentativa de a deter.

— Não. Desapareça daqui. — Parou e virou-se, lançando-lhe as palavras violentamente à cara. — Só de olhar para si fico doente.

— E está a pôr o seu pai doente — disse ele. — Não percebe que é a pessoa de quem ele mais gosta no mundo? Está a destruí-lo. Quem me dera que ele me amasse metade do que a ama a si. — Agarrou-lhe no braço e sacudiu-a. — Por amor de Deus, não compreende absolutamente nada para além da vida frívola que leva?

— Não me toque nem se aproxime de mim. Não quero nada consigo. — Camila dobrou o passo até começar a correr à frente dele pelo passeio escorregadio. Um táxi passou e ela levantou o braço, mas na cortina de chuva o taxista não a viu e o carro apressou-se a enfiar por uma rua lateral.

— Volte aqui, por amor de Deus. — Ele apanhou-a novamente. — Por favor. Temos de falar.

Camilla estacou. — Não. Não temos de falar. Nunca. E eu não o quero ver nem ouvir falar de si.

— Por favor — disse ele. — Tem de me ouvir. Tem...

— Você o que é, afinal? — gritou-lhe, a voz carregada de ódio. — Não passa de alguém que ele usa para viver uma vida dupla. Para dar umas facadas no casamento. Imagino que também lhe paga. Deixe-me em paz e nunca mais se aproxime de mim. Está a ouvir, seu merdas?

Ele permaneceu imóvel por um momento e Camilla reparou que ele tinha saído sem casaco e que estava encharcado, a roupa a pingar ensopada nos seus ombros curvados.

— Sei que a sua mãe está a morrer — disse ele desesperado. — Ele quer passar estes últimos meses com as duas. Porque quer que ela termine a vida com as duas pessoas que a amam. Qual é o seu problema que não consegue entender isto? É tão insensível, tão virtuosa e intolerante que não consegue sequer aceitar uma ideia tão simples? Porque não lhes dá algumas semanas na companhia um do outro, em lugar de os obrigar a viver separados? Não chega o que já sofrem sem a Camilla lhes fazer a vida num inferno ainda maior?

Camilla avistou outro táxi ao fundo da rua e levantou o braço para o mandar parar. Ao saltar para o meio da rua, colocou mal o pé na borda do passeio e caiu pesadamente, perdendo o sapato. A carteira voou-lhe para a sarjeta e ela sentiu uma dor insuportável no pé direito ao tentar levantar-se e apanhar a bolsa onde estavam as suas chaves e o dinheiro para o táxi. Ele antecipou-se, pegando nos objectos dispersos e ajudando-a a entrar para o táxi onde se sentou ao lado dela. Indicou a morada ao condutor e seguiram em silêncio, com a chuva a tamborilar no tejadilho do automóvel. Camilla sentiu-se asfixiar com o calor abafado do táxi. Desviou-se dele, tossindo e engasgando-se, furiosa por ele ter ousado mencionar a morada de casa dos pais e recordando a primeira visão que tivera dele no quarto do pai. Quando chegaram ao apartamento, ele ajudou-a a apear-se e a subir os degraus até à entrada, agarrando-lhe no braço com os dedos como se fossem um torno.

— Chamo-me Giles Hannington — disse. — Sinto muito tê-la apoquentado. Sinceramente, acredite. Sei que lhe custa aceitar uma coisa destas e não precisa de voltar a ver-me. Mas espero que o que disse não caia em saco roto antes que seja tarde de mais. Boa-noite.

Camilla não olhou para trás quando o táxi desapareceu no véu de chuva. Dentro de casa, dirigiu-se a cambalear ao quarto da mãe. Marina não se tinha mexido e Camilla sentou-se por alguns momentos à cabeceira da cama e pegou-lhe na mão. A enfermeira murmurou palavras tranquilizadoras e advertiu-a afectuosamente sobre o risco de apanhar um resfriado terrível com o cabelo e os sapatos molhados. Na casa de banho, Camilla inspeccionou o tornozelo quando despiu a roupa encharcada. Estava a latejar e inchado e ela gemeu de frustração, sabendo que teria de ligar a Tom de manhã a dizer que tinha uma entorse no pé e prevendo a irritação dele. Abriu as torneiras, deitando meio frasco de óleo perfumado

na banheira. O apartamento estava muito quente mas Camilla deu consigo a tiritar ao meter-se na água, esforçando-se por relaxar. A imagem de Giles Hannington não desaparecia. Era claro que tinha deitado as garras ao pai e não fazia tenções de o largar. Imaginava certamente que o seu futuro estava garantido, assim que Marina morresse e George lhe dedicasse toda a sua atenção. Às tantas era um chantagista que já estava a beneficiar com o medo da vítima de ser descoberta. Era atraente e bem-falante e Camilla pensou se seria um actor desempregado ou qualquer coisa assim. O pai devia ser o ganha-pão dele, pagando provavelmente as horas que passava com o rapaz a dar largas aos seus desejos sórdidos. Talvez Giles Hannington fosse apenas uma de muitas ligações idênticas na vida de George. Sentiu um aperto na garganta e uma onda de pânico. Saiu da banheira e dirigiu-se, trôpega, à cozinha para pôr leite a aquecer. Na cama, ficou a ouvir a chuva ininterrupta, furiosa com o pai e o amante, magoada com a doença da mãe e a posição em que a tinha colocado e, acima de tudo, sentindo desprezo por si própria.

— Magoei-me no tornozelo — disse ela a Tom Bartlett na manhã seguinte.

— Por amor de Deus, Camilla — explodiu ele. — Consegues andar? A sessão das jóias foi confirmada. Podes ir à entrevista com a revista hoje à tarde?

— Posso. É só uma entorse. Vou ligar o tornozelo e depois acho que fico com relativa liberdade de movimentos.

— Certo. Vou ligar para a *Good Housekeeping* a informá-los.

— *Good Housekeeping*? Não me faças rir!

— Hás-de rir quando receberes o cheque. É uma peça editorial e eles pagam muito melhor que as revistas chiques. Se deres a entrevista oferecem-te a capa. Querem uma história sobre as tuas aventuras em África. A coragem perante a adversidade e essas merdas. E a propósito, o teu admirador, o Edward Carradine? Achas que ele dava uma entrevista, a explicar como tenciona apagar-te os vestígios da cicatriz e restituir-te a tua incomparável beleza, *et cetera*?

— Já sabes que os médicos não estão autorizados a falar de si próprios em revistas. É considerado publicidade e é ilegal. Além disso, ele nunca o faria — disse Camilla, imaginando a repugnância de Edward perante a ideia.

— Se assim for, vais ter de tecer comentários de exaltação e gratidão sobre ele. É normal ele jantar com as doentes em restaurantes requintados?

— Quem sabe?

— Pela forma como estava a olhar para ti no outro dia à noite, diria que não estava só a estudar a tua cara por razões profissionais. A modelo desgraçada e desfigurada e o cirurgião plástico que salva a beleza dela e acaba por se apaixonar. «Estrela na berra abandona vida nocturna por uma vida de amor.» Perfeito para a revista em questão. Grande história.

— Não sejas ridículo, Tom. Ele soube da doença da minha mãe e convidou-me para jantar para me levantar o ânimo.

— Não precisas de ficar tão defensiva a não ser que haja um fundinho de verdade no que estou a dizer. Não há homem que resista à ideia de se mostrar com uma bela modelo. Espanta-me sempre que não vejas as coisas mais evidentes, Camilla, apesar de seres inteligente. Aposto que ele quer saltar-te para a espinha. Como todos os homens que conheces.

— És um porco. — Tinha começado a rir-se.

— É. E se almoçássemos juntos, querida? Uma hora e depois eu acompanho-te à revista. A directora é louca por mim... faço dela o que quero. Até logo.

Camilla ligou para o médico e apanhou um táxi para Sloane Square onde se sentou na sala de espera ao lado de mães jovens com filhos a choramingar e pessoas idosas com tosse e artrite. O médico moveu-lhe o pé inchado e ela guinchou quando ele começou a ligá-lo.

— É só uma distensão — declarou. — Não passe muito tempo de pé senão continua a inchar. Mais tarde, vai ter de fazer alguns exercícios. Vou dar-lhe o nome de um fisioterapeuta para marcar algumas sessões. Dentro de um mês, há-de estar boa.

Ela chegou ao restaurante uns minutos atrasada e brincou com a comida enquanto Tom dava conta de um grande prato de massa e de meia garrafa de vinho.

— Que te aconteceu então ontem à noite? — perguntou ele. — Queria apresentar-te a um fotógrafo alemão que está doido por trabalhar contigo mas tu desapareceste. Alguém disse que foste para outra festa com o Giles Hannington. Olha que não vais longe com ele... as raparigas bonitas não fazem o género dele.

— Conhece-lo? — Com medo de vomitar, apressou-se a beber água gelada.

— Conheço — respondeu Tom. — É de uma família rica de Dorset ou por aí. É banqueiro na City. Já viveu em Hong Kong e Itália. Em Roma também, acho eu. É um tipo porreiro, bem-sucedido na vida. É pena ser maricas. Até eu era capaz de me envolver com ele se tivesse inclinações dessas. É inteligente e divertido e tem um apartamento a abarrotar de obras de arte caras com uma aparelhagem espectacular. Espanta-me que nunca tenhas ido às festas dele. Move-se nos ilustres círculos que os teus pais frequentam. Então, foste a algum lado com ele ontem à noite?

— Não. — Camilla abandonou outro preconceito, agora destruído. — Fui passar a noite com a minha mãe. Ela não está muito bem.

— Que grande infelicidade, coitada. Bebe o café e acaba o vinho. Depois vamos conquistar o mundo da *Good Housekeeping*. É a revista ideal para apareceres com os teus enormes talentos domésticos. Alguma vez na vida puseste um avental? Por trinta segundos sequer?

Quando saíram das instalações da revista, Camilla encaminhou-se para Hyde Park. Encontrou Marina a descansar no sofá.

— Que diabo te aconteceu ao pé? — perguntou ela.

— Escorreguei no passeio hoje de manhã. Não é nada.

— Ficas cá esta noite? — Marina estava rabugenta. — O teu pai ligou. Só chega de Genebra amanhã à tarde. Mrs. Maskell deixou sopa e frango frio no frigorífico e fez um pudim qualquer.

— Sim, fico contigo. Mas primeiro tenho de ir a casa. Preciso de roupa e de tratar de meia dúzia de coisas.

Camilla estava ansiosa por estar no seu próprio espaço, em privacidade e sossego, por pousar o pé latejante no sofá e não fazer absolutamente nada. Apanhou um táxi e entrou aliviada para o banco de trás. As ruas estavam decoradas com luzes festivas na tarde que escurecia rapidamente. Os passeios transbordavam de pessoas nas compras, acotovelando-se e dando encontrões umas às outras, caminhando depressa e com alegre determinação. Camilla tinha uma lista na carteira mas não sentia coragem para se meter a coxear no meio da multidão natalícia, abrindo caminho a custo para se juntar a longas filas à espera para pagar. Tentou decidir que presente oferecer à mãe. Os armários do quarto já estavam cheios de roupões de seda, chinelos feitos à mão e xailes de caxemira. Outra prenda

de *lingerie* cara apenas serviria para recordar a Marina a proximidade do momento em que ficaria acamada.

As únicas pessoas para quem teria comprado presentes com prazer eram Hannah e Sarah. Mas receava que uma tentativa de as contactar agora resultasse em rejeição e encolheu-se, consternada, ao pensar numa maneira de pôr fim à distância entre elas. Pensou se alguma vez falariam dela ou se se interrogariam sobre o que lhe teria acontecido. As primeiras cartas de Sarah tinham ficado sem resposta e agora nem ela nem Hannah se dignavam escrever-lhe. Camilla não se lembrava do que tinha dito nessa última conversa telefónica. Estava bêbada e terrivelmente perturbada por causa do pai. Por outro lado, não podia ter escrito e traído o segredo dele e sentia-se magoada por as suas amigas mais íntimas nunca terem imaginado que devia haver algum problema terrível na sua vida. Em vívidos sonhos que a deixavam angustiada, via Anthony. Mas ele estava sempre inacessível, do outro lado de um desfiladeiro, de costas viradas para ela ou a encará-la através das chamas vivas de uma fogueira, indiferente quando ela o chamava ou estendia a mão para ele num esforço vão para o atrair. Sonhos com facas e gritos e o som de tiros ainda a perseguiram e oscilava entre noites de sono induzido por tranquilizantes e horas sombrias com recordações aterrorizantes que não davam sinais de se esfumar.

A meio das escadas para o apartamento, pensou por que razão se dera ao trabalho de vir a casa. O tornozelo gritava-lhe todo o tipo de dolorosas objecções e teve de parar em todos os patamares para descansar, apoiada sobre uma perna e amaldiçoando-se pela sua estupidez. Quando entrou na tranquila sala de estar e se achou finalmente sozinha, tentou apagar da memória o confronto com Giles Hannington. Com o namorado do pai. Na cozinha preparou chá forte e sentou-se a examinar o correio. Passou cheques para pagar duas contas atrasadas e em seguida dirigiu-se ao quarto para escolher a roupa e os acessórios para o dia seguinte, colocando-os ao acaso num saco com os livros. Percorriam-lhe a perna correntes de dor aguda quando terminou e se sentou com uma bebida na mão, ligando a televisão para ver o noticiário. O telefone interrompeu o locutor que entoava os desastres do dia.

— Como está, Camilla? Tentei contactá-la ontem mas devia ter saído.

Não lhe apetecia nada falar com Edward e as suas respostas às perguntas dele foram quase lacónicas. Mas ele foi persistente e meigo e ela já estava familiarizada com o seu modo subtil mas determinado de lhe arrancar informação. Não compreendia como nem por que razão acabava sempre por responder às perguntas dele e ficava irritada com isso porque a fazia sentir-se vulnerável.

— Fiquei em casa da minha mãe ontem à noite — acabou por dizer. — Estou outra vez de saída para lá. Ela não está a passar muito bem.

— Acha que ela se importava se eu aparecesse para uma bebida? Acha que pode animá-la um pouco?

— Porque não lhe liga a perguntar? E se for lá, não preciso de me apressar no meio do trânsito da tarde.

— Também gostava de estar consigo, Camilla. Contava vê-la esta noite.

Pensando bem, a ideia da companhia de Edward parecia preferível a um serão sozinha com Marina a tentar ingerir com dificuldade quantidades ínfimas de comida e a dormirar diante da televisão.

— A governanta deixa sempre o jantar feito, pode comer connosco se quiser — disse ela. — É o que houver no tacho e a minha mãe até pode não jantar connosco. A propósito, torci o pé e não estou em grande forma.

— Eu vou buscá-la. Dentro de quarenta minutos mais ou menos, a julgar pelo trânsito que vejo pela janela.

Edward levou champanhe e uma quantidade apreciável de caviar, dirigindo-se imediatamente à cozinha para preparar pequenas tostas. Marina ficou deliciada. Bebericou a bebida e desfez-se em galanteios com ele e ele lembrou-lhe episódios divertidos que tinham vivido juntos em Nairobi e em Londres ao longo dos anos. O rosto dela estava corado e os olhos brilhantes e febris, mas sentia-se animada. Fora boa ideia levar Edward, que não falou em George nem perguntou onde estava. Depois das dez, Marina começou a sentir-se cansada e a enfermeira ajudou-a a deitar-se. Edward não deu sinais de se ir embora.

— Vou só desejar-lhe boa-noite. Se não se vai já embora, entretenha-se com isto. — Camilla sentiu-se obrigada a servir-lhe um balão de conhaque.

Ele agradeceu com um gesto de cabeça. Camilla ficou irritada por ele presumir que ela queria ficar a pé a fazer sala com ele, mas não lhe ocorreu nenhuma maneira delicada de o mandar embora. Quando voltou,

ele estava confortavelmente repimpado no sofá com as compridas pernas esticadas à sua frente. Ela fechara a porta do quarto de Marina e pôs agora um disco a tocar.

— Agradá-me ver que gosta de música de câmara francesa — disse ele.

— Tenho de lhe mandar uns trios de Ravel que são sublimes. Talvez queira acompanhar-me a um concerto no Wigmore Hall um dia destes? Vou lá com muita frequência porque fica a cinco minutos do consultório. Que lhe aconteceu ao tornozelo? Voltou a tropeçar num objecto imóvel?

— A que pergunta quer que eu responda primeiro?

— À última.

— Tropecei na rua ontem à noite. Estava a chover, o chão estava escorregadio e eu estava a chamar um táxi.

Pareceu-lhe que Edward não acreditou e deu consigo a explicar.

— Não consegui enfrentar a ideia de ficar aqui sozinha toda a noite e saí por algumas horas — disse.

— É uma noctívaga incorrigível, não é? — disse ele. — Quando é que dorme? Sempre que nos encontramos, passou a noite sem dormir numa festa ou numa discoteca qualquer. Estive a ler sobre os seus hábitos nocturnos num jornal que comprei num comboio. Espero que não tenha muitas sessões fotográficas de manhã cedo.

Ela encolheu os ombros e serviu-se de um conhaque antes de se instalar numa poltrona em frente a ele. Ele endireitou-se e debruçou-se, colocando-se ao nível dela e olhando-a directamente nos olhos. Não disse nada mas havia perguntas em suspenso no ar. Camilla suspirou.

— Se quer saber, saí porque o meu pai telefonou. Desliguei-lhe o telefone porque fui cobarde e não sabia o que dizer. — Tocou na testa, passando brevemente os dedos pelo risco deixado pela *panga*. Edward pensou se tocar na cicatriz se tornara um hábito inconsciente.

— Não consegui ficar aqui. — Levantou-se, olhando para ele com uma expressão carregada. — Tive medo que ele voltasse a ligar. Quer outro conhaque?

— Quero beijá-la — disse ele.

— O quê? — perguntou ela estupidamente.

Edward pousou o copo e levantou-se para tomá-la nos braços. Beijou-a, suave e ternamente, e ela sentiu o bafo dele na face e nas pálpebras. Os seus lábios eram firmes e escaldantes. Camilla abriu ligeiramente a boca e

sentiu de imediato a pressão da língua dele e o sabor e cheiro do conhaque. O beijo dele tornou-se apaixonado e, por um segundo, ela deixou-se arrebatada pela sensação até que a recordação de Anthony saltou para primeiro plano. Foi instantaneamente catapultada para o presente, estendendo uma mão como que a afastar Edward e aquela possibilidade de intimidade. Ele recuou de imediato e dirigiu-se à janela, olhando para a claridade das luzes dos faróis que se espalhava através da chuva em baixo.

— Peço desculpa — disse. — Não devia...

— Não precisa de pedir desculpa — respondeu Camilla. — Não estou pronta, simplesmente. Há coisas ainda demasiado frescas na minha cabeça e já fiz mal suficiente à minha volta. Não o quero magoar a si.

— Espero que o meu desejo de a beijar não tenha sido um choque. Sou bastante mais velho que a Camilla e amigo dos seus pais, e por isso nunca pensei provavelmente em mim nesses termos. — Não olhou para ela ao falar e ela apercebeu-se de como ele se sentia vulnerável e como seria fácil ridicularizá-lo.

— Não tem nada a ver com a sua idade ou com a minha — disse ela. — Já tive muitos namorados que não sabem o que querem para além de uma ou duas semanas de prazer. A questão é que ainda estou a tentar aceitar que fiz figura de parva com um homem no Quénia. Suponho que não passa de vaidade, mas custa engolir o facto de que não fui para ele mais do que uma queca passageira.

Camilla estava com um ar tão desamparado que ele não resistiu a apertá-la nos braços. Queria dizer-lhe que se apaixonara louca e tolamente por ela, que acontecera no instante em que a vira e que não fazia ideia do que fazer a esse respeito. Ansiava confessar que passava horas todos os dias a pensar nela, a fazer planos para estar com ela e a ignorá-los depois porque não queria avançar demasiado depressa e arruinar as suas hipóteses. Teria gostado de explicar que era um parvo porque era um homem maduro e bem-sucedido que se sentia como um adolescente descontrolado. Mas, pelo contrário, voltou a sentar-se e tentou mostrar-se senhor da situação.

— Quer contar-me a conversa telefónica com o seu pai? — perguntou.

— Não há nada para contar. Não consegui falar com ele, pura e simplesmente. Mas depois aconteceu uma coisa pior. Tive medo que ele

voltasse a ligar e tentasse falar comigo e por isso decidi ir a uma festa em Chelsea. Foi horrível.

— E hoje de manhã acordou com uma ressaca.

— Não. Enfim, acordei. Mas o que foi horrível não foi isso. O namorado dele estava lá.

Edward franziu a testa, sem compreender, e só alguns momentos depois é que a experiência dela se lhe tornou clara.

— Um dos namorados, pelo menos. — Ela mordeu o lábio. — O que eu apanhei aqui. Quando surpreendi o meu pai naquela tarde e descobri o que ele era. O que ele é. Ontem à noite reconheci imediatamente a pessoa. Chama-se Giles Hannington e tentou falar comigo. Fugi dele e foi assim que tropecei e me magoei no tornozelo. — Estava à beira das lágrimas.

— Talvez tenha chegado o momento de falar com o seu pai, por mais difícil que seja — disse Edward. — Pelo menos teria ultrapassado o seu pior obstáculo. Assim venceria o que tem medo de confrontar.

— Para dizer o quê? «Olá, papá, está tudo perdoado, porque não apareces para tomar chá e trazes o teu namorado e podemos ter todos uma conversinha agradável com a tua mulher moribunda»? Sinto-me doente sempre que penso nisso. E com a minha mãe não é melhor. Toda a vida me ignorou, me deixou entregue a mim própria, pôs defeitos em tudo o que eu fazia. E agora sou eu que tenho de estar aqui e tratar dela até a morte nos separar enquanto o maravilhoso George está ausente a fazer sabe Deus o quê. Não é irónico, para não dizer um pouco injusto?

— Neste momento, o que lhe é pedido é mais do que a maioria das pessoas seria capaz de suportar. Mas o seu pai não pode mudar, ainda que, decerto, tenha tentado. Ele é o que é e não tenho dúvida de que já pagou por isso e com juros.

— Ah, agora põe-se do lado dele — disse Camilla, furiosa. — Está a dizer-me que é mais forte do que ele ser homossexual e que fez muito bem em ter casado com a minha mãe e esconder-se atrás dela? Usá-la para não prejudicar a carreira? Imagino que devia estar perdida de compaixão por ele. E por ela também. Fizeram-me passar uma infância horrível mas agora tenho de ultrapassar isso tudo.

— Não. Estou apenas a sugerir...

— Pois não tenho pena nenhuma de nenhum deles nem do inferno em que transformaram as suas vidas e a minha também. A minha mãe está a

morrer de leucemia e eu estou perfeitamente preparada para fazer o que estiver ao meu alcance para ela se sentir confortável. Mas se não estivesse a morrer, recusava-me a estar com ela se pudesse evitá-lo. E quanto ao meu pai, não quero vê-lo, ponto final.

— Mas tem saudades dele. Eram muito chegados. Não é essa a verdade?

— Não, não é verdade coisa nenhuma. Não éramos nada chegados. Não passava de uma ilusão. Um fingimento cruel como toda a vida dele. Essa é que é a verdade, agradável ou não. E não tenciono deixar-me arrastar para um reencontro sentimental. Nem por ele nem pela minha mãe com as manobras dela.

— Então terão ambos de respeitar a sua decisão quanto a isso — disse Edward, desejando ajudá-la a adoptar uma visão mais pacífica da sua situação, mas relutante em pressioná-la com medo de prejudicar os seus próprios laços ténues com ela. — Mas tem de ter cuidado para não se magoar mais do que já se magoou.

— Eu sou uma sobrevivente — declarou Camilla em tom de desafio. — Até agora desenvencilhei-me e hei-de continuar a desenvencilhar-me. Não deve começar a falar comigo como o médico da família ou um tio amigo. Seria insuportável.

— Quais são os seus planos nos próximos dias? Se for capaz de esquecer as minhas tentativas desastradas gostava de a convidar a ir comigo a um sítio. De tentar ajudá-la a esquecer tudo isto por uma ou duas horas. Que diz se almoçássemos no domingo? Podíamos sair de Londres e fazer um desses pantagruélicos almoços ingleses num velho hotel solarengo. Gostava de vê-la render-se ao trivial. Que acha?

— Já sabe que não posso... que não sou...?

— Eu sei. Considere-me um amigo verdadeiro em quem pode confiar. O resto não é importante. Almoço no domingo, então? — O seu coração bateu aceleradamente com um prazer absurdo quando ela acedeu. — Ótimo. Vou buscá-la a casa por volta do meio-dia. — Beijou-a na face. — Boa-noite, Camilla. Fique bem.

Quando a porta se fechou atrás dele, ela dirigiu-se à janela e observou-o a entrar para o carro e a arrancar à chuva. Estava intrigada com o estranho rumo dos acontecimentos e surpreendida por ele a ter beijado. Era sua paciente e filha de velhos amigos. E, como ele próprio frisara, tinha metade da idade dele. Parecia tudo bastante ordinário. Pensou no que Tom

Bartlett dissera e ocorreu-lhe que talvez tivesse avaliado mal Edward como tinha avaliado mal tantos outros, que a sua crescente confiança nele fora um equívoco. Era uma ideia deprimente e tentou afastá-la, mas a ideia persistiu, causando-lhe agitação e insegurança. Pela primeira vez, pensou no que teria acontecido à mulher dele. Edward só se referira a ela uma vez, na primeira noite quando a levara ao cinema e a jantar, e ela nunca o tinha questionado sobre o seu casamento nem sobre o seu passado. Talvez Marina soubesse. Camilla afastou a ideia e olhou para o relógio. Era muito tarde e sentia-se fatigada. O pai regressaria no dia seguinte mas só chegaria ao fim da tarde. Pelo menos não precisava de se levantar ao romper do dia.

Limpou a cara, lavou os dentes e meteu-se na cama. O livro que tinha levado pesava-lhe terrivelmente nas mãos, pousou-o e apagou a luz, desejando mergulhar no esquecimento. Mas não conseguia deixar de pensar em Giles Hannington. Assaltava-a um insistente desespero. Ele amaria sinceramente o pai, como afirmara? Interrogou-se sobre quantos mais homens fariam parte da vida emocional de George e se ele se envolveria em encontros puramente sexuais. Os homens homossexuais pareciam estar permanentemente no engate e os poucos casais que conhecia bem viviam juntos há pouco tempo. No geral, Camilla considerava-os extraordinariamente promíscuos. Era difícil imaginar George Broughton-Smith, bem-nascido e educado, digno, encantador e respeitado, no meio dessas bichas loucas e rapazes amaneirados com quem por vezes se cruzava. Quando finalmente sucumbiu ao sono, sonhou que Edward e a mãe tinham fugido juntos de comboio, deixando-lhe a tarefa de explicar o seu desaparecimento ao pai que estava a soluçar na plataforma da estação.

De manhã sentiu-se cansada e desorientada. Marina ainda estava a dormir e Mrs. Maskell andava de um lado para o outro na cozinha quando ela foi tomar o pequeno-almoço. Camilla olhou sem interesse para os cabeçalhos do jornal enquanto tomava café, demorando-se à mesa e relutante em enfrentar o dia.

— Hoje vou ficar a trabalhar até mais tarde — disse a Mrs. Maskell. — Mas o meu pai chega ao fim da tarde, portanto está tudo controlado para esta noite. Ele deve ligar ao Dr. Ward assim que chegar... importa-se de lhe dizer ou de deixar uma mensagem?

— Vai entrar em alguma coisa importante, menina? — Mrs. Maskell adorava relatar versões embelezadas das sessões de Camilla às amigas.

— Hoje? Ah, muito chique, sim. Fotografias para publicitar cereais. Mais sofisticado do que isso é difícil, não acha? A não ser que se incluam as fotografias de moldes para tricô e essas camisolas de lã que tive de vestir e despir na semana passada. Ainda tenho a pele irritada nas costas e sinto comichão sempre que penso nisso. — Camilla soltou uma gargalhada. — A vida de modelo não é nada do que se apregoa que é. Não deixe a sua bonita filha pensar sequer nisso.

Tom estava à espera dela no escritório. Era no Soho, um lugar sórdido, acessível por um estreito lanço de escadas, e ele organizava sempre as reuniões com editores de revistas noutra local. As luzes nas escadas raramente funcionavam e Camilla tropeçara várias vezes nos degraus antes de aprender o caminho pela passarela irregular e esfarrapada.

— Porque não te mudas para um sítio decente? — perguntou-lhe pela centésima vez. — Ou pelo menos arranja uma empregada de limpeza e uma boa secretária. Deus sabe que ganhas o suficiente para estares mais bem instalado. Olha para essas chávenas de café nojentas... estavam na lava-loiça quando cá estive na semana passada e nunca mais foram lavadas. És um desmazelado.

— Ainda bem que não me quero casar contigo. Havias de ser uma chata — disse ele alegremente. — Há mais chávenas no armário do canto, podes ser simpática e fazer-nos café. Tiveste outro convite para um catálogo mas a roupa é deprimente e acho que deves recusar.

— Não me posso dar ao luxo de recusar nada neste momento — respondeu ela.

— Não podes aceitar as propostas todas que te aparecem senão começa a constar que estás desesperada. Não precisas do dinheiro e tens a sessão de Paris no ano novo. Tens aqui o contrato para assinar. Esta é bem paga.

— Dentro em breve sou capaz de estar desesperada. Em Março ou Abril não vou poder trabalhar de todo quando me for removida a cicatriz. Vou ficar semanas sem ganhar. — Tinha um medo terrível de ficar sem dinheiro, de ter de renunciar ao apartamento ou alugar o quarto de hóspedes a um estranho. Estava fora de questão voltar a viver com os pais, e preservar a sua independência era o aspecto mais importante da sua vida.

— Ganhaste muito dinheiro nos últimos dois anos.

— E também o gastei. Em safaris e outras parvoíces.

— Não te preocupes, querida. Eu hei-de olhar sempre por ti. Da maneira que quiseses. Podes estar certa disso.

Havia qualquer coisa de estranho no tom dele e ela virou-se do lava-loiça onde estava a esfregar o surro do interior de uma chávena de café. Tom estava a observá-la, um trejeito no canto da boca traindo a sua expressão casual. Instalou-se um silêncio constrangedor entre ambos e ele levantou-se.

— Anda daí — disse. — Vamos lá acabar esta coisa das jóias e fazer as fotos para a revista, para não teres de acabar num abrigo para vagabundos na próxima semana. A propósito, estás com umas olheiras assustadoras. Com isso e a coxear estás um desastre. Felizmente tens-me a mim para te proteger.

De volta a casa, Camilla fez chá e acendeu um cigarro. Edward Carradine e agora Tom. Podia qualquer um deles alimentar realmente sentimentos especiais por ela? E se sim, porque não era capaz de corresponder? Tinha tentado libertar-se de Anthony, dizendo repetidamente a si mesma que não tinha passado de mais uma rapariga idiota de quem o insaciável caçador branco se aproveitara. Ele não queria saber dela, nunca se preocupara com ela, não telefonara nem escrevera a saber o que era feito dela, física e psicologicamente. Desejava ser capaz de odiá-lo, de desprezá-lo pela sua insensibilidade empedernida. Mas era demasiado honesta para cair na ilusão de acreditar que ele já não era importante. Sentia o pé a latejar e tapou as pernas com uma manta, apoiando o tornozelo numa almofada. Estava a dormir há uma boa meia hora quando o telefone tocou.

— Menina, a sua mãe não se encontra nada bem. — Mrs. Maskell estava visivelmente assustada. — Está com febre... está a arder e a respiração dela tem um som esquisito. O Dr. Ward vem a caminho. O avião do seu pai ficou retido em Genebra por causa do nevoeiro e ele ligou a dizer que vai chegar muito atrasado. Não sabe a que horas chega. Acho melhor vir até cá, se puder.

Marina estava na cama, com a cara húmida e pegajosa. Tinha um prurido nos braços e nas costas, pequenos pontos vermelhos que pareciam

inflamados e dolorosos. Estava ofegante e respirava com dificuldade e, sempre que movia as articulações inchadas, gritava. O Dr. Ward examinou-a brevemente e virou-se para Camilla.

— Está com uma pneumonia. Infelizmente, a partir de agora, vai ser um dos maiores riscos. Acho melhor levá-la imediatamente para o hospital. O seu pai está cá?

— Está a tentar regressar de Genebra. Ficou retido no aeroporto por causa do nevoeiro.

— Bem, a Camilla vai certamente querer ficar com ela. Isto não está nada bonito.

No hospital, Camilla sentou-se numa cadeira dura e direita à cabeceira da cama, de punhos cerrados, contraindo o maxilar para impedir os dentes de bater. Não queria lidar sozinha com o problema, não queria estar sozinha com a mãe quando ela morresse. Era demasiado assustador, demasiado solitário para suportar. Marina virou a cabeça e abriu os olhos, brilhantes com a febre e as dores, respirando com dificuldade.

— Dói-me terrivelmente o peito. Acho que é o fim, querida, porque custa muito continuar a respirar. E não consigo lutar assim. Não sou capaz. Onde está o teu pai? Ainda não chegou? — A sua súplica sussurrada era comovente. Tentou encontrar a mão de Camilla e tocá-la num apelo de conforto e até de apaziguamento.

— Está a caminho mas o avião está atrasado. Descansa, mãe. Ele não demora. Daqui a pouco está aqui.

As enfermeiras chegaram com uma cama móvel e Camilla retraiu-se quando tentaram transferir Marina sem lhe causar mais incómodo. Mas a cada movimento a agonia aumentava e a breve viagem até à unidade de radiologia tornou-se numa série de momentos intoleráveis ao percorrerem os corredores brilhantes. Marina recebera uma potente injeção para atenuar a dor que lhe assaltava agora o peito, transformando cada inalação de ar num arquejo, num esforço balbuciante que Camilla pensava ser o último.

— Receio que tenha pneumonia dupla — disse David Ward quando reapareceu uma hora mais tarde. — E sinceramente não sei se tem forças

para reagir à infecção. Já está terrivelmente fraca. Mas vamos já pô-la a antibióticos. E depois só nos resta esperar para ver.

Camilla sentou-se à cabeceira da cama, muda de choque e medo, rezando para que o pai chegasse depressa, temendo o momento da sua chegada e contando os minutos até ouvir os passos dele no corredor. As horas foram passando num nevoeiro indistinto e, quando olhou para o relógio, os seus olhos estavam fatigados e turvos e não conseguiu determinar ao certo as horas. As enfermeiras entravam e saíam, oferecendo-lhe chávenas de chá e café, que ela segurava com mãos trémulas, e um jantar ligeiro que ela recusou. Tinha os lábios secos e doía-lhe a cabeça. Apetecia-lhe uma bebida forte, um pequeno comprimido amarelo para se acalmar, qualquer coisa que acabasse com a apreensão e ansiedade do quarto asséptico e da vigília solitária. A sua cabeça fervilhava como se um enxame de abelhas a tivesse invadido, zunindo e picando, constantemente em movimento. Não conseguia seguir um único raciocínio nem afastar a inquietude que a tomara.

Era impossível imaginar o que poderia dizer ao pai quando ele chegasse nem o que poderia fazer se estivesse sozinha quando a mãe morresse, esperando a pessoa que ambas haviam amado intensamente. O seu coração não guardava agora ressentimento. A raiva que sentira dos pais desapareceu, substituindo-a uma sensação de isolamento. Queria levantar-se e ir para a sala de espera, onde podia acender um cigarro, mas receava abandonar Marina não fosse ela falecer durante esses breves momentos. Ouvia as vozes sussurradas das enfermeiras no seu posto e o som ocasional de uma porta a fechar noutro quarto onde outro doente aguardava algum milagre que talvez nunca se desse. Havia uma qualidade irreal no piso do hospital que fazia Camilla sentir-se desencarnada, vogando desamparadamente à deriva, sem bússola, leme ou vela.

Não sabia que horas eram quando Marina abriu os olhos e tentou dizer-lhe qualquer coisa através dos lábios secos. Debruçou-se mais para ouvir as palavras sussurradas e o som áspero da sua respiração ofegante.

— Camilla?

— Estou aqui, mãe.

— Por favor, não me deixes morrer antes de ele chegar. — Marina tentou soerguer-se. — Por favor, não me deixes morrer antes de ele chegar aqui.

Minutos depois, Camilla ouviu passos. O seu coração começou a martelar-lhe no peito, tornando difícil levantar-se e estar preparada quando a porta se abrisse. Ele permaneceu imóvel por um momento, olhando para Marina em silêncio, os olhos rasos de lágrimas. Depois abriu os braços para Camilla. Ela correu para ele, entregando-se ao seu abraço e começando a soluçar como uma criança pequena.

— Papá! Oh, meu Deus, papá! Oh, graças a Deus que chegaste!

CAPÍTULO 22

Quénia, Dezembro de 1965

Durante as primeiras semanas de Sarah em Buffalo Springs, chegaram chamadas por rádio de Langani, mas a voz de Piet era distorcida, as suas frases pontuadas pelo ruído da estática. Sempre que ele terminava, o «fim de transmissão» fazia Langani parecer muito distante. Não conseguia aferir os sentimentos dele por ela e tinha a sensação frustrante de que a sua relação tinha estagnado. Então a carta chegou — uma única folha de papel.

*Fazenda de Langani
9 de Dezembro de 1965*

Sarah,

Estava a contar ir aí visitar-te mas por enquanto não parece ser possível. Há imenso que fazer aqui. As actividades normais da fazenda e os pormenores de última hora no lodge. Os acabamentos são sempre a parte mais complicada de um projecto de construção. Claro que o Viktor tem estado cá a trabalhar, o que tem dificultado determinadas coisas. Neste momento o clima entre o Lars e a Hannah é muito tenso, outra razão por que não é ideal sair agora daqui.

Não houve mais incidentes na fazenda, embora ainda haja animosidade entre o David e o Simon. Uma infantilidade, não é? Felizmente temos o Kipchoge que é sempre sensato. Como eu!

Adorei a tua carta. Dá ideia que o teu novo emprego corresponde a todas as tuas expectativas. Talvez nunca mais queiras abandonar os teus elefantes e voltar para Langani. Mas ainda espero conseguir

convencer-te porque estamos todos ansiosos pela tua chegada no Natal.

Espero impacientemente o teu regresso porque tenho imensas coisas para te dizer. Coisas que sei que hás-de compreender. Coisas que espero que queiras ouvir.

Fico portanto a contar os dias.

Piet

Era muito pouco mas, mesmo assim, precioso. No acampamento, o dia nunca tinha horas suficientes e ela ficava sentada até tarde, a escrever os seus apontamentos e a observar as osgas a percorrer as paredes ou imóveis, à espera que um mosquito ou outro insecto desprevenido pousasse na zona que vigiavam. Agradavam-lhe as suas patas espalmadas, a pele translúcida e os olhos brilhantes na luz tremeluzente. Lá fora ouvia o palrar e o guinchar dos daimões nas suas surtidas nocturnas. Uma noite foi acordada pelo inconfundível som de um leão próximo do complexo. Dan foi buscá-la, entraram para o *Land Rover* com Erope e Julius e dirigiram-se ao portão. Logo a seguir à vedação de espinheiros, avistaram-no. Era velho e estava crivado de marcas de combate, mas tinha matado uma jovem zebra e arrastara-a para debaixo de uma árvore. Não arredou pé, os olhos amarelos reluzindo à luz dos faróis, senhor do seu território, rugindo para declarar o seu direito sobre a presa, a cauda a abanar lentamente numa atitude de desafio. Quando se convenceu de que não se aproximariam mais, virou-se para o troféu e começou a dilacerá-lo, o focinho a brilhar de sangue. Ao fim de algum tempo, levantou a cabeça e chamou a companheira para partilhar os despojos. Quando voltou para a cama, Sarah ficou acordada, ouvindo os grunhidos da velha fera e admirando a sua inabalável soberania sobre o seu território.

No terreno, Allie e Dan eram pacientes e meticolosos. Ensinaram-na a registar as suas observações e descobertas e a nunca tirar conclusões precipitadas nem procurar análises apressadas. As discussões eram estimulantes e informadas. Os comentários de Dan eram um misto de determinação e de resignação bem-humorada e os seus pontos de vista sobre a evolução política do Quénia eram optimistas mas temperados pela realidade da experiência. Era evidente que o pessoal os admirava e

confiava neles. Após um dia de calor tórrido no mato, sentavam-se sobre os calcanhares com Elope e Julius, à sombra das árvores no complexo, a beber chá doce com leite por canecas de metal enquanto discutiam as descobertas do dia.

«Tens de ouvir estes tipos», disse Dan a Sarah logo no princípio. «Ouve tudo o que eles dizem porque compreendem que o mais pequeno sinal e o mais pequeno som são importantes. Os antepassados deles palmilharam este mato desde tempos imemoriais, descobrindo tudo o que precisam de saber por uma pegada ou um ramo partido, seguindo uma estrela ou um bando de aves no céu. São os teus verdadeiros guias e professores. Acho que carregam uma memória colectiva e a sua sabedoria é muito mais antiga do que tudo o que tu e eu alguma vez possamos ambicionar.»

Sarah passara a maior parte da sua vida no Quénia mas nunca conhecera africanos como Elope ou Julius. A sua harmonia com o meio ambiente era em si mesma uma educação. Todos os dias aprendia uma nova lição ao observar os seus métodos de recolher informação e ao assimilar a arte de esperar e observar, de se fundir com o mato sem perturbar os seus habitantes.

— Todos os africanos que conheci na minha infância trabalhavam como cozinheiros ou jardineiros ou como moços de lavoura — disse ela uma noite, sentada na companhia de Allie e Dan em redor da fogueira do acampamento. — Nunca pensávamos de onde eram nem nos interessávamos pelos seus conhecimentos porque estávamos convencidos que as nossas ideias eram superiores.

— E são. Quando estamos no nosso meio — disse Allie. — Não percamos o sentido das proporções. Não quero ser uma terceira mulher excisada nem moer *posho* e guardar cabras.

— Claro — disse Sarah. — Mas quando eu estava em Dublin, comecei a sentir-me culpada pela forma como os brancos tratavam o pessoal. Mas tenho observado o Piet e a Hannah a lidar com os serviçais e, do nosso ponto de vista, os *watu* deles parecem infantis e primitivos. É complicado.

— Nem por isso — disse Allie. — Nós chegámos aqui na viragem do século XIX e começámos imediatamente a impor o nosso estilo de vida à terra e ao povo. Trouxemos escolas e medicamentos e outros benefícios mas não lhes demos ouvidos suficientes porque isso era entendido como

um sinal de fraqueza. Para dominar, os brancos tinham de se comportar como se soubessem tudo.

— Fazer orelhas moucas não é exclusivo do governo nem do continente africano — disse Dan. — Passa-se a todos os níveis. Se pegasses num agricultor pobre e sem cultura de uma plantação qualquer da Geórgia e o pusesses a servir à mesa num restaurante chique de Nova Iorque, não ias perder tempo a ouvir os pontos de vista dele. Arrancavas-lhe toda essa letargia sulista e transformava-lo noutra pessoa o mais depressa possível. Todos nós temos esse impulso para mudar as pessoas à imagem da nossa ideia de quem devem ser.

— A verdadeira questão é o tempo — disse Allie. — Hoje temos de aceitar os africanos como parceiros em pé de igualdade, o que é uma coisa em que até há pouco tempo nunca pensámos. Mas não falta boa vontade e é possível construir qualquer coisa a partir daí. No entanto, estamos a falar em termos de gerações e não apenas em um ou dois anos de transição.

Sarah mandou revelar o rolo do ritual fúnebre dos elefantes, tendo-se sentido encorajada e animada pelos elogios que recebeu dos Briggs, que não eram normalmente efusivos. Desta vez sabia que as suas imagens eram excepcionais e que tinha razão em sentir-se orgulhosa delas. Quando chegou do trabalho, uma noite já tarde, cansada e desejosa de um duche e de se deitar cedo, Allie estava à sua espera. Hannah contactara-a por rádio, disse ela. Sarah devia contactar Langani. Sarah interrogou-se, alarmada, se teria havido outro assalto. Outra chacina. A voz de Hannah fez-se ouvir por sobre a estática. As suas palavras soavam sincopadas mas foi enfática quando Sarah a questionou. Não havia qualquer motivo de preocupação. A chamada era puramente social. Um convite para o fim-de-semana.

— Não posso — respondeu Sarah. — Já falta pouco para eu ir passar o Natal. Não posso tirar folgas agora. Sinto muito, Han. Tens a certeza que está tudo bem?

— Não te preocupes — redarguiu Hannah. — Até breve. Fim de transmissão.

Sarah estava a trabalhar nos seus apontamentos quando, na tarde do dia seguinte, o *Land Rover* chegou. Estava absorvida com os seus registos e nem sequer levantou os olhos para ver quem era até Allie a chamar.

— Sarah! Uma visita para ti. É o Lars.

Largou a pasta na secretária e saiu a correr, vagamente alarmada. Abraçou-o, sinceramente feliz por vê-lo. Depois recuou e estudou-o com uma certa preocupação. Estava com a barba por fazer, tinha a roupa amarrotada e transpirada e um ar cansado e tenso.

— Lars! Que bom ver-te. — Fez uma pausa, à espera que ele dissesse alguma coisa, mas ele não reagiu. — Passa-se alguma coisa? Com o Piet? A Hannah? A fazenda?

— Tanto quanto sei não — disse. O tom era enigmático e não a olhou frontalmente. — Desde ontem que não ponho lá os pés.

Não avançou mais informações e ela interrogou-se sobre o que ele estaria a esconder. Viu o seu olhar saltitar na direcção de Allie que estava a trabalhar sobre uns mapas abertos em cima da mesa da tenda da messe. Havia definitivamente um problema qualquer que ele não queria claramente discutir diante de Allie. Sarah pensou na chamada de Hannah pela rádio e esperou que os dois factos não estivessem ligados.

— Vamos sair do sol — disse Sarah. — É abrasador.

Conduziu-o para a sombra do alpendre e pegou em duas cadeiras de lona. — Senta-te. Deixa-me dar-te qualquer coisa para beber... deves estar a morrer de sede. Allie, posso oferecer uma cerveja ao Lars? Queres uma cerveja, Lars? Por sorte, temos cervejas frescas. O frigorífico esteve a funcionar mal durante dois dias mas o Amos, o nosso *fundi*, reparou-o. Não sei como nos arranjávamos sem ele.

Sabia que estava a papaguear mas a chegada inesperada de Lars tinha-a perturbado. Ele sorriu a Allie em jeito de desculpa e aceitou a cerveja. Falaram sobre o trabalho de investigação durante uns minutos e depois Allie apresentou diplomaticamente uma desculpa e desapareceu. Lars permaneceu num silêncio taciturno, as suas mãos a apertar os braços da cadeira com força.

— Lars — Sarah inclinou-se para ele. — Conta-me. Não decidiste simplesmente deixar o trabalho e aparecer aqui para tomar uma cerveja.

— Não. — A sua expressão era sombria. — Deixei Langani de vez.

— O quê? — O tom dela era de incredulidade.

— Finalmente desisti, Sarah. — Bebeu um longo trago da caneca. — A Hannah não te disse?

— Não. Não, ligou pela rádio ontem à noite, a pedir-me para lá ir. Mas não disse porquê.

— Aguentei até onde pude. Fiz o que me aconselhaste, Sarah. Esperei, olhei pelas coisas, tentei ser paciente. *Ja*. — Acenou lentamente com a cabeça. — Esperei e fiz o melhor possível. Quando esse estafermo do Viktor chegou, cheio de falinhas mansas e a rir como um doido, meti-me no carro e fui jogar ténis para Nanyuki. Bebi um copo no clube. Deixei o caminho livre. Mas não consegui ficar e continuar a assistir. Ele é um predador e ela não é capaz de perceber. Eu sei que ele tem mais mulheres. Até em Nanyuki se fala disso mas ela não quer ouvir. Fico doente ao vê-lo de roda dela, ao ver como ela está enfeitiçada. *Ja*, é isso... está enfeitiçada por ele. Põe-me louco de raiva. — Pestanejou vigorosamente como se lhe tivesse entrado um cisco para o olho e quisesse livrar-se dele. — Vi-o levá-la para o quarto dele. Disse ao Piet que tinha de pôr fim àquilo. Mas ele não pode, claro. E tentei dizer à Hannah quem ele é, avisá-la de que ele nunca há-de ficar. Disse-lhe até que a amava. — Desviou os olhos, fixando as árvores partidas que cercavam o acampamento com um ténue sorriso nos lábios. — Mas não adiantou de nada.

— Ela é teimosa — disse Sarah. — Mas...

— Estúpido! Fui estúpido em ter falado. Ela ficou furiosa. Disse que eu não tinha nada a ver com o que ela fazia. Se o comportamento dela não me agradava, devia ir-me embora. — Pôs as mãos atrás da cabeça e olhou para o céu claro para não ver a compaixão no olhar de Sarah. — Por isso disse ao Piet que não podia ficar. Senti-me pessimamente por deixar o meu amigo Piet. Mas não podia continuar a trabalhar naquelas circunstâncias. Depois de ela me mandar embora.

— Sinto muito, Lars.

— Arranjei-lhes um feitor temporário — disse ele. — O filho do Bill Barton regressou para tomar conta da fazenda deles. Ajudar o pai. O feitor deles, o Mike Stead, estava à procura de trabalho. Pode ser que fique se ele e o Piet se derem bem. Ou talvez agora o Jan e a Lottie voltem. Seria a melhor solução. Portanto aqui estou. Sem emprego nem perspectivas.

Bebeu o resto da cerveja. Sarah sentiu pena daquele homem fiel e generoso. Não conseguia acreditar que Hannah pudesse ter sido estúpida ao ponto de o escorraçar, de privar Piet do amigo e feitor em quem ele confiava. E que ia ela fazer quando Viktor se cansasse dela, como Sarah temia que acontecesse? Assaltava-a um tropel de pensamentos que não podia exprimir.

— Tens algum plano, Lars? — perguntou finalmente.

— Acho que vou voltar para a Noruega.

— De vez? Não podes fazer isso. O teu lugar é em África.

— Já não sei. — Mostrou-se evasivo. — Para já vou para o meu país. Sabes que há mais de três anos que não tenho férias.

Tinha razão. Ficara sempre em Langani enquanto os outros partiam em safari ou para frequentar cursos ou em negócios. Ninguém parecia ter pensado que ele pudesse ter outros desejos. Uma viagem à Europa podia fazer-lhe bem. E talvez, enquanto estivesse fora, Hannah caísse em si. Sarah deixou-o por uns momentos na tenda da messe e foi procurar Allie que abanou a cabeça, incrédula, quando ouviu a história.

— Que idiota essa rapariga é. Mas não é a primeira a cair nas malhas desse lobo solitário. Um patife pode ser perigosamente atraente, esse é que é o problema. Não é justo, pois não? Vamos convencer o pobre Lars a passar cá a noite. Ajudá-lo a afogar as mágoas. Jantar, *whisky* e uma conversa de homem para homem com o Dan. Tenho a certeza que ele não se importa nada.

Lars pareceu grato pelo convite. A sua partida de Langani fora precipitada e imprevista. Atirara os seus pertences à toa para dentro do *Land Rover*. Livros, roupas e toda a tralha acumulada durante o tempo passado na fazenda enchiam o banco de trás do veículo. Não era dado a reacções impulsivas e a sua situação presente era motivo de perturbação, além de infelicidade. Sarah conduziu-o à cabana dos hóspedes para se lavar. Depois do jantar, Dan pegou no *whisky* e pouco depois os dois homens estavam a cair de bêbados. Cantaram ruidosamente, deram palmadas nas costas um do outro e recordaram tempos mais felizes. Allie e Sarah trocaram olhares e recolheram à cama. De manhã poriam ordem no caos.

No dia seguinte, Lars partiu cedo. Apesar da ressaca, estava mais animado e prometeu manter-se em contacto. Disse a Sarah que ia para a fazenda do tio em Kiambu por alguns dias e que depois apanharia um avião para a Noruega. Prometeu informá-la quando tivesse um plano a longo prazo. Ela viu-o afastar-se e esperou que voltassem a ver-se. Piet devia estar devastado. Talvez devesse contactar Langani. Mas teria então de explicar que Lars fora direito a Buffalo Springs. Isso era capaz de a colocar numa posição difícil com Hannah. Resmungou e pegou na

máquina fotográfica. O melhor era ir para o mato e começar a trabalhar. Lá podia pensar melhor. Pegou nos cadernos de apontamentos e partiu com Eroe ao encontro dos seus elefantes.

Alguns dias mais tarde, passou pelo *lodge* de Samburu para saborear uma cerveja gelada no bar. Era uma melhoria em relação às bebidas muitas vezes mornas do deficiente frigorífico a parafina do acampamento. Em pé no alpendre, observando os turistas a ir e vir, sentiu-se uma veterana, uma nativa, e essa identidade encheu-a de orgulho. Fez uma ligação para Langani mas foi Mike Stead, o novo feitor, quem atendeu. Piet e Hannah andavam fora, disse ele. Se quisesse deixar mensagem, transmiti-la-ia. Sarah ficou desapontada. Ligaria noutra altura, respondeu. Ao dirigir-se para o carro, Sarah ouviu alguém chamar pelo seu nome. A voz era inconfundível.

— É a cientista irlandesa! Que estás aqui a fazer sozinha? Dispensaram-te das tuas canseiras, deixaram-te sair da tua torre de observação? — Ela virou-se, encarando os olhos perspicazes de Viktor Szustak. — Vais almoçar comigo e contar-me as tuas descobertas todas.

— Viktor. — Olhou-o com suspeita e repugnância. — Por sinal, a minha torre é uma pequena cabana com telhado de colmo, um exército de osgas e um grupo de daimões barulhentos. Obrigada pelo convite mas tenho de regressar já.

— Ótimo. Estava mesmo de partida para lá.

— E que te traz então a Samburu? — perguntou.

— Vim visitar-te. E só a ti. Tenho aqui um quarto — disse ele, fazendo um gesto para trás. — Vem comigo para a cama agora. Podemos ir mais tarde para o acampamento depois de uma tarde de paixão!

— Quantas mulheres convidaste para a tua cama hoje? — perguntou ela num tom trocista. Estava certa de que ele estava a fingir mas achava decididamente que ele não devia atirar-se a ela. Era amiga de Hannah. Aliás, ele não devia atirar-se a ninguém.

— Não há aqui nenhuma mulher tão sedutora como tu — declarou ele. Quando ela abriu a porta do jipe, os dedos dele fecharam-se-lhe sobre a mão, acariciando-a. — Mas eu posso esperar. Vou atrás de ti até ao acampamento. Tenho uma garrafa de *Jack Daniel's* para o Dan. Vai ficar satisfeitiíssimo porque não o arranja aqui.

Saíram do *lodge* de Samburu atrás um do outro. No acampamento todos pareceram agradados com a chegada dele. Gozava claramente da mesma popularidade junto do pessoal africano e dos seus anfitriões. O jantar foi animado depois de Viktor abrir a garrafa de *Jack Daniel's*. Sarah preferiu não os acompanhar, considerando mais seguro continuar no vinho. Ficaram a conversar e a rir até tarde e era meia-noite quando Sarah se levantou e pegou na candeia para se ir deitar.

— Eu acompanho-te à tua cabana para te proteger, senão ainda és devorada por animais selvagens — anunciou Viktor, levantando-se de um salto. Parecia perfeitamente senhor de si mesmo, apesar da quantidade de álcool que tinha ingerido. Quando chegaram à cabana, ele tirou-lhe a candeia e pousou-a na mesa lá dentro. Depois puxou-a novamente para a porta.

— Ouve — disse ele. — Não ouves a noite a falar contigo? Tens de aprender a decifrar o que a escuridão está a dizer, aprender a beleza dos seus segredos.

Sarah ficou ao lado dele, à escuta, encantada enquanto ele identificava os ruídos da selva que ela ainda não conhecia. Era um profundo conhecedor das vozes e da restolhada dos animais à sua volta. Mas, de repente, virou-a para si e ela foi assaltada pelo forte odor a fumo de charuto e álcool no seu hálito. Sabia que ele ia tentar beijá-la e sentiu crescer-lhe no peito uma fúria gélida. Que ideia era a dele, a atirar-se a ela? O homem não tinha um farrapo de integridade. Piet dissera que ele era um mulherengo e um bêbado. Toda a gente parecia saber isso excepto Hannah.

— Boa-noite, Viktor — disse ela, afastando-o. — Preciso de dormir.

— E hás-de dormir — disse ele. — Com sonhos e recordações minhas e do que podemos dar um ao outro.

— Estás a dizer disparates — disse ela. — Dou-te um desconto porque bebeste de mais. Presumo que vais parar na fazenda a caminho de Nairobi. Para estar com a minha amiga Hannah.

Viktor soltou uma gargalhada. — A rainha guerreira — disse. — Infelizmente, não vou estar com ela nos tempos mais próximos. O meu trabalho em Langani terminou e tenho uma encomenda na Tanzânia. Vou para lá na próxima semana. Um novo hotel que projectei. Vou ficar por lá bastante tempo.

— Ela sabe? — A raiva de Sarah era cada vez mais difícil de conter.

— As mulheres sabem tudo — respondeu ele. — São a fonte do conhecimento. Anda lá, a noite ainda é uma criança e nós temos tanto que descobrir.

— Já descobri o suficiente por hoje, obrigada, Viktor. É melhor ires-te embora. — Empurrou-o com força e ele cambaleou para trás, surpreendido, enquanto ela batia com a porta da pequena cabana pondo os lagartos a correr pelas paredes e a emitir ruídos de agitação. Lá fora, ouviu-o raspar nas portadas de madeira, sussurrando em tons teatrais.

— Pequenina, pequenina, deixa-me entrar senão vou soprar e bufar e a tua casa vai pelos ares!

Sarah deixou-se estar atrás da porta, furiosa com as palhaçadas dele. Minutos mais tarde, ouviu-o afastar-se, a assobiar alegremente. Sentou-se à secretária, pensando em Hannah. Abandonada, tal como Piet temera. Saberá que Viktor não tencionava voltar? Como lhe poderia dizer? Pensou se deveria contactar Piet por rádio e explicar o que acontecera. Ansiava por ouvir o som da sua voz, mesmo por breves momentos. Mas achou que seria melhor escrever. E a conversa podia ficar para o Natal.

De manhã, quando chegou à mesa do pequeno-almoço, Viktor já tinha partido. Allie disse que ele tinha saído cedo para um encontro em Nyeri. Olhou, divertida, para Sarah, ao prepararem-se para a expedição da manhã. Dan ia ficar em casa a escrever relatórios para os seus financiadores. Sarah achou que estavam ambos com um ar exausto depois da noite a beber *whisky* com Viktor. Nesse dia tinham planeado visitar uma *manyatta* samburu para discutir práticas de caça tradicionais com os anciãos. Sarah seria autorizada a tirar fotografias. Partiram numa marcha mais lenta do que o habitual e Sarah tirou do saco de lona umas aspirinas. Estendeu a garrafa de água.

— Obrigada. — Allie engoliu-as de um trago, limpando a boca com as costas da mão. — Prometo sempre a mim mesma que não vou beber o *whisky* desse homem e acabo sempre com um martelo-pilão na cabeça no dia seguinte. — Semicerrou os olhos, olhando para o sol por detrás dos óculos escuros. — Deste-lhe então uma corrida — acrescentou. — Não está habituado a que lhe digam que não. Fizeste muito bem, rapariga.

— Não me agrada ofender um amigo teu — disse Sarah —, mas sabes que o Viktor tem um caso com a Hannah e, mesmo assim, passou o dia de

ontem a atirar-se a mim. Posso ser puritana mas não acho graça nenhuma a isso.

— O Viktor é o típico lobo — disse Allie. — Sempre na caça. O facto de não teres caído na armadilha dele vai provavelmente espicaçá-lo. Consegue quase sempre o que quer das mulheres. É o feitio dele e não faz segredo disso. Tenho muita pena da tua amiga Hannah. Que se tenha apaixonado por ele.

— Está caidinha por ele. Não percebo como é que não o vê como ele é.

— Para ela, ele é irresistível, imagino. E é fantástico na cama. Acredita que eu sei. — Allie sorriu com o choque que tinha provocado.

— Tu e o Viktor? A sério? Mas quando...? — Sarah cedeu ao embaraço e à confusão. — Desculpa. Não tenho nada com isso.

Allie soltou uma gargalhada estrondosa. — Não faz mal. Não te teria contado se me envergonhasse do facto — disse. — E não precisas de te mostrar tão surpreendida. Tenho muita saída quando vou para a farra.

— Não quis dizer... bolas, Allie, sou mesmo estúpida. Desculpa. É que pensei que tu e o Dan eram tão... — A voz sumiu-se-lhe, sentindo-se desorientada.

— É escusado dizer que o Dan não estava comigo na altura. Andava a trabalhar como um louco e eu queria ir a Nairobi porque eram os meus anos, mas ele não queria ir. Fiquei zangadíssima. Nesse tempo estávamos em Tsavo e não conseguimos o subsídio que temos agora. Há meses que trabalhávamos no duro sem parar. Vivíamos em condições muito desconfortáveis, em tendas frágeis e com muito pouco dinheiro. O Dan não se importava... nunca dá conta do que o rodeia. Mas eu queria... sei lá, suponho que queria ser apaparicada por uns dias. Ser feminina. Ser a pessoa mais importante para ele, mesmo que fosse só no meu aniversário. Seja como for, ele não estava disposto a ir a nenhum lado. Tivemos uma grande discussão e eu meti-me no jipe e fui sozinha para Nairobi. Encontrei-me com o Viktor nessa noite, na casa de uns amigos onde fiquei. Estava bastante bêbada e ele também, mas engraçámos um com o outro. Passámos o fim-de-semana juntos e foi estupendo. Fizemos coisas que eu nunca fiz antes nem depois.

Allie estava a rir-se mas havia um registo no seu tom normalmente brusco que suscitou a compaixão de Sarah e uma compreensão mais profunda daquela mulher aparentemente dura.

— Na segunda de manhã, tinha de voltar para casa. E voltei, claro. Para o Dan, que é a pessoa com quem quero viver a minha vida. O Viktor é louco e maravilhoso e passei mais algumas noites com ele. Mas depois percebi que estava a brincar com o fogo. Corria o perigo de ferir alguém que é um ser humano dez vezes superior ao Viktor. O Viktor é um homem atraente, talentoso e interessante. Mas tem um lado sinistro. Não serve para mais do que um fim-de-semana de sexo. Gozá-lo se se quiser, ter uma paixoneta, porque não, mas nunca cair na asneira de esperar mais. Vive permanentemente no limite e bebe como uma esponja. Ouvi dizer que é capaz de perder a cabeça e ser violento, embora nunca tenha assistido a nenhuma cena desse tipo. Hoje ama perdidamente uma rapariga e amanhã parte para outra. É a maneira de ser dele.

— Já encontrei um homem extraordinário — disse Sarah —, portanto não me imagino a ter um romance assim. Com o Viktor ou com quem quer que seja. — Fez uma pausa, pensando se Allie teria contado a história toda. Talvez Viktor a tivesse decepcionado e ela tivesse voltado para Dan porque não tinha alternativa. — Mas não te importavas? Quer dizer, se ele aparecesse no teu acampamento com outra pessoa?

— Não, não me importava. Já não. Gosto do Viktor. Passámos bons momentos. Não foi mais do que isso nem era para ser. Faz parte do passado. O Dan nunca soube de nada e dão-se os dois lindamente. Portanto, toda a gente está feliz. Mas, se fosse o primeiro com quem ias, seria uma experiência inesquecível.

Sarah corou. — É assim tão óbvio?

— De maneira nenhuma. Mas eu sou uma observadora treinada do comportamento dos animais e compete-me reparar nas coisas. Não fiques tão atrapalhada... é uma coisa muito especial. Hoje em dia muitas raparigas novas dormem com qualquer homem que lhes agrade com a maior das facilidades. Pessoalmente acho que é uma pena.

— Quero esperar até estar casada. Quero que seja com o homem com quem vou passar a minha vida.

— Hum... e dizes que o encontraste?

— Sim. — Sarah virou-se para Allie, precisando de confidenciar a alguém. — É o Piet van der Beer, o irmão da Hannah. É franco, honesto e belo por dentro e por fora. Amo-o desde pequena.

— Então qual é o problema? — perguntou Allie.

— Ele estava apaixonado por outra pessoa. Mas acho que isso agora passou. Pelo menos, espero sinceramente que tenha passado. A Hannah diz que ele me ama mas que ficou muito magoado da última vez. Talvez seja por isso que ora parece entusiasmado, ora distante. Mas beijou-me. Só que quando estou sozinha, acho impossível que ele sinta por mim o mesmo que sentia pela outra rapariga. Por isso às tantas estou a iludir-me e não passa de um sonho que ficou da infância. Que só existe na minha cabeça.

— Acho que sabes que não é assim — disse Allie.

— No amor, ninguém parece saber — disse Sarah. — O Piet cometeu um erro. E olha para a Hannah. Podia ter ficado com o Lars, que é uma pessoa muito melhor do que o Viktor. E não sei que lhe possa dizer para a chamar à razão.

— Diz-lhe para ficar com o tipo bom — disse Allie sem hesitar. — O que há-de estar ao lado dela quando ela envelhecer e estiver coberta de manchas senis. Se calhar o Lars devia ter avançado mais cedo. Talvez fosse demasiado seguro, demasiado sólido, quando ela precisava de um pouco de aventura. Mas convém que ela saiba que com o Viktor sacia-se o apetite e parte-se para outra. Ou volta-se para a protecção de um amor seguro.

— Tenho de arranjar maneira de lhe dizer isso — concordou Sarah. — E não vai ser fácil.

— E tu, minha menina, não deves dar cabo da cabeça a pensar se o Piet te ama tanto ou mais do que a essa outra rapariga. Agarra o que ele te dá e regozija-te! O resto há-de vir por si. — Deu a Sarah uma cotovelada afectuosa. — Todos os dias agradeço a Deus pelo Dan e amo-o, mesmo com defeitos. É o homem ideal para mim e não quero passar a minha vida com mais ninguém. Mas sexo fantástico? Hum. E o sermão acaba aqui.

Estava a rir-se ao continuarem em direcção à *manyatta*, com o sol alto no céu. Sarah olhou para ela e sorriu, feliz com a confiança e a afeição que se fortaleciam entre ambas. Fiz a opção certa, pensou. Fiz bem em voltar para o Quénia e tenho razão em pensar que o Piet é o homem ideal para mim, demore o tempo que demorar.

CAPÍTULO 23

Quénia, Dezembro de 1965

Quando Sarah transpôs o portão da Fazenda de Langani, as suas mãos estavam pegajosas. Tinha tentado não imaginar os primeiros momentos com Piet, mas agora já não era capaz de ignorar as suas esperanças. O telhado da casa surgiu à vista na última curva, a madressilva encobrindo a parte superior das chaminés, a extensão de relvado e o mosaico brilhante do jardim de Lottie. Os cães correram para o jipe e Hannah estava à espera nos degraus. Com Lottie.

— Oh, Lottie! Lottie, que surpresa maravilhosa! — Sarah tentou abraçá-las em simultâneo. — A Hannah não me disse que estava em casa!

— Foi obrigada a jurar segredo — Lottie estava a segurar em Sarah à distância para a ver bem.

— Uma surpresa, não? — Hannah estava deliciada com o sucesso do seu subterfúgio.

— O Jan também cá está? — Sarah percebeu a resposta pela expressão de Lottie.

— Ainda está a ver se consegue vir para o Natal. Ou pelo menos para o Ano Novo. — O sorriso de Hannah foi excessivamente radioso.

O alpendre e a sala de estar foram decorados com grinaldas natalícias e tinham sido penduradas lanternas. Estava tudo com um aspecto festivo e acolhedor e Sarah sentiu uma enorme onda de amor por aquela casa hospitaleira que lhe era tão preciosa e pela família que há tanto tempo considerava como sua. Os cães corriam à sua volta e, quando se baixou para lhes dar atenção, sentiu dois braços fortes a cingi-la.

— Piet! — Não conseguiu dizer mais nada antes de ele lhe esmagar as costelas, beijando-a na boca.

— É bom a mãe estar em casa, não é? Quase me descaí quando ligaste a dizer a que horas chegavas.

— Tinha-o matado! — disse Hannah a rir.

— Comprámos champanhe para celebrar a chegada da mãe, mas ela insistiu em esperar por ti. — Piet estava a servir uma taça para cada um deles. — Mas agora vamos todos beber ao nosso futuro. A todos aqui, que fizeram do presente o que ele é.

— E ao pai, que há-de estar brevemente connosco. — Hannah levantou o copo para a mãe.

— O *bwana* vem agora? — Mwangi tinha aparecido da cozinha.

— Está neste momento a preparar-se, Mwangi — respondeu Lottie.

— Hi! — Mwangi emitiu o som de aprovação ou espanto dos quicuios. — Que bom! Vou dizer a todos, para estarmos prontos.

— É o meu primeiro Natal em Langani — disse Sarah. — Aliás, é o primeiro Natal que não passo em casa. Onde quer que a minha casa seja agora.

— É onde a tua família estiver. As pessoas que mais amas — disse Lottie. — É aí que a tua casa será sempre. A geografia não importa. Por isso, a tua casa é aqui connosco, Sarah. Nós somos a tua família.

Ao almoço não falaram praticamente de mais nada a não ser da abertura do *lodge* e da *ngoma*.

— O Piet tenciona juntar-se aos dançarinos. Acho que devia dançar com os masai e não com os quicuios porque é muito alto — disse Hannah. — Vai ficar ótimo com o ocre e o excremento de vaca no cabelo e as missangas e as penas, não achas, mãe? Um autêntico guerreiro.

Lottie sorriu mas as rugas que agora lhe marcavam o rosto falavam de um tempo em que a sua resistência fora posta à prova e deixara marcas. Estava vigilante e apagada, mantendo-se um pouco à distância do resto das pessoas. Quando o almoço terminou, saiu para o alpendre seguida de Sarah.

— Está tudo bem?

— Claro que está, minha querida. Estou um nadinha cansada, é tudo — respondeu Lottie.

— Vai ser maravilhoso ver o Jan no Natal — disse Sarah.

— Ele já alterou a data duas vezes — disse Lottie. — Acho que está com medo de vir. Está muito mudado, Sarah, e não se acha capaz de recomeçar no ponto em que ficou. Não sei se fiz bem em ter voltado.

— Pode ser difícil no início. Mas quando ele vir o lugar que adora, a prosperar assim... — Hesitou e depois decidiu que seria melhor ser franca sobre o que sabia. — Lottie...

— Sim?

— A Hannah contou-me. Sobre o que se passou na Rodésia. Sobre a razão por que partiu. Eu sei que tem sido difícil para si.

— Quando nos fomos embora, o Janni disse que estava a desenraizar-se para ajudar o filho. — Lottie estava de frente para Sarah, olhando-a directamente nos olhos. — Mas agora penso que quis escapar. Deixar a fazenda em benefício do Piet foi apenas um pequeno aspecto da questão. Desde então tenho procurado esquecer a beleza deste lugar e sei que o Janni também tem tentado. Às tantas não devia ter voltado para ver tudo o que perdemos, sentir afinal que devemos partir de novo. O Piet é agora o jovem *bwana* aqui. Ganhou o direito à fazenda e deve dirigi-la como bem entender.

— Sim. E a Hannah também descobriu o papel dela — disse Sarah.

— Mas perdemos o Lars. E o Mike Stead, apesar de ter vontade, não é do mesmo calibre.

— Onde está o Mike Stead? — Sarah apercebeu-se de que não tinha visto o novo feitor.

— O Piet deu-lhe alguns dias de folga. Ele tem pais idosos que vivem na costa e foi lá passar o Natal e o Ano Novo — disse Lottie. — E a Hannah está muito triste porque o Viktor se foi embora.

— Ela acha que o Viktor se foi embora de vez? — A primeira reacção de Sarah foi de alívio por não ter de ser ela a dar a notícia.

— Ficou furiosa comigo por não ter vindo depois do roubo, quando estava aterrorizada com o que lhes tinha acontecido a todos. — Os ombros de Lottie estavam encolhidos e tensos. — Pensou que eu não queria saber do que lhe tinha acontecido. Mas não podia deixar o Jan naquela altura. Agora pergunto-me se teria podido evitar este desastre com o Viktor, se tivesse pensado nela em primeiro lugar e regressado.

— Encontrei-me com o Viktor em algumas ocasiões — disse Sarah. — Para ser franca preferia não me ter encontrado. Não me parece que ninguém tivesse conseguido impedir o que aconteceu entre ele e a Hannah. Mas é uma pena que o Lars seja uma vítima.

Caminharam até ao relvado que Lottie passara tantos anos a tratar com desvelados cuidados. — Dou comigo a fazer a mesma pergunta que fizeste há pouco, Sarah — disse ela. — Onde é a minha casa? Disse que era onde estavam as pessoas que mais amávamos. Mas não sei se aquilo que sinto pelo Jan é amor e não sei se ele ainda é capaz de amar. Está morto por dentro, minha querida. Está morto por dentro desde que a mãe da Camilla, esse monstro dessa mulher... — Vomitou as palavras. — Nessa noite perdi o meu marido e não sei se serei capaz de amá-lo se o reencontrar.

— Oh, Lottie! O Jan era um homem bom, um bom pai, e há-de voltar a encontrá-lo. Rezo para que encontre.

— Espero que tenhas razão. E espero ter forças para aquilo que vier.

— Venham as duas para dentro — chamou Hannah do alpendre. — Acabou a má-língua.

— Vou ler e dormir um pouco — disse Lottie. — Até logo.

— Até logo. Queres vir até ao meu quarto, Han? — convidou Sarah. — Ou dar um passeio, talvez?

— Vais perguntar-me pelo Viktor — disse Hannah imediatamente. — Está tudo acabado, Sarah. Exactamente como toda a gente previu. Vamos conversar para o teu quarto.

Deixou-se cair numa cadeira, enterrando a cara nas mãos. Era penoso contar a história, mas queria contá-la a Sarah, que não faria juízos de valor e ouviria todos os seus erros estúpidos sem deixar de a amar.

Lars estava em todo o lado. Arvorava uma expressão empedernida quando olhava para ela ou zangada e carregada de dor que ela não queria ver. Para onde quer que fosse na fazenda, parecia impossível evitá-lo.

— Ele segue-me para todo o lado — dissera a Piet. — Não podes dizer-lhe que me deixe em paz? Que saia do meu caminho?

— Segue-te para onde? — perguntou Piet. — Quando?

— Aparece no escritório todos os dias de manhã — respondeu Hannah.

— É onde tem de estar de manhã — disse Piet, tentando chamá-la à razão.

— E nos celeiros. Na vacaria. Em toda a parte.

— Hannah, vocês sempre trabalharam juntos e têm de continuar a trabalhar. Ele é o meu feitor, caramba, não deves esquecer esse facto

crucial. Tem funções a cumprir e tu também. Portanto deixa de falar constantemente do Viktor. Usa o tacto e o bom senso, mana, e trata de trabalhar.

No escritório, ela tentara concentrar-se nas contas da semana, mas estava uma manhã cinzenta e o seu espírito começara a divagar. Ao fim de uma hora, desistiu e saiu de casa, chamando pelos cães. Ia a meio do caminho quando esbarrou com Lars que estava a sair dos celeiros.

— Onde é que vais? — perguntou ele.

— Pensei em ir passear os cães.

— Eu vou contigo — disse ele. — Precisamos de conversar.

Não lhe ocorreu qualquer razão para recusar a proposta. Caminharam durante algum tempo em silêncio.

— Gostava de saber se tencionas visitar a Sarah em breve — disse ele.

— Não. Por agora vou ficar aqui. Quero ficar em casa.

— À espera do regresso dele, suponho — disse Lars. — Para ele brincar contigo e te magoar e abrir um fosso entre nós e depois desaparecer.

— Por amor de Deus, Lars, não sei o que te deu — retorquiu Hannah.

— Não tens nada com o que eu penso sobre o Viktor. Sei que nutres sentimentos especiais por mim mas já te disse que não estou preparada para isso. Portanto, não voltes a falar do assunto. Estás aqui para administrar esta fazenda e não para seres uma espécie de polícia da minha vida privada.

— É assim que me vês? — Ficou furioso. — Como um assalariado que podes ignorar a teu bel-prazer porque um gigolô fino aparece de Nairobi e te mete na cama dele?

Estacaram e encararam-se no caminho. Abatera-se um silêncio terrível e até os pássaros e os grilos pararam de cantar, de tal modo o ar se tornou opressivo e sinistramente quieto.

— Não te atrevas a falar-me assim, Lars Olsen — gritou-lhe ela, perdendo a compostura. O coração martelava-lhe nos ouvidos e estava vermelha de raiva. — Sou uma mulher adulta e decido o que quero fazer da minha vida. Se queres trabalhar aqui tens de respeitar isso.

— Respeitar? Que respeito é que tu tens por mim? Tentei olhar por ti depois do assalto e antes também. Tentei atenuar as dificuldades e os pesadelos. Parece teres-te esquecido. Quase fui morto nessa noite mas tu não queres saber. Não te ralas minimamente comigo, Hannah, para ti não

passo de um moço de recados. A verdade é que devia ir-me embora. Mas o Piet merece que eu fique e faça o meu trabalho. Não como um assalariado, mas porque somos amigos. E é tempo de também tu pensares nele.

— A fazenda é tão minha como dele — respondeu ela. — E não faltam feitores por aí. Se tencionas fazer-me sombra como uma nuvem de trovoadas porque estou apaixonada por outro, então debes mesmo ir-te embora. Quem me dera que fosses. A ver se voltamos todos a ter uma vida normal.

Assim que pronunciou as palavras, arrependeu-se e olhou, consternada, para as costas dele, que se afastava em direcção a casa. Depois assobiou aos cães que tinham assistido à discussão à sombra de um arbusto. Os animais correram para ela e Hannah continuou a descer a colina, decidindo resolver as divergências com ele quando voltasse para o escritório. Dar-lhe-ia uma hora ou assim para se acalmar. Era difícil para ele e Hannah não dera a devida importância ao que Lars sentia por ela. Não compreendera o ciúme dele. Continuou a andar e, minutos depois, já o tinha substituído no seu pensamento por uma imagem de Viktor inclinado sobre ela, levantando-a para a acariciar e fazer amor com ela.

Quando chegou a casa, o sol transformara o ar matinal numa miragem tremeluzente de calor e remoinhos de pó. Hannah desejou que as chuvas não tivessem acabado tão cedo. A terra já estava crestada, coberta pelo restolho de caules partidos de ervas queimadas. As pastagens escasseavam e o gado ia precisar em breve de rações adicionais que custavam dinheiro. Dirigiu-se imediatamente ao escritório, mas não havia sinais de Lars. Nem na sala de jantar quando foi almoçar.

— *Pole, memsahib*. Sinto muito. *Pole sana*. — A expressão de Mwangi era de pesar.

— Sentes muito o quê? — perguntou ela, intrigada. Não estava preparada para mais problemas. — Não é bom dia, Mwangi. Não é bom dia para mais *shauris*. Talvez seja melhor deixar esse para amanhã.

— Sentimos todos muito que o *bwana* Lars se tenha ido embora — disse ele. — Era um homem bom.

Hannah olhou para ele, espantada, tentando manter uma certa compostura e combatendo o temor que a tinha assaltado. Sentiu vontade de vomitar. Era impossível comer.

— Pois. Estas situações nem sempre duram muito tempo, Mwangi. Vamos portanto continuar normalmente e depois vê-se.

Sentiu a boca secar ao ouvir os passos de Piet no alpendre.

— Vamos falar para o escritório. — A expressão dele era tensa.

— Eu não sabia que ele se ia embora — disse ela defensivamente, assim que Piet fechou a porta.

— Fazes ideia da gravidade da situação? — perguntou-lhe o irmão, numa voz baixa e gélida de fúria. — O Lars ficou aqui como amigo, por um salário que qualquer outro teria achado ridículo. É meu amigo e meu conselheiro e é o melhor feitor que podíamos ter.

— E eu não sou responsável pelas cenas de ciúmes dele — disse ela, as suas decisões evaporando-se perante a fúria de Piet.

— Sabias perfeitamente que ele te amava. Não o amas, tudo bem. Essas coisas acontecem todos os dias. Mas esfregaste-lhe a tua ligação com o Viktor na cara. Entraste em joguinhos de sedução e puseste-te na beijoquice debaixo do nariz do Lars. Sem consideração. Sem discrição. Sem pensar, Hannah. Pensaste unicamente em ti. Cometeste um erro estúpido.

— Sinto muito, Piet. Não podemos pedir-lhe que volte?

— Ligou de Nanyuki há meia hora. Vai para casa do tio em Kiambu. Depois está a pensar voltar para a Noruega.

Hannah começou a chorar e, momentos depois, o irmão aproximou-se e pousou-lhe a mão no ombro.

— Havemos de arranjar uma solução — disse. — O Lars recomendou o Mike Stead para o substituir, portanto o melhor é combinar encontrar-me com ele assim que voltar de Nairobi. Anda à procura de trabalho e é bom tipo. Pode ser que cheguemos a acordo. Qualquer coisa que nos ajude a ultrapassar a crise até vermos como as coisas funcionam. Já agora, ficas bem esta noite aqui sozinha? Tinha planeado partir esta tarde mas posso adiar.

Hannah olhou fixamente para ele. Tinha-se esquecido de que ele ia ausentar-se.

— Tudo bem — apressou-se a dizer, ansiosa por apaziguá-lo. — Não podes desmarcar os teus compromissos em Nairobi e eu não me importo de passar duas noites sozinha. A sério.

Depois de ele sair, dirigiu-se ao quarto, não quereia que os criados vissem que estava à beira das lágrimas. Estava uma carta no toucador e ela abriu-a relutantemente, levando a mão à boca ao compreender todo o alcance do que tinha acontecido.

Querida Hannah,

Tinhas razão. A tua vida pessoal e as tuas necessidades privadas não são nada comigo. É uma infelicidade que eu tenha deixado os meus sentimentos por ti pisar a linha entre patrão e empregado e entre a amizade e o amor.

Nestas circunstâncias, não posso continuar a trabalhar em Langani. Não é uma boa solução para nenhum de nós nem para a fazenda. Mas nunca te deixaria a ti nem ao Piet pendurados. Arranjei quem me substituísse e espero que resulte bem. Disse a todos que me ia embora por causa de um problema familiar na Noruega. E é para onde vou.

Hannah, espero que fiques em segurança e que encontres a felicidade. És uma pessoa de grande coragem e beleza e eu nunca deixarei de te admirar, e de amar tudo quanto és.

Obrigado pelos bons tempos que passei na Fazenda de Langani.

O teu amigo dedicado,

Lars

Hannah leu a carta duas vezes. Sentou-se na cadeira a tremer mas determinada em não chorar. Ele voltaria. Estava certa disso. Já tinham discutido antes e ele sempre cedera. Era isto que tinha receado — que qualquer ligação romântica entre eles prejudicasse o funcionamento da fazenda. Agora, ironicamente, fora a falta dessa ligação que desencadeara a crise. Passou algum tempo no escritório e depois foi ter com Juma à vacaria.

— Que se passa com o *bwana* Lars? — perguntou ele com optimismo.
— Vai voltar em breve?

— Espero que sim, Juma. Mas tem um *shauri* com a família na Noruega e teve de lá ir. Vamos ter de esperar para ver.

A tarde pareceu interminável. Não havia ninguém com quem pudesse falar. Excepto Sarah. Mas quando conseguiu ligação pela rádio, só lá estava Allie. Mais tarde, quando Sarah disse que não podia sair de Buffalo Springs, Hannah falou num tom despreocupado e não referiu os seus problemas. Mas quando desligou, sentou-se ao lado do telefone e desatou a chorar até que o aparelho voltou a tocar, obrigando-a a recompor-se. Era Viktor e o coração dela saltou com a excitação de ouvir a voz dele.

— Quero que venhas a Nairobi amanhã — disse ele. — Anda daí, minha rainha guerreira, conquistar a cidade. Quero levar-te à inauguração de uma exposição. O artista é um amigo... foi ele que fez o teu leopardo de bronze. E depois vamos dançar para o Equator Club e passar o resto do tempo a fazer amor.

— Não posso sair daqui, Viktor — disse ela. A desilusão tinha um sabor amargo na sua boca. — O Piet vai para fora nos próximos dois dias. Sou precisa aqui em Langani. Tu é que podias vir passar o fim-de-semana.

— Ah, Hannah. Deixa o teu lado sério na fazenda e vem divertir-te comigo. Parte imediatamente. Quero tocar-te e ver essa expressão na tua cara, quero ver-te a abrires-te para mim.

— Viktor, não posso sair daqui. — Hannah falou com uma voz estrangulada.

— Bem, minha doçura, enches-me de tristeza. Mas havemos de nos ver em breve.

Desligou e ela reparou que tinha a mão a tremer quando pousou o auscultador no descanso. Porque não ia Viktor a Langani se os seus sentimentos por ela eram sinceros? Até ele, um homem que já seduzira certamente muitas mulheres, dissera que não se cansava dela, que não era capaz de passar sem ela durante muito tempo. Mas como é que Viktor media o tempo? E como é que podia pôr uma exposição à frente dela? Interrogou-se onde Lars estaria nesse momento e sentiu uma profunda tristeza perante a ideia de possivelmente nunca mais o voltar a ver. Uma hora mais tarde, decidiu ligar a Viktor. Se não podia estar com ele, pelo menos podia falar. O telefone tocou durante muito tempo antes de alguém atender.

— O *bwana* Szustak não está — disse a voz. — Foi para fora. Sou o criado, pode deixar mensagem.

Apoderou-se dela um estado de espírito sombrio e sentou-se à lareira num silêncio solitário. Serviu-se de um *whisky* puro e ligou o rádio mas a música deprimiu-a. Tomou outra bebida e esperou que o jantar fosse servido, temendo a refeição solitária sob o olhar compassivo de Mwangi. Quando este anunciou que estava pronto, levantou-se, cansada e desanimada, e levou o copo para a mesa. Ouviu o som do carro ao desdobrar o guardanapo. Sentiu arrepios na pele ao pegar na espingarda encostada ao lado do aparador, levantando-se da cadeira. Depois firmou bem os pés e apontou a arma à porta. Segundos depois, a sonora gargalhada de Viktor encheu a sala quando ele se precipitou e a levantou no ar. Quando a pousou, Hannah ainda estava a segurar na espingarda, pasmada e incrédula.

— Podia ter-te matado — disse. — Meu Deus, Viktor, que estás a fazer aqui?

— Vamos, Hannah... trouxe champanhe. Jantamos depois.

A visão dele deixava-a incapaz de pensar. — Tenho de ir saber o que há na cozinha e...

— Quero comer rapidamente — disse ele. — E depois quero levar-te para o quarto e foder contigo até ficares esgotada e suplicares misericórdia. Só então terei matado a fome. É o que eu quero.

Quando, mais tarde, estava deitada ao lado de Viktor, feliz e saciada, ele soergueu-se sobre um cotovelo.

— Onde está o teu guarda *viking* esta noite? — perguntou. — Já me habituei a ele, a fulminar-nos com os olhos, a lançar a sua sombra nórdica sobre os nossos prazeres.

— Foi-se embora.

— Embora para onde? Por quanto tempo? — quis saber Viktor.

— Foi para a Noruega — disse ela, mas a sua voz saiu abafada. — Tem um familiar muito doente e teve de voltar para casa. Não. Não é verdade. — Não havia qualquer razão para lhe mentir. — Foi-se embora de vez. O Lars despediu-se da fazenda.

— Pensei que fizesse parte da mobília. — Viktor estava a franzir a testa e falou abruptamente. Levantou-se e afastou-se da cama.

— Tinha ciúmes — disse Hannah. — Sabes bem. Ele não fazia segredo. Do facto de estar apaixonado por mim. Inicialmente foi um choque mas

agora percebo que é melhor assim. Porque já não preciso de esconder o que sinto por ti. O que sentimos um pelo outro.

Mas Viktor não estava a ouvir. Tinha aberto o chuveiro na casa de banho e estava a cantar em voz alta. Quando voltou para a cama, abraçou-a e adormeceu imediatamente. E de manhã partiu cedo, fazendo uma extravagante continência ao afastar-se a toda a pressa.

Hannah endireitou-se e limpou os olhos. Tinha contado agora a Sarah toda a terrível história, por mais humilhante que fosse.

— Não digas nada de reconfortante — avisou-a. — Era incapaz de suportar.

— Ele enganou-te, Hannah. Eu sei que não serve de consolação mas está sempre a acontecer. Aconteceu-me a mim numa escala menor. Com o Mike, em Dublin. Lembras-te?

— Mas tu não foste a correr atrás dele.

— Não gostava dele o suficiente — respondeu Sarah. — Caso contrário, sabe Deus o que teria feito.

— Depois de ele ter partido nessa manhã, não tive mais notícias do Viktor. — A voz de Hannah soou distante, como que vinda de outro tempo e lugar, evocativa. — Mas queria saber se ele me amava. Queria ter a certeza. Por isso meti-me no carro e fui a Nairobi. Dois dias depois de o Piet ter chegado das reuniões, disse que precisava de fazer umas compras de Natal. Já era tarde quando cheguei, mas sei onde o Viktor mora e fui até lá, com a ideia de lhe fazer uma surpresa. E fiz — disse amargamente. — Ele ficou muito surpreendido. E a mulher que estava na cama com ele também.

— Han, que horror. Que maneira horrível de descobrir. — Sarah passou finalmente o braço pelos ombros de Hannah.

— Era uma mulher de cor — disse Hannah, a sua voz denotando ainda surpresa e choque. — Era uma mulher de cor e eu fiquei ali a gritar com os dois até ele me arrastar para o exterior. Ficou comigo no caminho privado, só com uma toalha à volta do corpo, e disse-me que não queria voltar a ver-me. Foi o que ele disse. Não me lembro da viagem de regresso, mas quando aqui cheguei o Piet foi impecável. Não podia ter sido melhor. Não me perguntou onde eu tinha estado nem porque é que

tinha voltado a meio da noite e nunca mais falou no assunto. Ninguém sabe disto além de ti. Nem a minha mãe.

— E agora? — Sarah perguntou.

— É Natal — respondeu Hannah. — E como a minha mãe disse, somos um grupo de pessoas que se amam umas às outras e o melhor de tudo é que estás aqui connosco. Portanto, é nisso que nos devemos concentrar agora. Amo-te, Sarah, és minha irmã. E estás com cara de quem precisa de dormir. Até logo.

Sarah deitou-se na cama velha e confortável, pensando em Hannah e em Lars e se seria possível salvar alguma coisa de semelhante confusão. Suspirou e pegou num texto que Dan lhe tinha dado sobre os hábitos de acasalamento dos chacais. Mas minutos depois os seus olhos fecharam-se e adormeceu como a criança confiante que fora outrora naquele mesmo quarto. Uma leve pancada na porta acordou-a.

— Anda comigo até à crista — disse Piet. — Traz uma camisola ou um agasalho qualquer.

Piet levou uma manta e algumas almofadas e sentaram-se, observando a luminosa extensão da paisagem em que as ervas *vlei*, verdejantes depois da dádiva da chuva repentina, esvoaçavam como penas sopradas pelo vento. Ele pôs a mão na nuca de Sarah e emitiu um estalido suave no fundo da garganta de que ela se recordava da infância. Era uma coisa que Kipchoge lhe ensinara e Piet tinha muitas vezes produzido aquele ruído especial ao caminhar ao lado dela, nesse tempo de inocência, apontando para pássaros, plantas e rastos de animais que conhecia e queria partilhar com ela. Sarah contemplou o céu que mudava de cor e a tonalidade rosada que tingia os picos nevados do Kirinyaga, enquanto o sol iniciava a sua descida em direcção ao horizonte do seu mundo. Nesse momento Piet falou.

— Amo-te — disse simplesmente. — Sempre te amei mas fui demasiado estúpido para perceber. Para compreender e ver. Quero que me perdoes porque te amo, Sarah, mais do que tudo. Mais do que a vida. E sei que és a mulher ideal para mim.

Ela virou-se para olhar para ele e emitiu um leve som quando ele a abraçou e a beijou vezes sem conta.

— Amo-te, amo-te, amo-te — repetiu ele, acariciando-a, afagando-lhe o cabelo, tocando-lhe nas pálpebras e nas faces, passando-lhe os dedos

ternamente pelos lábios. — Não me recordo de nenhum tempo em que não tenhas feito parte de mim e não vislumbro qualquer futuro em que não estejas comigo. Estás de acordo com isso?

Ela acenou com a cabeça e tentou responder com palavras mas, entorpecida de felicidade e assombro, limitou-se a deitar-se na manta e a deixar-se dissolver na extática felicidade que se apoderava dela enquanto ele a beijava e lhe tocava no corpo pela primeira vez. Ficaram estendidos lado a lado, ofegantes de amor e descoberta, observando as primeiras estrelas a trespassar a obscura abóbada celeste.

— Amo-te, Piet — disse Sarah finalmente. — Sempre amei, desde o primeiro dia em que apareceste e saltaste para o rio ao meu lado. E sempre amarei.

— Amar-nos-emos um ao outro e olharemos um pelo outro até ao fim das nossas vidas, pequena Sarah, e o nosso mundo há-de ser um lugar sem igual. — Levantou-se e estendeu-lhe a mão. — Anda, minha bela mulher. Está a ficar frio aqui na crista e eu quero levar-te para a nossa casa na fazenda.

Dobram a manta e as almofadas e detiveram-se mais uma vez a admirar a beleza do seu universo partilhado.

— Este é o nosso quinhão da Terra — disse ele. — Tudo aqui foi criado pela coragem, pela força de vontade e pela esperança. Estou convicto de que é um lugar que nos foi dado por Deus e vamos procurar zelar por ele e preservá-lo sempre, tu e eu, custe o que custar. Sei que o amas como eu amo e que posso contar sempre com a tua ajuda.

— Podes — disse ela. — Sempre.

Quando se olhou ao espelho antes do jantar, Sarah reparou que nessa noite estava verdadeiramente bela, repleta da certeza do amor de Piet e da sua própria visão do futuro que construiriam juntos. A sua pele reluzia e os olhos brilhavam quando entrou na sala de estar e Piet lhe pegou na mão.

— Quero que ouçam agora uma coisa — disse ele. — Fui um africânder estúpido durante muitos anos, incapaz de ver um palmo à frente do nariz e de pensar direito sobre as coisas que realmente importam. Um perfeito atrasado mental, eh? Mas finalmente acordei. Descobri a coisa mais

importante que um homem pode encontrar, alguém que amo e a quem posso confiar a minha vida. Portanto, Sarah Mackay, quero perguntar-te se aceitas olhar por este pobre agricultor. Quero pedir-te que cases comigo e me faças o homem mais feliz do mundo. Achas-te capaz disso?

Ela ouviu os gritos e as exclamações de todos ao lançar-se nos braços dele.

— Sim, caso contigo. Sim. Amo-te e sempre te amarei. — Nesse momento, virou-se para olhar para os outros todos, para aceitar as suas felicitações através de uma névoa de lágrimas. — Amo-os a todos — disse. — Sinto-me tão feliz e amo-os tanto que não tenho mais palavras.

A porta abriu-se então e apareceu Mwangi com Kamau, os seus rostos escuros brilhando de aprovação ao apertarem as mãos de Piet. Ele abraçou-os calorosamente e eles murmuraram em quicuío palavras de satisfação e bênção ao jovem de quem tinham cuidado e ao qual estavam ligados por laços de afecto desde que nascera. Pouco depois, Kipchoge chegou, tímido mas radiante, oferecendo um presente de pulseiras de missangas que fizera para Piet e Sarah, na expectativa de que esse dia chegasse. Enfiou-as cuidadosamente nos pulsos de ambos e todos aplaudiram de novo quando Piet voltou a beijá-la. Sarah virou-se à procura de Hannah e apanhou-a num momento desprevenido de pura desolação que a fez conduzir Piet para junto da irmã para que ela partilhasse a felicidade deles. Ficaram acordados até tarde, conversando, rindo e traçando planos, e por fim juntaram-se em volta do telefone enquanto Sarah ligava para o operador e lhe dava um número na Irlanda.

— Nós vamos até aí no novo ano, querida filha — prometeu Raphael depois de ela falar com a família. — Boa-noite agora e que Deus os abençoe aos dois. À Hannah e à Lottie também. Amamo-los a todos.

Quando se foram deitar, Piet e Sarah ficaram a sós.

— Quero fazer já amor contigo — disse ele. — Para selar a nossa união. Mas acho que preferes esperar, não? Faço o que quiseres porque não há-de faltar muito tempo para seres minha mulher até ao fim das nossas vidas.

— Eu sei que é antiquado e tonto — respondeu ela, incapaz de pensar porque é que tinha de esperar mais tempo. Todo o seu corpo vibrava com correntes de desejo e excitação. — Mas acho que prefiro assim.

— Amanhã faremos os nossos planos — disse ele, tocando-lhe nas faces coradas e beijando-a. — Tomaremos uma decisão sobre a data do

casamento. Não podemos deixar passar muito tempo. Tens de pensar no que vais fazer em relação ao teu trabalho porque sei como é importante para ti. E, a propósito, acabaram os banhos com o teu patrão sem *brookies*! Isso não é para a minha miúda.

Nessa noite, todos dormiram envolvidos por uma sensação de paz e ternura, um ponto de viragem em que a nuvem que pairava sobre Langani se tinha finalmente levantado. O Natal seria uma época de alegria há muito desejada. Anthony telefonou de Nairobi e Piet convenceu-o a visitá-los na fazenda para celebrar o noivado.

— Grande notícia, rapariga — disse ele a Sarah ao chegar. — Tens um bom homem e ele é um felizardo. Que vais fazer a respeito dos teus elefantes?

— Não sei — disse ela. — Estou a ajudar o Dan a redigir uma candidatura a mais fundos para alargar o nosso programa e gostava de participar nisso. Mas ainda não pensei no assunto.

Anthony baixou os olhos para o chão, reflectindo antes de falar. — Por falar em fundos, encontrei por acaso o George Broughton-Smith há duas semanas. Eu estava com uma das minhas clientes no New Stanley Grill.

— O George, em Nairobi? — perguntou Hannah. — E a Camilla? E os vinte e um anos dela no mês passado? Ele falou nisso? Mande-lhe um postal, mas ela não respondeu. Como sempre.

— Não sei o que se está a passar — disse Anthony. — Não estive em contacto com a Camilla porque andei na minha viagem promocional e em safari. E dá-me ideia que o George não me tem em grande conta por causa disso.

— Talvez não — disse Sarah, fixando-o com um olhar penetrante.

— Não recebi resposta ao postal que escrevi — disse ele. — Mande-lhe flores nos anos mas os meus planos alteraram-se e acabei em Cincinnati nessa altura. Não cheguei sequer a passar por Londres. Enfim, só fiquei uma noite, em trânsito — acabou por confessar. — Seja como for, o George não se abriu muito. Só esteve com a Camilla uma vez desde Setembro. Nem sequer passou os anos com ela. Ela foi para qualquer lado com a Marina e tornou-se claro que ele não queria mesmo falar dela.

— Isso é estranhíssimo. — Sarah franziu o sobrolho, convencida agora de que lhe tinha escapado uma pista vital durante as suas frustrantes

conversas telefónicas com Camilla. — Foram sempre tão chegados. E a cara dela?

— Não me pareceu que soubesse o que ela tencionava fazer a respeito da cara ou do que quer que seja. Aparentemente a Marina tem estado doente. Abordei o tema do dinheiro para o projecto de conservação em Langani e ele disse-me que a Camilla nunca o tinha mencionado. Mas agora tem conhecimento dos problemas e vai contactá-los a ver que fundos consegue desencantar. Mostrou-se muito positivo, por sinal. Mas antes do novo ano não vai ser possível fazer nada. Diz que se ocupa do assunto depois.

— Eu vi logo que isto ia acontecer — disse Hannah com azedume. — Esqueceu-se simplesmente de nós.

— Não. Não é isso. Há definitivamente qualquer coisa que não bate certo aqui... eu sei que há — disse Sarah. — Talvez o ferimento dela tenha sido pior do que imaginámos. Se foi isso, pode ter ficado sem trabalho, sem dinheiro, sem nada. Pode ter sido obrigada a sair do apartamento. Ou talvez seja o George e a Marina que estão a divorciar-se. Não sei, mas há aqui qualquer coisa de esquisito que nos ultrapassa.

— Ora, estás sempre pronta a arranjar-lhe desculpas — disse Hannah. — Ela não é capaz de se dar com ninguém. É uma pena e é provavelmente mais forte do que ela, depois de ter sido educada por essa mulher terrível. Mas é tempo de seres realista acerca dela, Sarah.

Na véspera de Natal, Sarah foi de carro com Lottie à escola de missionários mais próxima onde havia uma missa do galo. Ajoelhada nos bancos da pequena igreja, sabia que era o ser humano mais afortunado e feliz do mundo. À sua volta, as vozes subiam com o incenso no frio de uma noite estrelada, dando aos velhos hinos de Natal o tom e o ritmo exaltantes e plangentes próprios das canções africanas. A congregação compunha-se principalmente de trabalhadores agrícolas, vestidos para a ocasião com casacos que lhes assentavam mal e sapatos sem atacadores a que não estavam acostumados. As mulheres usavam camisolas grossas, tricotadas à mão, e tinham às costas bebés, envoltos em cobertores amarrados à cintura, com expressões curiosas e gorros de lã garridos nas cabecinhas redondas. Sarah acendeu velas pela família na Irlanda, sabendo que teriam adorado estar ali com ela. Mas tinham prometido estar presentes no casamento. Lottie pegou-lhe na mão ao fazerem coro com os

hinos de louvor e celebração, misturando-se aos jubilosos cânticos das vozes dos quicuios. Sarah sentiu que cantaria assim até ao fim da vida, em harmonia com todas as raças que a rodeavam, partilhando e contribuindo com Piet para as corajosas esperanças da sua nova nação. Mais tarde, durante a missa, Lottie ajoelhou-se ao seu lado, de cabeça baixa a orar, a expressão serena mas triste. Jan não viera passar o Natal mas prometera chegar a tempo do Ano Novo. O ar da meia-noite estava frio e os faróis do carro cortaram o nevoeiro ao regressarem a Langani.

Piet estava à espera delas e sentaram-se à lareira a beber canecas de chocolate quente antes de Lottie decidir recolher à cama. Ele beijou Sarah quando a mãe saiu e levou-a para o quarto dela. Deitaram-se ao lado um do outro e ele passou-lhe as mãos pelo corpo, apertando-a nos braços. Ela ouviu-o gemer um pouco quando desapertou o vestido para que Piet pudesse acariciá-la, explorando as suas coxas e ventre nus, afagando-lhe os seios e deixando-a ofegante de desejo. A sua pele estava a arder e sentia-se inebriada com a intensidade das sensações que ele despertava nela, relutante em deixá-lo ir, quando ele se separou dela e finalmente se levantou. Mais uma vez baixou-se para a beijar e para lhe sussurrar palavras de amor ao ouvido e, em seguida, fechou a porta e deixou-a. Ela ficou deitada, a arder, num estado de anseio confuso, pensando por que razão lhe pedira que esperasse. Estavam destinados um ao outro, estariam sempre juntos. Para quê negar agora a fome que sentiam um do outro? Mas queria agradecer a Deus a preciosa dádiva de Piet, o seu único desejo agora milagrosamente concedido. Queria que tudo corresse bem e, além disso, já não faltava muito.

Trocaram presentes de Natal depois do pequeno-almoço. Quando acabaram de os desembulhar, Piet tirou uma pequena caixa do bolso e pediu a Sarah que estendesse a mão. O diamante cintilou por entre lágrimas de ventura quando ele lho enfiou no dedo e a beijou, enquanto à sua volta todos se juntaram a desejar-lhes felicidades. Telefonaram a Jan e à família de Sarah na Irlanda. Mas ninguém atendeu no apartamento de Camilla e não tardaram a esquecê-la, eclipsada pela luz ofuscante da felicidade de Piet e de Sarah. Mais tarde nesse dia, Sarah achou-se sozinha e mais uma vez ligou para a operadora a pedir o número de Londres. Mas a milhares de quilómetros de distância o telefone retiniu numa sala vazia. Sarah desligou com tristeza, resolvida a escrever a Camilla antes do fim

do dia para a convencer a regressar a Langani para o casamento. Tinham feito uma promessa e Sarah sabia, no fundo do seu coração, que a amizade entre elas devia permanecer inabalável e que, custasse o que custasse, lutaria para que assim fosse.

CAPÍTULO 24

Quénia, Dezembro de 1965

Imediatamente a seguir ao Natal, começaram a fazer os preparativos para a *ngoma*. A cerimónia havia adquirido um significado novo e mais alargado, pois agora assinalaria a abertura do *lodge* e o noivado de Piet e Sarah. O telefone tocou incessantemente com felicitações e confirmações de presença. Piet tomara providências e mandara assar um boi para os serviços da fazenda. Foi cavada uma cova enorme a uma certa distância da sanzala para que o animal pudesse ser assado inteiro num espeto. Um ambiente de excitação dominava a casa e as oficinas e os *watu* a caminho do trabalho cantavam canções sobre a *ngoma* e o casamento do jovem *bwana*. Em redor das cubatas, as crianças mais pequenas que guardavam as cabras faziam lanças com paus e lascas de pedra e moldavam escudos com peças de madeira e cartão. Praticavam saltos experimentais com as suas pernitas esguias, imitando os guerreiros saltadores que tanto admiravam. No dispensário onde Lottie outrora reinara, não se falava de outra coisa.

Sarah passava horas na fazenda a fotografar os trabalhadores agrícolas, o pessoal doméstico, os cozinheiros e os *totos* da cozinha, as mulheres nas suas cubatas a enfeitar o cabelo umas das outras e a confeccionar colares de contas para o grande acontecimento. Para onde quer que olhasse, apenas vislumbrava expectativa e excitação. Não detectava homens nem mulheres descontentes e uma sensação de paz e felicidade apoderou-se dela ao começar a fazer planos para a sua vida em Langani. Ainda não decidira o que fazer a respeito do emprego com Dan e Allie. Talvez tivesse de passar pelo menos parte do ano seguinte em Buffalo Springs. Mas não era assim tão longe como isso e estava certa de que viria a casa em fins-de-semana alternados ou de que Piet a visitaria no acampamento até encontrarem uma rotina mais permanente. Três dias antes da grande

feita, ele apareceu no armazém onde Lottie e Sarah estavam a contar lençóis e toalhas para dar resposta à invasão de hóspedes.

— O Simon pode tratar disso — disse ele. — Gostava que fôssemos todos à crista. Podíamos levar umas garrafas de cerveja e qualquer coisa para petiscar. Que dizem? A Hannah diz que é uma ideia *lekker* e o Anthony também.

— Eu fico aqui — declarou Lottie. — O Simon ajuda-me a acabar isto porque quero ligar ao Janni daqui a pouco. Mas vão vocês, meninos. Espero-os para jantar.

— Sinto-me como um velho leão, sentado aqui em cima a inspeccionar o meu território — disse Piet, recostando-se no pedregulho. Atrás dele, o dourado vermelho da rocha e os arbustos fulvos que cresciam nela estavam banhados pela luz do sol do fim da tarde, emoldurando a sua cabeça como uma juba dourada. Sarah levantou a máquina para captar a sua beleza, ali sentado sobranceiro ao seu domínio. A sua postura ilustrava a naturalidade com que se sentia senhor do seu espaço e o orgulho que o enchia ao olhar para o lugar dos seus sonhos. Estava perdido em contemplação sem se dar conta do estalido e zunido do obturador.

— Dizem que os faraós egípcios começavam a procurar o sítio ideal para construir os seus túmulos mal ascendiam ao trono — observou. — Este é o sítio que eu escolheria, se me perguntassem. Não há nenhuma estrutura feita pelo homem que rivalize com este local, pois não? A vista que oferece da fazenda, da montanha e das planícies. Daqui vê-se todas as partes do nosso mundo. Não há pirâmide nenhuma que se lhe compare!

— Os egípcios não tinham o benefício destes contornos naturais nos monumentos deles — disse Anthony. — Suponho que quando se tem um deserto plano, tem de se criar qualquer coisa que se erga da areia e sobreviva às tempestades. Que domine a paisagem para que as pessoas recordem as grandes obras. Para que tremam de assombro...

«Chamo-me Ozimandias, rei de reis:

Vede as minhas obras, seres poderosos, e desesperai!»

Piet entouou numa voz estentórea e Sarah olhou para ele, surpreendida.

— Não sabia que lias Shelley — disse.

— Há muita coisa que não sabes. — Piet olhou-a demoradamente. — Além de aprender agricultura, aprendi a ler. E não foi só Shelley. Tenho livros no meu quarto que vamos ler juntos. E alguns que vamos ler aos nossos filhos. Também comecei a coleccionar grandes discos. Ia a concertos em Edimburgo com amigos e acabei por compreender que Beethoven, Mahler e Mozart podem encher-nos de satisfação tanto como o Elvis. — Puxou-a para junto de si para lhe afagar o cabelo e ela estremeceu com o prazer do gesto. Por fim, para quebrar o silêncio, ela terminou a citação:

«Além disso nada resta. Em torno da ruína
Desse destroço colossal, sem fim e desnudadas,
Estendem-se as areias planas e desabitadas.»

— A minha ideia, precisamente — disse Piet. — Os monumentos feitos pelo homem desmoronam-se e desaparecem como a cidade no poema de Masfield que recitaste naquele dia em Gedi, Sarah. Mas isto... — fez um gesto com o braço estendido, abarcando a paisagem diante deles — isto está aqui há milhões de anos e estará aqui outros tantos, a não ser que destruamos todo o planeta com as nossas nuvens gigantescas em forma de cogumelo. Se queremos ser recordados pelo que fizemos na nossa efémera passagem pelo mundo, temos de ter a beleza desta Terra como centro dos nossos esforços. Assim as nossas obras perdurarão e talvez mereçamos ser recordados.

— E essa é a nossa aula de filosofia para hoje. — Hannah acabou a cerveja. — É melhor pensarmos em regressar.

— Vamos descendo o trilho. — Anthony pegou na geladeira. — E estes dois podem seguir-nos. Se nos fizerem esperar muito tempo, bem podem ir a pé para casa.

Desapareceram nas árvores, deixando Sarah e Piet sozinhos. No crepúsculo azulado, ela viu os olhos dele brilhantes de amor. Ele tomou-lhe o queixo nas mãos e beijou-a com uma ternura que lhe deu vontade de chorar. À distância, ouviram o primeiro grito de uma hiena, chamando os seus companheiros de caça. Respondeu-lhe um coro, mais próximo do que esperavam. Piet pegou na mão de Sarah e começaram a imitar os gritos e a

rir-se das respostas enquanto desciam o declive acidentado em direcção ao jipe.

Em casa, Lottie estava nos degraus à espera deles, a sua expressão transformada. — Falei com o Janni e ele vem mesmo! Já tem o bilhete e chega a Nairobi no dia trinta. Está cá para a *ngoma*, para celebrar na nossa companhia.

Depois do jantar, Sarah pegou nas suas fotografias para mostrar a Lottie, espalhando os retratos de Dublin e as fotos que tirara durante o safari em Setembro e a estadia em Buffalo Springs. Captara fielmente a paisagem agreste e a beleza natural das tribos samburu com os seus rebanhos e manadas. A sua objectiva preservara a luz ao apanhar os caules espinhosos da erva crestada, transformando-os em canas douradas com as pontas penugentas pintalgadas pelas nuvens em movimento ou ensombradas aqui e ali pelo vasto guarda-sol de uma acácia ou de um grupo de palmeiras-de-tebas. Havia imagens da savana, destacando-se contra um fundo de espinhos ferozes, agitados pelo vento, e as formas loucas das termiteiras elevando-se no ar. Mas as melhores eram as fotografias de pessoas e animais em momentos de revelação que os deixaram assombrados. Os últimos grupos retratavam os elefantes enlutados a construir o seu *cairn*.

— Ah, Sarah! — disse Piet suavemente como se temesse que as grandes criaturas para que estava a olhar o ouvissem e se afastassem. — Acho que nunca ninguém fotografou esta cerimónia extraordinária. Há-de haver alguém que publique isto.

— Um dia hás-de ser famosa por imagens destas — opinou Anthony. — Garanto-te.

Piet tinha pegado no conjunto de fotografias tiradas no safari em Setembro e começou a estudá-las uma a uma. Sarah observou-o disfarçadamente. Seria revelador ver a sua reacção à luminosidade que Camilla possuía, que qualquer fotógrafo adorava captar. Havia várias fotos dela com Anthony, em conversa animada. Ele estava a explicar-lhe qualquer coisa, gesticulando com as mãos e todo o seu corpo imbuído de uma excitação de garoto. Camilla estava inclinada para ele com uma expressão de tal modo absorta no olhar que o espectador sentia a força do seu desejo. Tinha uma mão estendida para ele como se quisesse arrancar a sua essência do ar. Estavam enquadrados pelo rendilhado da ramagem em cima e, em segundo plano, as chamas da fogueira dançavam contra a luz

da tarde, expelindo fios de fumo e fagulhas para o ar circundante. Era claro pela imagem que não tinham consciência de mais nada além de si próprios. Piet olhou-a durante muito tempo e depois pousou-a e abanou levemente a cabeça.

— Que foi? — perguntou Sarah, não conseguindo ficar calada.

— Vês demasiadas coisas através do teu olho mágico — disse ele. — Por vezes o motivo fica demasiado exposto, demasiado cru. E uma pessoa vê as linhas.

— Que linhas? — Sarah ficou intrigada.

— As linhas invisíveis que unem as pessoas. Há quem lhe chame linguagem corporal. A forma como se vira a cabeça ou se estende a mão. Assim. — Apontou para a fotografia de Anthony e Camilla. — Ou a linha entre um predador e a presa ao ser perseguida. Como na foto desta chita aqui.

— Não sei bem se estou preparado para esse género de exposição. — Anthony começou rapidamente a baralhar as fotografias. — Mas está aqui uma foto da Hannah que revela toda a sua força e coragem e também nos dá a conhecer que tem um lado terno. Diz-nos que é vulnerável e que deve ser amada e protegida.

Hannah desviou os olhos, a sua expressão inescrutável. Anthony pigarreou, compreendendo que tinha tocado num ponto sensível. Desapareceu na cozinha para mandar fazer mais café.

— Devíamos ser todos filmados por um génio de tempos a tempos — disse Piet com uma nova compreensão. — Ensinar-nos-ia a enfrentar muitas verdades sobre nós próprios que tentamos evitar. E há uma coisa de que estou certo. A minha miúda vai ter um público para as fotografias dela e há-de vir a ser famosa. É maior atrás da câmara do que a Camilla alguma vez foi à frente dela.

— Quem me dera que ela cá estivesse para o nosso casamento — disse Sarah.

— És mesmo impossível, sabes? — As palavras de Hannah estavam carregadas de resignação mas tinha um sorriso nos lábios. — És incapaz de aceitar que há um momento em que se deve desistir.

— Não, ela tem razão, Han. A Camilla devia estar aqui — disse Piet. — Havemos de conseguir localizá-la nos próximos dias. Agora ouve, vou dar um salto ao *lodge* amanhã de manhã cedo e passo lá a noite. Quero

certificar-me de que as luzes estão correctamente montadas, dentro dos edifícios e em redor da piscina e do bebedouro. E verificar se a canalização está a funcionar em condições. Não convém que haja problemas quando os hóspedes chegarem.

— Queres que algum de nós vá contigo? — perguntou Hannah.

— Não. Vocês têm muito que fazer aqui. Vou levar o Kipchoge e o Simon. O Ole Sunde, o vigilante nocturno, já lá está e pode dar-nos uma mão. — Sorriu a Sarah. — Mas no sábado de manhã cedo já cá estou porque não consigo estar longe da minha miúda mais do que isso. Devias dar aqui ao nosso amigo algumas fotos dessas, sabes? — Deu uma palmada a Anthony nas costas. — Olha bem, pá. Pode ser que te incutam algum juízo. Ainda és mais lento do que eu fui. E toma-me conta destas mulheres amanhã, hein?

Sarah vestiu-se rapidamente na manhã seguinte e saiu. Seria bom tomar o pequeno-almoço com Piet antes de ele partir para o *lodge*. Não parecia estar ninguém acordado excepto os pássaros, saudando um novo dia com ruidoso entusiasmo. Àquela hora do dia, tudo apresentava uma frescura espantosa, pensou, extasiada com a paleta do sol nascente e da lua a desvanecer-se, como um fantasma, no azul profundo do céu. Estava fresco mas ela sabia que mais tarde estaria um calor tórrido. Ao encaminhar-se para a sala de jantar, viu Simon, completamente imóvel, a observá-la. Não o tinha ouvido aproximar-se.

— Bom-dia, Simon. Levantaste-te cedo.

— Bom-dia, minha senhora. O *bwana* Piet mandou-me estar pronto às sete para ir para o *lodge*.

— Ah, pois. Parece que te adaptaste muito bem ao trabalho no *lodge* — disse ela para fazer conversa. — E imagino que já fizeste aqui alguns amigos.

— Trabalho afincadamente para o *bwana* Piet, minha senhora — respondeu ele. — Espero vir a ser muito competente no que faço para ele ficar contente. Mais tarde pensarei em fazer amigos mas não me dou com estes clãs quicuios daqui. — Fez um gesto desdenhoso com a mão. — Não é boa gente. — Um pequeno nervo salientou-se-lhe no pescoço e ele crispou os lábios em sinal de reprovação.

— Que fazes então nos tempos livres? — Sarah sentia pena dele. Ser um estranho, um órfão sem uma família que o apoiasse dentro da

hierarquia tribal, já de si era difícil. Mas ser também votado ao ostracismo pelos companheiros de trabalho devia ser particularmente penoso, sobretudo quando a reacção deles era motivada pela inveja.

— Tenho livros, minha senhora. O padre na missão deu-mos. Disse-me: «Simon, lê muito. É bom para a tua cabeça.» Assim leio e aperfeiçoo o meu inglês e a minha cabeça. Acha que é uma coisa boa?

— Acho que o teu inglês é extremamente bom, Simon. Que padre é que te deu os livros? Foi o que escreveu as tuas credenciais?

— Não, minha senhora. Foi um padre idoso. Um *mzee* que me deu aulas quando eu não sabia nada. Estou sempre a ler o que ele me deu.

Sarah sentiu-se comovida com a imagem que Simon tinha evocado do rapazinho, abandonado na missão, ignorante e só, e provavelmente assustado de morte, e do padre bondoso que lhe dera a preciosa dádiva de um novo mundo, abrindo-lhe as potencialidades da palavra escrita. Era capaz de imaginá-lo nitidamente, ali sentado, debatendo-se com os estranhos símbolos e aprendendo, um dia mais tarde, a ler.

— Simon, espera aqui um momento. — Teve uma súbita inspiração.

Voltou a correr ao quarto e remexeu na sua colecção de livros. Tinha uma antologia de literatura inglesa, um prémio que ganhara no seu quarto ano do liceu, e ainda a levava consigo para todo o lado. Incluía excertos de obras de prosa e poesia, e bonitas xilogravuras e estampas. Tinha uma dedicatória na primeira página, indicando que tinha recebido o primeiro prémio a Inglês. Achou que Simon ia apreciar o livro e que compreenderia que ela lhe tinha dado um objecto a que atribuía um significado especial. Por baixo da dedicatória, escreveu:

Para o Simon. Espero que este livro te dê muito prazer e ajude a aumentar os teus conhecimentos. Com toda a consideração da Sarah Mackay.

Vasculhou ainda no seu portefólio até encontrar uma fotografia dele que tinha tirado no primeiro dia em que foram ao *lodge* a cavalo e escreveu também uma dedicatória no verso da foto. Havia um saco de compras de Natal na cómoda e ela meteu nele os dois presentes.

— Espero que gostes deste livro, Simon — disse-lhe. — Tenho-o estimado desde o dia em que o recebi e tem passagens excelentes. Das

melhores. Há-de proporcionar-te muitas horas proveitosas.

Ele abriu o saco e admirou o livro com reverência. Leu em silêncio a etiqueta na folha de guarda, os seus lábios movendo-se com as palavras, e depois viu o que ela acrescentara pelo seu próprio punho. Por fim, quando levantou os olhos para ela com um sorriso que lhe iluminou os olhos e a cara, Sarah apercebeu-se de que nunca o vira sorrir.

— Está a dar-me uma coisa tão importante? — perguntou ele. Passou as mãos pela encadernação de couro e sentiu com os dedos o relevo das bordas douradas das folhas. — Porque é que faz isto, *memsahib* Sarah?

— Porque quero que seja teu e sei que vais aprender com ele como eu aprendi. E porque tens trabalhado esforçadamente para o *bwana* Piet. Ele agora depende de ti para o ajudares a transformar a fazenda e o *lodge* num sítio onde as pessoas possam trabalhar juntas para criar uma vida boa. E além disso é Natal — disse ela.

Simon assentiu e fechou o livro e ela reparou que ele apertou os lábios e fechou rapidamente os olhos para conter as lágrimas.

— Não tens família, pois não? — perguntou Sarah. — Acho que compreendo o que sentes porque este ano a minha família está muito longe e não posso estar com ela. De certo modo também estou sozinha, sem a minha família. Por isso, sei que é bom quando alguém se lembra de nós.

Ele estava a debater-se visivelmente com as suas emoções e Sarah pensou se teria falado de mais e o tinha embaraçado. Ele afastara-se dela e olhava para a fotografia. Quando voltou a olhar, os seus olhos estavam marejados de lágrimas.

— Nunca me tinham dado um presente — disse. — *Madam* Sarah é muito bondosa.

Calou-se de súbito, desviando os olhos, e ela virou-se vendo Piet a caminhar em passos largos ao seu encontro.

— Já te levantaste! — exclamou ele, deliciado. — Anda tomar o pequeno-almoço comigo. — Beijou-a e pôs-lhe a mão por baixo do cotovelo para a reconduzir a casa, dizendo a Simon por cima do ombro. — Mete o equipamento no *Land Rover*, Simon. O Kipchoge ajuda-te. — Olhou para Sarah. — Que é que ele está ali a fazer à porta de casa?

— Fui eu que lhe pedi para esperar por mim no relvado. Queria dar-lhe um livro. Ele diz que lê muito.

— É bom tipo. Mas não quero que ganhe demasiada confiança e se ponha a fazer coisas que o resto do pessoal não faz. Já assim se vê aflito porque os outros têm ciúmes dele e, além disso, precisa de respeitar os limites. Há alturas em que é demasiado inteligente e isso só o prejudica.

Ela ficou desapontada com a crítica contida naquela observação. — Ele está a passar um mau bocado — disse. — Não tem amigos e continua a ser um estranho ainda que não seja culpa dele.

— Bem, vou transferi-lo para o *lodge* durante a próxima semana ou assim. Neste momento só lá temos o vigilante nocturno. Como não é quicuio, não deve haver tensões. O Simon meteu-se estupidamente em complicações com o Kamau e o David, e uma semana lá há-de dar tempo para todos se acalmarem.

— Mas foi o David que começou este *shauri*, instigado pelo pai. Não deve ser nada divertido quando esses dois tomam alguém de ponta — observou Sarah.

— Ele não está aqui para se divertir. Está aqui para fazer o trabalho que cá veio pedinchar. E é uma boa escolha para o *lodge* porque não tem família e portanto não se vai pôr com queixas que está longe da mulher e dos *totos* quando lá estiver.

— Fica com a pior tarefa porque tem a infelicidade de não ter família? — Sarah fez má cara.

— Tem a sorte de ter um emprego com futuro. Nesse aspecto, não é a pior tarefa. É um excelente princípio de vida, e estou certo que ele é o primeiro a admitir. E agora, ainda por cima, tem o teu livro.

Sorriu-lhe e a leve irritação de Sarah dissolveu-se instantaneamente. Teria de reavaliar as suas opiniões e moderar a língua enquanto aprendia a lidar com o pessoal que vivia com as suas próprias tradições e expectativas e num sistema hierárquico diferente.

— Não quis interferir — disse ela e Piet estendeu a mão e apertou-lhe os dedos.

— Adoro quando te inflamas com alguma coisa — disse ele. — És como uma leoa, o pêlo fulvo levantado e a arreganhar os dentes!

— Oh, cala-te. Estás a gozar comigo — protestou. — Que me lembre, não mordi nem arranhei ninguém. Pelo menos, nas últimas semanas.

— Mas estás sempre a ameaçar, eh? É o que te torna excitante — disse ele, dirigindo-lhe um rosnido.

— Ora, Piet, estás a ver se me arrelias. — Observou-o por sobre o rebordo da chávena de café, os olhos repletos de felicidade. — A propósito, ontem à noite fizeste algumas observações contundentes ao Anthony.

— O Anthony é um escuteiro incorrigível que vive uma vida de proezas e aventuras intrépidas. Tem tido uma sucessão interminável de namoradas, mas nunca conseguiu assentar e assumir um compromisso duradouro com nenhuma.

— Talvez ainda não esteja pronto para isso. Talvez isso aconteça quando chegar o momento, mas ainda não chegou.

— Não sei se alguma vez vai amadurecer o suficiente para estar pronto — disse Piet. — Nunca pensa mais longe do que a próxima ida para o mato onde se senta com os *watu* dele que não lhe pedem mais nada senão protecção e o salário. E depois tem os clientes que lhe pagam para lá estar. E algumas clientes até lhe pagam para se meter na cama com elas. Suponho que, para um escuteiro, não podia ter melhor vida. Ou para um Peter Pan.

— Até ignorar alguém que nutre por ele sentimentos genuínos. Nessa altura acaba tudo em lágrimas — disse Sarah.

— É por isso que ele deve olhar para essa fotografia que tu tiraste dele e da Camilla e pode ser que comece a compreender o que ela lhe oferecia. O que ele não percebeu por estupidez, antes de ela partir. Haviam de fazer um belo par, sabes? Ela podia usar o charme dela com os clientes dele e ajudá-lo a dar mais classe e conforto aos acampamentos. Acrescentar um toque feminino. É bom tipo, o Anthony, mas tem um lado frívolo. Não vê a importância das outras pessoas, sobretudo das mulheres que depositam confiança nele.

— E tu serias diferente em circunstâncias idênticas, Piet? Terias aceitado o que ela oferecia, terias agarrado a oportunidade de unhas e dentes? — Arrependeu-se imediatamente de ter feito a pergunta. Era uma loucura correr o risco de estragar a felicidade de ambos só para enterrar o fantasma de Camilla.

Ele estudou-a com uma expressão séria antes de responder. — Ela nunca olhou para mim daquela maneira — disse. — As linhas nunca correram na minha direcção. Tive uma paixoneta de adolescente por ela durante demasiado tempo e nunca compreendi que, no âmago dela, existe

um vazio. Nesse aspecto, o Anthony é igual. Por isso, é possível que sejam demasiado parecidos para as coisas resultarem entre eles. Talvez nunca ninguém venha a descobrir o que os faz verdadeiramente felizes ou se são capazes de ser felizes. Mas, por outro lado, podiam ter dado um ao outro a parte que faltava e isso teria sido positivo.

— Achas que existe uma pessoa especial para quem fomos feitos, para quem estamos talhados, com quem estamos destinados a construir uma vida a dois? — perguntou ela.

Ele assentiu, sorrindo. — Sem dúvida.

— Eu também — disse ela. — E acho que o Anthony era a alma gémea da Camilla. Ela compreendeu isso mas ele não. Só queria que ele tivesse ido à procura dela em vez de fazer uns telefonemas e de enviar um postal. Pareciam tão obcecados um com o outro quando estávamos em Samburu. Pensei que estavam apaixonados. E depois ele deve ter-se assustado e fugido.

— Sim — concordou Piet. — Ele devia ir atrás dela. Tem medo de perder a liberdade, de assumir um compromisso, mas seria um homem melhor se tivesse alguém que se preocupasse verdadeiramente com ele. E a liberdade não é o que ele pensa. Continua a armar-se em parvo, a procurar nos sítios errados, a comportar-se como um macho com cio. Eu é que sou um felizardo porque acordei para a realidade a tempo. Encontrei a minha mulher ideal. E é mais doce, muito mais doce do que eu poderia ter imaginado.

Levantou-a no ar e beijou-a.

— Estou a interromper alguma coisa? O Simon manda dizer que está tudo pronto. — Anthony estava à entrada da porta. Sarah apoiou-se nas costas da cadeira e os seus olhos pareciam vidrados quando estendeu o seu braço e tocou no de Piet.

— Tens mesmo de ir?

— Tenho. Mas contacto-te pela rádio logo à tarde.

— Não posso...? — Estava a implorar-lhe.

— Costuma dizer-se que a distância aumenta a paixão. — Piet riu-se. — Falo logo contigo. Por volta das cinco. Talvez antes, se terminar o trabalho no exterior. Prometo.

Beijou-a novamente e saiu da sala de jantar, assobiando ao seu cão predilecto, um enorme e veloz leão da Rodésia que saltou para a parte de

trás do *Land Rover*. Sarah ficou à porta a ver o jipe afastar-se e finalmente desaparecer num balão de poeira. Agora começaria a contar as horas até ao pôr-do-sol, altura em que voltaria a falar com ele. Entretanto, podia ser que Piet mudasse de ideias e lhe pedisse que fosse ter com ele ao *lodge*. Incapaz de manter uma conversa lógica com quem quer que fosse, foi ao quarto e pegou na máquina fotográfica. Depois saiu com os outros dois cães para tirar fotografias.

O dia arrastou-se numa indolente procissão de horas que lhe fez lembrar o tempo em que estava à espera da chegada dos pais no internato. Como dessa primeira vez, há muitos anos, quando confundiu Lottie com a mãe, desencadeando a sucessão de acontecimentos que haviam desembocado no presente. E agora Piet amava-a e ela ia ser sua mulher. Ia ligar-lhe nessa tarde ou talvez regressar mais cedo ou pedir-lhe que se metesse no carro e fosse ter com ele. Entretanto, a expectativa e a frustração da espera eram quase mais do que conseguia suportar. O sol parecia demorar uma eternidade a atingir o zénite, pairando interminavelmente no céu a meio do dia e descendo mais devagar do que habitualmente para se esconder atrás do limite do mundo. Quando as cinco horas chegaram, deixou-se ficar por casa para correr imediatamente para o telefone. Mas este continuou obstinadamente mudo.

Lottie apareceu ao pôr-do-sol, trazendo uma planta num vaso de barro. — Olha, Sarah... plantei estas de estaca e começaram agora a florir. Vou pô-las no alpendre à porta do teu quarto. Lembras-te delas?

Sarah tocou nas três flores, uma branca, outra azul-clara e outra violeta, e indicou que sim, sorrindo. — Ontem, Hoje e Amanhã. Três flores de cor diferente num único arbusto. São as que lhe recordavam sempre a Hannah, a Camilla e eu. É assim que lhes chama, não é? São lindas e o perfume é maravilhoso. — Sentiu uma sombra de pesar pairar sobre a sua felicidade. — Quem me dera que a Camilla estivesse connosco para podermos ser como antes e ela poder partilhar o que temos.

— Ela deixou-nos, minha querida. Por agora, pelo menos. Espero que a pobre rapariga venha a ser feliz um dia, mas vai ter dificuldade.

Sarah pegou no grande vaso e colocou-o na mesa de apoio que estava banhada pela luz carmesim do sol poente. O arbusto parecia estar no centro de uma conflagração.

— Um arbusto ardente — murmurou Sarah. Uma nuvem submergiu o disco que se afundava no horizonte, deixando o quarto numa quase escuridão. Ela estremeceu involuntariamente e consultou o relógio. — Lottie, importa-se que eu tente contactar o *lodge*? O Piet disse que ia ligar às cinco mas não ligou. Às tantas decidiu voltar para a fazenda e, nesse caso, é mais um ao jantar.

— Não me importo nada, querida. — Lottie estava a sorrir, os olhos brilhantes com uma luz de afecto e compreensão. — Vai lá falar com o teu mais-que-tudo. Vou à cozinha falar com o Kamau sobre o jantar e depois dizes-me se é para pôr mais um lugar à mesa ou não.

Saiu da sala e Sarah levantou o auscultador, tamborilando com os dedos na mesa enquanto esperava que atendessem do *lodge*. Ouviu o ruído da estática mas ninguém atendeu. Ficou intrigada. Àquela hora era impossível que Piet ainda não tivesse chegado para acender as luzes. Para as testar. Pousou o telefone e foi à procura de Hannah, mas esbarrou com Anthony, que estava a ler um livro sobre aves de rapina.

— Ouve, o Piet disse que telefonava mas não telefonou. Ainda há instantes tentei ligar para o *lodge* mas... — Agora, ao exprimir a situação por palavras, não havia realmente nada para dizer e ela apercebeu-se de que estava a portar-se como uma idiota.

— Estás em pulgas para ouvir a voz do teu amado? — Sorriu-lhe com indulgência. — Deve estar neste momento a caminho de lá. Ia inspeccionar a vedação em redor do *lodge* e da área dos armazéns por onde os elefantes passaram na semana passada. Experimenta outra vez daqui a meia hora.

— É isso. Vou ver se a Hannah quer ajuda. — Quando se dirigia pelo caminho para a vacaria, Hannah apareceu na curva na *pickup*.

— Olá — saudou-a alegremente. — Queres boleia comigo para casa?

— O Piet ficou de ligar pelo rádio às cinco — disse Sarah. — Tentei contactá-lo mas ninguém atendeu. Não devia estar lá alguém? O Simon ou o Kipchoge ou o vigilante nocturno?

Não havia qualquer fundamento para a inquietação que crescia dentro dela e agarrou-se à porta da carrinha, esforçando-se por manter o controlo, por deixar de se portar como uma adolescente. Hannah pegou-lhe no braço, sentindo, surpreendida, a aflição dela.

— Então, Sarah, que é isso? Provavelmente está sentado lá no alto, na crista dele, com o Kipchoge, a discorrer sobre filosofia e a morrer de saudades tuas. Tenho de ir deixar umas coisas no escritório e depois tentamos contactá-lo outra vez. Mas não tenhas muitas esperanças porque muitas vezes não se consegue ligação.

De novo em casa, Sarah foi para a sala de estar e tentou sentar-se calmamente enquanto Mwangi acendia a lareira e lhe oferecia chá. Vinte minutos depois, Hannah voltou do escritório e deu à manivela do telefone. Ouviu-se a estática na linha mas continuou a não haver resposta.

— Não devia já lá estar alguém para atender? Já anoiteceu. — Sarah tentou mostrar-se razoável. — Devem estar com algum problema, não achas?

Hannah estava com uma expressão perturbada. — Anthony, eu sei que parece uma estupidez e se calhar achas que a Sarah está a exagerar, mas às vezes... enfim, ela pressente coisas. O vigilante nocturno já lá devia estar, independentemente do que o Piet possa andar a fazer. Eu própria o ensinei a atender uma chamada pelo rádio.

— Podem ter ficado atolados com o *Land Rover* e estar a desenterrá-lo — disse Anthony. — Vou pegar em dois *watu* e dar lá um salto.

— Eu vou contigo — disse Sarah firmemente.

— Eu também — disse Hannah.

— Anthony, leva uma arma. Pelo sim, pelo não. — Lottie tinha aparecido à porta.

Anthony encolheu os ombros e abriu o armeiro para retirar uma espingarda e um revólver. Agora que estavam de partida, Sarah teve medo de ter desencadeado uma busca inútil. Piet ficaria furioso. Mas sentia-se aliviada por Hannah a ter levado a sério. Era evidente que Anthony pensava que ela era louca, que o mal de amor não a deixava ver as coisas com clareza. Mas ela não queria saber desde que fossem até lá.

A noite estava límpida e a lua cheia ia alta quando fizeram a última parte do trilho de acesso ao *lodge*. Não havia luzes acesas e Anthony deu três longas buzínadelas esperando que um dos trabalhadores aparecesse com uma lanterna, mas a única resposta foi o silêncio. Saiu de um salto, passou lanternas aos dois *watu* e fez-lhes sinal para que o seguissem pelas traseiras do edifício. Um minuto depois reaparecia.

— O *Land Rover* não está aqui — declarou. — Dá ideia que houve algum problema e o Piet não voltou. Mas pelos vistos também não está cá mais ninguém.

Tinha agora a espingarda carregada e Hannah apareceu-se de revólver em punho. Sarah seguia atrás deles, as pernas a tremer, um alarme crescente ameaçando a sua capacidade de raciocínio. Atravessaram rapidamente a área da recepção, fazendo incidir as lanternas nos cantos e atrás do bar. Mas não chegou qualquer som. A plataforma de observação estava às escuras e nenhum dos projectores que iluminava o bebedouro tinha sido ligado. O sítio estava deserto. Sarah sentia o coração a martelar-lhe contra o tórax e respirava em arquejos. Esquadrinharam novamente o salão e a sala de jantar e depois a cozinha e as arrecadações. Nada. Anthony dirigiu-se ao telheiro do gerador para acender as luzes. Foi então que descobriram que todos os cabos e a linha do rádio tinham sido cortados.

— Oh, meu Deus, faz como que me tenha enganado. — Sarah já não conseguia controlar o pânico crescente, murmurando uma oração desesperada. — Por favor, faz com que tenha sido uma idiota, meu Deus. Faz com ele apareça agora e pergunte o que estamos aqui a fazer e fique furioso comigo. Deixa-me vê-lo, por favor. Faz com que não lhe tenha acontecido nada.

Correu para a plataforma, esforçando-se para distinguir o que estava em baixo. Por um segundo, pareceu-lhe captar um movimento, na sombra profunda junto ao bebedouro, e debruçou-se. Nesse momento, uma pesada mão caiu-lhe sobre o ombro. Soltou um grito e rodou nos calcanhares, deparando-se com Kipchoge. Tinha os olhos esbugalhados e revirados e agarrou-lhe no ombro com uma força brutal. Os seus lábios moveram-se, emitindo um som e borbulhando num jorro de sangue escuro ao cair no chão aos pés dela.

— Kipchoge! Kipchoge! Oh, Deus do céu! Kipchoge, fala comigo, por amor de Deus! Onde está o *bwana* Piet? Kipchoge, por favor... Oh, meu Deus, não morras agora. Diz-me, diz-me o que aconteceu, por favor! — Gritou as palavras entre soluços, debruçada sobre o corpo enquanto o sacudia, vendo os seus olhos sumir-se e compreendendo nesse momento que ele tinha morrido.

Anthony estava ao lado dela, levantando a cabeça de Kipchoge. Os olhos dele continuavam esbugalhados e eles viram à luz da lanterna que

uma série de facadas assassinas lhe tinham rasgado todo o corpo, quase decepando um dos braços que estava dependurado pela zona do ombro.

— Está morto, Sarah. — Anthony abraçou a rapariga que soluçava, tentando acalmá-la e desviar-lhe os olhos da horrível visão. — Não sei como sobreviveu até chegar aqui. Conseguiu dizer alguma coisa?

Sarah abanou a cabeça, o medo e a repugnância invadindo-a em ondas. Anthony estava a examinar o terreno.

— Devem ser caçadores furtivos — disse. — Mas não parecem estar armados. Aparentemente só têm *pangas*. Ou estavam a poupar as munições para uma coisa maior.

Hannah estava de joelhos ao lado de Kipchoge, o seu rosto parecia um pergaminho ao luar.

— De onde é que ele veio? Como é que aqui chegou com estes ferimentos? O Piet deve estar perto porque o Kipchoge nunca o teria deixado, sobretudo se ele também estivesse ferido. — Começou a gritar a plenos pulmões, chamando pelo nome dele com terror desesperado, a sua voz tornando-se um guincho estridente. — Piet? Piet, onde estás? Piet, responde-me, por amor de Deus! Piet? — Virou-se para Anthony. — E o Simon? Talvez o Piet e o Simon tenham ido atrás dos caçadores. Se forem muitos, têm de se esconder. Oh, meu Deus. Oh, meu Deus, que está a acontecer aqui, que nos está a acontecer a todos?

Tinha começado a soluçar histericamente quando um dos serviçais da fazenda apareceu ao lado de Anthony.

— *Bwana*, o *Land Rover* está atrás de umas árvores nas traseiras dos armazéns. Houve uma luta. O Ole Sunde, o vigilante nocturno, está lá.

— Onde é que ele está? Disse alguma coisa? — Anthony ajudou Hannah a levantar-se e desceram os degraus a correr, dirigindo-se para as traseiras dos armazéns. O veículo de Piet estava estacionado no meio da clareira. Ao lado da porta aberta, jazia a cadela dele com o corpo retalhado por lâminas potentes. Ainda tinha presos nas mandíbulas fragmentos de tecido e do que parecia carne.

— Atirou-se a alguém antes de acabarem com ela — disse Anthony, pousando momentaneamente a mão na sua grande cabeça castanha. — Espero que o tenha esstraçalhado a sério.

Próximo das instalações do pessoal, encontraram o vigilante nocturno deitado de bruços no solo com uma poça escura de sangue a formar-se-lhe

à volta da cabeça.

— Deus misericordioso — disse Anthony, virando o velho masai e vendo os seus olhos vidrados pela morte.

Levantou-se abruptamente e correu para os estábulos com Sarah e Hannah no seu encalço. Estavam vazios mas também aí encontraram sinais de luta e o solo estava revolvido e manchado de sangue. Sarah agarrou na mão de Hannah, sentindo-a a tremer e ouvindo os dentes dela começar a bater. À distância, as hienas tinham dado início à sua cacofonia nocturna e as suas gargalhadas pareciam obscenas no ar da noite. Um terror percorreu o corpo de Sarah, tornando-lhe os membros pesados e a visão turva ao compreender o perigo.

— Depressa. Depressa, Anthony. Se as hienas cheirarem o sangue e o Piet estiver ferido... Ou o Simon... Oh, meu Deus, Anthony, depressa. — Hannah tinha começado a soluçar.

Correram para o jipe de Anthony. Usando as lanternas e os faróis, começaram a seguir o rasto deixado pelos fugitivos, conduzindo cautelosamente pelo terreno acidentado, numa marcha frenética mas receosos de perder o rasto na escuridão. Ao saírem das árvores ao longo do rio, ouviram o bando de hienas em plena algazarra. O sangue gelou nas veias de Sarah e ela agarrou-se a Hannah, escutando os uivos lúgubres do lado esquerdo da estrada. Depois, um dos serviçais da fazenda gritou.

— *Bwana!* Foram por aqui! — Era um trilho estreito que corria na direcção contrária ao bando de hienas e, um momento depois, Sarah compreendeu para onde se dirigiam.

— É o caminho para a crista. O Piet deve estar a fugir para a crista. Pode ser que tenham encontrado lá um sítio seguro para se esconderem. Oh, meu Deus. Anthony, não podemos ir mais depressa?

— Não posso correr esse risco — disse ele, tenso e sombrio, debruçado sobre o volante. — O terreno aqui é muito difícil e podemos perdê-los, se por qualquer razão se desviaram do trilho.

Mas enquanto subiam, Sarah convenceu-se de que tinha razão. Chegaram à base das pedras acumuladas e ela saltou do jipe.

— Vamos. Vamos, não podem estar muito à nossa frente.

— Sarah, fica aqui, atrás de mim — ordenou Anthony. — Não vás à frente sem uma arma.

Mas ela já vencera o medo ao correr em frente, os ramos estalando e fustigando-lhe o corpo e rasgando-lhe a pele. Ouvia Anthony e Hannah atrás a chamar por ela, mas silenciou as suas vozes murmurando orações.

— Não deixes que ele esteja ferido, meu Deus. Não deixes que lhe tenha acontecido nada. Oh, meu Deus, por favor, se nos amas não mo tires agora. Por favor...

Irrompeu dos arbustos baixos que rodeavam o cume e chegou ao ponto mais alto da crista, olhando febrilmente em volta. Nada. Depois sentiu uma malevolência que a gelou. Virou-se. Uma enorme hiena macho encontrava-se nas pedras, fixando-a. Estava próxima, acocorada. Viu as suas mandíbulas maciças e o odor fétido do seu hálito feriu-lhe as narinas, provocando-lhe um aperto no estômago. Recuou lentamente, pensando se Anthony ou Hannah teriam tempo de lhe acudir antes de o animal saltar. Não adiantava fugir agora naquele tipo de terreno. Permaneceu imóvel, hipnotizada pelo feixe de músculos nas espáduas potentes, a boca aberta mostrando os dentes que podiam dilacerá-la. Depois ouviu um zunido e viu o brilho de uma lança. O animal deu um salto no ar e foi projectado, passando por ela e derrubando-a ao cair, de modo que ela começou a rebolar pelas pedras em direcção ao mato denso do outro lado da crista. Ao cair aos trambolhões, viu o homem por uma fracção de segundo. Um guerreiro quicuio estava na borda de uma ravina, o braço ainda lançado para trás depois de ter arremessado a lança, nu à excepção dos ornamentos das pernas e dos braços, de uma tanga de couro e de um toucado de plumas e gola cerimoniais. Sarah aterrou com um terrível baque na base das pedras e ouviu o som de osso a partir. Sentiu uma dor lancinante no ombro que lhe desceu pelo braço, mas esqueceu-a nos segundos seguintes.

À sua frente, o solo tinha sido desobstruído e fora aberta uma cova pouco funda. Deitado nela, estava um homem com as pernas abertas. O seu corpo fora retalhado do pescoço para baixo, o conteúdo do ventre e dos órgãos genitais cortados, espalhando no vento um cheiro adocicado de sangue e entranhas. Com soluços terríveis e convulsos, Sarah rastejou em direcção à aparição. As mãos dele, presas ao solo com estacas de madeira e trepadeiras, estavam abertas como que a suplicar. O seu sangue escorrera para o solo num sacrifício macabro e era viscoso e baço. Tinha o rosto voltado para a lua e a luz reflectia-se nas suas órbitas vazias. Piet van der Beer estava morto.

Sarah ouviu os seus próprios uivos como um animal desolado ao rastejar para o seu lado na cova, tentando com o braço bom desamarrar as tiras que o prendiam ao solo. Tinha o corpo coberto do sangue de Piet enquanto, debruçada sobre ele, lhe falava incoerentemente, afagando-lhe o cabelo e os despojos do seu rosto e do seu corpo. Tomou apenas vagamente consciência da presença de Anthony e dos serviçais da fazenda a retirarem-na da cova e do som dos gemidos estridentes e petrificados de Hannah. Sabia que a estavam a afastar de Piet e debateu-se para o impedir, esbracejando, esperneando e gritando o seu horror. Em seguida, começou a vomitar no mato, bÍlis, raiva e a dor medonha que se derramaram na terra, misturando-se com o sangue do seu amor chacinado. Dirigiu-se a cambalear para o caminho e agarrou-se a Hannah, que tinha caído num transe de choque, os lábios contraídos num ricto silencioso de horror enquanto se afastava aos tropeções do bárbaro lugar onde o irmão encontrara a morte.

CAPÍTULO 25

Quénia, Dezembro de 1965

A noite avançou numa sucessão de imagens fracturadas, como fotogramas iluminados por *flashes* de som e luz cortantes. Na fazenda, Lottie estava à espera deles, o rosto sem cor. Foi Anthony quem teve de a tomar nos braços e explicar-lhe a tragédia inimaginável que sucedera. Conduziu Sarah e Hannah para a sala de estar e sentou-as à lareira. Reinava uma confusão de vozes, o som de pranto angustiado. Mwangi e Kamau iam e vinham, indiferentes às lágrimas que lhes corriam pelas faces. Serviram chá e café e pequenos pratos de iguarias que Hannah adorava desde criança e sanduíches que Lottie os ensinara a preparar há uma geração. Kamau colocou-se atrás de Sarah, que estava sentada no sofá, em silêncio e entorpecida, e de vez em quando baixava a mão e pousava-lha no alto da cabeça num gesto de dor e amor partilhados. O mais leve movimento com o braço desencadeava-lhe uma dor aguda em todo o ombro mas ela quase não se apercebia. Alguém estava a fazer perguntas que não conseguia compreender. Hannah, sentada rigidamente no sofá, fixava o espaço com um olhar vazio. Lottie estava abraçada à filha, murmurando qualquer coisa repetidamente. Anthony dirigiu-se ao telefone e, passado algum tempo, chegou a polícia e Jeremy Hardy começou a falar. Depois o telefone tocou novamente e Lottie agarrou-se ao auscultador, a soluçar, com Anthony a ampará-la. Jan. Deviam estar a falar com Jan.

A dor no ombro de Sarah começou a penetrar no torpor da sua mente e ela concentrou-se nela, esforçando-se por não pensar em mais nada. O Dr. Markham chegou de Nanyuki. Brandamente tentou persuadi-la a ir deitar-se para poder examiná-la mas ela recusou mexer-se do lugar que escolhera ao lado de Hannah. Ele examinou-a cuidadosamente durante alguns minutos. Depois sentou-se ao seu lado, dizendo-lhe na sua voz benigna

que ela tinha deslocado o ombro e que sabia que não queria ser agora levada para o hospital. Ia dar-lhe uma anestesia local e tentar repô-lo no sítio. Mais tarde, soou um grito de dor que ela compreendeu ter nascido dentro de si, e em seguida o médico imobilizou-lhe o braço com uma ligadura e sugeriu que ela fosse ao hospital de manhã tirar uma radiografia. Ela tentou endireitar-se e reagir, mas, como mal conseguia articular, limitou-se a abanar a cabeça para indicar que devia ficar ali com Hannah e Lottie. O médico virou-se para remexer na mala. O seu rosto estava crispado de tristeza ao dar a Sarah dois comprimidos, pegando-lhe no copo de água e chegando-lho à boca para ela os tomar. Depois falou com Hannah, tocando-lhe levemente no rosto e tentando suscitar uma reacção. Parecia que ainda ontem a tinha posto no mundo e ao irmão também. Jan e Lottie eram jovens nesse tempo, como ele próprio, cheios de esperança e optimismo em relação a um futuro num país dotado de imensas potencialidades. Agora Hannah olhava-o sem o ver, petrificada e aparentemente calma. Encheu uma seringa e deu-lhe uma injeção mas ela não se retraiu nem pareceu dar-se conta da picada da agulha na pele. Lottie afagou-lhe o cabelo, chorando silenciosamente, o seu rosto a imagem de uma desolação e sofrimento aterradores. Sarah olhou para elas, e invadiu-a um frio cortante que a fez tiritar descontroladamente.

Anthony procurou forçá-la a beber umas gotas de conhaque. Sarah tinha a sensação de estar fora do seu próprio corpo, pairando algures para lá da realidade, separada das pessoas, enquanto Anthony andava pela sala, dando instruções discretas a toda a gente, atendendo o telefone, olhando por todos. Sarah observou-se a si própria de uma grande distância, meia deitada no sofá, apoiada em almofadas para não mexer o braço. Tinha os sapatos cobertos de lama, a roupa rasgada e manchada de sangue. Do sangue de Piet. *Não! Não vás lá. Não digas o nome. Não olhes. Não olhes.* Uma onda de náusea submergiu-a e ela foi acometida de um vômito e tentou endireitar-se. Anthony apareceu imediatamente ao seu lado, com uma pequena bacia na mão, aparentemente capaz de prever cada nova crise que surgia. Segurou-lhe na cabeça sobre a bacia mas apenas saiu um fio de bÍlis. Já tinha vomitado tudo na crista. *Não penses na crista. Não olhes. Não olhes...* Anthony limpou-lhe a cara e aconchegou-a num cobertor. Deixou a bacia no chão ao seu lado e voltou para junto de Hannah. O polícia estava novamente a falar. Quando é que ele tinha

voltado? Ou saído sequer da sala? Sarah tentou concentrar-se no que ele estava a dizer, mas o som chegava distorcido como se o homem estivesse a falar no outro extremo de um comprido túnel.

— Estava alguém na crista a escassos metros de nós — Anthony estava agora a falar. — Arremessou uma lança e abateu uma hiena enorme muito perto da Sarah. A líder de um bando. Captei o movimento da lança quando ela atravessou o ar. Vi a Sarah cair e nesse momento ela começou a gritar e, quando chegámos junto dela, vimos o... — Calou-se, incapaz de continuar, passando a mão pelos olhos.

Jeremy Hardy esperou que ele se recompusesse. Alguns minutos depois, incitou-o brandamente: — Não o viste bem então? O homem na crista?

— Não. Fui ajudar a Sarah. Quando levantei os olhos, ele tinha desaparecido.

Sarah fez um esforço para falar, tentando primeiro aclarar a garganta mas sem sucesso. Depois conseguiu falar numa voz rouca e abafada. — Eu vi-o. A hiena estava a preparar-se para me atacar. Ele matou-a com a lança.

Olharam para ela, Anthony, Lottie e Hardy. Hannah permaneceu impassível, os olhos fixos no vazio. Sarah sentiu a garganta apertar-se ao esforçar-se por continuar.

— Devia estar à espera. À espera que subíssemos lá acima. Estava vestido como um guerreiro e arremessou a lança à hiena. Depois caí. — Voltou a perder a voz. A outra recordação hedionda que tinha afastado saltou-lhe de súbito à memória e a náusea intensificou-se. — Mas vi a cara dele. Tinha um toucado de plumas e eu vi a cara dele. — Viu-o mais uma vez distintamente, recortado contra a linha do horizonte com o luar frio e brilhante reflectido nos olhos. Levantou os olhos para Anthony e Hardy.

— Reconheci-o — sussurrou. — Reconheci-o. Era o Simon.

— O Simon? — Hardy debruçou-se. — Tens a certeza absoluta? Podes ter feito confusão àquela luz. E estavas ameaçada pela hiena e depois caíste.

— Não. Era o Simon. Ele tinha matado... — Não foi capaz de dizer o nome. — Sei que foi ele. Estava à espera que chegássemos. — A voz sumiu-se-lhe com o horror ao ver-se acorada sobre a cova, a contemplar o corpo do homem que amava e cujo sangue vital se perdia na terra. — Era o Simon — repetiu. — Mas não consigo... porque é que ele fez isto?

— Começou a chorar incoerentemente, baloiçando o corpo para a frente e para trás com o choque, o medo e a terrível dor da perda. — Meu Deus, porquê? Porque o deixaste? Meu Deus, porque o levaste?

— O Simon desapareceu, Jeremy — disse Anthony. — Saiu com o Piet hoje de manhã e é o único que falta.

Hannah falou pela primeira vez, as palavras saindo num murmúrio sibilante. — Quero-o morto — disse, inicialmente calma e fria, mas a sua voz agudizou-se num grito ao repetir a frase. — Quero-o morto. Quero-o morto...

Lottie pôs os braços em redor da filha e Anthony baixou-se para lhe pousar as mãos nos ombros, tentando transmitir coragem e o conforto do amor. Hannah olhou para ele, de novo silenciosa, os olhos vidrados, os punhos cerrados.

— Quero-o morto.

Mais tarde nessa noite, Sarah abriu os olhos, apercebendo-se de que tinha estado a dormir sobressaltada. A lareira estava cheia de toros, a estalar e a assobiar, emitindo um intenso calor, mas ela tiritava outra vez. Hardy fora-se embora há algum tempo mas tinha agora voltado e estava a falar em voz baixa com Anthony e Lottie a respeito do transporte do corpo de Piet para casa. Hannah estendeu o braço, gesticulando na direcção deles ao tentar levantar-se.

— Não. Não podemos tirá-lo de lá — disse ela. — Todos o ouvimos quando estávamos na crista, ontem. — Olhou directamente para Sarah e o seu rosto descompôs-se com a recordação. — Foi só ontem. Oh, meu Deus, meu Deus!

Anthony obrigou-a a sentar-se contra as almofadas e ela agarrou-lhe as mãos, olhando-o nos olhos e dirigindo-lhe uma súplica angustiada.

— O sangue dele já penetrou na terra que é dele. Agora o corpo também deve ir. Deve tornar-se parte da crista onde morreu. Ele disse que era onde queria estar quando morresse. Tu ouviste-o, Anthony. — Começou a sacudir o corpo robusto do amigo, as suas palavras transformando-se num choro desesperado. — Estavas connosco quando ele disse isso. Não deixes ninguém tirá-lo de lá, Anthony, não deixes que o levem para um lugar frio onde está fechado, longe do mundo dele.

— Hannah, que queres que eu faça? Queres que ele seja lá enterrado? É isso?

Ela levantou-se. — Devemos fazer uma pira fúnebre. Devemos queimá-lo lá e espalhar as cinzas dele pela crista. Agora. — Estava a emitir um som arrepiante, uma espécie de gemido áspero de profunda infelicidade. — Agora. Esta noite. Para pôr fim à dor. À dor terrível dele...

Cingiu o corpo com os braços e começou a baloiçar-se, de olhos fechados, murmurando palavras em africânder. Lottie tentou ampará-la e imobilizá-la. Hardy pigarreou.

— Hannah, minha querida, compreendo o que estás a pedir, mas é impossível. Primeiro, não seria legal. Segundo, há a investigação. Temos de trazer o corpo de lá. E terceiro, tem de haver um inquérito judicial. Sinto muito, Hannah, mas...

— Não! Não, não estás a compreender. — Estendeu a mão para lhe agarrar no braço. — Para que te serve o corpo dele? Queres retalhá-lo mais? Destruir o que resta dele com facas e instrumentos de aço num laboratório? Ora, Jeremy, viste perfeitamente como ele foi morto e não precisas de saber mais nada. A única coisa que podemos fazer agora para lhe dar paz é queimá-lo na crista onde ele queria estar. E depois as cinzas dele flutuarão através da terra e libertá-lo-ão. Por favor, Jeremy, não o feches numa morgue, num sítio escuro e fechado onde ele odiaria estar. Por favor.

Na sua tremenda angústia, Hannah começara a respirar com dificuldade e o Dr. Markham avançou para lhe tomar o pulso e convencê-la a sentar-se novamente. Depois levou Hardy até ao alpendre, onde não podiam ser ouvidos.

— Não é uma ideia tão estranha quanto possas pensar, meu caro. Se levarem o corpo para uma autópsia e para mais investigações, é capaz de levar semanas até o libertarem para ser enterrado. Todos sabemos isso. Entretanto, a família está em estado de choque, o que pode ter consequências desastrosas. É impossível conhecer os efeitos reais do que estas raparigas acabaram de presenciar e prolongar essas lembranças pode causar danos irreparáveis. Para bem de toda a família, peço-te encarecidamente que consideres estes factores. Uma cremação no local onde ele morreu pode ser um acto de misericórdia para todos. Seria uma catarse, uma espécie de fim para uma situação horrenda. Dar-lhes-ia uma

oportunidade de chorar a morte dele da forma que consideram mais apropriada.

— É extremamente irregular e tem contornos profundamente primitivos — respondeu Hardy, abanando a cabeça. — Meu Deus, que coisa horripilante. Nem durante o estado de excepção assisti a nada de semelhante apesar de ter todas as marcas desses cabrões e dos métodos bárbaros que utilizavam.

— Vá lá, Jeremy. — O Dr. Markham baixou a voz para se certificar de que só o inspector o ouvia. — Se isto se arrastar, fico seriamente preocupado com o estado mental da Hannah e da Sarah Mackay também. Ela tinha acabado de ficar noiva dele. O que elas viram excede qualquer capacidade humana razoável para assimilar e sobreviver. Não queremos certamente transformar qualquer uma destas jovens noutra vítima indirecta. Já estão as duas num estado lastimoso. Ouve, estou disposto a assinar a certidão de óbito e a preparar uma declaração a dizer que o corpo apresentava demasiadas mutilações para ser retirado do local da morte. Aliás, não está longe da verdade. Este rapaz está ali prostrado na crista, pregado como uma cabra sacrificial, com os órgãos arrancados e sem olhos nas órbitas. Se o corpo tiver de esperar por um inquérito judicial, a família é obrigada a pensar nele, a concentrar-se nele, todos os dias. Porque não estaria terminado. Não me parece que um espírito jovem e impressionável aguente em circunstâncias dessas. Tenho a certeza que consegues o acordo das autoridades.

— Não sei. Concordo com o teu raciocínio e conheço a Hannah e o Piet desde a adolescência deles, sempre admirei a família pela sua capacidade de trabalho. Mas há regras. — O polícia massajou os olhos, exausto e agoniado com os acontecimentos dessa noite.

— Ouve, possivelmente já sabes quem é o responsável, se o que a pobre Sarah diz for verdade. Sabe Deus quais foram os motivos dele e talvez leves algum tempo a descobrir. Mas entretanto deves permitir que a família faça a cremação do corpo do Piet e depois podes concentrar-te na captura desse criminoso e pôr fim à investigação.

O inspector hesitou, profundamente perturbado, no momento em que Anthony saiu das sombras para se juntar a eles.

— Desculpem, mas estive a ouvir — disse. — Se me permites que o diga, estou de acordo com o Dr. Markham. Posso preparar a fogueira. Há

muitos gravetos secos no local. Se nos deres autorização, eu trato de tudo. Já. Esta noite. Tens as testemunhas todas de que precisas quanto ao estado em que ele está e suponho que já lá estiveste com as máquinas fotográficas ou vais para lá assim que nascer o dia. Podes com certeza entregar o corpo à família nestas circunstâncias.

Hardy olhou para ambos, reflectindo, e depois voltou para a sala de estar, falando directamente com Lottie. — E tu, minha cara? — perguntou-lhe. — Que queres fazer com o teu filho? Queres cremá-lo na crista? É o que queres realmente?

Ela acenou com a cabeça, os olhos rasos de lágrimas, afagando a cabeça da filha. — Sim — respondeu em voz baixa —, é o que eu quero. É o que deve ser feito.

— Mas não achas que deves esperar pelo Jan? Presumo que já falaste com ele. Quando é que ele consegue cá chegar? Imagino que queres que ele cá esteja para... enfim, para qualquer cerimónia que façam.

— Ele não conseguiu falar comigo. Tive de ligar para um amigo e pedir-lhe que fosse passar a noite com ele. Pedi-lhe que me ligasse de manhã. — Começou a chorar. — Mas ele não vai cá estar, Jeremy. Infelizmente não vai.

— Muito bem, então. — Hardy suspirou e baixou-se para tocar na mão gelada de Lottie. — Vou deixar um par de *askaris* na crista esta noite com os teus homens para proteger o... para proteger o teu filho. Era um moço estupendo, o Piet, e eu tinha uma enorme admiração por ele. Sempre apreciei a companhia dele e tinha orgulho em ser seu amigo.

— Não podemos esperar muito tempo — insistiu o Dr. Markham. — Por razões óbvias. Se vais autorizar isto, então quanto mais cedo melhor.

— Tenho de apresentar um relatório esta noite. E preciso de lá voltar e dar instruções aos *askaris*. Se esse Simon ficou a rondar por ali em lugar de dar à sola, ainda pode constituir uma ameaça. Vou colocar guardas na fazenda enquanto lhe damos caça. Ninguém aqui está em segurança enquanto não o apanharmos. Anthony, podes emprestar-me um par de bons pisteiros quando amanhecer, para ver se conseguimos localizá-lo?

Depois de Hardy sair, o médico permaneceu na casa, bebendo uma chávena de café forte e olhando por Hannah com desvelo. Ela recaíra num estado quase catatónico e não parecia registar qualquer palavra ou gesto.

Sarah estava sentada erecta, entalada entre almofadas, com uma dor incessante e violenta no ombro.

— Agora precisas de outro analgésico, Sarah — disse ele. — E depois quero que tentes deitar-te um pouco nestas almofadas para poderes dormir. Acho que estarias melhor na tua cama, mas estou certo que preferem ficar juntas. Também te posso dar um sedativo, se quiseres, como o que dei à Hannah.

Mas Sarah abanou a cabeça e, durante o resto da noite, foi sucumbindo a um sono leve e carregado de pesadelos do qual despertava constantemente estremunhada, a cada novo som. Mwangi e Kamau andaram numa lufalufa, durante essas horas intermináveis, os rostos sombrios de infelicidade, tentando prestar cuidados à família que amavam e chorando com ela o jovem *bwana* cujo futuro estava ligado ao deles. O corpo de Sarah estava rígido de tanto lutar contra a dor e a fadiga. O que o Dr. Markham deu a Hannah provocou-lhe um sono profundo e ela dormia no outro sofá, tapada com um cobertor, a cabeça pousada no regaço da mãe. Lottie não parecia ter-se mexido um milímetro. Tinha os olhos fixos nas brasas da lareira, os olhos ensombrados pela tragédia. Não havia sinais de Anthony. Mais tarde, quando Sarah voltou a acordar com o estalar de um toro que caiu, a cabeça de Lottie estava descaída, como que abalada pela derrota, e ela tinha finalmente fechado os olhos.

Ao romper do dia, Anthony regressou com Hardy. Sarah tentou sentar-se, o ombro a arder de dor e o espírito assaltado pelo turbilhão das bárbaras imagens da noite. Havia perguntas que queria fazer mas Anthony tocou-lhe nos lábios ao de leve com os dedos, quando se sentou ao seu lado.

— Embrulhámo-lo em pano — disse em voz baixa para não acordar Lottie e Hannah. O seu rosto estava sombrio dos ofícios trágicos que executara pelo amigo. — Levei lençóis de linho do *lodge* e envolvi-os neles. Preparámos uma pira no topo da crista... apareceram *watu* de todo o lado e ajudaram-me a construí-la. O Jeremy não vai pôr objecções. É um homem decente e um velho amigo da família e vai fazer os possíveis para que a cerimónia seja aquilo que todos querem.

— Mas porque é que o Simon fez isto? Porquê? O Piet deu-lhe todas as oportunidades. Ainda ontem falei com ele sobre isso, antes de partirem.

Ofereci um livro ao Simon. Oh, meu Deus. — Não conseguiu travar a violenta investida de choro e tapou a cara com as mãos para abafar o som.

— Nós vimos as pegadas — disse Anthony. — Onde ele estava quando tu caíste. E a hiena está lá com a lança que deve ter impressões digitais. Mas não há vestígios do Simon. Os *watu* estão aterrorizados... dizem que ele levou o espírito da hiena e escapou para o mato. À luz do dia devemos conseguir distinguir mais indícios, encontrar-lhe a pista. Havemos de lhe deitar a mão, garanto-te. — Tocou-lhe no cabelo, afastando-lho da testa. — Estás com muitas dores?

— Não é muito mau se não fizer movimentos bruscos. O Dr. Markham acha que eu preciso de ir ao hospital fazer uma radiografia. Mas não quero sair daqui. Neste momento não é importante...

— E a Hannah? Tem estado sempre a dormir?

— Tem. Eu acordei algumas vezes mas ela não se mexeu. A pobre Lottie esteve acordada até há uma hora mais ou menos. Oh, meu Deus. Oh, meu Deus, Anthony! — Uma onda de desolação submergiu-a e ela voltou a romper num pranto descontrolado, não prestando já atenção às figuras adormecidas ao seu lado. — Não consigo aguentar isto. Quem me dera ter lá morrido com ele. Quem me dera ter ido com ele de manhã e assim podíamos ter encontrado a morte juntos. Porque não consigo continuar. Estávamos só no princípio e eu não aguento sozinha. Não quero continuar sozinha, a viver todos os momentos de uma vida sem ele. Sabendo que ele nunca estará comigo. Só quero morrer, Anthony.

— Não — disse Anthony. — Não podes pensar assim. Nenhum de nós deve pensar assim. Agora temos de ser corajosos por ele e ajudar a Hannah e a Lottie. Temos de nos apoiar uns aos outros nesta crise terrível. Promete-me que não voltas a dizer essas coisas e nunca diante delas.

— Mas tu não sabes — disse ela com infinita tristeza. — Não podes saber e espero que nunca saibas. Ele amava-me, Anthony. Amávamo-nos um ao outro. Éramos como uma só pessoa, uma vida a começar com o mesmo sonho. — Sarah fechou os olhos. — Ele disse que me contactava ao pôr-do-sol. Era um sofrimento estarmos separados por um momento que fosse porque tínhamos acabado de encontrar o nosso caminho. Era por isso que eu estava tão inquieta. Sabia que ele nunca se atrasaria. Devia lá ter ido imediatamente. Quando comecei a sentir que se passava qualquer

coisa, devia ter confiado no meu instinto. Devia ter ido à crista em vez de...

— Não podias saber. Nenhum de nós podia ter imaginado uma coisa destas. Ele estava com o Simon e o Kipchoge. Ninguém podia ter suspeitado... — Calou-se e virou-se, deparando com Hannah, sentada muito direita no sofá, a observá-lo. — Estás acordada, Han.

Ela olhou para ele em silêncio e disse: — Se tivéssemos ido mais cedo, se tivéssemos dado ouvidos à Sarah e partido imediatamente, podíamos tê-lo salvo, não podíamos? — Elevou a voz e, com um puxão brusco, afastou o cobertor. — Não podíamos?

Anthony olhou para Sarah, dirigindo-lhe uma súplica muda com os olhos. Agarrou em Hannah pelos pulsos e virou-a para si para a forçar a encará-lo de frente.

— Ouve, Hannah — disse —, teria sido demasiado tarde. Ele já estava morto quando lá chegámos. O Piet já estava morto há algum tempo. E com os ferimentos que tinha, não me parece que médico nenhum pudesse tê-lo salvo. Não creio que ele tivesse desejado... — Baixou a cabeça e falou com terrível tristeza. — Han, minha querida, custa-me muito dizer-te estas palavras. Mas se tivéssemos chegado junto dele, não teríamos conseguido mais do que mantê-lo vivo por um breve período de agonia intolerável. Mais uma ou duas horas no máximo, num sofrimento atroz.

Hannah olhou para ele e depois para Sarah. O seu rosto estava fantasmagoricamente branco. — É verdade? — perguntou numa voz tensa e rouca.

Sarah respirou fundo. Tinha estado na cova. Tinha-o sentido, abraçado, tocado a sua forma mutilada. O sangue que escorria das suas feridas horrendas para o solo ainda não tinha solidificado e ela sentira o seu odor doce e enjoativo. Não havia insectos no seu corpo nem à volta dele. A hiena acabara de chegar, atraída pelo cheiro a sangue fresco. O animal não teria levado muito tempo a descobrir a cova. Mas não fazia sentido que Hannah se torturasse, que passasse a sua vida numa série de lamentações desesperadas e amargas pelo que podia ter acontecido. Era claro que Anthony lhe dirigia uma pergunta muda, era evidente que Piet só podia ter vivido horas de tormento acrescido, irreparavelmente cego, mutilado e ferido.

— Han, chegámos demasiado tarde — disse Sarah em voz baixa mas firme. — Não podíamos ter feito nada mesmo que tivéssemos partido logo...

As lágrimas avolumaram-se ao pronunciar as palavras. Devia ter insistido em partir da fazenda quando sentiu a primeira inquietação, quando ele não telefonou. Carregaria essa culpa e esse remorso consigo até ao fim da vida. Se tivesse chegado a tempo, poderia ter havido qualquer coisa, mesmo insignificante, que pudesse ter feito por ele. Pelo menos, poder-se-ia ter despedido, murmurado o seu amor à sua consciência moribunda, mitigado a sua inimaginável dor. Mas Anthony tinha razão. Se tivesse sobrevivido, o seu amado Piet teria sido um destroço mutilado, um inválido desamparado e cego, o belo rosto e o corpo desfigurados, os membros inúteis. Que vida poderia ter? Viu de novo o seu rosto e as suas órbitas ensanguentados, fitando a caverna negra da noite. Com um horror dilacerante e pungente, Sarah interrogou-se sobre quanto tempo ele teria sofrido, se teria estado consciente até ao fim, quanta dor tivera de suportar. Dobrou-se, sentindo a agonia dele assaltá-la e quando começou a vomitar na bacia sentiu os braços de Hannah em volta dos seus ombros. Ficaram sentadas juntas, em silêncio, até a sua intimidade ser quebrada pelo som do telefone, alto e insistente. Um medo gelado abateu-se sobre Sarah quando Anthony levantou o auscultador, mas sabia que não havia agora mais nada que os magoasse. Tinham sofrido tudo o que se pode esperar que qualquer ser humano tolere.

Anthony despertou Lottie e passou-lhe o telefone. Ela escutou por uns momentos e depois abanou a cabeça. Ainda tinha o telefone ao ouvido quando disse o nome dele.

— Janni? Janni, eu vou, querido. Vou assim que puder. Espera por mim, espera que eu não vou demorar muito tempo. Não sei, mas em breve. Prometo.

Hannah levantou-se de um salto e arrancou-lhe o telefone, a sua voz elevando-se com o desespero e a fúria.

— Pai? Não, pai, não! Não podes fazer isto. Não podes levá-la de ao pé de mim. Agora não. Tens de vir para cá para nos apoiar. Não me podes deixar aqui sozinha. — Escutou por alguns momentos e depois começou a gritar ao telefone. — Não. Não saio daqui. Não vou fugir como tu. E preciso da mãe agora. Não ma podes tirar, filho da mãe.

Lottie pegou no telefone e falou calmamente durante alguns momentos. Hannah voltou para a cadeira em frente à lareira, o rosto inexpressivo, e quando a mãe se aproximou desviou a cabeça e fechou os olhos.

Muito mais tarde, Hardy regressou, deparando-se com um ambiente de mágoa e angústia tão opressivo que se sentiu contagiado ao entrar. Anthony chamou-o à parte.

— Temos de avançar, Jeremy. Não há qualquer possibilidade de o Jan vir. A Lottie quer apanhar o avião para lá, partir assim que puder, para estar com ele. Ele está mal, cego de dor com a morte do filho, à beira sabe-se lá de quê. Ela provavelmente quer partir amanhã para lidar com a situação. Quero que me digas que posso ir agora para a crista, Jeremy. Deixa-as cremar o corpo. Acabar com isto hoje. Agora. Está tudo a postos.

O polícia assentiu, sem fazer comentários, horrorizado com o caos e a tragédia que o rodeavam.

— Sei que não há nada que eu possa dizer que possa ajudar. Não há palavras. Minha querida Lottie, mais tarde organizo a papelada. Mas agora vamos até à crista prestar o nosso último tributo ao Piet. Ao teu filho e ao meu amigo.

Quando saíram para o alpendre, foram saudados por um vasto ajuntamento do pessoal doméstico e dos serviçais da fazenda. Tinham-se concentrado no relvado em frente da casa desde o romper do dia, de cabeças baixas e em silêncio, tendo esperado toda a noite desde que souberam da notícia. Havia oferendas de ovos, de cestos de vime com frutas e legumes, pão fresco cozido nos fornos de lenha, flores das encostas da montanha, colares e pulseiras de contas, bandejas trabalhadas, cabaças e recipientes de barro com alimentos, colocados no solo e nos degraus do alpendre. A multidão avançou, chorando abertamente, estendendo os braços para tocar nas mãos de Lottie, Hannah e Sarah, quando elas desceram para o jardim, e apertando o braço de Anthony que ia à frente para abrir caminho às mulheres. Hannah estacou nos degraus do alpendre, imóvel e alheada, enquanto Lottie avançava entre a sua gente, apertando mãos, agradecendo-lhes a sua compaixão, as suas oferendas, garantindo que o *bwana* Piet ficaria honrado com as suas lembranças e expressando o seu pesar às famílias de Kipchoge e Ole Sunde que haviam morrido com o filho. Anthony voltou atrás e tocou no ombro de Hannah, falando-lhe suavemente ao ouvido.

— Deixa-os partilhar a tua dor, Hannah. Também o amavam e precisam de to demonstrar.

Ela moveu-se como uma sonâmbula, seguida por Anthony, cuja mão lhe amparava as costas como se receasse que ela caísse com a pressão das pessoas a tentar tocar-lhe. Sarah ia atrás de Lottie, sentindo o isolamento de ser uma amiga, não fazendo ainda parte da família. Não tinha faltado muito para ser a mulher de Piet. Estivera tão perto. Fechou os olhos para afastar a dor e depois ouviu a voz suave de Mwangi.

— *Memsahib* Sarah, choro por si. Ele era o seu homem. Eu vi e estávamos todos felizes por si e por ele.

— Mwangi. Obrigada, Mwangi. — Pegou nas mãos nodosas dele e segurou-as, buscando força na sua compreensão, afecto e lealdade enquanto caminhavam juntos, avançando para o meio da multidão, e continuou a segurá-las ao dirigir-se para os automóveis estacionados. Ouviram a toda a volta uma onda suave, um murmúrio que começou como uma doce harmonia de vozes antes de o som subir de volume e ritmo e se tornar num hino ondulante de amor, perda e evocação do jovem que todos haviam conhecido. Tinha depositado em Piet a sua segurança e as suas esperanças e agora ele desaparecera e queriam chorar a sua partida e desejar-lhe paz com os seus cânticos.

Sarah não se recordou da viagem até à crista nem da subida a partir do fim do trilho até ao cume. Envolvera-a uma mortalha de infelicidade, sufocando-a a ponto de não conseguir sequer ajudar Hannah no último troço íngreme de terreno. Mal conseguia concentrar-se em pôr um pé à frente do outro, indiferente à dor no ombro e aos espinheiros que lhe arranhavam as pernas e se lhe prendiam de vez em quando nas calças, obrigando-a a rasgar o tecido para continuar. Quando chegaram ao topo da crista, encontrou-se mais uma vez onde tinham passado a sua última tarde juntos, olhando por sobre a savana. Em baixo, a curva do rio continuava igual, o *lodge* ainda se erguia no *kopje* e, na distância azul, viu o telhado de Langani e a silhueta severa e imóvel da montanha. Ouviu o canto matinal dos pássaros à sua volta, a restolhada dos macacos a colher bagas e sementes nas árvores, o coaxar das rãs e o canto das cigarras na sua azáfama. Tudo parecia normal, excepto a respiração irregular de Hannah e Lottie, em pé na base da pira fúnebre de Piet.

Anthony construíra um monte muito alto de achas. Envolto na sua mortalha de linho, o corpo de Piet fora colocado no centro da pira, com mais camadas de gravetos por cima. Os chamiços estavam atados em feixes cruzados e dispostos com uma precisão maravilhosa. O mato fora desobstruído numa área considerável para impedir que as chamas chegassem às árvores circundantes. Uma série de grandes bidões, cheios com água, tinham sido colocados na orla da clareira, para o caso de a plataforma ameaçar arder de maneira descontrolada. Quatro dos mais fiéis *askaris* de Hardy estavam em sentido, formando uma guarda de honra em redor da estrutura, com as espingardas carregadas. Juma, Kamau e Mwangi entraram na clareira, seguidos do resto dos serviçais da fazenda, e todos se juntaram diante da torre de Piet de cabeça baixa. O sol da manhã batia sobre a tranquila cena, ganhando uma tonalidade de cobre na sua ascensão num céu sem nuvens. Anthony e Sarah agarraram Hannah e Lottie com força e todos eles estenderam a mão para tocar na madeira. Lottie enfiou um ramo de flores do seu jardim na estrutura reticulada. A sua voz era fraca e trémula, mas conseguiu encontrar palavras na profunda reserva de amor e coragem dentro de si.

— Dorme agora, meu querido filho. Guardar-te-ei sempre no coração, meu Piet, como te apertei contra o meu peito quando nasceste. Nunca quiseste sair deste lugar e agora descansarás aqui para sempre. Comunga com esta terra que amaste, meu único filho, meu primogénito, meu menino amado...

As lágrimas formaram-lhe rios nas faces mas ela não as sentiu ao afastar-se da pira, pondo os braços em volta da filha e de Sarah, que estava destinada a ser sua nora. Hannah estava apumada, a cabeça erguida, fitando o cimo da torre, os braços rigidamente caídos. Anthony passou-lhe um braço pelo ombro, num gesto de conforto, mas ela encolheu-se e ele afastou-se. No céu, Sarah avistou um abutre voando em círculos, curioso, vigilante, pronto para chamar os restantes predadores do mato. Estremeceu. Talvez devessem rezar agora orações por Piet, pedir a Deus que o recebesse. Mas a sua alma era um ermo e parecia-lhe que Deus estava morto, que tudo era inútil porque as suas preces anteriores pela segurança de Piet não haviam sido atendidas, que o céu estava deserto e a sua fé se desfizera em pó. Iam agora queimá-lo e ele perder-se-ia para sempre no éter, levado num vento quente, e ela nunca mais o veria. Não

lhe dissera com clareza suficiente, com frequência suficiente, quanto o amava. A sua perda era como uma espada que lhe trespassava o ventre. Tinha medo, se gritasse, de nunca mais parar até a terra ficar juncada da sua dor como o solo por baixo de Piet ficara juncado do seu sangue. Apertou os lábios, mordendo-os até sentir na boca o seu próprio sangue.

Jeremy Hardy pigarreou. — Querem dizer alguma coisa antes de nós... Lottie ou Hannah? Ou tu, Sarah? Anthony?

Anthony olhou para eles mas todos permaneceram calados. Lottie abanou a cabeça. Hannah não se mexeu.

— Então vou falar em nome de todos. — Anthony falou distintamente em suaíli para que todos os serviçais o ouvissem. — O homem que aqui morreu era um grande homem. Era meu sócio e o meu maior e mais honrado amigo. Foi para mim um privilégio conhecê-lo. O *bwana* Piet era um homem de visão, um homem de integridade. Encarava o seu país e a sua terra como uma dádiva para ser desenvolvida e partilhada e criar riqueza para todos. E fez isso até ao momento em que morreu. — Falhou-lhe a voz e fez uma pausa para se recompor. — O desperdício que a sua morte representa e a forma como a encontrou ainda não nos foram revelados. Ainda não sabemos por que razão isto aconteceu mas havemos de encontrar o homem que cometeu este acto terrível e levá-lo-emos perante a justiça. Agora devolveremos Piet van der Beer, o filho amado do *bwana* Jan e da *Mama* Lottie, o irmão da Hannah, o homem prometido à Sarah e o meu melhor amigo, à terra que ele amou desde o dia em que nasceu neste país. E desejamos-lhe paz depois da sua partida prematura.

Fez sinal a Juma para que avançasse com latas de gasolina que despejaram sobre a madeira. Depois Kamau e Mwangi aproximaram-se com tochas acesas e lançaram-nas para a pira. O monte deflagrou num rugido de chamas que os obrigou a recuar do calor escaldante que se elevava numa bola laranja na manhã africana. Os homens quicuios começaram a cantar, um murmúrio gutural intercalado por sons que lembravam os animais na selva, e as vozes das mulheres ergueram-se, fazendo coro com eles num gemido prolongado e ululante. Um grupo de pastores masai avançou e colocou no fogo lanças e escudos cerimoniais. Hardy deu o sinal para que os seus *askaris* disparassem várias salvas para o ar. Versos fragmentados dos salmos que Sarah recitara na escola saltaram-lhe subitamente à memória. Recuperando a voz, declamou as

palavras numa sonoridade distinta por sobre o crepitar da madeira a arder e o fragor das chamas.

*Pois os meus dias fenecem como fumo,
E os meus ossos ardem como uma fornalha.
O meu coração como a erva está ferido e mirrado;
Sou como um abutre no deserto,
Como uma coruja nas terras áridas;
Alimento-me de cinzas como pão
E derramo lágrimas na bebida,
Pois tu levaste-me e sacrificaste-me.
Os meus dias são como uma sombra tardia;
Definho como erva...
Meu Deus, meu Deus, Porque nos abandonaste?*

Permaneceram juntos na crista até as últimas brasas se extinguirem e apenas restarem as cinzas. Juma fez então sinal aos seus homens, que deitaram areia e terra nos restos do fogo para o apagar. Quando os últimos fios de fumo se dissiparam, desceram o trilho em procissão.

CAPÍTULO 26

Londres, Dezembro de 1965

— Não quero passar aqui o Natal. Em Londres, digo eu. — Marina olhou para o marido, mordendo o lábio, à beira das lágrimas. — É de mais, George. Sinto-me exausta. Não sabia que me ia sentir tão exausta. Fiquei tão feliz por me terem deixado vir para casa que me julguei capaz de tudo. Mas ter recebido visitas hoje fez-me ver que não tenho forças para falar com as pessoas. Não quero estar com mais amigos. Estou com um aspecto terrível. Percebi pelas expressões deles... de choque e compaixão... e não sou capaz de os enfrentar. Por favor, George. Vamos para Burford amanhã e ficar até ao Ano Novo. — O seu lábio tremeu e as mãos moveram-se sobre a colcha da cama, arrepanhando a seda do edredão.

Camilla estava sentada aos pés da cama. — Mãe, não podemos simplesmente desaparecer no campo. E as coisas foram organizadas exactamente como o papá diz.

— Podes ligar a toda a gente a dizer que não me sinto bem para amanhã. São amigos especiais, querido. Hão-de compreender.

— A questão não é essa — disse Camilla. — O Dr. Ward disse ontem que podias vir para casa porque há assistência médica à mão. Em Burford, não temos hipótese de a arranjar dois dias antes do Natal.

Marina sentou-se e sorriu. — Eu sei, querida. Mas já pensei nisso tudo. O Edward pode ir connosco. — As suas palavras e o efeito que tiveram na filha denotavam um triunfo infantil.

— Tenho a certeza que o Edward tem outros planos para o Natal — retorquiu Camilla. — Além disso, não tem onde ficar.

— Pode ficar no Bear — disse Marina.

— Não vamos pedir ao Edward que passe o Natal num quarto horroroso por cima de um *pub* em Burford. É uma ideia absurda. Cancelamos

simplesmente o beberete amanhã e passamos um Natal sossegado aqui sozinhos.

— George, por favor, faz isto por mim. — Marina virou um rosto magnificamente trágico para o marido. — Por favor. Não quero que o nosso último Natal seja passado neste apartamento. Já não gosto da cidade. Fico nervosa e assustada com o barulho, a confusão, a pressa e o estrondo dos autocarros e dos carros a passar. Sei que é lá fora e que estão longe, mas assustam-me. Quero estar num sítio calmo e tranquilo. Por favor, George — Marina tinha começado a chorar.

— Vou fazer chá — disse Camilla.

Sentia uma compaixão terrível pela mãe mas havia à mistura irritação com a capacidade infinita de Marina para manipular. Mesmo agora, com a proximidade da morte que pairava ao seu lado a cada passo lento e inseguro que dava, era capaz de controlar a vida e os pensamentos deles. O Dr. Ward opusera-se à ideia de ela ter alta do hospital. Ainda tinha dores, estava fraca da pneumonia e a reagir com demasiada lentidão aos antibióticos. Fora pura força de vontade, disse ele, que a aguentara na crise. Por outro lado, o mais importante era proporcionar-lhe conforto e mantê-la animada. Marina discutira com ele, alternando a veemência, a piedade e o charme, até ele concordar que talvez fosse mais benéfico ao seu estado de espírito passar o Natal em casa. Mas agora isso não era suficiente e ela queria ir para o campo.

George apareceu do quarto. — Achas que podíamos levá-la? — perguntou.

— Por amor de Deus, não há a mais remota possibilidade. — A irritação de Camilla veio ao de cima ao vê-lo determinado em fazer a vontade a Marina. — E muito menos vou ligar ao Edward a fazer chantagem com ele para que passe o Natal na parvónia connosco.

— A tua mãe diz que ele está apaixonado por ti — disse George.

— Parece que te dá jeito esquecer que ainda há pouco tempo eu estava apaixonada por outra pessoa. O amor não se fecha como uma torneira nem se muda de amante como de camisa. Seja como for, não sou capaz. — Viu a expressão chocada do pai e sentiu-se sadicamente satisfeita por tê-lo ferido. — O Edward é médico e vai reparar a minha cara. E tem idade para ser meu pai, como ele próprio frisou.

— Frisou? O assunto já foi então discutido? — Estava a sorrir levemente, tentando encorajá-la a fazer-lhe confidências. Mas o rosto dela endureceu de ressentimento e George constatou com tristeza que ainda não podia arreliá-la por brincadeira. Primeiro tinha de reconquistar o seu amor e respeito e estava muito longe disso. — Bem, temos definitivamente de cancelar o beberete. E depois vê-se. Disse-lhe que discutíamos Burford mais tarde e ela pareceu satisfeita com isso. Vai descansar uma hora ou assim e depois levanta-se para jantar.

Camilla pegou no casaco. — Fazes então os telefonemas para os teus amigos a cancelar? Preciso de sair. Mrs. Maskell deixou tudo pronto para o jantar.

Ele olhou para ela com mágoa, consciente de que a filha não tinha qualquer desejo de ficar sozinha com ele. — Sim, eu trato disso. Vemo-nos mais logo. Talvez ao jantar?

Camilla não tinha nenhum sítio para onde ir e vagueou pelo meio dos enxames de pessoas nas compras que se debatiam com embrulhos maljeitosos e procuravam presentes de última hora ou ansiavam por um táxi vazio. As lojas estavam apinhadas e as luzes intermitentes das decorações natalícias derramavam-se nos passeios criando retalhos aleatórios de luz sobre pés em movimento. Camilla não tinha qualquer presente para o pai nem lhe ocorria nada que quisesse comprar-lhe. Mas seria mau para todos se ele não recebesse uma prenda na manhã do dia de Natal e assim entrou numa loja cara e escolheu um cantil de bolso em prata revestido a pele de bezerro e um saco de couro italiano que ele podia usar nas suas intermináveis viagens. Ou nas suas estadias de uma noite com o amante. Quando voltou para o apartamento, encontrou Marina vestida e sentada no sofá, com uma bebida na mão. O seu rosto estava da cor da cera mas saudou Camilla com olhos brilhantes.

— Querida, está aí uma taça de champanhe para ti. Estamos a celebrar porque o teu pai foi esplêndido a tratar de tudo. Vamos para Burford amanhã. Por volta do meio-dia, porque hoje em dia demoro uma eternidade a preparar-me. Ajudas-me a colocar algumas coisas na mala logo à noite?

— Organizei um carro e um condutor para nos levar — disse George. — Se precisar de vir à cidade antes do Ano Novo, apanho um comboio. Mas é pouco provável. — Calou-se e demorou uma infinidade a servir o

champanhe de Camilla para ganhar tempo. Olhou de relance para Marina, mas ela tinha descoberto qualquer coisa de interessante no jornal e ele teve de se desvencilhar sozinho. — O Edward vai lá ter de carro amanhã à noite. Falou com o Dr. Ward e já combinaram tudo para o caso de uma emergência. Não parece ter ficado nada incomodado com a ideia.

Era o que Camilla considerava um pesadelo e uma farsa. Tentou imaginá-los a todos na sala de estar em Burford, deliberada e falsamente alegres, representando uma charada para uma mulher mimada às portas da morte. Agora não havia maneira de se esquivar. Era um joguete na permanente competição entre os pais e não havia nada que pudesse fazer a não ser aceitar o seu papel.

— Não devias ter feito isto — disse depois do jantar enquanto colocava a roupa de Marina na mala. — Acho que devias telefonar a dizer que mudaste de ideias. É uma injustiça para com o Edward.

— Ele disse que tinha todo o prazer em ir — respondeu Marina, amuada.

— Valha-me Deus, que outra coisa havia de dizer? Francamente, mãe, não conheces limites.

— Se ele não quer aparecer e tu achas que seria uma tortura insuportável, pedimos ao Winston Hayford. Sei que ele está livre no Natal e não se importa de estar comigo.

— És revoltante. Tens uma mente doentia.

Camilla rodou nos calcanhares e saiu do quarto, vestindo bruscamente o casaco e passando pelo pai que estava sentado na sala de estar a olhar com um ar ausente para o ecrã tremeluzente da televisão. No apartamento de Tom, a concorrida festa ia de vento em popa mas ele avistou-a imediatamente e abriu caminho na direcção dela, puxando-a à parte.

— Quero apresentar-te uma pessoa. Chama-se Saul Greenberg e passou metade da tarde no meu escritório. Tem uma proposta para nós.

— Hoje não, Tom, por amor de Deus. É Natal, se é que não reparaste, e eu estou de partida para o campo amanhã com a minha mãe, a fazer de enfermeira. Hoje só quero beber um copo, dar umas passas e levantar o ânimo.

— Isto é importante — insistiu ele, passando-lhe um copo cheio de gelo e vodca.

— Sou o Saul Greenberg. Estou ligado ao pronto-a-vestir. — Um homem corpulento com uma cara atraente e cheia tinha-se aproximado. — O Tom falou-lhe da proposta? — Possuía uma expressão franca e bem-disposta e cabelo grisalho, cortado rente, dando a impressão de que lhe crescia da cabeça uma floresta de escovas de dentes. O fato era de bom corte e feito em seda cara, embora estivesse um pouco apertado. Parecia ter um sotaque americano, mas Camilla não teve a certeza.

— Não, o Tom não me disse nada — respondeu Camilla. — Não quero parecer mal-educada, mas não estou interessada em falar de propostas profissionais esta noite. Não estou aqui em trabalho. Estou exclusivamente em lazer. Talvez no novo ano...

Ele ignorou simplesmente a recusa dela. — Quero lançar uma linha de vestidos com o seu nome. Quero que faça as fotografias todas da colecção e pôr as peças à venda nos principais armazéns americanos. Tenho outra empresa e um sócio nos Estados Unidos que está entusiasmadíssimo com a ideia. Eu sou de Nova Iorque mas estou em Londres há vinte anos. Está em jogo um contrato chorudo, com honorários generosos pelo trabalho de modelo e uma percentagem das vendas. Como a linha está pronta a ser lançada na Primavera, preciso de saber imediatamente se está interessada. Preciso de ter tudo a rolar depois das férias. Pensei que podíamos encontrar-nos amanhã de manhã e discutir o assunto.

Tom colocara uma mão no braço dela, apertando com força, magoando-a e deixando-lhe uma marca vermelha na pele.

— Pode ser um projecto interessante para ti, Camilla — disse. — O Saul quer que a gente dê um salto ao escritório e ao armazém dele amanhã para nos mostrar as instalações, as linhas que já tem no mercado e a qualidade das peças. São destinadas a consumidores de baixo orçamento, dentro da ideia de comprar roupa actual barata e poder substituí-la com o dobro da frequência. Estamos a falar de centenas de milhares de peças e da publicidade que as acompanha.

— De manhã vou para o campo — disse ela. — Fico lá até depois do Ano Novo.

— Podias ir da parte da tarde. Logo a seguir ao almoço. — Tom lançou-lhe um olhar agressivo.

— Exacto — disse Greenberg afavelmente. — Ponho um carro com motorista à sua disposição. Mas queria estar com os dois durante algumas

horas da parte da manhã para discutir a minha proposta. À noite tenho voo marcado para Nova Iorque.

— Sinto muito — respondeu Camilla. — Talvez depois do Natal.

Virou as costas a ambos e dirigiu-se para um pequeno grupo envolto numa nuvem de fumo adocicado. Ao aceitar o charro e puxar uma fumaça, ouviu a voz zangada de Tom ao ouvido.

— És doida? Este tipo pode dar-te a ganhar quantias astronómicas. Conheço as linhas dele e vendem bem. Só tens de dar o teu nome à merda da marca e recebes uma percentagem de cada vestido que cada empregadita de balcão compra para se parecer contigo. Não só aqui mas nos Estados Unidos também. E depois há a sessão fotográfica que ele quer fazer em Nova Iorque. Não estás a pensar direito. Aliás, não estás a pensar de todo. Nas vantagens que este contrato pode ter para ti.

— Nas vantagens que pode ter para ti, queres tu dizer.

— Não sejas estúpida, querida. Não tens a agenda muito ocupada neste momento e, quando desapareceres em Março para arranjar a cara, vais passar no mínimo algumas semanas sem trabalho. Estou farto de tentar impingir-te a fotógrafos e revistas relutantes. Precisas de voltar à ribalta, Camilla. Estou cansado de arranjar desculpas quando não atendes o telefone e eu não posso confirmar se estás disponível ou não. Este tipo não parece importar-se com nada disso. Aliás, convém-lhe que os vestidos e as fotos publicitárias saiam quando tu não podes provavelmente comprometer-te com outros trabalhos. Diz que lhe dá um exclusivo. E eu também tenho de ganhar a vida, para o caso de te teres esquecido. Claro que recebo uma percentagem por conseguir o negócio e organizar as coisas. Afinal sou o teu agente. Mas tu, caramba, ganhas uma fortuna! Vê lá se desces da merda do teu pedestal e és simpática com o tipo.

Camilla fitou-o por momentos através de uma espiral de fumo. — No fundo também não queria viajar com os meus pais amanhã — disse, de súbito arrependida. Não havia muitas pessoas que se preocupassem com ela. Nenhuma até, possivelmente. — A que horas da manhã?

— Onze horas em Golden Square. Toma o cartão dele com a morada. Encontramo-nos lá.

Camilla acabou a bebida e abandonou a festa. Quando enfiou a chave na porta do apartamento, agradou-lhe notar que a luz na sala de estar estava apagada e o pai se tinha ido deitar. Depois do seu inicial alívio quando o

vira no hospital, evitara cuidadosamente qualquer ocasião em que ele pudesse sentir-se inclinado a explicar-se. Pelo seu lado, George compreendera que devia proceder com extrema cautela, para salvar alguma coisa da catástrofe do seu encontro anterior. Por enquanto não se estabelecera qualquer verdadeira comunicação entre ambos para além da crucial prioridade de Marina. Camilla serviu-se de uma vodca e pegou no telefone.

— Espero que não seja demasiado tarde para lhe ligar — disse.

— Ainda não é meia-noite, para si não é tarde de certeza — respondeu Edward. — Calculo que esteja a telefonar por causa de amanhã. A Marina disse-me que ia ficar furiosa, mas acredite que me dá imensa satisfação escapar daqui. Não gosto do Natal. Normalmente fecho-me em casa a ver televisão. Não é uma quadra ideal para um solteirão solitário.

— Não vai ficar assim tão satisfeito quando vir a Bear Inn em Burford, com as vigas falsas e a alcatifa de feira — disse Camilla. — E sabe-se lá como é a canalização.

Ele riu-se, aliviado por ela ter aceite a ideia da sua presença sem o constrangimento ou desagrado com que contava.

— A que horas parte amanhã? — perguntou. — Pode dar-me boleia? Tenho um compromisso de última hora de manhã que me impede de ir com os meus pais. Mas posso apanhar um comboio.

— Só posso sair daqui depois das quatro. Não me importo nada de a levar, mas aviso-a desde já que o trânsito vai estar mau. Ainda acaba metida num engarrafamento comigo durante dias. Há-de estar meio mundo a escapar de Londres para o Natal. — Sentia-se como um tolo sorridente com o coração aos pulos no peito. — Onde quer que a vá buscar?

— Ao apartamento dos meus pais — disse ela. — Por volta das cinco está óptimo. Obrigada. Boa-noite.

Demorou uma hora a chegar a acordo com Saul Greenberg e três horas a almoçar com ele depois. A sua perspicácia para os negócios e sentido de humor negro agradavam a Camilla, que compreendeu o passo tremendamente lucrativo que estava a dar. Os seus rendimentos duplicariam se a roupa com o seu nome tivesse sucesso. Seria o eixo de

uma campanha publicitária, dos dois lados do Atlântico, e a sua fotografia apareceria nas capas das revistas e em placares de publicidade. Depois do Ano Novo, haveria uma sessão de fotografia de moda em Nova Iorque. Tom mal conteve o júbilo quando ergueram os copos para brindar à nova parceria.

Mas era claro que o interesse de Greenberg não se limitava à relação profissional entre ambos. Interrogou Camilla sobre a família, a infância em África e a vida em Londres. De início ela sentiu-se irritada com as tentativas do homem de negócios para sondar a sua vida privada, mas ele era cativante e despretensioso e ela teve dificuldade em mostrar indiferença ou ressentimento pelo seu interesse. Tom passou a maior parte do almoço calado, ouvindo-a contar coisas de que nunca falara durante o tempo em que tinham trabalhado juntos, intrigado com a habilidade do indivíduo para extrair tanta informação pessoal a Camilla em tão pouco tempo. Despediram-se em Berkeley Square, Camilla recusando a oferta de uma limusina com motorista para a levar a casa ou mesmo a Burford.

— Gosto dele — disse a Edward enquanto avançavam a passo de caracol através do tráfego do fim da tarde, com toda a gente a sair de Londres. — Pelos vistos, é um homem muito astuto mas com a reputação de ser honesto. Pelo menos, frontal. E se esta ideia tiver sucesso, traz outra dimensão à minha vida. Não fico apenas dependente da minha cara e do meu corpo. Acordámos que o advogado pode redigir um contrato para assinarmos. Vamos para Nova Iorque em meados de Janeiro para fotografar a roupa. O Tom também vai como meu produtor. Vai ser divertido.

Camilla estava exultante, as feições radiosas com a excitação e o desafio do novo projecto. Era uma coisa em que nunca tinha pensado e agora estava impaciente para que o Natal e o Ano Novo passassem para poder começar esta nova aventura. Tinha agora a oportunidade de adquirir competências empresariais que nunca até então considerara importantes e mencionara o seu interesse em desenhar roupa, além de a vestir. Greenberg mostrou-se entusiástico em todas as frentes.

— E na Primavera podemos tratar da sua cicatriz — disse Edward.

— Sim. Com este aspecto o meu trabalho está muito limitado. Suponho que podia tratar dela em Nova Iorque. Depois vê-se como as coisas encaixam.

Edward ficou chocado com aquele anúncio casual. Desejava ardentemente curá-la com as suas próprias mãos, torná-la de novo perfeita, para que ela lhe ficasse grata, compreendesse a afeição que nutria por ela. — Podemos marcar uma data. Em Março. — Mas Camilla não respondeu e, quando ele olhou para ela, viu que tinha adormecido.

Quando chegaram a Burford, Marina estava a descansar, exausta com a viagem. Mas quando Camilla subiu para a ver, foi forçada a admitir que a viagem tinha sido boa ideia. O rosto da mãe estava relaxado, exibindo um novo contentamento.

— Durmo tão bem aqui — disse ela. — O Edward está bem? Foram ao Bear?

— Não, viemos directamente para aqui. O papá vai lá com ele depois do jantar. Tomam uma bebida juntos.

— É um homem encantador — observou Marina. — Achas que tu e o Edward...?

— Não, mãe. Não penso nisso. — Estranhava que ninguém compreendesse a sua sensação de perda, o seu desejo de Anthony, a infelicidade e humilhação que sentia com a sua rejeição. — Surgiram-me boas perspectivas no campo profissional. Hoje de manhã, tive um golpe de sorte graças ao Tom. Conheci um homem que é fabricante de roupa e quer dar o meu nome a uma colecção inteira. Depois do Ano Novo, vou a Nova Iorque para tirar as fotografias e criar toda a publicidade. Ele acha que a televisão e as revistas importantes nos vão dar uma boa cobertura.

— Espero que sejas suficientemente inteligente para compreender os métodos dele — disse Marina. — É muito diferente das experiências que tiveste até agora, sobretudo se vais para Nova Iorque. É uma cidade em que só conta o aparato. As pessoas são loucas por dinheiro e mais dinheiro. Tens de ter cuidado, Camilla.

— Pelos vistos, ele tem uma óptima reputação. Depois de Nova Iorque, posso remover a cicatriz. Sou até capaz de a remover lá.

— O Edward vai ficar magoado se fizeres isso, Camilla. É perfeitamente evidente que está apaixonado por ti.

— Mãe, não és capaz de tentar compreender que não me quero envolver com *ninguém*? Nem agora nem num futuro próximo.

Por um momento, Marina permaneceu de olhos fechados e Camilla interrogou-se se teria adormecido. Pouco depois, ela estendeu o braço e

pegou na mão de Camilla. — Ele não estava à tua altura. Não servia para ti. Encantador para um curto romance de férias, mas pouco profundo. Um rapaz frívolo. O teu pai disse que esteve com ele em Nairobi, na última viagem. Falou-me da rapariga. É tempo de pores a África para trás das costas, querida. É tempo de esqueceres toda a tristeza, o perigo e a violência.

— O papá esteve com o Anthony?

— Ele não te disse? — Marina fechou novamente os olhos. — Enfim, não deve ter achado que fosse importante. Camilla?

— Sim?

— Não te vais ausentar por períodos longos de cada vez, pois não?

— Não, mãe. Hei-de estar sempre perto.

Camilla passou o jantar distraída, os seus pensamentos voltando constantemente ao encontro de George com Anthony. Não lhe ocorria uma maneira de orientar a conversa para o assunto sem trair a sua ansiedade e não queria revelar-se vulnerável diante de Edward. Quando os dois homens partiram para a Bear Inn, decidiu relutantemente esperar pelo pai para poder interrogá-lo. Uma hora depois ele voltou e ficou claramente feliz ao vê-la acordada.

— Vai uma última bebida? — perguntou. — Tomei um copo com o Edward mas um *whisky* vinha mesmo a calhar. Está um frio de rachar lá fora. Tenho um *Glenfiddich* de doze anos no armário. — Serviu as bebidas e colocou-se de costas para a lareira.

— A mãe diz que estiveste com o Anthony Chapman em Nairobi.

— Ouve, minha querida, compreendo que as coisas com ele não correram bem e lamento muito. Espero que não te tenhas afeiçoado de mais a esse rapaz. — George estava decididamente pouco à vontade. — Mas encontrei-o por acaso, sim.

— E?

— Estava com uma rapariga. Uma americana. Pareciam... enfim, eram claramente... Que diabo, o tipo é um traste. Ela estava toda pendurada nele e suponho que é difícil despachar uma rapariga daquele género, mas não gostei. Não te queria falar do assunto, Camilla, e já vi que estás transtornada. Sinto muito, querida, tu não mereces isto. — Fez rodar a bebida no fundo do copo, evitando a dor nos olhos dela.

— Ele disse-me que não queria um compromisso a longo prazo. Fiz figura de parva, se queres saber a verdade — disse ela amargamente, as lágrimas correndo-lhe pelas faces. — Só estou transtornada porque me sinto cansada e por causa da mãe. E ainda me custa a crer que caí na esparrela do grande caçador branco. Mas isto há-de passar.

— E a Sarah e a Hannah?

— Perdi o contacto.

— Porquê? — perguntou ele. — Pensei que tinham passado momentos maravilhosos no Quénia. Até esse terrível incidente. Quando estive com as três em Nairobi, depois das férias na costa, estavam muito felizes por estarem novamente juntas.

— Vou-me deitar — declarou ela. — Mas amanhã preciso de falar contigo sobre uma coisa. Uma coisa que talvez possas fazer por mim. Por mim não, mas por eles. Boa-noite.

Não houve oportunidade de discutir Langani na véspera de Natal. Camilla acabou por estar extremamente ocupada, a fazer compras com Edward, apanhada numa roda-viva a preparar listas e a esquadrihar a aldeia à procura dos ingredientes para um jantar de consoada.

— A primeira coisa a arranjar é um livro de receitas — disse Camilla. — Nunca assei um peru na vida e às tantas ainda vão ter de ir parar ao Bear ou a qualquer outro restaurante local.

À tardinha, reuniram-se na sala de estar a comer caviar e *foie gras* e a beber champanhe que Edward trouxera de Londres. Marina tinha-se vestido e Camilla ajudara-a a arranjar o cabelo e a maquilhar-se. Estava com um ar quase espectral, etérea na sua beleza, levemente encostada a George e levantando os olhos para ele com uma expressão extasiada. Ele passou-lhe um braço pelos ombros magros para a puxar para si e depois inclinou-se para a beijar no alto da cabeça. Ao observá-los, Camilla reparou que ele estava a chorar silenciosamente. Nesse momento aceitou que ele amava sinceramente Marina e admitiu a si mesma que nunca vira a mãe verdadeiramente feliz. Mas essa percepção era cruel e descobriu que era incapaz de lidar com a ironia do facto. Dirigiu-se à cozinha onde Edward estava a dar os últimos retoques ao jantar. Ele revelara-se afinal um apaixonado da cozinha e, ao fim da tarde, congeminara uma refeição suficientemente leve para Marina apreciar, mas ainda assim festiva. Camilla enfeitara a mesa com velas e decorações que tinham arranjado na

aldeia e o pai escolhera criteriosamente os vinhos enquanto Marina fazia um arranjo de flores na sua taça favorita. Nunca se tinham esforçado em conjunto para criar um momento familiar simples, pleno de amor e harmonia, e o esforço estava carregado de uma emoção que os afectava a todos. Sabiam que o tempo de que dispunham juntos seria breve e que não partilhariam outro Natal.

Havia uma leve camada de neve no solo quando Camilla acordou na manhã do dia de Natal. Sentiu-se animada e cheia de energia ao tomar café e preparar torradas. Depois, num impulso, saiu de casa, caminhando energicamente através da aldeia até à pequena igreja no jardim público. Havia um letreiro que informava que haveria um serviço religioso às dez horas e ela tinha chegado meia hora mais cedo. Estava frio, empurrou a pesada porta e sentou-se num banco recuado, encontrando uma rara segurança e nostalgia na fragrância do incenso, nas velas e nas flores e no tradicional presépio de Natal. Alguns membros locais da igreja iam e vinham, preparando o serviço, sorrindo-lhe em sinal de boas-festas mas tentando não a perturbar. Alguns momentos depois, ajoelhou-se e rezou pela primeira vez, desde o tempo na escola conventual, para que Marina tivesse forças para suportar os seus últimos dias e ela própria tivesse a coragem de construir uma nova relação com o pai e de tentar compreender o seu sofrimento. Mais tarde, nesse dia, falaria com ele sobre Langani. E depois ligaria para a fazenda, para lhes dizer que não se tinha esquecido, que continuava a amá-los do fundo do coração e sempre amaria. Quando o serviço e as canções de Natal terminaram, encaminhou-se para a Bear Inn e ligou para o quarto de Edward.

— Está um dia esplêndido com sol e neve. Quer escapar daqui e ir dar um passeio?

— Desço já.

Ligou para casa a dizer ao pai onde estava e, em seguida, partiu com Edward. Caminharam lentamente, comprazendo-se com o tempo ameno e o estalar da neve cintilante debaixo dos pés. Nas sebes saltitavam piscos e saía fumo das bonitas casas rurais onde se via o brilho das luzes de Natal através de um véu de cortinas recentemente lavadas.

— Não tem família nenhuma? — perguntou Camilla.

— Era filho único. Como a Camilla. O meu pai morreu há anos e a minha mãe há dezoito meses. Eram pessoas fantásticas.

— Sinto muito. — Hesitou, não querendo intrometer-se. — Mas já foi casado. Acho que me disse da primeira vez que jantámos juntos, não disse?

— Sim, disse. — Não adiantou mais pormenores e ela reparou que ele enfiara as mãos no fundo dos bolsos e um dos músculos do seu maxilar começara a tremer. Caminharam em silêncio durante algum tempo e depois ele estacou abruptamente e virou-se para ela. — A minha ex-mulher é americana. Casámos muito novos. Ela detestava o meu trabalho. Enfim, o meu trabalho não mas o tempo que eu lhe dedicava. Dizia que eu vivia obcecado com o trabalho. Estávamos sempre a discutir por causa disso e porque ela não queria esperar para ter filhos e eu queria estabelecer-me primeiro. Coisas que devíamos ter esclarecido antes de dar o nó, suponho.

— Uma vez disse-me uma coisa muito sensata sobre olhar para o passado em retrospectiva — recordou-lhe Camilla.

— Ela teve uma ligação. Com um americano que conheceu em Londres. E ficou grávida. Pediu-me o divórcio e partiu com ele para Boston.

Edward virou-se e recomeçou a caminhar, com uma expressão sombria e triste. Camilla caminhou ao lado dele, procurando uma maneira de abordar um novo assunto.

— Ela teve um acidente cardiovascular fulminante quando a criança nasceu. — Edward continuou a sua narrativa. — Está num estado vegetativo. A criança está com ele. Ela está numa clínica e os pais olham por ela. Mantêm-na viva na esperança de que um milagre a cure um dia. São imensamente ricos e não querem falar comigo porque consideram que a culpa foi minha, que se eu lhe tivesse dado atenção suficiente ainda estaria viva, vibrante e feliz e rodeada de filhos perfeitos.

Camilla estendeu a mão e pegou-lhe no braço. — Sinto muito — disse, chocada com a sua trágica história. — E quero dizer-lhe que estou grata por toda a sua simpatia. Em relação a mim e à Marina também. Mas agora vamos pintar a manta. Porque todos merecemos e a verdade é que acho que foi o destino que nos trouxe aqui para nos ajudarmos uns aos outros. Vamos, Edward, está a arrastar os pés. Quando acabarmos de cozinhar essa ave hão-de ser cinco horas e eu hei-de estar a morrer de fome. A comer a carpete. E já sabe que a Marina não ia apreciar isso.

Marina tinha levado uma pequena árvore de Londres. Estava enfeitada com decorações e iluminada com pequenas estrelas luzentes e cercada de um monte de embrulhos. Trocaram-se prendas e abraços e Camilla sentiu-se aliviada por ter arranjado tempo para comprar um livro para Edward antes de sair de Londres. Ele levava presentes para todos, cuidadosamente escolhidos e lindamente embrulhados. Camilla abriu o dela, deparando-se com uma pulseira, de forma oval e feita de vários fios de ouro entrançados. Era uma prenda extravagante e ela captou o olhar do pai e o sorriso cúmplice de Marina quando ele lha enfiou no braço.

— Obrigada — disse. — É muito mais do que devia... — Baixou os olhos para a pulseira, sem palavras e confusa, não contando com as mãos dele a rodar-lhe a cara para o encarar de modo a poder beijá-la. Ela recuou imediatamente, tentando não dar importância ao incidente, consciente dos olhares de aprovação dos pais. Foi Edward quem a poupou a mais embaraços.

— Já para a cozinha. Preciso de uma assistente. Marina, sugiro que se vá deitar por uma ou duas horas. Ordens do médico.

— Vou buscar lenha ao telheiro para manter o fogo esperto — disse George, um nadinha entusiasmado de mais.

Quando o céu escureceu ao fim da tarde, Edward saiu para se arranjar no Bear e Camilla sentou-se com o pai, servindo-lhe uma chávena de chá.

— Quero falar-te da Fazenda de Langani e do que se está lá a passar — disse ela. — O Piet construiu um *lodge* espectacular de que provavelmente ouviste falar em Nairobi. Vai abrir muito brevemente.

George já tinha discutido a questão de Langani com Anthony. Mas não queria agora mencionar o nome dele na conversa e assim escutou sem comentar enquanto Camilla relatava os incidentes e os problemas com a fazenda e o *lodge*.

— O Piet sozinho não tem meios para financiar a fazenda e o *lodge*, para proteger a área de vida selvagem que criou e para organizar, além disso, guardas-florestais ou vigilantes. É demasiado caro. Foi por isso que me lembrei que a tua organização podia ajudar. Já que lidam com este género de projectos.

— É possível — respondeu ele. — Parto para Nairobi por volta de meados de Janeiro. Talvez possa estabelecer as bases de um financiamento antes disso embora leve algumas semanas para que haja qualquer

movimento de dinheiro. Transformar Langani numa área de conservação parece ser um projecto válido. A nossa organização valoriza a ideia de serem os proprietários das fazendas e os agricultores a promovê-los. Vou dar-lhe prioridade assim que retomar o trabalho.

As suas palavras representaram uma espécie de absolvição para Camilla, uma atenuação dos seus falhanços, uma réstia de esperança que lhe permitiria reparar os laços quebrados com as pessoas que mais amava. O resto dos festejos natalícios passou rapidamente. Edward partiu para Londres dois dias mais tarde. Queria que ela passasse o Ano Novo com ele, pois tencionava organizar um pequeno jantar em casa, mas Camilla não se comprometeu. Marina tinha passado extraordinariamente bem, mas era tempo de voltar a Londres e aos cuidados próximos do seu médico.

— Tenho-me sentido muito bem — disse ela. — E agora estou com forças para apreciar a visita dos Santini. Vêm de Roma passar uns dias connosco. Podíamos ter um jantar calmo com eles na véspera de Ano Novo. Ias gostar, George, não ias? E a Camilla tem sido maravilhosa, mas daqui a pouco vai começar a sentir-se deprimida por estar muito tempo fechada.

O motorista deixou Camilla no apartamento dela, na tarde do dia seguinte, e ela telefonou a Tom.

— O Saul volta de Nova Iorque amanhã — disse ele. — Marquei uma reunião com ele na segunda-feira. E entretanto o meu advogado tem algumas observações sobre o contrato, mas nada de especial. A coisa promete, boneca.

Camilla sentou-se no sofá, feliz por estar no seu espaço, optimista a respeito do novo projecto e confortável em relação aos pais, talvez pela primeira vez na vida. A doença de Marina trouxera a todos uma espécie de paz que fazia esquecer um passado conturbado e sentia-se grata por isso. Pensou em ligar para Langani mas decidiu que não. Dentro de uma semana, o pai informá-la-ia se havia viabilidade de um financiamento. Seria melhor esperar por essa decisão. Agradava-lhe a ideia de um serão sozinha e foi buscar uma caixa à parte de cima do guarda-fatos da qual retirou os colares e pulseiras samburu. Numa gaveta, descobriu um colete de camurça italiano e sentou-se à mesa de jantar, começando a descoser as costuras. Eram quase três da manhã quando acabou o trabalho e o levantou para o inspeccionar. Estava bonito. Tinha estudado as faixas de

cor e o estilo tradicionais antes de dismantelar a joalheria africana. Em seguida, coseu laboriosamente as missangas e berloques de metal ao couro macio, pespontando debruns decorativos em torno do decote e da bainha e ao longo das costuras. O colete desprendia um odor acre e ela sorriu, pensando no exigente comprador de Bond Street a quem apresentaria a sua criação no dia seguinte.

Uma forte pancada acordou-a de manhã e ela levantou-se vagarosamente, enfiando o roupão e abrindo a porta. O pai estava à entrada com uma expressão consternada. Conduziu-o à sala de estar, receando que Marina tivesse sofrido uma recaída ou algo pior. George deixou-se cair numa cadeira e enterrou a cara nas mãos, tentando controlar-se. Depois levantou os olhos para ela.

— Camilla, tenho uma notícia terrível e não sei como ta dar, portanto não vou estar com rodeios. O Piet van der Beer foi assassinado. Vinha nos jornais esta manhã e eu não queria que a lesse assim. Oh, minha querida, sinto muito. Sinto mesmo muito.

Ela olhou para o pai, muda, o seu cérebro tomado de uma indolência ao tentar absorver o que ele acabara de dizer. George pôs os braços à volta dela, mas Camilla resistiu e foi sentar-se numa poltrona enquanto ele lhe relatava o que diziam os jornais. O crime relembra os dias do estado de excepção, dizia o *Daily Telegraph*, quando os agricultores europeus haviam temido pela vida e os membros dos Mau-Mau prestavam juramento de matar quem quer que fosse, negro ou branco, que não pertencesse ao seu movimento. Tinha os contornos de um assassinato ritual, um acto bárbaro que há muitos anos não se via na ex-colónia e realçava as circunstâncias precárias em que viviam os fazendeiros brancos que haviam ficado no país. Era necessário reforçar a vigilância policial e implementar medidas de segurança mais eficazes, dizia o jornal. Embora de origem africânder, Piet van der Beer era cidadão britânico. A sua morte seria rigorosamente investigada, talvez pela Scotland Yard bem como pela polícia do Quénia. Durante muito tempo, Camilla fixou um ponto no espaço, bloqueando o espírito contra a selvajaria que os privara a todos de Piet.

— E os outros? — perguntou, enxugando as lágrimas.

— Não fizeram mal a mais ninguém. Diz que foi a noiva que o encontrou.

— Tens a certeza? Tens a certeza absoluta que diz isso? — Quando ele confirmou com um gesto de cabeça, ela levantou-se num movimento titubeante. — Oh, meu Deus. Oh, meu Deus, deve ser a Sarah. Estavam noivos e ela nunca me disse. Eu nem sequer sabia. Oh, meu Deus, é insuportável, inacreditável. E agora... — Estremeceu e a voz sumiu-se-lhe.

— Minha querida, queres telefonar? Agora, enquanto eu aqui estou?

— A culpa é minha — disse ela em voz baixa. — Pediram-me para conseguir ajuda e eu nunca fiz nada. Se tivesse falado contigo há meses, quando voltei da primeira vez, isto nunca teria acontecido. Tu terias feito alguma coisa por eles, terias arranjado o dinheiro de que precisavam para reforçar a segurança. E agora ele está morto, assassinado por algum caçador furtivo na propriedade dele porque eu não os ajudei a tempo. Oh, meu Deus. — Começou a soluçar convulsivamente, sons arranhados que lhe tomavam e sacudiam o corpo enquanto se amparava no peitoril da janela.

— Camilla... a culpa não é tua. Não podes pensar que és de maneira alguma responsável. É irracional, minha querida. Acho que deves falar com a Hannah ou com a Sarah. Para ultrapassarem isto juntas. Que achas, meu amor? Queres que faça a ligação?

— Não, não — disse ela, deixando-se cair numa cadeira e apertando as mãos, inconsolável, consumida pela violência da sua dor. — Não posso falar com elas. Não posso. Não posso ligar para esse número porque sei que ele nunca mais voltará a atender o telefone. Nunca mais vamos ouvir a voz dele, nenhum de nós. E elas nunca me hão-de perdoar. Nunca.

George abriu o armário e encontrou uma garrafa de conhaque. Serviu uma dose simples e passou-lha, mas Camilla ignorou o copo estendido. Permaneceu sentada, de ombros curvados, baloiçando-se para trás e para a frente, cingindo o corpo com os braços. Ao fim de algum tempo, imobilizou-se por completo e por fim virou-se para o pai, com uma expressão baça e desesperada nos olhos.

— Deixa-me ver o jornal — pediu.

Ele passou-lho e esperou que ela lesse o artigo. Quando acabou, Camilla levantou-se.

— Diz-me — perguntou ela —, isto tem a ver com o que o Jan van der Beer fez?

— Camilla... não posso divulgar...

— Diz-me, caramba! — gritou-lhe. — Diz-me o que a mãe sabia. Diz-me a verdade porque senão não consigo viver comigo mesma.

George sentou-se pesadamente. — O Jan matou um homem. — disse ele. — Durante a crise dos Mau-Mau quando estava nos Aberdares, a dar caça aos bandos na floresta.

— Era uma guerra — disse Camilla. — Foram mobilizados soldados britânicos. Mataram pessoas. A polícia africana matou pessoas.

— Foi um assassinio particularmente brutal — disse George. — O homem foi torturado. Se não tivesse sido a amnistia, o Jan teria sido julgado por homicídio. Circulou uma lista negra pouco antes da Independência e incluía o nome dele.

— Então a morte do Piet... foi vingança?

— Tem todas as marcas disso, embora não possa ter a certeza. E se foi vingança, não há nada que tu ou qualquer de nós pudéssemos ter feito para o impedir.

Camilla deu voltas pela sala durante algum tempo antes de parar em frente ao pai. — A Hannah precisa de saber porque é que isto aconteceu — declarou. — Tenho de lhe dizer. E há-de ajudar a polícia, fornecer uma pista, um motivo.

— Não. Acho que não deves dizer nada à Hannah. Ela acaba de perder o irmão. Queres dizer-lhe num momento destes que o pai foi um assassino? Que talvez seja responsável pela morte bárbara do próprio filho? Nem o Jan nem a Lottie alguma vez disseram aos filhos o que aconteceu. Isso ficou bem claro naquela noite infeliz em Mombaça. Que vantagem pode ter dizer-lhe agora?

— Pode ajudar a que seja feita justiça, a descobrir o criminoso. — Camilla começou novamente a chorar.

— E destruir o que resta da família da pobre rapariga? Vais fazer-lhe uma coisa dessas? Esses assuntos foram arquivados. Não acredito que sirva de alguma coisa reabri-los agora.

— É melhor ires-te embora agora, papá. Quero deitar-me. Preciso de estar algum tempo sozinha. Não... não sou capaz de continuar a falar sobre isto. Agora não.

Ele deixou-a relutantemente e ela passou o resto da manhã num lugar tenebroso de onde sentia que não havia saída. Estava a afogar-se num lago de mágoa e perda, fustigada por ondas de remorso. Experimentava o peso de um profundo cansaço mas, passada uma hora, vestiu-se e tentou pensar em qualquer coisa para fazer ou em qualquer sítio onde pudesse ir para atenuar a dor. Não lhe ocorreu nada. Ao vestir o casaco, o telefone tocou.

— Camilla, o seu pai acaba de me contactar a dar a notícia. Que posso fazer?

A voz de Edward era o único som normal nessa manhã terrível e ela tentou igualar a sua calma comedida. Mas, quando começou a falar, as palavras recusavam-se a sair e só foi capaz de soluçar ao telefone. Pouco depois desligou e atirou-se para a cama, agarrada ao estômago onde a dor se tornara física. Não sabia quanto tempo tinha passado quando ouviu as pancadas. Atravessou lentamente a sala de estar, passando superficialmente a mão pelo rosto inchado e manchado de lágrimas. Não ficou surpreendida ao vê-lo.

— Venho buscá-la para a levar para Charles Street — declarou Edward sem preâmbulos. — Vou dar-lhe um sedativo para a ajudar a passar o dia e a minha governanta está lá para o caso de precisar de alguma coisa. Chego a casa por volta das seis. Depois falamos. Ou o que quiser. Mas não pode ficar sozinha.

O apartamento dele era espaçoso e sóbrio como o consultório. Instalou-a no quarto de hóspedes e deu-lhe dois comprimidos e um copo de água. Camilla deitou-se na cama, vazia e exausta, e ele tapou-a com os cobertores. Momentos depois, ela estava a dormir. Quando Edward voltou, pouco antes das seis, estava sentada na sala de estar, a contemplar um inferno privado de lancinante e ardente sofrimento. Ele pegou-lhe nas mãos e beijou-lhe ternamente as palmas e ela lançou-lhe os braços ao pescoço e encostou-se a ele, incapaz de continuar a chorar ou sequer de pensar.

— Não tenho ninguém — disse ela, apaticamente. — Ninguém que possa amar. Ninguém que confie em mim, que me ame ou que acredite em mim. Foi o que lhes fiz a todos e a mim mesma.

Edward hesitou por um momento e depois levantou-se, pegando-lhe na mão. Ela não objectou quando ele a conduziu para o quarto e a instalou na cama dele. Deitou-se ao lado dela, afagando-lhe o cabelo e o rosto e

beijando-a suavemente na testa onde a cicatriz ainda formava uma linha disforme. Ela encostou-se e escondeu a cara no peito dele, não fazendo menção de resistir quando ele começou a beijá-la mais ardentemente, e deixando-se guiar à medida que a paixão se substituíu à compaixão. Lentamente ele despiu-a e Camilla levantou-se e puxou-o para dentro de si. Quando ele colocou as mãos debaixo dela, ouviu-a murmurar sozinha, um som incessantemente repetido.

— Quero-te outra vez, quero-te outra vez. Por favor, por favor, volta. Vem. Vem-te dentro de mim agora.

Edward compreendeu que aquelas palavras eram para outro mas não quis saber. Ela agora pertencia-lhe e ele ficou acordado ao seu lado para velar pelo seu sono.

CAPÍTULO 27

Quénia, Janeiro de 1966

Anthony ligou para o operador, segurando na mão de Sarah enquanto era feita a ligação para os pais dela em Sligo. As suas vozes chocadas e as condolências carinhosas não ajudaram a mitigar a sua dor. Escutaram num silêncio incrédulo a descrição geral da história, incapazes de compreender inteiramente o que tinha acontecido a Piet. Raphael sentia principalmente gratidão. A filha fora poupada. Estava viva, intacta, e a sua segurança era a única coisa verdadeiramente importante para ele. Só mais tarde pensou no tormento dos van der Beer. Para Sarah, o acto de contar reduziu-a a frases entrecortadas e incoerentes. Por várias vezes passou o auscultador a Anthony e tentou recuperar o domínio da voz antes de recomeçar. Procurou explicar que agora era impensável deixar Hannah sozinha. Somente a dor partilhada poderia insuflar-lhes coragem para continuar. Raphael e Betty não conseguiram disfarçar a sua preocupação. Não houvera qualquer detenção e o que originara o assassinio de Piet podia repetir-se. Langani não era um lugar seguro. Temiam pela vida da filha. Mas Sarah foi categórica, implorando-lhes que aceitassem a sua decisão, e eles sentiram-se impotentes para levar a filha a mudar de ideias. Quando Tim apareceu na linha, insistindo com ela para que regressasse à Irlanda, ela despediu-se e recaiu no pesadelo em que estava aprisionada.

O telefone não parava de tocar. Começaram a chegar vizinhos e amigos e a casa encheu-se de pessoas. Havia coisas a fazer, comida e bebida a preparar. Caíra o crepúsculo quando Lottie decidiu que partiria para Nairobi e apanharia um avião para o sul no dia seguinte, para enfrentar o marido e dar-lhe todo o apoio que pudesse. Hannah ficava sentada numa infelicidade muda, recusando reagir ao apelo silencioso da mãe para que compreendesse, incapaz de aceitar que a necessidade do pai excedia a sua.

Quando os últimos visitantes partiram, Lottie foi para o quarto fazer as malas e Sarah seguiu-a, desejando ocupar-se com alguma coisa que mitigasse a sua dor. Não havia nada que pudesse dizer mas ficou para oferecer o conforto da sua ajuda, pegando em peças de roupa e dobrando-as — pequenos gestos de apoio que pudessem demonstrar o seu amor. Lottie tentou sorrir ao fechar a mala.

— Supliquei à Hannah que viesse comigo, mas ela não me quer dar ouvidos — disse ela. — Embora talvez seja melhor assim porque não sei como vou lidar com a mágoa do Janni. Tenho medo do que isto lhe vai fazer. — Sentou-se subitamente na cama. — Meu Deus, é tão fútil. É tudo tão fútil e sem sentido. Por que é que lutámos todos estes anos? Que construímos nós que ditou a morte do meu filho enquanto eu tenho de continuar a viver? Porquê, Sarah?

— Não sei, Lottie. Não sei como vamos continuar ou suportar os dias que começam e acabam sem ele. Não sei como vou chegar ao fim do dia ou ver o sol nascer amanhã. Mas a Hannah e o Jan precisam de si e talvez possa encontrar nisso uma finalidade.

— A Hannah refugiou-se dentro dela — disse Lottie. — Está revoltada comigo por deixá-la, por pôr o Janni à frente dela. Suponho que a revolta faz parte da dificuldade de lidar com a morte. Mas eu tenho de ir e acho que nunca mais serei capaz de voltar, ao passo que ela optou por ficar. Estamos de dois lados de um fosso que nenhuma de nós é capaz de transpor. Talvez o tempo repare isso, mas por agora só te peço que olhes por ela enquanto aqui estiveres. Amo a minha filha mais do que alguma vez poderei fazê-la compreender. Mas há demasiado sofrimento neste lugar. Acho que nunca mais voltarei a encontrar paz em Langani. Nunca mais.

Levantou-se e dirigiu-se com Sarah para a sala de estar onde Hannah contemplava o fogo, com um copo de conhaque por tocar na mesa ao lado.

— Vem comigo, Hannah — sussurrou Lottie, abraçando-a pela última vez. — Deixa este lugar, minha querida. Durante algum tempo até decidirmos o que fazer com a fazenda.

Hannah respondeu sem hesitação, circunspecta e distante. — Já decidi, mãe. Não vou abandonar Langani. Tenho de continuar pelo Piet. Para que não destruam o que construímos aqui. Não me hão-de expulsar da nossa terra.

Desviou os olhos e Lottie agarrou-se a Sarah por breves momentos, antes de sair para o carro onde o motorista a esperava. Não olhou para trás. Mwangi e Kamau choraram quando ela se despediu deles. Em seguida, o feixe dos faróis varreu as paredes e por fim o ruído do motor esfumou-se na noite. Na sala de estar, Hannah deixou-se cair no sofá. Enterrou a cara nas mãos e soltou um gemido agudo e plangente.

— Ajuda-me a levá-la para o quarto, Sarah — pediu Anthony.

Sentou-se ao lado de Hannah, murmurando palavras que ela não ouvia, acariciando-lhe a mão até ela acalmar. Sarah ficou à porta, a observar. Hannah podia encontrar algum conforto na presença dele. Mas tudo o que Sarah sempre precisara ou desejara estava em cinzas na crista. Estava absolutamente só. Deu meia-volta e fugiu do quarto. Lá fora, no relvado, viu o *askari* de serviço embrulhado no seu grosso sobretudo, a espingarda ao lado, a respiração condensando-se no ar frio. Como uma sonâmbula que acorda de um sonho, deu consigo no quarto de Piet, rodeada pelos seus objectos pessoais, pelos livros que ele tinha amado e planeado ler com ela. Pegou na camisa dele, pendurada nas costas de uma cadeira, e pô-la por cima da sua própria roupa. Depois deitou-se na cama dele e enterrou a cara no travesseiro para inalar os últimos vestígios do seu perfume.

Dois dias depois da cremação, realizou-se uma missa em memória de Piet em Nanyuki e, desde então, Hannah começou a viver cada dia interminável como se habitasse um mundo separado. Não era capaz de atender o telefone nem de enfrentar as perguntas e preocupações de velhos amigos. Passava o tempo na vacaria ou a andar de jipe pela fazenda, descobrindo e assumindo tarefas sem importância que normalmente teria delegado. Embora Mike Stead estivesse a ajudar, tinham-lhe oferecido um emprego permanente e mais bem pago e ele dissera-lhe que só podia continuar em Langani por mais dois meses. Não chegaram notícias de Lars, nenhum sinal de que tomara conhecimento da morte de Piet. Aparentemente perdera o contacto com o Quénia ou decidira enterrar a rejeição de Hannah e esquecer o tempo passado em Langani.

Hannah e Sarah lançaram-se num excesso de actividade durante o dia, esperando estar completamente exaustas e prontas a esquecer à noite.

Sarah ia ao dispensário todos os dias, desesperada por encontrar ocupação. A pequena sala enchia-se de gente que punha de lado as suas enfermidades diante da tragédia que se havia abatido sobre todos. Apareciam para oferecer condolências. Ela aceitava os seus murmúrios compassivos e, com cada um, o seu sofrimento aumentava. Todos os momentos de vigília ameaçavam trazer a recordação que podia fazer descarrilar as suas ténues melhoras, estalando o delicado verniz do autodomínio. O medo ensombrava os dias e as noites. Mesmo sons familiares criavam ansiedade. Palavras e frases de todos os dias tornavam-se insinuações sinistras enquanto Hannah discutia o cultivo do trigo ou o gado com serviçais da fazenda em que sempre tinham confiado no passado. As noites eram os piores momentos. O sono era perigoso, um período em que os pesadelos derrubavam as suas frágeis defesas, precipitando-a num vórtice de dor e medo desesperados.

Anthony arranjou um colega para o substituir no safari seguinte e continuou na fazenda. Procurava adivinhar as necessidades delas e evitava intrometer-se. Era uma faceta dele que Sarah não conhecia e tentou mostrar-lhe o seu apreço. Hannah parecia não dar pela presença dele. Andava alheada de todos, com uma expressão empedernida, um discurso seco. Comia pouco e parecia não apreciar a comida que lhe era servida. Mwangi cuidava dela como um pai, atarefando-se de um lado para o outro e murmurando consigo mesmo palavras de piedade quando ela não respondia a uma pergunta ou não reagia a qualquer questão doméstica que ele levantasse. Assumiu a governação quotidiana da casa, recorrendo a Sarah nas raras ocasiões em que precisava de orientação. Para ela, era um alívio fazer qualquer coisa de útil. Tinha consciência de que Mwangi e Kamau eram perfeitamente capazes de lidar com a maioria das tarefas que lhes confiavam e comovia-a o seu desejo de a fazerem sentir-se necessária. O amor e a compaixão eram patentes nas suas expressões enquanto andavam pela casa dispensando o conforto da sua presença. Durante essa primeira semana, Sarah entrou na sala de jantar uma manhã e foi dar com Mwangi a chorar à mesa. Reparou que ele tinha posto inconscientemente um talher para Piet e estava nesse momento a tirá-lo, o corpo vergado sobre a cadeira que outrora pertencera a Jan e mais tarde ao jovem que ele conhecera desde menino. Ela aproximou-se e abraçaram-se, encontrando conforto na tristeza partilhada.

As refeições tornaram-se uma série de frases breves e silêncios evasivos quando torneavam potenciais campos minados nas conversas. Anthony dizia qualquer coisa de ligeiro e divertido e instalava-se um momento de alívio antes de uma palavra ou um gesto trazerem a cutilada cruel da lembrança. Então Hannah ficava imóvel, os olhos toldados. Sarah refugiava-se em si mesma, fazendo desenhos com o garfo na toalha, concentrando-se vigorosamente na posição do seu copo e do seu prato na mesa e perguntando se deviam tomar café à mesa ou na sala de estar enquanto Anthony procurava mudar de assunto. Eram como um grupo de bailarinos numa sequência elaborada mas sem fim, rodeando-se, avançando, afastando-se, tocando ao de leve nas mãos uns dos outros mas incapazes de um contacto final.

Lottie telefonava e arranjava desculpas quando Hannah pedia para falar com o pai. Declarava que Janni não estava bem. Ela tentava impedir que ele bebesse excessivamente, mas tornara-se uma tarefa quase impossível. Implorava a Hannah que viajasse para sul para poderem partilhar o fardo da sua perda.

— Vai ter comigo a Joanesburgo, Hannah — pediu Lottie. — Não precisas de vir aqui. Eu e tu e o pai podíamos ficar uns tempos com o teu tio Sergio. Ele quer que vamos todos visitá-lo.

Mas Hannah recusava-se a sair de Langani, mesmo por pouco tempo. Os vizinhos e os amigos apareciam a oferecer os seus préstimos. Hannah era educada, rejeitando alheadamente qualquer oferta de ajuda, e pouco depois as visitas começaram a rarear e a dar lugar a telefonemas. Ninguém conseguia transpor a barreira que ela erguera. Diziam a si mesmos que levaria tempo. Era melhor deixá-la entregue à privacidade do seu luto. Quando estivesse pronta para aceitar o seu amor e a sua ajuda, dar-lhes-ia algum sinal e eles acorreriam.

Sarah não era capaz de ir ao *lodge*. Sempre que pensava no lugar, o seu pensamento tomava outro rumo, suprimindo as horríveis trevas que se haviam formado no centro da sua consciência. Só Anthony tinha coragem para lá ir. Organizara a remoção e enterro de Kipchoge e Ole Sunde depois de a polícia acabar as suas investigações no local. Foi Anthony quem persuadiu Hannah a estar presente nos funerais deles. Ela ficou imóvel e rígida junto das campas, aprisionada no colete-de-forças da sua própria dor, agarrando a mão de Sarah enquanto os caixões simples eram descidos

para a terra e Anthony proferia os discursos de louvor e gratidão esperados e exigidos. Mas quando as últimas pazadas de terra foram lançadas para a cova recente, Hannah acercou-se das famílias chorosas e abraçou as mulheres, oferecendo-lhes dádivas de alimentos e dinheiro. Elas apertaram-lhe as mãos, murmurando nas suas vozes suaves, enquanto as crianças lhe puxavam pela saia e olhavam para ela, arregalando os olhos em silêncio e reconhecendo a sua terrível tristeza. O *lodge* foi fechado até que Hannah estivesse em condições de decidir o que fazer com ele. Mas todas as magras poupanças de Langani estavam empatadas na estrutura abandonada e as ervas daninhas e as teias de aranha já tinham começado a invadir o sítio que representara o sonho de Piet.

A polícia não possuía qualquer informação que pudesse lançar luz sobre o motivo da matança ou conduzir ao paradeiro de Simon. O jovem quicuio parecia ter-se evaporado na floresta circundante. A polícia e os pisteiros seguiram-lhe o rasto até ao mato quase impenetrável na base da crista, mas todos os vestígios desapareciam aí. Hardy declarou que ele fora inteligente na forma como usara o terreno para apagar os vestígios, percorrendo a paisagem sem deixar sinais. A frustração do polícia era evidente. Interrogaram os serviçais de Langani e das fazendas vizinhas mas ninguém conseguiu, ou quis, dar-lhe pistas. Simon era muito reservado e nunca falara com ninguém sobre o seu passado. As averiguações na missão de Nyeri produziram informação escassa. Quando a polícia tentou localizar o homem que levara Simon à missão em criança, descobriram que o nome que ele tinha dado era falso. Havia muitas crianças que não conheciam as pessoas que as haviam levado ao orfanato. O rapaz fora um aluno exemplar, sossegado e trabalhador, ansioso por aprender e evoluir. Os padres que o tinham ensinado estavam estupefactos. Simon Githiri era um enigma.

— Não sabemos se ele se fica por aqui, Jeremy — disse Anthony. — Pode estar à espera, a planear mais atrocidades. A Hannah anda aterrorizada com a possibilidade de ele voltar. Não o exprime em voz alta, mas não lhe sai da cabeça, e com a Sarah passa-se o mesmo. Enquanto ele estiver a monte, elas não têm paz nem segurança.

— Foi por isso que deixei aqui uma patrulha da polícia. Julguei que todos estes incidentes fizessem parte de uma vendeta contra Langani mas agora já não estou tão seguro. Ele pode estar a planear atacar outros

agricultores brancos. E deve ter recebido ajuda de fora, o que é uma preocupação ainda maior. O primeiro assalto foi perpetrado por um grupo organizado. A caça furtiva também, embora possam não ser as mesmas pessoas. Seja como for, o Simon não planeou estas acções sozinho. Mas quando se olha para a chacina gratuita do gado em Setembro e a forma como... — Calou-se porque Hannah entrou na sala.

Ela fixou-o com um olhar intenso e terminou a frase por ele. — Quando se pensa na forma como ele retalhou o meu irmão em postas? Era o que ias dizer, Jeremy? Achas que foi um ritual, um sacrifício qualquer, não achas?

— Ele pode ser demente — disse Hardy, mas era claro que não dava grande crédito a essa teoria.

— O Simon não é louco — disse Hannah. — Não tenho dúvida que o que fez foi ponderado e planeado com uma lógica fria. Incluindo o emprego aqui. Agora pergunto-me se não terá vindo para aqui para fazer isto. Para matar.

— Não descobrimos nenhuma família com o nome de Githiri aparentada com ele. Mas, se houver alguém que saiba quem ele é, não vai agora admiti-lo. Havia um velho padre que o ensinou e se interessou particularmente por ele — sugeriu Hardy. — Mas está hospitalizado em Nairobi. A dar as últimas, coitado. Aparentemente está muito fraco e desmemoriado. Ninguém na missão em Nyeri parecia achar que ele pudesse fornecer novas pistas.

— Mas há em qualquer lado um pequeno fragmento de informação que nos há-de apontar numa direcção qualquer — disse Hannah com uma expressão tensa. — Tem de haver.

— Há-de acabar por nos chegar aos ouvidos alguma coisa no decorrer da investigação. — Jeremy passou-lhe um braço pelos ombros. — Eu sei que parece muito vago, Hannah, mas acredita que é assim que normalmente acontece. Muitas vezes o assassino deixa uma pista porque quer ser reconhecido pelo que fez. E é isso que marca a diferença.

Hannah deixou-se cair no sofá como se os seus joelhos tivessem cedido. — Não acho que nada possa marcar a diferença. Mas quero que o Simon seja apanhado. Quero-o morto pelo que fez ao Piet e pelo que nos fez a todos. Sempre que fecho os olhos, vejo a crista naquela noite e não sei se alguma vez voltarei a conseguir dormir.

— O Jeremy há-de encontrá-lo — disse Sarah. — Temos de aguentar, Han, manter-nos fortes por mais algum tempo.

— Ah, estou completamente exausta. — Hannah reclinou-se, deixando lentamente escapar lágrimas das pálpebras cerradas. — Esgotada. Não sei que fazer... Alguma vez serei capaz de alguma coisa? Porque fui eu que o meti aqui. Meti-o em nossa casa e destruí tudo.

— Não podes pensar assim — disse Anthony. — Não foste só tu, Hannah. Ele enganou toda a gente. A culpa não foi tua.

— Foi sim — disse ela obstinadamente. — Se eu não tivesse corrido com o Lars. Se o Piet... — Não conseguiu continuar depois de mencionar o nome dele.

— Havemos de encontrar o Simon. — Sarah ajoelhou-se diante dela, olhando-a nos olhos. — Não vamos deixar de o procurar, não vamos desistir enquanto não o encontrarmos. Não é verdade, Jeremy?

A expressão do polícia era sombria. — Tenho o máximo de efectivos a trabalhar nisto — respondeu. — Homens bons e experientes. Tenho gente na reserva e nas *townships*³ a fazer perguntas. Mais cedo ou mais tarde havemos de descobrir alguma coisa. — Levantou-se e pegou no chapéu. Depois baixou-se e depositou desajeitadamente um beijo na face de Hannah. — Eu fico em contacto. Boa-noite.

No silêncio que se seguiu à partida dele, Sarah pigarreou. — Liguei ao Dan e à Allie esta tarde — disse. — A pedir para atrasar um pouco mais o meu regresso ao acampamento. Queres que eu fique?

Hannah acenou com a cabeça. Tinha-se mais uma vez refugiado no seu outro mundo e Sarah estava cada vez mais preocupada com o que aconteceria quando Anthony partisse e ela própria tivesse de voltar para Buffalo Springs. Por vezes mal conseguia dominar a necessidade de estar entre os elefantes, longe da atmosfera opressiva daquela casa. Para onde quer que se virasse em Langani deparava-se com ele, no primeiro plano da sua memória, nos objectos e nos locais familiares que haviam constituído o tecido da sua vida e da vida a dois que tinham planeado. Um par de botas, um livro, a camisola dele pendurada numa balaustrada nos estábulos, o seu impermeável no cabide atrás da porta do escritório. Sentia-se intensamente próxima dele, era quase capaz de imaginar que ele ia entrar em passos largos por uma sala dentro, empurrando o chapéu do mato para trás. No murmúrio de vozes, dava consigo a alimentar uma

expectativa irracional de que ouviria em breve a voz dele, a dirigir uma saudação ou a formular uma pergunta ou a dizer uma das suas piadas. Ou talvez o encontrasse à entrada de uma porta, lançando para trás a cabeça a rir. A realidade, quando a submergia, era insuportável. Por alguns preciosos segundos, imaginava a presença dele e o seu ânimo reavivava-se. Mas logo o peso morto da dor e da incredulidade voltava a abater-se sobre ela, sufocando-a com a dor.

O seu sofrimento era implacável, ocupando os seus pensamentos de dia e os seus sonhos de noite. Não era capaz de falar de Piet, de pronunciar o seu nome ou pensar nele, temendo asfixiar na sua desolação e nunca mais recuperar o controlo. Achava-se incapaz de chorar. As pessoas normais chorariam sem dúvida. Consentiriam a si próprias uma forma qualquer de libertação. Mas ela e Hannah haviam simplesmente cedido a uma espécie de paralisia. Uma espera silenciosa de que qualquer coisa mudasse. Por enquanto Hannah precisava dela e Sarah sentia que tinha de ficar. Mas não podia dar-se ao luxo de perder o emprego e cada vez mais ansiava pelo silêncio do mato e pelo dia em que pudesse sentar-se tranquilamente a observar a rotina intemporal dos elefantes e do mundo que habitavam. Os Briggs tinham-lhe assegurado que não havia pressa em voltar ao trabalho enquanto não estivesse preparada, mas seria injusto pedir para estar ausente muito tempo. A situação tornou-se mais complicada depois de Anthony partir e a despedida não decorreu como ela desejara.

— Já me despedi da Hannah — disse ele na manhã da partida. — São as duas muito bem-vindas a minha casa em Nairobi, sempre que quiserem, quer eu lá esteja ou não. Podia fazer-lhes bem passar uns dias na cidade pecaminosa.

— Obrigada — disse Sarah. — Obrigada por tudo, Anthony.

— Provavelmente vou estar com o George Broughton-Smith durante as próximas duas semanas — atalhou ele para evitar discursos de gratidão e despedidas chorosas. — Vou abordar a questão do financiamento para Langani. A Hannah precisa dele agora mais do que nunca.

— Sim. Se o vires, podes tentar saber notícias da Camilla? Sinto que a desiludimos, todos nós e eu especialmente. Devia ter telefonado mas não tive forças para isso. Estou a ver se ganho coragem para ligar. Ou talvez possas tentar encontrá-la. Eras muito especial para ela, sabes?

Anthony estava a tamborilar com os dedos na porta do carro e a sua expressão não foi muito encorajadora. Fora evasivo a respeito de Camilla e sentia-se claramente embaraçado.

— Ouve — disse ele, empurrando o chapéu para trás e coçando a cabeça —, a Camilla é uma das criaturas mais deslumbrantes do planeta. Mas, no fundo, pertence a uma classe muito diferente da minha. Como ela própria sempre frisou, eu não passo de um galago. Passo quase todo o meu tempo no *bundu* e nunca trocaria essa parte da minha vida por nada. Ela está no elemento dela na grande cidade... e a grande cidade não é sítio para mim. Passámos bons momentos mas depois chegou a altura de seguirmos caminhos separados.

— Disseste-lhe isso?

— Disse. Claro que disse. Não sou candidato à vida de casado com *totos* e tudo isso. Tentei entrar em contacto com ela em Novembro. Mas foi como tu disseste, ela não atendeu o telefone nem respondeu ao cartão que eu lhe mandei. Portanto, decidi retirar-me com elegância. Era mais fácil do que despedidas intermináveis e essa coisa toda...

— Mais fácil para quem? É mais fácil para quem não quer nada com o amor nem com compromissos, claro. — Olhou-o com ferocidade. — Uma criatura deslumbrante? Estilos de vida diferentes? Nunca ouvi treita semelhante! Sabias que ela estava apaixonada por ti e não te devias ter aproveitado disso.

— Eh, tem calma. Nunca a levei a acreditar que fosse alguma coisa mais do que um momento especial que aconteceu entre nós. Divertimo-nos os dois.

— Divertiram? E quando é que lhe disseste isso? No último dia das férias dela depois de lhe sacares tudo o que querias? Quando podias descartá-la como uma camisa que te fartaste de usar para poderes arranjar uma nova? Foi isso?

— Sarah, ouve, eu sei que as coisas não estão nada fáceis para ti agora e...

— Diz-me então, onde é que está o respeito pelos sentimentos dos outros no teu esquema das coisas? Nunca paras para pensar se poderás estar a magoar uma pessoa, a espreme-la até à última gota e a rejeitá-la como se nada fosse? Não acreditas no amor? No amor que transcende todos os obstáculos, que torna tudo possível? Sabias muito bem que era o

que ela sentia por ti. Mas não ligaste pevide a isso, pois não, Anthony? Divertiste-te enquanto te conveio e depois partiste para outra. *Curtir à grande e ninguém sai magoado*, como diz a canção. Mas alguém saiu magoado! Muito magoado. Só que ela foi provavelmente demasiado orgulhosa e estava demasiado ferida para te dizer e tu foste demasiado egoísta e frívolo para perceber.

— Não estou preparado para assumir compromissos — repetiu ele. — Para uma relação exclusiva.

— Nesse caso, não devias tê-la induzido em erro. Mesmo tu deves ter percebido que para ela era diferente, que te amava. Isso não é coisa que se malbarate ou se trate de ânimo leve. — Sarah estava incapaz de estancar a torrente de fúria e as lágrimas que tinham começado a encher-lhe os olhos. — É a coisa mais preciosa que uma pessoa pode ter ou dar. E tu devias pelo menos ter reconhecido que era algo que merecia gratidão. És um patife rematado, Anthony.

— Sarah, estás transtornada. Não admira, com tudo o que se passou. Não estás a ser...

— Toma, tenho aqui uma coisa para ti — disse ela, pegando na fotografia que tinha tirado de Camilla e Anthony no acampamento em Samburu. — Foi o Piet que disse que ta devia dar, lembras-te? O que ela te ofereceu não foi um bem de segunda escolha. Foi uma dádiva inestimável que não mereces voltar a encontrar. Leva isto para não te esqueceres. — Enfiou-lhe a fotografia nas mãos. — Da parte dele e da minha parte.

Ele ficou a olhar para ela, boquiaberto, enquanto Sarah fugia para o jardim. Depois entrou no jipe e pôs o motor a trabalhar. Na poeirada que levantou, não a viu a correr atrás do carro, acenando e gritando.

— Anthony! Anthony, pára! Espera por favor... desculpa. Sinto muito.

Estacando no caminho, os braços frouxamente caídos, ficou a pensar como tinha sido capaz de o sujeitar a tal diatribe depois de tudo o que ele tinha feito nos últimos dez dias. Horas mais tarde, ainda se censurava quando se foi deitar. Ao apagar a luz, a cara de Simon invadiu-lhe o pensamento. Recordou o seu súbito sorriso ao aceitar o livro que lhe dera, viu o prazer nos seus olhos, os mesmos olhos que cintilaram quando se virou para ela na crista banhada pelo luar e apontou a lança à hiena. Os sons da noite, as restolhadas furtivas e os rangidos da casa que outrora

amara e agora temia agigantavam-se à sua volta. Sentou-se e acendeu a candeia de parafina, os nervos em franja ao vislumbra as sombras a avolumar-se na luz crepitante. O ar frio da noite e a sua própria solidão atingiram-na com tal violência que se lhe cortou a respiração.

Desejava Piet, precisava de ouvir a sua voz, ver o seu rosto, sentir os seus braços a apertá-la. Aproximou-se da janela e fechou os olhos, revivendo-o, imaginando os seus braços a envolvê-la num forte abraço, levantando-lhe a cara na escuridão vazia para receber o seu beijo. Depois viu-se novamente na crista com o horrendo espectáculo dele amarrado no solo, com as órbitas a sangrar, voltando a sentir o odor fétido da hiena a encher-lhe as narinas quando se preparava para saltar. Soltou um grito e tapou a boca com a mão com medo de ser ouvida. Por alguns momentos ficou a tremer no meio do quarto. Depois pegou na candeia e saiu para o alpendre, dirigindo um aceno de cabeça ao vigilante nocturno e encaminhando-se para a sala de estar onde pegou no telefone. Ligou para o operador e esperou pela ligação, encostada à parede e ansiando ouvir uma voz.

— Está? — A voz era ensonada mas o sotaque cantado era inconfundível. Deirdre. Não era a voz que desejara ouvir. A sua própria voz falhou-lhe ao tentar falar.

— Deirdre, é a Sarah. Preciso de falar com a minha mãe ou o meu pai. Ou o Tim, se eles não estiverem. Com alguém. — Oh, Deus, rezou mentalmente, faz com que um deles esteja e fale comigo. Ajuda-me, por favor. Ajuda-me agora.

— Estão todos na cama, Sarah. É uma hora da manhã.

Oh, meu Deus, cala-te com a porcaria das horas e vai chamar alguém.

— São três horas aqui.

— Três? Passa-se alguma coisa, Sarah? Não pareces muito bem.

— Vai chamar alguém. Por favor.

— Um momento.

Sarah esperou, uma mão a pressionar a parede para se apoiar, a outra agarrada ao telefone, torcendo o cabo que a ligava ao conforto, por mais distante que estivesse.

— Sarah? O que foi, miúda? — Era a voz de Tim, familiar e reconfortante. — Que se passa?

— Tim? — Desfez-se em lágrimas de alívio. — Tim, estou constantemente a ter pesadelos, mas estou sempre acordada. E não consigo lidar com eles. Não aguento mais isto. Estou cheia de medo. Se pudesse pôr fim a isto agora, não hesitava. Sei que parece terrível, mas é como me sinto. Não consigo continuar. Ajuda-me, Tim, por favor. Fala comigo e ajuda-me.

As palavras dele envolveram-na, tranquilizadoras e carregadas de afecto ao procurar consolá-la. Não tentou persuadi-la a ir para casa mas concentrou-se em instilar-lhe algum equilíbrio, em puxá-la da beira do abismo em que ela se encontrava. Mais tarde, Raphael e Betty cumularam-na de palavras de amor e gradualmente a conversa passou a uma calma troca de notícias. Quando finalmente desligou, tinha os olhos secos e estava exausta e enregelada. Não recordava as suas palavras exactas, mas apenas que a tinham salvo da desintegração e podia assim encarar um novo dia e talvez mais depois desse. Um de cada vez. Não era vida mas sobrevivência. Era capaz de sobreviver e por agora teria de bastar.

Os dias tomaram um ritmo em que Sarah submergiu. Mike Stead era afectuoso nos seus esforços para ajudar e proteger Hannah e trabalhava com dedicação para manter a fazenda a funcionar sem atribulações. Mas não tinha o mesmo olho para o pormenor, o mesmo interesse ardente que Lars pusera no seu trabalho em Langani. Sarah entrou um dia no escritório e encontrou Hannah sentada ao lado do feitor com um maço de facturas na mão.

— Não queria maçar-la com tudo isto neste momento — estava ele a dizer —, mas o nosso saldo está a esgotar-se e temos de pensar em reforçar a tesouraria. Caso contrário, temos outra vez o banco em cima de nós. Por isso é que pergunto se tem planos para abrir o *lodge*. Estive lá há dois dias e já se nota uma certa deterioração. Os materiais naturais daquele tipo degradam-se rapidamente se não forem conservados.

— O *lodge* não vai abrir. Não sou capaz de lá ir. — A voz de Hannah soou estridente.

— É consigo, claro — disse Mike com compreensão. — Mas em breve vai ter de se debruçar sobre este outro problema. Voltamos a falar quando tiver oportunidade de reflectir. Encontramo-nos mais tarde na vacaria.

Depois de ele sair, Hannah sentou-se com a pilha de facturas na mão, de olhos fixos nelas, o olhar vidrado. Sarah puxou de uma cadeira e sentou-se.

— É muito má a situação, Han?

— Não fiz o balanço do mês passado e por isso não sei muito bem. — Hannah massajou os olhos cansados. — E não sei onde vou arranjar um feitor quando o Mike se for embora no fim do próximo mês. Já não tenho grandes certezas.

Sarah pensou nas palavras de Mike. Ele não era pessoa para exagerar as questões e ela compreendia que as construções de Piet não tardariam a começar a ceder à pressão das trepadeiras, a pedra rachada por raízes infestantes, as vigas roídas pelas incursões determinadas dos insectos e das intempéries. Teve uma visão vívida do *lodge*, em ruínas, a espreitar da selva sufocante. Como as ruínas de Gedi. Estremeceu. Mas era difícil ver como podia abrir sem um feitor profissional. Hannah já estava a assumir muitas das tarefas que haviam sido responsabilidade de Piet e de Lars e agora também teria de encontrar um substituto para Mike. Ao mesmo tempo, fora o sonho de Piet. Era igualmente o seu monumento e Sarah não suportava ver a sua realização desaparecer sem deixar rasto.

— Ele é capaz de ter razão, Han — disse. — O *lodge* representa uma grande quantidade de dinheiro e está ali vazio. — Viu o trejeito na boca de Hannah mas achou que devia continuar. — Não achas que o Piet havia de querer que o *lodge* fosse usado? Investiu nele tudo o que tinha. Era para ti e para mim também e para a vida selvagem. Lembras-te do que ele disse naquele último dia quando... — Calou-se.

Hannah estava de costas a olhar para o jardim. Não fez nenhum comentário. Sarah compôs-se e recomeçou com dificuldade.

— Se não queres que funcione como um *lodge* de safaris, então talvez possa tornar-se um centro de formação qualquer. Podias realizar cursos sobre vida selvagem e ornitologia. Sobre plantas, árvores e rios e por aí fora. Ou ensinar pessoas como o David que querem trabalhar em hotelaria. E as mulheres podiam aprender a produzir artesanato de melhor qualidade. Como a Camilla sugeriu quando estávamos em Samburu, lembras-te? Talvez pudesses convidar ornitólogos e couteiros famosos para dar palestras, a troco de honorários simbólicos e de uma semana de estadia no *lodge*. Podias criar uma fundação com o nome do Piet e conseguir

financiamentos externos para ela. Transformavas o *lodge* num memorial vivo ao Piet. Que dizes?

Hannah virou-se abruptamente. Os seus olhos estavam sem expressão, a boca revirada nos cantos. — Achas seriamente que eu devo transformar o *lodge* numa instituição de caridade para formar as mesmas pessoas que o mataram? Uma recompensa pelo assassinio dele? — O seu azedume permeou a pequena sala. — O Piet morreu lá. Foi retalhado em postas. E foram eles. Os pretensos irmãos e irmãs dele. Caçaram os animais furtivamente, chacinaram o nosso gado, assaltaram a nossa casa e mataram o meu irmão. E agora tu queres que eu transforme o que ele construiu numa coisa para eles. Estás doida? Perdeste completamente o juízo, Sarah Mackay?

— Nem todos são pérfidos, Hannah. Os teus *watu* não são responsáveis pelo que aconteceu. Não tiveram nada a ver com isso. Podias, aliás, começar por eles.

— Como é que algum de nós sabe quem esteve envolvido ou se algum deles ajudou o Simon? Ou até o meteu aqui? — perguntou Hannah, furibunda. — Deixas-te enganar facilmente, Sarah. És uma idealista como ele era. Mas eu já não confio num único destes cafres e nenhum deles há-de beneficiar com a morte dele. Nem um. Portanto este assunto está encerrado de uma vez por todas.

Saiu do escritório, batendo com a porta atrás dela. Sarah ficou chocada, prostrada com o seu antagonismo. Como tinha sido estúpida! Não devia ter abordado o assunto tão cedo. E talvez Hannah tivesse razão. Não podiam ter a certeza de que ninguém de Langani tivesse estado envolvido. Simon deve ter recebido ajuda. Encostou-se à secretária, esgotada. Este ciclo terrível nunca mais terminaria e toda a gente em Langani seria forçada a viver na suspeita e no ódio até que todo o empreendimento soçobrasse no solo africano? Ao sair do escritório, um dos cães, num gesto de consolo, enfiou-lhe o nariz húmido na mão e abanou a cauda, arrancando-lhe um sorriso.

Foi sentar-se no alpendre à porta do quarto e Mwangi levou-lhe um tabuleiro com chá. Os cães estavam deitados de cada lado da cadeira, fingindo-se adormecidos, o tremor das suas sobranceiras peludas traindo o interesse na bolacha que ela estava a comer. Só faltava o cão de Piet. Faltava Piet. Ele nunca mais chamaria pelo nome dela, cheio de sonhos,

de optimismo e de planos para o futuro. O futuro deles. Começou a chorar, o seu corpo sacudindo-se enquanto tentava impedir que a sensação de vazio que experimentava destruísse o seu precário autodomínio. Os cães levantaram os olhos, gemendo suavemente e lambendo-lhe a mão. Afagarlhes as cabeças macias e falar com eles ajudou-a a dissipar a angústia. Passado algum tempo, endireitou-se na cadeira e olhou o horizonte. Com um calafrio, apercebeu-se de que conseguia distinguir vagamente o contorno da crista. Teria de lá ir um dia. E ao *lodge*. Era uma coisa que teria de enfrentar para que os pesadelos acabassem. Parte do processo de aceitar. Mas ainda não. Ainda não era capaz disso. Só de olhar para os limites da paisagem sentiu-se doente e mais uma vez as recordações submergiram-na.

Ficou aliviada quando Hannah a convidou para ir andar a cavalo na manhã seguinte. Dirigiram-se aos estábulos num silêncio tenso. Sarah pegou nas rédeas do cavalo castanho das mãos do *syce* e concentrou-se a apertar a cilha, tentando não pensar nas gargalhadas joviais de Kipchoge quando selava os cavalos. Hannah rodou a montada e saíram a trote do pátio. Era a primeira vez que andavam a cavalo sem Piet. Foi Hannah quem marcou o passo quando atingiram campo raso, galopando através da erva rasteira. Quando pararam à sombra de uma figueira-brava e desmontaram, ela tirou uma garrafa-termos e canecas do alforge e serviu café.

— Quero pedir-te desculpa por ontem — disse. — O que eu disse foi horrível. Sei que estavas a tentar ajudar e sem ti não seria capaz de continuar. Tenho tentado pensar nele, no que devo fazer, mas não consigo. Não sei que mais posso dizer excepto que sinto muito.

Levantou os olhos e Sarah viu as lágrimas não derramadas nos seus olhos e a sua boca contraída para manter o controlo. Estava a agarrar a crina do cavalo e o animal mexia a cabeça, inquieto.

— Vais ter de deixar que alguém te ajude, Han — disse Sarah. — Tens de começar a viver outra vez. Não da mesma maneira, porque todos nós mudámos para sempre. Mas tens de começar.

— Estou encurralada! — Era um grito de desespero. — Num sítio escuro e não consigo escapar. Está sempre presente, a engolir-me. Pensei que era capaz de gerir a fazenda, mas é de mais só para mim e não sei o que vou fazer.

Estava a olhar na direcção da crista, à distância, e Sarah estremeceu, partilhando o tormento das visões que não se dissipavam. Estendeu a mão mas Hannah retraiu-se e afastou-se.

— Já pensaste em pedir ao Lars que voltasse?

— Não! — Hannah mostrou-se horrorizada. Partiu um galho de um arbusto e bateu furiosamente com ele no solo. — Nunca podia pedir ao Lars que voltasse. Nunca!

— Porque ainda sentes alguma coisa pelo Viktor? — perguntou Sarah.

— Não, que ideia! — Hannah espetou no solo o pau, que se partiu com um estalido seco. — Para ser franca, acho que os meus sentimentos por ele nunca foram muito profundos. — Abanou a cabeça. — Ele chegou numa altura em que tudo à minha volta era complicado. Com o assalto e tudo isso. Precisava de um escape da depressão, da solidão e do medo. E nesse momento o Viktor apareceu. — A sua expressão era triste. — Foi mais o meu amor-próprio que ele feriu do que qualquer outra coisa. Umas quecas com uma rapariga do campo aquiescente. Era fantástico na cama mas nunca me fez promessas. — Voltou a bater com o pau no chão. — Eu é que fantasiei as coisas para lhes dar a aura de um grande romance. Mas passou-se tudo na minha cabeça. — Baixou os olhos para as mãos, enclavinando os dedos. — Ouve — disse abruptamente —, preciso de te dizer uma coisa, Sarah. Não falei antes porque não sabia como.

Sentou-se numa pedra e fixou o chão por alguns momentos, franzindo a testa. Sarah esperou que ela continuasse, mas Hannah puxou um caule de erva da respectiva vagem e mascarou a ponta enquanto ordenava as ideias. Quando começou a falar, as palavras saíram como se fossem explosões intermitentes de artilharia.

— Quando me meti no carro e fui a casa do Viktor em Nairobi naquela noite... a noite em que o apanhei com a mulher negra... ia com uma ideia. Havia uma coisa que lhe queria dizer. — Enterrou a cabeça nas mãos, incapaz de continuar.

— O quê? — incitou Sarah. — O quê, Han?

— Que não me tinha vindo o... que pensava que estava grávida. — A voz de Hannah era quase inaudível.

— Um bebé? Vais ter um bebé? — Sarah estava estupefacta. — Quando? Quantas semanas? Como é que ele reagiu?

— Não cheguei a dizer-lhe nada. Quando vi a maneira como ele olhou para mim, percebi que não tinha a mais pequena importância para ele. Por isso nunca lhe disse. — O seu sorriso era retorcido e triste. — Ele ter-me-ia mandado livrar-me dele. Pensei nisso, mas tive medo e não fui capaz. O bebé tem agora mais ou menos dois meses e não sei como me vou desvencilhar. Também nunca disse ao Piet. Quem me dera ter-lhe dito, mas agora nunca há-de saber porque está morto. — Hannah torceu as mãos e começou a chorar, um som plangente como uma criança perdida. — Não sei que fazer. Também não disse nada à minha mãe porque pensei que ela ia ficar louca. Que me ia dizer que fui descuidada e estúpida. E fui. Se calhar devia fazer um aborto, Sarah. Ainda não é tarde de mais. Porque agora estou por minha conta. Não tenho ninguém para olhar por mim, quanto mais por um bebé.

— Não podes fazer um aborto. — Sarah estava horrorizada. — É o teu filho, Han. Sim, o Viktor é o pai e é um biltre, mas tu pensaste que ele te amava e é o teu filho. Toda a gente vai adorar esse bebé, Han, porque é teu filho ou tua filha. Nunca te perdoarias a ti própria se fizesses um aborto. E, além disso, quero ser a madrinha e estragá-lo com mimos.

— Oh, Sarah, eu sei porque é que dizes isso de fazer um aborto. Mas não acredito em muitas dessas tretas que as freiras nos diziam. Não sou católica como tu. Sou uma rapariga africânder do campo que vai ter um bebé sem pai. Sem marido. É diferente.

— Não, não é nada — retorquiu Sarah. — É uma nova vida, um novo ser humano para amar. E a Lottie não vai ficar zangada nem escarnecer, vai reagir exactamente como eu. Vai ficar feliz porque o teu filho vai acabar com a tristeza. Vais ser a melhor mãe do mundo, Hannah. Eu sei que vais.

— Não. Acho que não sou capaz. — Hannah limpou novas lágrimas com as costas da mão. — Tornas as coisas sempre muito simples quando não são. Daqui a pouco vais-te embora para Buffalo Springs. E eu fico aqui presa em Langani, sozinha, a tentar dirigir a fazenda e o resto. Não posso olhar por um bebé ao mesmo tempo. E o Mike Stead está de partida em breve porque eu não posso pagar-lhe um bom ordenado. Estou a ver se arranjo outra pessoa mas é difícil.

— Alguém como o Lars — tentou Sarah novamente.

— Eu dei cabo de tudo com o Lars. Perdi o feitor mais competente que há e destruí a nossa amizade — disse Hannah. — Teríamos feito uma grande equipa se eu não me tivesse descontrolado. Mas agora é tarde de mais. Nem sequer tivemos notícias dele desde que partiu. Ele nunca mais na vida há-de querer pensar em Langani. Disso pelo menos não há dúvida.

— Não sei, Han. Podias tentar convencê-lo a voltar — disse Sarah. — Acho que ele voltava...

— E que é que eu dizia? — interrompeu Hannah com algum azedume. — «Queres voltar para dirigir a minha fazenda, Lars? É que vou ter um bebé de um homem que se divertiu à minha custa. Por sinal, é exactamente o mesmo homem contra quem me preveniste quando eu te mandei embora. Mas estou certa de que não te importas de ajudar, agora que me meti nesta confusão.» É isso que devo dizer, é?

— Talvez tenhas de usar de um bocadinho mais de tacto e de uma grande dose de humildade. — Sarah estava a sorrir. — O que não é a tua qualidade mais forte.

— O Lars não é nenhum santo, Sarah. Estava a trabalhar aqui e estava apaixonado por mim e eu ia para a cama com outro debaixo daquele narigão de norueguês. E depois expulsei-o. Ele tem o orgulho dele, não sei se sabes.

— Eras capaz de ficar surpreendida — Sarah insistiu.

— Ele não ia querer trabalhar para mim, sabendo que eu ia ter um filho do Viktor. — Hannah desenhou um círculo na terra poeirenta. — Não vejo nenhuma razão para ele querer ter alguma coisa a ver comigo. Ou com a fazenda. E quem pode censurá-lo?

— Não podes ter a certeza disso — disse Sarah obstinadamente.

— Sarah, isso não passa de uma das tuas fantasias — contrapôs Hannah. — Não acredito que pudéssemos voltar a ser amigos ou a trabalhar juntos. Não posso falar com o Lars. Nem sequer sei onde ele está.

— Então havemos de arranjar outra maneira de as coisas funcionarem — disse Sarah. Percebia que o tópico de Lars era demasiado angustiante. — Juntas conseguimos resolver tudo. Como sempre prometemos uma à outra. Amo-te, Han — disse Sarah.

Enquanto Hannah fazia a sua visita da tarde à vacaria, Sarah foi ao escritório e sentou-se à secretária. Estava coberta de papéis, contas e listas de tarefas, poucas das quais tinham sido dadas por concluídas. Encontrou a lista telefónica e folheou-a apressadamente. Só havia um Olsen em Kiambu e ela fechou a porta antes de marcar. Depois de falar com o tio de Lars, marcou outro número, desta vez pedindo ao operador uma ligação para a Noruega. A conversa foi uma luta. A mãe de Lars não falava inglês fluentemente e Sarah demorou algum tempo a compreender que ele tinha partido para a Dinamarca, no dia a seguir ao Natal, para visitar a irmã que lá vivia. Sarah pousou o auscultador, receosa que Hannah voltasse para casa e descobrisse o seu plano. Ligou novamente e cerrou os dentes enquanto o operador internacional comentava que nunca tinha estabelecido ligações para nenhum desses países. Estava com vontade de conversar. Sarah tamborilou com os dedos. Por fim, a voz de Lars apareceu na linha.

— É a Sarah — disse ela. — Tenho uma notícia terrível para te dar.

Ele escutou e Sarah ouviu então as lágrimas na sua voz enquanto ele falava sobre o amigo, perguntava por Hannah e começava a chorar descontroladamente.

— Como estão as coisas contigo, Lars? — perguntou por fim.

— Este país agora parece-me minúsculo depois de ter estado fora. E demasiado frio. — Tentou rir. — Estou a pensar na Austrália.

— Considerarias voltar para Langani? — perguntou Sarah. — A Hannah precisa de alguém.

— Não podia ser eu — disse ele. — Ela tornou isso perfeitamente claro.

— A situação mudou.

— Ela quer ver-me?

— Está com medo. — Sarah fez uma pausa, fechou os olhos e mergulhou. — Está grávida, Lars. — Sentiu o choque dele, ouviu-o suster asperamente a respiração e arrastar uma cadeira em que se sentou pesadamente. — Lars?

— O filho é desse homem?

— É.

— Então, onde é que ele está?

— Acabou tudo. Acabou tudo antes de ela saber que estava grávida. E não lhe vai dizer.

— Lembrou-se então de mim. Mas tens de lhe dizer que não.

— Ela não sabe que te estou a ligar. — Sarah estava desesperada, consternada com o seu rancor. — Compreendo a tua reacção, Lars, a sério. Mas peço-te que consideres.

— Não sou assim tão bonzinho, Sarah. Espero que as coisas lhe corram bem, mas nesta situação não a posso ajudar. É pedir demasiado.

Falaram durante mais alguns minutos mas Lars não cedeu. Não podia voltar para Langani.

Três dias mais tarde, telefonou de Nanyuki. — Podes vir até aqui encontrar-te comigo? — pediu a Sarah na sua voz pausada. — Não quero trabalhar em Langani mas talvez possamos conversar.

— Hannah, importas-te de me acompanhar a Nanyuki esta tarde? — Sarah procurou em vão imprimir uma certa casualidade à voz.

— Para quê? — Hannah levantou os olhos do razão, com uma expressão abatida e olheiras pronunciadas. — Não me apetece ir agora a Nanyuki. Não me quero encontrar com pessoas. Ouvir todos esses discursos deprimentes e ver como ficam sem jeito quando me vêem. Vai tu, se tens de ir.

— Não quero ir sozinha. Por favor, Han.

Entraram na cidade e estacionaram no Silverbeck. Sarah recordou a primeira vez que ali tinha estado, a caminho de Buffalo Springs quando a vida era gloriosa e carregada de promessas. Desligou a ignição e encarou Hannah.

— O Lars está cá — declarou. — E tu vais pedir-lhe que volte para Langani e vais contar-lhe toda a verdade.

O choque e a fúria foram as primeiras reacções de Hannah mas, ao fim de alguns minutos, abriu a porta sem uma palavra e entrou no hotel, as feições duras como granito. Sentia dificuldade em respirar. A sua boca estava seca e custava-lhe engolir. De onde é que ele tinha aparecido? Ter-lhe-ia Sarah pedido que viesse e, se sim, que é que ele sabia? Que lhe podia dizer? Parou e virou-se para a entrada. Sarah observava-a do jipe, articulando palavras na sua direcção. *Diz-lhe*. Hannah virou-se de novo e deu com ele ao seu lado. Sentaram-se a uma pequena mesa no salão com vista sobre o jardim.

— Sinto saudades dele — disse Lars. — Não consigo acreditar que tenha morrido. Imagino como está a ser para ti. Ou para a Sarah. Oh,

Hannah...

Ela não queria chorar. Não queria sentir a culpa corrosiva que a assaltava sempre que pensava em Lars. Se não o tivesse mandado embora... o seu espírito recusava-se a concluir a ideia. Custava-lhe engolir.

— Estás com bom aspecto — disse ela, apercebendo-se de que era uma observação fútil e ineficaz e fazendo-a seguir de outra. — Não estava à espera de te encontrar.

— Como estão as coisas na fazenda? — perguntou ele.

Hannah olhou em volta, em pânico. Viu Sarah ainda no jipe, não fazendo qualquer menção de ir ter com eles. — Está tudo a andar — respondeu. — Tudo bem. Não. Não está nada bem. Preciso de te perguntar... estava a pensar... enfim, há uma coisa que tenho de te dizer.

Estava perdida. Lars escrutinou atentamente o copo de cerveja e não levantou os olhos. Hannah endireitou-se e esticou o queixo na atitude de desafio que lhe dava tantas parecenças com o pai. — Ouve, Lars — disse —, preciso de te dizer uma coisa.

Sarah via-os à distância, rigidamente sentados em lados opostos da mesa. Começou a rezar em silêncio: *Não a deixes deitar tudo a perder. Não o deixes rejeitá-la. Por favor, meu Deus, deixa que ao menos uma coisa boa saia disto. Por favor! Não o deixes ir-se embora.*

Tinham passado vinte minutos quando Hannah apareceu ao pé do carro, o rosto pálido, os olhos vermelhos.

— Han? Estás bem? — Sarah sentiu um baque no coração.

— Conte-lhe tudo, como sugeriste. Convidei-o mesmo assim a gerir a fazenda. Disse-lhe que precisava dele, pedi desculpa por tudo o que tinha acontecido. E ele disse que aceitava por um período experimental. Alguns meses. Para ver se as coisas funcionavam. Quer viver na casa pequena onde o Mike está agora. Não na casa grande como antes. Mas vai voltar. Diz que devemos ir tomar chá com ele.

Na noite em que Lars regressou a Langani, Sarah conseguiu dormir pela primeira vez. De manhã, percebeu que podia agora regressar a Buffalo Springs. Podia observar os seus elefantes a mover-se na árida beleza da paisagem setentrional, seguindo as pistas através do mato espinhoso,

numa procissão deliberada em direcção ao azul das montanhas distantes. Ali, na fazenda, não haveria paz enquanto Simon não fosse apanhado e levado à justiça e ela não podia apressar o processo. Levantou os olhos para o límpido céu azul, rebuscando nas suas magras reservas de coragem antes de se lançar no que decidira fazer.

— Vou estar fora quase todo o dia — disse a Mwangi. — Diz à *memsahib* Hannah que estou de volta ao fim da tarde.

As suas mãos tremiam ao pôr o jipe a trabalhar e ao afastar-se de casa pelo caminho privado. O trilho não fora usado recentemente e a chuva tinha criado um ziguezague de fissuras no piso e esboroadas as bordas de forma que as rodas levantavam chuviscos de areia e seixos enquanto o carro avançava pela subida. Os ramos raspavam nas portas e o arranhar dos espinhos na pintura causavam-lhe apreensão. No cimo do trilho, estacionou o carro e seguiu a pé, ofegando um pouco com a subida íngreme e a ferocidade do sol. No cume da crista estacou, limpando o suor da testa e olhando a savana pintalgada de nuvens.

Sentou-se na pedra, onde se tinha encostado a Piet, e contemplou o mundo que ele amara. À sua volta reinava a harmonia do canto das aves e dos gafanhotos. Ainda havia uma zona escura onde ardera a pira fúnebre e Sarah sentiu que, a cada inspiração, o absorvia enquanto ele vogava por sobre a crista, eternamente presente mas perdido para sempre. Agora que estava ali com ele, não sabia que dizer ou fazer. Talvez não houvesse necessidade de palavras porque ele saberia que ela viera despedir-se. Agora a sua consciência dele nunca mais se alteraria. Não veriam os seus filhos crescer na terra onde deveriam ter estado as suas raízes e jamais envelheceriam juntos, cegos às rugas, à perda de memória e à debilidade crescente um do outro.

Pouco depois, estendeu-se ao sol e fechou os olhos. Não antevia qualquer perigo dos animais selvagens, embora fosse possível que alguns antílopes-anões ou antílopes-pongos a estivessem a observar da camuflagem do mato circundante. Não lhe fariam mal e, com aquele calor, os predadores estariam a dormir. Piet protegê-la-ia. Tinha a certeza. Por um instante, ouviu o som da sua voz no vento, viu o seu rosto na dança do sol e das nuvens. Depois nada. Quando abriu novamente os olhos e olhou para o relógio, ficou surpreendida. Tinha adormecido e tinham passado mais de duas horas. Soprava uma brisa forte e o céu estava cinzento e

salpicado de nuvens escuras que corriam velozes sobre ela, dando a impressão de que as árvores lhe iam cair em cima, ali deitada sobre a pedra. Levantou-se e ajeitou a roupa. Em seguida, dirigiu-se ao lugar onde o tinham cremado.

— Agora vou partir — disse numa voz doce, carregada de amor e mágoa. — Tenho de te deixar por algum tempo, embora não me sinta pronta. Mas acho que é a única coisa que posso fazer. É o que devo fazer. Por favor, olha pela Hannah e traz-lhe paz. Sei que estarás comigo para onde quer que eu vá e que não tenho de te dizer adeus. Nunca te direi adeus.

As suas lágrimas tinham agora rompido e ela baixou-se para apanhar um punhado de terra queimada que meteu ao bolso. Depois afastou-se da crista num passo incerto, escorregando no caminho íngreme, agarrando-se a ramos secos e espinhosos para não cair. Quando chegou ao jipe, sentiu as primeiras gotas de chuva. As nuvens tinham-se juntado e a luz rosada de um relâmpago rasgou o céu. Ao descer a escarpa, ouviu o ribombar de um trovão, o veículo avançando aos solavancos pelo terreno acidentado e derrapando perigosamente perto da extremidade do penhasco no qual o trilho fora escavado. As árvores agigantavam-se sombrias e descarnadas na torrente de água que fustigava o pára-brisas. Minutos depois estava a derrapar na estrada, conduzindo o mais depressa que podia para evitar ser engolida pela lama. Uma vez teve de sair sob a chuva torrencial e enfiar galhos debaixo dos pneus, sustendo a respiração enquanto eles giravam e resvalavam antes de ganharem um ponto de apoio. Quando finalmente chegou a casa, estava encharcada e salpicada de lama.

— Sarah! Onde estiveste? Já me preparava para ir à tua procura. — Lars pegou-lhe pelo braço. — Pensei que estavas atolada aí em qualquer lado. Vamos ter uma noite de temporal, é mais que certo. Houve um telefonema para ti. A Hannah diz-te. Despacha-te e veste roupa seca.

— Um telefonema?

— Mais tarde, senão ainda apanhas um resfriado.

Depois de tomar um duche e vestir um par de calças e uma camisola, voltou para a sala de estar. Hannah estava sentada à lareira, mas não reagiu ao sorriso de Sarah.

— Entrei em pânico quando começou a chover — disse ela. — Não sabia onde tinhas ido e estava com medo que ficasses presa em qualquer

lado toda a noite.

— Lembrei-me de ir dar uma volta para ver alguns animais. Tirar algumas fotografias — respondeu Sarah. — Quem é que me telefonou?

— Foi o George Broughton-Smith. — Hannah estava com uma expressão carrancuda. — Disse-lhe que não estavas. Ele queria vir visitar-te. Falar com nós as duas. Mas eu disse-lhe que não. Não o quero aqui, nem agora nem nunca. Por isso, se quiseses falar com ele, tem de ser noutro sítio.

— Ele disse alguma coisa sobre a Camilla?

— Não me demorei o suficiente para isso. Soube o que aconteceu aqui. Apareceu nos jornais todos em Inglaterra, portanto ela também deve saber. Mas nunca escreveu nem pegou no telefone.

— Ele deixou algum número?

— Não. — Hannah olhava para o fogo com os punhos cerrados.

— Hannah? — Sarah fez uma breve pausa, à espera de uma resposta. Mas não a recebeu. — Han, fui até à crista hoje. Fui ver o Piet. — A sua garganta contraiu-se e os olhos encheram-se de lágrimas ao pronunciar o nome dele. Hannah virou-se bruscamente para olhar para ela com olhos estranhamente brilhantes, mas não falou. — Acho que chegou o momento de me ir embora, Han. Voltar ao trabalho. E tu precisas de tempo e espaço para ti própria. O Lars está cá e vai ajudar-te e eu não vou estar longe. Hei-de vir sempre que precisares de mim ou podes tu visitar-me no acampamento. Sempre.

Silêncio. Hannah cruzou os braços sobre o peito como que para se proteger. Os seus olhos dardejaram em direcção à porta no momento em que Lars entrava. Olhou intensamente para ele, quase como se nunca o tivesse visto.

— A Sarah vai-se embora — disse ela. A sua expressão era inescrutável.

— Lars, inicialmente pensei em ir na próxima semana. Mas, a não ser que tenhas alguma coisa de especial para eu fazer aqui, preferia partir amanhã. — Captou o seu olhar surpreso. — Volto brevemente. Para passar o fim-de-semana ou assim.

— Ótimo. — Hannah endireitou os ombros. Era evidente que estava a fazer um esforço. — Um dia faço-te uma visita. Quando isto se resolver. Mas para já tenho de ficar aqui e esperar. Como é que vais?

— O Dan ou a Allie podem apanhar-me em Nanyuki. Um deles vem amanhã para comprar provisões.

— Ótimo — repetiu Hannah. — Podes levar o meu jipe e deixá-lo no Silverbeck. Eu e o Lars vamos lá buscá-lo mais tarde. Tens de levar hortaliças de Langani, e ovos, mel e compota para te alimentares nesse deserto, eh? De manhã, ajudo-te a preparar as coisas.

A manhã ia a meio quando Sarah saiu da fazenda. Demorou-se um pouco no caminho privado com Hannah, falando de banalidades e atrasando o momento da partida. Quando por fim se abraçaram, Hannah furtou-se apressadamente ao contacto e afastou-se. Era impossível aferir os seus sentimentos, mas Sarah experimentou uma sensação de liberdade ao deixar a fazenda onde o vaivém das emoções de Hannah reflectia as suas próprias emoções. Era demasiado doloroso assistir àquilo.

— Eu tomo conta dela — prometeu Lars, ao fechar a porta do jipe. — Acho que está a começar a recompor-se. É o que espero, porque em breve vamos ser obrigados a tomar decisões de peso e eu não posso tomá-las sozinho.

— Referes-te ao *lodge*?

— Está muito capital da fazenda empatado nele e vamos ter um problema de liquidez sério se não o abrirmos. Ou alugarmos, em alternativa.

— Essa ideia é terrível.

— Eu sei. Tentei abordar o assunto com ela, mas ainda é cedo. — Sorriu e apertou-lhe a mão. — Não te preocupes, hei-de arranjar uma solução. Agora vai trabalhar. É a melhor coisa que podes fazer por ti própria e pela Hannah também. A vida aqui há-de estar melhor da próxima vez que vieres.

Ela viu-o pelo espelho retrovisor, no relvado de Lottie, até passar a curva do caminho e deixar a fazenda para trás.

³ *Township* – áreas residenciais destinadas à população não-europeia, próximas das zonas rurais. (*N. do E.*)

CAPÍTULO 28

Rodésia, Fevereiro de 1966

Jan van der Beer deteve-se na escassa sombra da saliência de uma escarpa. Estava sem fôlego, exausto com o calor inclemente. Limpou a cara e o pescoço e sacudiu com um movimento os fios de suor que lhe escorriam nas costas, por baixo da camisa. A água que estava a beber tinha um sabor salobro mas ele sorveu-a, limpando as últimas gotas do queixo por barbear com as costas da mão. Depois remexeu no casaco de caça e tirou o frasco de *whisky*, virando as costas aos companheiros enquanto bebia avidamente. A patrulha avançava num andamento rápido desde a alvorada, mas a temperatura e o brilho intenso e ofuscante do meio-dia obrigara-os finalmente a parar. O rasto que seguiam tinha desaparecido temporariamente, na crista coberta de pedras, e os batedores estavam à procura de sinais de passagem humana recente no mato rasteiro. Jan observou-os em silêncio, praguejando entre dentes, ressentido pelo facto de andar mais uma vez no mato com o primo, atrás do bando que atacara a fazenda dos Maartens. Tinham assassinado um casal de idosos e pegado fogo à casa e às construções agrícolas, antes de se embrenharem na selva que se estendia até à fronteira com a Zâmbia. O criado dera o alarme, correndo pela escuridão até à fazenda seguinte. Eram quatro da manhã quando o telefone tocou no *bungalow* de Jan.

— Temos mais sarilhos — disse Kobus. — O velho Maartens e a mulher foram mortos. Estou a organizar uma patrulha. Partimos daqui a uma hora para apanhar os cabrões.

Saíram antes do raiar do dia, tirando partido da temperatura fresca e avançando lentamente de início para que os batedores não deixassem escapar nada de importante na luz fraca. Agora era meio-dia e o calor era intolerável. Jan não tinha a mais pequena dúvida de que os assassinos eram insurgentes de um dos partidos políticos negros proibidos pelo

primeiro-ministro. Desde a retumbante vitória eleitoral da Frente Rodesiana de Ian Smith, a maioria dos líderes negros da oposição fora encarcerada. As excepções eram aqueles que tinham fugido pela fronteira para a Zâmbia, onde formaram grupos de guerrilha que organizavam assaltos armados frequentes ao seu país de origem.

— Isto é temporário, pá — disse Kobus van der Beer quando Jan exprimiu pela primeira vez dúvidas acerca da política dura do governo. — O Smith compreende estes *munts* que organizam estes ataques. Querem meter medo aos brancos para correr com eles, mas ele conhece as suas limitações. Não vai dar o direito de voto aos negros e trair o país. Nós sabemos o que estamos aqui a fazer e não vamos ceder, como aconteceu no Quénia. Entregar as nossas fazendas aos cafres.

— Deram-lhes terras suficientes para os calar — disse Jan. — Foi uma decisão política que talvez funcione com o tempo.

— Nunca há-de funcionar — respondeu Kobus com irritação. — Estes cafres só querem estar de papo para o ar e cultivar o suficiente para uns dias de comida ou comprar mais gado que não podem alimentar. E na minha terra não vão fazer nada disso. Vou formar uma patrulha com os vizinhos. Havemos de apanhar os cabrões quando vierem atacar as nossas fazendas. Mostrar-lhes quem é que têm pela frente. Tu és o meu capataz, pertences à minha família, Jan. E enquanto aqui estiveres, espero que dêes o corpo ao manifesto.

— Não vieste para aqui para combater a guerra dos outros — objectou Lottie quando Jan foi convocado para a última patrulha. — O Kobus pode dizer o que lhe apetecer mas tu sabes muito bem que isto não passa do começo da confusão aqui.

— Tenho de ir com ele. Para proteger a terra dele e impedir que gente como nós seja assassinada durante a noite.

— Perdemos o nosso filho, Janni, por causa de uma disputa de terras. — Lottie não conseguiu controlar a voz e agarrou-se ao braço dele, sacudindo-o e obrigando-o a olhar para ela. — Não tentes fugir ao que eu estou a dizer. Ambos sabemos porque é que mataram o Piet. Não aprendeste nada? Ou estás determinado em ir para o mato para também seres morto?

— Aprendi que os sonhos do Piet nunca poderiam ter durado porque estes cafres estão-se nas tintas para a cooperação e para a paz. Querem

pôr-nos a mexer das terras que são nossas ou matar-nos.

— Esta terra não é nossa, Janni. Se queres lutar, então volta e ajuda a Hannah a proteger a nossa fazenda. Por aqui não temos nada a ganhar a não ser a tua destruição. E a minha também. Neste país não existe esperança porque não existe um meio-termo. Estes rebeldes têm dinheiro e armas que lhes são dadas por outros Estados africanos e por países comunistas. Alguns estão a ser mandados para a Rússia e para a China para serem treinados. A situação está feia, Janni. Devíamos voltar para o Quênia, onde nasceste. Cometemos um erro terrível.

Mas ele não podia ir. Não podia regressar ao lugar onde andara a rastejar nas florestas frias e vivera como um animal, onde passara noites alerta ao mais pequeno estalido dos bambus ou ao movimento assustado de um animal que indicasse fugitivos em marcha — homens que tinha de perseguir e matar. Nunca mais esqueceria a visão do corpo brutalmente mutilado do irmão, com as moscas a zunir numa nuvem negra em redor da cabeça meio decepada. Ainda via os homens com as suas peles de animal, acorados em volta da fogueira, a comer e a rir à luz da madrugada. A rir enquanto ele sucumbia à loucura. Não podia voltar para Langani onde o fantasma do filho perseguiria cada um dos seus passos e a filha o olharia com ódio mudo. Pegou no *whisky* e bebeu pela garrafa, ouvindo os soluços da mulher atrás da porta do quarto. Depois saiu para ir ter com o primo.

Kobus van der Beer exultava com a patrulha de autodefesa que tinha montado com os vizinhos e as suas incursões estavam a tornar-se cada vez mais frequentes. O homem alardeava o número de rebeldes a que tinha dado caça e os castigos severos dispensados. Jan fora exigente com os seus serviçais em Langani, rápido a desembaraçar-se de qualquer trabalhador que o enganasse ou não respeitasse as regras. Mas fora sempre justo, distribuindo rações de comida, dinheiro para educação, bons conselhos e cuidados médicos ao pessoal. O primo lidava com os prevaricadores como se fossem animais, expulsando-os da sua terra, gritando com eles e atirando os seus pertences para fora das cubatas, deixando-os destruídos e dispersos pela poeira. Jan já o vira espancar homens que apanhava a dormir nas plantações de tabaco. E desde que os ataques à fazenda tinham começado, Kobus estava no seu elemento. A sua patrulha saía armada até aos dentes e pronta a ir «caçar cafres», como ele

dizia. O homem tinha um prazer macabro em matar as suas presas. As objecções iniciais de Jan resultaram em ameaças veladas de despedimento. E desde a morte de Piet, já não queria saber.

— És preciso aqui, homem — disse Kobus. — Estes *terrs* não são diferentes do que matou o teu filho.

Kobus estava agora a gritar instruções ao grupo para que se aprontasse para partir. Jan cuspiu para o pó e enterrou o chapéu na cabeça quando o primo se aproximou. Sorveu um último gole pela garrafa de água e bebeu em seguida outro trago de *whisky*, sabendo perfeitamente que era uma loucura beber a meio do dia. A combinação do calor e do álcool sugar-lhe-ia todas as energias e aumentaria a sua sede. Mas a bebida mitigava a sua infelicidade. Era a única forma de conseguir coragem para continuar. Jurou que quando toda a conturbação política acalmasse se emendaria. Até lá, o álcool era o carburante que mantinha as suas pernas em movimento e impedia que a sua vida se desintegrasse. O batedor assinalou que tinha descoberto a nova direcção dos homens perseguidos e a patrulha avançou em marcha rápida, através do mato rasteiro e dos espinheiros, de espingardas em riste.

Passou mais uma hora antes de alcançarem as presas. Os guerrilheiros aperceberam-se de que não conseguiriam escapar aos perseguidores e prepararam uma emboscada entre as pedras. Quando o tiroteio rebentou, a patrulha dispersou-se, mergulhando no mato denso para se proteger. Jan estava na dianteira, a gritar ordens, a correr para a zona onde o grupo se escondia, aos ziguezagues pelo meio das pedras para se esquivar aos tiros e disparando em andamento. Confrontados com aquela investida, os homens deram meia-volta para fugir. Em escassos minutos estava tudo acabado. Kobus caminhou por entre os corpos, contando os troféus. Era um bando heterogéneo, cinco homens de idades diferentes, vestidos com camuflados puídos. Só dois tinham sapatos, que não lhes serviam. Os outros estavam descalços. As armas eram velhas e tinham poucas munições.

— Foi um risco que correste ali há pouco, pá. Mas fizeste bem — disse Kobus a Jan, baixando-se para retirar as armas dos corpos.

Jan encolheu os ombros, sorveu outro trago do frasco e acendeu um cigarro. — Não são muitos os que têm treino suficiente para resistir quando nos atiramos a eles sem hesitações — disse. — Escolheram um

sítio onde pensaram que nos surpreendiam e nos matavam um a um. Nunca estão preparados quando nós investimos. Não têm qualquer plano de acção para lá dos primeiros minutos.

— E se eles tivessem decidido aguentar?

— Tinham-nos matado. Mas de qualquer maneira já estavam a disparar contra nós.

Kobus resmungou e virou outro corpo com o pé. Este não podia ter mais de quinze anos, pensou Jan. Por um momento, viu os olhos tremeluzir. O rapaz tinha permanecido completamente imóvel, fingindo-se morto. Jan desviou deliberadamente os olhos mas o primo também se apercebera do movimento. Levantou a espingarda e encostou o cano à testa do rapaz. Por um segundo os olhos do jovem arregalaram-se de terror e apelo mudo. Depois Jan viu uma nuvem escarlate de sangue, osso e tecido cerebral espalhados no solo poeirento. Kobus soltou uma gargalhada, limpando a arma às calças de caqui.

— Credo, homem, não passava de um puto — protestou Jan, agoniado com a indiferença do gesto.

— Menos um que se torna terrorista. *Tsotsis* nojentos! — Kobus virou costas e aproximou-se dos companheiros. Pegaram nas rações e começaram a comer, sentados ao lado dos mortos, imperturbáveis pela sua presença e pelo espectáculo dos abutres a voar em círculos por cima. Jan sentiu os velhos pesadelos a assaltá-lo, pegou no frasco e esvaziou-o. Deixaram os corpos onde estavam. Um aviso a outros, disse Kobus. Era uma longa caminhada até casa e quando Jan lá entrou a cambalar já anoitecera. Lottie estava sentada à mesa de jantar diante dos restos de uma refeição meio comida.

— Que aconteceu? — perguntou.

— Outra operação bem-sucedida — tartamudeou Jan, dirigindo-se imediatamente ao aparador e servindo-se de uma bebida.

Lottie levantou-se abruptamente. — O teu jantar já deve estar intragável. Mas parece-me que não vais dar conta.

Ele virou-se para olhar para ela com olhos turvos. — Fica a saber que não é por opção minha que passo horas no mato a perseguir *munts*. Mataram o velho Maartens e a mulher. Alguém tem de os travar.

— Mas não tu. Não tens de ser tu. — Os olhos de Lottie chispavam. — Estive aqui sozinha todo o dia, sem saber se estavas vivo ou morto nas

traseiras da furgoneta. Um desses bandos podia ter aparecido aqui e ter-me atacado enquanto andavas na tua cruzada. Isso tem alguma importância ou eu não mereço a tua protecção? E agora chegas aqui bêbado e... — Jan empurrou-a para passar, mas ela não arredou pé. — Não, deixa-me acabar. Fedes como uma doninha e estás encharcado em *whisky*. O teu hálito tresanda e tens as mãos a tremer. Olha para ti, Janni! Já não és um homem novo. Há muitos homens mais novos nas fazendas das redondezas capazes de fazer isto. Não é a tua luta. Tenho muita pena do Maartens e da mulher, claro que tenho. Mas tu não lhes deves nada e não há nada que tu faças que os ressuscite. O Kobus está a aproveitar-se de ti. Trata-te como carne para canhão para ele e o filho não perderem o que lhes pertence. E tu pareces mais que disposto a arriscar a vida.

— Lottie...

— Já chega, Janni. — Os seus olhos encheram-se de lágrimas. — Não aguento mais isto. Viemos para aqui para bem do Piet. Para lhe dar uma oportunidade na fazenda. Mas ele está morto, Janni. Morto. E a Hannah está a lutar para se aguentar sozinha. A nossa vida não é aqui. Trabalho sem descanso por dez réis de mel coado e tu andas fora o dia todo e, quando chegas a casa, estás a cair de bêbado.

— Julgas que eu não odeio o que se passa aqui? — Jan mal se tinha em pé. — Mas não tenho alternativa. Preciso deste emprego. Se não participar nas patrulhas, o Kobus despede-me e depois ficamos sem nada. Nada!

— Há-de haver outro sítio onde possas trabalhar, se não voltares para casa. — A voz de Lottie denotava cansaço. — O que o Kobus te está a obrigar a fazer vai destruir-te, Janni. Da última vez foi pela nossa fazenda, pela nossa família. E o preço foi terrível. Mas este combate não é teu. O Ian Smith é um louco que vai lançar este país na guerra. Devemos partir antes que seja tarde de mais.

Jan avançou um passo na direcção da mulher e tentou puxá-la para si, mas ela afastou-se dele com repugnância.

— Vai tomar banho — disse ela friamente. — Não aguento o cheiro da morte que sai de ti. Nem o fedor da bebida. Está-te entranhado na roupa, no corpo, nos olhos. Vai-te lavar enquanto eu vou ver se salvo o teu jantar.

Tirou o tacho do forno, mexeu as batatas em molho de carne e aqueceu-lhe um prato. Quando ele voltou, estava com um ar taciturno e não falou ao sentar-se à mesa.

— Janni, por favor dá ouvidos ao que eu te digo.

Ele afastou o prato. — A situação aqui não está assim tão má como isso — comentou.

— É desesperada — disse Lottie. — O Ian Smith isolou-se de todos excepto da África do Sul. Não há nenhum país que vá dar apoio à Rodésia enquanto ele se recusar a encarar um futuro em que os negros tenham voz. A polícia e o exército não conseguem impedir a entrada das pessoas exiladas que voltam agora para combater. Os russos, os chineses e os cubanos vão ajudá-los a armar distúrbios. E os nativos estão convencidos de que esses exilados hão-de derrubar o Smith um dia e dar-lhes as terras que pertencem agora aos brancos. É só uma questão de tempo até estarmos numa guerra em grande escala.

— As coisas vão mudar se resistirmos mais algum tempo.

— Estás a iludir-te se pensas que o que se está a passar aqui vai acabar bem — disse Lottie. — Há-de chegar uma altura em que o Kobus e as pessoas como ele vão perder o que têm, às tantas até vão ser massacradas. E nós também, se ficarmos a apoiá-lo. Estás a dedicar a tua vida a defender o que não tem defesa. E para quê? Por um homem que desprezas e pela terra dele e por um país que não é o nosso!

Jan levantou-se, abanando a cabeça, e foi serviu-se de outro *whisky*. Lottie recostou-se na cadeira e passou a mão pelos olhos. Quando voltou a falar a sua voz era grave e desesperada.

— Não precisas de outra bebida, Janni. Por favor. Pára com isso. Se me amas, não faças isso.

Ele levou provocadoramente o copo aos lábios e bebeu o líquido de um longo trago. Depois pousou o copo na mesa com uma pancada e saiu. Lottie levantou-se, levantou a mesa da cozinha e deitou ao lixo o jantar em que Jan não tinha tocado. Ele estava a dormir e a ressonar quando ela chegou ao quarto, ficando a contemplar as rugas de tensão no seu rosto, as veias rebentadas no seu nariz, as feições inflamadas e a bolha de saliva que se lhe formara no canto da boca aberta. Com o tempo, passara a detestar o cheiro cediço do álcool no seu hálito quando estava deitada ao seu lado. E os seus sonhos eram atribulados. Lembrava os meses depois dos Mau-Mau e da investigação, quando ele se fechara numa espiral de desespero e ela receara que ele perdesse o juízo. No fundo tinha bom coração, disse Lottie para si mesma, estendida ao seu lado sem dormir.

Tinha sido um marido e um pai extremoso. Mas agora pouco mais era do que um escravo. Kobus gostava de assistir ao declínio gradual do primo e Lottie percebia que aquele homem brutal experimentava com isso uma sensação de poder. Além disso, tinha-se atirado várias vezes a ela e observava-a com um olhar matreiro e predatório que lhe causava arrepios. Sentia-se à beira do desespero ao pensar no filho assassinado e no que podia acontecer ao marido.

Mas não havia maneira de abandonar aquele lugar horrível sem dinheiro. Hannah levava as suas magras poupanças quando fugiu e, de qualquer modo, nunca teriam sido suficientes. Jan ganhava uma miséria e não podia pôr dinheiro de lado para o regresso ao Quénia, mesmo que deixasse de beber. Ouviu-o ranger os dentes, balbuciando no sono, e rezou para que conseguisse encontrar uma forma de o arrancar àquela terra e devolver-lhe a sua dignidade e propósito na vida. Lottie vestiu o velho roupão e foi à cozinha fazer chá e reflectir mais uma vez sobre as coisas. Tinha um aliado em quem podia sempre confiar. Talvez ele lhe emprestasse algum dinheiro — o suficiente para voltar com Jan para o Quénia. No dia seguinte, telefonaria ao irmão em Joanesburgo. Voltou para o quarto e adormeceu instantaneamente, desta vez indiferente ao ressonar de Jan induzido pelo álcool.

Ligou a Sergio na manhã seguinte e teve dificuldade em falar com ele sem chorar. Ele ofereceu de imediato o seu apoio.

— Trá-lo para aqui, Carlotta. Ia fazer-lhe bem e tu precisas de carinho e conforto. Nem que seja só uma semana. E depois de estar aqui, pode ser que se arranje qualquer coisa para ele fazer. Se está tão inflexível em não regressar a Langani, podia arranjar trabalho no Natal, numa plantação de cana-de-açúcar ou numa fazenda na província do Cabo. Trá-lo para cá que havemos de descobrir uma solução.

— Ele não vai se souber que fui eu que orquestrei as coisas. — Um nó apertou-lhe a garganta e tentou afastar a desolação da voz.

— Não chores, *cara*. Eu mando-te os bilhetes. Vou escrever aos dois, a dizer que tenho saudades tuas, que já lá vai muito tempo. Quando chegarem, resolvemos o que fazer com ele.

Animada, Lottie saiu para entregar o trabalho de costura que tinha acabado a uma inglesa cuja casa de campo com o seu jardim florido a enchiam de pesar ao pensar no que perdera. Não disse nada a Jan sobre o

telefonema para Joanesburgo, mas esperou impacientemente a chegada da carta e dos bilhetes de avião. Jan gostava muito do irmão dela. Se havia alguém a quem dava ouvidos era Sergio. E apercebeu-se de como desejava ardentemente rever Sergio, ser acarinhada por alguém terno e forte. Reprimia o sofrimento desde a morte de Piet, chorando durante o dia ou à noite quando Jan não estava a ver nem a ouvir. Procurava mostrar-se forte por ele, mas não aguentava muito mais.

Joanesburgo não era uma cidade de que ela gostasse especialmente, apesar de ter passado aí a sua infância. Mas proporcionava um escape ao desespero da sua situação presente. Os bilhetes chegaram cinco dias mais tarde. Abriu o envelope e foi com um sentimento de gratidão que leu a carta do irmão. A perspectiva das férias levantou o ânimo de Lottie. Fez um esforço especial com a refeição do meio-dia, pondo uma toalha lavada e uma jarra com flores frescas na mesa. Mas quando Jan chegou, o primo vinha com ele, corpulento e ruidoso e seguindo-a com olhares lascivos.

— Lottie, minha querida. — Pousou-lhe uma mão no ombro durante demasiado tempo e depois deixou-a deslizar pelas costas. E pelas ancas. — Estás com óptimo aspecto. Estás, sim senhor.

Ela esquivou-se ao contacto dele. Talvez fosse bom ele estar presente. Se pedisse uns dias de folga agora, podiam estabelecer já uma data para a partida.

— Olá, Kobus. Ainda bem que apareceste. Acabo de receber uma carta do meu irmão em Joanesburgo. Quer que eu e o Janni vamos lá passar uns dias. Acho que estamos a precisar de descanso. Tem sido duro desde... desde o que aconteceu em Langani.

Kobus franziu o sobrolho. — Umas férias? Bem, talvez mais para o fim do ano. Neste momento nem pensar. O Jan está com muito trabalho na fazenda. Em Novembro falamos disso. Entretanto, apetecia-me um *whisky*. Serve-me aí um copo, Lottie, pode ser?

Lottie não respondeu mas passou a carta de Sergio ao marido. — Devíamos tentar ir — disse em voz baixa. — Seriam só uns dias. — Voltou-se de novo para Kobus. — Não precisavas de dispensar o Jan mais que uma semana ou dez dias.

— Vou pensar nisso — respondeu ele. — Mas normalmente não dou férias em cima da hora. Nem à minha família.

— Deus sabe que ele merece uma pausa. — Lottie não era capaz de reprimir a fúria que lhe crescia no peito. — Está de luto pelo filho e há dois anos que não tem férias. Trabalha dia e noite entre a fazenda e as tuas surtidas justiceiras. Tem direito a uns dias de férias.

Jan deitou doses generosas de *whisky* em dois copos e passou um ao primo. Lottie percebeu pelos seus olhos que não era o primeiro do dia. Desconfiava que ele tinha começado a esconder garrafas em armários e debaixo da mobília e até nas plantações de tabaco.

— Tem direito, é? Desconheço essa expressão. — Kobus sorria, mas os seus olhos eram frios e coléricos. — E há questões de segurança. Esta tarde vamos para o mato numa das minhas surtidas justiceiras, como tu dizes. Não sei quanto tempo vamos andar por fora desta vez. Está muita coisa em jogo. Recebemos informações que não podem esperar. — Emborcou o *whisky* e pousou o copo na mesa. — Daqui a uma hora venho buscar-te, Jan. Está pronto.

Lottie seguiu-o até à porta. — Espera um minuto — disse ela. — Para onde o levas desta vez? Quando tempo vai estar fora? Ele não está em condições para andar nisto, Kobus. Deve haver outras pessoas que podes usar. Tu próprio disseste que há imenso trabalho na fazenda. Porque não o deixas aqui a tratar disso?

— Para esta preciso dos homens todos, Lottie. A não ser que me dês alguma compensação por deixá-lo ficar, eh? — Ela encolheu-se e recuou. — Pois. Então daqui a uma hora ele vem connosco. Toda a gente aqui tem de cumprir, senão lá se vai o emprego.

Jan estava no quarto, a enfiar algumas roupas numa mochila de lona. Não falou, mas passou por ela a caminho da sala de jantar onde abriu o armeiro e tirou uma espingarda, duas pistolas e caixas de munições. Enquanto Lottie o observava, toda a infelicidade dos últimos dois anos se avolumou e a sua voz começou a quebrar com as súplicas.

— Por favor, Jan. Tens de convencer o Kobus a dar-nos umas férias. Não consigo continuar, Janni. Tenho de sair daqui. E o Sergio está à nossa espera porque eu falei com ele na semana passada. Diz que te arranja trabalho no sul, se não queres mesmo voltar para Langani. E um terapeuta por causa do problema da bebida. Vamos sair daqui, Janni, vamos passar um tempo com o Sergio. Conversar sobre as possibilidades.

— Falaste com o Sergio sobre mim? Estiveste a discutir o teu marido pelas costas? E agora ele mandou bilhetes porque acha que eu preciso de caridade? — Atirou-lhe com a mochila, que atravessou a sala e lhe bateu na perna antes de cair ao chão.

Ela ficou chocada com a violência dele.

— Então que lhe disseste? Que o teu marido está a dar as últimas, que é um bebedolas que não consegue segurar o emprego nem olhar pela mulher?

— Janni, ele é meu irmão. Ama-me e preocupa-se contigo. Com nós os dois. Disse-lhe que não aguentava mais, que não podia continuar dia após dia, a pensar no Piet e em tudo o que aconteceu. Disse-lhe que estás a sofrer e que andas a beber de mais. Precisas de ajuda.

— Disseste-lhe isso? Contaste-lhe a nossa vida privada? — Estava a gritar agora. — E que achas que o teu virtuoso irmão me vai arranjar em Joanesburgo? Eu sou agricultor, caramba! Ele quer que eu vá lavar pratos para o restaurante dele ou descascar-lhe as cenouras? É? — O rosto de Jan estava colérico, as veias salientes na testa e no pescoço, os olhos esbugalhados de raiva. — E assim podes voltar à tua vida de senhora da cidade. Pois não tenciono aceitar a merda da caridade dele nem preciso de compaixão. Ouviste?

Lottie estava de olhos fixos nele, horrorizada. Não era o Janni que conhecia. Era o *whisky* a falar. Estendeu a mão para lhe tocar na cara, mas ele escorraçou-a violentamente.

— Estou a fazer o trabalho que vim para aqui fazer, administrar a fazenda de tabaco do meu primo. Ele procura o meu conselho sobre os estafermos destes cafres terroristas que estão a entrar pela fronteira. Porque eu sei como eles funcionam, como pensam, como podem ser apanhados. É uma coisa que faço bem e tenciono fazer para que não matem mais gente nossa. Há um grande assalto planeado para os próximos dias. Ontem à noite, os rapazes do Kobus apanharam um *terr*, um batedor, e arrancaram-lhe a informação. Quando atravessarem a fronteira, estamos à espera deles.

Lottie aproximou-se da janela e olhou para a relva crestada e para a vedação partida que cercava o seu pequeno complexo. Ouviu o rumorejar seco das folhas de tabaco agitadas pelo vento quente que as fazia sussurrar entre si ao sol. Pensou no batedor e nos métodos usados pelos rapazes de

Kobus para o forçar a contar o que sabia. Arrepiou-se ao pensar no marido a participar em tudo isso. Tentou uma última súplica.

— Claro que és bom no que fazes, Janni. Mas não há paz de espírito nem motivo de orgulho em estar à espera de outros homens e a planear matá-los, seja qual for a cor da sua pele. Não podes continuar a matar, qualquer que seja a provocação. Porque assim nunca mais vai acabar, esta loucura de sangue por sangue. Anda comigo, peço-te. Só por uma semana. Depois podes avaliar por ti o que é melhor. Sabes que te amo, que te admiro. Mas o homem que aprecio está a ser enterrado vivo neste lugar horrível. Vamos os dois embora daqui, deixemos todo este ódio e esta fúria para trás. Anda, Janni, por favor.

Pôs-lhe a mão no braço e, por um segundo, pareceu que ele ia concordar. Depois, virou-se bruscamente para ela, agarrou-a com as duas mãos e atirou-a contra a parede. Ela caiu como uma boneca de trapos enquanto ele pegava na mochila e saía disparado em direcção à luz incandescente, para esperar pela *pickup*. Lottie pôs-se de pé, aturdida e revoltada, e dirigiu-se para a porta onde ficou a olhar para ele. Jan deve ter ouvido o rangido da porta de rede a abrir mas não se virou.

— Vai então — disse ela a soluçar. — Mas eu não vou estar aqui quando voltares. Se te afastares nessa *pickup* com o porco do teu primo, eu vou sozinha. E não sei se alguma vez voltarei.

Ele não respondeu. Ela entrou e sentou-se numa cadeira e pouco depois ouviu o ruído da velha *Bedford*, as velocidades a arranhar ao aproximar-se ruidosamente da porta da casa. Soaram gritos e ela ouviu a porta de trás a ser fechada e por fim o ruído do motor a acelerar e a descer o declive. Durante algum tempo, ficou imóvel, vazia, sem sentir dor ou perda ou raiva. Apenas um torpor. Em seguida, dirigiu-se ao telefone e ligou para o irmão.

Enquanto a *pickup* se afastava da casa num estrépito pelo caminho de terra batida, Jan olhou para fora por debaixo do oleado, semicerrando os olhos num esforço para ver. À espera que Lottie aparecesse. Ela sairia agora a correr antes de virarem para a estrada principal. Acenaria, pediria desculpa aos gritos por tê-lo traído. A *Bedford* dobrou a curva e ele ficou à espreita de um último vislumbre dela, mas Lottie não apareceu. A revolta

apoderou-se do seu coração. Ela não lhe falara com respeito. Um homem tinha direito a ser respeitado, sobretudo pela sua própria família. Kobus assim dizia e tinha razão. Uma mulher que fosse insolente com o marido não devia ser tolerada. Lottie nunca tivera papas na língua. E tinha discutido os problemas deles com o irmão, um acto cuja deslealdade era insuportável. Interrogou-se se ela cumpriria a ameaça e partiria para Joanesburgo sem ele. Não. Nunca se iria embora, deixando-o sozinho. Naquele momento não. Olhou para a casa que desaparecia de vista, desejando que ela aparecesse no alpendre por um segundo que fosse antes de deixar de vê-la. Mas a porta de rede continuou fechada.

Kobus estacionou diante de um barracão nos limites da sua propriedade. O seu filho mais velho, Faanie, saltou da parte de trás da *pickup* e levantou a porta da construção. Dois homens brancos saíram e, depois de uma breve troca de palavras, Faanie seguiu-os para o interior. O resto da patrulha ficou na caixa da *pickup*, a fumar e a beber cerveja pelas garrafas. Jan tirou o *whisky* da mochila de lona. Conversaram de modo desgarrado enquanto esperavam. Faanie e os outros homens surgiram então do barracão, arrastando uma coisa que parecia um saco. Dirigiram-se à caixa da *pickup* e atiraram o fardo lá para dentro, levantando-o por sobre a borda da caixa, de modo que aterrou com um baque surdo. Ouviu-se um som e só nesse momento é que Jan se apercebeu de que era um corpo. O homem negro era uma massa palpitante de vergões e carne viva do qual as moscas já se banqueteavam. A sua cara fora feita em papa. Jan teve um sobressalto de choque e sentiu a bÍlis subir-lhe à garganta ao olhar para a criatura mutilada. Devia ser o batedor dos guerrilheiros que Kobus e os rapazes dele tinham estado a interrogar. Não havia dúvida de que levaram a vítima aos limites da resistência. Pensou a que ponto as informações do homem se revelariam certas, extraídas em tais circunstâncias. Uma visão sinistra pairava na periferia da consciência de Jan e ele sentiu o velho horror na boca do estômago. Ninguém mais ligou ao corpo destroçado nem ao som desesperado da sua respiração entrecortada. Continuaram a fumar, a beber e a discutir as potencialidades da colheita de tabaco e o estado do país como se estivessem no bar do clube desportivo local. Jan olhou para o homem no chão. Quando Faanie e os seus dois companheiros subiram para a *Bedford*, arrancaram novamente.

— Vamos para um sítio perto da fronteira — gritou Faanie por sobre o chocalhar do veículo. — Este *munt* diz que há lá um acampamento e o líder tem uns trinta estupores destes à espera para fazer um grande assalto brevemente. Vamos armar-lhes uma cilada e apanhá-los a todos. Jan, o meu pai está a contar contigo para planeares e dirigires a operação.

Kobus já tinha discutido a estratégia da emboscada com o primo. Se Jan entretanto tivera uma discussão com a mulher, melhor ainda. Devia estar a arder por alguma acção para restaurar o amor-próprio. Caso contrário, seria inútil, tanto na patrulha como na fazenda. Enquanto a *pickup* avançava, Jan sentia ondas de náusea a percorrê-lo sempre que baixava os olhos. O homem rolara de costas e estava a olhar directamente para ele. A dor e o medo tinham-lhe deformado a boca num esgar torto, de tal modo que parecia querer esboçar um sorriso grotesco e untuoso. Jan interrogou-se: porque é que ele não pára de olhar para mim? Pensará que sou o elo fraco capaz de o libertar? Merece tudo o que lhe acontecer. *Tsotsi* nojento. Remexeu nos bolsos à procura de um cigarro, odiando-se por ter as mãos trémulas e pela piedade que não era capaz de reprimir. No seu subconsciente, retinia um som terrível, um grito estridente que não se calava, queimando-lhe o cérebro, embora ele soubesse que não era real. Os homens ao seu lado dormitavam. Abriu sub-repticiamente a garrafa de água e debruçou-se como que para ajeitar os atacadores dos sapatos. Deitou algumas gotas de líquido na boca dilacerada e ensanguentada do prisioneiro. Os olhos pestanejaram uma vez e mais outra. Um sinal mudo de gratidão pelo pequeno gesto de misericórdia. Jan endireitou-se e bebeu pelo frasco de *whisky*, recostando-se contra o oleado e a estrutura da *pickup*. Fechou os olhos, sentindo a aspereza do saibro e da areia que já começara a assentar-lhe na pele e no cabelo. Seria melhor se conseguisse dormir. Assim não teria de olhar para o prisioneiro. Durante muito tempo permaneceu resolutamente cego ao que o rodeava até sentir uma dor surda nas pálpebras de mantê-las fechadas com tanta força. A sua consciência começou a vogar.

Estava de novo nesse local obscuro com a luz tremeluzente da fogueira, ouvindo os gritos incessantes. Queria fugir, mas as suas pernas haviam-se transformado em chumbo. Queria olhar, mas não se atrevia. Algures para lá da sua linha de visão estava a coisa que mais temia ver. Compreendia tratar-se de um sonho que já conhecia, mas essa certeza não diminuía o

seu temor nem o seu esforço febril para acordar e afastar-se. Debateu-se enquanto a aparição o cercava e uma mão saída das sombras o agarrava como um torno e lhe rodava a cabeça na direcção que ele queria evitar...

— Eh, Jan, acalma-te, pá!

— Hein? — Jan abriu os olhos, vendo que Faanie o tinha agarrado pelos ombros e se ria estrondosamente.

— Estavas aí a esbracejar, a abanar a cabeça como se um buldogue a tivesse abocanhado. Ou talvez um maldito *terr*. É isso! Estavas a sonhar com o que vais fazer quando deitarmos a unha a esses cafres. Cá para mim, vais ser perigoso como o carças!

Todos os membros da patrulha o fitavam agora com curiosidade. Jan limpou os fios de suor que, com o medo, lhe escorriam pela cara.

— Deve ter sido qualquer coisa que a minha mulher deitou no jantar — disse ele, sentindo-se aliviado com as gargalhadas e a palmada nas costas da mão pesada de Faanie. Bebeu outro trago de *whisky* e aceitou um cigarro enquanto a *pickup* avançava aos solavancos através do calor tórrido e da poeira da tarde. Passaram a maior parte da noite a viajar, no meio do mato, revezando-se ao volante e parando apenas para encher o depósito e comer. Quando a *Bedford* chegou ao acampamento base, Kobus saltou da cabina.

— A partir daqui vamos a pé — declarou. — É aqui que começa a festa, eh? Agora vamos descansar algumas horas e depois temos uma longa caminhada até ao sítio onde este *munt* disse que se ia encontrar com os amigos.

Os homens apearam-se da parte de trás da *pickup* e montaram um abrigo de lona. Quase todos adormeceram de imediato, deitados em esteiras ou encostados a arbustos e árvores baixos. Quando o sol nasceu, prepararam o pequeno-almoço num pequeno fogareiro portátil e juntaram o equipamento, satisfeitos por se porem em marcha e ansiosos por começar a operação. Faanie desceu o prisioneiro mutilado, arrastou-o sobre o solo pedregoso e amarrou-o a uma árvore. Não era necessário prender o trémulo destroço humano — nunca mais seria capaz de se deslocar. Jan ouviu a respiração arranhada do homem que tinha um fluido rosado a borbulhar-lhe na boca torta. Estava condenado. Deviam pôr fim ao seu sofrimento. Que mais podia ele dizer-lhes naquele estado? Jan desviou-se quando Kobus entrou no jogo sádico de arrancar algum fragmento final de

informação ao batedor destroçado. O resto da patrulha aproximou-se para participar na brincadeira. Jan afastou-se deliberadamente. Tentou concentrar-se nos ruídos da selva à sua volta, na restolhada dos pequenos animais, no canto das aves, no zumbido dos insectos e no vento quente que agitava os espinheiros. Depois ouviu Kobus chamar por ele e voltou para junto do grupo, abrindo o mapa para lhes mostrar o trajecto que escolhera através do mato. O prisioneiro permanecia imóvel, os olhos semiabertos e trémulos e as pernas tomadas de espasmos apesar de estar praticamente inconsciente.

— Vamos avançar em grupos de três — disse Jan. — Eu vou à frente. Há protecção suficiente daqui até ao lugar da emboscada, mais ou menos a quilómetro e meio. Quando lá chegarmos, ninguém se mexe, entendido? A partir de agora, não há cigarros nem conversa nem brincadeiras. Certo? Alguns destes *terrs* são bons batedores e, se nos cheiram, desaparecem enquanto o diabo esfrega um olho.

— Nem um pio, entendido? — disse Kobus. — Quero apanhá-los todos até ao último. Um par deles vivos seria bom para sacar informação. Mas o melhor *tsotsi* é um *tsotsi* morto. Portanto, caluda até eles caírem na armadilha e depois é acabar com os cabrões.

A caminhada foi longa e escaldante e a espera interminável, no calor asfixiante da tarde. Os homens transpirados e acorados esconderam-se atrás de pedras e mato, à espera com as espingardas engatilhadas e à escuta de sinais reveladores de movimento no matagal circundante. Jan tinha o frasco do *whisky* num bolso exterior, tirando assiduamente proveito do conforto que proporcionava. Na mochila levava uma segunda garrafa para quando precisasse. Não podia faltar muito para que as suas presas aparecessem e se desembaraçassem delas. E fossem para casa. Não lhe agradava recordar a frequência com que fizera o mesmo anos atrás, escondido à espera que surgissem combatentes Mau-Mau a rastejar pela floresta de Aberdare. Fechou a portada da sua memória. Em breve tudo estaria acabado e depois voltaria para casa para tentar fazer as pazes com Lottie. Tinham tentado superar a dor da perda do filho e o nome dele era um tabu entre ambos. Mas Jan achava que era tempo de partilharem a dor e de se confortarem mutuamente. Doía-lhe a cabeça do calor e do álcool. Por um momento a sua visão toldou-se.

O sol desceu atrás das árvores, começando a arrefecer as pedras circundantes. A noite foi-se arrastando e Jan começou a pensar que o batedor capturado lhes dera informações falsas. Ali emboscado à espera, os mosquitos zuniam-lhe nos ouvidos e uma horda de insectos invisíveis rastejava-lhe debaixo da camisa e pelo nariz acima, picando-o e mordendo-o. Jan esvaziou o frasco de *whisky*, tirou a segunda garrafa da mochila e meteu-a no bolso ao alcance da mão. Passava da meia-noite quando os rebeldes apareceram. Emergiram das pedras e do mato denso a rastejar, cerca de vinte, com armas e uma quantidade de facas. Quando Jan deu o sinal para o tiroteio começar, os guerrilheiros foram completamente cercados, sem hipótese nenhuma de se defenderem. Alguns fugiram na direcção da fronteira, mas foram perseguidos e abatidos. Outros tentaram avançar e foram apanhados num devastador fogo cruzado. Um pequeno grupo conseguiu fugir e Jan comunicou o seu plano aos gritos.

— Vão na direcção da *pickup*. Vamos conseguir empurrá-los até lá.

Partiu a toda a velocidade, disparando enquanto corria. Um homem caiu e Jan enfiou-lhe mais uma bala no peito praticamente sem parar. Kobus e o filho eram os que corriam mais perto dele, lançando gritos de vitória quando outro rebelde tombou, as suas pernas contraindo-se num breve espasmo antes de se imobilizar. Faanie redobrou o passo, ultrapassando o pai e Jan. Foi o primeiro a chegar à clareira onde a *pickup* estava escondida debaixo de uma camuflagem de ramos. Um dos outros terroristas apareceu na orla do mato e avistou o informador amarrado à árvore *mopani*. Com um gemido de dor e fúria, correu para a forma flácida, mas Faanie disparou e a força do tiro lançou o homem pelo ar antes de cair aos pés do traidor. Jan fez sinal ao primo.

— Há mais, mesmo atrás da linha das árvores.

Kobus acenou com a cabeça e começou a afastar-se, mantendo-se encolhido, com Faanie imediatamente atrás. Jan ficou em pé, junto da árvore onde o batedor se debatia tenuemente. Tinha a cara salpicada de sangue seco e os olhos revirados de agonia. Jan ficou a observá-lo e depois pegou no *whisky*, bebendo longos tragos e sentindo o calor da bebida na garganta e a sensação agradável na cabeça. O homem estava a tentar falar, cuspiendo as palavras através dos dentes partidos e dos lábios ensanguentados.

— O meu irmão. — Gemeu e tentou de novo, sacudindo a cabeça na direcção do corpo no chão. — O meu irmão.

Num súbito acesso de piedade, Jan pegou na faca e cortou a corda. Que importava? O homem estava claramente moribundo. O batedor caiu para a frente e começou a rastejar para o corpo prostrado na terra. Estava agora escuro como breu, mas Jan captou um movimento à sua esquerda e disparou. Uma figura saiu a cambalear para a clareira, gritando de dor e com sangue a alastrar-se pela camisa esfarrapada. Faanie estava atrás dele e enterrou a espingarda nas costas do homem para que ele caísse de joelhos.

— Eu acabo com ele. — Faanie ergueu a espingarda, sorrindo.

Quando os seus dedos se apertaram no gatilho, ouviu-se um zumbido, um baque, um murmúrio seguido de um gorgolejar no momento em que caiu com a faca espetada na garganta, o sangue a jorrar numa corrente escura pelo peito abaixo e a pingar para o chão. Jan olhou para ele, horrorizado. De onde tinha aparecido a arma? Olhando em volta, viu o batedor que tinha libertado. Ele estendera a mão e pegara na faca do irmão, soerguendo-se e arremessando, num último e extraordinário esforço, a faca ao seu torturador.

— A culpa foi minha. Meu Deus, a culpa foi minha — tartamudeou Jan.

Era responsável pela morte de Faanie. Kobus perdeu o filho como ele e Lottie perderam Piet. Se não tivesse soltado o cafre, não teria acontecido. Jan apalpou os bolsos à procura do *whisky* e, ali na luz que se esbatia, a cabeça inclinada para trás, a boca aberta, bebeu, engoliu, engasgou-se e engoliu novamente até esvaziar meia garrafa. Tinha a cabeça a andar à roda quando tentou focar o corpo de Faanie, baixar-se e arrancar a faca. Ouviu tiros à distância e o som de corridas e rodou nos calcanhares de arma em punho. A sua cabeça estava toldada e à sua volta as árvores começaram a girar, a dançar e a vergar-se na sua direcção, num grande círculo negro, os ramos estendendo-se para o prender, para lhe rasgar a roupa, no momento em que caiu, batendo com o crânio na pedra onde tropeçou. Sentiu-se flutuar num silêncio estranho e a clareira encheu-se então de gente e ele ouviu Kobus gritar, ouviu os seus uivos de desolação a elevar-se para a abóbada da noite, ajoelhado ao lado do filho morto. Por um momento, Jan quis explicar que era o responsável. Mas estava demasiado cansado para falar. Ainda via os olhos de Faanie, malévolos e

cruéis, ao apontar a espingarda, seguidos de uma expressão quase grotesca de surpresa e terror enquanto o seu sangue vital se perdia no indiferente solo africano. Algures nas fimbrias da sua consciência estava o informador a observar. Possuidor do segredo. E depois fez-se noite.

Quando acordou, Jan estava deitado numa estreita cama de hospital. Sentada numa cadeira ao seu lado, Lottie adormecera e cabeceava com as mãos cruzadas no regaço. Jan viu os dedos dela a tremer. Emitiu um som e ela abriu os olhos.

— Água. — Ficou surpreendido com o esforço que teve de fazer para articular a palavra.

Lottie levantou-se e correu para a porta. — Enfermeira! Enfermeira Sweeney. Ele está consciente. Recuperou os sentidos.

— Água — repetiu Jan.

— Vou dar-te um pouquinho, por esta palhinha — disse Lottie. — Mas só umas gotas porque em demasia pode provocar-te vômitos. Vá lá, Janni. Eu levanto-te a cabeça e tu bebes um golinho.

A água gotejou-lhe na boca e Lottie humedeceu-lhe os lábios secos. — Janni? — Mas ele perdera a consciência novamente e ela virou-se para a enfermeira Sweeney com uma interrogação nos olhos.

— Não se preocupe, minha linda. Ele agora vai melhorar. Voltou à terra dos vivos e é capaz de falar. O resto é simplesmente uma questão de tempo. Vou procurar o Dr. Jackson e informá-lo.

Lottie acenou com a cabeça e voltou a sentar-se. Tinha estado permanentemente à cabeceira dele, observando Jan a lutar pela vida. Ainda tinha uma cor terrível, a pele sarapintada, a respiração penosa. Era septicemia, dissera o médico. O ferimento na cabeça infectara e a sepsia propagara-se velozmente ao organismo. Em teoria devia estar morto. Tinha chegado num estado terrível depois de horas na *pickup*, semiconsciente, vociferando, gritando e chorando, até o acalmarem com sedativos. Depois entrou em coma e Kobus levou dias a localizar Lottie em Joanesburgo. Ela regressou de imediato para ficar de vigília, à espera de um sinal de mudança, remoendo a dor da sua decisão e a incerteza do seu futuro. Um futuro sem Mario.

A primeira noite em Joanesburgo alterara a sua maneira de pensar, a sua noção de bem e mal, revolucionara o seu mundo e tudo o que fora sagrado para ela durante tantos anos. Sergio encorajara-a a chorar, a falar-lhe da tragédia do filho e dos seus problemas na Rodésia, a desabafar todas as suas mágoas e a libertar-se das emoções reprimidas. Depois insistiu para que repousasse por algumas horas antes de ir ao restaurante dele jantar.

— Olha para mim. Tenho os olhos inflamados e o nariz vermelho e a roupa toda amarrotada — disse Lottie. — Não posso sair hoje.

Foi Elena quem a persuadiu a arranjar-se, pondo-lhe gelo nos olhos, ajudando-a a maquilhar-se e a dar um jeito ao cabelo e chamando a criada para lhe passar a roupa a ferro. Depois deu à cunhada uma bebida forte.

— Estás ótima — disse ela. — Vais divertir-te esta noite. Vamos estar com alguns amigos, mas somos só oito.

Lottie conhecia todos os convidados excepto um. Elena sentara-a ao lado de um homem alto e de olhos escuros, com um rosto profundamente marcado por rugas. Teve a impressão de uma personalidade intensa e sombria e de uma reserva que a levou a desejar estar sentada ao lado de alguém mais alegre. Descobriu que se chamava Mario. E quando ele sorriu inesperadamente, fez-lhe lembrar o nascer do sol por sobre a crista obscura que via da janela do seu quarto em Langani. Inicialmente, achou intimidante fazer conversa ao jantar depois de uma ausência tão prolongada de ocasiões sociais como aquela. Nunca tinha havido festas no horrível *bungalow* na fazenda de Kobus e ela achava que não tinha nada de interessante para dizer. Mas considerou a conversa estimulante quando os convidados comparavam o Quénia e a Rodésia, debatendo as condições precárias que as políticas de Ian Smith tinham gerado e o seu próprio sistema de *apartheid*. Ninguém falou no assassinio do filho e Lottie sentiu-se grata por não ser alvo de compaixão. Quando mencionou que Jan era obrigado a sair em patrulhas de autodefesa e descreveu os seus receios pela segurança do marido, a sua dor e revolta ameaçaram renascer. Reparou que Mario estava a ouvir com profunda compreensão.

— É difícil encarar a possibilidade de a pessoa que amamos ficar ferida ou ser morta — disse ele. — É o mais difícil.

Ela olhou para ele mais atentamente e viu uma tristeza que espelhava a sua. Percebeu que, por qualquer razão, ele compreendia. Depois do jantar, voltaram para casa de Sergio, juntando-se em redor do piano. A voz de

Lottie era um meio-soprano vibrante e ela descobriu que Mario conhecia um vasto repertório de canções e árias de amor italianas que cantava num belo barítono. E depois chegou a vez de Mozart. Para Lottie foi como se todos na sala tivessem desaparecido quando cantou o dueto de Zerlina, com Mario no papel de Don Giovanni. Quando acabou, ele pegou-lhe na mão e beijou-lhe os dedos e ela ficou chocada com a sensação dos seus lábios na pele.

— *Bellissima* — disse Mario. — Uma bela mulher a cantar música sublime. Não há nada melhor.

Lottie sorriu-lhe, consciente pela primeira vez em muitos anos de ser admirada por aquilo que era. Sentia-se repleta do prazer da música, do som das gargalhadas e das vozes italianas. E da sensação de Mario ainda a segurar-lhe nos dedos. Olhou em volta, apanhando Sergio a observá-la atentamente, e retirou a mão, confusa. Ao preparar-se para se deitar, ficou chocada ao dar consigo a pensar como seria se Mario a beijasse e disse a si mesma que era uma tonta de meia-idade a fantasiar a respeito de um estranho atraente. Mas por uma noite conseguira deixar para trás o atoleiro de angústia, trabalho árduo e solidão em que a sua vida se tornara. Fora-lhe concedido, qual Cinderela, um momento mágico sem preocupações, sem responsabilidades, sem recordações trágicas e sem medos.

Era uma reacção natural. Achava que Mario contrastava irresistivelmente com o alcoólico melancólico em que o marido se tornara e não precisava de se sentir envergonhada. Dentro de uma ou duas semanas, estaria de volta ao rumorejar seco e desolador das plantações de tabaco e tudo voltaria à rotina habitual. Lottie interrogou-se se ele teria mulher e, se sim, onde estaria nessa noite. Dormiu até tarde na manhã seguinte, algo que não fazia há anos. Elena e Sergio tinham partido para o restaurante quando se levantou. A criada bateu à porta do quarto quando ela estava a considerar passar uma manhã repousante no jardim.

— Está um senhor ao telefone para si, minha senhora — disse ela.

Lottie sentiu um baque no coração. Devia ser Jan, regressado da patrulha com Kobus e furioso por ela ter ido para Joanesburgo, deixando simplesmente uma mensagem curta e seca e o bilhete de avião dele na mesa da cozinha. Era o único que sabia onde ela estava. Preparou-se para a conversa com ele.

— Carlotta? Fala o Mario.

Começou a respirar muito depressa. Sentiu-se tonta e inibida. — Mario? Sinto muito mas o Sergio e a Elena não estão em casa. Saíram cedo para o restaurante.

— Eu sei. Já falei com eles. Estava a tentar organizar um almoço com todos, mas eles estão demasiado ocupados. Por isso, pensei que gostasses de almoçar comigo. A não ser que tenhas outro compromisso.

— Não. Não... isto é, sim. Bem, não sei. Tencionava ir ao restaurante por volta da hora de almoço, para ver se queriam ajuda. Mas provavelmente só ia estorvar e... — Sentiu-se ridícula.

— Então porque não arranjamos um sítio simpático para almoçar?

Ele levou-a a um pequeno hotel com um terraço repleto de flores onde se sentaram ao sol e ao ar livre, a beber vinho. Ela falou-lhe de Langani, da perda insuportável do filho e da assustadora determinação de Hannah em continuar. Os seus olhos encheram-se de lágrimas e a expressão de Mario exprimia tal tristeza que ela sentiu que excedia a compaixão normal.

— Tens família, Mario? — Tentou sorrir-lhe e viu o rosto dele alterar-se instantaneamente e os olhos tornarem-se sombrios.

Ele não respondeu, mas concentrou-se por um momento em deitar vinho nos copos. — Não conheces então a minha história? — perguntou.

Lottie abanou a cabeça, lamentando ter aflorado o que era claramente um assunto doloroso.

— Fui casado, sim. Tive mulher e uma filha. Nesse tempo, tinha um restaurante na Cidade do Cabo. A minha filha ia entrar para a faculdade e a Angela levou-a a conhecer o orientador dela. Era um dia aberto aos pais dos novos alunos. Eu não pude ir com elas. Havia um grande banquete de casamento e o restaurante estava cheio de movimento. Era importante ou pelo menos assim pensei. E depois a polícia apareceu de repente à porta a dizer-me que estavam mortas.

Lottie soltou uma pequena exclamação e debruçou-se para pousar a sua mão sobre a mão dele.

— Naqueles poucos minutos o meu futuro também morreu, esmagado como o carro em que elas iam. Ele estava bêbado, o condutor do camião. Não havia nada que a Angela pudesse ter feito para o evitar. A única coisa boa foi que tiveram morte imediata. Sem sofrimento. Mas é impossível saber quais foram os pensamentos delas nesses últimos segundos. Não me

saía da cabeça a imagem delas a verem o camião TIR encher o pára-brisas, sabendo que não podiam escapar. Tive de as identificar. A Angela estava irreconhecível. A cara dela estava... — Calou-se. — Mas a Paola... os ferimentos dela eram internos. Ainda tinha um ar perfeito, uma rapariga bonita no princípio da vida adulta. — Mario estava a contemplar o passado. — Quando saíram do restaurante nessa manhã falaram comigo. Eu estava a verificar as ementas e não me lembro do que disse. As últimas palavras que lhes dirigi, e continuo a não me lembrar.

— Mario — sussurrou Lottie. — Eu sei como é. Eu sei.

— Nunca contei isto a ninguém. Sobre as minhas últimas palavras. Mas contei-te a ti, talvez porque saibas o que é sofrer e resistir. E és uma bela mulher, Carlotta. Em tudo. — Olhou para ela. — Tenho a sensação de te conhecer há muito tempo. Diz-me, queres falar sobre o Jan?

Lottie deu consigo a desabafar com ele, falando de toda a infelicidade da sua vida na Rodésia, tentando descrever honestamente o que sentia a respeito do marido enquanto o via afundar-se num pântano de desespero em que sofria sozinho, sem pensar nela nem no futuro de ambos.

— Vamos passar alguns dias de boa disposição enquanto aqui estamos — propôs Mario quando ela acabou. — Vamos tentar esquecer a tristeza por uns momentos. Que dizes?

— Acho que não ouvia uma ideia tão boa há muito tempo — disse Lottie.

Passaram o resto do dia a contar pormenores das suas vidas, descobrindo-se um ao outro na revelação de recordações e incidentes do passado. Ele falou-lhe do seu restaurante na Cidade do Cabo, do sucesso que tivera e como não suportava lá entrar depois da morte da família. Soubera, logo nesses primeiros instantes de entorpecimento, que tinha de o abandonar e partir se queria preservar a sanidade mental. Durante algum tempo andara perdido, tendo regressado para junto da família na Toscana. Mas, no ano anterior, encontrara por acaso um velho edifício no campo, próximo de Siena. Comprou-o e restaurou-o. Agora estava a ganhar uma reputação de hospitalidade e excelente cozinha.

— É uma maneira de passar o tempo — disse ele, encolhendo os ombros. — Talvez um dia transforme o resto num pequeno hotel. Por agora é uma forma de conseguir viver a vida e é tudo em que preciso de pensar.

Os dias voavam e ela passava-os quase sempre com Mario, sem se importar com o que os outros pensassem, absorvendo o fascínio daquele homem maravilhoso que compreendia as suas necessidades e procurava adivinhar todos os seus desejos. Sabia que Sergio andava ansioso. Mas ele não a pressionava para discutir a situação e era claro que Elena não criticava o romance. Nunca passara pela cabeça de Lottie que pudesse ser infiel ao marido mas, quando Mario a beijava e começava a acariciá-la, ela atraía-o a si com uma paixão arrebatadora e não era capaz de olhar para além dos momentos em que faziam amor, nem pensar no que poderia acontecer no futuro. Era como se tivesse sido transportada para outra existência e mal se conhecesse. Uma onda inicial de culpa foi desfeita pelo alívio e felicidade de voltar a ser uma mulher desejada.

Cinco dias mais tarde, estavam deitados na cama do quarto de hotel de Mario, saciados e meio adormecidos, quando o telefone tocou. Foi como a força de um furacão, destruindo a frágil estrutura da sua felicidade.

— Carlotta. — Era Sergio e a sua voz era grave. — Recebemos um telefonema da Rodésia. Do primo do Jan, o Kobus.

Ela sentou-se completamente imóvel, o lençol enrolado no corpo, o auscultador na mão.

— Houve uma emboscada. O Jan ficou ferido. Levaram-no para o hospital em Bulawayo há alguns dias, mas não sabiam onde te encontrar.

— É muito grave? — Deu consigo a sussurrar irracionalmente. Mario estava sentado, com a mão na base das suas costas, a ampará-la e a observá-la, preocupado.

— Sofreu um ferimento na cabeça que infectou. Degenerou em septicemia. Está muito doente. Não sei o que queres fazer. Mas se achares que deves ir, posso marcar-te um voo amanhã de manhã.

Estava entorpecida enquanto Mario a ajudava a levantar-se, a encontrar a roupa, a abotoar o vestido, como um pai com uma criança doente.

— Talvez não seja assim tão grave — disse ele. — Pelo que me contaste, ele é um homem forte.

— Sim. — Olhou para ele, angustiada com a partida.

— Carlotta, eu sei que ele agora precisa de ti. Mas nós descobrimos uma coisa...

A sensação devastadora da separação era lancinante, mas a culpa de ter abandonado Jan, de não desejar voltar para ele, era igualmente lancinante.

Dominou um soluço e agarrou-se a Mario.

— Não quero voltar. Tenho um medo terrível de nunca mais conseguir escapar de lá. Mas mesmo que nunca mais nos encontremos...

— Havemos de encontrar, *cara*. O que descobrimos não passa de um começo. Estou convicto de que fomos feitos para estar juntos. Vamos escrever um ao outro e tu vais prometer que não desistes nem esqueces.

Ela prometeu, mas a onda gelada da realidade já tinha começado a levar de enxurrada a sua felicidade. Aproximou-se de Mario e beijou-o pela última vez.

— Deixa-me dar-te boleia — disse ele.

— Não. Eu apanho um táxi para casa do Sergio. Não consigo despedir-me outra vez. Diante dos outros. Agora é o momento.

Ficaram juntos por alguns instantes, abraçados, sussurrando um ao outro, memorizando cada traço do rosto, cada curva do corpo, cada inflexão de voz. Depois Lottie ligou para a recepção e pediu um táxi.

Na enfermaria branca e anti-séptica de Bulawayo, puxou pela cadeira e sentou-se novamente à cabeceira do marido, tentando expulsar as recordações de paixão e plenitude que sentira com Mario. Mas afinal o que lhe tinha passado pela cabeça? Aquele romance de férias nunca poderia ter um fim feliz. Ele voltaria para Itália e arquivá-la-ia na sua memória como um interlúdio agradável, um episódio que mitigara a sua dor, que preencheria o vazio da sua perda durante algum tempo. Ela entrara na relação de bom grado, sem considerar o desfecho inevitável, e agora tinha de a pôr de lado e cuidar do marido. Estava terminado.

Levantou a mão de Jan e disse em voz alta: — Estou aqui, Janni, se quiseres outro gole de água. Estou aqui mesmo ao teu lado.

Ele virou a cabeça e os seus dedos fecharam-se sobre os dela. Como grilhões. Ela tentou sorrir quando ele abriu os olhos.

CAPÍTULO 29

Quénia, Fevereiro de 1966

Quando chegou a Buffalo Springs, Sarah sentia-se tonta de alívio. Parecia que a pesada presença que a perseguira durante tanto tempo se ia evaporando no calor da tarde, permitindo-lhe a liberdade de se adaptar. Não estava sob a pressão de avançar com cuidado, de pensar em cada palavra que dizia ou de procurar esconder os seus pensamentos. Dan estivera à sua espera em Nanyuki, a compaixão estampada no rosto magro e na força com que lhe apertou a mão.

— Não vou fazer perguntas — disse ele. — Sei que as respostas são penosas. Mas quero que compreendas que não há nada que eu e a Allie não façamos para te ajudar a ultrapassar esta crise. Basta dizeres.

Sarah acenou com a cabeça, não ousando abrir a boca para não soltar o soluço que lhe subia na garganta ao entrar para o lado dele no *Land Rover*. Allie estava à espera deles no acampamento, os olhos rasos de lágrimas quando abraçou Sarah sem dizer uma palavra. Dan passou-lhe um braço pelos ombros e conduziu-a a uma poltrona antes de lhe preparar uma bebida. Nenhum deles falou, permitindo que Sarah se recompusesse e indicasse o rumo que a conversa podia tomar. Ela sentiu-se grata pelo silêncio de ambos e feliz por estar na sua companhia.

— Queres falar sobre o assunto? — perguntou Allie. — Ou é melhor deixarmos isso para outra ocasião?

— Para outra ocasião. Hoje não sou capaz. Mas obrigada. Contem-me o que se tem passado por cá — pediu Sarah quando conseguiu confiar de novo na sua própria voz.

Orientaram a conversa para a fase seguinte do seu trabalho e para as discussões que Dan tivera recentemente com os patrocinadores do projecto, em Nairobi. Sarah pegou no seu portefólio e estudaram as fotografias recentes dos seus elefantes, sugerindo imagens para apresentar

com o relatório anual que estava em vias de conclusão. Dan faria em breve uma apresentação à direcção-geral da Federação Africana para a Vida Selvagem que os patrocinara nos últimos três anos. O financiamento no ano seguinte dependeria em larga medida do impacto dessa apresentação.

— A *National Geographic* mostrou-se interessada. — O orgulho de Allie era evidente no seu olhar. — Vão mandar alguém para dar uma vista de olhos ao nosso projecto mais para o fim do ano. Seria fantástico para todos nós. O dinheiro adicional seria uma ajuda, claro, e uma reportagem na revista daria ao Dan o reconhecimento generalizado que ele merece. Talvez queiram usar as tuas fotografias, Sarah. Seria óptimo.

Passou a tarde a ler os últimos registos de Dan e Allie e a preparar os cadernos de apontamentos e máquinas fotográficas para o dia seguinte. Allie fizera preparativos para observarem juntas um novo grupo nas próximas semanas, familiarizando-se com os elefantes através das suas marcas e hábitos individuais. Depois do jantar, quando voltou para a sua cabana, abriu a mala e começou a arrumar a roupa e os livros nas prateleiras habituais. Ao guardar os lápis e cadernos de apontamentos na gaveta da secretária, os seus dedos sentiram uma forma volumosa. Quando a retirou, as suas pernas transformaram-se em chumbo. Cuidadosamente dobradas num embrulho estavam as cartas que escrevera a Piet durante as primeiras semanas em Buffalo Springs. Uma contínua conversa com ele, documentando em prosa e em desenhos todas as descobertas milagrosas das suas primeiras experiências em Buffalo Springs. Havia descrições de animais e das pessoas, desenhos de flores, árvores e aves, palavras que revelavam os seus pensamentos, as suas esperanças mais ardentes e o seu profundo amor por ele. Não lhas tinha mandado porque não sabia então se ele a amava verdadeiramente. E constituíam um testemunho demasiado pessoal para lhe oferecer enquanto amiga. Quando ele a pediu em casamento, decidiu reuni-las num álbum, com uma colecção das suas melhores fotografias, e oferecer-lho no dia da boda. Sentou-se à secretária e leu-as lentamente, linha a linha, revivendo a sensação, nesses primeiros dias, de que ele estava sempre ao seu lado. Deixou-se estar na cadeira, com os fragmentos dos seus sonhos nas mãos, até o sol nascer e lhe oferecer mais um dia.

Uma semana depois de regressar, um jipe parou do lado de fora da vedação do complexo e George Broughton-Smith apeou-se. Era

espantoso, pensou Sarah, como ele podia chegar numa nuvem de pó e emergir tão fresco e bem-arranjado como sempre. Exactamente como Camilla. Estava bronzeado, com um ar sadio, e tinha as mangas da camisa de linho arregaçadas.

— Peço desculpa por aparecer sem avisar — disse. — Estive em Samburu, a visitar o centro e a falar com o encarregado sobre os problemas deles. Soube que lá tinhas estado, Sarah, e queria muito falar contigo. Sinto muito o que aconteceu em Langani. Sei que tinhas acabado de ficar noiva desse jovem esplêndido. Não há palavras que exprimam adequadamente os meus sentimentos. Lamento muito.

— Só retomei o trabalho há uns dias — disse ela, sabendo que começaria a gritar se mais alguém lhe apresentasse condolências. De que adiantava a sua mágoa se Piet desaparecera para sempre? Mas a sua oferta de consolo era genuína e ela percebeu que a tragédia que se abatera sobre ela o deixara chocado.

— Admiro a tua coragem. — George viu o rosto dela começar a crispar-se e passou a um tópico mais seguro. — Ouve, minha querida, esta noite fico no Centro de Samburu e pensei que talvez pudéssemos jantar juntos. Podes lá pernoitar e voltar logo de manhã cedo.

Sarah não respondeu imediatamente. Não tinha a certeza de querer conversar com ele.

— Quero discutir uma coisa importante contigo — disse George e houve qualquer coisa no seu tom que a levou a aceitar o convite.

Ele estava à espera dela no bar, mas Sarah já estava arrependida de ter ido. Não tinha nada para lhe dizer. Agora era tarde de mais, para Piet e para Langani e para tudo o que tinham esperado construir juntos. O rosto dele estava tenso como se se preparasse para confiar algum segredo vital.

— Quero falar-te da Camilla — disse quando pediram o jantar.

— Eu sei que ela não quer nada comigo. Nem com o Quénia. Escrevi-lhe depois de o Piet... depois de ele... — Sarah dominou a ameaça das lágrimas e tentou continuar numa voz firme. — Mas nunca tive notícias dela. Penso que é por causa do que lhe aconteceu em Langani. Deve ter sido um tormento horrível, o corte na cara, a aflição de não saber como iria afectá-la.

— Sarah, preciso de te dizer que sou eu o culpado por ela não ter mantido o contacto contigo. — Reparou na surpresa dela. — Tivemos uma zanga séria, infelizmente. Pouco depois de ela ter regressado do Quénia. Foi um problema, em grande medida, criado por mim... não, completamente criado por mim, de facto. E depois não estive nem falei com ela durante quase três meses. Ela sentia-se mal por nunca ter tido a oportunidade de discutir Langani comigo nem de me falar dos problemas do Piet. Mas a culpa não foi dela. Foi o facto de eu não estar disponível. E depois a Marina adoeceu.

— Não sabia de nada disso. — Sarah começou a sentir remorsos. — Cheguei a ligar para Burford à procura da Camilla, não sei se sabe. Pedi à Marina que lhe transmitisse uma mensagem. Mas é possível que ela nunca a tenha transmitido.

— A Marina tem leucemia — disse ele. — É extraordinariamente corajosa. A Camilla tem passado muito tempo com ela. Foi por isso que não veio quando soube da morte do Piet. Foi-lhe muito penoso fazer essa opção, mas a Marina estava muito fraca e nós pensámos... enfim, desde aí ela tem recuperado um pouco mas não será por muito tempo.

— E a cara da Camilla?

— Tem uma cicatriz, mas vai fazer uma operação para a remover. Quando, depende da doença da Marina.

— Sinto muito — disse Sarah, usando a expressão que ainda horas antes desejava banir.

— Temos passado meses difíceis. Sobretudo a Camilla com o ferimento, a doença da mãe e a ligação amorosa.

— Ela fala sobre o Anthony?

George abanou a cabeça. — Vi-o em Nairobi. Com a última namorada. Uma morena que não pode ter mais de dezassete anos. Apesar da sua admirável paixão pela conservação e pela vida selvagem, a atitude dele para com a humanidade deixa muito a desejar. Magoou-a terrivelmente.

— Todos magoámos — disse Sarah. Sentiu que devia ser honesta. — Eu sabia que devia haver um problema qualquer, mas alinhei estupidamente na teoria da Hannah de que ela queria apagar-nos da vida dela depois do roubo. E estava tão absorvida pela minha própria felicidade, pelo facto de eu e o Piet nos irmos casar e... — Não foi capaz de continuar.

George colocou a sua mão sobre a dela, condoído pela tragédia que privara a sua jovem vida de felicidade. E a vida da filha também. — Acho que a Camilla tem uma pessoa que a ama — disse. — O médico que está a tratar-lhe da cara, por sinal. E agora a Hannah recebeu os fundos para Langani e isso também pode alterar a situação dela.

— A sua organização atribuiu fundos a Langani? — Sarah tentou esconder a sua perplexidade. — Ela não disse nada.

— Talvez lhe seja penoso discutir o assunto — sugeriu George. — Compreendo que possa achar que é tarde de mais. Recusou-se terminantemente a falar comigo. Seja como for, consegui que a minha fundação atribuisse um subsídio a Langani que há-de ajudá-la a continuar. Se for isso que ela quisesse fazer.

— É magnífico para ela. — Sarah sentia a cabeça andar à roda. Falara com Hannah pela rádio dois dias antes e o subsídio nunca fora mencionado. — Gostava de contactar a Camilla — declarou. — Onde posso encontrá-la?

— Podes tentar o apartamento em Hyde Park Gate. Hoje em dia passamos a maior parte do nosso tempo com a Marina. Ela esteve em Burford até há pouco, mas agora está demasiado fraca para lá ficar. Eu dou-te a morada e o número de telefone.

Depois do jantar Sarah despediu-se dele porque tencionava partir ao nascer do sol para não perder nenhum momento do dia de trabalho. Só conseguiu adormecer de madrugada e permaneceu debaixo do mosquiteiro, no espaço de uma cama de casal a que não estava habituada, a pensar em Camilla. Como estaria ela a sentir-se agora com a mãe tão perto da morte? E que teria causado uma ruptura tão séria com o pai? Ela adorava-o, sempre desejara o seu amor e aprovação. Havia qualquer coisa de estranho na história. Sarah carregou o semblante na escuridão. Só queria ter seguido os seus instintos. Mas quando voltasse para o acampamento, no dia seguinte à noite, escrever-lhe-ia.

Saiu do Centro de Samburu e conduziu velozmente. Allie estava à espera dela, mas não fez perguntas sobre George Broughton-Smith nem sobre o motivo da sua visita. Mais tarde, quando encontraram uma árvore

frondosa em cuja sombra podiam comer a merenda, Sarah contou-lhe o que ele dissera.

— É bom ver fundos da Federação para a Vida Selvagem canalizados para Langani — observou Allie. — É uma excelente oportunidade para mostrar a este país e ao mundo em geral o que se pode fazer se os fazendeiros destinarem parte das suas terras e tempo à conservação. Achas que agora a Hannah vai abrir o centro?

— Não sei. Neste momento, não consegue lidar com a ideia. Sugeri-lhe que o usasse como um centro de formação. Mas foi um erro. Imprudente e demasiado prematuro. Ficou furiosa comigo.

— A fúria é a arma que as pessoas usam para combater a dor. Mas traz problemas se a deixarem fermentar demasiado tempo.

— Eu sei — respondeu Sarah. — Agora que o Lars está de volta, espero que a possa ajudar a superar a crise.

Quando regressaram ao complexo, à noite, o carro de Viktor estava estacionado à porta. Sarah sentiu um baque no coração.

— Sim, senhor — comentou Allie secamente. — Esta semana não te faltam visitas.

— Podes ficar com esta — retorquiu Sarah. — Preciso de tempo para mim. Não preciso de visitas neste momento e muito menos do Viktor.

Ele mostrou-se surpreendentemente sensível, apresentando condolências e restringindo em seguida a conversa a elefantes, política e arquitectura. Mas Sarah teve dificuldade em dominar a raiva que lhe fervia no peito quando pensou na forma como ele rejeitara Hannah como se fosse um velho par de meias. Passou o jantar quase em silêncio, pouco contribuindo para a conversa. Foi Dan quem mencionou a noite que ela passara em Samburu.

— Havia lá leopardos ontem à noite? — perguntou. — Não sei se aprovo essa ideia de pendurar um isco numa árvore para os encorajar a aproximar-se sempre do mesmo local. Não é natural e sabe-se lá quais podem ser os efeitos a longo prazo.

— Passaste a noite no Centro de Samburu? — Viktor ficou surpreendido.

— Jantou com o homem da massa — explicou Dan, sorrindo a Sarah. — O George Broughton-Smith esteve cá. Ouvi dizer que a organização dele vai atribuir fundos à protecção dos rinocerontes na área.

— Ele é boa pessoa — disse Allie. — Honesto. Não se deixa levar em esquemas irresponsáveis nem intimidar pelos políticos. Quanto tempo é que ele passa em Nairobi hoje em dia?

— Não me movo nesses círculos — disse Viktor. — Ele continua a dar-se com os diplomatas, mas acho que passa o tempo livre envolvido noutras actividades que não me interessam.

— Que actividades? — perguntou Sarah, intrigada.

— És demasiado nova e inocente para discutir este assunto — respondeu Viktor, com um olhar de entendido, acompanhado por uma gargalhada maldosa. Acendeu um charuto. — Ao jantar não se fala destas coisas. Põem-me nervoso.

Sarah declinou o café e retirou-se. Sentia-se fatigada e queria passar em revista os apontamentos desse dia, pensar no que ia dizer a Camilla. Se arranjasse energias para lhe escrever nessa noite, talvez Viktor pudesse expedir a carta em Nairobi. Sentou-se à secretária, acendeu o candeeiro de parafina e pegou na caneta no momento em que soou uma pancada na porta.

— Viktor. — Não ficou nada satisfeita ao vê-lo. — Estou a tentar escrever uma carta importante. Por falar nisso, importas-te de me deitar ao correio amanhã em Nairobi?

— Praticamente não me dirigiste a palavra ao jantar — disse ele. — E eu atravessei desertos pedregosos e regiões perigosas cheias de animais comedores de homens para te ver.

— Viktor — disse ela, colocando firmemente a mão no peito dele e empurrando-o para fora —, estás com certeza a tentar animar-me, mas fica a saber que não funciona. — Calou-se, a boca deformada pela dor. — Vê se compreendes que já é com dificuldade que abro os olhos de manhã e tento viver como um ser humano normal. Não me sinto capaz de lidar com mais nada.

— Naturalmente. Compreendo isso — respondeu ele. — Mas há muitas formas de consolação e...

— Não, Viktor. Nunca poderia ser assim. Por amor de Deus, deixa-me. Vai para a cama. De manhã dou-te a minha carta para a Camilla, para a pões no correio. Não quero mais nada de ti.

— Ah, a filha. — O seu sorriso era desagradável. — É estranho como estes homens tentam esconder a coisa. Mas no fim revela-se sempre.

— O que é que se revela? — perguntou Sarah. Sentiu um leve alvoroço no estômago.

— Ele é como muitos desses ingleses pomposos e bem-nascidos. — Acenou com a mão, num pequeno gesto amaneirado, cujo significado era inconfundível. — Desde o tempo da escola que aprendem a gostar de rapazinhos.

— Não, não pode ser. Nairobi está cheia de boatos nojentos e mexericos imundos.

— És tão inocente, Sarah. Para uma cientista treinada a observar o comportamento dos animais, és completamente cega. Podes dar-me a carta de manhã. Mas entretanto...

Estendeu os braços para ela, agora insistente, puxando-a para si. Apertou-a com força e, ao baixar-se para ela, estava a murmurar que a libertaria da dor e a levaria para um lugar onde ela esqueceria a mágoa por algum tempo. Sarah começou a ferver de raiva. Estava a chorar a morte do seu amado Piet. Como podia aquele homem revoltante pensar que um casual encontro sexual pudesse mitigar uma perda tão trágica? E que género de homem era capaz de abandonar uma mulher num abrir e fechar de olhos e ter depois o desplante de tentar seduzir a melhor amiga dela? Debateu-se para se libertar, mas ele estava a apertá-la com demasiada força. Por um segundo, deixou-se ficar frouxamente nos braços dele e Viktor sorriu-lhe, convencido de que ela ia ceder. Nesse momento, Sarah dobrou a perna e desferiu-lhe uma joelhada na virilha, sorrindo por sua vez, triunfante quando ele se encolheu a gemer e caiu ao chão, arquejando com a dor e a surpresa. Ao levantar-se aos tropeções, Sarah levantou o pé e empurrou-o sem cerimónias pela porta fora, batendo com ela atrás dele. A sua pequena cabana tremeu com a força do gesto e ela sentou-se na cama, horrorizada com a violência da sua reacção. Mas não estava arrependida. Ele merecia. Decorridos alguns momentos, ouviu-o afastar-se a cambalear.

No silêncio que se seguiu, pensou em George Broughton-Smith, incapaz de aceitar a ideia que Viktor lhe plantara na cabeça. Não podia ser verdade. George era um marido normal, um pai extremoso. Estava casado há mais de vinte anos com a mesma mulher. Não era um casamento feliz, mas não podia ser essa a razão da animosidade entre ele e Marina. E se era, Camilla saberia ou alguém lhe teria dito? George dissera que tinha

estado de relações cortadas com a filha. Aterrada, Sarah leu a carta que tinha começado. Que podia dizer agora a Camilla? Não teriam fim os desastrosos acontecimentos e revelações que os tinham avassalado a todos? Despiu-se e deitou-se, mas o sono não chegou. Ao fim de algum tempo dirigiu-se à secretária e abriu a pasta. Mais uma vez acendeu o candeeiro e leu os apontamentos desse dia. As relações entre os animais eram definitivamente mais simples. Quando acabou de rever o trabalho, pegou na carta que começara para Camilla e rasgou-a em pedaços. Ficaria para outra altura.

Não havia sinais de Viktor quando foi tomar o pequeno-almoço, o que a alegrou. Durante o resto da semana, trabalhou com Allie, ouvindo os conselhos dela e aprendendo coisas novas a cada hora que passava, impaciente por sair para estudar o seu próprio grupo de elefantes. Não lhe contou nada sobre a visita de Viktor à cabana nem sobre a razão da partida precipitada dele mas, de algum modo, achava que Allie sabia.

— Queria que fosses levantar uma encomenda e recolher o correio hoje — disse-lhe Dan uma manhã. — Podes passar algum tempo a usar as tuas competências sociais no Departamento de Caça em Isiolo, para não te esqueceres delas como aconteceu comigo e com a Allie.

Quando levantou a encomenda e um maço de cartas, sentiu-se mais animada. Havia duas para ela, uma da mãe e outra de Tim. Resistiu à tentação de as abrir de imediato. Seria melhor lê-las e saboreá-las no acampamento. Allie deixara uma mensagem presa à porta da cabana. *Agradecia-te se pudesses dactilografar os apontamentos do Dan. Deixei-os no tabuleiro na tenda da messe. Boa sorte com os gatafunhos dele. Até logo. A.* Sarah serviu-se de uma chávena de chá de uma garrafa-termos e sentou-se a digerir as notícias da família. A primeira página da carta da mãe estava escrita em maiúsculas. Tim e Deirdre tinham decidido casar-se. Estavam a planear um casamento discreto logo a seguir à Páscoa. Sarah devia ir nem que fosse só por uma ou duas semanas. Raphael podia mandar o dinheiro para a passagem aérea. Seria boa ideia tirar umas férias curtas para esquecer o trauma das últimas semanas. Estavam ansiosos por vê-la, por abraçá-la, por ajudar a aliviar a dor com que vivia dia e noite. O consultório e a casa estavam a progredir bem e ela não podia imaginar o aspecto esplêndido que o jardim e os estábulos já tinham. Como seria de esperar, a carta de Tim, com a sua apressada caligrafia ilegível, era breve.

Impensável casar-se com a irmã mais nova a meio mundo de distância, dizia. Talvez fosse louco, mas Deirdre amava-o e precisava dele e ia dar o grande salto. E, acima de tudo, queria que Sarah estivesse presente.

Soube imediatamente que não iria. Não podia sair dali. Por enquanto, não queria sequer voltar a Langani. Era unicamente na beleza agreste e inabalável de um lugar remoto como Buffalo Springs que acabaria por encontrar alguma harmonia e paz. Só ali podia aprender a recordar Piet, sem morrer por dentro de cada vez que pensava nele. Ali podia tentar adaptar-se à sua perda e recuperar a sua visão dele, inteiro, vital e feliz. Qualquer outro lugar destruí-la-ia. Não queria ser influenciada por ideias exteriores a respeito da vida que devia levar agora que ele desaparecera. Se deixasse o acampamento seria confrontada com uma versão de si própria criada pelos olhos de outras pessoas — um objecto de compaixão e piedade. Seria asfixiada. Ali tinha um objectivo, um caminho para seguir que faria a diferença e lhe instilaria orgulho. Sarah dobrou cuidadosamente as cartas e meteu-as na gaveta da secretária. Em seguida, dirigiu-se ao pequeno escritório e sentou-se a decifrar os apontamentos de Dan. Foi a chamada de Lars pelo rádio que a fez regressar a Langani. Disse que Jeremy Hardy os tinha visitado. Descreveu a surpreendente notícia do agente da polícia.

— Não foi feita nenhuma detenção — dissera Hardy. — Mas há uma coisa que tenho de lhes dizer. — Pôs-se às voltas pela sala com as mãos atrás das costas. — Esta manhã recebemos uma comunicação de uma das patrulhas na área de mato denso para lá do vosso limite oriental. Há uma clareira na floresta onde encontraram uma cabana temporária abandonada. Mais um abrigo, para ser exacto. O género de coisa que esses caçadores furtivos usam. — Fez uma pausa e virou-se para encarar Hannah. — No solo estava um monte de ossos. Restos humanos.

Lars ouviu a respiração entrecortada de Hannah e passou-lhe uma mão pelo ombro. Ela estava sentada, completamente imóvel, o olhar voltado para a crista.

— Fui imediatamente para lá — disse Hardy. — Queria ver pessoalmente. Viam-se as cinzas de uma fogueira e alguns ossos espalhados pela clareira. E encontrámos alguns objectos rituais quicuios

dispersos por ali. Conchas de caurim, algumas tiras de couro de ornamentos de braços ou pernas, algum fio de cobre e uma *panga*. Mas o mais importante foi que encontrámos um toucado de penas preso nos arbustos a alguns metros de distância. Como o que a Sarah descreveu. Dá ideia que quem o levava parou na clareira para preparar comida. Pensamos que o homem que morreu estava a cozinhar uma refeição porque também encontrámos os ossos de um pequeno antílope.

— Está morto, então. — Hannah falou com uma voz neutra e dura.

— Não posso afirmar com segurança — disse Hardy. — Mas não fomos informados do desaparecimento de ninguém nesta área e o local corresponde ao percurso que ele pode ter feito nessa noite. Faz sentido presumir que desceu da crista, passando por cima das pedras e contornando depois a orla da savana, até chegar a uma secção de floresta que constituía um bom esconderijo.

— Como... como é que ele morreu? — Hannah teve dificuldade em tornar a pergunta audível.

— Dá a impressão de que foram hienas. Tudo leva a crer que era um bando. Ele deve ter-se debatido furiosamente porque o solo no local estava bem revolvido. Há sinais de que matou algumas delas antes de as outras o apanharem. A minha teoria é que não parou de correr desde que saiu daqui e estava exausto. Provavelmente matou um antílope para comer e descuidou-se ao esfolá-lo para o grelhar. O bando de hienas podia andar a segui-lo... ele devia estar coberto de sangue.

Viu Hannah tapar a boca com a mão, mordendo os nós dos dedos.

— Lamento não ter informações mais concretas — continuou Hardy —, mas os batedores que encontraram os ossos dizem que a matança pode ter ocorrido mais ou menos na altura em que o Piet foi morto. Pelo estado dos próprios ossos e do solo circundante. Faz sentido, minha querida, embora talvez nunca venhamos a poder afirmar com segurança absoluta. Mas eu estou tão certo quanto é possível estar de que os restos são do Simon Githiri. Um desfecho pouco animador, mas teve o que merecia. Levámos todos os ossos para um exame pericial mas, infelizmente, não há muito mais que possamos ficar a saber por eles.

Hannah levantou os olhos para ele, o rosto muito pálido. — Então acabou? — A sua voz pouco mais era do que um sussurro. Estendeu a

mão para tocar nos dedos de Lars, como se precisasse de apoio físico, por mais ténue que fosse.

— Espero poder dizer que sim, que acabou. — Hardy olhou-a frontalmente. — Mas se forem os restos do Simon, nunca mais saberemos as razões que o levaram a fazer o que fez aqui. Pode acontecer que Langani tenha sido a primeira de várias propriedades que ele planeava atacar. Há uma série de jovens exaltados que se consideram ludibriados pelos brancos que lhes ficaram com as terras e depois pelos seus próprios políticos que lhes prometeram mundos e fundos depois da Independência e não cumpriram nada.

— Queria que ele morresse — disse Hannah com um olhar sombrio. — Mas queria que tivesse de enfrentar o que fez, de explicar, e que fosse depois obrigado a pagar pelas consequências.

— Pelo menos teve uma morte horrível — disse Lars —, um castigo à altura. E mesmo que não tenhamos as respostas todas, Hannah, é suficiente saber que já morreu e que não te pode fazer mais mal. Acabou e podes começar uma nova vida.

— Posso? — Hannah estava a agarrar-lhe na mão e ele sentiu o tremor que lhe percorria o corpo.

— Tens de começar — disse simplesmente. — Agora tens de esquecer e concentrar-te em trazer uma nova paz e uma nova vida a Langani.

— Há uma coisa que pode clarificar isto — disse Hardy. — A Sarah viu o Simon na crista, nessa noite. Viu o toucado e os ornamentos dele. Gostava que ela desse uma olhadela aos objectos que encontrámos para ver se correspondem aos que recorda.

— Eu contacto-a pelo rádio — disse Lars. — Depois digo-lhe quando pode vir. Entretanto, Jeremy, obrigado por ter vindo informar-nos pessoalmente e por tudo o que fez desde que isto começou.

Hannah levantou-se e sorriu vagamente a Hardy. — O Lars tem razão — disse. — Devemos-te muito. Obrigada, Jeremy. — Parada nos degraus, observou o jipe a afastar-se.

— Devíamos ligar à Lottie e ao Jan. — Lars saiu e colocou-se ao lado dela. — E eu vou ligar já à Sarah.

No dia seguinte, Sarah encontrou-se com ele na esquadra da polícia, em Nanyuki. O toucado estava na secretária do gabinete de Hardy, com os restos da tanga de couro e as pulseiras que Simon tinha usado nos braços e nas pernas. Sarah estava à espera de sentir alguma coisa ao vê-las, uma espécie de libertação, uma sensação de caso encerrado. Não teve qualquer dúvida de que lhe pertenciam. Mas sentiu unicamente um peso no coração que lhe deu de novo vontade de chorar.

— É o toucado — disse. — E as outras coisas que ele trazia.

— Então acho que podemos afirmar agora que o Simon está morto — disse Hardy. — E sentir-nos gratos por isso.

Hannah estava à espera em Langani. Abraçaram-se com força e foram sentar-se no jardim à sombra das tulipas-de-áfrica.

— Tenho andado a pensar numa coisa nestas últimas semanas — disse Hannah. — Gostava de abrir o *lodge*, Lars. Exactamente como o Piet queria. Tu e a Sarah disseram-me isso uma vez mas eu não estava pronta. Agora acho que é o que devemos fazer. Se vou ter um filho, então preciso que tudo em Langani seja viável.

— É uma excelente decisão, Hannah — disse Lars.

— Vens lá comigo? Levas-nos no jipe? — Hannah falou com uma voz trémula mas a sua expressão era austera, desafiadora. — Gostava de lá ir com os dois.

O *lodge* estava mergulhado numa tranquilidade espectral. Parecia que até o vento tinha parado quando entraram. Lars fizera a conservação das construções, mantendo-as limpas e livres do mato infestante que as rodeava. Hannah sentiu um nó na garganta ao ver os arbustos que tinha plantado, deitando novos rebentos com ávida energia no exterior dos quartos. Dois grou-coroados estavam no bebedouro, mirando a sua própria beleza reflectida. Sarah e Hannah ficaram ali, de mãos dadas, mal conseguindo controlar as suas emoções.

— Vou começar na próxima semana — disse Hannah. — Venho com o David e vamos repor a mobília no sítio e limpar tudo. E vou entrevistar potenciais empregados. Tenho andado a pensar que algumas das mulheres da fazenda podiam aprender a tratar dos quartos e a ajudar também na cozinha. E agora quero ir ao lugar especial dele. Contar-lhe o que aconteceu. Que acabou e que vamos continuar em frente, exactamente como ele queria.

Subiram à crista onde contemplaram a última morada de Piet.

— Hannah, tenho uma ideia. — Sarah tentou manter o ânimo na voz e banir o sentimento de desolação que ainda a assaltava quando pensava nele. — Foram os elefantes que me fizeram pensar nisso... quando os observei a cobrir com tanto carinho os entes queridos com as pedras e os ramos. Acho que o Piet nunca teria desejado uma lápide gravada. Mas um *cairn*, construído com as pedras que fazem parte da paisagem natural. Era perfeito. Podemos colocá-lo no sítio onde a pira ardeu e plantar uma árvore no centro. Qualquer coisa que proporcionasse sombra. Um lugar onde as aves pudessem fazer os ninhos. Assim teria sempre companhia.

— Uma acácia — disse Lars. — Havia de se dar bem aqui e podíamos vê-la da casa.

Hannah não disse nada e Sarah ficou apreensiva. Talvez se tivesse precipitado, avançando com aquela proposta sem esperar pelo momento certo. Outro erro estúpido.

— Acho que uma *Acacia tortilis* seria perfeita. — O rosto de Hannah estava calmo. — Crescem muito e têm aquela bonita copa achatada que parece um guarda-sol enorme e são lindíssimas quando florescem. Ele havia de gostar. É uma ideia magnífica.

Baixou-se e pegou em duas pedras brancas e lisas. — Estas seriam perfeitas para o *cairn* do Piet — observou. — Vamos procurar mais iguais.

Pouco tempo depois, tinham adquirido um ritmo uniforme, escolhendo pedras e seixos pela sua cor e feitio, colocando-os um a um na terra enegrecida. Tornou-se uma meditação, uma comunhão com Piet na morte, um enterro ritual da violência que reduzira a sua vida a cinzas. Agora essas mesmas cinzas jaziam debaixo de um suave peso de pedras descoloridas e aquecidas pelo sol. Finalmente, com calor e transpirados do esforço, recuaram e examinaram o resultado do seu trabalho.

— Acho que está bem — disse Hannah. — Sei que o Piet está satisfeito com isto. — Limpou a cara com um lenço. — Preciso de uma bebida fresca. Vamos levar a garrafa-termos e subir ao cume da crista.

Sentaram-se encostados à pedra favorita de Piet, lado a lado, desejosos de paz enquanto o sol começava a espalhar pelo horizonte a sua crepuscular faixa de cor e o deus de Kirinyaga os observava do seu cume gelado no limite da savana.

— Estive com o George Broughton-Smith — disse Sarah ao jantar.

— Ele deu-nos um subsídio — disse Hannah. — Durante algum tempo não fui capaz de aceitar. Só disse ao Lars há uma semana. Mas vai ajudar-nos e, se eu pensar racionalmente, tenho de me sentir grata.

Sarah esperou um pouco, considerando se devia continuar o que pretendia dizer na presença de Lars. Depois explicou o que George lhe dissera sobre Marina e, por fim, contou-lhes o que ouvira dizer sobre ele sem, contudo, revelar a fonte.

A expressão de Lars denotou incredulidade, mas Hannah não se mostrou surpreendida.

— Se é verdade e a Camilla não sabia, então deve ter sido muito duro para ela — disse Hannah. — E agora temos de lhe escrever, as duas, ou telefonar. Talvez seja boa ideia fazermos isso juntas enquanto cá estás, Sarah. Temos de convidá-la a vir quando puder. Para voltarmos a estar as três juntas.

Ao fim da tarde, pediram chamadas para Londres e Burford, mas ninguém atendeu e concluíram que Marina devia estar no hospital ou que a situação tinha melhorado e Camilla partira para qualquer lado com a mãe.

De manhã, Lars levou as duas a Nanyuki, onde Hannah tinha uma consulta com o Dr. Markham.

— Como vão as coisas na fazenda? — perguntou Sarah enquanto estavam na sala de espera.

— Bem — respondeu Hannah. — Melhor do que eu esperava. O Lars parece animado. Está instalado na casa pequena onde vivia o Mike Stead e tem trabalhado arduamente. Não estou muito com ele excepto para discutir a fazenda. Ele mantém uma certa distância. — O seu tom era triste ao pronunciar as últimas palavras mas depois animou-se. — Sinto-me tão grata por ele cá estar.

Sarah achou que ela estava com bom aspecto. A gravidez assentava-lhe bem. A sua pele estava quase luminosa e o cabelo dourado brilhava à luz do sol. Usava uma camisa solta por cima de um par de *jeans* largos que lhe escondiam a ligeira dilatação da cintura. Sarah apercebeu-se com um choque de que a camisa pertencera a Piet. Hannah reparou no olhar dela.

— Não tinha roupa de grávida — disse ela, encolhendo os ombros. — E agora quase toda a minha roupa normal está demasiado apertada. Pensei que podíamos dar uma olhadela na *duka* do Patel, quando sairmos daqui, a ver se há alguma coisa num tamanho maior que eu possa comprar. Então, que achas? — Deu uma palmada na barriga, rindo. — Daqui a pouco vai começar a crescer e já não vou conseguir escondê-la. Mas não faz mal. A única coisa que importa é que o bebé esteja bem.

Falava depressa, aparentemente feliz e confiante, mas Sarah reparou que ela estava nervosa. Os vizinhos e os amigos não tardariam a saber que estava grávida. Seria difícil lidar com a inevitável bisbilhotice. A porta do consultório do Dr. Markham abriu-se e ele fez sinal a Hannah para entrar. Lars regressou do banco e da estação de serviço e sentou-se ao lado de Sarah à espera.

— Ele diz que eu respiro saúde por todos os poros — anunciou Hannah. — Tenho de voltar dentro de um mês. Vamos à *duka*.

A loja de Mr. Patel estava a abarrotar de artigos genéricos e cheirava a serapilheira, carne seca e parafina. Num canto, atrás do balcão de madeira, havia pilhas de embalagens de vestuário embrulhadas em celofane. Sarah e Hannah examinaram as possibilidades sem grande entusiasmo. Lars estava a encomendar provisões para a fazenda na outra ponta da loja, evitando envolver-se nas compras de Hannah. Com risadinhas abafadas, elas escolheram duas enormes blusas e Hannah seleccionou tecido para confeccionar mais peças. Quando pegaram nos embrulhos e se dirigiram para a porta, Hannah praguejou entre dentes.

— Merda. Era a última pessoa com quem me apetecia esbarrar. — Correu para o fundo da loja quando uma mulher anafada entrou, mas era demasiado tarde. Hettie Kruger estava a aproximar-se com determinação, os olhos pequenos penetrantes e carregados de maldade.

— Hannah, minha querida. Que bom ver-te cá por fora. Estás com bom aspecto, tendo em conta...

— Tendo em conta o quê, Hettie? — Hannah espetou o queixo.

A mulher corpulenta esboçou um sorriso de superioridade. — Considerando todos os teus dissabores, minha querida. Ouvi dizer que a tua mãe se tinha ido embora. Deve ter sido difícil para ti, sozinha no teu estado. É uma sorte ainda termos o Dr. Markham entre nós, mas sempre

esperei que a Lottie quisesse ficar para ajudar. Mas também com a situação actual...

Lars aproximou-se, vindo do outro lado da loja. Colocou-se ao lado de Hannah, passando-lhe o braço pelos ombros e fixando Mrs. Kruger com um olhar gélido.

— Prazer em vê-la, Hettie. Espero que tenha passado bem.

Ela lançou-lhe um olhar de enjoada, os olhos a brilhar no rosto papudo, fazendo lembrar a Sarah um hipopótamo deitado nos baixios, pronto a atacar os incautos.

— Estou bem, Lars, obrigada. Ouvi dizer que tinha voltado. Deve ser duro em Langani com tudo o que aconteceu. É muito simpático da sua parte continuar a trabalhar nessas circunstâncias. Tenciona ficar?

— E que circunstâncias são essas, Hettie?

Os olhos de Hettie Kruger percorreram lentamente a figura de Hannah. — Não há segredos na nossa pequena comunidade — disse. — Mas somos os primeiros a olhar os erros com uma certa tolerância. Estamos aqui para ajudar quem fica desamparado.

Hannah corou até à raiz dos cabelos e abriu a boca para falar, mas Lars apertou-lhe o ombro com força. Olhou por um momento para Mrs. Kruger com hostilidade e depois pareceu tomar uma decisão. A sua expressão desanuviou-se como se tivesse subitamente compreendido qualquer coisa que o andava a confundir.

— Ah, refere-se ao feliz acontecimento, é isso? Eu e a Hannah estamos encantados. Acabámos de chegar do exame médico da Hannah e há-de gostar de saber que está tudo bem. Claro que tínhamos pensado em casar-nos mais cedo. Mas não foi possível. Precisávamos de algum tempo depois de toda esta tragédia. Mas decidimos avançar agora e casar. Vamos realizar uma cerimónia que há-de restituir a alegria às nossas vidas. Não é, Hannah?

Hannah estava a olhar para Lars, estupefacta. Ele enterrou os dedos no ombro dela para a incitar novamente.

— Não decidimos a data exacta mas será muito em breve, não é, Han? Muito em breve mesmo.

Hannah olhou para o rosto severo e incrédulo de Hettie Kruger e depois novamente para Lars, que lhe sorria com profunda ternura e algum humor. Voltou os olhos para Hettie e recuperou a voz.

— Sim. Sim, eu e o Lars vamos casar-nos muito em breve — disse numa voz ténue. — E estamos muito felizes. Muito felizes mesmo.

Quando Hettie Kruger saiu porta fora, encolerizada com a notícia, Lars virou Hannah para si. Tomou-a nos braços e beijou-a na boca e depois beijou-a outra vez.

— Sim, estamos. Muito, muito felizes — repetiu.

CAPÍTULO 30

Londres, Fevereiro de 1966

Camilla estava morta de cansaço. Tinha sobrevivido a uma semana esgotante de sessões fotográficas, a uma entrevista para uma revista, a duas aparições na televisão e a um jantar de beneficência. O seu único desejo era escapar para um lugar onde ninguém a reconhecesse. O céu estava pardacento e nublado. Ao fim da tarde, quando anoiteceu, sentiu um desejo de sol e do odor da escaldante poeira africana, do fulgor escarlate de um vaqueiro masai a conduzir o seu gado através da savana dourada. Acima de tudo, queria estar com Sarah e com Hannah para poder comungar da sua dor. Mas estava presa em Londres, impossibilitada de se ausentar por mais de alguns dias, correndo entre compromissos e visitas à mãe.

Passava muitas noites no apartamento de Edward, embora fosse frequente ele chegar tarde a casa. Nos últimos dois meses, tinha reduzido bastante as horas de trabalho mas continuava a haver muitos dias em que dava consultas ou aulas para além do horário normal ou ficava no hospital onde surgira alguma emergência complicada. Camilla experimentava sentimentos contraditórios acerca da sua absoluta dedicação ao trabalho. Havia alturas em que chegava ao apartamento dele esgotada, depois de um longo dia de sessões, ou emocionalmente arrasada no fim de uma tarde com Marina. Ansiava então por companhia, por um jantar amigável de conversa despreocupada e boa disposição ou por uma ida espontânea ao cinema. Mas, noutras noites, ficava satisfeita por Edward estar ocupado para não ter de pensar em mais nada a não ser num longo banho quente e numa ou duas horas em frente da lareira com um livro e a distração da televisão.

— Amo-te, Camilla — dizia ele com frequência. — Anda viver comigo. Passamos quase todo o nosso tempo juntos. Podia olhar melhor por ti,

estar mais tempo contigo, se vivêssemos na mesma casa.

Mas ela recusava, incapaz de lhe explicar, a ele ou a si própria, a relutância que sentia em renunciar ao seu apartamento e à sua independência. Era o único lugar onde ainda podia relaxar, subindo as escadas e rodando a chave na fechadura para se libertar do artifício da sua imagem pública. Não queria viver com Edward, tal como não queria satisfazer a esperança da mãe de a ter permanentemente em casa, em lugar de aparecer todos os dias. Prometera a Marina que jantariam juntas nessa noite mas entretanto tinha almoçado com o pai. George passara dez dias no Quénia e estava ansioso por estar com ela.

No clube dele, em Pall Mall, ficou divertida com a admiração com que o porteiro idoso mirou a sua saia curta e as botas de verniz. Ele acompanhou-a ao sítio onde George estava à espera. A conversa entre eles saltou do teatro e das galerias de Londres para as florestas da Índia onde ele estivera recentemente a estudar a conservação dos tigres e do seu *habitat*. A discussão da saúde de Marina foi adiada. Mais tarde estariam os dois com ela.

— Recebi cartas da Sarah e da Hannah — disse Camilla. — Não sei como conseguem sequer funcionar.

— Não estive com a Hannah — respondeu ele. — Mas este mês deve receber a primeira prestação do subsídio que consegui para Langani. E tem o Lars para ajudá-la. A Sarah mostrou uma grande coragem, mas isso não passa de uma carapaça frágil. É uma rapariga excepcional.

— Devia ter lá ido quando o Piet morreu, mas...

— Não podias ter ido, minha querida — disse George. — Tinhas de estar aqui a apoiar a tua mãe.

— Não, papá. Não precisas de arranjar desculpas. A verdade é que não fui porque tive medo. Desde Setembro que não estava com elas nem as contactava e senti vergonha. Mas quando puder vou. Assim que... — Não precisou de terminar a frase.

— Tenho outra novidade — disse George. — Vou transferir a minha base de operações. Já não, claro. Imediatamente não, mas mais para o fim do ano.

— Para onde? — Camilla estava surpreendida.

— Para Nairobi, por estranho que pareça. Vou trabalhar directamente com o Ministério do Turismo e supervisionar os projectos a que

atribuímos financiamento. Controlar com rigor o destino do dinheiro.

— Não era o que já estavas a fazer? — perguntou Camilla. — A partir daqui, com visitas ao Quénia?

— Era. Mas temos quatro ou cinco novas iniciativas em desenvolvimento na África Oriental e agora é necessário alguém no terreno a tempo inteiro. — Fez uma breve pausa. — A verdade é que me ofereci para a tarefa. Fui eu que iniciei a maioria destes projectos e gostava de ser eu a acompanhá-los até ao fim.

— Custa-me a crer que vás outra vez viver para Nairobi — disse Camilla. — Parece tão estranho.

— Estou entusiasmado com a ideia — disse ele. — Espero ver os teus jovens amigos com mais frequência depois de lá estar. Ajudá-los dentro das minhas possibilidades. Então, que pensas?

— Bem, se puderes passar tempo nos parques e nas reservas de caça e não sentado a uma secretária... É estranha a maneira como a vida ziguezagueia em direcções inesperadas. Tu vais para a selva africana e eu continuo na grande cidade, presa à objectiva de uma câmara. Como uma traça atraída pela luz.

George pensou se deveria mencionar o reencontro com Anthony Chapman e o facto de que iam colaborar no futuro como membros de uma comissão de conservação. Mas decidiu que não. Era provavelmente a verdadeira razão por que ela não queria voltar. As recordações do Quénia entristeciam-na.

— Como está o Edward? — perguntou ele.

— Ocupado.

— Alguma vez vais pôr a hipótese de te casares com ele, Camilla?

— Nunca hei-de pôr a hipótese de me casar com ninguém — respondeu ela secamente. — Tenho uma vida demasiado ocupada. Muita coisa sempre a acontecer. Quando houver um buraco, há uma empresa italiana que quer fazer algumas fotos nas Baamas e em Nova Iorque. Na próxima semana vou estar dois dias em Paris e novamente dentro de um mês se a situação da mãe não se alterar. E arranjei uma pessoa tremendamente profissional para começar a executar as minhas criações com missangas e bordados. Levei as minhas criações africanas de casacos e carteiras a uma loja em Bond Street mas, antes de eles se decidirem, o Saul Greenberg comprou-as. Quer lançar uma linha limitada e exclusiva para uma

boutique em Nova Iorque. Roupas e carteiras em camurça, cosidas e bordadas com missangas, berloques e penas do Quénia. Quero supervisionar pessoalmente a primeira colecção, pelo que vou mandar confeccionar tudo em Londres, já que neste momento não posso ir a Nova Iorque.

— Não te mates a trabalhar — disse George. — Passas muito tempo com a tua mãe e, embora possas não te aperceber, isso é cansativo. Talvez fosse sensato levares as tuas outras obrigações com mais calma.

— No meu ofício, não há alternativa a não ser estar constantemente na ribalta, papá — disse ela. — Senão caímos no esquecimento. Há sempre alguém novo e diferente e melhor em ascensão e eu preciso de recheiar a minha conta bancária antes de ser rejeitada a favor de alguma adolescente escanzelada. Criar vestuário é o meu plano para conseguir isso.

— Já sabes o que diz o ditado: só trabalhar sem nunca brincar... — disse George. — Fazia-te mais do que bem tirares umas férias de vez em quando.

Camilla estudou o pai mais atentamente. O seu cabelo estava a rarear e o rosto parecia ter-se alongado, envelhecido. Havia rugas indisfarçáveis de tristeza nos cantos da sua boca. Mas continuava a ser atraente e os seus olhos cinzentos ainda eram perspicazes. Estava com um fato que ela se lembrava de ele ter comprado em Roma. Os seus botões de punho cintilaram quando ele estendeu a mão para pegar na faca e no garfo e ela reparou que eram uma prenda de aniversário que Marina lhe oferecera há vários anos.

— Emagreceste — disse ela. — São esses jantares de sopa e torradas com a mãe. Estás com ar de quem precisa de refeições mais nutritivas. Como estes pratos substanciais que servem aqui. E às tantas não era má ideia se também levasses as coisas com calma.

— Venho aqui para estar com os meus amigos. E por causa da carta de vinhos. — George estava a sorrir. — Mas nunca pela comida. Vais agora visitar a tua mãe?

— Vou lá jantar. Se é que se lhe pode chamar jantar.

— Não lhe disse nada sobre a mudança para Nairobi.

— Claro que não — disse ela. — Não vale a pena falar em nada que não seja imediato.

George abraçou-a com força nos degraus do clube. Quando ela olhou para trás, pela janela do táxi, ele pareceu-lhe um pouco mais pequeno, a caminhar por Pall Mall, o corpo vergado contra o vento frio da tarde. Camilla pensou na vida privada dele, mas decidiu imediatamente que não queria mesmo saber.

Em casa, fez chá e começou a ler um romance mas teve dificuldade em concentrar-se. Sentia-se inquieta, deslocada e isolada de tudo. O pai ia voltar para o Quénia onde estaria com as pessoas de quem ela mais gostava. Com o homem que amava e que não retribuía o seu amor. Lá fora, um sol fraco esbatia-se, dando lugar a uma deprimente luz cinzenta como fumo. Camilla pensou nos espaços ermos e ameaçadores e nas cores do Quénia, nas tardes sufocantes em que até os tecelões se calavam no calor asfixiante. A chuva inglesa tamborilava na janela enquanto evocava as estonteantes noites africanas e os momentos em que fizera amor com Anthony e o recebera dentro de si. Tinham escutado os sons do mato. Ela agarrara-se a ele, na cama de lona, ao ouvir o rugido de um leão à distância e riram-se juntos do resfolegar e chapinhar dos hipopótamos no rio abaixo da tenda. Pensou se o amor seria sempre assim doloroso. E depois pensou em Sarah e, no seu espírito, o seu próprio sentimento de perda pareceu diminuir. O telefone interrompeu o seu raciocínio e ela sentiu-se aliviada.

— Camilla? Não desligue, por favor.

— Quem fala? — perguntou Camilla. Havia algo de familiar na voz mas não conseguiu identificá-la.

— Fala o Giles Hannington.

— Estava mesmo de saída — mentiu.

— Ouça-me, por favor — disse ele. — Preciso de falar consigo.

— Não me parece — respondeu ela. — Já estou atrasada e vou desligar. E agradecia que não me voltasse a telefonar.

— Almoçou hoje com o seu pai. Quero falar consigo sobre ele.

— Deixe-me em paz — disse ela, desligando.

Mas ele voltou a telefonar. E mais uma vez. — Precisamos seriamente de falar — disse quando ela levantou o auscultador pela terceira vez, furiosa e brusca. — Só uns minutos. Eu sei o que ele significa para si. Isto é importante. Se falar comigo agora, dou-lhe a minha palavra que nunca mais a incomodo.

— Onde está?

— Ao dobrar da esquina, em Brompton Road.

— Pode vir aqui — disse Camilla, vencida mas não convencida.

Deu-lhe a morada e serviu-se de uma vodca com gelo, engolindo-a de um trago. Quando a campainha tocou, abriu a porta e fez-lhe sinal para que entrasse. Depois sentou-se no sofá e indicou-lhe uma poltrona. Ele preferiu ficar de pé, de costas para a janela, com as mãos enfiadas nos bolsos.

— O George anda muito deprimido — disse ele sem preâmbulos. — Deve ter notado a mudança nele. Não come e está a beber de mais. Passa o tempo todo a cismar, num luto antecipado, culpando-se pela doença da sua mãe. Está convencido de que foi provocada em parte pela infelicidade que lhe causou. Está praticamente a morrer com ela. Recusa-se a ir onde quer que seja, a estar com quem quer que seja.

— Recusa-se a estar consigo, deve ser isso que querer dizer — disse Camilla friamente.

— Quero dizer exactamente o que disse — retorquiu Giles com impaciência. — O seu pai está muito mal. Passou a maior parte da vida a tentar ser o que os outros queriam que ele fosse. As leis e a hipocrisia forçaram-no a isso, obrigaram-no a ter vergonha daquilo que é. E agora decidiu deixar Londres e ir para África porque tem medo do que a Camilla possa pensar se ficar aqui. Comigo. Mas a verdade é que a Camilla não pensa sequer nele.

— Não se atreva a falar comigo dos meus sentimentos pelo meu pai nem do que eu penso — disse ela, a espumar de raiva.

— Por amor de Deus, ouça-me. A Camilla tem a sua vida. Toda a gente quer conhecê-la, ser vista na sua companhia. As horas do dia não lhe chegam para os seus admiradores e bajuladores e não troca certamente nenhum deles pelo seu pai, que precisa de alguém que o ajude a superar isto. Alguém que sinta verdadeira afeição por ele. Merece ser amado e aceite por aquilo que é.

— E, na sua opinião especializada, o que é que ele é?

— É um ser humano excepcional. De uma integridade e dignidade absolutas. É a pessoa mais admirável que alguma vez hei-de conhecer. Mas está aprisionado, acorrentado pelos seus preconceitos. A Camilla está revoltada porque ele é homossexual. Mas eu já a vi em clubes, a comer, a

beber e a dançar com homens que estão na companhia dos namorados. Dá ideia que com eles não é tão esquisita, mas ao seu pai aplica um conjunto de regras diferente. O seu desdém está a destruí-lo. Por isso peço-lhe que lhe dê uma oportunidade, uma ajuda, algum encorajamento para que ele continue a viver.

— Suponho que estamos a falar da vida dele consigo? — disse ela. — É isso que quer? Que eu diga ao meu pai que por mim pode ir para a cama à vontade com qualquer rapaz bonito que se sinta atraído por ele?

— É mórbida — disse Giles com repugnância. — Fiz mal em ter vindo aqui. Mas para que fique registado, sim, gostaria que ele estivesse comigo. Seria o ser humano mais feliz do mundo se pudesse olhar por ele até ao fim da minha vida. Mas é inútil tentar explicar-lhe uma questão destas. Boa-noite. — Dirigiu-se em passos largos para a porta e saiu antes de Camilla ter tempo de se levantar do sofá.

Ela acabou a bebida. No quarto, abriu a gaveta do toucador e tirou uma fotografia dos pais. Estavam a sorrir, os braços em volta um do outro. Um casal perfeito. Encantadores, inteligentes e sofisticados, toda a gente dizia, e talhados um para o outro. Ter-se-iam realmente amado de um modo estranho e retorcido? O que os tinha mantido unidos ao longo dos anos? Ao fazer a si mesma esta pergunta, Camilla apercebeu-se de que ela própria não tinha qualquer experiência de amor incondicional. Com um suspiro de frustração, voltou a guardar a fotografia. Não servia de nada remoer no passado. Pegou no casaco e no guarda-chuva e saiu para ir visitar a mãe.

O jantar decorreu lentamente e a conversa foi esporádica enquanto Marina se debatia para ingerir pequenas porções de comida. Viu televisão durante algum tempo, envolta numa manta, no sofá, os dedos em redor da mão de George e a cabeça pousada no seu ombro. Quando a enfermeira chegou e a foi deitar, Camilla deixou o pai sozinho diante da televisão. Ele levantou os olhos quando ela se dirigiu ao vestíbulo e ergueu a mão num gesto triste de despedida. Encaminhou-se para a discoteca mais animada que conhecia. Edward estava num jantar oficial qualquer e não queria estar sozinha. À entrada encontrava-se uma turba impaciente mas o porteiro reparou nela e fê-la entrar à frente da fila para a confusão vibrante e ruidosa de pessoas como ela, apostadas em esquecer. Tom Bartlett acenou de uma mesa junto à pista de dança.

— Temos de celebrar — disse quando ela se aproximou. — O contrato para os cosméticos está fechado. Primeiro perfumes e depois a nova linha de produtos faciais. Resta esperar que o Edward te ponha a testa boa brevemente.

— Não estou disponível enquanto a minha mãe estiver por cá — disse ela. — Já sabes disso.

— Não te preocupes — disse ele. — Os franciús não se importam de esperar. Esta nova linha de porcarias caras também ainda não está pronta. — Pediu champanhe e reclinou-se com um sorriso rasgado de satisfação na cara. — Acho que devemos organizar-lhes uma jantarada, aos franciús, digo eu. Não são muitos, é melhor qualquer coisa íntima. Vamos seleccionar umas vinte pessoas que estiveram envolvidas na tua carreira desde o início. Podemos alugar uma sala privada no Annabel's. É civilizado e exclusivo.

Camilla olhou para ele, reflectindo. O plano dele tinha desencadeado uma ideia. — Talvez — respondeu. — Amanhã digo-te.

Telefonou ao pai de manhã e agradou-lhe saber que ele não tinha quaisquer planos de viagem imediatos. Depois ligou a Tom.

— Arranja uma firma de *catering* — disse ela. — Vamos fazer esse jantar no meu apartamento.

— É muito pequeno — retorquiu ele, duvidoso.

— Então fazemos em casa do Edward. Ele não se importa. Tem uma megera duma governanta que supervisiona tudo. E não te preocupes com os convites. Eu trato disso. Assim não tens de te preocupar se essa tua secretária horrorosa entornar café nos cartões. Mais importante ainda, eu não tenho de me preocupar.

Edward ficou agradavelmente surpreendido. — Claro que podes organizar aqui o jantar — disse. — Mas pensei que não querias misturar as nossas vidas profissionais e privadas.

— Que vidas privadas são essas? — perguntou ela. — Nenhum de nós tem tempo para uma vida privada.

Ele olhou para ela e depois sentou-se numa poltrona e instalou-a no colo. — Sinto muito, querida — disse, a voz quebrando-se-lhe. — Sinto muito, acredita.

Ela ficou surpreendida com a sua reacção. — Não faz mal, Edward. É só que eu queria...

— Não, claro que faz mal — disse ele. — Eu amo-te, Camilla. Adoro-te e não passo tempo suficiente contigo. Mas a partir de agora vou remediar isso.

Camilla sorriu-lhe. Ele beijou-a e enfiou-lhe as mãos debaixo da camisa, fechando os olhos e recordando a si mesmo o milagre que ela representava na sua vida. Quando fez amor com ela, tomou consciência de uma ternura intensificada dentro de si. Mais tarde, apertou-a estreitamente nos braços e acariciou-a até ela adormecer.

Na noite da festa, Camilla vestiu-se com extremo cuidado e sabia que estava lindíssima. Edward estava ao seu lado, os seus dedos tocando-a fugidia e repetidamente. Já lá estavam cinco ou seis pessoas quando o pai chegou. Camilla ofereceu-lhe uma taça de champanhe, fez as apresentações e depois deixou-o com Edward e posicionou-se perto da porta. Giles Hannington chegou um pouco atrasado. Ela conduziu-o do vestíbulo para a sala de estar, observando quando George se virou, incapaz de disfarçar a sua confusão. Camilla sorriu-lhe do outro lado da sala e depois ocupou-se dos outros convidados, mantendo um olhar discreto sobre Giles. Ele aceitou uma bebida e aproximou-se de Tom, que estava a olhar para ela com insistência, a testa franzida numa expressão interrogativa. Mas ela fizera o que achara melhor e não estava arrependida. Sentia-se um pouco tonta e nervosa quando sentou o pai a meio da mesa, com o cliente francês à sua direita e Giles à sua esquerda. Edward estudou o jovem e interrogou-se por que razão Camilla lhe dera um lugar proeminente. Talvez ele fosse um novo modelo. Era atraente embora não muito alto. À medida que a noite foi passando e os vinhos suavizaram o seu nervosismo, Giles mostrou-se um convidado agradável e divertido e Camilla ficou impressionada com os seus conhecimentos sobre arte e música e o seu amor pelo teatro, onde tinha excelentes contactos. George observou a filha, intrigado com os seus motivos, mas depois do jantar ela chamou-o à parte e beijou-lhe a face.

— Não sabia como te dizer que, faças o que fizeres, está tudo bem comigo — disse. — Amo-te, papá, e quero que sejas feliz.

Viu que ele tinha lágrimas nos olhos e afastou-se apressadamente, deparando-se com mais um dos olhares curiosos de Tom. Quando todos os convidados se foram embora, ele atirou-se para o sofá ao lado de Edward.

— Correu bem — observou. — Foi muito simpático da tua parte, Edward, deixar-nos realizar isto aqui. Os novos clientes da Camilla adoraram ter sido convidados para tua casa. Não é habitual os homens de negócios franceses serem recebidos em casas particulares.

— Sim. Foi uma noite interessante e quando acabar este café estou pronto para cair na cama. Tenho uma operação de manhã cedo.

— Não sabia que o Giles Hannington era teu amigo, Camilla — disse Tom. — Fiquei surpreendido ao encontrá-lo aqui.

— É o amante do meu pai — respondeu ela, divertida, ao ouvi-lo engasgar-se com o conhaque. Edward estava a sorrir.

— Não paras de me espantar, Camilla — disse Tom. — Nunca conheci ninguém de cabeça tão fria. Fria de mais. Seja o que for que te aconteça, os efeitos nunca são duradouros. Estou a pensar no desastre com a tua cara, no roubo, na doença da tua mãe, no amigo que foi assassinado em África e nesta coisa agora com o teu pai. Não há nada que te afecte?

Ela olhou para ele com tristeza, sabendo que ele não a compreendia minimamente. — Só me preocupo com as coisas que posso controlar — respondeu, sacudindo uma mão desdenhosamente. — Não adianta de nada perder tempo com as outras.

— Foi um gesto muito simpático e corajoso — disse Edward mais tarde, passando o braço à volta dela e puxando-a para si.

Camilla deitou-se ao lado dele, exausta, como se a sua energia se tivesse evaporado com os hóspedes. Pensou onde estaria o pai nesse momento e evitou a resposta. O gesto dessa noite era suficiente. O tempo encarregar-se-ia das consequências. Virou-se e encostou-se ao corpo esguio de Edward, moldando-se à forma segura de amor que ele oferecia. Depois adormeceu.

Acordou, deparando-se com um dia invernosso e o ruído da chuva, os ramos sem folhas desenhando uma tatuagem de luz no vidro da janela. Edward já tinha saído e Camilla vestiu um par de *jeans* e uma camisola e dirigiu-se à cozinha para fazer o pequeno-almoço, recusando-se deliberada e laboriosamente a pensar no que quer que fosse. Os jornais da manhã já tinham sido entregues e Edward deixara-os na mesa para ela. A notícia vinha na página quatro e ocupava muito pouco espaço, mas o cabeçalho saltou-lhe à vista: *Polícia Queniana Descobre Restos Mortais Ligados a Homicídio de Fazendeiro Britânico*.

O artigo afirmava que os restos mortais que se julgava pertencerem ao assassino, Simon Githiri, tinham sido encontrados numa floresta próximo da casa do fazendeiro branco que ele matara em Dezembro do ano anterior. Os ossos indicavam que o quicuio fora atacado e devorado por animais ferozes durante a sua tentativa de fuga. Piet van der Beer fora barbaramente mutilado na sua propriedade, a Fazenda de Langani, e abandonado à morte. O crime evocava as matanças selvagens que haviam tido lugar depois das cerimónias de juramento durante o movimento rebelde dos Mau-Mau. O defunto fora amigo próximo da modelo internacional, Camilla Broughton-Smith. Ela própria ficara ferida durante umas férias na propriedade, no Outono do ano anterior.

As recordações assaltaram-lhe a memória e com elas veio o medo reprimido, apoderando-se do seu corpo ao reviver a noite do ataque, a entrada tempestuosa dos homens com as facas, a sensação quente do sangue a correr-lhe na testa. Pensou em Hannah, a chorar o irmão, sem saber que a sua morte fora provavelmente um acto de vingança por um incidente em que o pai estivera envolvido anos antes. George tinha razão. De que servia revelar agora o passado de Jan? Piet estava morto e já era suficientemente difícil para Hannah aprender a viver sem ele, continuar a sobreviver sob o espectro da sua morte hedionda. Não devia ter de aceitar o fardo adicional dos pecados do pai. E havia Sarah, violentamente privada de amor e de um marido no momento em que a sua felicidade explodira para deleite de todos. Levantou o auscultador. A espera foi longa e terminou em frustração.

— Sinto muito mas o número que pediu no Quénia está ocupado. Quer experimentar mais tarde?

Camilla decidiu esperar meia hora e voltar a tentar. Sentou-se numa poltrona e acendeu outro cigarro. O toque do telefone sobressaltou-a e ela levantou-o rapidamente, desejosa de dissipar a atmosfera pressaga que se abatera sobre a manhã.

— Li o artigo no jornal — disse Edward. — Deves estar terrivelmente transtornada.

— Estou bem. — Sabia que a sua voz era trémula. — Não, realmente não estou. Foi um choque e é inimaginável o que elas devem estar a passar. Veio tudo novamente à memória.

— Queres vir ter comigo ao consultório logo à tarde? Podemos ir jantar a algum sítio sossegado.

— Gostava muito. Estou aí por volta das seis. Vou visitar a Marina antes.

Não estava preparada para os *flashes* e os gritos dos jornalistas aos empurrões para se aproximarem dela quando se apeou do táxi à porta de casa dos pais.

— Tem alguma declaração a fazer sobre o assassinio de Piet van der Beer?

— Simon Githiri era um dos empregados da casa quando lá estive?

— É verdade que os olhos de Piet van der Beer foram arrancados?

— Pode dar-nos pormenores sobre o assassinato? Este Githiri esteve envolvido no assalto que resultou no seu ferimento?

— O movimento dos Mau-Mau ainda está activo no Quénia? Simon Githiri era membro da organização?

— É verdade que Piet van der Beer era seu amante?

Camilla escapou para dentro do prédio e para o santuário do quarto de Marina.

— Que vem a ser essa algazarra toda? — perguntou Marina. — Não percebo o que estão a fazer lá em baixo, mas só queria que desaparecessem.

Camilla tentou conter lágrimas de raiva e frustração ao explicar os macabros acontecimentos à mãe.

— Não sei como me descobriram aqui — disse, furiosa. — Não posso ir-me embora. São como abutres a devorar uma carcaça. Ia fazer compras e encontrar-me com o Edward mais tarde e agora não posso ir a lado nenhum. Estragaram-me completamente o dia.

— Querida, o porteiro leva-te para a rua pela entrada de serviço. Não te aflijas. Mas sinto muito. Deve ter ressuscitado todas essas recordações terríveis.

Camilla sentou-se na beira da cama. — Mãe, que viste na pasta naquela noite? Sobre o Jan van der Beer?

— Oh, Camilla. — Os olhos de Marina encheram-se de lágrimas. — Nunca devia ter falado nesse assunto e nunca mais vivi bem com a minha consciência. Fui levada pelos ciúmes porque tu os amavas mais do que alguma vez me amaste a mim. Mas faz tudo parte do passado e eu não

quero pensar mais nisso, querida. Vamos pensar só nas coisas boas agora. — Limpou os olhos com os dedos e um soluço subiu-lhe na garganta, desencadeando uma tosse seca que a deixou exausta e incapaz de falar.

— Não faz mal, mãe. E é verdade. Já não tem importância — disse Camilla. — Queres que te leia alguma coisa?

A meio da tarde, Camilla voltou a olhar pela janela. Os jornalistas ainda não se tinham ido embora. Suspirou e pegou no telefone para explicar a Edward o dilema em que se encontrava.

— Já tinham aparecido aqui à porta do consultório — disse ele. — Os meus empregados estão habituados a despachá-los quando alguma celebridade precisa de cá vir incógnita a uma consulta. O melhor é eu ir ter aí daqui a uma ou duas horas. Jantamos com o George e a Marina e depois vamos para casa. Não é o que eu planeei mas pelo menos estou contigo.

Ela sentiu-se grata e mais grata ainda quando ele insistiu para que aceitasse uma sessão fotográfica de três dias em Roma.

— Eu visito a Marina enquanto estás para fora — prometeu. — Janto com o George. Acho que deves ir, querida. Aproveitas para descansar um pouco.

Ela estava em Roma quando recebeu a chamada.

— A tua mãe está no hospital — disse George. — Acho melhor regressares, Camilla. Já não falta muito. Ela está muito fraca, mas tranquila e não tem dores.

Marina estava muito calma na cama de hospital, com o marido sentado à sua cabeceira. Insistiu para que a enfermeira lhe levasse um espelho e a maquilhagem.

— Ponha-me um pouco desta base. Estou demasiado pálida. E *bâton* também. — Olhou para os resultados enquanto George lhe segurava no espelho. Depois sorriu. — A Camilla está a caminho — disse num fio de voz. — Quero estar bonita. Quero que ela me recorde como uma mulher bonita.

Foram as suas últimas palavras. Os seus olhos pestanejaram por um momento enquanto lhe aplicavam rímel e lhe penteavam o cabelo. Emitiu

um som ofegante na garganta e levantou uma mão frágil em sinal de alarme. E nesse momento a vida abandonou-a.

George virou a cabeça quando a filha entrou no quarto, minutos mais tarde. Camilla compreendeu de imediato que era tarde de mais. Ele aproximou-se dela de braços estendidos e ela abraçou-o ferozmente enquanto ele soluçava, dando expressão ao remorso e à mágoa. Tocaram então à campainha para chamar a enfermeira, pondo em marcha os mecanismos necessários para que Marina pudesse ser enterrada.

O convite chegou no dia do funeral. Camilla reparou imediatamente no selo do Quénia. Abriu o envelope e leu as palavras com prazer. Lars e Hannah. Estava a sorrir quando enfiou o anúncio na carteira preta. Durante o serviço religioso, estava consciente da sua presença, do seu poder.

Manteve-se perto de George na recepção que se seguiu, recebendo palavras de consolo de amigos e estranhos, escutando sem ouvir e pensando no cartão dentro do envelope que esperava uma resposta.

— Acho que podemos ir embora, querida — disse Edward. — Já quase todos saíram e o George está com alguns amigos íntimos. Vamos para casa.

— Gostava de ir para o meu apartamento — disse ela, suplicando-lhe com o olhar que não tentasse dissuadi-la.

Assim que entrou, tirou o chapéu e sacudi os sapatos altos dos pés. — Gostava de ir passar um tempo fora — declarou.

— Acho que deves ir. Descansar só te fará bem — concordou Edward, passando-lhe uma bebida. — E depois tratamos da tua cicatriz. Removemo-la de uma vez por todas para que nunca ninguém saiba que existiu. E depois tiro umas férias e vamos para um sítio qualquer tranquilo, para te restabeleceres. São só os primeiros dias que custam. O resto é paciência. Um momento ideal para umas férias muito privadas.

— Não. Não quero pensar na minha cicatriz. Não é importante.

— Para já não. Mas temos de falar sobre esse assunto quando descansares e te refizeres disto. — Sentiu a agradável pressão dos dedos dela. — Queres que fique contigo? — perguntou.

Ela abanou a cabeça. Edward beijou-a e afagou-lhe o cabelo, deixando-a só. Ela viu-o aparecer na praça em baixo e fazer sinal a um táxi. Suspirou. Ele era generoso, forte e bem-sucedido e oferecia-lhe amor e segurança. Nunca a desiludiria nem humilharia.

Quando conseguiu ligação com Langani foi Hannah quem atendeu. Queria que Camilla estivesse presente. Sarah também lá estava, viera de Buffalo Springs. Hannah ia passar-lhe o telefone.

— Vens ao casamento? — perguntou Sarah.

— Não sei — disse Camilla. — Recusei vários trabalhos ultimamente por causa da doença da minha mãe. Mas ela morreu. Há três dias. Não sei exactamente o que sinto. E agora tenho mesmo de ser operada à cara. Mas há uma coisa que gostava de fazer que me tornará parte da celebração. Quero que me mandes as medidas da Hannah. Quero fazer o vestido de noiva dela.

— Camilla, ela vai ter um bebé. Por volta do fim de Agosto ou princípio de Setembro.

— O quê? Mas...

— Eu escrevo a contar. A Han também vai escrever. Está muito feliz. E isto será um novo começo para todos nós aqui.

— Li as notícias sobre o Simon.

— Sim. A polícia tem a certeza que eram os restos dele. Mas eu queria que tivéssemos ouvido da boca dele as razões por que fez o que fez... ao Piet, que o recebeu de braços abertos e lhe deu trabalho e um futuro.

Não havia nada que Camilla pudesse dizer. Hannah ia casar-se e ter um filho. Era tempo de seguir em frente, de agarrar a felicidade que encontrara e esquecer as sombras do passado.

— Pensei que ia sentir alguma coisa — disse Sarah. — Porque ele matou o Piet, a outra parte da minha alma. E, não sei porquê, mas pensei que teria pressentido a morte do Simon.

— Estavas demasiado angustiada — disse Camilla. — Foi logo a seguir à morte do Piet. Não podias pensar em mais nada.

— Tens razão, eu sei — disse Sarah. — E agora chegou a altura de começar de novo. Não para esquecer, mas para seguir em frente. E o casamento da Hannah e o bebé serão a luz que nos há-de guiar.

As medidas chegaram por telegrama no dia seguinte e Camilla deitou imediatamente mãos à obra, pondo de lado as roupas para a nova colecção

para se concentrar no vestido de noiva de Hannah. Durante três semanas procurou o tecido certo, as guarnições, as missangas e as penas que pretendia usar. Supervisionou o corte do vestido, observou as missangas a serem meticulosamente cosidas de acordo com o seu desenho, insistiu para que as mangas fossem descosidas e novamente cosidas como ela queria. Quando finalmente ficou pronto ela própria o dobrou, colocando-o numa caixa para ser expedido para Nairobi. Sentiu um aperto na garganta quando olhou para ele, pousado numa camada de papel de seda. Queria estar lá para partilhar a felicidade deles e começar de novo. Tinha pensado em tirar um período de férias, em adiar ou até cancelar algumas das sessões fotográficas. Telefonou ao pai.

— Estava a pensar em ir de férias, papá. Dentro de dez dias.

— Aprovo plenamente — disse ele. — Para onde vais?

— Queria pedir-te que viesses comigo, papá. Já te digo para onde. Podíamos ir juntos por um tempo, desfrutar da companhia um do outro. Como fizemos há alguns anos em Itália.

Fez-se um longo silêncio. No ruído crepitante do telefone, ela sentiu o seu desconforto do outro lado da linha.

— Acontece que eu próprio vou para fora, querida. Na próxima semana. Infelizmente tenho tudo marcado. Achei que precisava...

Ia para qualquer lado com Giles. Camilla tinha a certeza e queria que ele fosse feliz, mas agora que o momento chegara não conseguia sentir satisfação.

— Espera, Camilla, posso adiar. A sério.

— Para onde é que vais?

— Marrocos. Mas posso ir noutra altura. — Começava a deixar transparecer um sentimento de culpa. De desespero.

— Com o Giles? — Precisava de saber.

— Sim. — Ela ouviu-o engolir em seco.

— Tudo bem, papá. Liga-me quando voltares. Tenho a certeza que te vais divertir. Adeus.

Ao jantar com Edward, abordou a questão da viagem ao Quênia. O olhar dele tomou uma expressão defensiva.

— Não é sensato ir tão cedo depois da operação — disse ele. — O voo é demasiado longo e é um sítio onde podes facilmente apanhar uma infecção. O ideal é irmos para qualquer lado onde não estejas exposta a

um sol abrasador. Pensei que podíamos ir à Suíça. Alugar um chalé em Klosters ou Gstaad.

— Não quero tratar da cara agora.

— Mas o contrato francês está aí à porta e vai levar algumas semanas até poderes ser fotografada.

— Não me importo. Quero ir ao Quénia. A minha amiga Hannah vai casar-se. Quero lá estar com ela e com a Sarah.

Ele limpou os cantos da boca com o guardanapo branco, preparando as palavras e, como sempre, mostrando-se contido. — Camilla, a tua última visita ao Quénia só te trouxe infelicidade e um perigo terrível. E podes deparar-te com situações que é melhor continuarem enterradas na tua memória. No passado. Acho que não deves lá ir. Pelo menos por agora. Porque não mandas uma prenda de casamento, uma visita a Londres para a Hannah e para o marido. Podiam ficar aqui connosco e...

— Não estás a pensar na Hannah. Estás a pensar no Anthony Chapman.

— Ele magoou-te terrivelmente.

— Não tens confiança em mim — disse ela.

Edward levantou-se da mesa. — Preferia que não fosses. E já marquei a tua operação para o fim da próxima semana. Deves reflectir bem sobre o assunto. Não falaste em fazer uma viagem com o George?

— Ele vai com o namorado para Marrocos — respondeu ela. — E não me parece que queiram a minha companhia.

Quando ele saiu para o consultório de manhã, ela fingiu-se adormecida. Depois vestiu-se, apanhou um táxi para o seu apartamento e sentou-se diante do espelho. Por baixo da camuflagem da franja, a linha vermelha tinha-se esbatido. Conseguira disfarçá-la com sucesso para fotos de roupas e acessórios. Mas o contrato francês exigia grandes planos da sua cara. Não podia dar-se ao luxo de o atrasar muito mais. Ligou para Tom.

— Não podes ir para fora — disse ele, exasperado. — Está tudo a postos para lançar a tua colecção de missangas com o Saul. Ele anda excitadíssimo com isso e vai ficar doido se te esquivares às entrevistas e à televisão e à promoção nos Estados Unidos.

— Eu volto a tempo.

— Mas temos uma reunião com ele na próxima segunda. Que desculpa é que arranjo?

— Diz-lhe que estou com papeira e que pode ser contagioso.

— Diz-lhe tu — retorquiu Tom.

— Ora, Tom, deixa-te disso. Há meses que não falto a uma sessão de fotografias nem a uma conferência, nem durante a doença da minha mãe faltei. Nunca chego atrasada e não grito com o fotógrafo quando ele tira quinhentas fotografias quando bastavam dez. Não faço cenas nem digo que estou com dores de cabeça ou com o período nem saio disparada a seguir. Podes bem safar-me desta vez.

— Para onde vais?

— Para fora.

— É alguma coisa que eu deva saber? Devo ficar alarmado? Tu e o Edward...?

Ela soltou uma gargalhada e desligou. E depois a realidade atingiu-a com uma pancada. Em que é que tinha andado a pensar? Tom tinha razão. Tinha responsabilidades ali em Londres, em Paris, nos Estados Unidos. E Edward também tinha razão. Tentara fazer de conta que Anthony não tinha importância. Mas agora não estava segura de conseguir encará-lo. Passara meses a lutar para esquecê-lo, para se refazer da humilhação, da devastação e do sofrimento que ele lhe causara. Anthony estaria de certeza no casamento. E não teria mudado. Sentou-se na cama, o seu entusiasmo infantil eclipsando-se ao reflectir bem sobre as coisas. Se George tivesse concordado em acompanhá-la, ter-se-ia sentido mais segura, mais confiante. Mas ele já virara as costas ao que restava da sua longa e infeliz vida familiar. A única pessoa em quem podia agora confiar era Edward e ele não queria que ela fosse. Era melhor, bem vistas as coisas, que Hannah e Lars viessem a Londres mais tarde — iam adorar a visita. Levantou os olhos para cima do guarda-vestidos onde guardava as malas e encolheu os ombros. A sua vida era em Londres e não fazia sentido reabrir velhas feridas, voltar a atormentar-se com sonhos que nunca poderiam concretizar-se.

CAPÍTULO 31

Quénia, Março de 1966

Sarah estava presente quando a caixa chegou a Langani. Observou Hannah a abrir as camadas de papel de seda, contemplando o seu conteúdo antes de o retirar. O vestido comprido era de uma seda rica, cor de creme, cortado em viés. A bainha e as costuras estavam debruadas a fita de cetim e cosidas com contas de vidro e pérolas. Mas foi o casaco que a deixou extasiada. Era curto e feito de uma camurça extremamente macia, com aplicações de minúsculas penas brancas, missangas e pérolas pequeninas. A gola à mandarin e os punhos tinham vivos semelhantes e no decote havia uma borla de seda, entrançada com contas de prata e vidro e rematada com as mesmas penas. Com ele vinha uma touca de camurça, bordada no mesmo estilo, com um conjunto de penas brancas e um curto véu em tule preso atrás. Camilla escrevera no cartão que a seda de agave e a camurça eram de Marrocos e todos os adornos eram do continente africano. Ela própria desenhara o vestido e o casaco. Era o seu contributo para as celebrações de Hannah, oferecido com todo o seu amor.

— É a coisa mais bela que já vi, Han. — Sarah afagou o vestido dobrado. — Experimenta-o.

— Pensei que eras tu que estavas a tratar do meu vestido — disse Hannah. — Tiraste-me as medidas.

— Mandeï-as à Camilla. Ela queria oferecer-te isto.

Hannah voltou a ler o cartão. Tinha esperado que estivessem juntas, as três, no dia do seu casamento. Mas Camilla dissera que não podia ir. Compromissos profissionais inadiáveis a que não podia escapar. Disse que a notícia era maravilhosa, a melhor, e que estaria a pensar neles, a desejar-lhes felicidades, mas que não podia estar presente.

— Acho que não posso vestir isto — disse Hannah, colocando o vestido e o casaco contra o corpo. — Olha para mim. Sou uma rapariga do campo

africânder que está grávida. Isto é... é para as passarelas de Paris. É demasiado chique para mim. E imagina o que não deve ter custado.

— Veste-o, pateta. — A expressão de Sarah era severa. — É a prenda de casamento dela. Criou-o para ti e é uma peça que evoca a África e não Londres ou Paris. Vais ser a noiva mais bela que alguma vez existiu. O Lars vai ficar extasiado. E pensa na nojenta da Hettie Kruger! Vai ficar pior que estragada quando te vir com ele.

Hannah teve de rir. E depois de apertar o vestido e pôr o casaco, mal se reconheceu ao espelho. Os seus olhos encheram-se com lágrimas de gratidão.

— Quem me dera que ela cá estivesse. Compreendo o vestido, mas a melhor prenda era ela estar aqui. É espantoso o que ela sugeriu. Que eu e o Lars vamos a Londres. A Camilla sempre foi assim... demasiado generosa. Seja como for, custa-me a crer que esteja tão ocupada que não possa cá vir passar uma semana.

— Tem de haver uma razão — disse Sarah. — E eu tenho uma teoria.

— Que teoria?

— Talvez tenha medo de ver o Anthony. — Sarah viu a franca incredulidade na expressão de Hannah. — Eu sei. É famosa e bela e o cirurgião plástico dela está apaixonado por ela, segundo diz o George. Mas talvez não dê importância a essas coisas. Pode muito bem ainda estar apaixonada pelo Anthony. Ou pode estar com medo de voltar depois do que aconteceu aqui.

Hannah voltou a pôr o cartão na caixa. — Se for esse o caso, não devia ter problemas em dizer-nos.

— E às tantas acaba por dizer.

— Só queria que ela me visse assim vestida. — Hannah rodou, maravilhada. — Transformou-me numa Cinderela.

— Bem, eu sou a tua fotógrafa oficial e vou arranjar maneira de ela ver. Mas, já agora, também estavas muito bem de *jeans*. Devias ter montes de bebés. Fica-te bem.

Ficaram a olhar para as suas imagens no espelho, sorrindo uma à outra, e Sarah quase via a sombra de Camilla a observar do canto do quarto. Alguma vez voltariam as três a partilhar as suas esperanças e os seus sonhos? Estendeu o braço e puxou pela longa trança de Hannah. — Vamos

— disse vivamente —, temos de decidir o que vais fazer com isto. Não podes ir de rabo-de-cavalo.

Mas para surpresa de Sarah, Hannah afastou-se e sentou-se numa cadeira. As lágrimas começaram a correr-lhe pelas faces e ela baixou a cabeça.

— Han?

— A minha mãe fazia-me sempre tranças no cabelo quando eu era pequena — disse Hannah, com a voz embargada. — Tínhamos discussões por causa disso antes de eu sair para a escola de manhã, porque eu queria usá-lo solto e despenteado à volta da cara. E agora o que mais queria era que ela aqui estivesse, para me fazer tranças no dia do meu casamento. E o meu pai também. Só queria que aqui estivessem.

— Vão estar em espírito, Hannah. Vais senti-los ao teu lado.

— Mas eu perdi-os — exclamou Hannah. — Perdi-os todos, a minha mãe, o meu pai e o meu maravilhoso irmão. Amava-os tanto e há dias em que penso que não consigo continuar, aconteça o que acontecer.

— Vais continuar, Hannah. Com o Lars, vais conseguir recomeçar. Tens à tua frente uma vida maravilhosa. Não perdeste o Jan e a Lottie, Han. Eles vão resistir como tu resististe e, um dia no futuro, vais voltar a vê-los mesmo que não seja no dia do teu casamento.

— Tens razão, eu sei. — Hannah enxugou os olhos. — Anda lá então e diz-me o que hei-de fazer com o meu rabo-de-cavalo.

Passaram a manhã seguinte a dispor as prendas de casamento numa mesa na sala de estar.

— Deixaste de cantar — disse Hannah sem mais nem menos.

— Continuo a cantar no banho — respondeu Sarah, inspeccionando um jarro de prata antigo e colocando-o numa posição proeminente.

— Cantas qualquer coisa no casamento? — perguntou Hannah. — Na escola sempre desejei ter uma voz como a tua e já não te ouço há tanto tempo.

Sarah olhou para ela, pasmada. — Que queres que eu cante? — perguntou.

— Não sei. Costumavas inventar coisas. Achas que conseguias? Para mim e para o Lars?

— És louca, Hannah, mas está bem, vou tentar.

A casa estava repleta de flores, alegria e excitação. Anthony tinha sido escolhido como padrinho. Sergio, o irmão de Lottie, e a família chegaram da África do Sul e os pais de Lars da Noruega. Juntaram-se amigos de fazendas de todo o país, montando tendas no campo para lá do jardim. No dia do casamento, o sol brilhava num céu sem nuvens e o Kirinyaga erguia-se distintamente na manhã azul, com os resplandecentes picos cobertos de neve. Mwangi disse que a montanha dava a sua bênção a Hannah. Às cinco da tarde, o pessoal doméstico e os trabalhadores rurais formaram com as famílias uma guarda de honra em redor do alpendre, enquanto Sergio conduzia Hannah pelos degraus até ao jardim onde Lars a esperava. Por baixo de um arco engrinaldado no relvado estava a mesa que Hannah escolhera como altar. Tinha chegado à fazenda no primeiro carro de bois da família e estava coberta com uma toalha de linho branca, bordada pela bisavó como parte do seu próprio enxoval. O clérigo da Igreja Reformista Holandesa levantou-se para dar início à cerimónia. Era uma ocasião amarga e doce em que a felicidade do casamento de Hannah era ensombrada pela lembrança de Piet, levado do seu seio no auge da juventude, da vitalidade e da beleza. Nas horas que antecederam a cerimónia, Sarah fora assaltada pela mesma dor terrível que experimentara na altura em que ele morrera. Houve momentos de pura agonia, quando seguiu Hannah pelo meio das pessoas e viu as feições marcadas de Lars, adoçadas pelo amor ao pegar na mão da noiva. Foi Anthony quem a amparou, passando-lhe levemente o braço pela cintura enquanto ela reprimia a ameaça de um soluço.

O clérigo estava a pronunciar as suas primeiras palavras de boas-vindas quando um movimento captou o olhar de Sarah. Soltando uma breve exclamação, puxou pela manga de Anthony. Hannah ouviu o som e virou-se, seguindo o olhar de Sarah. Camilla estava ao fundo da passagem, hesitante, à procura de um lugar entre os presentes onde se pudesse enfiar sem ser vista. Houve um leve murmúrio de surpresa quando Hannah sussurrou a Lars e saiu de ao pé dele. Pegou na mão de Sarah e ambas foram abraçar Camilla, levando-a para o seu lado junto do altar. Sarah receara o momento em que Hannah e Lars pronunciariam os votos que ela um dia tinha esperado trocar com Piet nesse mesmo lugar. Mas quando o momento chegou e eles prometeram amar-se e respeitar-se até ao fim das suas vidas, encheu-a uma felicidade sem limites por eles, e a sua própria

perda dissolveu-se na ternura das suas expressões e na luz do sorriso de Hannah. Avançou para cantar.

Sarah passara dias a debater-se com a canção, mas na véspera do casamento as palavras e a música conciliaram-se e agora a sua clara voz de soprano elevou-se no ar da tardinha, transportando toda a sua esperança e amor pelos seus amigos mais queridos. Tinha receado não conseguir chegar ao fim, levada pela emoção do casamento e por tudo o que o antecederam. Mas quando o último acorde se extinguiu, a assembleia de amigos permaneceu em transe, com os olhos rasos de lágrimas. Depois o som transformou-se num crescendo gradual de cânticos quando os trabalhadores da fazenda ofereceram a sua própria música rejubilante. O clérigo proferiu a bênção e todos se juntaram em volta da noiva e do noivo, mas Hannah abriu caminho pelo meio das pessoas, à procura de Sarah e de Camilla, rindo e chorando de alegria enquanto elas a abraçavam com tal força que julgou perder o fôlego para sempre.

Quando o jantar de casamento chegou ao fim, o som de tambores encheu o ar e todos os convidados se dirigiram para uma área que fora desobstruída para dar lugar a uma fogueira. Todos os trabalhadores da fazenda estavam aí reunidos com os seus trajes tribais. As mulheres cercaram Hannah e Lars, dançando e ululando e batendo palmas, enquanto os homens cantavam, saltavam e faziam cabriolas, as suas capas de pele de cabra, as *shukas* escarlates, os ornamentos e os toucados brilhando à luz do fogo. Lars tinha providenciado um boi grelhado com cerveja e, à medida que a tarde dava lugar à noite, toda a comunidade de Langani deu as mãos e dançou em conjunto numa vasta roda de celebração. Era quase alvorecida quando os noivos partiram para o Safari Club do monte Quénia onde passariam o fim-de-semana. Em seguida, voariam para a costa onde o seu destino era um segredo bem guardado. Ao descer os degraus a correr para o carro, Hannah estava à procura de Sarah e Camilla.

— Obrigada. Obrigada, minhas queridas e maravilhosas amigas. Sarah, o dia de hoje foi em parte muito doloroso para ti, mas sei que um dia vais experimentar a mesma felicidade que eu sinto agora. Camilla, queria tanto que me visses com o meu esplêndido vestido! Há momentos em que o amor está tão próximo que nem sequer é preciso procurar na esquina. Agora sei isso. E amo-as às duas.

No momento seguinte, estava à porta do carro, a rir, lançando o braço para trás e atirando o ramo de noiva pelo ar. Camilla ouviu o clamor geral de expectativa mas, ao levantar a mão, viu Sarah a esticar o braço e, baixando-a novamente, juntou-se às aclamações. O carro afastou-se pelo caminho, a arrastar latas e balões ruidosamente na poeira. Sarah ficou a vê-los desaparecer, segurando nas flores de Hannah, mal dando conta das pessoas que se apertavam à sua volta.

— E essa, hein? — Anthony estava a sorrir-lhe.

— Perfeito. — Sarah levantou os olhos para o céu. Em breve raiaria o dia. De súbito, teve vontade de escapar à festa. — Acho que vou dar uma volta de carro — disse. — Bebi e dancei de mais. Preciso de desanuviar a cabeça.

— Vais à crista.

Sarah olhou para ele, surpreendida. — Sim. Realmente pensei nisso.

— Posso levar-te?

Ela estava prestes a recusar, mas ele antecipou-se. — Não te estorvo mas gostava de visitar a campa do Piet. O que fizeram com o *cairn* e a árvore... é muito bonito. Exactamente o que ele teria desejado.

— Vou buscar a Camilla — disse ela. — E depois vamos.

Conduziram enquanto o sol nascia, saboreando a vida fervilhante à sua volta. Um bando de pintadas vulturinas tomava o seu banho matinal no pó, no meio do caminho. As aves correram à frente do *Land Rover*, as suas cabeças muito azuis e a plumagem pintalgada preta e branca reluzindo na luz que clareava. Manadas de gado afastavam-se pela savana em direcção aos pastos. Quando chegaram ao caminho na base da crista, viram o carro.

— Ela veio despedir-se. — Os olhos de Sarah estavam rasos de lágrimas.

Começaram a subir o caminho, ajudando-se uns aos outros no terreno acidentado, parando para inalar profundamente e tocando-se ao de leve para transmitir conforto. No cimo, Lars e Hannah estavam juntos de braço dado. Não se mostraram surpreendidos e não falaram, mas deram-lhes simplesmente as boas-vindas com um sorriso. Anthony e Camilla aproximaram-se da borda dos pedregulhos para dar alguns momentos de solidão a Sarah.

— Isto aqui é magnífico — disse Anthony, a voz carregada de emoção. — É um lugar de paz absoluta. Sinto que está connosco, a observar-nos.

Camilla não fez qualquer comentário mas, quando ele lhe pegou na mão, aproximou-se e encostou-se a ele, ouvindo à sua volta os sons de África, tomada da angustiante tristeza da morte de Piet e consciente da excitação e do medo que a percorreram quando Anthony lhe passou o braço pelos ombros.

Sarah permaneceu na campa com o ramo de noiva de Hannah na mão. Os seus olhos turvaram-se ao olhar para as pedras brancas e ao ouvir o pio dos pássaros na acácia.

— Isto é para ti, Piet — disse, numa voz baixa mas firme. — É para te dizer que te amo hoje e todos os dias. E para te assegurar que o Lars é forte e a Hannah é feliz e que estão aqui ao teu lado no dia em que se casaram. A Camilla também está connosco e havemos de olhar sempre umas pelas outras como prometemos quando estavas entre nós. Agora vamos tentar reconstruir as nossas vidas. Mas nunca te esqueceremos e amar-te-emos até ao fim das nossas vidas.

Baixou-se e pousou as flores nas pedras. Quando levantou os olhos, viu uma jovem impala macho, a cabeça coroada com chifres em forma de lira, altiva e orgulhosa. O animal permaneceu imóvel e perfeito na sua beleza, observando-a da orla das árvores, a pelagem brilhante, lustrosa e acobreada à luz da manhã. Fitaram-se por um momento intemporal e depois a impala virou-se e afastou-se aos saltos pelas pedras, desaparecendo no mato.

GLOSSÁRIO

africânder – pessoa de origem bóer, da África do Sul

askari – polícia ou guarda

ayah – ama

banda – *bungalow* ou casa pequena

bhang – marijuana

biltong – tiras de carne seca

boma – cerca vedada para habitações e gado

breiflies – refeição ao ar livre ou churrasco

brookies – cuecas

bundu – mato

bwana – tratamento de respeito para com um homem branco ou patrão

cafre – termo pejorativo para um negro

chai – chá

daktari – médico

djinn – demónio ou génio que pode agir como espírito protector

domkopf – idiota, parvo

dorp – pardieiro, lugar remoto

duka – loja

fundi – biscateiro, carpinteiro, especialista

galago – animal nocturno, um dos primatas mais pequenos

harambee – esforço conjunto

hodi – olá, está alguém em casa?

jambo – viva, olá

kali – feroz, zangado, brusco

kanga – tecido de cores vivas, usado por mulheres

kanzu – túnica longa e branca usada como uniforme pelo pessoal doméstico

kaross – pele curada de animal usada como manta ou cobertor

kifaru – rinoceronte

kipande – bilhete de identidade

Kirinyaga – deus quicuio, que se julga habitar no monte Kirinyaga ou monte Quénia

kopje – afloramento rochoso

lekker – maravilhoso, fantástico

lugga – leito de rio seco

mahindi ou **mealie** – espiga de milho

maji – água

manyatta – habitação tradicional das tribos Masai e Samburu

Mau-Mau – violenta insurreição da tribo dos quicuios, inicialmente contra os colonizadores brancos

memsahib – tratamento de respeito para com uma mulher branca

moran – guerreiro masai ou samburu

moto – quente

mpishi – cozinheiro

munt – termo pejorativo para um africano

murram – terra vermelha

mzee – tratamento de respeito para com uma pessoa de idade

o Mzee – tratamento dado a Jomo Kenyatta, que se tornou presidente do Quénia

ndio – sim

ndofu – elefante

ngoma – dança de celebração

ngombe – vaca

nguvu – vigor ou genica

nyati – búfalo

panga – grande faca de lâmina chata como uma machete

pole – lentamente ou peço desculpa

pole sana – muito lentamente ou peço muita desculpa

pombe – álcool ilegal de fabrico caseiro

posho – refeição de milho moído usado como base da alimentação

purdah – segregação das mulheres com o uso de véu

rafiki – amigo

safi – asseado, elegante, bonito

salaams – saudações... como olá, por exemplo

shamba – pequena propriedade, jardim

shauri – problema ou discussão ou pomo de discórdia

shenzi – miserável ou degradado

Shifta – bandidos somalis

shuka – cobertor vermelho tradicional usado pelos guerreiros masai e samburu

siafu – tipo de formigas vermelhas agressivas que marcham em colunas

sisal – planta fibrosa com a qual se fabrica corda

swala twiga – girafa gazela

syce – palafrenero

taka taka – lixo

terrs – gíria para terroristas, na Rodésia

toroka – despacha-te, depressa

toto – criança (abreviatura de *mtoto*)

tsotsis – insurgentes terroristas na Rodésia

Uhuru – liberdade, o termo político para Independência

veldt – savana herbácea

wananchi – o povo

watu – homens, serviçais

wazee – anciãos, chefes tribais

wazungu – brancos

yaapie – termo para uma pessoa de origem africânder